

EU SOU O PEREGRINO



EU
SOU O
PEREGRINO

TERRY HAYES

Tradução de Alexandre Raposo



Copyright © Terry Hayes 2012

Todos os direitos de publicação internacional reservados a Leonedo LTD.

TÍTULO ORIGINAL

I Am Pilgrim

PREPARAÇÃO

Ulisses Teixeira

André Marinho

REVISÃO

Gabriel Pereira

DESIGN DE CAPA

R. Shailer/TW

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Aline Ribeiro

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

REVISÃO DE EPUB

Manuela Brandão

E-ISBN

978-85-8057-879-9

Edição digital: 2016

1ª edição

TIPOGRAFIA

Sabon

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Mídias sociais

Epígrafe

Parte Um

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Parte Dois

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis
Capítulo Dezesete
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte
Capítulo Vinte e Um
Capítulo Vinte e Dois
Capítulo Vinte e Três
Capítulo Vinte e Quatro
Capítulo Vinte e Cinco
Capítulo Vinte e Seis
Capítulo Vinte e Sete
Capítulo Vinte e Oito
Capítulo Vinte e Nove
Capítulo Trinta
Capítulo Trinta e Um
Capítulo Trinta e Dois
Capítulo Trinta e Três
Capítulo Trinta e Quatro
Capítulo Trinta e Cinco
Capítulo Trinta e Seis
Capítulo Trinta e Sete
Capítulo Trinta e Oito
Capítulo Trinta e Nove
Capítulo Quarenta
Capítulo Quarenta e Um
Capítulo Quarenta e Dois
Capítulo Quarenta e Três
Capítulo Quarenta e Quatro
Capítulo Quarenta e Cinco
Capítulo Quarenta e Seis
Capítulo Quarenta e Sete
Capítulo Quarenta e Oito
Capítulo Quarenta e Nove
Capítulo Cinquenta
Capítulo Cinquenta e Um

Parte Três

Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco

Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo Nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo quatorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesesseis
Capítulo Dezesete
Capítulo Dezoito
Capítulo Dezenove
Capítulo Vinte
Capítulo Vinte e Um
Capítulo Vinte e Dois
Capítulo Vinte e Três
Capítulo Vinte e Quatro
Capítulo Vinte e Cinco
Capítulo Vinte e Seis
Capítulo Vinte e Sete
Capítulo Vinte e Oito
Capítulo Vinte e Nove
Capítulo Trinta
Capítulo Trinta e Um
Capítulo Trinta e Dois
Capítulo Trinta e Três
Capítulo Trinta e Quatro
Capítulo Trinta e Cinco
Capítulo Trinta e Seis
Capítulo Trinta e Sete
Capítulo Trinta e Oito
Capítulo Trinta e Nove
Capítulo Quarenta
Capítulo Quarenta e Um
Capítulo Quarenta e Dois
Capítulo Quarenta e Três
Capítulo Quarenta e Quatro
Capítulo Quarenta e Cinco
Capítulo Quarenta e Seis
Capítulo Quarenta e Sete
Capítulo Quarenta e Oito

Capítulo Quarenta e Nove
Capítulo Cinquenta
Capítulo Cinquenta e Um
Capítulo Cinquenta e Dois
Capítulo Cinquenta e Três
Capítulo Cinquenta e Quatro
Capítulo Cinquenta e Cinco
Capítulo Cinquenta e Seis
Capítulo Cinquenta e Sete
Capítulo Cinquenta e Oito
Capítulo Cinquenta e Nove
Capítulo Sessenta
Capítulo Sessenta e Um
Capítulo Sessenta e Dois
Capítulo Sessenta e Três
Capítulo Sessenta e Quatro
Capítulo Sessenta e Cinco
Capítulo Sessenta e Seis
Capítulo Sessenta e Sete
Capítulo Sessenta e Oito
Capítulo Sessenta e Nove
Capítulo Setenta
Capítulo Setenta e Um
Capítulo Setenta e Dois

Parte Quatro

Capítulo Um
Capítulo Dois
Capítulo Três
Capítulo Quatro
Capítulo Cinco
Capítulo Seis
Capítulo Sete
Capítulo Oito
Capítulo nove
Capítulo Dez
Capítulo Onze
Capítulo Doze
Capítulo Treze
Capítulo quatorze
Capítulo Quinze
Capítulo Dezesesseis
Capítulo Dezesete

[Capítulo Dezoito](#)
[Capítulo Dezenove](#)
[Capítulo Vinte](#)
[Capítulo Vinte e Um](#)
[Capítulo Vinte e Dois](#)
[Capítulo Vinte e Três](#)
[Capítulo Vinte e Quatro](#)
[Capítulo Vinte e cinco](#)
[Capítulo Vinte e Seis](#)
[Capítulo Vinte e Sete](#)
[Capítulo Vinte e Oito](#)
[Capítulo Vinte e Nove](#)
[Capítulo Trinta](#)
[Capítulo Trinta e Um](#)
[Capítulo Trinta e Dois](#)
[Capítulo Trinta e Três](#)
[Capítulo Trinta e Quatro](#)
[Capítulo Trinta e Cinco](#)
[Capítulo Trinta e Seis](#)
[Capítulo Trinta e Sete](#)
[Capítulo Trinta e Oito](#)
[Capítulo Trinta e Nove](#)
[Capítulo Quarenta](#)
[Capítulo Quarenta e Um](#)
[Capítulo Quarenta e Dois](#)
[Capítulo Quarenta e Três](#)
[Capítulo Quarenta e Quatro](#)
[Capítulo Quarenta e Cinco](#)
[Capítulo Quarenta e seis](#)
[Capítulo Quarenta e Sete](#)
[Capítulo Quarenta e Oito](#)
[Capítulo Quarenta e Nove](#)
[Capítulo Cinquenta](#)
[Capítulo cinquenta e um](#)
[Capítulo Cinquenta e Dois](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Leia também](#)

Não há terror tão consistente, tão difícil de descrever, quanto aquele que assombra um espião em um país estrangeiro.

John le Carré, *A guerra no espelho*

Por essas ruas sórdidas deve caminhar um homem que não é sórdido, um homem que não tem medo nem mácula.

Raymond Chandler, *A simples arte de matar*

PARTE UM

CAPÍTULO UM

Há lugares dos quais me lembrarei a vida inteira — a Praça Vermelha com o vento quente sibilando, o quarto de minha mãe no lado errado da 8 Mile Road, os jardins intermináveis de um elegante lar adotivo, um homem esperando para me matar em um conjunto de ruínas conhecido como o Teatro da Morte.

Porém, nada está mais profundamente gravado em minha memória do que um prédio sem elevador em Nova York — cortinas puídas, móveis baratos, uma mesa repleta de cristal e outras drogas recreativas. Junto à cama há uma bolsa, uma calcinha preta fio dental e um par de sapatos Jimmy Choo com saltos de quinze centímetros. Assim como sua dona, esses objetos não pertencem àquele lugar. Ela está nua no banheiro — com a garganta cortada, flutuando de bruços em uma banheira cheia de ácido sulfúrico, princípio ativo de um desentupidor líquido disponível em qualquer supermercado.

Há dezenas de garrafas vazias do produto — da marca Drain Bomb — espalhadas pelo chão. Sem ser percebido, começo a analisá-las. Todas ainda estão com as etiquetas de preço e vejo que, a fim de evitar suspeitas, quem a matou comprou o produto em vinte lojas diferentes. Eu sempre disse que é difícil não admirar um bom planejamento.

O local está um caos, o barulho é ensurdecedor — rádios da polícia aos berros, assistentes de legista implorando por reforços, uma mulher hispânica chorando. Mesmo que a vítima não conheça ninguém no mundo, parece que sempre há alguém aos prantos em uma cena como essa.

A jovem encontrada no banheiro está irreconhecível — os três dias que passou em meio ao ácido destruíram todos os seus traços. Esse era o plano, creio eu. Quem a matou também forçou suas mãos para baixo usando listas telefônicas. O líquido dissolveu não apenas as impressões digitais como também seus metacarpos.

A menos que os peritos do Departamento de Polícia de Nova York tenham a sorte de conseguir uma identificação utilizando a arcada dentária, vão ter muito trabalho para nomear esta vítima.

Em lugares assim, onde se tem a impressão de que a maldade ainda está entranhada nas paredes, sua mente pode vagar para territórios estranhos. A ideia de uma jovem sem rosto me

fez pensar em uma antiga música de John Lennon e Paul McCartney — sobre Eleanor Rigby, uma mulher que usava um rosto que guardava em um jarro junto à porta. Em minha mente, começo a chamar a vítima de Eleanor. Os peritos da cena do crime ainda têm trabalho a fazer, mas ninguém ali duvidava de que Eleanor havia sido morta durante o sexo: o colchão metade fora do estrado, os lençóis emaranhados, um jato marrom de sangue em decomposição na mesa de cabeceira. Os mais mórbidos acham que ele cortou a garganta da vítima enquanto a penetrava. O pior é que podem estar certos. Seja lá como ela tenha morrido, aqueles que procuram o lado bom das coisas, pequenas misericórdias, podem encontrar algo positivo nisso: ela não deve ter percebido o que estava acontecendo, não até o último momento, pelo menos.

O cristal — metanfetamina — se encarregaria disso. Quando chega ao cérebro, faz com que você fique com tanto tesão, tão eufórico, que qualquer capacidade de pressentir algo ruim se torna impossível. Sob seu efeito, o único pensamento coerente que a maioria das pessoas consegue ter é encontrar um parceiro para trepar até desmaiar.

Ao lado dos dois papелotes vazios de metanfetamina há o que parece ser um daqueles frascos minúsculos de xampu, típicos de banheiros de hotel. Sem rótulo, contém um líquido claro — GHB, deduzo. A substância tem feito sucesso nos cantos obscuros da internet: em grandes doses, está substituindo o Rohypnol como a droga da vez para um “boa noite, Cinderela”. A maioria das boates está cheia dessa droga: os viciados a tomam em pequenas doses para cortar o efeito do cristal e a paranoia. Mas o GHB também tem seus próprios efeitos colaterais: perda de inibições e uma experiência sexual mais intensa. Nas ruas, um de seus apelidos é Trepada Fácil. Sem os sapatos e a minúscula saia preta, Eleanor deve ter parecido os fogos de artifício no Quatro de Julho.

Enquanto passo pela aglomeração de pessoas — um desconhecido para todas elas, um estranho com um casaco caro pendurado no ombro e um monte de orgias movidas a drogas no passado —, paro diante da cama. Abstraio o barulho e a vejo em minha mente, nua, cavalcando como uma vaqueira. Tem vinte e poucos anos, um belo corpo, e eu a imagino completamente envolvida naquilo — o coquetel de drogas precipitando um orgasmo arrasador, sua temperatura corporal subindo graças à metanfetamina, seus seios intumescidos balançando, o coração e o fôlego disparados pela paixão e pelas substâncias químicas, a respiração ofegante, a língua molhada com um movimento próprio, ansiando pela boca mais abaixo. Hoje em dia, sexo definitivamente não é para maricas.

Letreiros de néon de uma fileira de bares na rua teriam iluminado os reflexos alourados de seu corte de cabelo da moda, fios que brilhavam como o mostrador de um relógio de mergulho Panerai. Sim, o cabelo é tingido, mas é uma boa falsificação. Conheço essa mulher. Todos conhecemos — o tipo, pelo menos. Você a encontra na enorme nova loja da Prada em Milão,

na fila do lado de fora das boates do SoHo, bebericando café com leite nas cafeterias famosas da avenue Montaigne; mulheres jovens que acham que a *People* é uma revista de notícias e que um ideograma japonês às costas é sinal de rebeldia.

Imagino a mão do assassino em seu peito, tocando o piercing de seu mamilo. O sujeito o toma entre os dedos e o puxa, trazendo-a mais para perto. Ela grita, excitada — tudo está hipersensível agora, especialmente os mamilos. Mas ela não se importa: se alguém quer jogar duro, isso apenas significa que deve gostar dela de verdade. Empoleirada em cima dele, a cabeceira da cama batendo com força contra a parede, ela estaria olhando para a porta da frente — certamente trancada e com a corrente. Naquele bairro, é o mínimo que você deve fazer.

Um diagrama na porta exhibe uma rota de fuga — ela está em um hotel, mas qualquer semelhança com o Ritz-Carlton praticamente termina aí. O lugar se chama Eastside Inn, lar de itinerantes, mochileiros, gente desequilibrada e qualquer pessoa com vinte dólares para passar a noite. Fique o tempo que quiser — um dia, um mês, o resto da vida. Tudo que você precisa é de dois documentos que comprovem sua identidade, um deles com foto.

O hóspede do Quarto 89 estava ali havia algum tempo. Um pacote de seis cervejas repousa sobre uma cômoda junto a quatro garrafas meio vazias de destilados e algumas caixas de cereal matinal. Há um aparelho de som e alguns CDs em uma mesa de cabeceira, e eu os verifico. Ele tinha bom gosto musical, ao menos merece esse crédito. O armário, no entanto, está vazio. Parece que levou apenas as suas roupas, enquanto deixava o cadáver derretendo no banheiro. No fundo do armário há uma pilha de lixo: jornais descartados, uma lata vazia de inseticida, um calendário de parede manchado de café. Eu o pego, e cada folha exhibe uma foto em preto e branco de uma antiga ruína: o Coliseu, um templo grego, a Biblioteca de Celso à noite. Muito artístico. Mas as páginas estão em branco, nenhum compromisso marcado. Parece que nunca foi usado para outra coisa além de suporte de xícaras de café, então eu o devolvo ao lugar onde estava.

Eu me afasto e, sem pensar, por pura força do hábito, passo a mão pela mesa de cabeceira. Estranho: nenhuma poeira. Faço o mesmo com a cômoda, a cabeceira e o aparelho de som e obtenho o mesmo resultado: o assassino limpou tudo para eliminar suas digitais. Isso não vai livrar a cara dele, mas quando sinto um odor característico e levo os dedos ao nariz, tudo muda. O cheiro do resíduo é de um spray antisséptico usado em UTIs para combater infecções. Mata as bactérias, mas, como efeito colateral, destrói material de DNA: suor, pele, cabelo. Ao pulverizar tudo no quarto e, em seguida, encharcar o tapete e as paredes, o assassino se certificou de que o Departamento de Polícia de Nova York não precisaria usar seus aspiradores de perícia criminal.

Com clareza súbita, percebo que aquilo é tudo, menos um clássico assassinato por dinheiro,

drogas ou satisfação sexual. Como homicídio, é um feito notável.

CAPÍTULO DOIS

Nem todo mundo sabe disso — ou provavelmente nem se importa —, mas a primeira lei da perícia criminal é o Princípio de Troca de Locard, que prega: “Todo contato entre um autor e uma cena de crime deixa rastro.” Enquanto estou neste quarto, cercado por dezenas de vozes, eu me pergunto se o professor Locard já encontrou algo parecido com o Quarto 89. Tudo que foi tocado pelo assassino está agora em uma banheira cheia de ácido, limpo ou encharcado de antisséptico industrial. Estou certo de que ele não deixou para trás nenhuma célula ou folículo.

Há um ano, escrevi um livro pouco conhecido sobre técnicas de investigação modernas. Em um capítulo intitulado “Novas fronteiras”, escrevi que só vira usarem spray antibacteriano na cena do crime uma única vez na vida, e isso foi em um atentado de alto nível contra um agente de inteligência na República Tcheca. Esse caso não teve desfecho, até hoje permanece em aberto. Quem quer que estivesse hospedado no Quarto 89 certamente sabia o que estava fazendo, e começo a examinar o lugar com o respeito que merece.

Não era uma pessoa que primava pela arrumação: entre outros lixos, vejo uma caixa de pizza vazia ao lado da cama. Estou quase a deixando de lado quando percebo que foi ali que ele teria colocado a faca: sobre a caixa, ao alcance da mão, tão *natural* que Eleanor provavelmente nem se deu conta.

Imagino-a na cama, buscando o meio das pernas dele entre o emaranhado de lençóis. Ela beija seu ombro, seu peito, indo mais para baixo. Talvez o cara saiba o que está prestes a receber, talvez não: um dos efeitos colaterais do GHB é a supressão da ânsia de vômito. Uma pessoa consegue pôr na boca facilmente um membro de dezoito, vinte ou vinte e cinco centímetros, o que explica por que um dos lugares mais fáceis para se adquirir a droga é em saunas gays. Ou em estúdios de filmes pornôs.

Imagino as mãos dele agarrando-a. Ele a vira na cama e põe os joelhos em seu tórax. Ela acha que o homem está se posicionando em sua boca, mas, casualmente, a mão direita dele tomba para a lateral da cama. De maneira discreta, os dedos encontram a tampa da caixa de pizza e tocam o que procura — algo frio e barato, mas que, por ser novo, está mais do que afiado para dar conta do serviço.

Qualquer pessoa que estivesse assistindo à cena por trás teria visto as costas dela se

arquearem, uma espécie de gemido escapando de seus lábios, e pensaria que ele penetrara a sua boca. Não penetrou. Os olhos dela, brilhando por conta das drogas, estão repletos de medo. A mão esquerda do sujeito tapa-lhe a boca com firmeza, forçando sua cabeça para trás, expondo a garganta. Ela se contorce e se debate, tenta usar os braços, mas ele já esperava por isso. Montando sobre os seios da mulher, os joelhos prendem os bíceps dela. Como sei disso? Dá para ver as duas contusões no cadáver na banheira. Ela está indefesa. Ele ergue a mão direita. Eleanor vê a lâmina e tenta gritar, debatendo-se de maneira frenética, lutando para se libertar. O aço serrilhado da faca de pizza vai rápido em direção à garganta pálida. A lâmina corta fundo...

O sangue jorra na mesa de cabeceira. Com uma das artérias que nutrem o cérebro completamente cortada, aquilo logo acabaria. Eleanor estremece, gorgoleja, sangra. Os últimos vestígios de consciência lhe dizem que ela acabou de testemunhar o próprio assassinato; tudo que ela um dia foi e esperava ser terminou. Foi assim que o homem fez — ele não estava dentro dela de modo algum. Mais uma vez, bendito seja Deus pelas pequenas misericórdias, eu acho.

O assassino vai preparar o banho de ácido e, a caminho, retira a camisa branca ensanguentada que devia estar usando. Eles acabam de encontrar pedaços do tecido sob o corpo de Eleanor no banheiro, junto com a faca: dez centímetros de comprimento, cabo de plástico preto, feita aos milhões em alguma fábrica na China.

Ainda estou me recuperando da vívida reconstituição daquilo, de modo que mal percebo uma mão áspera tocar meu ombro. Assim que me dou conta, eu a afasto, quase a ponto de quebrar o braço da pessoa na hora. Infelizmente, um reflexo de uma antiga vida. Um sujeito murmura um curto pedido de desculpas, olhando para mim com estranheza, tentando me afastar. Ele comanda uma equipe de peritos — três rapazes e uma mulher — que estão instalando lâmpadas UV e aplicando reagentes que serão usados para avaliar o colchão em busca de manchas de sêmen. Ainda não sabem do antisséptico e não digo nada; o assassino pode ter se esquecido de desinfetar uma parte da cama. Se o fez, dada a natureza do Eastside Inn, acho que terão milhares de resultados positivos que datam do tempo em que as prostitutas usavam meia-calça.

Saio do caminho, mas me sinto profundamente distraído: tento ignorar tudo em volta porque há algo a respeito daquele quarto, daquela situação — não sei o que ao certo — que me incomoda. Uma parte do cenário está errada, e eu não consigo entender por quê. Olho ao redor, fazendo outro inventário da área, mas não encontro o motivo. Então, tenho a sensação de algo que pressenti no início da noite. Volto no tempo, mentalmente rebobinando a fita até o momento em que entrei aqui pela primeira vez.

O que era? Vasculho o subconsciente, tentando recuperar minha primeira impressão. Era algo à parte a violência, um detalhe, mas de importância primordial. Se eu pudesse tocá-lo... um sentimento... é como... é uma *palavra* que está agora no outro lado da memória. Começo a pensar que, no meu livro, escrevi que são os pressupostos, as suposições não questionadas, que sempre nos enganam. E, então, algo me ocorre.

Quando entrei, vi o pacote de seis cervejas em cima da cômoda, uma caixa de leite na geladeira, registrei os nomes de alguns DVDs ao lado da TV, observei o saco plástico em uma lata de lixo. E a impressão — a palavra — que me ocorreu primeiro, mas não penetrou em minha consciência, foi “feminino”. Entendi tudo o que acontecera no Quarto 89, exceto o mais importante. Não era um jovem rapaz que estava hospedado ali; não era um homem nu fazendo sexo com Eleanor e que acabou cortando sua garganta. Não foi um babaca espertinho quem destruiu as suas feições com ácido e encharcou o quarto com spray antisséptico.

Foi uma mulher.

CAPÍTULO TRÊS

Conheci um monte de gente poderosa durante minha carreira, mas só uma pessoa com verdadeira autoridade natural — o tipo de sujeito que poderia fazer você se calar com um único sussurro. Ele está no corredor agora, vindo na minha direção, dizendo para a equipe de peritos que eles vão ter que esperar: o Corpo de Bombeiros quer cuidar do ácido antes que alguém acabe se queimando.

— Mas continuem usando as luvas de plástico — aconselha. — Podem aproveitar para fazer exames de próstata gratuitos um no outro no corredor.

Todos riram, com exceção dos peritos.

O homem com a palavra final é Ben Bradley, o tenente de homicídios no comando da cena do crime. Ele estava no escritório da gerência, tentando localizar o idiota que dirige aquela espelunca. É alto, negro — Bradley, não o idiota —, com cinquenta e poucos anos, mãos grandes e calça jeans da moda com a bainha dobrada. Recentemente, a esposa o convenceu a comprar aquela roupa em uma vã tentativa de modernizar sua aparência. Em vez disso, segundo ele, a calça o faz parecer um personagem de um romance de Steinbeck, um refugiado moderno das grandes tempestades de areia que assolaram o Meio-Oeste americano na década de 1930.

Como todos os outros frequentadores desses cenários de homicídio transformados em circo, ele tem pouca afeição pelos especialistas forenses. Primeiro, porque o trabalho foi terceirizado há alguns anos, e essa gente que recebe mais do que merece começou a aparecer trajando macacões brancos com nomes como “Serviços Biológicos Forenses S.A.” às costas. Em segundo lugar, o que para o tenente é realmente o cúmulo, há o insuportável surto de estrelismo dos profissionais da área por conta do sucesso das séries de TV sobre perícia criminal.

“Meu Deus”, ele se queixara recentemente, “será que ainda existe alguma pessoa neste país que não sonhe em fazer parte de um reality show?”

Enquanto observa as pretensas celebridades voltarem a guardar seus laboratórios-armazenados-em-maletas, ele me vê — calado e encostado à parede, apenas assistindo, como pareço ter feito por metade da minha vida. Ele ignora as pessoas que exigem sua atenção e se

aproxima. Não nos cumprimentamos com um aperto de mãos. Não sei por quê, mas sempre foi assim entre nós. Nem mesmo tenho certeza se somos amigos, e como sempre estive à margem de tudo, provavelmente não me cabe julgar. Porém, ao menos respeitamos um ao outro.

— Obrigado por ter vindo — diz ele.

Assinto, olhando para sua calça jeans da moda com as bainhas dobradas e suas botas pretas, ideais para avançar em meio ao sangue e à sujeira de uma cena de crime.

— Como chegou aqui? De trator? — pergunto.

Ele não ri. Ben quase nunca ri, ele é o sujeito mais impassível do mundo. O que não significa que não seja engraçado.

— Teve a oportunidade de dar uma olhada em volta, Ramón? — pergunta em voz baixa.

Meu nome não é Ramón, e ele sabe disso. Mas também sabe que, até bem pouco tempo, eu era membro de uma das agências de inteligência mais secretas do mundo. Então suponho que esteja fazendo uma referência a Ramón García. Ramón foi um agente do FBI que fez de tudo para esconder sua identidade enquanto vendia segredos dos Estados Unidos para os russos, só que acabou deixando impressões digitais em todos os sacos de lixo que usou para entregar os documentos roubados. Certamente foi o agente secreto mais incompetente da história. Como eu disse, Ben é muito engraçado.

— Sim, dei uma olhada — respondo. — O que você sabe sobre a mulher que morava nesta lixeira? Ela é a principal suspeita, certo?

Ben pode esconder muita coisa, mas seus olhos não conseguem disfarçar a expressão de surpresa: uma mulher?!

Excelente, penso: Ramón contra-ataca.

Ainda assim, Bradley é um policial frio.

— Que interessante, Ramón — diz ele, tentando imaginar se realmente sei de alguma coisa ou se estou apenas chutando. — Como descobriu?

Aponto para a embalagem de seis cervejas sobre a cômoda e para o leite na geladeira.

— Que tipo de homem faz uma coisa dessas? Um cara guarda a cerveja na geladeira e deixa o leite para lá. Dê uma olhada nos DVDs: comédias românticas, nem sequer um filme de ação. Quer dar um passeio? Vamos descobrir quantos outros hóspedes desta pocilga usam saco plástico nas latas de lixo. Isso é coisa de mulher, e uma que não pertence a este lugar, não importa qual papel esteja encenando.

Ele pensa no que falei, olhando-me fixamente, mas é impossível dizer se está convencido. Antes que eu possa perguntar, dois detetives jovens — uma mulher e seu parceiro — aparecem por trás dos recipientes para armazenamento de produtos tóxicos do Corpo de Bombeiros. Eles param em frente a Bradley.

— Descobrimos algo, Ben! — diz a policial. — Sobre quem se hospedou aqui...

Bradley assentiu calmamente.

— Sim, é uma mulher. Diga-me algo que eu não saiba. O que tem ela?

Então ele *estava comprando* minha teoria. Os dois policiais o encaram, imaginando como diabo ele sabia. Ao amanhecer, a lenda sobre o chefe terá aumentado ainda mais. E quanto a mim? Estou pensando que o sujeito é um sem-vergonha. Será que vai pegar todo o crédito pela descoberta sem pestanejar? Começo a rir.

Bradley olha para mim e, por um instante, acho que vai rir de volta, mas é uma esperança vã. Seus olhos sonolentos parecem piscar enquanto sua atenção se volta para os dois policiais.

— Como descobriram que era uma mulher? — pergunta a eles.

— Conseguimos o registro do hotel e todos os arquivos dos quartos — responde o detetive, que se chama Connor Norris.

Bradley fica subitamente alerta.

— Com o gerente? Você encontrou o desgraçado? Conseguiu que ele abrisse o escritório?

Norris balança a cabeça, negando.

— Há quatro mandados de prisão por tráfico contra ele. Provavelmente está a caminho do México agora. Não, foi a Alvarez. — Aponta para a parceira. — Ela reconheceu um cara procurado por arrombamento hospedado no andar de cima. — Olha para a mulher, sem certeza do que dizer em seguida.

Alvarez dá de ombros e abre o jogo.

— Ofereci a ele um passe livre da prisão caso ele arrombasse o escritório do gerente para nós.

Ela olha para Bradley, nervosa, imaginando quanto problema isso vai lhe causar.

O rosto do chefe está impassível. A voz dele baixa mais um tom, ficando ainda mais suave.

— E depois?

— Oito trancas ao todo e ele as abriu em menos de um minuto — responde ela. — Não admira que nada esteja a salvo nesta cidade.

— O que encontraram no arquivo da mulher? — pergunta Bradley.

— Recibos. Ela estava morando aqui há pouco mais de um ano — afirma Norris. — Pagava em dinheiro, o telefone não estava ligado, nem a TV a cabo, nada. Com certeza não queria ser rastreada.

Bradley concorda. Era exatamente o que ele pensava.

— Quando foi a última vez que um dos vizinhos a viu?

— Há uns três ou quatro dias. Ninguém tem certeza — responde Norris.

— Desapareceu logo depois de ter matado a namorada, imagino. E quanto à identidade?

Havia algo no arquivo? — murmura Bradley.

Alvarez verifica suas anotações.

— Cópias de uma carteira de motorista da Flórida e uma carteira de estudante ou algo assim. Nenhuma foto — diz ela. — Duvido que sejam autênticas.

— Verifique de qualquer maneira — pede Bradley.

— Nós as entregamos para Petersen — acrescenta Norris, referindo-se a outro jovem detetive. — Ele está verificando.

Bradley assente.

— Será que o arrombador ou qualquer um dos outros hóspedes conhecia a suspeita? Ou sabia alguma coisa sobre ela?

Eles balançam a cabeça em negativa.

— Não. Eles apenas a viam entrar e sair — diz Norris. — Vinte e poucos anos, cerca de um metro e setenta, um corpo e tanto, de acordo com o arrombador...

Bradley revira os olhos em reprovação.

— Pelos padrões dele, isso provavelmente significa que ela tem as duas pernas.

Norris sorri, mas Alvarez não. Ela só quer que Bradley diga algo sobre o acordo que fez com o arrombador. Se ele vai repreendê-la ou ignorar o ocorrido. Em vez disso, ela se vê obrigada a continuar participando, de forma profissional.

— De acordo com uma suposta atriz no 114, a mulher mudava de aparência o tempo todo. Um dia era Marilyn Monroe, no outro Marilyn Manson, às vezes ambos no mesmo dia. Então, Drew e Britney, Dame Edna, k. d. lang... — diz ela.

— Está falando sério? — pergunta Bradley. Os jovens policiais assentem, revelando mais nomes como se para provar o que dizem. — Estou ansioso para ver este retrato falado — continua ele, percebendo que todos os caminhos normais de uma investigação de homicídio estão se fechando. — Mais alguma coisa?

Eles balançam a cabeça. Terminaram.

— Melhor comecem a colher os depoimentos desses anormais. Ao menos daqueles sem mandado, o que provavelmente se restringirá a uns três.

Bradley os dispensa, voltando-se para mim discretamente, começando a abordar algo que vem lhe causando muita ansiedade.

— Você já viu uma dessas? — pergunta, calçando luvas de plástico.

Pega uma caixa de metal de uma prateleira no armário. É de cor cáqui e tão fina que eu nem a percebi. Está prestes a abri-la, mas se volta para olhar Alvarez e Norris por um instante. Eles estão indo embora, abrindo caminho em meio aos bombeiros, que instalam bombas para sugar produtos tóxicos.

— Ei, pessoal! — chama ele e ambos se viram. — Sobre o arrombador... bom trabalho.

Vemos o alívio no rosto de Alvarez, e os dois sorriem e erguem as mãos em um agradecimento silencioso. Não admira que a equipe o adore.

Estou olhando para a caixa de metal, que, em uma análise mais atenta, parece mais uma maleta com um número de série branco aplicado em estêncil na lateral. Obviamente é militar, mas tenho apenas uma vaga lembrança de ter visto algo parecido.

— Um kit cirúrgico de combate? — pergunto, sem muita convicção.

— Quase — responde Bradley. — Odontológico.

Ele abre a caixa, revelando um conjunto completo de instrumentos de odontologia militar repousando em uma base de espuma: um alicate, sondas, fórceps de extração.

Olho para ele.

— Ela arrancou os dentes da vítima? — pergunto.

— Todos. Não encontramos nenhum, de modo que acho que ela os jogou fora. Se tivermos sorte, ela os despejou na privada. É por isso que estamos quebrando o encanamento.

— Os dentes foram arrancados antes ou depois da morte da vítima?

Ben percebe aonde quero chegar.

— Não, não foi tortura. A equipe do legista deu uma olhada na boca da vítima. Estão certos de que foi depois da morte, para impedir a identificação. Foi por isso que pedi a você que viesse até aqui. Lembrei-me de que, em seu livro, você menciona algo sobre odontologia caseira e um assassinato. Se foi nos Estados Unidos, eu estava esperando que pudesse haver uma...

— Sem conexão. Foi na Suécia — interrompo. — Um cara usou um martelo cirúrgico nos dentes e na mandíbula da vítima. Creio que com o mesmo objetivo. Mas fórceps? Nunca vi nada parecido.

— Bem, está vendo agora — responde ele.

— Inspirador — digo. — Quer dizer, o avanço da civilização.

Deixando de lado meu desespero pela humanidade, devo dizer que estou ainda mais impressionado com a assassina. Não deve ter sido fácil arrancar trinta e dois dentes de um cadáver. Com certeza ela tinha em mente um importante conceito, uma coisa que escapa à maioria das pessoas que optam por essa linha de trabalho: ninguém nunca foi preso por conta de um homicídio; as pessoas são presas por não o planejarem direito.

Aponto para a caixa de metal.

— Onde um civil consegue uma dessas? — pergunto.

Ben dá de ombros.

— Onde quiser. Liguei para um amigo no Pentágono e ele consultou os arquivos: havia

quarenta mil excedentes no estoque. O Exército descartou o lote nos últimos anos em lojas de artigos para sobrevivência na selva. Vamos rastreá-lo, mas não pegaremos a mulher desse jeito. Não tenho certeza se alguém poderia...

Sua voz se dispersa. Ele está perdido em um labirinto, correndo o olhar em torno da sala, tentando encontrar uma saída.

— Não temos um rosto — murmura. — Nenhum registro dentário, não há testemunhas. E o pior de tudo: não temos nem mesmo o motivo. Você conhece esse negócio melhor do que ninguém. Quais as minhas chances de resolver este caso?

— No momento? As mesmas de ganhar na loteria — respondo. — Você entra aqui e a primeira coisa que pensa é: que amor. Apenas mais um crime motivado por drogas ou sexo. Então você olha mais de perto... Vi poucos trabalhos tão bons quanto este.

Então conto sobre o spray antisséptico, e é claro que não era bem o que ele queria ouvir.

— Obrigado pelo incentivo — ironiza Ben.

Sem pensar, ele esfrega o polegar no dedo indicador, e eu sei, a partir da observação atenta durante um longo tempo, que isso significa vontade de fumar um cigarro. Certa vez, ele me disse que parara de fumar na década de 1990 e que, desde então, devia ter havido um milhão de situações em que pensou que fumar ajudaria. Esta, obviamente, é uma delas. Para afastar o desejo, ele diz:

— Você sabe qual é o meu problema? Marcie me disse certa vez. — Marcie é a esposa de Ben. — Eu me aproximo muito das vítimas, acabo meio que imaginando ser o único amigo que lhes resta.

— O herói delas? — sugiro.

— Foi exatamente essa a palavra que ela usou. E há uma coisa que nunca fui capaz de fazer e que Marcie diz ser a única que ela realmente gosta em mim: nunca fui capaz de decepcionar um amigo.

Herói dos mortos, penso. Deve haver coisas piores. Gostaria que houvesse algo que eu pudesse fazer para ajudá-lo, mas não há. A investigação não é minha e, embora ainda esteja na casa dos trinta, já estou aposentado.

Um técnico entra correndo no quarto, gritando com sotaque asiático:

— Ben?

Bradley se volta.

— No porão!

CAPÍTULO QUATRO

Três técnicos de macacões derrubaram uma antiga parede de tijolos. Apesar das máscaras, estão quase engasgando com o cheiro que exala da cavidade. Não encontraram um cadáver — carne podre tem um odor característico; o lugar fede a esgoto, mofo e merda de centenas de gerações de rato.

Bradley abre caminho pelo porão fétido e para sob a luz de uma fileira de lâmpadas que iluminam a parede derrubada. Sigo atrás dele junto com os outros investigadores, chegando a tempo de ver o sujeito asiático — um sino-americano que todos chamam de Bruce por motivos óbvios — apontar uma luz portátil para o buraco recém-aberto.

O interior é um labirinto de tubulações clandestinas. Bruce explica que, depois de terem quebrado o banheiro no Quarto 89 sem encontrar nada preso nos joelhos do encanamento, decidiram ir um pouco mais longe. Conseguiram uma cápsula de reagente com os peritos criminais, misturaram com meio litro de água e despejaram na tubulação de esgoto.

O líquido levou cinco minutos para descer, de modo que souberam que deveria haver um entupimento em algum lugar entre o porão e o Quarto 89. Agora eles o encontraram: na matriz de canos e ligações clandestinas atrás da parede.

— Por favor, diga que são os dentes — pediu Bradley. — Ela os jogou no vaso sanitário?

Bruce balança a cabeça e ilumina um mingau de papel carbonizado que estava preso em um cano.

— Vem direto do Quarto 89, já verificamos — informa ele, apontando para o mingau. — Seja o que for isso, ela provavelmente o queimou e jogou na privada. Era a coisa certa a fazer. Só que ela não sabia das violações do código.

Com a ajuda de uma pinça, Bradley começa a separar o papel.

— Pedacos de recibos, uma parte de um bilhete de metrô, um ingresso de cinema — diz ele para todos presentes. — Parece que ela fez uma última varredura no lugar para se livrar de qualquer coisa que pudesse ter esquecido. — Ele separa com cuidado mais fragmentos queimados. — Uma lista de compras. Pode vir a ser útil para compararmos a caligrafia se acharmos...

Ele para, olhando para um pedaço de papel um pouco menos carbonizado do que o restante.

— Sete números. Escritos à mão: 9, 0, 2, 5, 2, 3, 4. Não está completo. O restante foi queimado.

Ele ergue o pedaço de papel para o grupo, mas eu sei que na verdade está se dirigindo a mim, como se o meu trabalho em uma agência de inteligência me qualificasse como criptógrafo. Sete números escritos à mão, a outra metade destruída: aquilo poderia significar qualquer coisa. Mas tenho uma vantagem. As pessoas em minha antiga área de atuação estão sempre lidando com fragmentos, de modo que não os ignoro.

É claro que a especulação entre os agentes começa na mesma hora: conta bancária, cartão de crédito, CEP, endereço de IP, número de telefone. Alvarez diz que não há um código de área 902, e ela está certa. Mais ou menos.

— Sim, mas estamos conectados ao sistema canadense — contesta Petersen, o jovem detetive, forte como um jogador de futebol americano. — O código de área 902 é da Nova Escócia. Meu avô tinha uma fazenda por lá.

Bradley não responde. Ele continua olhando para mim, esperando pela minha opinião. Aprendi, por meio de experiências amargas, a não dizer nada a menos que tenha certeza, de modo que apenas dou de ombros, o que leva o tenente e os outros a continuarem a especular.

O que de fato estou pensando é no calendário na parede, que me incomoda desde que o vi pela primeira vez. De acordo com o preço no verso, custou quarenta dólares na Rizzoli, uma livraria chique, e isso é muito dinheiro para algo que nunca foi usado para marcar alguma data. De forma incontestável, a assassina era uma mulher inteligente e ocorreu-me que para ela aquilo não era um calendário: talvez tivesse interesse em ruínas antigas.

Passei a maior parte de minha carreira trabalhando na Europa e, embora faça um bom tempo que não viaje tão a leste, tenho certeza de que 90 é o código internacional da Turquia. Passe apenas um dia naquele país e você perceberá que ali há mais ruínas greco-romanas do que em qualquer outro lugar do planeta. Se 90 é o prefixo do país, é possível que os dígitos seguintes sejam um código de área e parte de um número de telefone. Sem que ninguém perceba, saio e vou até a parte mais tranquila do porão fazer uma ligação para a companhia telefônica Verizon em meu celular — quero saber mais sobre códigos de área na Turquia.

Enquanto espero que a empresa de telefonia atenda, olho para o meu relógio e fico chocado ao perceber que deve estar amanhecendo lá fora. Faz dez horas desde que um zelador, verificando uma falha de energia no recinto ao lado, abriu a porta do Quarto 89 para ter acesso a alguns fios. Não é de se admirar que todos pareçam cansados.

Finalmente, consigo contatar alguém do atendimento ao cliente da operadora, uma mulher com um forte sotaque falando do que penso ser um call center em Mumbai, e vejo que minha memória ainda funciona: 90 realmente é o DDI da Turquia.

— E 252? É um código de área?

— Sim, uma província... chama-se Muğla ou algo assim — responde ela, se esforçando ao máximo para pronunciar o nome.

A Turquia é um país grande, maior do que o Texas, com uma população de mais de setenta milhões de habitantes, e o nome nada significa para mim. Começo a agradecer-lhe, pronto para desligar, quando ela fala:

— Não sei se isso ajuda, mas aqui diz que uma das principais cidades desta província é um lugar na costa do mar Egeu. Chama-se Bodrum.

A palavra provoca uma agitação em meu corpo, um estremecimento de medo que não foi dissipado pelo passar dos anos. “Bodrum”, diz ela. E o nome vem à terra, como destroços de algum naufrágio distante.

— É mesmo? — digo com calma, lutando contra um caos de pensamentos.

Em seguida, a parte de meu cérebro que lida com o presente lembra que sou apenas um convidado nesta investigação, e uma sensação de alívio me toma. Não quero mais nada com aquela parte do mundo.

Volto ao Quarto 89. Bradley me vê, e eu lhe digo que o pedaço de papel pode ser a primeira parte de um número de telefone, mas que eu descartaria o Canadá. Conto sobre o calendário e ele me diz que havia visto aquilo no início da noite e também ficara incomodado.

— Bodrum? Onde fica Bodrum? — pergunta Ben.

— Você precisa sair mais de casa. Fica na Turquia, um dos destinos de verão mais elegantes do mundo.

— E quanto a Coney Island? — indaga ele, impassível.

— É parecido — digo, contando sobre o porto repleto de iates extravagantes, as elegantes casas de veraneio, uma pequena mesquita nas colinas, cafeterias com nomes como Mezzaluna e Oxygen, inundadas de hormônios e cappuccinos de dez dólares.

— Você já esteve lá? — continua Bradley.

Balanço a cabeça. Há certas coisas que o governo não me permite revelar.

— Não — minto. — Por que ela ligaria para alguém em Bodrum? — pergunto a mim mesmo em voz alta, mudando de assunto.

O tenente dá de ombros, sem vontade de especular, preocupado.

— O grandalhão também fez um bom trabalho — comenta ele, apontando para Petersen, do outro lado do quarto. — O que Alvarez encontrou na pasta do gerente não era uma carteira de estudante, obviamente com nome falso, mas sim o cartão de uma biblioteca de Nova York.

— Ah, que bom — digo, sem muito interesse. — Uma intelectual.

— Na verdade, não — responde o tenente. — De acordo com o banco de dados da

biblioteca, ela só pegou um único livro ao longo de um ano. — Ele faz uma pausa e olha fixo para mim. — O seu.

Eu o encaro, sem palavras. Não admira que ele estivesse preocupado.

— Ela leu o meu livro? — consigo dizer, afinal.

— Não apenas leu. Eu diria que o estudou — afirma Bradley. — Você mesmo disse que não encontrou muitos assassinos tão profissionais quanto esta. Agora sabemos por quê. A ausência de dentes, o spray antisséptico... Está tudo no livro, certo?

Inclino a cabeça para trás quando me dou conta do que aquilo representa.

— Ela pegou material de diferentes casos e o usou como um manual: como matar alguém, como encobrir o crime.

— Exatamente — concorda Ben Bradley, e dá um de seus raros sorrisos. — Eu só queria agradecer. Agora terei que perseguir a imitadora oficial do melhor do mundo em sua área.

CAPÍTULO CINCO

Se quer saber a verdade, meu livro sobre técnicas de investigação não fez muito sucesso. O tipo de publicação, até onde sei, que desafiou toda a teoria editorial: uma vez que as pessoas o deixavam de lado, não conseguiam pegá-lo outra vez.

No entanto, entre o pequeno grupo de profissionais a que foi destinado, causou um abalo sísmico. O material abordava o limiar da tecnologia, da ciência e até mesmo da *credibilidade*. Contudo, em uma análise mais profunda, nem mesmo os céticos mais radicais conseguiam se ater às suas dúvidas: todos os casos que citei incluíam os pequenos detalhes, aquela estranha palheta de circunstâncias e motivação que permite que os bons investigadores separem o verdadeiro do falso.

Um dia após o lançamento do livro, uma enxurrada de perguntas começou a reverberar no restrito mundo dos investigadores de alto nível. Como diabo era possível que ninguém tivesse ouvido falar de nenhum daqueles casos? Eram como mensagens de outro planeta, com apenas os nomes alterados para proteger os culpados. E, ainda mais importante, quem escreveria aquilo?

Não era minha intenção deixar que descobrissem. Devido ao meu trabalho anterior, eu tinha mais inimigos do que poderia imaginar e não queria ligar o motor do carro certa manhã e acabar como anéis de poeira cósmica ao redor da lua. Se algum leitor se interessasse pelos antecedentes do denominado autor, tudo que encontraria seria um homem recém-falecido em Chicago. Uma coisa é certa: não escrevi aquilo por fama ou dinheiro.

Eu me convenci de que o escrevera porque solucionara crimes cometidos por pessoas que trabalharam no limite da engenhosidade humana e pensei que outros investigadores poderiam ver utilidade em algumas das técnicas que desenvolvi. E isso era verdade, até certo ponto. Analisando mais profundamente, ainda sou jovem — com sorte, com outra vida pela frente, uma vida real —, e talvez o livro fosse um resumo, uma maneira de dar adeus à minha existência anterior.

Durante quase uma década, fui membro da organização de inteligência americana mais secreta, uma agência que trabalhava de modo tão profundamente dissimulado que apenas poucas pessoas sabiam de sua existência. A tarefa era fiscalizar a Comunidade de Inteligência

dos Estados Unidos, atuando como um departamento de investigação interna do mundo da espionagem. Assim, pode-se dizer que éramos um retorno à Idade Média. Éramos os exterminadores de ratos.

Embora o número de pessoas empregadas pelas vinte e seis organizações de inteligência publicamente reconhecidas — e oito anônimas — dos Estados Unidos seja confidencial, é razoável estimar que mais de cem mil pessoas circulavam em nossa esfera. Uma população desse tamanho significava que os crimes investigados eram de todo tipo — de traição a corrupção, de assassinato a estupro, de tráfico de drogas a roubo. A diferença era que alguns dos criminosos eram os melhores e mais inteligentes do mundo.

O grupo encarregado dessa missão de elite ultraconfidencial fora criado por Jack Kennedy nos primeiros meses de sua administração. Após um escândalo particularmente sinistro na CIA — cujos detalhes ainda permanecem em segredo —, ele se deu conta de que os membros da Comunidade de Inteligência eram tão suscetíveis à fragilidade humana quanto a população em geral. Ou ainda mais, talvez.

Em circunstâncias normais, o FBI seria o investigador por excelência do mundo da espionagem. No entanto, sob o comando de J. Edgar Hoover, aquela agência era qualquer coisa, menos normal. Dar-lhe poder para investigar os agentes secretos teria sido... bem, seria tão sensato quanto deixar Saddam solto em uma fábrica de armas. Por esse motivo, Kennedy e seu irmão criaram uma agência à qual foi dada, em virtude de suas responsabilidades, um poder sem precedentes. Fundada por ordem executiva, também se tornou uma das três agências a se reportarem diretamente ao presidente, sem a supervisão do Congresso. Não se dê ao trabalho de perguntar sobre as outras duas — por lei, também não podem ser mencionadas.

No ambiente rarefeito em que residem aqueles com maior acesso a assuntos de segurança nacional, de início as pessoas menosprezaram a nova agência e sua difícil missão. Sentindo-se muito espertos, começaram a chamá-la de “11ª Divisão Aerotransportada” — a cavalaria, em outras palavras. Poucos esperavam que ela pudesse ser bem-sucedida, mas, à medida que a impressionante reputação da agência aumentava, não acharam mais tanta graça.

Como se de comum acordo, parte do nome desvaneceu aos poucos até que toda a Comunidade de Inteligência se referia a ela — em tom de reverência — simplesmente como “Divisão”. Não é vaidade da minha parte quando digo que muitos dos que trabalhavam lá eram brilhantes. Tinham que ser: alguns dos alvos da Divisão eram os agentes secretos mais qualificados que o mundo da espionagem já conheceu. Anos de treinamento ensinaram àqueles homens e àquelas mulheres a mentir e desmentir, a dizer adeus e não deixar rastros, a ter a mão em tudo e as impressões digitais em nada. Como consequência, aqueles que os caçavam precisavam de habilidades ainda melhores. A pressão para que os caçadores estivessem um

passo à frente de suas presas era enorme, às vezes quase insuportável, e não era surpreendente que a Divisão tivesse uma taxa de suicídio maior do que qualquer outra agência governamental depois do correio.

Foi durante meu último ano em Harvard que fui recrutado para sua seção de elite sem nem mesmo perceber. Uma das batedoras da agência — uma mulher simpática, com belas pernas e uma saia surpreendentemente curta que dizia ser vice-presidente da Rand Corporation — veio a Harvard e conversou com jovens formandos promissores.

Eu estudara medicina por três anos, com especialização em farmacologia — e quando digo “especialização”, estou falando sério. De dia eu aprendia aquilo na teoria; nos fins de semana, lançava mão de uma abordagem muito mais prática. Foi durante uma visita a um médico em Boston, depois de ler sobre os sintomas da fibromialgia e convencê-lo a me dar uma receita de Vicodin, que tive uma epifania.

Vamos supor que fosse para valer, e que fosse eu a pessoa sentada atrás daquela mesa lidando com as doenças — reais e imaginárias — dos pacientes que eu observava em silêncio na sala de espera.

Percebi que o que me interessava não era o que afligia as pessoas, mas a causa daquilo. Abandonei o curso de medicina, me matriculei em psicologia, me formei com *magna cum laude* e estava perto de completar o doutorado.

Logo que o terminei, a senhora de saia curta me fez uma proposta com o dobro do salário inicial oferecido por qualquer outro empregador, com adição do que pareciam ser oportunidades quase ilimitadas de pesquisa e desenvolvimento. Como resultado, passei seis meses escrevendo relatórios que nunca seriam lidos, criando questionários que nunca seriam respondidos antes de descobrir que de fato não trabalhava para a Rand. Estava sendo observado, examinado, avaliado e controlado. De repente, Saia Curta tinha sumido do mapa.

Em vez dela, dois homens fortes que eu nunca vira antes, e nem vi depois, levaram-me para uma sala em um prédio comum em uma propriedade industrial ao norte da sede da CIA em Langley, Virgínia. Eles me fizeram assinar uma série de formulários que proibiam qualquer tipo de divulgação de informação antes de me dizerem que eu estava sendo avaliado para assumir um cargo em um serviço de inteligência clandestino que eles se recusaram a mencionar qual era.

Olhei para eles, perguntando a mim mesmo por que pensaram em me recrutar. Mas, sendo honesto, eu sabia a resposta. Eu era um candidato perfeito para o mundo da espionagem: era inteligente, solitário e havia sido profundamente magoado.

Meu pai saía de casa antes de eu nascer e nunca mais foi visto. Vários anos depois, minha mãe foi assassinada no quarto dela em nosso apartamento ao lado da 8 Mile Road, em Detroit.

Como disse, há lugares dos quais me lembrarei a vida inteira.

Filho único, finalmente acabei indo parar com pais adotivos em Greenwich, Connecticut — centenas de metros quadrados de gramados bem-cuidados, as melhores escolas que o dinheiro podia pagar, a casa mais silenciosa que poderia existir. Com a família aparentemente completa, acho que Bill e Grace Murdoch fizeram o melhor que podiam, mas eu jamais poderia ser o filho que eles desejavam.

Uma criança órfã aprende a sobreviver. Desde cedo, aprende a esconder o que sente e, se a dor é maior do que consegue suportar, cava em sua mente uma caverna e se esconde ali. Para o mundo em geral, tentei ser o que Bill e Grace queriam que eu fosse, e acabei me tornando um estranho para os dois.

Sentado naquela sala perto de Langley, dei-me conta de que assumir outra identidade, esconder uma parte tão grande de quem você é e do que sente, era o treinamento ideal para o mundo da espionagem.

Nos anos que se seguiram — aqueles que passei viajando em segredo pelo mundo utilizando uma série de nomes diferentes —, percebi que os melhores agentes secretos que conheci haviam aprendido a levar uma vida dupla muito antes de se juntarem a qualquer agência.

Eram homens enrustidos em um mundo homofóbico, adúlteros com esposas nos subúrbios, jogadores e viciados, alcoólatras e pervertidos. Não importa qual fosse o fardo, todos tinham muita experiência em fazer o mundo acreditar em uma ilusão de si mesmos. Dali para vestirem outro disfarce e servirem ao governo era apenas um pulo.

Acho que os dois sujeitos fortes sentiram essa capacidade em mim. Finalmente, eles chegaram à parte do interrogatório que lidava com a ilegalidade.

— Fale-nos sobre as drogas — disseram.

Lembrei que alguém mencionara certa vez que Bill Clinton nunca conheceu uma mulher de quem não tivesse gostado. Achei que não seria útil dizer a eles que eu me sentia da mesma forma em relação às drogas. Neguei até mesmo ter um ligeiro conhecimento do assunto, grato por nunca ter adotado o estilo de vida irresponsável que em geral acompanha o uso dessas substâncias. Tornei aquilo uma vida secreta e a oculte seguindo minhas próprias regras. Eu só ficava chapado sozinho, nunca usava nada em bares ou boates, achava que festas com drogas eram para amadores e a ideia de caminhar por um mercado de drogas ao ar livre me soava como uma ótima forma de levar um tiro.

E funcionou. Nunca fui preso ou interrogado sobre esse assunto, de modo que, após ter levado com sucesso uma vida secreta, sentia-me confiante para abraçar outra. Quando eles se levantaram e perguntaram quanto tempo eu precisaria para considerar a oferta, simplesmente

pedi uma caneta.

Então foi assim: assinei seu memorando de alistamento em uma sala sem janelas em uma propriedade industrial abandonada e me juntei ao mundo da espionagem. Se pensei no quanto aquilo me custaria, nas coisas comuns que eu jamais experimentaria ou compartilharia, certamente não me lembro.

CAPÍTULO SEIS

Após quatro anos de treinamento, aprendendo a ler pequenos sinais que outros poderiam não perceber, a sobreviver a situações em que outros morreriam, subi rapidamente na hierarquia. Meu primeiro posto no exterior foi em Berlim e, seis meses depois da minha chegada, matei alguém pela primeira vez.

Desde que a Divisão fora fundada, suas operações na Europa estavam sob o comando de um dos agentes mais experientes, sediado em Londres. A primeira pessoa a ocupar o cargo fora um oficial da Marinha de alta patente, um homem mergulhado na história da guerra naval. Com isso, passou a se autodenominar Almirante, o indivíduo que era o terceiro no comando da frota: sua exata posição na Divisão. O título pegou, mas, ao longo das décadas, foi modificado e corrompido, até que finalmente se tornou conhecido como Navegante.

Quando cheguei à Europa, o então ocupante do cargo estava administrando uma operação de alta importância, e não parecia haver dúvida de que um dia ele voltaria para Washington e assumiria o posto mais alto da Divisão. Aqueles que fossem bem-vistos por ele inevitavelmente seriam promovidos no processo, e havia uma intensa concorrência para ganhar a sua aprovação.

Foi neste contexto que o escritório de Berlim me enviou a Moscou no início de agosto — o pior dos meses naquela cidade quente e desesperadora — para investigar alegações de fraude financeira em um serviço clandestino dos Estados Unidos que operava por lá. Claro que o dinheiro havia sumido, mas, quando fui mais a fundo, descobri algo muito pior: um alto funcionário de inteligência dos Estados Unidos viajaria especialmente para Moscou e estava prestes a vender os nomes de nossos mais valiosos informantes russos para a FSB — a sucessora do KGB, tanto em função quanto em brutalidade.

Como chegara muito tarde àquela região, tive que tomar uma decisão imediata. Não havia tempo para buscar conselhos ou pensar melhor. Alcancei nosso alto funcionário quando ele estava a caminho de se encontrar com seu contato russo. E sim, ele foi o primeiro homem que matei.

Atirei nele. Atirei no Navegante em plena Praça Vermelha, um vento quente e forte uivando das estepes, carregado com o cheiro da Ásia e o fedor de traição. Não sei se isso é algo do que

se orgulhar, mas mesmo sendo jovem e inexperiente, matei meu chefe como um profissional.

Eu o segui até a extremidade sul da praça, onde havia um carrossel infantil em funcionamento. Percebi que a música estridente ajudaria a dissimular o som do tiro da pistola. Avancei em sua direção na diagonal. Conhecia bem aquele homem, e ele me viu apenas no último instante.

Um olhar de perplexidade percorreu seu rosto, quase de imediato sendo substituído por medo.

— Eddy... — disse ele.

Meu nome verdadeiro não é Eddy, mas, como todos os outros agentes, mudei de identidade quando fui a campo pela primeira vez. Acho que isso facilitou as coisas para mim, como se não fosse eu quem realmente estivesse fazendo aquilo.

— Alguma coisa errada... o que está fazendo aqui? — Ele era do Sul dos Estados Unidos e sempre gostei do seu sotaque.

Apenas balancei a cabeça.

— *Vyssshaya mera* — falei.

Era uma antiga expressão do KGB que ambos conhecíamos. Significa, literalmente, “o mais alto grau de punição”: um eufemismo para se meter uma bala de alto calibre na nuca de outra pessoa.

Minha mão já empunhava a arma dentro do bolso — uma fina PSM 5.45 (ironicamente, de fabricação soviética), uma pistola produzida para ser um pouco mais grossa do que um isqueiro. Isso significava que você podia portá-la sem exibir nenhum vinco no paletó de um terno de bom corte. Vi seus olhos em pânico se voltarem para as crianças no carrossel, talvez pensando em suas duas filhas, perguntando-se como as coisas haviam chegado àquele ponto.

Sem tirar a arma do bolso, puxei o gatilho, disparando uma bala de núcleo de aço capaz de penetrar as trinta camadas de Kevlar e a placa de titânio de um centímetro e meio do colete à prova de balas que supus que ele estivesse usando.

Ninguém ouviu nenhum som além da algazarra do carrossel.

A bala penetrou em seu peito em uma velocidade tão alta que seu coração entrou em choque, matando-o na hora — exatamente como fora planejada para funcionar. Eu o segurei com meu braço, amparando-o quando caiu, usando a mão para limpar o suor de sua testa, agindo como se meu amigo tivesse acabado de desmaiar por causa do calor.

Eu o arrastei até um banco de plástico sob um guarda-sol desocupado, dirigindo-me em um russo precário às mães que esperavam seus filhos a uns dez metros dali, apontando para o céu e queixando-me do clima.

Elas sorriram em silêncio, desfrutando em silêncio do prazer de ver mais uma vez

confirmada a evidência de que os escravos eram fortes e os americanos, fracos.

— Ah, o calor... terrível, sim — responderam de forma solidária.

Tirei o casaco do Navegante e baixe-o sobre o seu colo para esconder o buraco da bala que começava a se encher de sangue. Voltei-me de novo para as mães, dizendo-lhes que sairia por um momento para chamar um táxi.

Elas assentiram, mais interessadas nas crianças no carrossel do que no que eu fazia. Duvido que alguma delas tenha percebido que eu estava levando a pasta do Navegante enquanto corria em direção aos táxis na Kremlevskiy Prospekt.

Eu já estava no meu quarto de hotel a vários quilômetros dali quando alguém reparou o sangue escorrendo pelo canto da boca do Navegante e chamou a polícia. Como não tive tempo de esvaziar todos os bolsos dele, sabia que não demoraria muito até o identificarem.

Em minhas visitas a Londres, eu diversas vezes jantara em sua casa e brincara com as filhas dele — duas meninas que estavam nos primeiros anos escolares —, e agora contava os minutos, antecipando o momento em que o telefone tocaria na sua casa em Hampstead e elas receberiam a notícia de que o pai estava morto. Graças à minha própria infância, eu tinha uma ideia melhor do que a maioria das pessoas de como um acontecimento desse tipo afeta uma criança — a onda de descrença, a luta para compreender o sentido da morte, o pânico avassalador, o abismo escancarado do abandono. Não importava o quanto tentasse, não conseguia evitar a cena em minha mente — eu via as crianças, mas temo que a emoção era minha.

Enfim, sentei na cama e arrombei o fecho da pasta. A única coisa interessante que encontrei foi um DVD de músicas com a Shania Twain na capa. Inseri-o em meu laptop e o abri em um programa de algoritmos. Escondidos em meio às músicas digitalizadas estavam os nomes e os arquivos confidenciais de dezenove russos que passavam segredos para nós. *Vyssshaya mera* para eles caso o Navegante tivesse feito a entrega.

Enquanto trabalhava conferindo os dados pessoais dos dezenove arquivos, comecei a fazer um registro dos nomes de todas as crianças russas que encontrei ali. Não era minha intenção, mas percebi que estava elaborando uma espécie de inventário de prós e contras. No fim, havia quatorze crianças russas em uma coluna, e as duas filhas do Navegante na outra. Podia-se dizer que, no fim das contas, fora uma boa troca. Mas não era o bastante: os nomes das crianças russas eram muito abstratos e as filhas do Navegante, muito reais.

Peguei o meu casaco, joguei minha bolsa de viagem no ombro, guardei a PSM 5.45 e fui até uma praça perto do Gorky Park. De acordo com informação dos arquivos, algumas das esposas de nossos informantes russos levavam os filhos até lá durante a tarde. Sentei-me em um banco e, a partir das descrições dos documentos, identifiquei com certeza nove das mulheres, seus

filhos fazendo castelos de areia em uma praia de faz de conta.

Aproximei-me e olhei para elas — duvido que tenham notado o estranho com um buraco queimado no casaco olhando pelas grades —, aquelas crianças sorridentes cujos verões eu esperava que durassem mais tempo do que os meus duraram. E, embora tivesse conseguido torná-las reais, não conseguia deixar de pensar que, proporcionalmente ao que consegui dar a elas, eu perdera uma parte de mim. Minha inocência, vamos chamar assim.

Sentindo-me mais velho, mas de algum modo mais calmo, caminhei em direção a uma fila de táxis. Várias horas antes — enquanto corria em direção ao meu quarto de hotel após matar o Navegante —, eu havia feito uma ligação criptografada para Washington e sabia que um avião da CIA, voando sob o disfarce de um jato executivo da General Motors, estava a caminho do aeroporto Sheremetyevo para me tirar dali.

Temendo que os policiais russos já tivessem me identificado como o assassino, o trajeto até o aeroporto foi uma das viagens mais longas da minha vida, e embarquei no jato com imenso alívio. Minha alegria durou cerca de doze segundos. Lá dentro, quatro homens armados me aguardavam. Eles se recusaram a revelar quem eram, mas pareciam pertencer a alguma unidade das Forças Especiais.

Eles me entregaram um documento legal e descobri que, por causa daquele assassinato, eu me tornara alvo da mais alta investigação da Comunidade de Inteligência — uma Investigação de Incidente Crítico. O líder do grupo me informou que estávamos voando para os Estados Unidos.

Então, ele leu os meus direitos e me deu voz de prisão.

CAPÍTULO SETE

Meu melhor palpite era o estado de Montana. Enquanto olhava pela janela do jato, havia algo no formato das colinas que quase lembrava o Noroeste dos Estados Unidos. Não havia nada mais para distinguir o lugar: apenas uma pista de pouso e decolagem tão clandestina que consistia em um amontoado de casamatas sem identificação, uma dúzia de hangares subterrâneos e quilômetros de cercas eletrificadas.

Havíamos voado durante a noite e, no momento em que pousamos, logo após o amanhecer, eu estava em um péssimo estado de espírito. Tivera tempo de sobra para repensar em toda a situação e as dúvidas aumentavam a cada quilômetro. E se o DVD de Shania Twain fosse uma farsa ou se alguém o tivesse plantado na mala do Navegante? Talvez ele estivesse trabalhando em uma operação secreta que eu desconhecia, ou outra agência o estivesse usando para dar informações falsas ao inimigo. E que tal isso: talvez os investigadores afirmassem que o DVD era meu e que o Navegante desmascarara *a mim* como traidor. Isso explicaria o motivo de eu ter atirado sem consultar ninguém antes.

Eu estava cada vez mais perdido no labirinto de perguntas quando os caras das Forças Especiais me levaram depressa para fora do avião e me enfiaram em um SUV com vidros escuros. As portas se trancaram automaticamente e percebi que as maçanetas do interior haviam sido removidas. Fazia cinco anos desde que entrara para o mundo da espionagem e, agora, depois de três dias agitados em Moscou, tudo estava em jogo.

Durante duas horas, seguimos sem ultrapassar os limites da cerca eletrificada, parando, por fim, em uma solitária casa de fazenda ladeada por um gramado seco.

Restrito a dois pequenos cômodos e proibido de falar com qualquer pessoa além de meus interrogadores, eu sabia que, em outra ala da casa, uma dezena de peritos passava um pente-fino na minha vida — e na do Navegante também —, tentando descobrir a verdade. Sabia como seria o meu interrogatório, mas nenhuma sessão de treinamento pode prepará-lo para a realidade de ser questionado por interrogadores hostis.

Quatro equipes trabalhavam em turnos. Acrescento, sem nenhum juízo de valor, apenas como mero registro, que as mulheres eram as piores — ou as melhores, dependendo do ponto de vista. A mais atraente delas parecia achar que, deixando o topo de sua blusa desabotoada e

inclinando-se para a frente, de algum modo chegaria mais perto da verdade. Chamei-a de Sutiã Maravilha. Seria o mesmo tipo de método utilizado, anos depois, e com grande efeito, nos muçulmanos detidos na baía de Guantánamo.

Eu entendia a teoria: aquilo era um lembrete do mundo que você ansiava, um mundo de prazeres, longe daquele local de constante ansiedade. Tudo o que tinha de fazer era cooperar. E, devo dizer, funciona. Ao ser importunado com detalhes noite e dia em busca de alguma contradição, você fica cansado, extremamente exausto. Duas semanas disso, e você anseia por qualquer outro mundo.

Certa noite, após doze horas sem descanso, perguntei para Sutiã Maravilha:

— Você acha que planejei tudo isso e que atirei nele na Praça Vermelha? Na *Praça Vermelha*? Por que faria uma coisa dessas?

— Burrice, acho — respondeu ela com calma.

— Onde eles recrutaram você? No Hooters?! — gritei de volta.

Foi a primeira vez que ergui a voz: um erro. Agora a equipe de analistas e psicólogos que nos observava através de câmeras ocultas saberia que estava me afetando.

Eu esperava uma retaliação imediata, mas ela era profissional: manteve a voz calma, inclinou-se ainda mais para a frente, os poucos botões fechados de sua blusa repuxando.

— Não são assim por causa do sutiã, caso você esteja se perguntando. São naturais. Que música tocava no carrossel?

Esforcei-me para conter a raiva.

— Eu já falei.

— Diga outra vez.

— “Smell Like Teen Spirit”. Estou falando sério, esta é a Rússia moderna; nada faz sentido.

— Você já tinha ouvido essa música antes? — perguntou.

— É claro que sim, é do Nirvana.

— Quer dizer, na praça, quando você estava reconhecendo a locação?

— Não houve reconhecimento porque não havia um plano — respondi em voz baixa, começando a sentir dor de cabeça em minha têmpora esquerda.

Quando enfim me deixaram ir para a cama, senti que a mulher estava ganhando. Não importa quão inocente você seja, pensar nisso é ruim quando se está em uma casa isolada, agarrando-se à sua liberdade, completamente isolado do mundo.

Ainda cedo na manhã seguinte — uma quarta-feira, de acordo com os meus cálculos, mas, na verdade, um sábado, prova do quanto fiquei desorientado —, a porta da minha área de dormir foi destrancada e o encarregado pendurou uma muda de roupas limpas atrás dela. Ele falou pela primeira vez e me ofereceu uma chuveirada em vez da bacia que eu usava para me

lavar no canto do aposento. Eu também conhecia essa técnica: queriam que eu pensasse que estavam começando a acreditar em mim, encorajando-me a confiar neles, mas a essa altura eu estava além do ponto de me preocupar com a psicologia de tudo aquilo. Como diria Freud: às vezes um chuveiro é só um chuveiro.

O encarregado abriu uma porta que dava para um banheiro e saiu. Era um cômodo branco, limpo, anéis de metal aparafusados no teto e paredes que sugeriam um propósito muito mais sombrio, mas não me importei. Fiz a barba, tirei a roupa e deixei a água correr. Quando estava me secando, me vi nu de corpo inteiro em um espelho e parei. Era estranho, eu não olhava para mim havia um longo tempo.

Tinha perdido cerca de dez quilos naquelas três semanas, ou sei lá quanto tempo em que estive naquela fazenda, e não me lembrava de ter visto meu rosto tão abatido antes. Parecia muito mais velho, e olhei para mim por algum tempo, como se aquilo fosse uma janela para o futuro. Eu não era feio: era alto e o meu cabelo tinha mechas loiras graças ao verão europeu.

Com a perda dos quilos extras da minha cintura e das minhas nádegas por causa da investigação, eu estava em boa forma física; não com a barriga tanquinho de um vaidoso astro de cinema, mas com a boa forma de quem pratica quarenta minutos de Krav Maga todos os dias. Krav Maga é uma técnica israelense de autodefesa que, de acordo com pessoas que a conhecem, é a forma de combate sem armas preferida entre os traficantes nova-iorquinos do norte da 140th Street. Sempre achei que, se fosse uma técnica boa o bastante para os profissionais, seria boa o suficiente para mim. Certo dia, vários anos depois — sozinho e desesperado —, aquilo salvaria a minha vida.

Quando me aproximei do espelho, analisando o homem que via diante de mim, perguntando-me se de fato gostava tanto dele assim, ocorreu-me que eu poderia não ser o único a olhar. Do outro lado do vidro, Sutiã Maravilha e seus amigos deviam estar fazendo a própria avaliação. Posso não estar no topo da lista para ser o protagonista masculino de *Garganta profunda II*, mas não tenho nada do que me envergonhar. Não, não foi isso que me deixou com raiva; foi aquela intrusão em cada pedaço da minha vida, a busca incessante por provas que não existiam, a convicção insensível de que ninguém poderia fazer algo apenas por achar que estava certo.

Os instrutores de Krav Maga dizem que o maior erro que a maioria das pessoas comete quando luta é socar a cabeça de alguém com muita força. A primeira coisa que você quebra é o nó dos seus dedos. Por essa razão, um verdadeiro profissional cerra o punho e o usa de lado, como um martelo batendo em uma bigorna.

De acordo com os instrutores, um golpe como esse desferido por uma pessoa razoavelmente em forma libera mais de quatro newtons de força no ponto de impacto. Dá para imaginar o que

isso faz com o rosto de alguém. Ou com um espelho. Ele se parte em pedaços e se espatifa no chão. Porém, constatei com surpresa que havia uma parede vazia atrás. Nenhum espelho duplo, nada. Olhei para aquilo me perguntando se era eu que estava me estilhaçando.

De banho tomado e barbeado, voltei para o quarto e, de roupas limpas, sentei-me na cama e esperei. Ninguém apareceu. Fui bater na porta e descobri que estava destrancada. Ah, que ótimo, pensei. Agora a confiança atingia um nível quase total. Ou isso, ou, como em um episódio de *Além da imaginação*, eu descobriria que a casa estava vazia e que ninguém morava ali havia anos.

Fui até a sala de estar. Eu nunca estivera ali antes, mas foi naquele cômodo que encontrei toda a equipe, cerca de quarenta pessoas, sorrindo para mim. Por um momento terrível, pensei que começariam a bater palmas. O líder do grupo, um sujeito com um rosto que parecia ter sido montado com peças de reposição, disse algo que não consegui entender direito. Então, Sutiã Maravilha estendeu a mão para mim, dizendo que aquilo era apenas um trabalho, torcendo que não houvesse ressentimentos.

Estava prestes a sugerir que ela fosse comigo para o andar de cima, onde eu a contemplaria com atos de violência, alguns deles de natureza cada vez mais sexual, mas o líder da equipe disse em seguida algo que me fez parar e concluir que tais pensamentos eram indignos de alguém que recebera uma carta escrita à mão do presidente dos Estados Unidos. A missiva repousava sobre uma mesa e me sentei para lê-la. Sob um impressionante selo azul e dourado, ela informava que uma investigação completa e exaustiva me inocentara de todas as acusações. O presidente me agradeceu pelo que chamou de grande coragem “acima e além do exercício da função”.

“Em território hostil, longe de ajuda ou segurança, e diante da necessidade de uma ação imediata, você não hesitou e nem considerou primeiro o seu bem-estar pessoal”, escreveu ele.

O presidente disse que, embora fosse impossível que o público tomasse conhecimento das minhas ações, tanto ele quanto o país em geral estavam profundamente agradecidos pelo serviço que eu realizara. Em algum ponto, ele também usou a palavra “herói”.

Fui até a porta. Senti os olhos de todos se voltarem para mim, mas quase não notei. Saí e caminhei pelo gramado, com vista para a paisagem desolada. “Inocentado de todas as acusações”, dizia a carta. Pensar nisso, e na outra palavra que ele usara, desencadeou uma série de emoções dentro de mim. Fiquei imaginando o que Bill e Grace teriam pensado: será que sentiriam o orgulho que durante tanto tempo eu lhes negara?

Ouvi os pneus de um carro atravessarem o longo caminho de brita e pararem diante da casa, mas o ignorei. E quanto à mulher morta em Detroit, aquela com os mesmos chamativos olhos azuis que os meus? Ela me amara, eu tinha certeza disso, mas era algo estranho, já que eu mal

a conhecia. O que minha mãe sentiria se eu pudesse dizer isso a ela?

Fiquei ali, de pé, os ombros curvados contra o vento e os detritos emocionais girando ao meu redor, até que ouvi uma porta se abrir. Virei-me e vi o líder da equipe e Sutiã Maravilha na varanda. Com eles estava um homem mais velho que acabara de chegar no carro, que eu conhecera havia muito tempo. Seu nome não importa — por regra, ninguém nunca o ouvira. Ele era o diretor da Divisão.

Lentamente, ele desceu os degraus e veio até mim.

— Você leu a carta? — perguntou.

Assenti. Ele pousou a mão no meu braço e apertou um pouco. Era sua maneira de agradecer. Acho que ele sabia que quaisquer palavras que dissesse teriam pouca chance de competir com aquele selo azul e dourado.

Então, ele acompanhou meu olhar pela paisagem erma e falou sobre o homem que eu matara:

— Se você ignorar a traição no final, ele era um bom agente. Um dos melhores.

Eu o encarei.

— É uma maneira de ver as coisas — respondi. — Se você ignorar a bomba, 6 de agosto provavelmente foi um dia agradável em Hiroshima.

— Meu Deus, Eddy! Estou fazendo o que posso aqui, tentando encontrar algo de positivo. Ele era meu amigo.

— Era meu amigo também, diretor — respondi sem rodeios.

— Eu sei, eu sei, Eddy — refutou ele, contendo-se. É incrível o que uma carta do presidente pode fazer. — Já falei várias vezes que estou feliz por ter sido você e não eu a fazer o trabalho. Mesmo quando eu era mais jovem, não sei se poderia ter feito aquilo.

Não argumentei. Até onde eu sabia, ele teria levado uma metralhadora para a Disney se achasse que isso o beneficiaria em sua carreira.

Ele ergueu o colarinho para se proteger do vento e informou que queria que eu voltasse para Londres.

— Verifiquei com todos que precisam assinar. A decisão foi unânime. Eu o estou nomeando como o novo Navegante.

Não falei nada, apenas olhei os campos devastados durante um longo tempo, entristecido pelas circunstâncias e pelas duas meninas. Eu tinha vinte e nove anos e era o mais jovem Navegante a assumir o cargo.

CAPÍTULO OITO

Londres nunca fora mais bonita do que na noite em que cheguei: a Catedral de São Paulo, o Palácio de Westminster e todas as outras antigas cidadelas do poder e da grandeza erguendo-se como esculturas em contraste com o céu vermelho e crepuscular.

Fazia menos de vinte horas desde que eu fora promovido, e tinha viajado sem descansar. Estava enganado sobre a localização da casa de fazenda: ficava em Black Hills, Dakota do Sul, ainda mais longe do que imaginara. De lá, fiz uma viagem de duas horas até o aeroporto mais próximo, onde um jato particular me levou para Nova York para fazer conexão em um voo transatlântico da British Airways.

Um SUV da Ford — com três anos de quilometragem e sujo de barro para parecer comum — me pegou no aeroporto de Heathrow e me levou até Mayfair. Era uma noite de domingo e havia pouco tráfego, mas, mesmo assim, o progresso foi lento. O veículo era blindado e o peso extra tornava a direção mais difícil.

O sujeito que lutava contra o volante enfim pegou um beco sem saída perto da South Audley Street e vimos o portão da garagem de uma casa elegante. Entramos na garagem subterrânea de um edifício que, de acordo com a placa de bronze aparafusada à porta da frente, era a sede europeia do Fundo de Investimento das Ilhas Baleares.

Uma placa mais abaixo anunciava ao público que as visitas só podiam ser agendadas por telefone. Nenhum número era informado e, se alguém quisesse verificar, veria que a lista telefônica não tinha registro daquele endereço. Desnecessário dizer que ninguém jamais ligou.

Peguei o elevador do subsolo até o último andar e entrei no que sempre fora a sala do Navegante: uma grande área com piso de tábuas corridas e sofás brancos, mas sem janelas ou luz natural.

O edifício tinha um núcleo de concreto, e foi dessa célula dentro de outra célula que comecei a tentar desvendar a rede de fraudes do meu predecessor. Mais tarde, naquela primeira noite, liguei para números de telefone secretos que nem as operadoras conheciam e reuni uma equipe especial de criptógrafos, analistas, arquivistas e agentes de campo.

Apesar do que os governos podem alegar, nem todas as guerras são travadas com correspondentes ou sob o brilho das câmeras dos noticiários vinte e quatro horas. No dia

seguinte, o novo Navegante e seu pequeno grupo de guerrilheiros iniciaram a própria campanha na Europa, lutando contra o que acabou se revelando a mais grave violação da Comunidade de Inteligência dos Estados Unidos desde a Guerra Fria.

Tivemos algumas grandes vitórias, mas — apesar de, com o tempo, os corpos dos inimigos começarem a se acumular como lenha na fogueira — eu ainda não conseguia dormir. Certa noite, perseguindo uma pista falsa em Praga, andei durante horas pela Cidade Velha e me forcei a fazer um balanço de como estávamos. De acordo com meus próprios padrões, descartadas todas as complicações, eu tinha falhado. Após trabalhar de maneira incessante durante vinte meses, ainda não conseguira descobrir o método pelo qual os russos estavam pagando os nossos agentes que foram corrompidos — os traidores, em outras palavras.

O rastro do dinheiro permanecia misterioso e, a menos que conseguíssemos segui-lo, nunca saberíamos o quanto a infecção se espalhara. Como consequência, resolvi lançar mão de tudo o que tínhamos para resolver o problema, mas, no fim, nada disso importou: foi um tímido contador juramentado e uma dose de sorte que veio em nosso socorro.

Em Londres, vasculhando uma última vez o monte de material apreendido na casa do meu predecessor antes que ele desaparecesse nos arquivos da Divisão, o contador encontrou uma lista de supermercado escrita à mão, presa na parte de trás de um talão de cheques. Prestes a descartá-la, ele a virou e viu que a lista estava escrita no verso de um boleto de remessa da FedEx, o que era estranho, porque nenhuma de nossas investigações revelaram qualquer evidência de uma conta na FedEx. Intrigado, ele ligou para a empresa e descobriu diversas retiradas daquele endereço, todas pagas em dinheiro.

Apenas uma acabou se revelando interessante: uma caixa de charutos cubanos caríssimos enviada para o luxuoso hotel Burj Al Arab, em Dubai. Logo verificou-se que o nome do destinatário no recibo da FedEx era falso, o que representaria um beco sem saída, não fosse o inesperado golpe de sorte. Uma mulher que trabalhava com o contador havia sido agente de viagens e sabia que todos os hotéis dos Emirados Árabes são obrigados a fazer uma cópia do passaporte de cada hóspede.

Liguei para o hotel sob o disfarce de um agente especial do FBI ligado à Interpol e convenci o gerente a verificar seus arquivos e me passar os dados do passaporte do hóspede que esteve na suíte 1608 na data em questão.

Acabamos descobrindo que o hóspede se chamava Christos Nikolaides. Um nome elegante para um homem desprezível.

CAPÍTULO NOVE

Todos concordavam em um ponto: Christos teria sido bonito se não fosse a sua estatura. A pele olivácea, o cabelo escuro, indisciplinado, e os belos dentes não conseguiam superar as pernas, que eram curtas demais para o seu corpo. Mas o dinheiro provavelmente ajudava, em especial com as mulheres com as quais ele gostava de sair, e Christos Nikolaides com certeza tinha muita grana.

Uma enxurrada de pesquisas no banco de dados da polícia demonstrou que ele era o cara: um verdadeiro marginal sem condenações, mas com participação significativa em três homicídios e uma série de outros crimes violentos. Tinha trinta e um anos, nacionalidade grega e era o filho mais velho de pais sem estudo que viviam na periferia de Tessalônica, no norte do país. É importante salientar: “sem estudo”, mas não idiotas. Isso eles certamente não eram.

Nas semanas seguintes, à medida que investigamos sua vida a fundo, a família dele se tornou cada vez mais interessante. Um clã unido de irmãos, tios e primos, chefiado pelo pai de Christos, Patros — o implacável patriarca de sessenta anos. Como se dizia em Atenas, ele tinha um “casaco pesado”, uma longa ficha criminal, mas que vinha acompanhado de grande sucesso material. Um ajuste na órbita de um satélite americano que monitorava os Bálcãs forneceu fotos que mostravam o complexo familiar em detalhes impressionantes.

Situado entre vários hectares de plantações de lavanda, o complexo de sete casas de luxo, piscinas e estábulos extravagantes era cercado por um muro de quatro metros de altura, e patrulhado por aquilo que acreditávamos serem albaneses armados com submetralhadoras Skorpion. O que era estranho, uma vez que a família estava no negócio de floricultura por atacado. Talvez roubo de flores fosse um problema maior no Norte da Grécia do que a maioria das pessoas poderia imaginar.

Especulamos que, assim como o Cartel de Medellín fizera na Colômbia, eles haviam adaptado as redes aérea e rodoviária necessárias para o transporte de um produto perecível como flores para incluir uma mercadoria muito mais rentável.

Mas o que uma família de traficantes gregos tinha a ver com o meu antecessor, e por que ele enviaria uma caixa de charutos para o filho mais velho dessa família em um hotel sete estrelas no Oriente Médio? Talvez o antigo Navegante fosse usuário de drogas e Christos, o seu

traficante pessoal. Mas isso não fazia muito sentido: os gregos definitivamente vendiam no atacado.

Eu estava prestes a abandonar a investigação, considerando-a um beco sem saída — talvez Christos e meu predecessor não passassem de canalhas amistosos — quando, por sorte, não consegui pegar no sono em uma sombria e típica noite de Londres. Do meu apartamento no distrito de Belgravia, olhei para os telhados pensando que talvez os dois já tivessem jantado juntos em um dos restaurantes da região com boas críticas no guia Michelin. Então percebi que a resposta para o nosso problema mais difícil poderia estar bem à minha frente.

E se os russos não fossem os responsáveis pelo pagamento dos nossos agentes corruptos? Digamos que Christos Nikolaides e sua família fossem os responsáveis pelos pagamentos... mas por que fariam isso? Porque eles traficavam drogas para Moscou e essa seria a sua contribuição para que os russos, falidos, autorizassem a operação. Chama-se imposto sobre serviços.

Isso significava que os gregos estavam usando suas habilidades de lavagem de dinheiro para transferir fundos das próprias contas para as dos nossos traidores, e as agências de inteligência russas não iriam aparecer em parte alguma do processo. Em tal cenário, alguém que tivesse recebido um grande pagamento, como o Navegante, podia enviar uma caixa de charutos caríssimos para o homem que acabara de lhe dar o dinheiro: Christos Nikolaides, de férias em Dubai.

Desisti da ideia de dormir, voltei para o escritório e, com a ajuda do governo grego, iniciei uma intensa investigação dos acordos financeiros ultrassecretos da família Nikolaides.

Foram as informações descobertas durante esse processo que me levaram à Suíça e às ruas tranquilas de Genebra. Apesar da reputação de limpeza do lugar, aquela cidadezinha é uma das mais imundas que já vi.

CAPÍTULO DEZ

Os escritórios do banco privado mais secreto do mundo ficam atrás de uma fachada anônima de calcário no centro do *Quartier des Banques*, centro financeiro de Genebra. Não há nome exposto, mas o Clément Richeloud & Cie ocupa o mesmo edifício há duzentos anos, contando entre os seus clientes inúmeros déspotas africanos, diversos criminosos de colarinho branco e os descendentes ricos de alguns proeminentes membros do Terceiro Reich.

O Richeloud também era o banco da família grega e, a meu ver, o único caminho a ser seguido. A instituição teria de ser persuadida a nos dar uma lista das transações da família Nikolaides nos últimos cinco anos, documentos que mostrariam se Christos atuava como tesoureiro dos russos e, em caso afirmativo, quais americanos estavam na folha de pagamento.

É claro que poderíamos solicitar uma petição judicial, mas o Richeloud afirmaria, com razão, que era ilegal divulgar qualquer dado devido às leis de sigilo bancário do governo suíço — legislação que tornava a Suíça o país favorito dos tiranos e criminosos.

Foi por isso que entrei em contato com o banco dizendo ser um advogado estabelecido em Mônaco que representava militares paraguaios. Cheguei à portaria de mármore preparado para discutir uma série de questões financeiras altamente confidenciais. Carregando uma maleta cheia de documentos falsos e a expectativa de depósitos no valor de centenas de milhões de dólares, sentei-me em uma sala de reunião repleta de falsas antiguidades e esperei pelo sócio-gerente do banco.

A reunião acabou se revelando um dos eventos mais memoráveis da minha carreira — não por causa de Christos Nikolaides, mas por uma lição que aprendi. A aula começou com a abertura da porta de painéis de carvalho.

É justo dizer que muito do meu trabalho tem sido como remar em uma vala de esgoto a bordo de um barco com fundo de vidro, mas, mesmo dentro de padrões tão baixos, Markus Bucher se destacava. Apesar de ser pregador leigo na austera catedral calvinista de Genebra, estava afundado em sangue e merda até o pescoço, como a maioria de seus colegas de profissão. Na ocasião, com cerca de cinquenta anos, poderíamos dizer que ele acabara de fazer um *home run*, aquela jogada do beisebol na qual o rebatedor consegue circular por todas as bases. Bucher tinha uma grande propriedade em Cologny com vista para o lago e um Bentley

na garagem. Contudo, uma vez que ele começara a jogada na segunda base, aquilo não representava de fato uma grande conquista: sua família era o maior acionista daquele banco de capital fechado.

Ele fez questão de ressaltar o fato de que a sala em que estávamos era à prova de som, de acordo com “normas da agência de inteligência dos Estados Unidos”, mas não mencionou a câmera escondida que eu percebera na moldura de um retrato na parede. O aparelho fora posicionado de modo a filmar por sobre o ombro do cliente e registrar quaisquer documentos que ele pudesse estar segurando. Apenas por implicância, casualmente arrumei as cadeiras de modo que a lente só pudesse enquadrar a parte de trás da minha pasta. Amadores, pensei.

Enquanto Bucher analisava os documentos falsos, provavelmente imaginando as comissões que poderia vir a ganhar com somas tão altas, olhei para o meu relógio: meio-dia e cinquenta e sete, quase hora do almoço.

Infelizmente para a família Nikolaides, eles se esqueceram de um fato importante ao canalizar cada vez mais dinheiro no Richeloud: a filha única de Bucher também era do ramo bancário. Aos vinte e três anos e sem muita experiência com homens ou com o mundo, ela trabalhava no setor mais respeitável do negócio: o Credit Suisse, em Hong Kong.

Chequei meu relógio mais uma vez: meio-dia e cinquenta e oito. Inclinei-me para a frente e disse com calma para Bucher:

— Eu não conheço ninguém na merda das forças armadas do Paraguai.

Ele olhou para mim, confuso. Então riu, pensando que aquilo era um exemplo do senso de humor americano. Assegurei-lhe que não era.

Forneci o nome completo de Christos, o que eu acreditava ser o número de sua conta e informei que queria uma cópia dos registros bancários dele, da família e das empresas associadas nos últimos cinco anos. Em um canto sombrio da minha mente, eu esperava estar certo sobre tudo aquilo, ou pagaria um preço altíssimo. Mas não havia como voltar atrás.

Bucher levantou-se, com a indignação inflando seu peito, vociferando contra as pessoas que ganhavam acesso ao banco sob falsos pretextos, dizendo que percebera de imediato que os documentos eram falsos, que apenas um americano poderia pensar que um banqueiro suíço divulgaria tais informações, mesmo que as tivesse. Ele veio na minha direção e percebi que estava prestes a ter uma honra singular, negada a tantos ditadores e genocidas: eu estava prestes a ser expulso de um banco suíço.

Era uma hora em ponto. Ele fez uma pausa e seus olhos se voltaram para a mesa. Junto aos papéis, seu celular pessoal — um número que ele acreditava ser conhecido apenas por seus parentes mais próximos — vibrava. Assisti em silêncio enquanto ele lançava um olhar para o número que aparecia na tela do aparelho. Decidido a resolver aquilo mais tarde, Bucher se

virou para mim, usando a indignação como armadura.

— São oito horas da noite em Hong Kong — falei, sem me ajeitar na cadeira, pronto para quebrar o braço dele caso o banqueiro tentasse me tocar.

— O quê?! — retrucou ele, sem compreender.

— Em Hong Kong — repeti mais devagar —, já é tarde.

Vi um lampejo de medo em seus olhos quando ele entendeu o que eu dissera. Bucher me encarou, cercado por perguntas que não sabia responder: como diabo eu sabia que era uma ligação de Hong Kong? Ele se voltou e pegou o telefone.

Olhei-o fixamente enquanto ele verificava que não apenas eu estava certo ao afirmar que era uma ligação de Hong Kong, mas que também sua filha — tentando evitar demonstrar o pânico em sua voz — estava enfrentando um grande problema. Podia ser apenas hora do almoço em Genebra, mas para Markus Bucher o dia ficava cada vez mais sombrio.

Aparentemente, duas horas antes todas as redes de comunicação dentro do luxuoso prédio da filha dele sofreram uma pane geral: telefone, TV a cabo, Wi-Fi, DSL de alta velocidade, tudo parara de funcionar. Diversas equipes da Hong Kong Telecom tentaram encontrar o defeito. Uma dessas equipes de manutenção — três homens, todos vestindo macacões brancos e usando os crachás da empresa de telecomunicações — entrou no apartamento de Clare Bucher.

No momento em que ligou para o pai, ela já havia percebido que talvez aqueles homens não fossem quem diziam ser. Sua primeira pista foi que dois deles não pareciam falar chinês. Na verdade, soavam como americanos. A segunda dizia respeito aos equipamentos de comunicação. Embora ela não entendesse muito sobre o assunto, tinha certeza de que você não precisa de uma pistola Beretta 9mm estilo OTAN equipada com silenciador para corrigir um defeito na linha.

Observei o rosto do homem assumir um tom pálido pouco saudável enquanto sua filha explicava a situação. Ele olhou para mim com uma mistura de ódio e desespero.

— Quem é você? — indagou tão baixo que soava quase inaudível.

— Até onde sei, sou a única pessoa no mundo que pode ajudá-lo — respondi. — Por sorte, o chefe da Hong Kong Telecom me deve um favor. Digamos apenas que eu o ajudei na licitação de um contrato bem-sucedido de telefonia no Paraguai.

Naquele momento, pensei que ele ia me atacar, de modo que eu estava pronto a agredi-lo com força caso fosse necessário, e continuei.

— Tenho certeza de que, sob as circunstâncias certas, posso ligar e pedir para que os técnicos se desloquem para outro lugar.

De algum modo Bucher conseguiu se controlar. Ele olhou para mim, mais perdido do que

imaginara ser possível, em uma encruzilhada que determinaria o restante de sua vida.

Percebi a raiva no rosto do homem: ele não podia abandonar a filha, mas tampouco devia desrespeitar tudo aquilo em que acreditava. Bucher estava paralisado, e eu tinha que ajudá-lo a tomar a decisão correta. Como já disse, aquela foi uma manhã terrível.

— Devo dizer apenas o seguinte: se você decidir não cooperar e os técnicos tiverem de eliminar a sua filha, não posso interferir no que eles venham a fazer com ela antes de matá-la, se é que você me entende. Está fora do meu alcance.

Eu não queria usar a palavra “estupro”; não para um pai. Ele não respondeu, apenas se virou para o lado e vomitou no chão. Limpou a boca com a manga da camisa e ergueu-se, trêmulo.

— Vou pegar os registros — disse ele, avançando de forma estabanada em direção a eles.

Algumas pessoas dizem que o amor é fraco, mas estão erradas: o amor é *forte*. Para quase todo ser humano, supera todo o resto: patriotismo e ambição, religião e educação. E de todos os tipos de amor — do épico ao pequeno, do nobre ao básico —, aquele que um pai sente por um filho é o maior de todos. Foi essa a lição que aprendi naquele dia, e serei eternamente grato por isso. Alguns anos mais tarde, nas profundezas das ruínas chamadas de Teatro da Morte, aquilo salvou tudo.

Quando agarrei o braço dele, Bucher já estava a meio caminho da porta, disposto a entregar tudo, desesperado para salvar a filha.

— Pare! — exclamei.

Ele se voltou para mim, à beira das lágrimas.

— Você acha que vou chamar a polícia? — gritou. — Com seus “técnicos” ainda no apartamento dela?!

— Claro que não — respondi. — Você não é idiota.

— Então deixe-me pegar os registros, pelo amor de Deus!

— O que impede que você me entregue registros falsos ou de outro cliente? Não, vamos consultar o computador juntos.

Ele balançou a cabeça, em pânico.

— Impossível. Ninguém é admitido nos escritórios internos. Os funcionários vão perceber.

Era verdade, exceto por uma coisa.

— Por que você acha que eu escolhi uma hora da tarde de uma sexta-feira de um feriado prolongado? — perguntei. — Estão todos na hora do almoço.

Peguei minha bolsa, segui-o para fora da sala de reuniões e vi quando ele usou um cartão de identificação criptografado para desbloquear a porta dos escritórios internos.

Nós nos sentamos diante de um computador. Ele colocou o dedo em um tipo de escâner para abrir o sistema e digitou o número da conta. Lá estavam: as páginas dos supostamente

secretos registros bancários de Christos Nikolaides, ligados a uma matriz de outras contas da família. Em alguns minutos, imprimimos tudo.

Olhei para as páginas por um longo tempo — os registros de tanta corrupção e morte. A família era bilionária, ou perto disso, mas os documentos também provavam sem sombra de dúvida que Christos era o tesoureiro dos russos. Mais do que isso: assim como eu esperava, revelavam o restante do empreendimento. Transferências regulares para outras contas no banco mostraram os nomes de seis dos nossos agentes que eu jamais imaginaria serem traidores.

Dois deles eram agentes do FBI envolvidos em contraespionagem e os outros quatro eram diplomatas de carreira em embaixadas dos Estados Unidos na Europa — incluindo uma mulher com a qual eu já dormira. Para o que eles fizeram havia apenas uma punição. Em algum lugar no meu coração, eu esperava que arranjassem bons advogados e conseguissem reduzir suas penas para prisão perpétua. Não acredite no que dizem: é terrível ter a vida de outra pessoa na palma de sua mão.

Assim, foi com menos satisfação do que esperava que guardei o material em minha pasta e me voltei para Bucher. Disse para ele que, em duas horas, eu ligaria para o chefe da Hong Kong Telecom e mandaria os técnicos embora. Levantei-me e, dadas as circunstâncias, decidi não lhe estender a mão. Saí sem dizer mais nada, deixando-o sozinho — o terno manchado de vômito, uma mão trêmula tentando decidir se as palpitações que sentia no peito eram apenas nervosismo ou algo muito mais grave.

Não tinha certeza se aquele homem se recuperaria e talvez até poderia ter sentido alguma solidariedade por ele, se não fosse por um estranho evento ocorrido durante minha infância.

Acompanhado por Bill Murdoch, eu fizera uma viagem até um povoado francês chamado Rothau, na fronteira com a Alemanha. Vinte anos e incontáveis aventuras se passaram desde então, mas, de certa forma, parte de mim nunca deixou aquele lugar — ou talvez seja mais apropriado dizer que parte dele jamais me deixou.

CAPÍTULO ONZE

Se alguma vez você estiver na parte do mundo onde a França e a Alemanha se encontram e quiser ficar com o coração despedaçado, siga a estrada sinuosa do povoado através de florestas de pinheiros até a base das montanhas dos Vosges.

Mais cedo ou mais tarde, você chegará a um lugar bem isolado chamado Natzweiler-Struthof. Era um campo de concentração nazista, quase esquecido hoje em dia, nunca incluído nos tours tristeza-com-um-guia, como Auschwitz e Dachau. Você sai da floresta de pinheiros e encontra uma simples placa de estrada rural em um cruzamento: uma seta aponta para um bar local, outra para a câmara de gás. Não, não estou brincando.

Dezenas de milhares de prisioneiros passaram pelos portões do campo, mas essa não é a pior parte. A pior parte é que quase ninguém ouviu falar sobre isso — toda aquela dor não é grande o bastante para ser registrada na escala Richter do século XX. Outra maneira de medir o progresso, creio.

Eu tinha doze anos quando estive ali. Eram férias de verão e, como de costume, Bill e Grace reservaram uma suíte no hotel Georges V em Paris por quase todo o mês de agosto. Ambos tinham interesse em arte. Ela gostava das obras dos Antigos Mestres, que indicavam às pessoas que entravam na nossa casa que aquela era uma mulher rica e de bom gosto. Bill, graças a Deus, vivia no limiar — *dançava* no limiar grande parte do tempo. Nunca se sentia mais feliz do que quando encontrava uma nova galeria ou visitava o ateliê de um jovem artista.

Grace, completamente desinteressada, havia muito tempo o proibira de pendurar nas paredes qualquer uma das suas aquisições, e Bill piscava para mim e dizia: “Ela tem razão. Seja o que for, você não pode chamar isso de arte. Eu chamo de caridade. Alguns fazem doações para a United Way, eu apoio artistas famintos.”

Mas, mesmo com as piadas, ele sabia o que estava fazendo. Anos mais tarde, percebi que ele tinha um olhar aguçado, algo estranho, uma vez que era completamente leigo no assunto e o único interesse da família dele eram produtos químicos. O nome de solteira da sua mãe era DuPont.

Em nossa segunda semana em Paris, Bill recebeu um telefonema de um sujeito de Estrasburgo que dizia ter uma coleção de desenhos de Robert Rauschenberg que datavam de

quando o grande artista pop era um fuzileiro naval desconhecido. No dia seguinte, pegamos um avião apenas com uma bolsa de viagem contendo roupas para o fim de semana, deixando Grace sozinha para saciar a sua segunda maior paixão: fazer compras na Hermès.

E foi assim que, após Bill comprar os desenhos, nos vimos em Estrasburgo em um domingo sem mais nada para fazer.

— Acho que poderíamos ir até as montanhas dos Vosges — disse ele. — Provavelmente Grace diria que você é jovem demais para isso, mas há um lugar que acho que deveria conhecer. Às vezes, a vida pode parecer difícil, e é importante mantermos as coisas em perspectiva.

Bill conhecia o Natzweiler-Struthof por conta do pai, que fora um tenente-coronel do Sexto Exército dos Estados Unidos em campanha na Europa. O coronel chegara ao campo logo após a SS tê-lo abandonado, e foi dada a ele a tarefa de escrever um relatório que acabou no tribunal de crimes de guerra em Nuremberg.

Eu não sabia se Bill tinha lido o relatório do pai, mas encontrou a estrada sinuosa sem nenhum problema e chegamos ao estacionamento do lugar pouco antes do meio-dia em uma ensolarada tarde de verão. Devagar, entramos na casa da morte.

O campo fora preservado como patrimônio histórico francês porque muitos membros da Resistência tinham morrido ali. Bill me mostrou o antigo hotel que os alemães haviam transformado em câmara de gás e crematório, com fornos e elevadores para os cadáveres.

Aquela foi uma das poucas vezes na minha vida que segurei a mão dele.

Passamos pela forca utilizada para execuções públicas, pela construção onde realizavam experiências médicas e chegamos ao alojamento de prisioneiros número um, que abrigava um museu. Lá dentro, entre velhos uniformes de prisioneiros e diagramas do sistema do campo de concentração, nos separamos.

Em um canto tranquilo nos fundos do local, perto de um grupo de beliches onde os fantasmas que nos cercavam pareciam ainda mais tangíveis, vi uma foto pendurada na parede. Na verdade, havia diversas fotografias do Holocausto, mas esta foi uma imagem que jamais me abandonou. Era em preto e branco e mostrava uma mulher baixa e atarracada atravessando um extenso caminho entre imponentes cercas eletrificadas. Pela luz, deveria ser o final da tarde e, como se dizia à época, a mulher estava vestida como uma camponesa.

Por acaso não havia guardas, cães ou torres de vigia na imagem, embora eu tivesse certeza de que estavam ali. Ela retratava apenas uma mulher solitária com um bebê nos braços e seus outros dois filhos segurando firmemente a barra de sua saia. Impassível, inabalável, apoiando suas vidas diminutas, amparando-os da melhor maneira que uma mãe poderia, ela os levava para a câmara de gás. Era quase possível ouvir o silêncio, sentir o cheiro do terror.

Olhei para aquilo, ao mesmo tempo engrandecido e arrasado pela austera imagem de uma família e pelo amor infinito de uma mãe. Uma baixa voz interior, a voz de uma criança, ficava me dizendo algo que nunca mais esqueci: eu gostaria de tê-la conhecido. Então, uma mão pousou em meu ombro. Era Bill, que viera atrás de mim. Podia ver em seus olhos que ele andara chorando.

Arrasado, ele apontou para as pilhas de sapatos e pequenos objetos como escovas de cabelo que os prisioneiros deixaram para trás.

— Nunca me dei conta do quanto as coisas comuns podem ser poderosas — disse ele.

Finalmente, atravessamos um caminho dentro dos limites da antiga cerca eletrificada até os portões de saída. Enquanto caminhávamos, ele me perguntou:

— Você viu a parte sobre os ciganos?

Balancei a cabeça. Não.

— Em termos percentuais, eles perderam ainda mais do que os judeus.

— Não sabia disso — falei, tentando parecer adulto.

— Nem eu — respondeu ele. — Os ciganos nem chamam de Holocausto. Em seu idioma, eles têm outro nome para o evento, que significa “devorar”.

Andamos o restante do caminho até o carro em silêncio e voamos de volta para Paris naquela noite. Por meio de um acordo implícito, nunca dissemos nada para Grace sobre aonde havíamos ido. Acho que ambos sabíamos que ela nunca entenderia.

Meses depois, algumas noites antes do Natal, desci a escadaria da tranquila casa em Greenwich e tive que me deter por causa de vozes enfurecidas.

— Cinco milhões de dólares? — dizia Grace, incrédula. — Bem, faça o que quiser. O dinheiro é seu.

— É isso mesmo, pode ter certeza disso — concordou Bill.

— O contador diz que vai para um orfanato na Hungria — falou ela. — Isso é outra coisa que não entendo: o que você sabe sobre a Hungria?

— Não muito. Aparentemente é a terra natal de muitos ciganos. É para um orfanato cigano — disse ele, mais ou menos tranquilo.

Grace olhou para Bill como se ele fosse louco.

— Ciganos? *Ciganos*?!

Em seguida, eles se voltaram e me viram à porta. Os olhos de Bill encontraram os meus e ele percebeu que eu entendera. *Porrajmos*, como os ciganos dizem em romani: a Devoração.

Após aquele Natal, fui matriculado na Caulfield Academy, uma escola de ensino médio realmente esnobe que tinha orgulho de “oferecer a cada aluno meios para viver uma vida plena”. Considerando as caríssimas mensalidades, esse aspecto provavelmente já estava

garantido. Você precisava ter umas seis gerações abastadas em seu passado para poder entrar pelo portão.

Em minha segunda semana ali, estávamos fazendo um curso para melhorar as nossas habilidades de oratória — apenas a Caulfield Academy poderia ter a ideia de ministrar aulas desse tipo. O tema escolhido fora a maternidade, e passamos trinta minutos ouvindo garotos falarem sobre o que suas mães tinham feito por eles, o que quase com certeza não era nada, e coisas engraçadas que aconteceram em suas casas de campo no sul da França.

Então fui chamado. Levantei-me, muito nervoso, e comecei a falar sobre a floresta de pinheiros no verão e o longo caminho até as montanhas, e tentei explicar aquela foto que vira e como eu sabia que a mãe adorava seus filhos mais do que qualquer coisa no mundo, e havia aquele livro que eu lera, escrito por alguém cujo nome não me lembrava, mas onde havia a frase “a tristeza paira”, que era o que eu sentia a respeito daquela foto, e estava tentando expressar tudo isso quando as pessoas começaram a rir e a perguntar o que eu andara fumando, e até mesmo a professora, que era uma jovem que se achava sensível, mas não era, me disse para sentar e parar de divagar, e que talvez eu devesse pensar duas vezes antes de me candidatar a algum cargo político, o que fez todo mundo rir ainda mais.

Depois disso, nos cinco anos em que estive na Caulfield, nunca mais me levantei para falar em sala de aula, não importando quantos problemas essa rebeldia pudesse me trazer. Isso levou as pessoas a dizerem que eu era solitário, que havia algo de estranho a meu respeito, e acho que elas estavam certas. Quantas delas adotaram uma vida secreta ou acabaram matando metade das pessoas que eu assassinei?

O mais estranho é que, apesar de todas as dificuldades, e após mais de vinte anos, o tempo não apagou a lembrança daquela foto. Só a tornou mais nítida. Ela espera por mim antes de eu dormir e, por mais que tente, nunca fui capaz de tirá-la da minha mente.

CAPÍTULO DOZE

Eu estava pensando naquela foto outra vez quando saí pela porta da frente do Clément Richeloud & Cie sob o sol de Genebra. Claro, eu poderia ter sentido alguma compaixão por Markus Bucher e sua filha, mas não podia deixar de esquecer que foram banqueiros suíços como Bucher e sua família que apoiaram e ajudaram a financiar o Terceiro Reich.

Não tenho dúvidas de que a mãe na foto e milhões de outras famílias presas nos vagões de gado teriam aceitado trocar, com prazer, as poucas horas de desconforto dos Bucher pelo que acabaram passando. Era como Bill me dissera havia tantos anos: é importante manter as coisas em perspectiva.

Pensando na história sombria inerente à maior parte da riqueza oculta de Genebra, desci a rue du Rhône, dobrei à direita, parei perto da entrada da Cidade Velha e fiz uma ligação criptografada para uma ilha grega no meu celular.

Os registros bancários na pasta que agora eu trazia algemada ao pulso eram a sentença de morte de Christos Nikolaides. E, no mundo em que eu vivia, não havia recursos ou embargos de última hora para as execuções. Como ficou comprovado, matá-lo não foi um erro, mas a forma como o fiz com certeza foi.

Havia cinco matadores em Santorini — três homens e duas mulheres — esperando a minha ligação. Com seu porto de águas azul-celeste, suas casas ofuscantemente brancas ao longo das colinas e burros transportando os visitantes até joalherias, é a mais bela de todas as ilhas gregas.

Usando camisa de algodão e calça capri, a equipe era invisível entre os milhares de turistas que visitavam o lugar todos os dias. As armas estavam nos estojos de suas câmeras.

Meses antes, à medida que a misteriosa família Nikolaides se tornava cada vez mais evidente aos nossos olhos, começamos a nos interessar por um antigo quebra-gelo chamado *Arctic N*. Registrado na Libéria, era uma embarcação de trezentos pés capaz de suportar quase todos os tipos de ataque e que fora dispendiosamente convertida em um cruzador de luxo, contando a bordo com um heliporto e uma garagem para uma Ferrari. Supostamente equipado para fazer cruzeiros no Mediterrâneo para a superelite, o navio sempre tivera apenas um cliente: Christos Nikolaides e sua comitiva de garotas, puxa-sacos, sócios comerciais e guarda-

costas.

Durante todo o verão monitoramos a embarcação via satélite, e enquanto estávamos em Grozny e Bucareste perseguindo traidores e traficantes de drogas, vimos aquela festa interminável se mudar de Saint-Tropez para Capri até finalmente atracar junto ao vulcão extinto que compreende o porto de Santorini.

E ali o navio permaneceu. Nikolaides e seus convidados deixando o imenso convés todos os dias para ir a restaurantes e boates da cidade.

Enquanto isso, a meio continente dali, eu esperava na esquina de uma rua em Genebra que uma ligação fosse atendida. Quando isso aconteceu, disse três palavras para um homem sentado em um café no topo de um penhasco.

— É você, Reno? — perguntei.

— Número errado — disse ele, e desligou.

Jean Reno era o nome do ator que interpretou o assassino no filme *O profissional*, e o líder da equipe no café sabia que isso significava morte.

Ele acenou para seu colega, que imediatamente chamou os outros três agentes, que se encontravam sentados entre os turistas em outros cafés. Os cinco se encontraram perto do belo bar e restaurante Rastoni, parecendo um grupo de ricos turistas europeus reunidos para o almoço. As duas mulheres da equipe eram as atiradoras primárias, e esse, infelizmente, foi o meu erro.

Pouco antes das duas da tarde, o restaurante ainda cheio, meus supostos turistas entraram. Os três homens negociaram uma mesa com o atarefado gerente, enquanto as mulheres iam até o bar, para checarem ostensivamente sua maquiagem nos espelhos. Na verdade, elas observavam, no reflexo, a posição de cada pessoa naquele espaço abobadado.

Christos e sua legião — três guarda-costas albaneses e um grupo de garotas a respeito das quais sua mãe provavelmente já o advertira — estavam sentados em uma mesa voltada para o porto.

— Tudo pronto? — perguntou uma das nossas mulheres para seus colegas em um italiano aceitável. Soou como uma pergunta, mas era, na verdade, uma afirmação. Os homens assentiram.

As mulheres abriram as bolsas, guardando seus batons e estendendo a mão até os estojos das câmeras. Ambas sacaram suas SIG P232 de aço inoxidável e se voltaram em um pequeno ângulo.

Os guarda-costas de Christos, com calças jeans True Religion, suas camisetas sem mangas e pistolas automáticas tchecas não tiveram a menor chance contra profissionais de verdade. Dois deles nem sequer se deram conta do que estava acontecendo — a única coisa que ouviram foi o

som de ossos se quebrando quando as balas atingiram suas cabeças e seus peitos.

O terceiro guarda-costas conseguiu se levantar, uma estratégia que só resultou em torná-lo um alvo maior para o líder da minha equipe. Isso demonstra quão competente ele era. O agente o atingiu com três balas, o que era desnecessário, já que a primeira praticamente explodiu seu coração ao atingir as costas.

Como é normal nessas situações, um monte de gente começou a gritar, inutilmente. Uma dessas pessoas era Christos, tentando assumir o comando, acho, cambaleando na tentativa de se levantar, buscando a Beretta que guardava no cós da calça por baixo da camisa de linho.

Como diversos caras durões sem qualquer treinamento real, ele achava uma boa ideia manter a trava de segurança da arma destravada. Em meio ao pânico do tiroteio, ele puxou a pistola, levou o dedo ao gatilho e deu um tiro na própria perna. Lutando contra a dor e a humilhação, voltou-se para enfrentar seus agressores. O que viu foram duas mulheres de meia-idade com os pés tão bem plantados que — se houvesse uma banda ali — pareciam estar prestes a iniciar um estranho número de dança.

Em vez disso, as duas dispararam a uma distância de sete metros, duas balas cada uma. A maioria dos órgãos vitais de Christos — incluindo o cérebro — foram destruídos antes que ele caísse.

Imediatamente, os cinco agentes atiraram contra os espelhos, produzindo um barulho impressionante e o máximo de pânico. Clientes apavorados correram até as portas, um turista japonês tentou filmar a cena com seu celular e uma bala ricocheteada atingiu a nádega de uma das garotas de Christos. Como me disse mais tarde uma das nossas agentes, dada a forma como a garota estava vestida, na última vez que ela sentira tanta dor na bunda provavelmente estava sendo paga para isso.

Esse ferimento foi o único efeito colateral, o que, dado o número de pessoas no restaurante e a natureza imprevisível de qualquer homicídio, foi um feito notável.

Os agentes guardaram as armas, irromperam pela porta da frente em meio ao pânico e gritaram para que alguém chamasse a polícia. Em um local previamente combinado — uma pequena praça com chão de paralelepípedos —, eles se reagruparam e subiram em quatro Vespas, permitidas apenas aos residentes, mas obtidas no começo do dia em troca de um grande pagamento para uma oficina local. A equipe acelerou através das vielas estreitas da cidade e o líder do grupo usou o celular para ligar para duas lanchas que esperavam em uma enseada próxima.

Em três minutos, os matadores chegaram a um teleférico panorâmico que oferecia uma alternativa muito mais rápida de descida do que os burros. Demorou menos de dois minutos para chegarem até a enseada, a trezentos e cinquenta metros abaixo de onde estavam, e as

lanchas já os esperavam no cais. A equipe estava a meio caminho da ilha vizinha, atravessando a água azul cintilante em uma nuvem de espuma branca, quando os primeiros policiais chegaram ao Rastoni.

Para a diversão e o deboche dos policiais gregos, eles rapidamente descobriram que Christos, o primogênito e filho mais amado de Patros Nikolaides, fora assassinado a tiros por duas mulheres usando calças capri e óculos escuros da Chanel. E esse foi o meu erro — não o assassinato dele, mas as mulheres. Eu realmente não tinha pensado naquilo, apenas enviei as melhores pessoas para o trabalho, mas, como venho reaprendendo toda vez, são os pressupostos não questionados que sempre acabam traindo você.

Nas aldeias do norte da Grécia, onde as decisões são tomadas por um conselho formado apenas por homens, o fato de alguém ter mandado mulheres executarem o trabalho era, de certa forma, pior do que o assassinato. Era um *insulto*. Para o velho, era como se os matadores estivessem lhe dizendo que Christos era um *castrato* que nem sequer merecia um assassino do sexo masculino.

Era possível que Patros, o implacável patriarca, decidisse deixar sua vila em busca de vingança de qualquer maneira, mas quando soube das circunstâncias, por sua dignidade de homem, por sua *honra* — esqueça isso, considerando seu passado, ele nunca teve nem uma coisa nem outra —, acreditou não ter outra escolha.

A agente também estava errada quanto à outra vítima: apesar da roupa provocante, ela não era prostituta e, sim, a irmã mais nova de Christos. Como eu viria a saber mais tarde, aquela fora uma das poucas vezes que ela estivera relativamente careta e sóbria no Rastoni. Enquanto os outros clientes corriam para as saídas, ela se arrastou pelo vidro estilhaçado, inclinando-se sobre o irmão, tentando convencê-lo a não morrer.

Percebendo que aquilo não daria certo, ela pegou o celular e fez uma ligação. Apesar de todos os seus anos de sexo incansável, ligou para o único homem de verdade que existia em sua vida: o pai. Como resultado, Patros e sua falange de albaneses tiveram a confirmação do que o meu pessoal fizera naquela tarde antes mesmo de mim.

Dez minutos depois, ainda no lugar exato onde eu estava perto da Cidade Velha, recebi algo no celular. Era uma mensagem de texto informando o preço de um DVD do filme *O profissional* na Amazon, o que significava que Christos estava morto, que a equipe estava a salvo a bordo das lanchas e que não havia qualquer sinal de perseguição. Guardei o aparelho e olhei para o meu relógio. Dezoito minutos haviam se passado desde que eu ligara para iniciar a operação.

Nesse ínterim, eu havia dado ordens por telefone para que equipes menores prendessem os outros seis colaboradores, e agora os eventos que começaram vários anos antes na Praça

Vermelha estavam finalmente chegando ao fim. Suponho que eu poderia ter tido um momento de congratulação silenciosa, me permitir uma pequena sensação de triunfo, mas sou propenso à dúvida — infelizmente, estou sempre duvidando.

Enquanto ajeitava a minha pasta — um jovem e anônimo empresário em meio à multidão estrangeira e sem rosto —, lembrei-me de um orador e escritor britânico havia muito falecido. Edmund Burke disse que o problema com a guerra é que normalmente ela destrói as próprias coisas pelas quais se está lutando — justiça, decência, humanidade —, e não pude deixar de pensar em quantas vezes eu violara os mais caros valores de nossa nação a fim de protegê-los.

Perdido em pensamentos, fui até a pequena ponte que atravessava o rio. Do limite da Cidade Velha até o hotel em que eu estava hospedado era uma distância que podia ser vencida em oitocentos passos. Oitocentos passos, cerca de quatro minutos — em termos históricos, nem mesmo um piscar de olhos —, e, no entanto, naquele exato momento, todas as nossas almas estavam nas palmas das mãos de alguns loucos.

CAPÍTULO TREZE

O Hôtel du Rhône parecia deserto quando entrei. Os porteiros não estavam próximo às portas, o *concierge* não estava no seu posto e a recepção se encontrava vazia. O mais preocupante foi o silêncio. Gritei, e quando ninguém atendeu, fui até o bar que ficava em um dos lados do saguão.

Os funcionários estavam todos ali, de pé, assim como os clientes, observando uma TV. Faltavam alguns minutos para as três da tarde em Genebra, nove da manhã em Nova York. A data era 11 de setembro.

O primeiro avião acabara de bater na Torre Norte do World Trade Center e a filmagem era repetida diversas vezes. Uma dupla de âncoras começou a especular se poderiam ser terroristas contra os Estados Unidos, e esta teoria foi recebida com aplausos por vários suíços idiotas no bar. Falavam em francês, mas meus verões em Paris me tornaram fluente o bastante para entender que estavam elogiando a coragem e o engenho do responsável por aquilo.

Pensei nas pessoas em casa, em Nova York, assistindo àquela mesma imagem, sabendo que seus entes queridos estavam em algum lugar do prédio em chamas e rezando desesperadamente para que, de algum modo, conseguissem escapar. Talvez existam coisas piores do que assistir à sua família morrendo ao vivo na TV, mas, mesmo que houvesse, eu não conseguia pensar em nenhuma delas naquele momento.

Eu tinha uma arma no bolso — feita de cerâmica e plástico, projetada para enganar detectores de metal como os do escritório de Bucher — e estava com raiva suficiente para considerar usá-la.

Enquanto lutava contra as minhas emoções, o voo 175 da United Airlines vindo de Boston atingiu a Torre Sul. Aquilo fez com que todos na sala, até mesmo os idiotas, estremecessem. Minha memória é de que, depois de um grito inicial, o bar ficou em silêncio, mas isso pode não ser verdade. Tudo que sei é que eu tinha uma terrível sensação de mundos em colisão, da Grande República deslocando-se em seu eixo.

Sozinho, longe de casa, temia que nada voltaria a ser como antes: pela primeira vez na história, um inimigo não identificado tirara vidas em território americano. Não apenas isso, eles haviam destruído um ícone que, de certa forma, representava a própria nação —

ambicioso, moderno, sempre almejando mais alto.

Ninguém era capaz de imaginar a extensão do dano, mas naquele bar a vida estava fragmentada em momentos desarticulados — um telefone tocando sem que ninguém atendesse, um charuto queimando no cinzeiro, as imagens da TV alternando entre o passado imediato e o presente aterrorizante.

E, ainda assim, as pessoas permaneciam caladas. Talvez até mesmo os idiotas estivessem se perguntando, assim como eu, se haveria mais por vir. Onde terminaria? Na Casa Branca, em Three Mile Island?

Deixei a arma no bolso, abri caminho em meio à multidão que se reunira atrás de mim sem que eu percebesse e subi em um elevador vazio até o meu quarto. Fiz uma chamada para Washington, primeiro usando um telefone fixo convencional conectado a Londres e, em seguida, através do satélite Pine Gap, mas todas as comunicações na Costa Leste dos Estados Unidos estavam entrando em colapso por causa da sobrecarga do sistema.

Finalmente, liguei para uma estação de retransmissão da NSA, Agência de Segurança Nacional americana, no Peru, dei-lhes o código de prioridade do Navegante e consegui entrar em contato com a Divisão por meio de uma rede de satélites de emergência. Falei com o diretor em uma conexão com tanto eco que parecia que estávamos conversando dentro do vaso sanitário. Pedi que ele enviasse um avião para que eu pudesse retornar e perguntei como poderia ajudar.

O diretor disse que não havia nada que eu pudesse fazer e, de qualquer modo, ele acabara de saber através do Conselho de Segurança Nacional que todos os voos entrando ou saindo do país estavam prestes a ser detidos. Eu deveria ficar onde estava; ninguém sabia no que tudo aquilo daria. Não foi tanto o que ele disse que me assustou, mas sim o pânico em sua voz. Falou que tinha que ir — o prédio estava sendo evacuado, assim como a Casa Branca.

Desliguei o telefone e liguei a TV. Todos que estavam vivos naquele dia terrível sabem o que aconteceu: pessoas pulando de mãos dadas Deus sabe de que altura, a queda das duas torres, a poeira e as cenas apocalípticas no sul da ilha de Manhattan. Em casas, escritórios e salas de guerra de todo o mundo, as pessoas estavam vendo coisas que jamais esqueceriam. A tristeza paira.

E embora eu só viesse a saber disso muito tempo depois, ao ver os policiais e os bombeiros correndo para o que se tornaria o seu túmulo de concreto, havia uma pessoa que viu nesse turbilhão de caos a oportunidade de uma vida. Ela era uma das pessoas mais inteligentes que já conheci e, apesar dos meus muitos casos com outras substâncias, a inteligência sempre foi minha droga preferida. Apenas por isso, jamais a esquecerei. Independentemente do que as pessoas possam pensar da moralidade, não havia dúvida de que era preciso ser um gênio para

começar a planejar o assassinato perfeito no turbilhão do 11 de Setembro, e executá-lo muito tempo depois, em um pequeno hotel chamado Eastside Inn.

Enquanto ela armava seus planos sombrios, passei a noite assistindo a pessoas pularem até que, por volta das dez horas da noite de Genebra, a própria crise perdeu fôlego. O presidente já voava de volta para Washington vindo de um bunker na Base Aérea de Offutt, em Nebraska, o fogo no Pentágono estava sob controle e as primeiras pontes de Manhattan estavam sendo reabertas.

Mais ou menos ao mesmo tempo, eu recebia um telefonema de um assessor do Conselho de Segurança Nacional, que me informou que o governo tinha pistas que apontavam para um saudita, Osama bin Laden, e que os ataques contra suas bases no Afeganistão, realizadas sob o disfarce de um grupo de rebeldes chamado Aliança do Norte, já estavam em curso. Vinte minutos depois, tive notícias de explosões na capital afegã, Cabul, e soube que a chamada “guerra ao terror” começara.

Sentindo-me claustrofóbico e deprimido, saí para dar uma caminhada. A guerra contra o terror soava tão genérica quanto a guerra contra as drogas, e eu sabia por experiência própria o quanto fora bem-sucedida. As ruas de Genebra estavam desertas, os bares em silêncio, os bondes vazios. Ouvi mais tarde que o mesmo ocorria em outras cidades, de Sydney a Londres, como se por algum tempo as luzes tivessem sido diminuídas no Ocidente em solidariedade aos Estados Unidos.

Caminhei através do chamado Jardim Inglês, contornei um grupo de traficantes de drogas marroquinos que lamentavam entre si a falta de clientes, pensei por um instante em meter bala neles apenas porque podia, e caminhei pelo passeio à beira do lago. À minha frente erguia-se a exclusiva vila de Cologny, onde Fahd, o soberano da Arábia Saudita, Aga Khan e metade dos bandidos do mundo tinham propriedades. Sentei-me em um banco à beira do lago e olhei a água e o prédio das Nações Unidas do outro lado — profusamente iluminado, completamente inútil.

Mais abaixo, quase na margem do lago, erguia-se o volume acinzentado do hotel President Wilson, com uma vista perfeita da praia mais popular do lago de Genebra. Todo verão, sauditas e outros árabes milionários pagavam caro para conseguirem quartos na parte da frente do hotel, de modo a poderem observar as mulheres que pegavam sol fazendo topless. Com frigobares bem-abastecidos, aquilo era uma versão árabe de um clube de striptease de alto nível — sem o inconveniente das gorjetas.

Embora já fosse tarde, as luzes estavam acesas na maioria dos quartos. Imaginei que haviam percebido o tamanho da merda prestes a acontecer e estavam guardando seus binóculos e fazendo as malas, se preparando para pegar o primeiro voo de volta para casa.

Contudo, não importando qual fosse a vingança do mundo ocidental contra Osama bin Laden e os árabes em geral, uma coisa era certa: os acontecimentos das últimas doze horas foram uma falha de inteligência de proporções históricas. A missão primordial da extremamente dispendiosa Comunidade de Inteligência dos Estados Unidos era proteger a nação, e desde Pearl Harbor essas poderosas organizações nunca haviam falhado com resultados tão impressionantes e públicos.

Sentado na noite fria de Genebra, eu não acusava ninguém — éramos todos culpados. Todos usávamos os emblemas azuis, todos éramos responsáveis. Mas o presidente e os congressistas a quem servíamos, aqueles que estabeleciam os nossos orçamentos e as nossas prioridades, também eram. Ao contrário de nós, eles ao menos podiam falar publicamente, mas achei que demoraria um bom tempo antes de o povo americano receber um pedido de desculpas de qualquer um deles. Talvez no próximo milênio, quem sabe.

O vento aumentava, varria os Alpes e trazia consigo um cheiro de chuva. Era uma longa caminhada de volta ao hotel e eu deveria começá-la imediatamente, mas não me mexi.

Mesmo que ninguém ainda estivesse pensando nisso, eu tinha certeza de que muito em breve o sul de Manhattan não seria a única coisa em ruínas — toda a estrutura de inteligência dos Estados Unidos seria desmontada. Era preciso. Só assim poderia ser reconstruída. Nada no mundo da espionagem voltaria a ser como antes, ao menos não para a Divisão: o governo já não teria qualquer interesse em policiar secretamente o mundo dessas organizações; só se interessaria em policiar secretamente o mundo islâmico.

Eu acordara pela manhã e, quando fui dormir, o planeta estava diferente: o mundo não muda diante dos seus olhos, ele muda pelas suas costas.

Eu não sabia nada sobre os idiomas e as habilidades operacionais necessárias para o admirável mundo novo da inteligência que estava prestes a nascer, de modo que — assim como Markus Bucher — encontrei-me em uma encruzilhada. Incerto sobre o futuro, não necessariamente buscando a felicidade, mas com a certeza de que um pouco de satisfação cairia bem, eu estava perdido. Tive de me perguntar que vida eu de fato queria.

Sentado sozinho com a tempestade avançando na minha direção, olhei para trás e encontrei, se não uma resposta, ao menos um caminho a seguir. Surgindo do passado havia uma aldeia remota chamada Khun Yuam, no lado tailandês da fronteira de Myanmar. Pensando retrospectivamente, creio que a lembrança daquele lugar esperara na escuridão durante anos, sabendo que sua hora chegaria.

Aquele é um país selvagem e sem lei, não muito longe do Triângulo Dourado. Quando eu ainda estava começando nesse ramo — me encontrava em Berlim havia apenas um mês —, acabei sendo levado até lá. Nada distingue Khun Yuam das outras aldeias montesas, a não ser

o fato de que, não muito longe dali, em plena selva, havia uma série de sombrios edifícios de alvenaria cercados por torres de guarda e uma cerca eletrificada.

Oficialmente, aquilo era um posto de retransmissão para o Sistema de Posicionamento Global, GPS, mas, na verdade, era uma prisão da CIA, parte de um sistema penal institucional americano veementemente negado, embora existente: instalações remotas utilizadas para abrigar prisioneiros que não podiam ser legalmente torturados nos Estados Unidos.

Um dos guardas dali havia morrido e, embora o escritório de Tóquio normalmente lidasse com esse tipo de assunto, eles estavam tão assoberbados por mais um escândalo de espionagem chinesa que me vi deixando a Europa e voando para um lugar chamado Mae Hong Son — Cidade das Três Brumas — em um velho turboélice.

Geralmente era um curto trajeto de helicóptero até a estação do GPS, mas estávamos na época das monções e eles não chamavam aquele lugar de Cidade das Três Brumas à toa. Aluguei um Toyota com tração nas quatro rodas de um sujeito que eu imaginava ser um barão do ópio local e me dirigi para Khun Yuam e sua prisão da CIA.

Passando por montanhas espetaculares, cheguei a uma antiga balsa movida por um cabo. Era a única maneira de atravessar um rio revoltoso — crescido pela monção —, um afluente do poderoso Mekong, cenário de tantas operações secretas e muita desgraça para os Estados Unidos durante a Guerra do Vietnã.

Saí do carro. Estava magro e com os olhos fundos. Eu viajara trinta e duas horas ininterruptas, alimentado por nada além de ambição e ansiedade em relação àquela missão. Enquanto esperava entre alguns aldeões e vendedores de alimentos, observando um cabo oxidado arrastar a balsa de fundo plano em nossa direção em meio a borrifos de água, um monge budista com túnica cor de açafrão perguntou se eu queria uma xícara de masala chai, o chá local. Ele falava um inglês bom e, com nada mais em oferta além da mortal cerveja tailandesa, aceitei com gratidão.

O monge também estava a caminho do interior e, uma vez que supostamente eu era um especialista da Organização Mundial de Saúde fazendo um levantamento de doenças endêmicas, foi muito difícil recusar seu pedido de carona. Atravessamos o rio no Toyota, a barca mal conseguindo se manter na superfície, a água entrando aos montes pelas amuradas e um cabo enferrujado de cinco centímetros de espessura sendo a única coisa entre nós e uma das maiores quedas d'água do país, quinhentos metros rio abaixo. O pior e mais apavorante passeio da minha vida.

Enquanto saíamos de carro do desfiladeiro, a selva formando um dossel acima de nossas cabeças, o monge olhou para mim por um período um pouco longo demais e perguntou sobre o meu trabalho. Graças ao meu curso de medicina, dei-lhe uma excelente descrição da dengue,

mas logo ficou claro que ele não acreditou em uma só palavra do que eu dissera. Talvez ele soubesse do campo de concreto em Khun Yuam.

Ele havia morado em um retiro hindu não muito longe de Nova York, de modo que conhecia mais do que o esperado a respeito da vida nos Estados Unidos e falava com inteligência sobre drogas recreativas e as pressões da vida moderna. Comecei a ter a sensação de que aquela não era uma conversa casual.

— Você parece estar sendo caçado — disse ele enfim, daquela maneira budista de falar, mais melancólico do que crítico.

Caçado? Ri e disse que era a primeira vez que eu ouvia aquilo. Geralmente as pessoas me colocavam na outra ponta da cadeia alimentar.

— Não há outra ponta na cadeia alimentar — disse ele, calmamente. — Apenas o Ocidente acredita nisso. Sem amor divino, todos estão fugindo de alguma coisa.

Nossos olhos se encontraram. Sorrindo, perguntei se ele já considerara seguir uma vida religiosa. Ele riu de volta e quis saber se eu conhecia o modo como os aldeões capturavam macacos.

Disse para ele que sabia algumas coisas sobre a vida, mas que essa não era uma delas.

— Não comíamos muito macaco em Harvard. Só no Dia de Ação de Graças e no Natal — respondi.

Então ele me contou como os aldeões acorrentam um jarro com gargalo estreito e um fundo bulboso à base de uma árvore.

— Eles enchem o fundo com nozes ou qualquer outra coisa que os macacos gostem de comer. À noite, o animal desce da árvore e enfia a mão pelo longo gargalo. Ele pega o alimento e fecha a mão. Assim, não consegue passá-la pelo gargalo, de modo que fica preso. Pela manhã, os aldeões vêm e batem na cabeça dele.

Ele me olhou por um instante.

— Obviamente, esta é uma história zen — disse ele, sorrindo outra vez. — O ponto é: se você quer ser livre, tudo o que tem de fazer é desapegar.

Sim, eu entendia o que queria dizer, contei a ele. Era uma boa história, mas não significava nada para mim, não naquele momento, pelo menos.

— Suponho que não — respondeu ele. — Mas talvez eu tenha sido colocado na estrada apenas para contar isso para você. Você ainda é jovem, doutor. Talvez chegue o momento em que isso venha a significar algo.

E ele estava certo, é claro. O momento chegou, e de uma forma diferente de qualquer coisa que eu pudesse vir a imaginar: foi quando eu estava sentado, no meio da noite de Genebra, à espera de uma tempestade, pensando no assassinato em massa em Nova York e em mulheres

de saias curtas recrutando formandos inteligentes para uma nova era.

Eu tinha trinta e um anos e percebi que, não por culpa minha, eu fora treinado para combates de tanques na Europa, apenas para descobrir que a batalha seria travada em guerrilhas no Afeganistão. Quisesse ou não, a história me deixou para trás.

Em outro nível, muito mais profundo, sabia que, mais cedo ou mais tarde, eu queria encontrar algo — algo que é difícil nomear... algo que a maioria das pessoas chama de amor, acho. Queria caminhar por uma praia com alguém e não pensar se estava ao alcance do rifle de um atirador de elite. Queria esquecer que você sente a bala muito antes de ouvir o tiro. Eu queria encontrar alguém que pudesse me explicar o significado da expressão “porto seguro”.

Eu sabia de todo o coração que, caso não abandonasse o mundo da espionagem naquele momento, jamais o faria. É difícil dar as costas para tudo o que você sabe, uma das coisas mais difíceis que existe, mas continuei dizendo algo para mim mesmo.

Se você quer ser livre, tudo o que tem de fazer é desaparecer.

CAPÍTULO QUATORZE

Redigi minha carta de demissão mais tarde naquela noite no Hôtel du Rhône, despachei-a por mala diplomática na manhã seguinte e voei imediatamente para Londres.

Passei as três semanas seguintes encerrando meus casos pendentes e entregando os arquivos para o FBI: a primeira das muitas grandes mudanças na Comunidade de Inteligência dos Estados Unidos foi o fechamento da Divisão. Suas responsabilidades, após quatro décadas de tentativa, foram assumidas pelos federais.

Ironicamente, meu último dia de trabalho foi em Berlim, a cidade onde tudo de fato começara para mim. Tranquei o escritório pela última vez e acompanhei a equipe até o aeroporto de Tempelhof para que pegassem o voo de volta para casa. Apertei as mãos deles, agindo como um agente até o fim, e disse-lhes que reservara um voo posterior.

Em vez disso, saí pela porta da frente e, assumindo uma identidade completamente nova, peguei um táxi até uma concessionária de automóveis onde comprei um Cayenne turbo. Com quinhentos cavalos de potência, achei que eu estava mais ou menos pronto para a autobahn, as estradas alemãs de alta velocidade.

Joguei minhas malas na traseira do veículo, passei por Frankfurt à noite e cruzei a fronteira nas primeiras horas da manhã. O outono chegara tarde naquele ano e, mesmo ao luar, creio que nunca havia achado o interior da França tão bonito. Passei por povoados com nomes românticos e encontrei o *péage*, o pedágio, que procurava.

Se você entra em Paris vindo do sul, há um ponto que se destaca — entre os elevados arranha-céus em que os franceses instalam seus imigrantes —, onde a primeira vista da cidade fica quase completamente oculta. A única coisa que você vê é a Torre Eiffel no horizonte.

Era início da manhã, o ar frio dava a tudo uma limpidez cintilante. Eu já tinha visto aquela paisagem diversas vezes, mas, mesmo assim, ela me tirou o fôlego. A sensação de alívio que vinha crescendo durante a noite finalmente irrompeu de dentro de mim, e estacionei no acostamento: estar em Paris quando se é jovem e livre — bem, não há muitas coisas no mundo melhores do que isso.

Aluguei um apartamento no oitavo *arrondissement*, bem na saída da bela rue François 1^{er}, na região que os parisienses chamam de “triângulo dourado”. Dia após dia, e até tarde da noite,

escrevi o livro que poucos leriam, com exceção de uma jovem em Nova York que eu desejaria desesperadamente que não o tivesse lido.

Depois de seis meses, terminei: centenas de milhares de palavras, tudo anotado e verificado. Senti que minha antiga vida estava concluída. Eu havia escrito o capítulo final daquela era e a lancei rio abaixo como uma barca funerária em direção ao passado. Estava orgulhoso da obra: chame-a de um serviço público, chame-a de ingênua, se quiser, mas achei que se a minha experiência pudesse ajudar a derrotar apenas um homem como Christos Nikolaides, então valeria a pena.

Após a cuidadosa censura de uma equipe de analistas que trabalhavam para o diretor de inteligência, o livro foi publicado por uma pequena editora especializada em biografias angustiantes sobre fugas da Cuba de Fidel Castro e crimes de honra contra as mulheres entre os árabes. Em outras palavras, era uma subsidiária secreta da CIA.

Uma editora como essa obviamente estava acostumada com autores cujas identidades precisavam ser ocultadas, mas, mesmo assim, o meu caso era complicado: quando desisti do meu distintivo, decidiram que eu sabia tanto sobre a segurança nacional que ninguém deveria tomar conhecimento de quem eu era ou que tipo de trabalho fizera. Sem querer, o mundo da espionagem arrancou de mim a minha identidade e a minha história.

Quando o livro enfim foi publicado, não apenas o autor foi chamado de Jude Garrett como criou-se uma identidade inteiramente nova para ele. Qualquer pessoa que investigasse encontraria a seguinte biografia:

Jude Garrett, formado pela Universidade de Michigan, trabalhou mais de quatorze anos na polícia, primeiro no departamento do delegado em Miami e, em seguida, como investigador especial do FBI. Morreu durante uma missão em Chicago. O manuscrito deste livro, para o qual ele realizou uma pesquisa intensa, foi encontrado em seu escritório logo após sua morte e representa o testamento de um dos melhores investigadores do mundo.

E era verdade. Uma parte, pelo menos. Existira um agente do FBI chamado Jude Garrett, e ele estava morto — um acidente de carro na volta do trabalho para casa. Como era solteiro, solitário e com poucos interesses fora do trabalho, os editores simplesmente se apropriaram da sua identidade e deram-lhe um póstumo feito literário que ele jamais experimentara em vida.

Devo admitir que gostei da biografia e do fato de ele estar morto. Quer dizer, quem procuraria um homem morto?

Bem, alguém procurou.

Com o livro finalmente publicado, a barca funerária quase a se perder de vista, pela

primeira vez em minha vida adulta eu comecei a viver em um mundo sem segredos. Olhei para todas aquelas mulheres sorridentes, rebolando ao caminhar pelas amplas avenidas de Paris, e, quando a primavera se tornou verão, comecei a acreditar que qualquer coisa era possível.

Contudo, o problema no ramo da espionagem é que, embora você possa se demitir, nunca é realmente possível deixá-lo. Acho que não queria reconhecer isso na ocasião, mas muitos destroços são deixados para trás ao longo de uma vida como a minha: as pessoas que você feriu não se esquecem de nada. E, no fundo, há uma lição que incutem em sua mente quando você ainda é jovem e tem toda uma carreira pela frente: nesse ramo, você não pode aprender com os erros. Não existe essa chance. Erre, e será um homem morto.

A única coisa que vai salvá-lo é a sua intuição e a sua técnica de espionagem. Grave-as na alma. Acho que devo ter aprendido isso porque, apenas nove meses depois da minha aposentadoria, notei um táxi com um passageiro dando a volta no quarteirão. Ninguém faz isso em Paris. Por causa do trânsito caótico, o trajeto podia levar horas.

Era pouco depois das oito horas da noite de uma sexta-feira agitada e eu estava em um café na calçada da Place de la Madeleine esperando por um médico idoso. Ele era um *gourmand* cujas jovens acompanhantes russas geralmente custavam mais do que os jantares com os quais ele as agradava, de modo que sempre estava sem dinheiro. Em minha opinião, a pobreza requintada é uma grande qualidade em um médico. Isso significa que, quando ele dá um diagnóstico e redige uma receita, está preparado para ouvir as sugestões do paciente, se é que me entende.

Não me dei conta do táxi branco na primeira vez que ele passou, não conscientemente, pelo menos. Mas devo tê-lo registrado com minha técnica em meio à constante mudança do tráfego. Na segunda vez, percebi que já passara por ali.

Com o coração disparado, não reagi — era o treinamento falando mais alto. Apenas deixei meus olhos seguirem-no tão casualmente quanto possível, amaldiçoando o fato de os faróis e o tráfego me impedirem de ver com clareza quem estava no banco traseiro do carro. Aquilo não importava, mas acho bom saber quem são as pessoas que pretendem matá-lo.

A maré de veículos levou o táxi para longe e eu sabia que não tinha muito tempo: ao passar pela primeira vez, eles localizam você; na segunda, planejam os ângulos; na terceira, atiram. Deixei dez euros na mesa e segui rapidamente pela calçada.

Ouvi gritos atrás de mim. Era o médico, mas não tive tempo de lhe dizer que não poderíamos nos ajudar a saciar nossos vícios naquela noite. Entrei à esquerda na Hédiard, o melhor mercado refinado da cidade, e passei por perfeitas pirâmides de frutas e pela superlotada seção de vinhos.

Tudo acontecia muito rápido, como costuma ser nessas situações. E embora eu não tivesse

nenhuma prova, meu instinto insistia em me dizer que eram os gregos. O velho não tinha apenas poder financeiro, mas também um forte motivo emocional para buscar vingança — o tipo de estímulo que era fortalecido a cada Natal e aniversário perdidos. Ele também tinha fácil acesso ao pessoal necessário: relatórios criminais secretos de qualquer força policial da Europa indicariam que metade da Albânia estava envolvida no ramo de assassinato por encomenda.

Na seção de vinhos da Hédiard havia uma porta que dava para uma rua lateral. Saí sem demora, dobrando à esquerda. Era uma rua de mão única e andei rapidamente no sentido contrário ao tráfego, a única estratégia possível naquelas circunstâncias. Ao menos poderia ver o atirador chegar.

Examinando a rua diante de mim, percebi que agia de acordo com um plano bem-organizado. Não sabia até então, mas, onde quer que eu fosse, parte de mim sempre pensava na melhor saída, uma rota de fuga invisível o tempo todo em minha mente. Meu maior arrependimento dizia respeito à minha arma.

Uma xícara de café, um rápido encontro com o médico e um táxi para casa. Meia hora no máximo, eu calculara. Isso significava que a arma estava em um cofre no apartamento. Eu tinha me tornado desleixado, acho. Mesmo se os visse chegando, havia pouco que pudesse fazer agora.

Estava indo para casa, a fim de abrir o maldito cofre e me armar. Virei à direita, cruzei rapidamente um quarteirão, dobrei à esquerda e cheguei à rue du Faubourg Saint-Honoré, exatamente no ponto que queria: no fim da rua do Palais de l'Élysée. Seja quem fosse o grego ou o albanês que estivesse no táxi, ele saberia que aquela era a rua mais segura de Paris: atiradores de elite nos telhados, a rua inteira sob constante vigilância antiterrorismo. Somente então me senti suficientemente confortável para pegar um táxi.

Pedi que o motorista parasse diante da entrada de serviço do meu prédio. Saindo do veículo e me mantendo abaixado, eu poderia abrir a porta de aço e entrar sem que me vissem. O motorista pensou que eu era louco — mas sua religião acha que apedrejar uma mulher até a morte por adultério é uma medida razoável, então percebi que estávamos quites.

Bati a porta do carro e corri pela garagem subterrânea. O edifício de pedra calcária já fora uma magnífica residência da nobreza, uma mansão construída na década de 1840 pelo conde du Crissier, mas que acabara em ruínas. No ano anterior, o imóvel fora restaurado e transformado em prédio, e eu alugara um apartamento no primeiro andar. Mesmo sendo pequeno, alguém na minha situação normalmente jamais seria capaz de pagar por aquela moradia, mas as circunstâncias materiais haviam mudado: Bill Murdoch morrera havia três anos, quando eu me encontrava em uma breve missão na Itália.

Não fui convidado para o funeral, e aquilo doeu. Apenas recebi um bilhete de Grace

dizendo que ele morreria subitamente e que já havia sido enterrado. Essa era a minha mãe adotiva: ciumenta até o fim. Poucos meses depois, chegou uma carta de um advogado informando que a matriz das empresas de Bill, controlada por um truste no exterior, fora deixada para Grace. Era de se esperar. Afinal, estavam casados havia quarenta anos. A carta dizia que, embora nada tivesse sido deixado para mim, Grace decidira destinar fundos suficientes para me garantir uma renda de oitenta mil dólares por ano ao longo de toda a vida. Não foi algo explícito, mas o tom da carta era claro: ela acreditava que isso a livrava de todas as responsabilidades que tinha em relação a mim.

Dois anos após o acordo, quase no mesmo dia, Grace também morreu. A meu ver, o comportamento precedente me dispensava de qualquer obrigação, então não compareci ao suntuoso funeral em uma antiga igreja episcopal de Greenwich.

Novamente, e não pela primeira vez, me vi sozinho no mundo, mas não pude deixar de sorrir ao pensar o que uma diferença de dois anos significava: se as mortes tivessem ocorrido na ordem inversa, eu sabia que Bill teria deixado uma herança significativa para mim. Contudo, Grace deixou tudo para o Metropolitan Museum of Art, com instruções para que reformassem em seu nome a galeria de Antigos Mestres da pintura.

Tal informação me foi transmitida em uma carta do mesmo advogado, que também mencionou a existência de uma pequena questão relativa ao espólio de Bill que precisava ser finalizada. Eu lhe disse que o encontraria em seu escritório em Nova York na próxima vez que fosse aos Estados Unidos e, então, acabei esquecendo aquilo. Os cheques do legado de Grace chegavam regularmente e isso significava que eu poderia viver de modo muito mais confortável do que com qualquer coisa que o governo pudesse me fornecer como aposentadoria.

O benefício mais tangível foi o apartamento em Paris, e eu me vi correndo pelo que outrora fora a cozinha da mansão — transformada em casa de máquinas — e subindo às pressas uma escada de incêndio até a minha casa. Abri uma porta oculta ao lado do elevador e invadi o pequeno vestíbulo.

Havia uma mulher ali. Era madame Danuta Furer, minha vizinha de setenta anos, que vivia no maior apartamento do imóvel. Viúva perfeitamente elegante de algum industrial aristocrata, ela tinha a incomum capacidade de fazer com que todos ao redor se sentissem como membros do Terceiro Mundo.

Ela me viu umedecer os lábios secos com a língua, minha camisa para fora da calça.

— Há algo errado, Sr. Campbell? — perguntou em seu inescrutável francês de classe alta.

Ela me conhecia como Peter Campbell, um sujeito de licença do trabalho como gerente de um fundo de hedge — a única atividade que permitiria que alguém da minha idade se desse ao

luxo de viver em um apartamento daqueles e não trabalhar.

— Está tudo bem, madame. Estou apenas preocupado se deixei o forno ligado — menti.

O elevador chegou, ela entrou. Então abri a porta com núcleo de aço do meu apartamento. Tranquei-a, não liguei luz alguma, e percorri a sala de estar com amplas e belas janelas, além de uma pequena, embora crescente, coleção de arte contemporânea. Bill teria gostado dela.

Em meio à penumbra, abri o armário no quarto de vestir e digitei um código em um pequeno cofre no chão. Ali dentro havia uma grande quantidade de dinheiro, uma pilha de documentos, oito passaportes com nomes diferentes e três pistolas. Peguei uma Glock 9mm equipada com um cano estendido — a mais precisa de todas —, verifiquei o carregador e peguei um pente extra.

Enquanto enfiava a arma na cintura, pensei em algo que persistira em minha mente durante todo o caminho de volta para casa: se eram os gregos, como diabo tinham me encontrado?

Uma teoria era que os russos descobriram algo e contaram para seus antigos parceiros, apenas em nome dos velhos tempos, sabe como é — e um carregamento de dinheiro não rastreável.

Ou será que eu havia cometido algum pequeno erro no Richeloud, que Markus Bucher passara para seus clientes e que permitiu que acabassem descobrindo quem eu era? Mas, mesmo assim, o que levou os gregos a Paris? Pelo amor de Deus, eu estava usando uma identidade completamente diferente.

A batida à porta foi firme, determinada.

Não reagi. Sempre soube que uma pessoa hostil poderia entrar naquele edifício com muita facilidade — François, o *concierge* reclamão de meia-idade, sempre deixava a porta da frente aberta enquanto procurava novos níveis de serventia. Assim que ouviu madame Furer descendo no elevador, ele provavelmente fora até a rua alertar o motorista da limusine, para garantir que seu nome tivesse uma boa posição na lista de presentes de Natal da madame.

Sem hesitar, fiz exatamente o que aprendi no meu treinamento: rápido e silencioso, fui até os fundos do apartamento. Uma estratégia usada por matadores experientes é grudar alguns gramas de Semtex — um explosivo plástico com consistência de argila — ao batente de uma porta antes de tocar a campainha.

O matador se protege em algum lugar — neste caso, seria no interior do elevador — e detona o explosivo com uma ligação feita com o celular. Duzentos e vinte e cinco gramas de Semtex derrubaram o voo 103 da Pan Am sobre Lockerbie, de modo que é possível imaginar o que metade disso faria com uma porta de aço e com alguém que estivesse observando pelo olho mágico.

Afastei-me passando pela sala de jantar, peguei um casaco para cobrir a Glock e segui para

o quarto de hóspedes. Quando aquele imóvel ainda era a mansão do conde du Crissier, os empregados usavam um elevador manual para mandar refeições da cozinha até a sala de jantar. Esse elevador terminava em uma copa, que agora era meu quarto de hóspedes.

Após a reforma, o poço passou a ser utilizado para a passagem de fiação elétrica e, sob o pretexto de instalar um cabo de alta velocidade para monitorar no computador as atividades de meu inexistente fundo de hedge, obtive permissão para que um funcionário que instalara equipamentos de vigilância na Divisão tivesse acesso ao poço. Eu pensava que a escada que ele colocou no interior, levando ao porão, quase justificava o altíssimo aluguel daquele lugar. Agora, seu valor parecia-me inestimável.

Abri a porta de um armário, removi um painel, como um alçapão, e em menos de um minuto estava atravessando uma rua estreita nos fundos do edifício. Esperava ouvir a qualquer momento a fachada do século XIX e as amplas janelas listadas como patrimônio histórico se espatifarem na Champs-Élysées.

Nada. O que os estava detendo? Imaginei que, ao me perderem de vista naquele café na Place de la Madeleine, haviam voltado na mesma hora para o meu apartamento. No entanto, sem saberem se eu retornara ou não, bateram à porta para verificar.

Ainda bem que não abri. Eu tinha quase certeza de que havia dois deles — o número que eu teria mandado — e que agora deviam estar escondidos perto do elevador, esperando que eu voltasse. Isso me dava uma chance: se eu entrasse pela porta da frente e subisse a escada, certamente poderia surpreendê-los. Nunca fui o melhor atirador da minha turma, mas era bom o bastante para acabar com eles.

Parei de correr ao sair da ruela e lancei um olhar de espião para os pedestres, apenas para ter certeza de que os caras lá dentro não mantinham alguém de apoio na rua. Vi mulheres indo para casa após fazerem compras nas luxuosas lojas da avenue Montaigne, casais passeando com seus cachorros, um sujeito com um boné dos Mets, de costas para mim — aparentemente, um turista —, olhando a vitrine de uma *pâtisserie* ao lado do meu prédio, mas não vi ninguém que se encaixasse no perfil que eu tinha em mente. Virei-me para os veículos e também não avistei nenhum táxi branco nem qualquer atirador dentro dos carros estacionados.

Comecei a caminhar atrás de uma mulher na casa dos cinquenta anos, usando salto alto, e de seu namorado, uns vinte anos mais novo. O casal não me protegeria por completo de um atirador de elite em um telhado, mas certamente tornaria a tarefa mais difícil. Sob a proteção deles, aproximei-me aos poucos do meu prédio: oitenta metros, quarenta, vinte...

Quando passei pela *pâtisserie*, o sujeito com o boné dos Mets disse às minhas costas:

— Não teria sido mais fácil simplesmente abrir a porra da porta, Sr. Campbell?

Meu coração parou, o medo desmoronando no vazio que outrora fora o meu estômago. No

momento seguinte, dois pensamentos distintos e contraditórios lutaram pela primazia. O primeiro era: então é assim que termina? O agente aposentado emboscado em uma rua de Paris, levando um tiro na cabeça, provavelmente disparado por alguém dentro da *pâtisserie*. *Vyssshaya mera* para mim, penso, sangrando na calçada, enquanto um homem que nem conheço coloca uma arma no bolso e ele e o sujeito do boné dos Mets se afastam para entrarem em — o que mais poderia ser? — um táxi branco.

O outro pensamento foi: eles definitivamente não vão me matar. Mesmo que tenham um atirador em um edifício ou em um quarto no hotel Plaza Athénée, o cara de boné teria sinalizado silenciosamente e o atirador teria feito seu trabalho. Na vida real, eles não falam com você. Apenas nos filmes os bandidos têm essa necessidade patológica de lhes contar a história de suas vidas antes de puxarem o gatilho. No mundo real, há muito em jogo e sua mente está muito acelerada, de modo que você só quer acabar logo com tudo. Lembre-se de Santorini.

No entanto, sempre havia uma primeira vez, de modo que eu ainda não tinha certeza se devia me mijar de medo ou de alívio. Olhei para o sujeito: era negro, na casa dos cinquenta anos, corpo esguio e um belo rosto, embora meio exausto. Está mais para porcelana barata do que refinada, falei para mim mesmo. A avaliação foi confirmada quando ele se aproximou um pouco e percebi que mancava muito da perna direita.

— Acho que você me chamou de Sr. Campbell. Está enganado — falei em francês, preenchendo cada sílaba com minha melhor imitação do desdém parisiense. — Meu nome não é esse.

Eu ganhava tempo, tentando descobrir o que estava acontecendo.

— Nisso estamos de acordo — respondeu ele em inglês —, já que nenhum Peter Campbell tem alvará em Wall Street e o fundo de hedge que ele administra não existe.

Como diabo ele sabia daquilo? Eu me movi de maneira casual, deixando-o em uma posição mais certa, entre mim e a janela da *pâtisserie*.

— Então, se você não é Campbell, quem é? — continuou ele. — Jude Garrett, agente do FBI e escritor? Bem, acho difícil, já que Garrett está morto. E tem mais uma coisa estranha sobre Garrett — completou o homem, com calma. — Falei com a prima dele em Nova Orleans. Ela ficou muito espantada ao saber de sua obra literária. Duvidava que ele sequer tivesse lido um livro na vida, quanto mais escrito um.

O homem sabia de todas essas coisas a meu respeito, e eu ainda estava vivo! Esse era o ponto importante e ele parecia não se dar conta disso. Examinei os telhados, tentando ver se havia algum atirador de elite.

Ele observou meus olhos, ciente do que eu fazia, mas não mudou o tom.

— O que eu acho, Sr.-Campbell-ou-seja-lá-quem-for, é que você vive sob uma identidade falsa, e escreveu o livro usando o nome de um homem morto apenas por segurança. Acho que você trabalhou para o governo e apenas algumas pessoas conhecem seu verdadeiro nome. Talvez nem tantas. Para mim, isso quer dizer que provavelmente não é uma boa ideia perguntar que tipo de trabalho você fez, mas a verdade é que não me importo. Seu livro é a melhor obra sobre técnica de investigação que já li. Só quero falar sobre isso.

Olhei para ele e enfim desabafei em inglês:

— Você quer falar sobre um livro?! Eu ia *matar* você!

— Não exatamente — disse ele. E, baixando a voz, acrescentou: — Posso chamá-lo de Sr. Garrett?

— Campbell — respondi com os dentes cerrados. — Campbell.

— Não exatamente, Sr. Campbell. Acho que se alguém ia matar alguém aqui, na verdade era eu.

Ele estava certo, é claro, e como era de se esperar isso me deixou ainda mais irritado. O homem estendeu a mão, sem sorrir. Eu aprenderia com o tempo que ele era do tipo que quase nunca sorri.

— Ben Bradley — falou, sereno. — Tenente de homicídios, Departamento de Polícia de Nova York.

Sem saber o que fazer, apertei a mão dele. Um policial reaprendendo a andar e um agente secreto aposentado.

Eu sei que, naquela noite, ao nos encontrarmos pela primeira vez, nós dois pensávamos que havíamos chegado ao fim da linha, que nossas carreiras tinham terminado. Porém, eis algo estranho: esse encontro teve uma enorme importância.

Ele foi significativo. Meu Deus, como foi. Tudo acabou se tornando importante, tudo acabou ligado de um modo estranho: o assassinato no Eastside Inn, Christos Nikolaides morto a tiros em um bar em Santorini, a operação secreta que dera errado em Bodrum, minha amizade com Ben Bradley, e até mesmo um monge budista viajando em uma estrada na Tailândia. Se eu acreditasse em destino, seria obrigado a dizer que havia uma mão guiando tudo aquilo.

Muito em breve saberia que ainda teria uma grande tarefa à minha frente, algo que, mais do que qualquer outra coisa, definiria minha vida. Em um fim de tarde, não muito tempo depois disso, eu seria arrastado de volta àquele mundo de segredos, e qualquer esperança de viver uma vida normal se esvairia, talvez para sempre. Como dizem: se quiser fazer Deus rir, conte a Ele seus planos.

Com pouquíssima informação e menos tempo ainda, me foi dada a tarefa de encontrar

aquilo que todas as agências de inteligência mais temiam: um homem sem nenhuma afiliação a uma organização radical, nenhum registro em qualquer banco de dados e sem histórico criminal. Um *ficha limpa*, um fantasma.

Receio que o que se segue não seja agradável. Se você quiser dormir tranquilamente em sua cama, se quiser olhar para os seus filhos e acreditar que há alguma chance de eles viverem em um mundo melhor do que o que deixamos para trás, talvez seja melhor não conhecer esse homem.

PARTE DOIS

CAPÍTULO UM

Não importa quantos anos se passem, mesmo que eu tenha sorte e envelheça ao sol, para mim, ele sempre será o Sarraceno. Esse foi o codinome que lhe dei no início, e passei tanto tempo tentando descobrir sua verdadeira identidade que é difícil pensar nele de outro modo.

Sarraceno significa árabe ou — em uma acepção muito mais antiga da palavra — um muçulmano que lutou contra os cristãos. Volte ainda mais no tempo e descobrirá que já significou nômade. Todas essas coisas se aplicavam de maneira perfeita.

Ainda hoje, muito do que sabemos sobre ele é fragmentário. O que não surpreende: afinal, ele passou a maior parte da vida incógnito, cobrindo seus rastros deliberadamente, como um beduíno no deserto.

Porém, toda vida deixa um rastro, todo navio deixa um sulco na água, e embora muitas vezes fosse apenas um vislumbre de fosforescência no escuro, perseguimos todos eles. Isso me levou à metade dos mercados árabes e das mesquitas do mundo, aos arquivos secretos de países muçulmanos e à mesa de trabalho de dezenas de pessoas que poderiam tê-lo conhecido. Mais tarde, mesmo após os acontecimentos daquele terrível verão terem terminado, equipes de analistas interrogaram sua mãe e suas irmãs durante semanas a fio e, embora eu possa ser acusado de ter colocado palavras na boca dele ou pensamentos em sua cabeça, não peço desculpas. Acabei conhecendo mais sobre o Sarraceno e a sua família do que qualquer outro homem na Terra.

Uma coisa indiscutível é que, quando era muito jovem, ele acabou envolvido em uma decapitação pública. Isso foi em Jidá, a segunda maior cidade da Arábia Saudita e, por consenso popular, a mais sofisticada. Acredite, isso não quer dizer grande coisa.

Jidá fica na costa do Mar Vermelho, e o Sarraceno, então com quatorze anos, morava com os pais e duas irmãs mais novas em uma casa modesta na periferia da cidade, tão perto da água que podiam sentir o cheiro de sal. Sabemos disso porque, muitos anos depois, fotografei a fachada daquela velha casa.

Como a maioria dos sauditas, o pai do menino, um zoólogo, desprezava os Estados Unidos e também o país que os jornais árabes chamavam de sua “prostituta”: Israel. Seu ódio, no entanto, não era baseado em propaganda, na situação dos palestinos ou, mesmo, por fanatismo

religioso. Não, tinha raízes muito mais profundas.

Ao longo dos anos, ele ouvira tanto Washington quanto Tel Aviv e, ao contrário de grande parte dos ocidentais, o pai de Sarraceno acreditara naquilo que nossos líderes políticos lhe disseram: que o objetivo dessas nações era levar a democracia para o Oriente Médio. Como um muçulmano profundamente devoto, tal perspectiva o enchia de raiva. Sendo um homem estudado, ao menos para os padrões locais, ele sabia que um dos fundamentos da democracia era a separação entre religião e Estado. No entanto, para muitos muçulmanos, a religião é o Estado. A última coisa que querem é separá-los.

Em sua opinião, o único motivo para os infiéis defenderem tal coisa era dividir e conquistar, esvaziar o mundo árabe e destruí-lo, dando seguimento a uma campanha que os cristãos começaram com a Primeira Cruzada havia mil anos, e que nunca haviam abandonado.

Seria fácil classificar o zoólogo como um extremista, mas, no obscuro mundo da política do Oriente Médio, ele integrava a ala *moderada* da opinião pública saudita. Havia, no entanto, algo que o diferenciava da maioria: sua opinião sobre a família real.

Há muitas coisas que você não pode fazer no reino da Arábia Saudita: pregar o cristianismo, assistir a filmes, dirigir — se você for mulher —, renunciar à sua fé. Mas, acima de tudo, há a proibição de criticar a Casa de Saud, a dinastia regente, composta pelo rei, duzentos poderosos príncipes e vinte mil membros da família.

Durante todo aquele ano, Jidá fora inundada com boatos de que o rei permitira que tropas americanas, soldados de um país infiel, pisassem na terra sagrada do Profeta. Igualmente perturbadoras eram as informações recebidas de dissidentes sauditas na Europa sobre príncipes proeminentes perdendo fortunas nos cassinos de Monte Carlo e exibindo seus relógios de ouro para jovens “modelos” em Paris. Como todos os sauditas, o zoólogo sempre soube dos palácios cobertos de ouro e do estilo de vida perdulário do rei, mas mau gosto e extravagância não são *haram* — coisas proibidas — no islã. No entanto, prostituição, jogos de azar e álcool com certeza são.

Claro que, se você vive na Arábia Saudita, é livre para expressar seu descontentamento com as políticas do rei e o comportamento da família real, pode dizer que são ofensas a Deus e até mesmo defender a renúncia forçada. Apenas certifique-se de fazê-lo na segurança de sua mente. Falar sobre esse assunto com alguém que não seja a sua esposa ou o seu pai, até mesmo da maneira mais abstrata, é imprudente. O Mabahith, a polícia secreta saudita — uma lei em si mesma — e sua rede de informantes ouvem tudo, sabem de tudo.

Era tarde em um dia de primavera quando quatro dos seus agentes, todos usando túnicas brancas chamadas *thobes* e o turbante quadriculado em vermelho e branco, visitaram o zoólogo em seu trabalho. Apresentaram suas identificações, o tiraram do escritório, atravessaram uma

área de laboratórios e mesas de trabalho e o levaram até o estacionamento.

As outras vinte pessoas que trabalhavam naquela seção específica do Departamento de Biologia Marinha do Mar Vermelho observaram a porta bater atrás dele, todos sem dizer uma única palavra, nem mesmo seus três amigos mais próximos, um deles quase com certeza o informante.

Nunca saberemos exatamente do que o zoólogo foi acusado ou o que disse em sua defesa, porque os processos judiciais sauditas, realizados em sigilo, não se preocupam com minúcias dispendiosas como testemunhas, advogados, jurados ou até mesmo provas.

O sistema baseia-se unicamente em confissões assinadas, obtidas pela polícia. É estranho como os métodos de tortura são uma das poucas coisas que ultrapassam todas as fronteiras raciais, religiosas e culturais. As pobres milícias em Ruanda que idolatram fantasmas usam praticamente os mesmos métodos que os ricos católicos que supervisionam a segurança do Estado na Colômbia. Como resultado, os policiais muçulmanos que prenderam o zoólogo em uma cela em Jidá não tinham nada de novo a oferecer, apenas uma bateria de caminhão com grampos especiais para órgãos genitais e mamilos.

A família do zoólogo só soube da catástrofe que os atingira quando ele não voltou do trabalho. Após as orações vespertinas, fizeram uma série de ligações para seus colegas, que não foram atendidas ou acabaram sendo respondidas com falsa ignorância. Pela amarga experiência, as pessoas sabiam que aqueles que estavam ouvindo se voltariam contra qualquer um que tentasse ajudar a família de um criminoso. Cada vez mais desesperada, a esposa do zoólogo finalmente deixou que seu filho de quatorze anos saísse para tentar encontrá-lo. Ela própria não podia fazer isso, porque a lei do país proíbe que uma mulher saia em público a menos que esteja acompanhada por seu irmão, pai ou marido.

O adolescente deixou a mãe e as duas irmãs e saiu com a motocicleta que ganhara de presente do pai em seu último aniversário. Mantendo-se nas ruas secundárias, foi rapidamente até um bloco de edifícios comerciais à beira-mar, onde encontrou o carro da família abandonado no estacionamento. Apenas em um estado policial um jovem reza para que nada mais grave do que um acidente incapacitante possa ter acontecido com o pai. Pedindo a Alá que o zoólogo ferido estivesse caído no prédio às escuras que abrigava seu escritório, o menino se aproximou da portaria.

Em um recanto sombrio lá dentro, um segurança paquistanês se assustou quando viu o rosto do rapaz pelas portas de vidro. Gritando em um árabe ruim, sinalizou para que ele fosse embora, pegando um cassetete, pronto para destrancar as portas e usá-lo se fosse necessário.

Mas o rapaz não vacilou. Respondendo de maneira desesperada em árabe, implorou pela ajuda do Profeta, e disse algo sobre o pai desaparecido. Foi apenas então que o guarda

percebeu que aquela visita estava ligada ao incidente que precipitara uma onda de fofocas murmuradas ao longo de toda a tarde. Olhou para o rosto angustiado do rapaz — era jovem demais para se agarrar a esperanças tão tênues — e baixou o cassete. Talvez fosse porque ele também tinha filhos, mas o fato é que as certezas da segurança se estremeceram, e ele fez algo totalmente inesperado: se arriscou.

De costas para as câmeras de segurança que monitoravam as portas, gesticulando como se estivesse enxotando o rapaz para longe, disse o pouco que sabia: quatro membros da polícia do Estado, liderados por um coronel, haviam levado o pai do garoto algemado. De acordo com o motorista — um colega paquistanês para quem ele levava uma xícara de chá —, o homem estava sendo investigado em segredo havia meses. Mas o guarda também disse para o rapaz ouvir com atenção, pois aquela era a parte mais importante: eles estavam falando em acusá-lo de “corrupção na Terra”, um termo tão amplo que quase não chegava a fazer sentido, exceto por um detalhe: indicava a sentença de morte.

— Diga para a sua família que vão ter que agir rápido se pretendem salvá-lo — disse o paquistanês.

Com isso, abriu as portas como se perdesse a paciência e, para as câmeras, começou a balançar o cassete como se estivesse furioso. O rapaz correu até a motocicleta e deu a partida. Sem se importar com a própria segurança, acelerou pelo estacionamento, quase colidiu com um monte de areia e atravessou os portões em alta velocidade.

Embora ninguém jamais venha a saber com certeza, imagino que, em sua mente, ele estava dividido: como criança, queria desesperadamente o conforto da mãe, mas, como homem — o chefe da família na ausência do pai —, precisava do conselho de outros homens. Só havia uma maneira de esse conflito ser resolvido; ele era árabe, e isso significava uma bagagem de dois mil anos de orgulho masculino. Assim, era inevitável que ele dirigisse rumo ao norte, até a parte mais sombria da cidade, em direção à casa do avô.

Mesmo enquanto dirigia, uma sensação de desgraça anunciada começava a crescer dentro dele. O jovem sabia que o pai estava perto de ser trancado em um vagão de gado conduzido pela segurança do Estado, e percebeu que seria necessária uma quantidade enorme de *wasta* para alterar o curso daquela viagem. Na ausência de democracia e processos burocráticos eficientes, *wasta* é a forma como o mundo árabe funciona; significa conexões, influência, uma rede de antigos favores e história tribal. Com *wasta*, as portas — até mesmo de palácios — se abrem. Sem ele, permanecem fechadas para sempre.

O rapaz nunca pensara nisso, mas via agora que sua família, incluindo o avô, a quem tanto amava, eram pessoas modestas: modestas em ambição, modestas em suas conexões. Tentar influenciar a segurança do Estado e cancelar uma acusação de ataque contra a Casa de Saud...

bem, seria como levar uma faca para uma guerra nuclear.

Por volta do fim da noite — após a longa e fechada reunião de tios, avô e primos não ter conseguido nenhum telefonema significativo —, ele percebeu que estava certo quanto às chances que tinham. Mas isso não queria dizer que desistiram: durante cinco meses, a família, mesmo perto de entrar em colapso por causa de tanto estresse, tentou penetrar no *gulag* saudita e encontrar uma minúscula vida escondida nesse labirinto.

E o que conseguiram depois de tudo isso? Nenhuma informação, nenhum auxílio do governo e, certamente, nenhum contato com o zoólogo. Como as vítimas do 11 de Setembro, ele fora trabalhar certo dia e nunca mais voltou para casa.

O homem estava perdido em um labirinto irreal, preso com vivos que mais pareciam mortos em centenas de celas superlotadas. Foi ali que ele rapidamente aprendeu que todos acabam assinando uma confissão — graças à bateria de chumbo-ácido de doze volts —, mas que havia dois grupos distintos entre os presos.

Os do primeiro grupo se entregavam ao seu destino, ou a Alá, e apenas assinavam de qualquer jeito aquela porcaria. O segundo grupo achava que sua única esperança era justamente assinar a confissão, de modo a, finalmente, se verem diante de um juiz. Poderiam então refutar a confissão e proclamar sua inocência.

Esta foi a estratégia adotada pelo zoólogo. Contudo, o sistema judicial saudita desenvolvera um meio de lidar com isso: o prisioneiro é devolvido à polícia para explicar por que mudou de ideia. É muito deprimente falar sobre os métodos “intensivos” usados contra esses homens e mulheres. Basta dizer que ninguém nunca compareceu diante de um juiz e refutou a própria confissão pela segunda vez. Nunca.

Após assumir sua culpa e ser condenado por declarações sediciosas e corrupção na Terra, a viagem do zoólogo pelo sistema penal foi interrompida bruscamente.

A causa foram problemas de trânsito no centro de Jidá: seria necessário um aviso com no mínimo dez dias de antecedência para que o enorme estacionamento diante da mesquita principal fosse fechado. Somente então o palanque de mármore branco poderia ser erguido no centro.

CAPÍTULO DOIS

Os espectadores começaram a se reunir no início da manhã, assim que viram as barricadas sendo montadas e a equipe especial de carpinteiros erigirem o palanque. Anúncios públicos de execuções iminentes são raros no país, mas, através de celulares e mensagens de texto, a notícia sempre se espalha.

Em poucas horas, uma grande multidão foi até o estacionamento e, no momento em que um menino de doze anos — o melhor amigo do Sarraceno — passou por ali de carro com o pai, soube exatamente o que aquilo significava. Era sexta-feira, o dia do descanso muçulmano, e o tráfego estava péssimo, de modo que levou mais de uma hora para chegarem em casa. Ele imediatamente pegou a bicicleta e pedalou treze quilômetros para contar ao amigo o que vira.

Temendo o pior, sem mencionar nada para a mãe ou as irmãs, o Sarraceno montou em sua motocicleta, colocou o amigo na garupa e seguiu pela Corniche, a estrada que corre ao largo do Mar Vermelho até o centro de Jidá.

Quando os dois rapazes avistaram o mar, as orações do meio-dia já tinham terminado na mesquita principal, e centenas de homens saíam para se juntar à multidão de espectadores que aguardava no estacionamento. Sob a implacável luz do verão, os homens com suas túnicas completamente brancas produziam um contraste impressionante com os grupos de mulheres trajando véus e *abayas* negras. Apenas algumas crianças pequenas usando camisa e calça jeans adicionavam um toque de cor à cena.

Execuções são a única forma de entretenimento público permitido na Arábia Saudita. Filmes, shows, espetáculos de dança, peças de teatro e até mesmo restaurantes que admitem ambos os sexos são proibidos. Mas todos são bem-vindos, inclusive mulheres e crianças, para assistir a alguém morrer. Abstendo-se de tais inovações modernas como injeções letais ou até mesmo um pelotão de fuzilamento, o método saudita parece ser uma verdadeira diversão para as multidões: decapitação pública.

Naquele dia, fazia cerca de quarenta e três graus na Corniche, o calor emanando do asfalto em ondas tremeluzentes, enquanto a motocicleta atravessava depressa o tráfego de fim de semana. Mais à frente, o caos se desdobrava: a estrada estava sendo quebrada para a construção de um novo viaduto, máquinas de construção deixavam apenas uma pista livre, os

carros envolvidos em um engarrafamento de vários quarteirões.

No interior do capacete sufocante, os pensamentos do filho do zoólogo também estavam um caos. O medo causava-lhe ânsia de vômito, e ele desejava desesperadamente que fosse algum traficante de drogas africano a ser levado para o palanque. Não saberia lidar com o fato de que, se estivesse errado, veria o pai pela última vez ajoelhado no mármore, as moscas já zumbindo, a lâmina prateada desaparecendo em um jorro de sangue.

Ele olhou para o tráfego impenetrável à sua frente, levou a motocicleta para o acostamento e, em um turbilhão de poeira e detritos, atravessou o canteiro de obras repleto de crateras.

Apesar da multidão reunida para a exibição, não havia muito barulho no estacionamento: apenas murmúrios e a voz de um mulá lendo o Alcorão sendo amplificada pelo sistema de som da mesquita. Pouco a pouco, até mesmo esses murmúrios se silenciaram quando um carro oficial atravessou o cordão de isolamento e parou diante do palanque.

Um homem muito corpulento, vestindo uma túnica branca imaculada, saiu do veículo e subiu os cinco degraus da plataforma. Uma faixa de couro polido atravessava seu peito em diagonal e terminava no lado esquerdo do quadril, sustentando uma bainha onde havia uma espada longa e curva. Era o carrasco. Seu nome era Sa'id bin Abdullah bin Mabrouk al-Bishi e era conhecido como o melhor carrasco do reino, sua reputação construída principalmente por conta de um procedimento chamado amputação cruzada. Em geral, esse castigo era aplicado como punição para salteadores de estrada e se mostrava muito mais difícil do que uma simples decapitação, pois a técnica requer a rápida utilização de facas feitas sob medida para cortar a mão direita e o pé esquerdo de um prisioneiro. Dedicando-se com afinco a esse processo ao longo de muitos anos, Sa'id al-Bishi aos poucos elevou o padrão geral de punições públicas da Arábia Saudita. Agora, era raro o público ver um carrasco ter de desferir vários golpes na cabeça ou nos membros de um prisioneiro para separá-los do restante do corpo.

Agradecendo as saudações de diversos espectadores, al-Bishi mal tivera tempo de se familiarizar com sua área de trabalho. Ele logo viu uma van branca abrir caminho em meio à multidão. Um policial ergueu uma barreira e o veículo com ar-condicionado parou ao lado da escada. Quando as portas traseiras foram abertas, a multidão se esticou para ver quem era o ocupante.

O zoólogo saiu do veículo e entrou naquele caldeirão com os pés descalços, os olhos vendados por uma gaze branca e espessa, os pulsos algemados junto às costas.

Entre aqueles que assistiam havia pessoas que o conheciam, ou acreditavam conhecer, mas levou um instante para que reconhecessem a fisionomia do homem. Deus sabe o que a polícia secreta fizera com ele nos últimos cinco meses, mas o zoólogo parecia ter encolhido. Era como a casca de um homem, quebrado e diminuído, ao menos fisicamente, como aqueles idosos

translúcidos em asilos. Ele tinha trinta e oito anos.

O zoólogo sabia com exatidão onde estava e que evento era aquele; quarenta minutos antes, um funcionário do assim chamado Ministério da Justiça viera até a sua cela e lera um decreto formal. Foi quando soube que havia sido condenado à morte. Enquanto dois policiais uniformizados o conduziram lentamente pelos degraus do palanque, testemunhas disseram que ele ergueu o rosto para o sol e tentou endireitar os ombros. Com certeza não queria que os filhos ouvissem alguém dizer que o pai não era corajoso.

Com uma mistura de desgosto e inveja, os motoristas engarrafados na Corniche viram a motocicleta passar a toda velocidade, usando o canteiro de obras como uma autoestrada particular. Malditas crianças.

O rapaz passou por mangueiras enroladas em espiral, utilizadas para molhar os sobrecarregados operários nativos de Bangladesh e impedir que desmaiassem de exaustão por causa do calor. Então, em seguida, serpenteou por entre uma floresta de postes de concreto. Ele tinha cerca de sete minutos para chegar à praça.

Creio que, mesmo em um momento posterior de sua vida, ele não teria sido capaz de explicar por que se arriscou tanto naquele trajeto. O que poderia fazer? Acredito que, em seu medo e angústia, a única coisa que lhe passou pela cabeça foi que ele era parte do corpo e da alma do pai, e tal vínculo não admitiria nada menos do que sua presença. Fez uma curva abrupta à esquerda, atravessando um terreno baldio repleto de detritos, e dirigiu ainda mais rápido em direção a uma estrada que desembocava na praça. A passagem estava bloqueada por uma cerca de arame, no entanto, mais adiante de uma fileira de hastes de aço reforçado viu uma abertura larga o suficiente para que pudesse atravessar. Alá estava do seu lado!

Dobrou ainda mais à esquerda, ziguezagueando pelas hastes, erguendo nuvens de poeira fina, se aproximando em alta velocidade da estreita abertura. Ele ia conseguir!

No palanque, com os olhos vendados, o zoólogo sentiu uma mão em sua nuca, fazendo pressão para ele abaixar a cabeça. A mão pertencia ao carrasco, que disse que ele deveria se ajoelhar. Quando se curvou, o calor do sol em seu rosto indicou que ele estava voltado para Meca, a sessenta e cinco quilômetros dali. Na direção dela também ficava a casa do homem, e a lembrança da esposa e dos filhos em seu adorado lar lhe causou um estremecimento de perda.

O carrasco agarrou o ombro do homem. Ele já fizera aquilo diversas vezes e sabia o momento exato em que um condenado precisava de apoio. Uma voz gritou uma ordem no alto-falante da mesquita.

Por toda a praça, que se estendia do austero edifício do Ministério das Relações Exteriores até a grama em frente à mesquita, milhares de pessoas se ajoelharam em oração, voltadas para

Meca. Como qualquer muçulmano devoto, o zoólogo conhecia as palavras de cor, e pronunciou-as em uníssono com a multidão. Também sabia a exata duração: em uma estimativa razoável, ele tinha cerca de quatro minutos de vida.

Sem conseguir enxergar direito por causa da poeira levantada pela motocicleta, o rapaz não viu um feixe de hastes de aço até ser tarde demais. Quando se deu conta, uma das hastes, que se projetava uns trinta centímetros a mais que as outras, penetrou entre os raios da roda dianteira.

Seu tempo de reação foi incrível: ele jogou a moto para o lado, mas não foi rápido o bastante. Com a roda dianteira girando, a haste de aço arrancou furiosamente os raios de metal. Finos fragmentos atravessaram o tanque de gasolina e os cabeçotes do motor, a roda se soltou, os garfos dianteiros afundaram na terra e o veículo parou na mesma hora. O filho do zoólogo e seu amigo foram projetados por cima do guidão, aterrissando em uma confusão de braços, pernas e poeira. Muito atordoados, a motocicleta transformada em sucata, os garotos estavam quase inconscientes.

Quando o primeiro dos chocados motoristas que assistiam à cena da Corniche chegou aonde eles estavam, as orações no estacionamento haviam terminado e a multidão já se erguia. O carrasco inclinou-se para o prisioneiro ajoelhado e toda a praça ficou em silêncio. O executor fez um ligeiro ajuste no ângulo do pescoço do zoólogo e os espectadores que estavam bem perto viram que eles trocaram algumas palavras.

Muitos anos depois, falei com diversas pessoas que estavam na praça naquele dia. Entre aqueles com quem falei, estava Sa'id al-Bishi, o carrasco. Tomamos chá na *majlis* — a sala de visitas formal — de sua casa, e eu lhe perguntei o que o zoólogo dissera.

— É raro que um homem consiga dizer qualquer coisa nessa situação — disse Sa'id al-Bishi. — Então, é claro que isso fica gravado na sua mente. — Ele deu um longo suspiro. — Foi breve, mas ele falou com convicção. Ele disse: “A única coisa que importa é que Alá e o povo saudita perdoem os meus pecados.”

Al-Bishi ficou em silêncio e olhou em direção a Meca. Aparentemente, só revelaria aquilo. Balancei a cabeça com reverência.

— *Allahu Akbar* — respondi. Deus é grande.

Ele tomou outro gole de chá, olhando ao longe, perdido em pensamentos sobre a sabedoria que um homem alcança nos seus últimos momentos. Continuei olhando para ele, assentindo, circunspecto. Uma coisa que você nunca deve fazer em um país árabe é chamar um homem de mentiroso, ainda que de forma indireta.

Como consequência, continuei encarando o homem enquanto ele mantinha o olhar perdido, imerso em sua sabedoria. Lá fora, eu podia ouvir o murmúrio da água de uma fonte no seu belo

pátio, o som das criadas se movimentando nos aposentos femininos. Carrascos do Estado devem ganhar muito bem.

Enfim, ele começou a se mexer em seu assento, revelando seu desconforto, e, em seguida, lançou um olhar na minha direção para ver se eu era apenas do tipo quieto ou se de fato o estava desafiando.

Não tirei os olhos dele, e ele riu.

— Você é um homem inteligente, para um ocidental — falou. — Então, vamos conversar sobre o que ele realmente disse, certo? Pois bem, quando me abaixei junto ao prisioneiro, mandei ele não se mover e expor o máximo possível do pescoço. Isso facilitaria as coisas para nós dois. Ele não pareceu se importar, só fez um sinal para que eu me aproximasse. Alguém deve ter ferido o interior de sua boca, talvez com um eletrodo, porque ele falava com dificuldade. “Você conhece o rei?”, sussurrou.

“Isso me pegou de surpresa, mas falei que, com grande honra, já tinha encontrado Sua Majestade diversas vezes. Ele balançou a cabeça como se esperasse ouvir aquilo. ‘Da próxima vez que encontrá-lo, diga-lhe esta frase, que um americano pronunciou certa vez: *Você pode matar um pensador, mas não pode matar uma ideia.*’

O carrasco olhou para mim e deu de ombros.

— E você disse? — perguntei. — Quer dizer, para o rei.

O carrasco riu.

— Não. Conhecendo a alternativa, prefiro manter minha cabeça no lugar.

Não precisei perguntar o que aconteceu em seguida. Outras pessoas presentes no estacionamento naquele dia já tinham me contado. Quando al-Bishi terminou de trocar suas breves palavras com o prisioneiro, uma brisa forte soprou do Mar Vermelho — quase todos mencionaram isso, porque estava muito quente. O carrasco se ergueu e sacou a espada em um movimento desenvolto. Ele deu um passo para trás e calculou a distância habilmente com o olhar antes de plantar os pés com firmeza.

O único ruído que se ouvia era a estática do alto-falante da mesquita. Al-Bishi levantou a longa espada, endireitou as costas e ergueu o queixo para destacar seu perfil — quando eu o conheci não pude deixar de notar o quanto era vaidoso. Com uma mão, ele levou a espada acima de sua cabeça e, ao chegar no topo da trajetória, todos os olhos na praça a seguiram, quase cegos por conta do brilho branco do sol.

Ele fez uma pausa, a espada reluzindo, como se ressaltasse o drama da situação. Então sua outra mão envolveu o punho da arma e ele baixou a lâmina com uma velocidade impressionante. A espada atingiu o zoólogo na nuca. Assim como fora orientado, o prisioneiro não se moveu.

Todos com quem conversei falaram sobre o som: alto e úmido, como se alguém tivesse cortado uma melancia. A lâmina seccionou a medula espinhal do zoólogo, as artérias carótidas e a laringe até separar a cabeça do corpo.

A cabeça rolou pelo mármore, pálpebras piscando, seguida pelo movimento do sangue jorrando das artérias cortadas. O torso do zoólogo pareceu flutuar por um instante, como se em estado de choque, e logo depois tombou para a frente, sobre seus próprios fluidos.

O carrasco, trajando sua túnica imaculada, olhou para sua obra, a estática no alto-falante foi substituída por uma oração muçulmana, moscas começaram a se agrupar e a multidão na praça irrompeu em aplausos.

O filho do homem morto — ofegante por causa da corrida, com o lado esquerdo do corpo gravemente esfolado, um lenço enrolado na mão ensanguentada — entrou mancando no estacionamento logo após o cadáver do pai ter sido carregado até o surpreendente frescor do interior da van branca. Era esse o motivo de o veículo ter ar-condicionado: não para o conforto dos vivos, mas para inibir o fedor dos mortos.

A maioria dos espectadores já tinha ido embora e apenas os policiais permaneceram para desmontar as barricadas, junto com alguns operários de Bangladesh que lavavam o mármore do palanque.

O rapaz olhou em torno, tentando reconhecer alguém a quem pudesse perguntar a identidade do prisioneiro executado, mas todos se moviam depressa para escapar da ventania, puxando seus turbantes quadriculados para baixo a fim de protegerem seus rostos, como os beduínos fazem. Na outra extremidade do gramado, o muezim — o assistente do líder da mesquita — fechava as venezianas de madeira, protegendo o lugar do que cada vez mais se assemelhava a uma grande tempestade de areia.

Açoitado pelo vento, o menino correu e chamou-o através da grade de ferro, pedindo um nome, uma profissão. O muezim voltou-se para ele, protegendo o rosto da areia, e gritou em resposta. O vento arrebatou sua voz, de modo que o menino só conseguiu ouvir uma palavra: “Zoólogo.”

As imagens das câmeras de vigilância sauditas que monitoravam a praça — descobertas muito tempo depois — mostravam que o muezim retornou para o trabalho e nem chegou a ver o rapaz se afastar e encarar o palanque de mármore, seu corpo maltratado pelo vento quente, o coração obviamente consumido por uma desolação total. Ele permaneceu parado por alguns minutos e, determinado a agir como um homem e não chorar, parecia uma estátua varrida pelo vento.

Na verdade, acho que era muito provável que a mente dele estivesse viajando rápido: como a maioria das pessoas que enfrentam um grande horror, o garoto ficara perdido no espaço e no

tempo. Provavelmente teria permanecido ali em pé durante horas, mas um dos policiais se aproximou, gritando para que fosse embora, e o rapaz se afastou para escapar da vara de bambu.

Enquanto caminhava em meio aos redemoinhos de areia, as lágrimas finalmente venceram sua determinação férrea, e, sozinho em uma cidade que agora odiava, ele emitia um grito terrível. As pessoas me disseram depois que soou como um uivo de pesar, mas eu sabia que não era isso. Era o grito primal do nascimento.

Em um processo tão sangrento e doloroso quanto sua contrapartida física, o Sarraceno nasceu para o terrorismo em um estacionamento varrido pelo vento no centro de Jidá. Com o tempo, por amor ao pai, ele se tornaria um islamita apaixonado e conservador, um inimigo de todos os valores ocidentais, um confesso oponente da monarquia de Fahd e um grande defensor do *jiha*d violento.

Obrigado, Arábia Saudita, obrigado.

CAPÍTULO TRÊS

Apesar da enorme riqueza, das vastas reservas de petróleo e do gosto por armamentos americanos de alta tecnologia, nada funciona de verdade na Arábia Saudita. O sistema de ônibus de Jidá, por exemplo.

Com a motocicleta destruída, o filho do zoólogo não tinha meios de transporte alternativos, o que significava que, por causa do horário impreciso do sistema e do agravamento da tempestade de areia, a notícia sobre a execução chegou à sua casa vinte minutos antes dele.

Sua família já se reunira na modesta *majlis* da aldeia, como uma assembleia, e sua mãe enchia seus parentes com um terror crescente. Entre ondas de dor e descrença, ela protestava contra o país, o sistema judicial e a própria família real saudita. Embora nenhum homem — e muito menos a própria sociedade — fosse capaz de admitir, ela quase sempre era a pessoa mais inteligente da sala.

Seu ataque mordaz só chegou ao fim quando alguém olhou pela janela e viu o filho dela se aproximar. Quase sem respirar em meio às lágrimas, a mulher o encontrou no corredor, desesperadamente preocupada com que — tragédia atrás de tragédia — o garoto tivesse presenciado a execução do pai.

Quando ele balançou a cabeça negando e narrou partes do desastre de motocicleta no canteiro de obras, ela caiu de joelhos pela primeira e única vez, agradecendo a Alá por todas as feridas no corpo do filho. O rapaz se curvou, ergueu a mãe e, por sobre o ombro, viu as duas irmãs mais novas sozinhas, como se isoladas nas próprias ilhas particulares de desespero.

Ele as envolveu em um abraço e contou-lhes a respeito da dor que se abatera sobre ele durante todo o caminho de volta para casa. Contudo, ainda não ocorrera a nenhum deles que, como o pai fora um prisioneiro executado, não haveria funeral ou enterro, nem a possibilidade de fechar seus olhos, nenhum banho ou mortalha seguindo o ritual islâmico como um gesto final de bondade com o falecido. Seus restos mortais seriam jogados em uma vala comum, enterrados em uma cova anônima. Se tivessem sorte, um dos coveiros o deitaria do lado direito, voltado para Meca. Se tivessem sorte.

Nos meses que se seguiram, de acordo com o interrogatório da mãe, postergado por muito tempo, a opressiva sensação de perda que tomou conta da casa permaneceu inalterada. Afora

os parentes próximos, não houve visitas ou telefonemas — a natureza do crime significava que a família seria repelida por amigos e pela comunidade em geral. De certa forma, eles também foram jogados e enterrados em uma vala comum. Mesmo assim, a constante passagem dos dias finalmente cegou a lâmina afiada da dor, e o menino — um aluno excepcional — enfim pegou seus livros e continuou os estudos em casa. Mais do que qualquer outra coisa, aquilo tranquilizou a família. Afinal, a educação é uma ferramenta para um futuro melhor, não importando quão impossível tal perspectiva possa parecer no momento.

Assim, oito meses após a execução, o céu oriental irrompeu com uma aurora não anunciada. Sem que a família soubesse, o avô vinha trabalhando sem descanso em benefício de todos. Por meio do pouco *wasta* que lhe restava e de subornos que mal podia pagar, o velho conseguira passaportes, autorizações de saída do país e vistos para a nora e os três netos. Com certeza aquilo era uma prova do quanto ele os amava, mas a verdade era que a família representava um constrangimento para as autoridades, e eles provavelmente estavam contentes de vê-los ir embora. Qualquer que fosse o caso, o velho chegou tarde da noite, deu a surpreendente notícia para os parentes e disse-lhes que partiriam bem cedo, antes que as pessoas de quem ele comprara a ajuda tivessem tempo de mudar de ideia.

Durante toda a noite, eles empacotaram seus poucos pertences, reviveram uma última vez as lembranças e, sem ter de quem se despedir, pegaram a estrada ao amanhecer. O comboio de quatro veículos familiares sobrecarregados viajou durante doze horas, cruzando todo o país através do deserto atemporal, passando por intermináveis campos de petróleo até que, ao anoitecer, viram as águas azul-turquesa do golfo Pérsico.

Atravessando a água como um colar erguia-se o impressionante complexo de pontes que ligavam a Arábia Saudita à nação insular independente do Bahrein, compreendendo vinte e cinco quilômetros de pontes e viadutos, um triunfo da engenharia holandesa conhecido como Ponte do Rei Fahd. Enquanto a família seguia em frente, via gigantescos outdoors do sorridente monarca saudita a cada quilômetro, uma ironia que não escapou ao menino: aquele era o homem que decretara a execução de seu pai. O odiado rosto de Fahd foi a última coisa que ele viu de sua terra natal.

Depois de pagar outro suborno na fronteira, o avô e três primos foram autorizados a entrar brevemente sem documentos no país, para ajudar a transportar os bens da família até uma casa que o velho alugara por meio do amigo de um vizinho. Ninguém disse nada, mas todos se decepcionaram quando viram o lugar.

A casa em ruínas ficava em um pequeno terreno quadrado de terra batida em uma área semi-industrial de Manama, a capital do país. A porta da frente estava aberta, o encanamento mal funcionava e apenas dois cômodos tinham eletricidade. Mas agora não havia como voltar

atrás e qualquer coisa seria melhor do que a vida em Jidá.

Com os poucos bens familiares enfim descarregados, a mãe do menino olhou para o velho na cozinha decadente, tentando agradecê-lo em silêncio por tudo que fizera por eles. O homem balançou a cabeça, colocou um pequeno maço de notas na mão dela e disse que enviaria mais dinheiro — não muito, mas o suficiente — todo mês. Quando ela mordeu o lábio tentando conter o choro por causa da generosidade do sogro, ele caminhou lentamente em direção às netas, que assistiam a tudo do quintal de terra batida, e abraçou-as.

Então ele se voltou e hesitou. O velho deixara a parte mais difícil para o fim. Seu neto, ciente do que estava por vir, tentava parecer ocupado, abrindo caixas na varanda dos fundos. O avô se aproximou e esperou que ele erguesse o olhar. Como homens, nenhum deles tinha muita certeza de quanta emoção deveriam demonstrar, até que o avô estendeu as mãos e abraçou-o com força. Não era hora de ser orgulhoso; ele era um homem de idade, e só Deus sabia se veria o neto outra vez.

O avô deu um passo para trás e olhou para o jovem — a cada dia se parecia mais com o pai, aquele que fora executado. Apesar de tudo, a vida continua em nossos filhos e netos, e nem mesmo um rei pode tirar isso de nós. Subitamente, ele se voltou e caminhou em direção aos veículos estacionados, chamando os primos para darem partida nos motores. Ele não olhou para trás para que a família não visse as lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

Cercado pela mãe e pelas duas irmãs, o menino permaneceu um longo tempo em meio à escuridão, observando as luzes traseiras de suas antigas vidas desaparecerem na noite.

CAPÍTULO QUATRO

Dois dias depois, e pela primeira vez desde que se tornara adulta, a mãe das crianças saiu em público sem a companhia de um homem. Apesar do medo e da vergonha, ela não tinha escolha. Se não mantivesse as crianças ocupadas, a recém-descoberta solidão e a pobreza poderiam assolar todos eles.

À deriva em uma terra estrangeira, sem parentes ou amigos, ela encontrou o ponto de ônibus, subiu nele com as crianças e caminhou com elas durante horas pelos shoppings da cidade. Aquilo foi uma revelação. Nenhum deles tinha qualquer experiência em relação a uma interpretação liberal do islã, e observaram com os olhos arregalados os cartazes de filmes americanos e musicais de Bollywood, viram mulheres ocidentais usando tops e shorts e não conseguiram acreditar ao verem muçulmanas usando *abayas* elaboradas, tendo trocado seus véus por óculos de sol da Chanel.

Uma coisa fascinou mais o rapaz do que todas as outras. Os únicos rostos femininos que ele tinha visto na vida eram os de sua mãe e de parentes mais próximas. Ele nem mesmo vira mulheres em fotos: revistas e outdoors mostrando moças sem véus eram proibidos na Arábia Saudita. Assim, nas lojas do Bahrein, tendo pela primeira vez uma base de comparação, ele descobriu algo que, de outro modo, jamais teria sabido: sua mãe era linda.

Claro, todos os filhos pensam o mesmo a respeito de suas mães, mas o menino sabia que não era o caso. Ela tinha apenas trinta e três anos, maçãs do rosto salientes, pele impecável e grandes olhos amendoados que brilhavam com inteligência. Seu nariz era fino e reto, conduzindo o olhar diretamente até a curva perfeita de sua boca. Mais do que isso, seu sofrimento recente emprestara-lhe uma graça e altivez muito acima de sua modesta posição social.

Certa noite, não muito tempo depois, com suas irmãs já na cama, ele se sentou sob a lâmpada da cozinha e, com hesitação, disse para a mãe como ela era adorável. Rindo, ela beijou o topo da cabeça do filho, mas naquela noite, na cama, chorou em silêncio. Quando um rapaz começa a notar a beleza de uma mulher, isso significa que está crescendo, e ela sabia que o estava perdendo.

Nas semanas que se seguiram, ela conseguiu matricular os três filhos em boas escolas, e o

menino, depois de seis tentativas, encontrou uma mesquita rígida e antiocidental o bastante para merecer a aprovação do pai. Um rapaz de quinze anos sair à rua, sem a companhia de outro homem da família para ir observar o serviço religioso, era algo incomum em qualquer mesquita, de modo que, na primeira sexta-feira após as orações, o imã, cego de nascença, e diversos outros homens o convidaram para tomar chá em um belo jardim nos fundos do edifício.

Sob uma árvore de jacarandá o menino não revelou quase nada sobre os acontecimentos que o trouxeram ao Bahrein, mas os homens não foram facilmente despistados e, incapaz de mentir para o imã, ele enfim lhes contou trechos esparsos da história da morte de seu pai. Ao fim da narrativa, os homens inclinaram as cabeças e o elogiaram. “Que filho, que muçulmano devoto, não se orgulharia de um homem que falou em defesa da sua fé e dos seus valores?”, perguntaram com raiva.

Para um rapaz que fora humilhado e rejeitado por sua comunidade, que estivera sozinho durante tanto tempo, aquilo foi uma experiência salutar. A mesquita começava a preencher o principal vazio emocional de sua vida.

O imã cego lhe disse que Deus envia apenas a quantidade de sofrimento que um homem consegue suportar. Portanto, os terríveis acontecimentos em Jidá eram um testemunho da profunda devoção e coragem de seu pai. Ao dizer isso, ele estendeu a mão e passou os dedos pelo rosto do adolescente, guardando-o em sua memória. Era um sinal especial de respeito e de boas-vindas à sua irmandade.

Além de dizer que os fiéis eram muito inteligentes, o rapaz não mencionou nada para a mãe sobre as palestras a que assistia na maioria das noites na mesquita. Aquilo era assunto de homens, dissera o imã, e um homem só podia falar livremente se soubesse que aquilo não seria repetido.

E enquanto o menino dava os primeiros passos na política da violência, naquilo que acabaria por se revelar uma célula da Irmandade Muçulmana, o restante da família navegava na direção oposta. Ao contrário da maior parte das pessoas no Bahrein, a família não tinha TV, mas o acesso das meninas à cultura pop aumentava a cada dia — na escola, em shoppings, em outdoors — e, assim como em todos os outros países da região, cultura pop não significava cultura árabe.

A americanização crescente de suas irmãs começou a provocar discussões cada vez mais intensas entre o rapaz e sua mãe, até que, certa noite, ela conversou sério com ele. Disse que o Bahrein era o único futuro para eles e que ela queria que as meninas se adaptassem, encontrassem o amor de amigos. Ela queria que isso acontecesse com todos os filhos. E se isso significasse rejeitar tudo que dizia respeito ao modo como viviam na Arábia Saudita, ela não

choraria uma lágrima por algo que lhes trouxera tanta desgraça.

A mãe disse que a solidão era uma navalha que corta o coração, que uma criança tinha o direito de sonhar e que, se as meninas não se esforçassem para encontrarem a felicidade agora, jamais o fariam. Conversou com ele com discernimento e honestidade, e por que não deveria? Ela bem poderia estar falando sobre si mesma. Ele nunca vira a mãe tão exaltada e percebeu que, embora ela ainda fosse uma muçulmana para o mundo exterior, em seu coração — sentindo-se abandonada por Deus — ela agora só venerava a vida e seus filhos. Profundamente perturbado, o rapaz a lembrou de que Alá os observava o tempo todo e voltou para a cama.

Depois que o jovem caiu no sono, a mãe foi até o quarto das filhas, acordou-as de maneira gentil e as abraçou. Disse que sabia que elas estavam crescendo e se encaminhando para algo diferente, mas que não podiam ofender o irmão em sua própria casa. Tinham que parar com a música e, quando saíssem para a escola, deveriam usar o véu.

As meninas eram como a mãe, tanto na aparência quanto no temperamento, e começaram a fazer objeções. Ela as silenciou dizendo que aquilo teria que acontecer porque o irmão as amava, e ele estava apenas tentando descarregar a enorme responsabilidade que sentia por causa do pai. Ela olhou para os rostos delas, implorando que mudassem de ideia, e quase chegou a sorrir. Estava prestes a compartilhar um segredo com as filhas, e nunca fizera aquilo com ninguém, a não ser com a própria mãe.

— Preciso da ajuda de vocês — disse ela. — Há algo muito importante que preciso falar com seu irmão, e ele jamais concordará se achar que vocês estão sendo corrompidas.

As duas meninas esqueceram os protestos, ansiosas para saber o que a mãe planejava falar com o irmão.

— Não podemos continuar assim — continuou a mãe. — Não é só a casa, seu avô também já tem muita idade. O que acontecerá se ele morrer e o dinheiro parar de chegar?

Ela deixou que as filhas avaliassem as assustadoras consequências daquilo antes de lhes dizer:

— Eu me candidatei a um emprego.

De todas as lições que as meninas aprenderiam como jovens muçulmanas, a que a mãe lhes deu naquela noite foi a mais importante: assumir o controle, perceber que a única escada para o céu é aquela que você constrói para si mesma, aqui na Terra. Elas a olharam com admiração. Um emprego?!

A mãe contou que ouvira falar sobre a abertura de vagas por meio de uma das mães da escola das filhas e que telefonara para a empresa havia algumas semanas. Ela estava a ponto de desistir, mas uma carta chegara naquele mesmo dia pedindo que ela comparecesse a uma entrevista. A mãe explicou que não tinha dito nada para o filho, pois achava que não seria

contratada.

— Sejam honestas — disse ela. — Era quase certo que não conseguiria, não na minha primeira tentativa.

E não valia a pena ter uma discussão com a qual ninguém ganharia nada. Ela não revelou mais nada além desses simples fatos, insistindo que era tarde e que as filhas tinham que dormir.

Pela manhã, as meninas demonstraram apoio à mãe da única maneira que sabiam: os pôsteres foram retirados das paredes, as pilhas de revistas colocadas em sacos de lixo e todas as suas músicas e maquiagem foram escondidas.

No dia da entrevista, com as crianças na escola, a mãe reuniu as poucas economias que tinha e, seguindo um plano muito bem elaborado, foi até uma pequena boutique em um dos melhores shoppings, onde comprou uma bela bolsa Louis Vuitton e óculos de sol Gucci.

No banheiro público, ela trocou de bolsa, jogou a antiga no lixo e retirou o véu. Estava determinada a lançar mão de todos os trunfos que tinha, incluindo o mencionado pelo filho havia alguns meses. Contudo, superar uma vida modesta não era fácil e, mesmo com os óculos de sol, ela ainda não conseguia reunir coragem para se olhar no espelho.

Parecendo moderna e muito bonita, ela enfim saiu do banheiro e caminhou até a torre de escritórios ao lado: a sede da Batelco, o monopólio de telefonia local. Formigando de medo e nervosismo, ela se sentou em um sofá e esperou ser chamada para a entrevista. Ocorreu-lhe que seus sentimentos não eram muito diferentes daqueles que sentira em sua noite de núpcias, e agora se sentia completamente nua.

Não é surpreendente que as mulheres gostem de sair assim, pensou.

Uma secretária se aproximou e mostrou-lhe uma sala de reuniões onde dois homens e uma mulher lhe explicaram que a empresa estava ampliando o número de funcionários para o setor de “relacionamento com os clientes”. O que ela achava daquilo? Ela lhes disse que achava uma boa ideia: a reputação de atendimento ao cliente daquela empresa era tão ruim que ela nem imaginava que de fato houvesse tal serviço.

O executivo mais velho olhou para ela e riu. Durante todo o dia, ele e os colegas ouviram candidatos à vaga dizerem que aquela empresa era excelente. Finalmente estavam entrevistando alguém que ao menos compreendia que aquele trabalho era necessário. Ainda sorrindo, ele explicou que a maior parte das tarefas envolveria lidar com reclamações por cobranças indevidas, explicar ciclos de faturamento e desvendar os mistérios dos preços dos planos para os clientes.

Ela disse que não tinha qualquer experiência, mas que, ainda assim, era uma especialista; como viúva com uma renda baixa, precisava entender e analisar todas as contas domésticas,

incluindo as da Batelco. Ansiosa, ela continuou falando, sem perceber que, embora estivessem assentindo, os entrevistadores mal ouviam o que ela tinha a dizer.

Sabiam que o diferencial para aquele trabalho era a capacidade de lidar com clientes irritados, e não qualificações técnicas. A mulher à frente deles parecia ter uma rara combinação de inteligência e estilo, suficiente para acalmar os consumidores mais furiosos.

Os entrevistadores se entreolharam, comunicando-se através de sobrancelhas erguidas e minúsculos movimentos com os ombros, e, sem trocarem uma palavra, chegaram à decisão. O executivo mais velho interrompeu-a e perguntou se ela poderia começar na segunda-feira seguinte. A mãe estava tão animada que não conseguiu responder, e foi somente após ele repetir a pergunta que ela conseguiu dizer que sim.

A mulher saiu da sala de reuniões com um turbilhão de pensamentos aglomerando-se em sua mente, mas, mesmo em meio àquilo, sabia que não poderia compartilhar a notícia com as filhas. Tudo ainda poderia ir por água abaixo no último obstáculo: seu filho.

Após o jantar, ela casualmente pediu a ele para que a acompanhasse até um supermercado nas redondezas. A mulher planejou aquilo durante toda a tarde e, quando partiram, viu que o momento era perfeito. Era o começo do fim de semana e havia grupos de jovens reunidos do lado de fora de uma oficina mecânica especializada em personalização de automóveis, bandos de paquistaneses que trabalhavam nas fábricas locais agachados nas esquinas das ruas e carros repletos de rapazes fazendo bagunça a caminho dos cinemas na cidade. Enquanto caminhavam, ela assinalou cada um desses aspectos desagradáveis e disse que, em breve, com ou sem véu, as meninas chegariam a uma idade em que já não poderiam sair de casa.

O rapaz assentiu; ele também pensara sobre aquilo. Como homem, era o chefe da família, o responsável pela virtude das mulheres.

— Precisamos nos mudar para um bairro melhor — disse ela.

— Claro — respondeu ele. — Mas como pagaremos por isso?

— Vou conseguir um emprego — disse a mãe em voz baixa, convenientemente omitindo o fato de já ter um.

Ele parou e a encarou.

— Isso é ridículo! — rebateu ele.

Ela baixou o rosto coberto com o véu em um sinal de obediência, sabiamente deixando passar a primeira leva de raiva e surpresa do rapaz. Ele se voltou em direção ao supermercado, mas ela não se moveu.

— Ridículo, talvez, mas me diga uma alternativa — falou ela com firmeza. — De que outra forma manteremos as meninas seguras?

Ele continuou caminhando em direção à loja. Ainda assim ela não se moveu, determinada a

discutir com o filho pela chance de uma vida melhor.

— Não podemos viver para sempre de caridade! — gritou ela. — Que homem desejaria isso? Nenhuma mãe permitiria isso. Com um trabalho, poderíamos ter uma nova vida...

Ela não terminou. Ele parou e voltou em sua direção, furioso.

— A resposta é não. É errado!

Ele começou a arrastá-la pela manga, mas a mãe pressentiu a abertura que tão desesperadamente esperava.

— Uma mulher que trabalha pode não se adequar a certas ideias masculinas, pode deixar alguns imãs com um olhar enfurecido, mas não é *errado* — disse ela com frieza.

O filho vislumbrou o abismo que se abria à sua frente, mas não poderia voltar atrás no que dissera. Em vez disso, tentou encerrar a discussão, indicando os grupos de homens que assistiam à briga familiar.

— Ora, vamos! — disse ele. — Você está fazendo uma cena!

Mas a mulher não se moveu.

— Faz anos que concluí meus estudos religiosos — disse ela. — Então, me diga: onde está escrito que é errado uma mulher ter um trabalho honesto?

— É errado porque eu disse que é...

A mãe nem sequer deixou que ele terminasse de dizer aquele absurdo.

— A sua opinião é maior do que a do Profeta, louvado seja? — quis saber.

Até mesmo pensar tal coisa era um sacrilégio, e, por um momento, ele não foi capaz de responder.

Ela aproveitou a vantagem.

— Foi a vontade de Deus que o fez assumir o lugar do seu pai. Então, comece a agir como ele. Você acha que ele gostaria que as filhas dele vivessem assim? Acha que ele desejaria que a *mulher* dele vivesse assim?!

O jovem sabia as respostas. Diante da vasta separação de gênero que os distanciava, ele olhou através de uma pequena janela: a fenda estreita do véu. Por mais de mil anos, a única maneira pela qual os homens e as mulheres do mundo árabe vêm observando um ao outro.

Ela sustentou o olhar dele com seus belos olhos sombreados.

— Perguntei se você acha que seu pai gostaria que vivêssemos nestas circunstâncias. Agora, me responda — insistiu.

Ele tentou encará-la, mas ela não permitiu, deixando o olhar se perder ao longe. Ainda era a mãe dele e o jovem a amava muito.

— Quanto você ganharia se trabalhasse? — indagou ele, afinal.

CAPÍTULO CINCO

A paz familiar poderia ter continuado para sempre não fosse um grupo de operários de obras de Bangladesh.

Um mês depois de o filho concordar que a mãe poderia trabalhar, eles se mudaram para uma casa em uma vizinhança melhor e, cinco dias por semana, ela pegava o ônibus com as filhas e ia para o trabalho. Ela nunca havia se sentido com tanto propósito na vida, nem tão bem e tranquila na companhia das meninas. Isso terminou dois dias após os operários começarem a construir um pequeno prédio de escritórios perto da escola do rapaz.

Pouco familiarizados com os pontos mais delicados da preparação do local, os operários destruíram os sistemas subterrâneos de água e energia com uma retroescavadeira, desligando o ar-condicionado da escola. Enquanto o azarado motorista olhava para sua máquina estropiada com pesar, as crianças o aplaudiam pelas janelas do colégio, cientes de que teriam o resto do dia livre.

O Sarraceno decidiu surpreender a mãe e levá-la para almoçar, mas o serviço de ônibus em Manama era tão confiável quanto o de Jidá, de modo que ele chegou poucos minutos após o edifício da Batelco ter fechado para o almoço. Supondo que ela estaria no refeitório dos funcionários, foi até o shopping tomar algo e pensar em como passaria a tarde livre.

Ele desceu uma escada rolante, viu a mãe a uns trinta metros de distância e, nesse momento, desmoronou qualquer que tenha sido a vida que ele construía para si mesmo no Bahrein. Sem véu e usando batom, os óculos de sol Gucci erguidos no topo da cabeça, ela almoçava em uma lanchonete com um grupo de colegas de trabalho.

Arrasado, ele olhou para o rosto descoberto e maquiado dela. Aos seus olhos, era como se ela estivesse nua. Contudo, pior do que sua falta de pudor eram os quatro homens que estavam sentados à mesa. Bastava olhar para eles para ver que não eram pais ou irmãos de nenhuma das outras mulheres.

Uma onda súbita de náusea, de traição, quase o sufocou e, assim que se deu conta disso, foi tomado por uma imensa tristeza por ter falhado: ele percebeu que decepcionara o pai da pior maneira imaginável.

Pensou em confrontar a mãe na frente dos colegas, cobrir-lhe o rosto e arrastá-la para casa,

mas, de algum modo, ele conseguiu obrigar suas pernas a se afastarem dali. Irritado, quase irremediavelmente ferido, procurou o único refúgio que conhecia — a mesquita —, desesperado pelo consolo e pelos conselhos do imã e dos outros soldados da Irmandade Muçulmana.

De propósito, voltou para casa tão tarde e demorou tanto para se levantar na manhã seguinte que não viu a mãe e as irmãs até a hora do jantar. De maneira estranha, não fez qualquer referência ao que vira no shopping, mas, durante toda a refeição, a mãe sentiu que havia algo errado.

Quando as meninas foram para a cama, ela lhe perguntou o que estava acontecendo, mas, introspectivo e de cara fechada, ele não seria forçado a falar sobre aquele assunto. A única coisa que ela conseguia pensar era que talvez tivesse a ver com alguma garota, de modo que decidiu não pressioná-lo; ela convivera com os irmãos e sabia quão difíceis eram os anos da adolescência para os meninos.

Levou vários dias, mas ele enfim se sentou e falou com ela. Com os olhos baixos, disse que, após meses de reflexão, decidira seguir uma vida religiosa e um dia — se Deus quisesse — tornar-se imã.

Ela olhou para ele, surpresa, mas não fez qualquer tentativa de interrompê-lo. Os sonhos que tivera para o filho nunca incluíram aquilo.

Com calma, ele disse para a mãe que sabia que a vida espiritual era um caminho difícil, mas que, desde a morte do pai, a religião lhe trouxera mais consolo do que qualquer outra coisa e, como o imã lhe dissera diversas vezes, aquela era uma decisão da qual seu pai teria se orgulhado muito.

A mãe sabia que era verdade e, embora aquilo explicasse o silêncio recente, ela não conseguia deixar de pensar que havia algo mais a respeito daquela decisão que ela não compreendia.

Ela olhou para o filho, o único menino — a cada mês mais parecido com o pai, o que fazia com que o amasse ainda mais profundamente —, tentando induzi-lo a lhe contar tudo, mas ele apenas olhou para cima e a encarou, inabalável.

— Farei dezesseis anos daqui a duas semanas, mas ainda preciso da sua permissão para tirar o passaporte — disse ele. — Quero ir ao Paquistão por um mês.

Extremamente chocada, ela não disse nada. Paquistão? De onde viera aquilo?

— Será durante as férias de verão, de modo que não afetará os meus estudos — prosseguiu ele, friamente. — Perto de Quetta há um famoso madraçal, uma escola religiosa, que tem o curso perfeito para jovens iniciantes. O imã me disse que isso fará minha carreira começar em alto nível.

A mãe assentiu. Ela quase podia ouvir o homem cego falando aquilo. O que ele sabia sobre o seu filho? O rapaz era alto e forte, surpreendentemente atlético, e ela duvidava que uma vida de estudos religiosos viesse a satisfazê-lo.

— Mesmo que eu concordasse com isso, como poderíamos pagar? — perguntou ela, optando por iniciar pela objeção mais razoável.

— O curso é gratuito — respondeu ele. — E o imã se ofereceu para pagar a passagem aérea. Outros membros da mesquita disseram que vão escrever para amigos a fim de conseguir um alojamento.

A mãe mordeu o lábio inferior. Ela deveria ter previsto algo assim.

— Quando você iria? — perguntou.

— Em dez dias — respondeu ele de imediato, desafiando-a a dizer que era muito rápido.

— *Quando?!*

— Dez dias — repetiu, sabendo que ela o ouvira com clareza.

A mãe teve que fazer uma pausa para conter o coração disparado. Somente então poderia tentar encarar o medo de que, caso não o ajudasse, o ato estabelecesse uma distância permanente entre os dois.

— O que você acha? — perguntou o rapaz, em um tom suficientemente agressivo para deixar claro a resposta que esperava.

— Eu jamais colocaria barreiras no caminho de tão honrosa ambição — disse ela, por fim. — Mas é claro que tenho as minhas próprias preocupações, de modo que preciso me encontrar com o imã e me certificar de que estou satisfeita com os arranjos.

Ele sorriu com simpatia antes de se levantar.

— Sem problemas. Ele está esperando sua ligação.

Dois dias depois, tranquilizada pelo encontro, ela assinou o pedido de expedição de passaporte e, naquela mesma tarde, o rapaz foi até o escritório da Paquistão Air comprar a sua passagem.

À essa altura, a mãe já se dera conta de que ele estaria longe no dia do aniversário e, em meio ao tumulto de fazer as malas e as compras, ela e as meninas assumiram um fardo extra: organizar uma festa de aniversário surpresa no dia da partida do Sarraceno. Era um segredo muito mal guardado, mas ele parecia ter entrado na dança, fingindo não notar a comida extra que estava sendo comprada e os convites enviados para a escola e para a mesquita.

Contudo, no dia da festa, por volta das quatro horas da manhã, ele já estava desperto e completamente vestido. Sem fazer barulho, foi até o quarto das irmãs e ficou em pé junto às camas. As duas estavam exaustas após terem ficado acordadas até meia-noite finalizando os preparativos, e nenhuma delas despertou.

Ele olhou para seus adoráveis rostos, navegando tranquilos através dos sombrios mares do sono e, somente então, talvez, percebeu o quanto as amava. Mas aquele não era um momento para fraqueza, então colocou exemplares do Alcorão com o seu nome sob os travesseiros delas e as beijou uma última vez.

Com um coração mais pesado do que imaginara, ele atravessou o corredor e abriu a porta do quarto da mãe. Ela dormia deitada de lado, voltada para ele, iluminada pelo brilho suave de uma luminária no banheiro.

Sem que nenhuma delas soubesse, ele voltara ao escritório da empresa aérea três dias antes e mudara a passagem para o voo das seis horas da manhã. Desde que vira a mãe no shopping, ele mascarara os próprios sentimentos, mas não tinha certeza de que poderia continuar fazendo isso durante o tumulto emocional de uma festa de despedida. Ele lhes dissera que voltaria para casa em um mês, mas aquilo não era verdade. Na realidade, nem sabia se voltaria a vê-las de novo.

Olhando para a mãe, ele sabia que não seria fácil. Criado no deserto, o Sarraceno só havia visto nevoeiros uma vez na vida. Certa manhã, seu pai lhe acordara e os dois depararam com uma parede de vapor branco, sobrenatural, avançando na direção deles através do Mar Vermelho. Agora, as lembranças vinham da mesma forma: a barriga da mãe crescendo durante a gestação de uma das irmãs, seu pai batendo com força na boca da esposa por desobediência, o belo rosto da mãe rindo de uma de suas piadas. Aquele aglomerado de emoções humanas — da esperança ao desespero, do amor infantil à amarga decepção — envolvera seus estranhos tentáculos ao redor dele, até o rapaz se ver perdido naquele universo branco e mutável.

Ele teria permanecido à deriva, imerso em suas tristes reminiscências, não fosse a voz de um muezim distante chamando os fiéis para a oração. Isso significava que estava amanhecendo e que ele já estava atrasado. O jovem se aproximou da cama e inclinou-se para perto do rosto da mãe, sentindo a respiração dela em seu rosto. Dizem que quando os homens estão morrendo no campo de batalha, quase sempre seus dedos se retorcem no solo, tentando agarrar a terra e toda a dor e o amor que ela detém.

O menino não percebeu, mas, se tivesse olhado para baixo, teria visto seus dedos agarrando a colcha da cama. Quando beijou a testa da mãe, murmurou uma única palavra, algo que ele nunca dissera antes: disse o nome dela, como se a mãe, na verdade, fosse sua filha.

Ele se ergueu e passou pela porta, mantendo os olhos nela o maior tempo possível. Rapidamente, pegou a mochila, saiu para o novo dia e correu antes que as lágrimas o dominassem e fizessem seus pés obedecerem ao coração e o levassem de volta para casa.

No fim da rua, como combinado, um carro estava à sua espera. Lá dentro estavam o imã e dois líderes da Irmandade Muçulmana. Eles os cumprimentaram quando o rapaz se acomodou

no banco traseiro. Então o motorista acelerou e saíram em disparada para deixá-lo no aeroporto.

Sua mãe acordou duas horas depois. Levantara-se mais cedo para concluir os preparativos da festa. Na cozinha, encontrou uma carta endereçada a ela. Quando começou a lê-la, sentiu como se água gelada estivesse brotando do chão e congelando a parte inferior de seu corpo. Sentiu as pernas desfalecerem e quase não conseguiu encontrar uma cadeira a tempo antes de cair.

A mensagem falava sobre ele tê-la visto no shopping com sua vergonha sendo mostrada a todos, de ter certeza de que as irmãs eram cúmplices de tal comportamento e que sua única vontade tinha sido proteger as mulheres da família, exatamente como o pai teria desejado que ele fizesse.

Enquanto lia aquelas duas páginas, escritas com a melhor caligrafia, ela aprendeu uma lição que muitos outros pais já sabiam: geralmente são os filhos que o ferem da maneira mais profunda.

Ela enfim chegou ao último parágrafo e percebeu o quanto fora enganada pelo imã. O que leu destruiu os últimos resíduos do seu pouco controle e ela caiu em um terrível abismo de perda, culpa e medo.

O filho escrevera dizendo que iria para Quetta, mas que não havia nenhum madraçal famoso por lá, apenas um tipo diferente de acampamento escondido nas altas montanhas. Ali, ele se submeteria ao treinamento básico por seis semanas, antes de cruzar a fronteira através de uma antiga rota de contrabandistas e chegar ao campo de batalha.

O Sarraceno disse que jamais tivera qualquer intenção de seguir uma vida religiosa. Como qualquer muçulmano verdadeiramente devoto, iria para o Afeganistão lançar o *jihad* contra os invasores soviéticos que estavam matando os filhos do islã.

CAPÍTULO SEIS

Mais de um milhão de pessoas morreram durante os nove anos de guerra no Afeganistão. O Sarraceno não foi uma delas — fato que, considerando suas ações posteriores, faria muitas pessoas questionarem a existência de Deus, ou, pelo menos, Seu bom senso.

Após cruzar a fronteira, o Sarraceno lutou contra os soviéticos durante dois anos, até que, em certa noite fria de fevereiro, com dezoito anos, já alto e forte, ele olhou do topo de uma montanha para uma estrada que se estendia até a Europa.

Atrás dele, a lua crescente lançava sua luz sobre os picos e penhascos serrilhados onde mais dez mil *mujahidin* enrijecidos pela batalha também estavam de pé, como sentinelas.

Todos eles tinham visto coisas notáveis: quão rápido um prisioneiro russo pode dançar quando é encharcado com gasolina e incendiado, ou a imagem de seus próprios soldados mortos com os órgãos genitais decepados e enfiados na boca. Mas naquela noite de um milhão de estrelas, eles bem poderiam estar parados no quinto anel de Saturno acompanhando a frota estelar imperial passar à sua frente. Ninguém jamais vira algo parecido.

Ao longo dos sessenta e cinco quilômetros do amplo vale que se estendia lá embaixo — e, de acordo com os relatos no rádio militar afegão, por quase duzentos quilômetros além disso —, a estrada asfaltada de duas pistas estava lotada de carretas, caminhões e transportadores de tanques. A cada dois ou três quilômetros, fogueiras iluminavam a noite como uma versão de piras funerárias concebidas por Cristo. Enquanto os veículos passavam rente a elas, os soldados jogavam fora o material excedente: casacos de neve, caixas de ração, tendas, kits de primeiros socorros.

Vez ou outra, munição ou sinalizadores eram disparados por acidente, levando os homens nos veículos a se jogarem no chão, iluminando o céu como tristes fogos de artifício, fazendo com que um dos maiores comboios já vistos na Terra experimentasse momentos ofuscantes de profundo alívio. Os veículos se dirigiam para o rio Amu Dária, na fronteira com o Uzbequistão: o imenso 40º Exército Soviético — o exército da ocupação do Afeganistão — batia em retirada, derrotado.

O Sarraceno, assim como os outros *mujahidin*, sabia exatamente por que os soviéticos haviam perdido. Não fora por causa da coragem dos rebeldes ou pela insistência de Moscou

em lutar a guerra errada. Não, aquilo aconteceu porque os soviéticos não estavam do lado de Deus: foi a fé dos *mujahidin* que lhes trouxe a vitória.

— *Allahu Akbar!* — gritou uma voz vinda de um dos picos mais altos. Deus é grande.

Dez mil outras vozes ergueram-se, gritando em reverência e ecoando: “*Allahu Akbar!*” Aquilo se repetia e se abatia sobre os soviéticos enquanto eles fugiam de volta para casa. O Afeganistão, cemitério de tantos impérios, fizera mais uma vítima.

Duas semanas depois, vinte homens fortemente armados chegaram a cavalo na aldeia varrida pela neve onde o Sarraceno acampava com outros combatentes estrangeiros repletos de cicatrizes de batalha.

O líder dos visitantes se chamava Abdul Mohammad Khan e, mesmo em um tempo de gigantes, aquele homem era uma lenda. Quando os soviéticos invadiram, Abdul estava na casa dos quarenta anos. Ele liderou o seu clã para a guerra, foi levado por dois “conselheiros militares” a cair em uma armadilha de outra tribo, capturado em um intenso tiroteio e torturado em uma prisão de Cabul de tal forma que até mesmo os guardas russos ficaram enojados. Escapou durante uma sangrenta rebelião na prisão e, mantendo o corpo funcional mais pela força de vontade do que pelas ataduras, voltou para sua fortaleza nas montanhas.

Seis meses depois, com a saúde parcialmente restaurada, ele realizou o desejo que o fizera suportar as longas horas de espancamentos e eletrodos em Cabul: seus combatentes capturaram vivos os dois homens que o traíram. Ele não os torturou. Pesados blocos de aço foram amarrados às suas costas e eles foram colocados nus — com o rosto para cima — em grandes fôrmas. Incapazes de se erguerem, agitaram braços e pernas enquanto observavam o concreto líquido ser derramado dentro das fôrmas.

Quando seus corpos e seus rostos estavam cobertos apenas o suficiente para afogá-los, os homens impediram o concreto de verter e os recipientes foram colocados para secar. O contorno de seus membros se debatendo e os rostos desesperados estavam agora capturados para sempre em pedra, um grotesco baixo-relevo.

Os blocos contendo os homens sepultados em sua eterna tentativa de escapar foram instalados na parede de uma sala de reunião de uma luxuosa fortaleza, disponíveis para o esclarecimento de qualquer pessoa que viesse visitar o senhor Abdul Mohammad Khan. Ninguém nunca mais o traiu.

Quando chegou ao vilarejo congelado com sua escolta militar, ele já tinha — como um comandante sem igual e um homem extremamente devoto da fé — nomeado a si mesmo como governador da província. Assim, estava agora viajando através do seu imenso domínio, a fim de agradecer aos combatentes estrangeiros por sua ajuda e organizar a repatriação deles.

Durante todo esse longo trajeto, havia um homem que ele queria conhecer mais do que

qualquer outro. Por dois anos, ele ouvira histórias sobre o Sarraceno, o rapaz que atuava nas montanhas com um sistema de mísseis Blowpipe de vinte quilos às costas e um AK-47 no ombro.

Nos anos de guerra que se seguiram aos primeiros tanques soviéticos que cruzaram a fronteira com o Afeganistão, os russos tinham perdido mais de trezentos e vinte helicópteros. Três deles, temíveis máquinas Hind, foram abatidos pelo jovem árabe e seu Blowpipe — dois nos piores meses da guerra e um na última semana do conflito. Sob qualquer avaliação, aquilo fora um feito notável.

Manco para sempre graças à sua estadia naquilo que os soviéticos chamavam carinhosamente de Clube Esportivo de Cabul, o belo rosto desfigurado nunca longe de um sorriso, mesmo enquanto transformava homens em esculturas de concreto, Abdul Khan compareceu perante os homens reunidos e ouviu todos os pedidos, de tratamentos médicos a despesas de viagem. Apenas o Sarraceno — em pé no fundo da sala — não disse uma palavra, nem pediu qualquer coisa, o que fez o chefe militar o admirar ainda mais.

Depois que todos jantaram juntos na cozinha comunitária do vilarejo, o governador fez um gesto para que o Sarraceno o acompanhasse sozinho até uma alcova junto à lareira crepitante. Com o vento açoitando acima dos vales e uivando por todo o caminho até a China, as rajadas de neve se acumulando perto dos conjuntos de casas, o próprio Abdul Khan serviu o chá e disse que ouvira falar que o jovem era um muçulmano muito devoto.

O adolescente assentiu, e Khan lhe disse que um erudito religioso, um ex-comandante *mujahid* que perdera um olho em batalha, estava criando o próprio madraçal de elite na cidade de Candaar. Seus alunos eram todos ex-combatentes e, caso o Sarraceno desejasse estudar o islã em toda sua glória, o governador Abdul Khan ficaria feliz em pagar por isso.

Bebendo de sua xícara de metal e tragando um dos cigarros americanos do governador, o Sarraceno já ouvira falar do mulá Omar e seu grupo de talibãs — palavra árabe que significa uma pessoa em busca de conhecimento religioso. E, embora tenha ficado lisonjeado com a oferta, balançou a cabeça em negativa.

— Voltarei para casa, para o país onde nasci — disse ele.

— Para Jidá? — perguntou o governador, incapaz de disfarçar sua grande surpresa.

Em outras noites, ao redor de outras fogueiras, ele ouvira a história da execução que levaria o jovem a tomar a longa estrada a caminho do *jihad*.

— Não, vou para Riade — disse ele, e o governador finalmente entendeu sobre o que ele estava falando. Riade era a capital da Arábia Saudita, sede do rei e da Casa de Saud. — O senhor sabe o que eles fizeram com o meu pai? — perguntou o rapaz, encarando os olhos profundos do homem mais velho.

— Os rapazes já me falaram a respeito disso — respondeu calmamente o comandante.

— Então você entende. Começarei minha vingança.

Isso foi dito sem rancor ou emoção, apenas como um fato. Ainda assim, se algum dos outros jovens tivesse lhe dito uma coisa como aquela, o governador teria sorrido e lhe oferecido outro cigarro. Mas a maioria dos jovens nunca enfrentara um helicóptero Hind soviético em ação, nem mesmo em seus piores pesadelos. Olhando para o Sarraceno, o governador se perguntou, não pela primeira vez, se ele próprio teria coragem de fazer o mesmo — armado com nada além de um míssil Blowpipe. Como todos no Afeganistão, ele sabia que aquele artefato era uma das maiores porcarias já inventadas, quase morte certa para qualquer um que tivesse a infelicidade de usá-lo.

Disparado do ombro, o míssil de pouco mais de um metro utilizava um sistema de orientação manual: em outras palavras, você o disparava e, em seguida, usava um joystick em uma pequena caixa de rádio para conduzi-lo até o alvo. Como se isso não fosse perigoso o suficiente, a arma produzia um clarão tão brilhante no lançamento que o alvo, geralmente um helicóptero, invariavelmente via o míssil se aproximar.

Na mesma hora, a tripulação a bordo podia virar o helicóptero e voltar suas metralhadoras de canos múltiplos e canhões de cinquenta polegadas em sua direção. Disparando uma chuva de metal, o piloto tentaria aniquilar o operador e seu joystick antes que ele pudesse orientar o míssil até o alvo.

Aos dezessete anos, sozinho, sem pai para enterrá-lo e muito menos protegê-lo, vendo-se ao pôr do sol no topo de uma montanha no Afeganistão, contando apenas com as longas sombras para ocultá-lo; estilhaços de pedras e balas passando ao seu lado e pilotos veteranos mandando os cães do inferno para cima de você; ver-se no olho de um furacão com o mundo girando e se desintegrando à sua volta, ouvindo o rugido ensurdecido dos rotores e dos motores, as explosões das metralhadoras e dos canhões à medida que se aproximam em alta velocidade; manter a sua posição, nunca fugir ou recuar, e manejar um joystick diante da morte iminente; contar os segundos intermináveis para que um cavalo do apocalipse recue amedrontado, mover o joystick e orientar a ogiva até o ponto fraco de seu motor e sentir o calor da explosão, sentir o cheiro da morte e de carne queimada e, de repente, perceber que não é a sua carne, não desta vez, pelo menos... bem, não há muitos homens capazes de fazer isso.

Por três vezes o Sarraceno jogara um dos jogos mais mortais já concebidos, e por três vezes vencera. O senhor Abdul Khan jamais riria de qualquer coisa que aquele jovem dissesse.

— Fique — disse o chefe militar em voz baixa. — Os sauditas vão prendê-lo no momento em que seus pés tocarem o solo. Com seu nome e seu histórico de *jihad*, você não cruzará a fronteira.

— Eu sei — respondeu o Sarraceno, servindo-lhes mais chá. — Ao partir, irei para Quetta. Mil dólares no comércio de armas local comprou um passaporte com o nome que você escolher.

— Talvez, mas tenha cuidado. A maioria dos falsificadores paquistaneses é uma merda. Que nacionalidade vai assumir?

— Não me importo, qualquer coisa que me permita entrar no Líbano. Há uma escola de medicina em Beirute que é uma das melhores.

Abdul Khan fez uma pausa.

— Você vai estudar medicina?

Ele assentiu.

— Se já não sou mais saudita, de que outra forma poderia voltar ao meu país e viver lá? — respondeu ele. — A nação está fechada aos estrangeiros, mas não aos médicos. Um muçulmano estrangeiro com um bom diploma de medicina tem visto garantido. E há outra vantagem. O Mabahith não perde tempo monitorando médicos. Supostamente eles estão lá para salvar vidas, certo?

Abdul Khan sorriu, mas continuou olhando para ele.

— Isso vai levar anos — disse ele afinal.

— Uma vida, talvez. — O Sarraceno sorriu de volta. — Mas não tenho escolha. Devo isso ao meu pai. Acho que é por isso que Deus me manteve em segurança nas montanhas. Para destruir a Casa de Saud.

O governador ficou em silêncio por um longo tempo. Ele nunca imaginara que o jovem guerreiro pudesse fazer algo que o impressionasse mais do que enfrentar os helicópteros Hind. Estava errado.

Ele girou o chá na xícara e, enfim, ergueu-a em saudação. Sabia mais sobre vingança do que a maioria dos homens.

— À Arábia Saudita e à sua vingança — disse. — *Insha'Allah*.

— *Insha'Allah* — respondeu o Sarraceno. Se Deus quiser.

E, por cerca de quinze anos, aquela foi a última palavra que disseram um para o outro.

O governador e sua escolta foram embora na madrugada do dia seguinte. Três semanas mais tarde, porém, após os combatentes estrangeiros terem desmontado acampamento e estarem esperando o fim da última tempestade de neve do ano, dois jovens sobrinhos do governador chegaram ao vilarejo.

Foram forçados a soltar as montarias na nevasca e, enquanto os cavalos procuravam um terreno mais seguro, os dois jovens avançaram em meio à tempestade. De modo completamente inesperado, surgiram e entregaram um pequeno pacote impermeável ao

Sarraceno, aquele lendário *mujahid*, que era apenas um pouco mais velho do que eles.

Sozinhos na cozinha, esperaram enquanto o Sarraceno verificava o conteúdo do pacote. Ali havia um passaporte libanês com um nome falso — não um passaporte falso ruim comprado no comércio local em Quetta, mas um documento verdadeiro com todos os detalhes registrados corretamente, vendido por um funcionário corrupto da embaixada do Líbano em Islamabad, capital do Paquistão, por dez mil dólares americanos, em dinheiro vivo.

Igualmente importante, continha vistos e autorizações que mostravam que o portador entrara na Índia três anos antes a fim de conseguir seu diploma do ensino médio em uma escola respeitada a nível internacional. No fundo do pacote, havia quatro mil dólares em notas bem gastas. Não havia carta ou explicação, e nada disso era necessário: era como um AK-47 devidamente conservado, um presente de um guerreiro cuja guerra terminara para outro cuja campanha acabara de começar.

Com o início do degelo de primavera, o Sarraceno começou sua longa jornada para sair do Afeganistão. Enquanto caminhava pelas estradas secundárias, via sinais da guerra por toda parte: cidades em ruínas, campos devastados, corpos em valas. Mas as famílias já estavam plantando o mais lucrativo de todos os cultivos: papoulas para a produção de ópio. Ao se aproximar da fronteira paquistanesa, encontrou o primeiro dos cinco milhões de refugiados que voltavam para suas casas, e a partir de então passou a nadar contra a crescente maré de seres humanos.

Não havia qualquer sinal de controle de imigração na fronteira, e ele saiu do Afeganistão sem ser notado em uma tarde sem nuvens. Um jovem com um passado falso, uma identidade falsa e um passaporte verdadeiro.

Não é de se admirar que, ao chegar a hora, eu tenha levado tanto tempo para encontrá-lo. Como falei, ele era um fantasma.

CAPÍTULO SETE

O Sarraceno chegou a Carachi com a primeira leva das monções. A imensa cidade se espalhava ao largo do mar da Arábia, e ele usou alguns de seus dólares para alugar um espaço para dormir no convés de um velho cargueiro que partia para Dubai. Uma dezena de empresas aéreas tinha voos diretos dali para Beirute e, uma semana depois, o passaporte cumpriu todas as suas promessas dispendiosas quando ele conseguiu passar sem problemas pela imigração libanesa.

Beirute estava um desastre, com metade de seus prédios em ruínas, a maioria da população ferida ou mentalmente esgotada. Mas aquilo era conveniente para o Sarraceno: o país estava se recuperando de quinze anos de guerra civil, e um homem sem raízes não teria dificuldade para passar por nativo em uma cidade repleta de vidas destroçadas.

Ele sempre fora bom aluno e, estudando com afincos durante seis meses, auxiliado por tutores que conheceu na mesquita mais radical e intelectual da cidade, passou facilmente no exame admissional da faculdade. Assim como para a maioria dos alunos, o alto custo do curso foi um problema, mas, felizmente, descobriu um programa de bolsas do Departamento de Estado dos Estados Unidos que tinha por objetivo a reconstrução da nação e a promoção da democracia. Os funcionários da embaixada americana chegaram a ajudá-lo a preencher os formulários.

Estimulado pela ajuda financeira dos Estados Unidos, o Sarraceno dedicou os longos dias — parando apenas para orar e fazer refeições simples — ao estudo da medicina, e as noites ao terrorismo e à revolução. Ele leu todos os grandes revolucionários — Mao, Che, Lenin — e compareceu a debates e palestras de nacionalistas radicais que defendiam o pan-arabismo, belicistas palestinos e diversos sujeitos que poderiam ser melhor descritos como homens das cavernas islâmicos. Um deles, a fim de angariar fundos, estava criando uma organização cujo nome poderia se traduzir como “a lei” ou “a base” — al-Qaeda, em árabe. Enquanto lutava no Afeganistão, o Sarraceno ouvira falar daquele grande xeique, um compatriota saudita, mas, ao contrário de todos os outros na mesquita naquele dia, ele não fez nenhuma tentativa de impressionar Osama bin Laden com retórica inflamada — mais uma prova de que o homem mais silencioso na sala geralmente é o mais perigoso.

Em outro desses grupos de discussão, tão pequeno que foi realizado em uma sala escura que era usada pelo clube de filatelia da universidade, ele entrou em contato com uma ideia que mudaria sua vida. Assim como a nossa, lamento dizer. Ironicamente, ele quase não compareceu à palestra, já que o orador convidado era uma mulher. Ela dizia se chamar Amina Ebadi, apesar de provavelmente ser um pseudônimo, e era uma organizadora política no enorme campo de refugiados de Jabalia, em Gaza, que abrigava mais de cento e quarenta mil refugiados palestinos, um dos quilômetros quadrados mais desprivilegiados e radicais do planeta.

O tema da palestra foi a crise humanitária no campo e contou com a grande presença de dez participantes. Mas a mulher estava tão acostumada a nadar contra a maré da indiferença internacional que aquilo não a aborreceu. Algum dia, alguém a ouviria, e essa pessoa mudaria tudo.

Era uma noite cruelmente quente e, no meio do seu discurso, ela parou e retirou o véu.

— Há tão poucos de nós aqui que sinto como se estivesse em família — disse ela, sorrindo.

Ninguém da minúscula plateia se opôs e, mesmo que o Sarraceno se sentisse inclinado a fazê-lo, demorou tanto para se recuperar da visão do rosto dela que perdeu a oportunidade.

Baseado apenas em sua voz austera, ele criara uma imagem mental dela que estava em total desacordo com seus grandes olhos, sua boca expressiva e sua pele imaculada. O cabelo preso dava-lhe uma aparência juvenil e, embora suas feições fossem muito irregulares para serem consideradas atraentes, quando ela sorria tudo parecia se encaixar e ninguém seria capaz de convencer o Sarraceno de que ela não era linda.

Embora fosse cinco anos mais velha do que ele, havia algo — o formato de seus olhos, sua ânsia de viver — que lhe lembrava da mais velha de suas irmãs. Ele não tivera qualquer contato com a família desde o dia em que deixara o Bahrein, e uma dolorosa onda de saudade de repente se abateu sobre ele.

Quando conseguiu superar aquilo, a mulher estava falando algo a respeito de “inimigos próximos”.

— Desculpe — disse ele. — Você poderia repetir?

Ela voltou os grandes olhos para o jovem confiante, aquele que alguém lhe dissera ser um dedicado estudante de medicina, mas que, pelo rosto marcado pelo tempo, ela adivinhou que quase com certeza devia ser um guerreiro do *jihad*. Ela conhecia o tipo: o campo de Jabalia estava repleto de *mujahidin* veteranos.

Dirigindo-se a ele com o grande respeito que merecia, a mulher disse que os problemas de quase todo o mundo árabe eram causados por aqueles que poderiam ser chamados de seus inimigos próximos: Israel, é claro; as ditaduras cruéis espalhadas por toda a região; as

monarquias feudais corruptas como a Arábia Saudita, todas na conta do Ocidente.

— Ouço dizer o tempo todo que a maioria dos nossos problemas estaria resolvida caso nossos inimigos próximos fossem destruídos. Não acho que isso seja possível. Nossos inimigos próximos são muito cruéis, sempre felizes e dispostos a nos oprimir e a nos matar. Mas eles só sobrevivem e prosperam porque são apoiados pelo “inimigo distante”. Alguns pensadores de vanguarda, pessoas sábias, dizem que, se você conseguir derrotar o inimigo distante, todos os inimigos próximos entrarão em colapso.

— É isso que eu gosto nas teorias — respondeu o estudante de medicina. — Elas sempre funcionam. Mas é diferente quando você tenta colocá-las na prática. Será que é mesmo possível destruir um país tão poderoso quanto os Estados Unidos?

Ela sorriu.

— Como eu tenho certeza de que você sabe, os jihadistas venceram uma nação igualmente poderosa no Afeganistão.

O Sarraceno caminhou os oito quilômetros de volta para casa bastante perturbado. Nunca tivera uma ideia clara de como derrubar a Casa de Saud, e tinha de admitir que havia uma razão para que todos os dissidentes sauditas estivessem no exterior: aqueles que viviam dentro de suas fronteiras invariavelmente eram denunciados e eliminados. Veja o que acontecera com seu pai. Mas não entrar no país e, ainda assim, forçar o colapso da monarquia saudita ao infligir uma grave derrota ao inimigo distante... bem, essa era uma proposta diferente!

Quando chegou à porta do seu minúsculo apartamento, ele já sabia qual caminho seguir: embora ainda pudesse se formar em medicina, não voltaria para a Arábia Saudita. Ele ainda não sabia como fazê-lo — Alá lhe mostraria quando chegasse o momento certo —, mas levaria a batalha para um cenário maior do que qualquer outro na imaginação do povo árabe.

Demandaria anos e, em algumas ocasiões, os obstáculos iam parecer insuperáveis, mas sua longa jornada rumo ao assassinato em massa começara. Ele atacaria o coração dos Estados Unidos.

CAPÍTULO OITO

Dez anos após a revelação do Sarraceno e a meio mundo de distância, lá estava eu em uma calçada de Paris discutindo com um estranho, um negro que mancava.

O tenente Bradley acabaria tendo a minha vida em suas mãos, mas, no curto prazo, eu estava silenciosamente mandando-o para o inferno. Ao me dizer que queria discutir o meu livro, ele destruíra todas as camadas de identidades falsas que eu construía com imenso cuidado.

Aparentemente alheio ao estrago que causara, agora explicava que, uma hora antes, ele chegara ao meu prédio apenas a tempo de ver uma pessoa, que pensava ser eu, entrando em um táxi. Bradley pegara outro táxi, me seguira até a Place de la Madeleine, dera uma volta no quarteirão tentando me encontrar e, quando isso não deu certo, voltara ao apartamento. Fora ele quem batera à porta e, não tendo certeza se eu estava lá, decidira esperar na rua para ver se eu apareceria.

Tenho a impressão de que ele achava que tudo aquilo era muito divertido e passei a gostar ainda menos dele. Porém, por mais que quisesse nocauteá-lo, não podia fazer isso: eu estava com medo. O tenente Bradley me encontrara e, se ele podia fazer isso, então outra pessoa também poderia. Os gregos, por exemplo. Tudo, inclusive meus sentimentos, tinha de ser posto de lado até eu descobrir como ele fizera aquilo.

— Quer tomar um café? — perguntei com simpatia.

— Sim, gostaria — respondeu ele, e ofereceu-se para pagar.

Aquilo foi um erro. Dada a parte de Paris onde estávamos, ele provavelmente teria que fazer um saque para pagar por um expresso e uma bomba de chocolate, mas eu não estava com vontade de demonstrar misericórdia alguma.

Começamos a descer a rue François 1^{er} a alguns passos de distância um do outro, em silêncio, mas tive de parar uns cinco metros mais adiante: Bradley tentava me acompanhar, mas o modo como mancava da perna direita era pior do que eu imaginara.

— Defeito de nascença? — perguntei. Eu posso ser bastante desagradável quando estou com raiva.

— A outra perna, sim — respondeu ele. — Eu peguei essa aqui no ano passado.

— Trabalho ou lazer? — Eu estava tendo que acompanhar o ritmo dele, de modo que me pareceu razoável continuar a conversa.

— Trabalho. — Ele fez uma pausa. — No sul de Manhattan. Entrei em um prédio sem pensar. Não era a primeira vez que eu fazia aquilo, mas desta vez foi diferente. Tive sorte de não morrer.

Ficou bem claro pelo tom de voz que ele não queria refletir quanto àquelas circunstâncias.

— Parece ser o seu quadril — falei, enquanto continuávamos a andar, ainda mais lentamente. Cheguei a essa conclusão observando o modo como ele se movia e lembrando do meu treinamento médico.

— Eles o substituíram por titânio e plástico. Disseram que eu precisaria de muita fisioterapia, mas, porra, oito meses não dá.

Um policial especialista em homicídio, um quadril destruído, pinos de titânio para manter os ossos unidos. Para mim tudo isso soava como um ferimento de bala de grosso calibre. Ele não disse mais nada e confesso que, apesar de tudo, estava começando a gostar dele. Não há nada pior do que policiais com histórias de guerra. Exceto, talvez, agentes secretos.

Paramos no sinal e apontei para um hotel com fachada de pedra calcária e três Rolls-Royce Phantoms novos em folha estacionados em frente.

— O Plaza Athénée — falei. — Podemos tomar um café ali.

— Parece caro — respondeu ele, sem saber que, muito em breve, entenderia o verdadeiro significado daquela palavra.

Passamos pela porta giratória, cruzamos um vestibulo com acabamento de mármore e entramos na grande galeria do hotel. Dali, portas altas abriam-se para um dos pátios mais bonitos de Paris.

Totalmente fechado, cercado de quartos por todos os lados, tinha paredes cobertas de hera. As varandas entre a vegetação eram sombreadas por toldos vermelhos, e os hóspedes tinham uma vista de jardins elaborados, numerosos oligarcas russos e uma variedade de outros lixos típicos da Europa. Ocupamos uma mesa nos fundos, quase escondidos de vista, e o policial estropiado começou a explicar como desmontara a lenda de um dos agentes mais secretos do mundo.

Embora não tenha dito isso em palavras, logo se tornou evidente que os ferimentos que ele sofrera quando entrou naquele edifício eram muito mais graves do que um quadril arruinado. Um pulmão parara de funcionar — outra bala, imaginei —, sua coluna sofrera uma lesão e ele recebera um forte golpe na cabeça. Tudo isso resultou em três semanas sob tratamento intensivo.

Na primeira semana era pouco provável que ele sobrevivesse, e Marcie não saiu do seu

lado. De algum modo, ela e os médicos conseguiram dar um jeito nele, e Ben finalmente foi liberado para uma unidade um pouco menos crítica que a UTI. Ali, ficou claro que seus males eram mais do que físicos. Qualquer que fosse o abismo no qual se debruçara, o homem mal falava e parecia ter ainda menos sentimentos. Talvez fosse medo, talvez fosse covardia, talvez houvesse alguém que ele não tivesse conseguido salvar — ele nunca explicou —, mas seja lá o que encontrou naquele prédio, aquilo o fez deixar uma grande parte de si mesmo para trás.

— Eu estava vivo, mas era apenas uma sombra da pessoa que fora trabalhar naquele dia — disse Bradley com calma. — O entorpecimento e o desligamento emocional eram piores do que qualquer lesão física. E não só para mim, mas para Marcie também.

Nem mesmo o amor da mulher conseguira fazê-lo se voltar para a luz, e eu tinha certeza de que, embora o detetive nunca tenha usado o termo, ele estava sofrendo daquilo que já foi chamado de trauma de guerra e que agora é conhecido como transtorno de estresse pós-traumático. Após semanas de medicações para cortar a ansiedade, mas sem demonstrar grande melhora, os médicos sugeriram que levá-lo para casa poderia oferecer uma melhor chance de ele voltar a se conectar com o mundo. Provavelmente os dois precisavam da própria cama.

Marcie passou dois dias arrumando o apartamento e transformou um canto do quarto em uma área para sessões de fisioterapia, além de preenchê-lo com os livros e as músicas de que seu marido mais gostava e qualquer outra coisa que achasse que poderia estimulá-lo.

— Não funcionou — acrescentou Ben. — Eu estava com muita raiva e um caso grave daquilo que os psicólogos chamam de “culpa do sobrevivente”.

Pela primeira vez, percebi que outras pessoas deveriam ter morrido durante o incidente. Um parceiro, eu me perguntava, alguns membros de sua equipe? Em retrospecto, vejo que eu não sabia nada a respeito do que realmente ocorrera, mas, em minha defesa, devo dizer que não tinha tempo para considerar nada disso em detalhes — e ele contava tudo isso com muita rapidez.

Ben disse que as esperanças de Marcie de recuperar a saúde do marido com amor logo foram superadas pelo estrago que uma terrível doença mental é capaz de provocar até mesmo em um bom relacionamento.

Por ele ter sido ferido no cumprimento do dever, ela não precisava se preocupar com as contas do hospital e, depois de três semanas que destruíram sua alma, Marcie enfim conseguiu o número de uma instituição de cuidados residenciais altamente conceituada no estado de Nova York. Nas horas mais sombrias, ela se perguntava se, uma vez aceito pelo lugar, o marido voltaria para casa de novo.

Já estive em reuniões dos Narcóticos Anônimos suficientes para saber que leva cerca de vinte minutos até alguém se levantar e dizer que teve de chegar ao fundo do poço antes de

iniciar a longa jornada de volta. Foi assim com Marcie. Sentada, tarde da noite, ela começou a preencher os formulários que recebera da Wellness Foundation em Hudson Falls naquela manhã.

Com Ben dormindo no quarto ao lado — vendo pessoas morrerem repetidas vezes em seus sonhos — e um questionário levando-a a relembrar tantas experiências compartilhadas, ela se viu mais profundamente desesperada do que jamais se sentira. Ela não sabia, é claro, mas enfim chegara ao “fundo do poço”. Havia uma pergunta sobre quais itens pessoais o paciente gostaria de trazer com ele. “Nenhum”, escreveu ela. Qual sentido tinha levar algo, já que ela tentara lhe fornecer tudo? Quando estava prestes a continuar, Marcie olhou para a palavra e um pensamento estranho tomou conta dela.

— Nenhum — murmurou.

Marcie era uma mulher inteligente, professora em uma escola de alto nível em Nova York, e, como a maioria das mulheres, pensava muito sobre o amor. Ela sabia que, mesmo no casamento, se você vai longe demais para agradar o parceiro, este acaba se afastando, e você acaba sempre rindo, lutando e fazendo sexo no território dele. Às vezes, você precisa defender seu território e fazê-lo chegar até você — apenas para manter o equilíbrio.

Ela se voltou e olhou para a porta do quarto. A mulher sabia que fizera tanto para tentar restaurar a saúde mental do marido que o equilíbrio estava muito alterado. Talvez o truque fosse fazê-lo sair da cela que ele construía ao seu redor e voltar para ela.

Sete horas depois, quando Ben acordou de seu sono auxiliado por medicamentos, pensou que estava na vida errada. Aquele não era o quarto que ele e Marcie compartilhavam, não era o quarto no qual fechara os olhos. Sim, as portas e janelas estavam no mesmo lugar, mas todas as coisas que o tornavam singular, que o tornavam um espaço seu e de Marcie, tinham desaparecido.

Não havia fotografias, pinturas e nenhuma bagunça espalhada pelo chão. Não havia TV e até mesmo o tapete kilim que ambos adoravam desaparecera silenciosamente. Além da cama e alguns equipamentos de fisioterapia havia, bem... *nada*. Até onde ele podia ver, aquele era o quarto branco no fim do universo.

Confuso sobre onde realmente estava, Ben saiu da cama e, mancando com a perna estropiada, atravessou o cômodo. Ele abriu a porta e olhou para um universo paralelo.

Sua esposa estava na cozinha, preparando o café, apressada. Bradley observou-a em silêncio. Nos vinte anos em que estavam juntos, ela ficara cada vez mais bonita aos seus olhos. Era alta e magra, com um corte de cabelo simples, o que não apenas acentuava a bela forma do seu rosto como também, mais importante, parecia dizer que ela não se importava muito com a aparência. Aquela, é claro, era a única maneira de lidar com tais dons, e isso a fazia parecer

ainda mais atraente.

Olhar para a mulher no meio da casa que eles amavam provocou-lhe um terrível nó na garganta. Ben se perguntou se não estariam lhe mostrando o que ele deixara para trás; talvez ele nunca tivesse saído daquele edifício e já estivesse morto.

Então Marcie percebeu que seu marido estava ali e sorriu para ele. Bradley sentiu-se aliviado: ele sabia que qualquer pessoa que visse um morto à porta do quarto não agiria assim. Não Marcie, pelo menos, que não gostava muito do Dia das Bruxas e tinha uma profunda aversão a cemitérios.

Pela primeira vez em meses, Marcie recuperou o ânimo: ao menos a nova estratégia o fizera vir até a porta da cela e olhar para fora.

— Mais um minuto e vou sair para o trabalho. Voltarei a tempo para preparar o jantar — disse ela.

— Trabalho? — perguntou Ben, tentando assimilar a ideia. Ela não trabalhava desde que ele fora ferido.

Ela não disse nada. Se Ben quisesse respostas, teria de se esforçar para obtê-las. Ele a observou enfiar um pedaço de torrada na boca, pegar o copo de café para viagem e sair porta afora com um ligeiro aceno.

Isso deixou Bradley sozinho junto à porta de modo que, após um momento de silêncio, incapaz de manter o peso na perna danificada, fez a única coisa que pensou ser razoável: deixou aquele mundo paralelo e voltou para o quarto branco.

Deitou-se. No entanto, por mais que tentasse, não conseguia pensar claramente no que estava acontecendo com tantos medicamentos psicoativos agindo em seu corpo. Em silêncio, sozinho naquela manhã moribunda, decidiu que a única coisa prática a fazer seria afastar-se deles. Foi uma decisão perigosa, embora crucial. Afinal, ele estava assumindo a responsabilidade da própria recuperação.

Apesar da promessa, Marcie não preparou o jantar naquela noite. Ele dormia profundamente, então ela decidiu deixá-lo em paz. Em vez de uma bandeja de comida, colocou um novo livro em sua mesa de cabeceira, na esperança de que, com mais nada para ocupá-lo, ele o acabaria lendo. A ideia do livro lhe ocorrera naquela manhã, e logo após sair da escola, ela correu até uma loja na Christopher Street. Chamava-se Zodíaco Livros, mas nada tinha a ver com astrologia. O nome era inspirado em um serial killer do norte da Califórnia cujas façanhas geraram uma indústria de livros sobre o maníaco.

Marcie nunca entrara na Zodíaco, ela só conhecia a loja por meio de Ben. Então, ao galgar um conjunto de escadas íngremes, ficou espantada ao entrar em um espaço tão amplo quanto um armazém, lotado com a maior coleção de livros sobre crime, ciência forense e investigação

internacional. Ela explicou para o velho proprietário sentado diante de uma mesa o que procurava: técnico, factual, algo para envolver e animar um profissional.

O proprietário tinha dois metros de altura e mais parecia pertencer a uma selva do que a uma livraria. Ex-agente do FBI, ele se ergueu devagar e a conduziu passando pelas prateleiras cobertas de poeira até uma fileira de livros e jornais denominados “Lançamentos”. Alguns daqueles volumes deviam ter quarenta anos. De uma pequena caixa no chão recém-chegada da editora, ele retirou um livro grosso com capa amarelo-clara.

— Você me falou que ele está doente — disse aquela sequoia, abrindo o material altamente técnico para mostrar a ela. — Cinquenta páginas disto aqui vão acabar com ele.

— Sêrio? — disse ela — É bom assim?

Ele sorriu e fez um gesto indicando toda a sala.

— Eu poderia simplesmente jogar o restante fora.

Como resultado, o livro que eu passara tantos meses escrevendo acabou na mesa de cabeceira de Bradley. Ele o viu quando acordou cedo na manhã seguinte, mas não fez movimento algum em direção ao exemplar. Era sábado, e quando Marcie trouxe o café da manhã, ele perguntou:

— O que é isso?

— Achei que você poderia se interessar. Dê uma olhada, se quiser — disse ela, tentando não pressioná-lo.

Ele não olhou para o livro e voltou-se para a comida. Durante o dia inteiro, toda vez que ela vinha vê-lo, sua decepção aumentava. O livro não fora tocado.

Ela não sabia, mas Bradley andava agitado desde o momento em que acordara, saindo do efeito dos medicamentos, uma dor de cabeça como uma britadeira partindo o seu crânio enquanto o corpo se ajustava, um caleidoscópio de pensamentos dispersos, obrigando-o a se lembrar das coisas em um momento que ele não queria nem mesmo pensar.

Enquanto preparava o jantar, Marcie já tinha perdido as esperanças. Sem nenhum sinal de interesse do marido pelo livro, ela encontrou os formulários da Wellness Foundation e começou a ensaiar como contaria a ele que seria melhor voltar ao hospital. A mulher não conseguia encontrar um modo de dizer isso sem soar como uma derrota, e tinha conhecimento de que aquilo poderia deixá-lo arrasado. Mas ela não sabia mais o que fazer e, à beira das lágrimas, abriu a porta do quarto e se preparou para o naufrágio iminente.

Ele estava sentado na cama, já na página trinta do meu livro, suando muito, o rosto desfigurado pela dor. Deus sabe o esforço que fizera para chegar tão longe, mas ele sabia que aquilo era importante para Marcie. Toda vez que ela entrava, não conseguia deixar de desviar os olhos do livro.

Marcie observou aquilo, com medo de deixar cair a bandeja, mas decidiu que o simples fato de ela reconhecer o que se passava poderia assustá-lo de volta para dentro de sua cela, de modo que apenas continuou como se nada tivesse acontecido.

— Isso é besteira — exclamou ele.

Ah, Deus. Ela se desiludiu, pronta para enfrentar mais um de seus episódios de fúria.

— Desculpe, o homem da loja me disse que...

— Não, não o livro. O livro é ótimo — disse ele, irritado. — Estou me referindo ao autor. Chame de intuição, ou do que quiser, mas ele não é do FBI. Eu conheço esses caras. Eles não trabalham no limite. Esse cara é especial.

Ele acenou para que ela se aproximasse, indicando onde ele marcara coisas que achara interessante. E ela não se lembrava de ter visto nada parecido, lançando olhares furtivos para o marido, perguntando se aquela centelha de interesse acenderia uma fogueira ou se, como acontece com pessoas que emergiam de comas, aquilo passaria em pouco tempo e ele voltaria a afundar no vazio.

Ele pegou o guardanapo da bandeja e usou-o para limpar o suor do rosto. Isso deu a Marcie a oportunidade de voltar ao início do livro. Ela leu as poucas linhas da biografia, mas notava-se claramente a ausência do retrato do autor, o que aumentava ainda mais as suspeitas.

— Quem é ele, então? — perguntou ela. — Quem você acha que Jude Garrett é de verdade?

— Não tenho a menor ideia. Estou esperando que ele cometa um erro e nos diga por acidente — respondeu ele.

Durante todo o fim de semana, para alívio de Marcie, o fogo continuou aceso. Ela ficou sentada na cama enquanto Bradley avançava pelas páginas — lendo trechos para ela, trocando ideias. E, à medida que prosseguia, continuamente pensando na ciência investigativa, ele foi forçado a relembrar um crime que tanto tentara esquecer. Fragmentos do que acontecera no edifício vinham à superfície de sua mente, fazendo-o suar e respirar com dificuldade.

Na noite de domingo, aparentemente do nada, as palavras transbordaram e Bradley disse para ela que, a certa altura, ele se sentira preso no que parecia ser um túmulo de concreto, e que estava tão escuro que ele não conseguia ver o rosto do homem moribundo que se encontrava ao seu lado. Ele começou a chorar quando disse que tudo o que conseguiu fazer foi tentar entender as últimas palavras dele — uma mensagem para a esposa e os dois filhos pequenos. E, pela primeira vez, enquanto o marido chorava em seus braços, Marcie pensou que tudo ficaria bem.

Aos poucos, ele voltou a ler, e Marcie ficou ao seu lado a cada palavra ao longo do percurso. Horas mais tarde, Bradley disse que achava que o autor era muito inteligente e que não revelaria sua identidade por acidente. Em tom de brincadeira, disse que um bom teste para

qualquer grande investigador seria descobrir quem de fato era aquele cara. Eles se viraram e olharam um para o outro.

Sem dizer nada, Marcie foi até a sala ao lado e pegou o laptop. Daquele momento em diante, descobrir a minha identidade tornou-se o projeto deles, a reabilitação de ambos, a renovação de sua história de amor.

Para mim? Foi um desastre.

CAPÍTULO NOVE

Dezenove palavras. Sentado no Plaza Athénée, ainda sem admitir coisa alguma, perguntei o que levava Bradley a pensar que o autor estava em Paris, e foi isso o que ele me disse: de um total de trezentas e vinte mil palavras do livro, foram malditas dezenove palavras que revelaram o meu segredo.

Segundo ele, sete delas foram uma tentativa do autor de descrever as diferentes cores da decomposição do sangue. Lembrava-me exatamente da passagem: eu comparara seus tons à mudança do vermelho para o marrom que as folhas de um determinado tipo de árvore assumiam a cada outono da minha infância. Mas e daí? Verificando cada detalhe, Bradley disse que ligou para um professor de botânica e perguntou sobre aquela árvore. Aparentemente, era uma espécie endêmica da Costa Leste, de modo que eu, sem querer, dei uma pista ao menos sobre a área geral onde cresci.

As outras doze palavras, duzentas páginas depois, diziam respeito à arma de um crime: um bastão usado para jogar lacrosse, algo que eu disse reconhecer porque vira alunos da minha escola usando bastões parecidos. Bradley me falou que se você ligar para a Associação de Lacrosse dos Estados Unidos descobrirá que existem cento e vinte e quatro escolas de ensino médio na Costa Leste que adotam esse esporte. Eles estavam chegando perto.

À essa altura, Marcie localizara uma prima de Garrett que vivia em Nova Orleans e descobriu que os hábitos de leitura do primo compreendiam apenas quatro letras: ESPN. Disse que seu parente completara o ensino médio em 1986, e Bradley adivinhou, a partir de duas referências no livro, que o verdadeiro autor tinha mais ou menos a mesma idade.

Ele ligou para as cento e vinte e quatro escolas de ensino médio que adotavam o lacrosse e, como detetive do Departamento de Polícia de Nova York, solicitou os nomes de todos os alunos do sexo masculino que tinham se formado entre 1982 e 1990 — expandindo a pesquisa apenas por segurança. Logo, ele tinha uma longa lista de nomes que certamente incluiria a identidade do verdadeiro autor.

O trabalho para investigar a lista seria esmagador, só que, em sua maioria, aquelas eram escolas particulares que estavam sempre à procura de doações para aumentar o seu patrimônio. Sua maior fonte monetária eram os ex-alunos, e não havia melhor banco de dados do que uma

associação precisando de dinheiro. Eles tinham extensos registros de todos os ex-alunos, e Bradley analisou páginas e mais páginas de advogados e banqueiros de Wall Street, a procura de qualquer coisa fora do comum.

Bradley não encontrou nada até que, certa noite, na lista de nomes de uma escola chamada Caulfield Academy, ele e Marcie depararam com uma pessoa chamada Scott Murdoch.

— Ele se formara no ensino médio em 1987 — disse Bradley, mordendo a bomba de chocolate mais cara do mundo. — Foi aceito em Harvard, estudou medicina e fez doutorado em psicologia. Tinha uma grande carreira pela frente, mas, então, nada. A associação de alunos não tinha seu endereço, nenhum histórico profissional, nenhuma notícia. Assim que se formou, ele simplesmente desapareceu. De todos aqueles que investigamos, era a única pessoa assim.

Ele ergueu os olhos para ver o que eu estava pensando. Não falei nada, pois estava muito preocupado — era estranho ouvir o nome Scott Murdoch após tantos anos. Às vezes — nos piores momentos da vida como agente secreto, quando fui juiz e carrasco —, eu me perguntava o que acontecera àquela pessoa.

Após um longo silêncio, Bradley prosseguiu:

— Após semanas de investigação, Harvard me informou que o Dr. Murdoch conseguira um emprego na Rand. Eles sabiam disso porque ele fora recrutado no campus e encontraram um registro daquilo. Mas eis a parte estranha: a Rand nunca tinha ouvido falar nele. Assim como as associações profissionais, juntas de licenciamento e todas as outras organizações que contatamos. Ao que constava, quando o Dr. Scott Murdoch deixou Harvard, ele desapareceu da face da Terra. “Para onde teria ido?”, nós nos perguntamos.

Senti um frio na base da coluna que se espalhou rapidamente pelo restante do corpo. Eles haviam descoberto Scott Murdoch e sabiam que ele desaparecera. Era um belo de um trabalho, mas não tão bom, eu suspeitava, em relação àquilo que estava por vir.

— Nós tínhamos o endereço de onde Scott Murdoch morara durante o ensino médio, de modo que fomos até Greenwich, Connecticut. Falei com uma pessoa pelo interfone, disse que eu era do Departamento de Polícia de Nova York, e as portas se abriram.

Olhei para Bradley, perguntando a mim mesmo o que ele e Marcie, um casal lutando para sobreviver em Manhattan, devem ter sentido quando atravessaram o infinito acesso de veículos da casa da minha infância, passando pelo lago ornamental, pelos estábulos, e parando diante do que já foi descrita como uma das dez casas mais belas do país. Coincidentemente, Bradley respondeu à minha pergunta.

— Nunca imaginamos que havia casas como aquela nos Estados Unidos — disse ele calmamente.

O atual proprietário, um famoso especulador financeiro, disse-lhes que o casal Murdoch

morrera.

— “Ouvi dizer que tinham apenas um filho”, foi o que ele disse. “Não, não faço ideia do que aconteceu com o rapaz. Deve estar cheio da grana, isso é tudo o que posso dizer.”

No dia seguinte, os dois investigadores procuraram o registro de óbitos e encontraram referências a Bill e Grace.

— Chegamos a falar com algumas pessoas que estiveram em ambos os funerais — disse Bradley. — Todos nos disseram que Scott não comparecera a nenhum deles.

Pelo tom de voz do detetive, era óbvio que ele achava aquilo muito estranho, mas não era a minha intenção dizer que eu teria feito tudo que fosse possível para comparecer ao funeral de Bill caso tivesse sido informado de antemão.

Acho que Bradley percebeu que atingiu uma área sensível, mas notei que ele era um homem decente, pois não insistiu. Em vez disso, ele me disse que, àquela altura, o casal já estava bem confiante de que Scott Murdoch era o homem que procuravam.

— Dois dias depois, já tínhamos certeza.

Aparentemente, ele e Marcie enviaram o número do meu seguro social — ao menos o que eu tinha quando cursei a Caulfield Academy e Harvard — para Washington, para ser verificado. Queriam saber onde o documento fora emitido, se fora substituído, além de uma lista de outros detalhes que pudessem dar alguma pista do paradeiro do Dr. Murdoch. A resposta foi breve e assustadora: tal número jamais fora emitido.

Sentei-me em silêncio. Algum burocrata idiota da Divisão fizera uma asneira monumental. Entendi na mesma hora o que acontecera. Anos antes, quando assumi uma nova identidade, pronto para entrar em campo pela primeira vez, uma equipe especial apagara o meu nome e meus dados anteriores. Eles fecharam contas bancárias, cancelaram cartões de crédito e passaportes — limpando qualquer coisa que pudesse ligar um agente secreto à sua antiga identidade. O agente teria ido para o exterior, como fazem muitos jovens, e desaparecido.

Um dos membros da equipe — ou excessivamente zeloso, ou mal supervisionado — deve ter decidido que seria ainda mais eficaz eliminar meu antigo número de seguro social. Eles poderiam ter dito para a instituição governamental que eu morrera, poderiam ter cancelado o número, poderiam ter feito uma centena de coisas diferentes, mas a única coisa que nunca deveriam ter feito era pedir que fosse *eliminado*.

Tal erro levou à situação que eu enfrentava agora: um rapaz em Connecticut tinha um número de documento que agora, de acordo com o governo, nunca fora emitido. Você não precisava ser como Bradley para se dar conta de que algo estranho estava acontecendo.

— Percebi que o desaparecimento de um número de seguro social em um buraco negro só poderia ser coisa da CIA ou algo parecido — disse o policial.

Aquilo confirmou o que ele começara a suspeitar: embora muitos detalhes tivessem sido alterados, os casos tratados no livro diziam respeito ao mundo dos espões.

Uma noite que começara com um agradável encontro com um médico tolerante em suas receitas se transformara em um desastre que piorava mais e mais. O livro levava Bradley a Scott Murdoch e o convencera de que ele era a mesma pessoa que Jude Garrett. Agora ele sabia o tipo de trabalho que eu fazia.

Mas isso seria mesmo tão ruim?, perguntei-me. Muito, respondeu o agente secreto dentro de mim. Dei-me conta de que aquela poderia ser minha última noite em Paris.

Sem tempo a perder, dirigi-me a ele com uma brutal tranquilidade.

— O tempo é curto, tenente. Responda-me o seguinte: você acha que Garrett é um espião, mas o sujeito poderia estar em qualquer lugar do mundo. O que fez você vir procurá-lo na Europa?

— A escola — disse ele.

A escola? Como diabo a Caulfield Academy sabia que eu estava na Europa?

— Quando visitamos o campus, alguns dos professores se lembraram dele. “Garoto estranho”, disseram. “Ele se recusava a falar em sala de aula, mas era brilhante com idiomas, em especial o francês e o alemão.” Ora, se ele estivesse trabalhando para alguma agência secreta do governo, percebi que não o mandariam para a América do Sul, certo?

— Talvez não — respondi. — Mas há setecentas e quarenta milhões de pessoas na Europa, e você acaba em Paris? Vamos lá, alguém lhe disse onde encontrá-lo, não é mesmo?

Aquele era o pesadelo de todo agente. A traição, acidental ou deliberada, é o que mata a maioria de nós. O policial não tirou os olhos de mim, claramente ofendido por alguém supor que suas habilidades fossem tão limitadas.

— Foi muito mais difícil do que uma maldita delação.

Então ele me disse que, após meses procurando Scott Murdoch, e convencido de que ele estava trabalhando para uma agência de inteligência, percebeu que teria de procurá-lo sob outro nome. Se Murdoch era agente secreto dos Estados Unidos, como alguém assim entraria em um país estrangeiro? Ele adivinhou que o melhor e mais seguro método seria assumir a identidade e o trabalho modesto de um funcionário do governo: um analista de mercado júnior, um adido comercial ou algo assim.

Como o pai de Bradley trabalhara em Washington, ele sabia que todas essas nomeações eram registradas em obscuras publicações governamentais. E era comum os anúncios incluírem informações como escolaridade, idade, histórico profissional, códigos postais, datas de nascimento e outros detalhes aparentemente sem importância.

Deitado certa noite, ele tentou imaginar como seria assumir novas identidades, sob estresse

em todas as fronteiras, lutando para manter uma lista interminável de mentiras em sua mente sem nunca ter tempo para pensar, só para responder.

Ele sabia que nesse caso, para ter alguma chance, o agente deveria preencher suas identidades falsas com fatos de que poderia se lembrar sem problemas — um número de telefone de infância, uma data de nascimento verdadeira com o ano alterado, os nomes dos pais...

— Você entende o que quero dizer — falou ele enquanto tomávamos o nosso café, a um universo de distância do arame farpado de um posto de controle na fronteira búlgara, você sendo questionado por algum bandido uniformizado, o hálito dele fedendo a cigarro e ao jantar do dia anterior, mexendo nos seus documentos, fazendo diversas perguntas, alerta para qualquer hesitação, disposto a se tornar herói e dizer aos VoPos com a barba por fazer que não acredita naquele americano ou britânico ou canadense ou o que quer que você esteja fingindo ser naquele dia e naquela hora.

Sim, eu entendia o que ele queria me dizer, mas estava muito abalado para responder. Armado apenas com a própria inteligência, Bradley adivinhara exatamente como os agentes secretos entram em um país e como controlam os intermináveis detalhes dos quais dependem suas vidas. Para ser sincero, eu estava achando difícil permanecer furioso com alguém que eu mal conhecia e já admirava tanto.

Bradley disse que discutiu a sua teoria com Marcie e ambos decidiram fazer um experimento. De toda a informação que haviam compilado sobre o início da vida de Scott Murdoch, eles elaboraram uma lista de vinte fatos menores. Enquanto ela trabalhava, ele passava o dia no computador, baixando as edições dos últimos dez anos de uma publicação que divulgava nomeações governamentais: o semanal *Federal Register*.

Certa noite, ele e Marcie digitaram os fatos em uma ferramenta de pesquisa automática e, na esperança de encontrarem correspondência para algum deles, lançaram-nos no imenso número de nomeações do *Register*.

Trinta e seis horas mais tarde, tinham três resultados. Um deles era um código postal de Greenwich, Connecticut, usado por um homem nomeado como delegado dos Estados Unidos no Conselho Internacional de Artes em Florença — o que podia ou não significar algo. Outro resultado era um adido comercial que jogara squash em Harvard, assim como Scott Murdoch, e que parecia ser muito promissor — até perceberem que estavam lendo seu obituário. O terceiro era um homem chamado Richard Gibson, observador americano em uma reunião da Organização Meteorológica Mundial, em Genebra. Sua pequena biografia incluía uma data de nascimento, a mesma de Scott Murdoch, e um resumo de seu histórico educacional. Sua escola no ensino médio fora a Caulfield Academy.

— Pesquisamos os registros de alunos, mas ninguém chamado Richard Gibson tinha estudado na Caulfield — disse Bradley com muita calma.

Aquele era um feito notável. Começando com nada mais do que o nome de uma árvore em Connecticut, ele e Marcie tinham encontrado Richard Gibson, o disfarce que usei para entrar em Genebra para minha conversa com Markus Bucher, do Richeloud & Cie.

O nome Gibson foi sua prova-base — eles estavam certos de que o método funcionara e seguiram adiante. Três semanas depois, o sistema identificou um funcionário de segundo escalão do Tesouro dos Estados Unidos que fora para a Romênia participar de uma conferência. O nome que estava usando era Peter Campbell.

— Liguei para o Departamento de Finanças romeno e encontrei um sujeito que ajudara a organizar o evento. Ele tinha uma cópia do visto de entrada de Peter Campbell, incluindo os detalhes de seu passaporte. Um amigo meu que trabalha na Segurança Nacional verificou e descobriu que o mesmo passaporte tinha sido utilizado para entrar na França.

“O governo francês disse que Campbell não apenas tinha entrado no país, mas também feito um pedido de residência em Paris. Em seu pedido, informou que era gerente de um fundo de hedge, de modo que Marcie ligou para a Comissão de Valores Mobiliários. Ninguém com o nome de Peter Campbell havia tirado uma licença de negociação, e aquele fundo de mercado não existia.

Observei em silêncio enquanto Bradley enfiava a mão no casaco, tirava dois pedaços de papel e colocava-os na mesa.

O primeiro era uma página de um velho anuário do ensino médio, mostrando uma foto dos quatro membros da equipe de squash da Caulfield Academy. Um adolescente se destacava do grupo, como se jogasse no time, mas não fizesse parte dele. Seu rosto e seu nome estavam circulados: Scott Murdoch.

O segundo pedaço de papel era a fotografia de um passaporte anexada ao pedido de residência francês em nome de Peter Campbell. Não havia dúvida de que as duas fotos eram da mesma pessoa: eu. Permaneci calado.

— Então, foi assim que descobri — disse Bradley. — Scott Murdoch foi para a Caulfield Academy, estudou em Harvard e se juntou a um programa de espionagem do governo. Ele se tornou agente secreto, usou cem nomes diferentes e um deles era Campbell...

Fiquei olhando para a foto do anuário, tentando me lembrar dos integrantes da equipe de squash. Um rapaz se chamava Dexter Corcoran, um grande idiota. Todos o odiavam, disso eu me lembrava. Dos outros — ainda mais idiotas — eu não conseguia me lembrar. Supressão deliberada, diria um psicólogo.

— Talvez o Dr. Murdoch tenha sido expulso do mundo da espionagem ou sua alma

simplesmente se cansou daquilo, não sei — falou Bradley. — Mas ele entrou na França com o passaporte de Campbell, escreveu um livro para passar adiante o que sabia e publicou-o sob o nome de Jude Garrett, um agente morto do FBI.

Continuei sem responder, e ele deu de ombros.

— E, assim, nós dois acabamos aqui.

Sim, e não havia dúvida alguma quanto a isso: aquele fora um brilhante trabalho de Bradley e de sua esposa, mas — como já mencionei — hoje eram eles, amanhã seria outra pessoa.

Só me restava uma coisa a fazer, então me levantei. Era hora de começar a correr.

CAPÍTULO DEZ

Bradley me alcançou junto às portas que ligavam o belo pátio do hotel à grande galeria, movendo-se com rapidez surpreendente, levando em conta que mancava.

Eu havia lhe dado um curto adeus e saído, mas ele conseguira agarrar o meu braço antes que soubesse que ele estava me seguindo.

— Tenho um favor a lhe pedir — disse ele. — Foi por isso que Marcie e eu viemos a Paris.

Fiz que não com a cabeça.

— Preciso ir — falei.

— Ouça, por favor...

Ele inspirou profundamente, lutando contra o que estava prestes a dizer. Mas não lhe dei a chance. Afastei a mão dele e comecei a sair.

— Não — disse ele, com voz autoritária.

Olhei em volta e vi que as pessoas nas mesas mais próximas estavam nos observando. Eu não queria chamar atenção, e isso lhe deu a oportunidade.

— Mergulhe o suficiente na escuridão e nada voltará a ser como antigamente — disse ele, com calma. — Meus ferimentos me fizeram encarar a vida de forma diferente, assim como a minha relação com Marcie e o meu trabalho. Sobre tudo o meu trabalho. Se houve algo de positivo...

Eu já tinha ouvido o bastante.

— Sinto muito — falei. — Seus ferimentos devem ter sido terríveis, e estou feliz que tenha melhorado, mas tenho coisas que preciso resolver.

Eu não tinha tempo para ouvir uma história triste ou as reflexões sobre a vida de um homem que nunca mais veria de novo. Estava dando o fora de Paris, correndo para me esconder e, talvez, salvar a minha vida, e não tinha tempo a perder.

— Só um minuto... apenas um — disse ele.

Suspirei e assenti. Achei que lhe devia uma pequena cortesia por ter me mostrado como minha antiga vida podia vir a ser exposta de modo tão eficaz. Mas não me movi, e tudo a respeito da minha linguagem corporal lhe dizia que o Muro das Lamentações ficava em Jerusalém e que ele deveria acabar logo com aquilo.

— Você não perguntou como eu me feri. E quero agradecê-lo por isso. Os profissionais geralmente não perguntam essas coisas, é claro. A maioria de nós já esteve em situações ruins, por isso não faz muito sentido falar a respeito.

Sim, sim. Chega desse papo de conduta profissional correta. O que quer me perguntar?, pensei.

— Eu lhe disse que fiquei preso em um prédio. Foi um pouco mais do que isso. Eu estava na Torre Norte do World Trade Center quando ela caiu.

CAPÍTULO ONZE

Bradley continuou falando, mas até hoje não tenho ideia do que ele disse. De algum modo, voltamos para a nossa mesa, mas eu estava muito preocupado amaldiçoando a minha própria estupidez por estar ouvindo aquilo. Não me admira que ele tivesse passado por um período de estresse pós-traumático, que tenha enfrentado semanas de tratamento intensivo, que estivesse sofrendo de culpa do sobrevivente, que precisasse de um possível projeto de investigação para trazê-lo de volta dos mortos.

Bradley disse que amparara outro sujeito no escuro, ouvindo-o morrer. Enquanto isso, do lado de fora do seu túmulo de concreto, o sul de Manhattan estava em chamas. E eu, que me achava tão espertinho, intuía que ele levara apenas um tiro no quadril e outro no pulmão. Se isso era o melhor que eu podia fazer, então foi bom ter me aposentado.

Fui tirado da minha severa autoavaliação por sua voz. Ele pegara o celular e estava me perguntando algo.

— Você se importa se eu fizer um telefonema? Preciso falar com Marcie.

Assenti.

Ele esperou que ela atendesse, deu as costas para mim e disse algumas palavras breves que, sinceramente, não consegui entender. Quando desligou, Bradley fez um gesto pedindo mais café e doces. Eu torcia para que ele tivesse um cartão de crédito ilimitado.

— Só mencionei o 11 de Setembro porque é a base para o que quero lhe perguntar — disse ele.

— Vá em frente — murmurei, tentando melhorar a situação por ter pensado que o coitadinho deveria ter recorrido ao Muro das Lamentações.

— Como parte da minha recuperação, finalmente voltei ao Marco Zero, ao local onde ficava a Torre Norte — contou ele. — Eu olhei para o lugar por um longo tempo e... meu Deus, como estava frio... e finalmente percebi que eu estava tão furioso que não tinha qualquer esperança de algum dia me recuperar por completo.

“Mas eu não estava furioso com os terroristas. Eles já estavam mortos. E não era por causa dos ferimentos que eu havia sofrido. Pelo amor de Deus, eu estava vivo.

Eu estava furioso era com a injustiça, com a maneira indiferente como o mundo funciona.

Conheci um monte de pessoas comuns que morreram naquele dia não por causa dos incêndios ou pela queda dos prédios, mas por causa da *compaixão* que tiveram. Foram suas tentativas desesperadas de salvar outros seres humanos — muitas vezes completos desconhecidos — que acabaram por lhes custar as próprias vidas.

Ele bebeu um gole do café, mas eu sabia que ele não queria a bebida. Estava só ganhando tempo, tentando descobrir a melhor forma de seguir em frente. Eu só esperei. Para mim, ele ganhara o direito de demorar o tempo que achasse necessário.

— Já pensou em quantos deficientes físicos estavam trabalhando nas Torres Gêmeas naquele dia? — perguntou ele, afinal. — É, isso também nunca me passou pela cabeça — continuou ele —, não até os aviões atingirem as Torres. Claro, se você estivesse em uma cadeira de rodas, seus problemas seriam muito piores do que os de qualquer outra pessoa. Você não poderia tentar sair pelo elevador. Isso é algo que todos sabemos, não é mesmo? As placas estão sempre nos advertindo a usar as escadas. Mas e se você não puder andar? Se algum dia eu ficar preso em um prédio em chamas, Sr. Campbell, tudo o que peço é poder usar as minhas pernas. Ter a alternativa de correr ou morrer. Não é pedir muito, certo? Uma chance justa.

“Havia um cara que trabalhava para uma empresa de serviços financeiros. Ele tinha participado de todas as simulações de incêndio e sabia exatamente onde ficava a sua cadeira para evacuar o prédio. Você já viu uma dessas? É como uma cadeira de alumínio com braços bem longos que se estendem para a frente e para trás de modo que as pessoas possam erguê-la e transportá-la.

“Ele era paraplégico, e suponho que estava muito orgulhoso por ter superado sua deficiência e arranjado um emprego. Talvez tivesse esposa e filhos, nunca se sabe.

“O 11 de Setembro era o primeiro dia do ano letivo, e muita gente se atrasou para o trabalho. Isso quer dizer que ele estava sozinho em seu canto da Torre Norte quando o avião da American Airlines atingiu o prédio.

“O impacto projetou sua cadeira de rodas até o outro lado da sala. Pela janela, ele viu um arco de fogo no céu e soube que tinha de agir rapidamente ou morreria.

“Ele encontrou sua cadeira especial, equilibrou-a no colo e se dirigiu até a escada de emergência. No caminho, ficou encharcado — os detectores de fumaça foram acionados e, com isso, as luzes se apagaram.

“Seguiu até o hall dos elevadores, mas não havia janelas, o lugar estava completamente às escuras. Foram os funcionários da manutenção do edifício que lhe deram uma chance. Alguns anos atrás, eles haviam aplicado tinta fosforescente nas portas de emergência, de modo que, no caso de um desastre, as pessoas ainda pudessem encontrá-las. Deus sabe quantas vidas essa

decisão salvou naquele dia.

“Ele manteve a porta da Escadaria A aberta com a cadeira de rodas e posicionou sua cadeira especial ali dentro. Não era um sujeito forte, mas conseguiu se transferir de uma para outra.

“Imobilizado, ficou sentado no meio da escadaria de emergência no interior de um prédio em chamas e fez a única coisa que podia fazer. Esperou.

“Havia três escadarias de emergência na Torre Norte. Duas com um metro e quinze de largura, a outra com um e quarenta e cinco. É uma grande diferença: na escadaria mais larga, duas pessoas podem caminhar lado a lado, e as curvas não são tão apertadas. Essas curvas seriam críticas para qualquer um que tentasse carregar algo que, na verdade, era uma maca com um assento. Como é de se imaginar, já que o destino é uma merda, o paraplégico estava em uma das escadarias apertadas.

“Em todo o edifício, as pessoas estavam decidindo qual caminho seguir: para o térreo ou para o terraço, para que pudessem ser resgatadas por um helicóptero. Aqueles que subiram morreram. A porta para o terraço estava sempre trancada, para evitar suicídios.

“A Escadaria A se encontrava repleta de poeira, fumaça, gente e água. Como um riacho de fluxo rápido, a água escorria pelos degraus, vertendo dos dispositivos de segurança e dos canos rompidos. Mas o sujeito na cadeira não gritou, não pediu ajuda. Apenas esperou. Por um milagre, acho.

Bradley fez uma pausa, imagino que pensando em milagres. Por um instante, quando voltou a falar, sua voz parecia embargada, mas ele conseguiu se controlar.

— Bem mais lá embaixo, um sujeito de meia-idade, um tanto fora de forma, ouviu a respeito do homem na cadeira e começou a gritar. Ele queria voluntários para voltar com ele até lá e ajudá-lo a descer.

“Três homens se apresentaram. Caras comuns. Eles seguiram o sujeito de meia-idade escada acima, cada um pegou uma das extremidades da cadeira e escolheram o caminho certo. Eles não subiram. Eles o levaram para baixo. Através da multidão, da fumaça, da água e daquelas curvas apertadas como o inferno.

Ele fez outra pausa.

— Eles o carregaram por *sessenta e sete andares*! E sabe o que encontraram quando chegaram no fundo? Nenhuma saída.

“Tinham demorado tanto que a queda da Torre Sul ao lado desestabilizara o prédio vizinho. Diante deles, havia apenas concreto desmoronado. Atrás deles, fogo.

Bradley deu de ombros. Fiquei em silêncio. O que poderia dizer, mesmo que tivesse certeza que minha voz não vacilaria? *A tristeza paira*, era tudo o que eu conseguia pensar.

— Eles voltaram, chegaram a uma porta em um mezanino e entraram no saguão. Pouco

depois, tudo foi para o inferno quando o prédio desabou. O cara da cadeira de rodas e dois dos carregadores de algum modo conseguiram se posicionar em um local seguro, mas os outros dois, não. — Ele fez uma pausa por um instante. — Você sabe o que tirou a vida deles, Sr. Campbell?

— Compaixão?

— Exatamente. Como disse, não foi o desmoronamento ou o fogo que os matou. Foi a maldita tentativa de ajudar alguém. Daí a minha raiva. Onde estava a justiça *daquilo*?

Ele prendeu a respiração por um instante antes de murmurar:

— Eu não tinha certeza se queria viver em um mundo como aquele.

Eu soube, então, que Bradley visitara o Marco Zero em mais de um sentido. Imaginei-o na neve ao entardecer, uma figura minúscula no imenso espaço vazio onde outrora havia as Torres Gêmeas, fazendo o melhor que podia para encontrar uma razão para viver.

Felizmente, Marcie estava com ele, e ambos deram as mãos enquanto ele lhe falava sobre o desespero que sentia.

“Então, o que você vai fazer a respeito?”, perguntara ela, objetiva.

Bradley me disse que a encarou, confuso, sem fazer ideia do que ela estava falando.

“Sim, eu entendi, Ben, você não quer viver em um mundo como esse. Tudo bem. Mas, como dizem por aí, você vai erguer a cabeça ou ficar no fundo do poço? Então, vou perguntar de novo: o que você vai fazer a respeito?”, respondera ela.

Essa era Marcie: ela ficara tão forte que não cederia nem um centímetro.

— Ela estava certa, é claro — continuou Ben. — E falamos sobre o que fazer ao longo de todo o caminho de volta para casa.

“Por causa das minhas lesões, eu não sabia muito sobre as investigações do 11 de Setembro e, enquanto voltávamos, ela me disse que quinze dos dezenove sequestradores eram sauditas, que a família de Bin Laden fora expulsa do país logo após os atentados, que a maioria dos perpetradores estavam nos Estados Unidos com os vistos expirados e que vários deles tinham aprendido a pilotar aviões, mas que não tinham demonstrado qualquer interesse em aprender a aterrissá-los.

“Ficou claro que, embora os sequestradores tivessem cometido muitos erros, eles ainda eram melhores do que nós. E, se alguém duvidava, havia três mil homicídios em minha jurisdição que comprovavam aquilo. Quando chegamos ao Village, percebi que uma ideia estava tomando forma na minha cabeça.

“Trabalhei naquilo durante a noite, e, no dia seguinte, uma segunda-feira, fui até a Universidade de Nova York e ergui minha cabeça.

Ele disse que, em um grande escritório de frente para a Washington Square, explicou aos

executivos da faculdade que queria criar um evento que se tornaria tão famoso quanto o Fórum Econômico Mundial em Davos — uma série anual de palestras, seminários e aulas para os maiores investigadores do mundo. Um lugar onde novas ideias e ciência de ponta seriam exibidas. Disse que o evento seria moderado pelos principais especialistas em suas áreas, interligando todas as disciplinas e agências.

— Apontei pela janela para o lugar onde ficavam as Torres Gêmeas — falou Bradley. — “Homens como aqueles vão voltar”, disse, “e, na próxima vez, estarão melhores, mais espertos e mais fortes. Nós também precisamos estar. Nós, investigadores, temos um objetivo claro: temos de vencê-los na próxima vez.”

“Havia onze pessoas naquela sala, e percebi que convencera só umas três, então contei a história do cara na cadeira de rodas e lembrei que eles eram a faculdade mais próxima do Marco Zero, que eles tinham uma responsabilidade especial. Se eles não a assumissem, quem assumiria?

“No final, metade deles estava envergonhada, uns poucos choravam, e a votação a favor foi unânime. Talvez eu me candidate a prefeito no ano que vem.

Ele tentou rir, mas não conseguiu encontrar alegria no seu coração.

Bradley disse que os arranjos para o Fórum Mundial de Investigação estavam indo melhor do que ele esperava, e recitou uma lista de nomes daqueles que tinham concordado em vir para ensinar ou participar.

Balancei a cabeça, realmente impressionado.

— Sim, são todos os principais — disse ele.

Olhou para mim e acrescentou:

— Menos um.

Bradley não me deu chance de responder.

— Seu livro causou grande efeito — prosseguiu. — Uma vez que está aqui, você provavelmente não sabe, mas dificilmente há um profissional de primeira que não...

— Foi por isso que você veio a Paris? — perguntei. — Para me recrutar?

— Em parte. Claro, vim para enfim resolver o mistério de Jude Garrett, mas, agora que está tudo às claras, eis uma oportunidade para você fazer uma contribuição. Sei que não podemos dizer quem você é, então pensei que você poderia ser um antigo pesquisador de Garrett. O Dr. Watson para o Holmes dele. Alguém que ajudou...

— Cale a boca — falei, algo que ele não devia estar muito acostumado a ouvir.

Eu olhava para a mesa e, quando ergui os olhos, falei baixo o bastante para ter certeza de que seria ouvido apenas por ele.

— Neste momento, vou quebrar todas as regras da minha antiga profissão. Vou lhe contar a

verdade sobre algo. Provavelmente esta será a única vez que você vai ouvir isso de alguém do meu ramo. Portanto, ouça com atenção.

“Você fez um trabalho notável ao me encontrar. Se algum dia eu fizer uma reedição de meu livro, certamente gostaria de incluir o seu trabalho. Foi brilhante.

Ele meio que deu de ombros — lisonjeado, creio eu, bastante orgulhoso, mas modesto demais para expressá-lo.

— Você encontrou um monte de nomes, desvendou um monte de disfarces, mas não descobriu nada sobre o que de fato fiz para meu país, certo?

— É verdade — respondeu Bradley. — Não sei se queria descobrir ou não. Achei que era melhor deixar isso em paz.

— Você estava certo em fazer isso. Então vou lhe dizer. Eu prendi pessoas, e aqueles que não pude prender, matei. Pelo menos três vezes eu as prendi e as matei logo em seguida.

— Meu Deus — sussurrou ele. — Nosso país faz coisas assim?

— Acho que detetives de homicídios e juízes têm um nome para isso, não é? Posso lhe dizer, no entanto, que esse tipo de ação acaba pesando muito no espírito de um homem, especialmente quando ele fica mais velho. Pelo menos, algo de que é impossível me acusarem é discriminação. Eu era ecumênico no meu trabalho: derrubei católicos, árabes, protestantes, ateus e até alguns judeus. Os únicos que ficaram de fora foram os zoroastristas. E acredite em mim, eu também os teria incluído na lista se soubesse o que eles são exatamente. O problema é que muitas das pessoas que feri, os amigos e familiares das pessoas que matei, em sua maioria, não são praticantes ativos daquilo que poderíamos chamar de princípios cristãos, Sr. Bradley. Especificamente, eles não se importam muito com aquela parte sobre oferecer a outra face. Sabe os sérvios? Eles ainda estão putos por causa de uma batalha que perderam em 1389. Algumas pessoas dizem que os croatas e os albaneses são piores. Para pessoas assim, algumas décadas me caçando não chega nem a contar como um fim de semana perdido. Estou dizendo isso para que você entenda: vim a Paris para permanecer no anonimato. Tenho tentado viver uma vida normal. Esta noite não foi exatamente uma boa notícia para mim, sendo assim não vou participar de nenhum fórum. Estou fugindo para preservar a minha vida.

Levantei e estendi a mão.

— Adeus, Sr. Bradley.

Ele apertou a minha mão e não fez qualquer tentativa de me deter. O pátio esvaziara, e Bradley ficou sentado sozinho entre as velas enquanto eu saía.

— Boa sorte — gritei. — O seminário é uma ótima ideia, o país precisa disso. — Virei para seguir o meu caminho e dei de cara com uma mulher.

Ela sorriu.

— Pela expressão do meu marido, vejo que a resposta foi não.

Era Marcie. Bradley deve ter dito onde estávamos quando telefonou para ela.

— Você está certa — falei. — Não posso participar. Ele sabe por quê.

— Mas obrigada por atendê-lo — respondeu ela, calmamente. — Por perder tanto tempo ouvindo o que ele tinha a dizer.

Não havia ressentimento ou raiva — sua única preocupação parecia ser o bem-estar do marido. Gostei dela imediatamente.

Bradley parou de olhar para nós e tentou atrair a atenção do garçom, pedindo a conta.

— Sabe, Ben o admira muito — disse Marcie. — Não acho que tenha dito, mas ele leu o seu livro três vezes, por puro prazer. Ele sempre diz que desejaria ter feito metade das coisas sobre as quais você escreveu.

Por um instante vislumbrei um Bradley diferente — um investigador de alto nível que acreditava que nunca jogara em uma liga grande o bastante para o seu talento. Mais do que a maioria das pessoas, eu sabia que era terrível conviver com o pesar profissional e, como muitas vezes me acontece, comecei a pensar em duas meninas e naquilo que fiz em Moscou havia muito tempo.

Marcie teve de tocar no meu braço para me trazer de volta dos cantos da minha memória, e vi que ela estava me entregando um cartão de visita.

— É o nosso telefone em Nova York. Se tiver uma oportunidade, ligue. Não digo agora, mas em algum momento no futuro. — Ela percebeu minha relutância e sorriu. — Daqui a alguns anos, seria ótimo.

Ainda assim não o aceitei.

— Ele é um bom homem — disse ela, com seriedade. — O melhor que já conheci; melhor do que a maioria das pessoas jamais poderia imaginar. Isso significaria muito para ele.

É claro que eu sabia que nunca iria ligar, mas pareceria tão desnecessariamente grosseiro não aceitar o cartão que o peguei. Enquanto eu o estava guardando no bolso, Bradley se voltou, e os olhares dele e de Marcie se encontraram por um instante cruzando o pátio silencioso.

Nesse segundo de vulnerabilidade, nenhum dos dois percebendo que eu os estava observando, vi o casal despido da sua armadura social. Eles já não estavam em Paris nem em um hotel cinco estrelas. Vi em seus rostos que estavam exatamente onde sempre estiveram, antes e depois da queda da Torre Norte: imersos em amor. Eles não eram crianças, aquilo com certeza não era uma paixão, e foi bom saber que, em um mundo repleto de fraudes e astúcias, algo como aquilo ainda existia. Talvez a noite não tivesse sido um fracasso total, afinal de contas.

O momento passou, Marcie olhou para mim e me despedi. Atravessei as portas altas e parei

junto ao púlpito onde o *maître* do pátio observava tudo. Ele me conhecia razoavelmente bem e, após agradecer-lhe por sua hospitalidade, pedi que enviasse o carrinho mais uma vez até a mesa e dei-lhe duzentos euros para pagar a conta.

Não sei por que paguei. Estupidez, acho.

CAPÍTULO DOZE

O voo da American Airlines chegou a Nova York no início da manhã — torres de nuvens escuras escondendo a cidade, a chuva e os ventos furiosos nos açoitando durante toda a viagem. Duas horas após decolarmos de Paris, o sinal de “Aperte o cinto” se acendeu e, depois disso, as condições pioraram tão rapidamente que o serviço de bordo foi suspenso. Sem comida, sem bebida, sem poder dormir. As coisas só poderiam melhorar, ponderei.

Eu estava viajando com uma cópia perfeita de um passaporte de diplomata canadense, o que não apenas explicava meu assento na primeira classe, como também evitou quaisquer perguntas da imigração dos Estados Unidos. Eles me liberaram sem demora, então peguei a minha bagagem e saí em meio à chuva. Estava em casa, mas encontrei menos conforto ali do que tinha imaginado. Fiquei longe por tanto tempo que aquele era um país que eu mal conhecia.

Dezoito horas haviam se passado desde que eu deixara os Bradley no Plaza Athénée. Assim que percebi que meu disfarce fora descoberto, soube o que precisava fazer. O treinamento era inequívoco: fuja, se esconda onde for possível, tente se reestruturar e, em seguida, escreva o seu testamento. Talvez não a última parte, mas esse era o tom com o qual um disfarce descoberto sempre era discutido.

Achei que os Estados Unidos eram a minha melhor chance. Não apenas seria mais difícil para um inimigo me encontrar entre milhões de compatriotas, como também achei que, para ficar em segurança, teria de apagar os rastros que deixara para trás, tornando impossível que outros seguissem o mesmo caminho que Ben e Marcie tinham aberto.

Fui do Plaza Athénée até meu apartamento em seis minutos e, assim que entrei, comecei a ligar para as empresas aéreas. Por sorte, havia um lugar na primeira classe do primeiro voo da manhã.

Mas é estranho como funciona o inconsciente. No caos que se seguiu, enquanto pegava roupas, fechava contas e arrumava minhas malas, as duas cartas do advogado de Bill e Grace Murdoch vieram à minha mente sem razão clara. Vasculhei um arquivo de correspondência antiga, guardei-as em minha bagagem de mão e voltei-me para a única questão pendente: o conteúdo do cofre.

Era impossível levar as três pistolas, cem mil dólares em moedas diferentes e oito passaportes comigo, nem mesmo na bagagem despachada. Se os detectores de metais ou o raio X os flagrasse, eu seria alvo de uma intensa investigação — mesmo que supostamente fosse um diplomata. Quando descobrissem que meu passaporte era falso, como com certeza descobririam, eu teria semanas de explicações a dar — primeiro a respeito da minha verdadeira identidade e, em seguida, a respeito de outros assuntos. Todas as armas, passaportes falsos e agendas deveriam ter sido entregues quando deixei a Divisão.

Em vez disso, abri uma costura do meu colchão, retirei um pouco do estofamento e ali guardei as ferramentas do meu ofício. Uma vez nos Estados Unidos, eu ligaria para François, o porteiro resmungão, e pediria que ele contratasse uma empresa de mudança para transportar todos os meus móveis de volta para casa. Com tudo em segurança, fechei a costura, puxei a colcha sobre o colchão e chamei um táxi para me levar até o Charles de Gaulle.

Dez horas depois, eu estava de pé na chuva no Kennedy, pegando outro táxi para ir ao centro. A caminho, liguei para o Four Seasons, um desses hotéis cujo imenso tamanho garante o anonimato dos hóspedes, e reservei um quarto.

Após três dias tratando com corretores de imóveis, aluguei um pequeno apartamento em NoHo. Não era grande coisa, mas recebia a luz do sol pela manhã e, em meu primeiro dia ali, peguei as cartas do advogado e liguei para marcar uma reunião.

Ao fim da tarde, nos sentamos em seu amplo escritório com vista para o Central Park, e aquilo que ele descrevera como uma pequena questão relativa ao espólio de Bill mudou a minha vida para sempre.

Depois disso, passei vários dias andando pela cidade até a madrugada, refletindo sobre o assunto repetidas vezes, tentando — como diria um psicólogo — internalizar aquilo. Deixei que meus pés me levassem para onde quisessem, passando por bares e restaurantes lotados, contornando as longas filas dos clubes mais famosos e dos filmes mais recentes. Por fim, com os pés maltratados e dolorosamente ciente de quão pouca experiência eu tinha daquilo que as pessoas chamam de vida normal, comecei a aceitar o que o advogado me dissera. Somente então eu me volvei para o problema dos rastros que deixara para trás.

Minha primeira ligação foi para uma supervisora do FBI — uma mulher para quem eu entregara os arquivos europeus da Divisão quando a agência foi fechada. Ela entrou em contato com um dos seus diretores adjuntos, sussurrou que eu já fora um Navegante, e me encontrei com ele no dia seguinte, em uma decadente sala de reuniões de uma torre no centro da cidade.

Após pedir para falar com ele a sós e seus dois assessores saírem da sala, fechando a porta atrás deles, expliquei que o número do seguro social de Scott Murdoch fora eliminado e o

perigo que aquilo representava para mim. Ele demorou um pouco para dominar a incredulidade, mas acabou xingando o responsável, deu um telefonema e fez com que o número fosse restaurado.

— Eu marcarei o número e me certificarei de que você seja avisado caso alguém venha a consultá-lo — disse ele. — O que mais?

— Preciso que alguém acesse e altere bases de dados informatizadas. Há diversas informações a meu respeito e sobre os disfarces que usei que precisam ser apagadas.

— Governo ou computadores particulares? — perguntou ele.

— Ambos. Tudo, desde os registros de uma associação de alunos em uma escola chamada Caulfield Academy até dezenas de nomeações no *Federal Register*.

— Sem chance — disse ele. — Os bancos de dados obedecem ao que chamamos de *regras de stripper*: a Suprema Corte diz que podemos olhar, mas que não podemos tocar. Seria ilegal até mesmo indicar alguém que pudesse ajudá-lo.

Eu o pressionei, falando sobre os anos em que servi meu país, explicando por que precisava que ele quebrasse as regras.

Ele balançou a cabeça, pensativo, então algo pareceu aborrecê-lo, e o homem começou a reclamar:

— Quebrar as regras? Você está pedindo que eu me envolva em hackear computadores. Você faz alguma ideia do quanto isso custa à comunidade? Não são só mais uns nerds, como eram alguns anos atrás. Agora o ciberespaço está infestado de predadores. Eles entram nos sites, ignoram o dano, roubam qualquer coisa de valor...

Fiquei chocado. Eu não me importava com a Suprema Corte ou com os desdobramentos modernos dos crimes de internet, só queria limpar o meu passado. Acho que devo ter tocado em um ponto delicado, mas aquilo não me ajudaria a alcançar a minha segurança.

No entanto, o homem estava embalado e não parava de falar.

— Há um nível ainda mais alto do que o dos predadores — continuou ele. — Chame-os de larápios silenciosos. Eles entram, copiam tudo e ninguém sabe que estiveram ali. Eles são brilhantes. Houve um cara que roubou quinze milhões de arquivos de hipoteca. *Quinze milhões!* Cada um incluía dados do cartão de crédito, o número do seguro social, da conta bancária e o endereço domiciliar de alguém. Sabe o que ele ia fazer com aquilo?

— Roubo de identidade? — sugeri, sem fazer ideia do porquê de ainda estarmos falando sobre aquilo.

— Claro. Mas ele mesmo não os usaria. Ah, não, daria muito trabalho. Ele os venderia para a máfia russa. Um dólar por cada arquivo no primeiro milhão, como nos disse, só para cativar a clientela. Então, subiria o preço até chegar a dez dólares por arquivo. Calculei que ele faria

uma centena de milhões de dólares. Apenas ficando sentado diante de uma tela.

“Você sabe quanto um ladrão de banco médio consegue em um assalto?”, perguntou ele inclinando-se sobre a mesa. “Nove mil dólares e, talvez, uma bala. Quem você acha que encontrou o melhor plano de negócios?”

Dei de ombros. Eu realmente não me importava.

— O cara tem vinte e três anos e provavelmente é o melhor do mundo.

— Quanto tempo ele vai ficar na cadeia? — perguntei, tentando demonstrar algum interesse.

— Ainda não está decidido. Talvez ele saia livre dessa. Depende se ele vai continuar cooperando e nos ajudando a pegar os piratas samurais que estão fazendo coisas tão ruins quanto essa. Battleboy era seu codinome on-line, então é assim que nós o chamamos.

— Battleboy? — falei, sem ter certeza de ter ouvido direito.

— Sim, com um “i” no final. É um latino filho da puta. Cresceu em Miami, mas agora vive aqui por perto, na Canal Street, em cima do Walgreens.

Ele olhou para mim, nossos olhares se cruzaram. A máscara caiu, e então percebi por que ele me contara aquela história.

— De qualquer modo, chega de falar sobre os meus problemas. Preciso parar antes que diga algo ilegal. O que mais posso fazer por você?

— Nada, você já fez mais do que o suficiente. Obrigado — respondi de modo caloroso.

Ele se levantou e começou a se encaminhar até a porta. Então parou, voltou-se para mim e disse:

— Fico feliz por ter podido ajudar você com o problema do seguro social. Conheço a sua reputação, muitos de nós conhecemos, e foi uma honra, uma grande honra, conhecer o Navegante.

Ele disse isso com tanta admiração, com um aperto de mão tão forte que seria capaz de transformar carvão em diamantes, que me pegou de surpresa. Ele e seus assessores observaram em silêncio — posso dizer, com respeito —, enquanto caminhei em direção ao elevador. Lisonjeado como estava, não consegui deixar de pensar em como um homem termina muito antes de sua reputação.

Lá fora, peguei um táxi e andei pela cidade, olhando para os rostos dos que passavam por ali. Com as sombras se alongando e a noite se aproximando, mais uma vez tive uma sensação de desapego esquisita, de ser um estranho na minha própria terra. Eu sabia que se uma pessoa continuasse trilhando aquele caminho acabaria morrendo para o mundo — você os vê sentados nos bancos dos parques, em salas de leitura de bibliotecas públicas, sozinhos em estações ferroviárias. Que futuro, pensei. Mas não havia nada que eu pudesse fazer: os cães ladram, a

caravana passa e era imperativo que eu enterrasse o meu passado.

O táxi parou em frente ao Walgreens. Caminhei ao longo do prédio e encontrei uma porta. Havia apenas um interfone, e as poucas palavras ao lado estavam escritas em japonês. Ótimo.

Perguntando a mim mesmo se, de algum modo, eu tinha entendido mal o que o cara do FBI me falou, apertei o botão.

CAPÍTULO TREZE

Uma voz rouca e masculina respondeu em inglês. Eu lhe disse que um amigo em comum que trabalhava no vigésimo terceiro andar de um prédio nas redondezas sugerira que eu o procurasse. Ele abriu a porta, e eu subi um lance de escada notando que alguém tivera muito trabalho para ocultar quatro câmeras de circuito fechado que a monitoravam. Preocupado com a máfia russa, imaginei.

Entrei em um corredor e só o vi após meus olhos se adaptarem à escuridão: Battleboi estava de pé à minha frente, junto a uma porta de aço digna de uma boca de crack. A coisa mais surpreendente a respeito dele não era o seu tamanho — embora ele pesasse uns bons duzentos quilos —, o mais chocante era que estava vestido como um *daimyo* japonês medieval. Um pirata samurai de primeira ordem, percebi.

Ele usava um quimono de seda escandalosamente caro e meias brancas japonesas tradicionais com entalhes para os dedões, o cabelo preto oleado e penteado para trás em um coque apertado. Se alguém me pedir para localizar um lutador de sumô hispânico, sei exatamente onde encontrá-lo. Ele se inclinou ligeiramente, o mínimo de boas maneiras — imaginei que ele não gostava muito do nosso amigo do vigésimo terceiro andar —, e se virou para permitir a minha entrada.

Suas terras feudais compreendiam apenas quatro cômodos em uma rua lateral, mas belos tatames cobriam o chão, biombos *shoji* separavam os espaços e, em uma das paredes, havia uma antiga pintura do monte Fuji que aposto que deve ter custado ao menos vinte mil de seus arquivos mais caros.

Assim que entrei, consegui evitar um desastre social: no último instante, percebi que deveria tirar os meus sapatos e calçar um par de sandálias de hóspede. Enquanto desatava minhas botas grosseiras, perguntei como deveria chamá-lo.

Ele pareceu confuso.

— Como assim? Eles não lhe disseram?

— Bem, sim, eles me disseram — respondi. — Só não me parece certo chamar alguém de Battleboi na cara da pessoa.

Ele deu de ombros.

— Isso não me incomoda, idiota — disse ele, e me guiou até um par de almofadas no chão.

— O vice-diretor disse que você está cooperando com ele — falei, como se eu estivesse ali com a total aquiescência dele.

Battleboi olhou para mim, aborrecido, mas não negou.

— O que você quer?

Quando nos sentamos de pernas cruzadas falei que queria excluir qualquer referência a Scott Murdoch dos bancos de dados das associações de alunos das minhas ex-escolas. Achei que poderíamos começar por ali.

Ele perguntou quem Murdoch era, e eu respondi que não sabia.

— Foi decidido que precisamos apagar o passado dele. É só com isso que devemos nos preocupar agora.

Ele pediu a data de nascimento de Murdoch, detalhes sobre as associações de alunos e uma série de outras questões para se certificar de que aquela era a pessoa certa. Depois que respondi, ele ajustou o quimono e disse que começaria a trabalhar em alguns minutos.

— *Cha, neh?* — disse ele casualmente, mas entendi as entrelinhas: eu deveria responder com um olhar inexpressivo e me sentir inferior, mas, honestamente, não estava a fim.

Busquei na memória um antigo verão. Eu estava em uma praia encharcada de sangue, cercado por uma onda de decapitações e dezenas de samurais cometendo suicídio ritualístico. Em outras palavras, eu passara minhas férias lendo *Xógum*. De todas essas páginas épicas, lembrava-me de algumas frases-chave: *cha* era chá.

— *Hai, domo* — respondi, esperando que minha memória não falhasse e eu estivesse dizendo “Sim, obrigado” em vez de “Vá se foder”.

Devo ter acertado.

— Você fala japonês? — perguntou ele, com uma mistura de respeito e espanto.

— Ah, só um pouco — respondi com modéstia.

Ele bateu palmas, e um dos biombos se abriu. Uma latina de corpo delgado vestindo um quimono de seda vermelho entrou e se curvou, suscitando em mim uma pergunta que tem ocupado a mente dos grandes filósofos desde tempos imemoriais: por que caras feios quase sempre conseguem as mulheres mais gostosas?

Ela era alguns anos mais nova do que ele, com olhos grandes e uma boca sensual. Em uma inspeção mais detalhada, ficou claro que ela adaptara livremente o quimono tradicional — era muito mais apertado ao redor dos quadris e dos seios do que os modelos que você encontraria em Tóquio. Para facilitar o movimento, ela cortara as costas do quimono da bainha até a altura das coxas e, quando atravessou a sala, a julgar pela forma como a seda ondulava e se agarrava ao seu corpo, ficou claro que não precisava se preocupar com marcas de calcinhas ou de sutiã.

Ela não estava usando nada disso. O efeito geral era ao mesmo tempo sedutor e alucinante.

— Chá? — perguntou ela.

Assenti, e Battleboi voltou-se para mim.

— Esta é Rachel-san.

Ela olhou para mim e esboçou o mais fino dos sorrisos.

Battleboi? Rachel-san? Japão Antigo no Walgreens? Não importava o que o FBI dissesse sobre as suas habilidades, eu não tinha muita esperança. Para mim parecia que eu estava lidando com dois casos que deveriam ser encaminhados para a assistência social.

Três horas mais tarde, fui forçado a rever a minha opinião de maneira drástica. Lorenzo — ao menos foi assim que Rachel o chamou uma vez — não apenas suprimiu todas as referências a meu respeito nos registros das associações de alunos como disse que poderia fazer o mesmo com os arquivos muito mais complexos da Caulfield Academy e de Harvard.

— Você poderia se livrar de todo o histórico acadêmico dele? — perguntei. — Fazer parecer que Scott Murdoch nunca foi para Caulfield ou para Harvard?

— Por que não? — Ele riu. — Atualmente, há tanta gente nessa merda de planeta que isso é tudo o que somos: linhas de código em um disco rígido. Apague essas linhas e não existimos mais; acrescente-as e aí viramos alguém. Quer um mestrado? Diga-me em qual faculdade. Precisa de uma centena de milhões de dólares? Aguarde enquanto manipulo algum código binário. A propósito, você pode me chamar de Deus, se quiser.

— Obrigado, mas eu me afeiçoei a Battleboi — falei, sorrindo.

Mais tarde naquela noite, observei enquanto ele destinou a última das realizações acadêmicas do Dr. Murdoch ao vazio eletrônico.

— É uma vergonha... Tanto estudo, e agora nada — disse ele.

Havia pouco que eu pudesse dizer, a mente tomada pelas memórias, especialmente as lembranças de Bill — ele dirigira até Boston em sua velha Ferrari, a única pessoa que comparecera à minha colação de grau.

Quando Lorenzo se convenceu de que não deixara para trás qualquer indício de ter acessado os dados, contei para ele qual era o próximo item de minha lista: a informação que tinha que ser removida de computadores do governo e das listas de nomeações.

— Quantas ocorrências? — perguntou ele.

— Algumas centenas, talvez mais.

Pela expressão do rosto dele, parecia que eu o convidara a cometer *seppuku*.

— Deixe-me adivinhar: isto é urgente, *neh?* — Mas ele sabia a resposta. — Você tem cópias dessas nomeações ou teremos de procurar?

Hesitei. Ben Bradley e sua esposa tinham todas as informações, mas eram as últimas

peessoas para quem eu queria perguntar.

— Preciso pensar a respeito — respondi.

— Se tivermos de começar do zero, pode levar meses. Quando decidir, me avise — disse ele, e começou a fechar suas fileiras de discos rígidos.

Enquanto me acompanhava até a porta, ele estava relaxado o bastante para trocar um pouco de conversa fiada.

— Venho estudando japonês há três anos. Língua difícil, né? Onde você aprendeu?

— *Xógum* — respondi simplesmente.

Devo dizer que, após superar o choque, ele levou aquilo na esportiva. A montanha de carne estremeceu quando riu da própria credulidade e, ao ver seus olhos bailando e sua grande generosidade de espírito, vislumbrei o que Rachel deveria ter visto nele.

— Merda — disse Battleboi, enxugando as lágrimas dos olhos. — E eu passei as últimas seis horas me sentindo meio constrangido, como se estivesse na escola outra vez.

Quando voltei a calçar as botas, encorajado por nossas risadas, ele perguntou:

— O que exatamente você faz no FBI?

— Eu não... É complicado. Digamos que fui companheiro de viagem deles, isso é tudo.

— Você é Scott Murdoch?

Voltei a rir.

— Você acha que se eu tivesse aquelas qualificações estaria aqui sentado, falando com você? — falei isso com a dose certa de amargura e humor. Sou um excelente mentiroso quando necessário.

— Quem quer que seja, você deve ser íntimo do pessoal do vigésimo terceiro andar.

— Não exatamente. Por quê?

— Eu estava contando que você pudesse interceder junto ao vice-diretor, pedir para ele pegar leve nas acusações.

— Pelo que entendi, se você continuar cooperando, pode não haver acusação nenhuma.

— Claro. — Ele riu com amargura. — Foi por isso que criaram uma divisão especial para o cibercrime. É o admirável mundo novo. Acho que eles vão me tirar tudo o que tenho e, então, vão me trair. Você sabe, só para dar o exemplo.

Balancei a cabeça dizendo-lhe que ele estava ficando paranoico, que não era assim que o FBI funcionava. Mas é claro que ele estava certo. Alguns meses depois, eles o acusaram de tudo o que puderam encontrar e, em seguida, ofereceram-lhe um acordo judicial que não era de fato um acordo. Por fim, incapaz de pagar os advogados — ele chegara a vender a sua preciosa tela do monte Fuji —, foi forçado a assinar sua confissão. Pegou quinze anos em Leavenworth.

E ele definharia ali, praticamente esquecido, caso a busca pelo Sarraceno não tivesse

assumido proporções desesperadoras em uma assustadora avalanche de acontecimentos.

CAPÍTULO QUATORZE

O Sarraceno chegou à fronteira da Síria pouco antes do almoço e desceu do ônibus vindo de Beirute com uma maleta médica em uma das mãos, uma mala na outra e um plano notável em mente.

Cinco anos atrás, ele se formara em medicina com honrarias, e aqueles foram anos perdidos, famintos. Levei muito tempo para reconstituir seus movimentos durante esse período, mas uma coisa era certa: quando se viu frente à frente com o funcionário da imigração síria, ele já tinha resolvido o enigma que ocupara todos os seus momentos de vigília. Ele sabia como atacar os Estados Unidos.

Alegando ser um médico a caminho dos imensos campos de refugiados, o passaporte libanês dele foi carimbado sem qualquer dificuldade. Evitando os taxistas e as prostitutas, dobrou à esquerda no estacionamento repleto de lixo e encontrou um ônibus público que o levaria a Damasco.

Na principal rodoviária da cidade, ele deixou as duas malas em um guarda-volumes, saiu por uma porta lateral e começou a andar. O Sarraceno estava determinado a deixar o mínimo possível de registros dos seus movimentos e, por esse motivo, nem mesmo pegou um táxi.

Por mais de uma hora, ele abriu caminho através de estradas poeirentas e bairros cada vez mais sombrios — Damasco é o lar de quase dois milhões de pessoas, das quais quinhentas mil são palestinos pobres refugiados.

Finalmente, no cruzamento de duas pistas de alta velocidade, encontrou o que procurava. Abaixo dos viadutos, havia uma terra de ninguém, uma floresta petrificada de postes de concreto enegrecidos pela fumaça do óleo diesel. A área era decorada com luzes coloridas, bandeiras que não tremulavam e citações do Alcorão que atestavam o amor dos proprietários à honestidade. Eram mercados de carros usados.

Ali, no fundo da cadeia alimentar automotiva, o Sarraceno escolheu um antigo Nissan Sunny. Enquanto o vendedor elogiava a sua habilidade de enxergar além da ferrugem e encontrar o diamante daquele lugar, o Sarraceno lhe pagou em dinheiro. Acrescentou cinco libras sírias ao montante, na intenção de dispensar a necessidade de documentos de transferência, e dirigiu em meio ao anoitecer. O carro queimava mais óleo do que gasolina,

mas o Sarraceno não se importou — transporte era apenas o propósito secundário daquele veículo. O primário era moradia. Ele sabia que até mesmo nos hotéis mais baratos as pessoas se lembravam demais, e ele dirigiu três horas pela cidade até encontrar uma área isolada nos fundos do estacionamento de um supermercado, onde passou a residir.

Nas semanas seguintes, reuniu o material de que necessitava para a tarefa que teria pela frente e deixou sua higiene pessoal ir para o inferno. Passou a usar roupas cada vez mais sujas e, embora isso possa ter ofendido seus próprios padrões de limpeza, ele não tinha muita escolha — o plano dependia de ele ser a versão perfeita de um sem-teto. Após uma longa viagem de reconhecimento do campo de batalha, o Sarraceno enfim estava pronto.

Nos arredores de Damasco, um prédio de vidro e concreto de quatro andares erguia-se praticamente isolado em meio à paisagem. A placa na fachada informava que ali se encontrava o Instituto Sírio de Medicina Avançada, mas sua finalidade exata não ficava clara — ninguém se lembrava da última vez que os líderes do país buscaram tratamento médico em qualquer lugar que não fosse em clínicas particulares de Londres ou Paris.

Como a inteligência ocidental desconfiava que o prédio estava sendo usado para pesquisa nuclear ou biológica, um dos oito satélites americanos que patrulhavam o Oriente Médio mantinha o instituto sob vigilância constante. O satélite fotografou rostos em janelas, gravou todas as entregas e monitorou a assinatura química de emissões, mas, infelizmente, não tirou nenhuma foto dos arredores. Como resultado, não havia imagens do sem-teto que, de acordo com um relatório posterior da polícia secreta da Síria, chegara aos poucos por ali.

No início de uma noite de sexta-feira, um segurança que passava por um jardim nos fundos do prédio viu que uma lona velha fora estendida entre duas palmeiras, abrigando à sua sombra um hidrante usado para regar as plantas. Poucos dias depois, um pequeno fogareiro, um botijão de gás recuperado e uma caixa térmica também surgiram no lugar. Ainda assim, as dezenas de pessoas que saíam do estacionamento para entrar no instituto ainda não tinham visto o posseiro — nem mesmo após um surrado Alcorão com encadernação antiga e dois cobertores esfarrapados terem surgido.

À essa altura, já era tarde demais para que pudessem fazer qualquer coisa a respeito. O Ramadã, o nono mês do calendário islâmico e de longe seu mês mais sagrado, começara. O Alcorão sobre o cobertor agia como um lembrete silencioso de que os mendigos, os viajantes e os pobres têm de ser amparados no islã. Qual fiel verdadeiro removeria um sem-teto durante o Ramadã?

Foi somente então, protegido pela religião, que o Sarraceno apareceu, abandonando o Nissan no estacionamento do supermercado, emergindo do matagal ressecado, estabelecendo-se sob a lona como se já pertencesse àquele lugar, o que com certeza era parte do plano.

Barbudo e maltrapilho, vestindo uma longa e anônima túnica e o lenço dos incontáveis refugiados palestinos, ele abriu o hidrante para beber um pouco de água e começou a ler o Alcorão.

Em períodos regulares, ele enchia a sua panela, realizava as abluções que antecederiam as cinco orações diárias e apontava sua esteira para Meca ou, dependendo da sua visão do mundo, para o banheiro dos seguranças.

Ninguém reclamou da presença dele, e ele superou o primeiro obstáculo. Na manhã seguinte, começou a trabalhar — lavando as janelas dos carros estacionados, varrendo o lixo e agindo como o guardião do estacionamento número três de al-Abah. Como a maioria dos refugiados, nunca pedia dinheiro, mas deixava um pires na calçada — apenas para o caso de alguém sentir uma súbita necessidade de cumprir as suas obrigações de caridade.

Aquilo foi brilhante. Várias semanas depois, após o corpo mutilado de um dos funcionários mais graduados do instituto ter sido encontrado, a polícia e a inteligência síria inundaram os edifícios em torno, finalmente visando o sem-teto e tentando montar um retrato falado. Todos com que falaram concordavam: um metro e oitenta de altura, cerca de noventa quilos, barbudo e então... bem, praticamente mais nada.

No mundo dos espões, um disfarce e uma história de vida inventados para esconder a verdadeira identidade de alguém são chamados de lenda. O maltrapilho guardião do estacionamento número três de al-Abah — um saudita formado em medicina pela Universidade de Beirute e herói da Guerra do Afeganistão — criara uma lenda tão eficaz como refugiado palestino que se tornara praticamente invisível. Aquilo teria sido um grande feito para um profissional; para um amador sem recursos ou treinamento, era algo notável.

Uma semana após a sua chegada, durante as horas mais quentes do dia, o Sarraceno criara o hábito de se agachar com seu Alcorão em um bosque de palmeiras perto da porta da frente do edifício, aproveitando-se da brisa fresca que soprava de um duto de ar-condicionado quebrado. Embora as pessoas rissem para si mesmas da engenhosidade dele, a verdade era que o homem não dava a mínima para o calor — ele vivera no primeiro vale do inferno de Dante durante os verões abrasadores do Afeganistão, de modo que o outono em Damasco não o preocupava. Na verdade, o espaço sob o duto de ar-condicionado permitia-lhe ver, através de uma parede de vidro, os exatos procedimentos de segurança que eram aplicados a todos que entravam no edifício. Quando se convenceu de que ele os dominara, começou a pesar — de forma figurativa e literal — as pessoas que trabalhavam no local.

O vice-diretor do instituto sempre era um dos últimos funcionários a sair. Por volta dos cinquenta anos, chamava-se Bashar Tlass. Membro de uma família da elite governante da Síria, Tlass era um ex-membro proeminente da polícia secreta do país e — lamento dizer —

um sujeito absolutamente desprezível.

Entretanto, sua elevada posição social, suas qualificações como engenheiro químico e seu gosto pelo garrote vil durante sua carreira na polícia secreta não tiveram qualquer influência na escolha. Todos ficariam muito surpresos, inclusive o próprio Tlass, se soubessem que ele fora morto por pesar noventa quilos — ou quase isso, como avaliou o médico sentado entre as palmeiras.

Tendo identificado o seu alvo, tudo o que o Sarraceno tinha a fazer agora era esperar. Em todo o mundo muçulmano, os trinta dias de jejum, oração e abstinência sexual do Ramadã terminam com uma explosão de festas, presentes e hospitalidade chamada Eid al-Fitr. Na tarde anterior ao festival, quase todos saem do trabalho mais cedo para se prepararem para o ritual de oração da alvorada, seguido por um dia de grandes banquetes.

Damasco não era diferente e, por volta das quatro horas da tarde, os bancos, os escritórios e as lojas já estavam fechados, e as ruas ficavam cada vez mais desertas. Tlass saiu pela porta da frente do instituto e ouviu os seguranças ativarem as travas eletrônicas. Aquilo significava que o edifício estava completamente vazio, e ele sabia — assim como todos os outros — que, assim que sumisse de vista, os guardas ativariam o resto do sistema e iriam silenciosamente para as suas casas para fazerem os próprios preparativos para as festividades.

Anos antes, o diretor tentara convencer os seguranças a trabalharem no Eid, mas enfrentou tanta oposição, inclusive das mesquitas frequentadas pelos trabalhadores, que todos voltaram à prática anterior da ignorância fingida. De qualquer modo, Tlass sabia melhor do que ninguém que o país era um estado policial — e quem seria tolo o bastante para tentar invadir um prédio do governo?

Ele descobriu a resposta para essa pergunta poucos minutos depois, enquanto caminhava entre os jardins, andando em direção ao seu carro. Os poucos edifícios em torno do estacionamento estavam desertos, de modo que ele ficou um pouco alarmado quando, ao dobrar uma esquina, enclausurado por um momento por sebes e palmeiras, ouviu um farfalhar às suas costas. Ele se voltou e quase sorriu ao perceber que era apenas o palestino idiota, o sujeito que insistia em lavar o para-brisa do seu SUV, embora ele nunca tivesse deixado mais do que uma piastra no pires como pagamento por seu trabalho.

Agora o mendigo achava que o tinha encurralado, curvando-se o tempo todo enquanto se aproximava, estendendo-lhe o pires para pedir dinheiro, murmurando a saudação tradicional, “*Eid Mubarak*”. Tlass retribuiu a saudação, como exigia a tradição, mas isso era tudo o que estava disposto a fazer. Ele afastou o pires para o lado e voltou-se para seguir seu caminho.

O Sarraceno estendeu o braço e, em um momento confuso, enlaçou com força o pescoço de um atônito Tlass, sufocando-o.

O primeiro pensamento do furioso vice-diretor, nascido de uma fúria cega, era que ele não deixaria que o mendigo pegasse dinheiro algum — o refugiado teria de matá-lo para tirar algo dele. O segundo foi se perguntar como um homem que praticamente só comia lixo podia ser tão forte.

Tlass já estava ofegante e, enquanto se recordava do movimento de combate que deveria executar diante de um estrangulamento, tentando implementá-lo desesperadamente, sentiu uma dor lancinante na nuca. Atormentado pelo calor que se espalhava pelo pescoço, ele teria gritado, caso pudesse respirar. Na mesma hora, percebeu que não era uma faca — se fosse, teria cortado a sua garganta e ele sentiria o calor do próprio sangue escorrendo pelo peito. O pensamento mal fora formulado quando uma bola de fogo irrompeu no músculo do seu pescoço e começou a penetrar em sua corrente sanguínea.

A dor o fez cambalear, mas agora ele sabia o que era. Uma seringa, cujo êmbolo era empurrado com força. Dadas as circunstâncias, aquilo foi um raciocínio impressionante — e também cem por cento correto. Confuso e apavorado, Tlass sabia que precisava gritar por ajuda o quanto antes, mas fosse lá qual composto químico que inundasse o seu corpo, o fato é que os músculos da boca não articulavam as palavras que estavam sendo gritadas na mente.

A enxurrada química atingiu seus membros — ele percebeu com fúria selvagem que nada poderia deter aquilo —, e viu as chaves do carro caírem de sua mão, que agora lembrava uma geleia. Os dedos do atacante pegaram as chaves no ar e pareciam querer dizer para Tlass, mais do que qualquer outra coisa, que ele estava nas mãos de um mestre.

CAPÍTULO QUINZE

Tlass dobrou os joelhos. O Sarraceno o amparou antes que ele caísse e o arrastou em direção ao seu veículo — um SUV americano preto, o mesmo cujo para-brisa ele lavara tantas vezes. No meio do caminho, parou.

Ele bateu no rosto de Tlass com força e viu os olhos do prisioneiro faiscarem de dor e de fúria.

Durante o planejamento, uma das suas principais preocupações era o fato de que sedativos intravenosos recuperados de um cadáver podiam conter marcadores químicos que os relacionassem a um número de lote. Tal número levaria ao hospital regional onde ele trabalhava no Líbano, e investigadores diligentes — uma equipe da polícia secreta síria, por exemplo — não demorariam a verificar a lista de funcionários e descobrir que ele supostamente estava de férias no período relevante.

Contudo, havia tantas carroças puxadas a burro em Beirute que a cidade desenvolvera um grande mercado informal de produtos veterinários. Por isso, o que agora se espalhava pelo corpo de Tlass era uma ampola de um tranquilizante para cavalos impossível de detectar, e o Sarraceno só esperava ter calculado a dose correta — o suficiente para inibir qualquer controle muscular, mas não tanto a ponto de matar a vítima. Se os olhos de Tlass ficassem embaçados, o homem seria inútil — o que quer que acontecesse, o prisioneiro precisava continuar alerta.

Paf! Por segurança, o Sarraceno atingiu-o mais uma vez no rosto e, em seguida, arrastou-o até o SUV. Assim como vira Tlass fazer enquanto lavava o para-brisa, ele usou o botão da chave para destravar as portas, abriu a traseira e enfiou o prisioneiro ali dentro.

O interior do veículo era como uma caverna. Em todos os países de calor abrasador que se estendem do Mediterrâneo até o golfo Pérsico, há uma maneira infalível para se descobrir quem tem *wasta* e quem não tem. A gíria para isso é *makhfee*, o que significa “escurecimento” — referindo-se à película que se aplica em janelas de automóveis para bloquear a luz solar. Limitada por lei a quinze por cento, quanto mais *wasta* você tiver, mais *makhfee* pode usar.

De fato, Tlass tinha muito *wasta*, e as janelas do seu Cadillac exibiam um escurecimento de oitenta por cento, o que fazia com que a cabine fosse quase completamente obscurecida, ideal para o que estava prestes a ocorrer ali dentro. O Sarraceno enfiou o prisioneiro na parte de trás

do veículo, bateu a porta, ocupou o lugar do motorista, colocou a chave na ignição e ligou o motor. Não iria a lugar algum, mas precisava do ar-condicionado soprando tão gelado quanto possível. Ele acionou o interruptor que movia os assentos traseiros e viu o banco se inclinar até Tlass ficar deitado sobre uma plataforma plana, como um atum repousando em um convés.

Trabalhando a coreografia que ensaiara durante semanas, o Sarraceno tirou do bolso grossos rolos de fita isolante e foi até o banco de trás. Tlass observou, com terror silencioso, o mestre agarrar os seus pulsos e fixá-los nas maçanetas das portas com a fita, esticando-o de rosto para cima, assim como o diretor fizera certa vez com uma mulher nua a quem ele tivera um grande prazer em “interrogar”, até ela ficar esgotada demais para gritar e ele ter se entediado e a estrangulado.

Em seguida, o mestre fixou os pés, coxas e o peito de Tlass aos bancos retos, certificando-se de que ele não poderia se mover. O que aconteceu depois, no entanto, foi o mais estranho de tudo: o mestre fixou a testa e o queixo de Tlass contra o encosto, prendendo sua cabeça tão firmemente quanto se estivesse em um torno de oficina. Tlass tentou falar, querendo saber o que diabo ele estava fazendo — afinal, não havia como alguém usar a cabeça para escapar. Mas as palavras não saíam de sua boca, que só conseguia babar.

Com uma satisfação tranquila, o Sarraceno o viu tentando falar, observou seus olhos aterrorizados se moverem. Agora sabia com certeza que acertara na dose do sedativo. Certo de que Tlass era incapaz de se mover, o Sarraceno abriu a porta traseira, verificou se a área ao redor estava livre, saiu do carro e correu até o seu acampamento.

Em um movimento brusco, arrancou a lona das suas amarras e amontoou o fogareiro a gás e outros itens sobre ela, não deixando nada para os peritos criminais. Amarrou a lona como um saco, jogou-a no ombro e pegou a velha caixa térmica que cuidadosamente embalara no início do dia, como se estivesse se preparando para algum piquenique bizarro.

A última coisa que ele acondicionou foi o que lhe causou mais ansiedade: um grande saco de gelo. Durante semanas, refletira sobre o problema de como adquiri-lo, mas a resposta era tão simples que chegava a ser desconcertante: ele pedira ao mais amigável dos seguranças, o mesmo que lhe dissera que os guardas iam embora para o Eid, que o ajudasse a manter algumas bebidas geladas durante sua modesta celebração do festival.

— Seria possível você me dar um pouco de gelo da geladeira da copa? — pediu ao guarda, e o bom muçulmano entregaria o pedido algumas horas depois.

— *Eid Mubarak* — disseram um ao outro quando o Sarraceno guardou o saco de gelo na caixa térmica sobre dois pequenos recipientes de plástico, alguns restos de comida e várias garrafas de refrigerantes, que, na verdade, eram apenas um disfarce. O conteúdo real da caixa térmica — o resto do equipamento especializado de que ele precisaria — estava escondido em

um compartimento oculto no fundo.

Com a caixa térmica debaixo do braço e o pacote de lona às costas, ele correu até o SUV. Tlass ouviu a porta traseira ser aberta, e seus olhos se voltaram para ver o palestino embarcar os seus bens, entrar e fechar a porta. De maneira um tanto ameaçadora, o mestre estendeu a mão e ligou um interruptor, acionando o sistema de tranca central, fechando-os ali dentro.

O Sarraceno se abaixou e esvaziou os bolsos do vice-diretor, deixando de lado o celular, abrindo a carteira, ignorando o dinheiro e os cartões de crédito e encontrando exatamente o que precisava: o cartão de segurança dele.

Sentindo-se mais confiante a cada minuto, ele se ajoelhou, posicionou-se com cuidado junto à cabeça de Tlass e abriu a tampa da caixa térmica. Removeu a comida e acionou a tranca para abrir o fundo falso. Do compartimento oculto, retirou uma pesada bolsa de plástico enrolada e amarrada com uma corda e pousou-a ao seu lado. Em seguida, começou a encher os dois recipientes de plástico com gelo — e havia algo na maneira calma e organizada como ele fazia todas aquelas coisas que Tlass reconheceu.

O filho da puta é médico!, disse ele mentalmente, o único lugar onde tinha voz naquele momento. Seus olhos se moviam de maneira frenética: aquela surpreendente revelação o assustara mais do que pensara ser possível.

Que tipo de maluco com tanto estudo — e uma bela carreira pela frente, desde que se mantivesse na linha — seria um assaltante de estacionamento?, perguntou-se.

Uma pessoa com um plano: essa foi a resposta que deu para si mesmo na hora. E, de acordo com sua experiência, pessoas com planos geralmente são fanáticas, não são o tipo de gente com quem se possa discutir — mesmo que você consiga fazer os seus músculos dizerem as palavras que necessita tão desesperadamente.

O médico tirou um par de luvas de plástico transparente do compartimento secreto. Aquilo aterrorizou Tlass ainda mais. O que você planeja fazer com elas?, tentou gritar.

Como se em resposta, o médico falou com ele. Em outras circunstâncias, as pessoas teriam elogiado seus modos à beira da cama de um paciente.

— Eu vou remover os seus olhos — disse ele.

CAPÍTULO DEZESSEIS

O que ele disse?!, gritou Tlass para si mesmo. *O que o desgraçado disse sobre os meus olhos?!*

O Sarraceno observou enquanto o pânico tomava conta daquelas duas esferas escuras — na verdade, ele não tinha interesse em explicar a Tlass o que ele estava fazendo, mas precisava daquele ímpeto de medo e adrenalina para dilatar as pupilas e preencher os órgãos com sangue. Quanto mais sangue, mais tempo os olhos reteriam a aparência de estarem vivos após serem removidos.

— Eu não conheço você — disse o Sarraceno. — Portanto, definitivamente não é nada pessoal.

Mas é claro que o Sarraceno o conhecia. Ele o conhecia da maneira como sempre imaginara serem os homens que levaram seu pai a uma cela em Jidá, tantos anos atrás.

Nada pessoal?!, gritou Tlass dentro da própria cabeça. Ele tinha razão, o sujeito era um fanático — é isso que os fanáticos sempre dizem. Ele tentou reunir cada reserva oculta, cada gota de energia, desejando que seus músculos agissem, tentando se libertar. O Sarraceno observou uma pequena onda de movimento percorrer o corpo do sujeito. Aquilo era muito triste.

Os olhos de Tlass se encheram de lágrimas — de medo, de frustração, de ódio. O Sarraceno se abaixou, pegou a bolsa de plástico e desamarrou a corda, permitindo que ela se desenrolasse. Era um kit cirúrgico, e ele ficou feliz por Tlass tê-lo visto. Outro pico de adrenalina e medo, esperava. De um dos bolsos, tirou um instrumento — um bisturi de aço de dez centímetros.

Tlass olhou para aquilo. A porra de um bisturi? Ele precisava fazer algo! Qualquer coisa! Lá estava o pico de adrenalina, percebeu o Sarraceno com satisfação.

— Acho que removerei o olho direito primeiro — informou ele.

Concentrando cada tendão de seu corpo, Tlass conseguiu falar.

— Não — disse ele em um sussurro engasgado.

Se o Sarraceno o ouviu, não demonstrou.

— Remover olhos é um procedimento relativamente simples — disse ele com calma,

empunhando o instrumento.

Tlass começou a escalar uma parede negra de terror e desespero, enquanto observava o bisturi se aproximar daquilo que muita gente considera a parte mais vulnerável do próprio corpo. A lâmina pareceu enorme junto ao seu olho direito enquanto o médico mantinha suas pálpebras abertas com o polegar e o indicador.

Em um hábil movimento, o Sarraceno começou a cortar as pálpebras.

— O nome técnico é enucleação — informou ele, sendo prestativo.

Tlass pensou que vomitaria — ele queria vomitar, ou fazer qualquer coisa que pudesse deter aquele maluco.

O sangue escorria, obscurecendo a visão do olho direito. Ele sentiu o polegar do lunático trabalhando entre a ponte do nariz e a lateral do globo ocular. O Sarraceno afastou o olho para o lado, encontrou os músculos orbitais que o prendiam à cavidade e cortou os tendões.

Tlass estava se afogando em ondas de dor profunda. Mas ainda conseguia ver com o olho que estava sendo operado. Ah, não ia funcionar! O Sarraceno localizou a última âncora: o nervo óptico e o suprimento de sangue enrolado ao seu redor. Então ele o cortou.

Metade do universo visual de Tlass desapareceu na mesma hora, sugado por um buraco negro. O globo ocular pulou para fora.

O Sarraceno tinha de trabalhar rápido agora, detendo o fornecimento de sangue do olho com uma atadura, tentando manter o máximo possível de fluido preso ali dentro, mergulhando-o no gelo para retardar a deterioração. Era por isso também que o ar-condicionado estava ligado. Ele voltou a atenção para o olho esquerdo — por mais rápido que tivesse sido antes, terminou o serviço na metade do tempo.

Tlass perdeu a outra metade do universo em poucos segundos, uma dor tão intensa que ele mal conseguiu perceber que estava completamente cego.

O Sarraceno destrancou o Cadillac, correu através do estacionamento e foi até a portaria do instituto. Em sua mão, carregava os dois olhos de Tlass, firmemente aninhados em recipientes de gelo.

Mas eles eram apenas a primeira parte do quebra-cabeça — o próximo problema era a questão do peso.

CAPÍTULO DEZESSETE

O cartão criptografado que o Sarraceno tirara da carteira de Tlass funcionou imediatamente; as portas da frente do instituto se abriram.

Embora o guichê de segurança estivesse vazio, e o prédio deserto, os detectores de metal ainda estavam em funcionamento. Ele prosseguiu sem qualquer dificuldade — horas antes, havia retirado o relógio do pulso e esvaziara os bolsos. Deu mais seis passos e parou.

Adiante, havia um corredor estreito — o único caminho para se seguir, fechado no outro extremo por uma porta automática de aço. Entre ele e a porta, o chão consistia de um longo painel de metal.

Através da parede de vidro, enquanto supostamente apreciava o duto de ar-condicionado quebrado, ele descobrira um dos muitos segredos de segurança do edifício: o chão era uma balança disfarçada. Antes de pisar no metal, você tinha de passar o cartão criptografado através de outro leitor. Então, um computador comparava o nome no cartão com um banco de dados que confirmava o peso do indivíduo.

Não fosse por essa precaução, o Sarraceno poderia ter agarrado Tlass pela nuca e entrado atrás dele. Porém, dois homens de noventa quilos pisando naquele chão teriam fechado o prédio.

Ainda usando as luvas cirúrgicas, o Sarraceno passou o cartão de Tlass pelo leitor. Ele pisou na balança sem ter ideia de qual seria a tolerância para a diferença do sistema, meio que esperando que grades caíssem do teto, prendendo-o ali.

Nada aconteceu — seu palpite de que Tlass tinha o mesmo peso que ele estava correto. Agora, o último obstáculo: um leitor de retina. Ele pousou os recipientes de gelo em uma prateleira e tomou um olho em cada mão, observando qual era o esquerdo e qual era o direito. Segurando um globo escorregadio com o polegar e o indicador de cada mão, ele os enfiou com força contra as próprias pálpebras, afundando-os nas suas órbitas ósseas. Incapaz de ver, com apenas esperança e orações para ampará-lo, ele se voltou para o leitor na parede.

Ele sabia que suas mãos enluvadas não seriam um problema — o sistema fora projetado para ignorar plástico, óculos de armação de metal, lentes de contato, maquiagem e todo o resto. Interessava-se apenas por uma coisa: os vasos sanguíneos na membrana no fundo do olho,

cada padrão único entre as seis bilhões de pessoas na Terra, mesmo entre gêmeos idênticos.

O fabricante alegava que a tecnologia era imbatível e, embora fosse verdade que as retinas de pessoas mortas deterioravam em pouquíssimo tempo, a verdadeira questão era saber se os olhos retirados de uma pessoa viva há menos de três minutos teriam sangue suficiente dentro deles para convencer o software de que Bashar Tlass estava de pé à sua frente. O Sarraceno não tinha como saber a resposta, e provavelmente ninguém tinha — nenhuma pessoa jamais se voluntariara para tentar descobrir.

Como resultado das suas observações, o Sarraceno sabia que a maioria das pessoas olhava para o leitor durante dois segundos, de modo que ele se obrigou a contar até três e se virou. Ele guardou os olhos nos sacos de gelo e voltou-se para a porta de metal ao fim do corredor. Começou a contar mais uma vez — o tempo mais longo que vira alguém esperar para que a porta se abrisse fora de quatro segundos.

Chegou a um lento seis e sabia que teria de fugir. Sua estratégia era atravessar uma parede de vidro, na suposição de que o cartão-chave e as portas teriam sido travadas pelo sistema. Uma vez fora, levaria o SUV até uma área perto de um depósito de lixo previamente escolhida, mataria Tlass e caminharia trinta quilômetros até uma rodoviária. Então, pegaria o primeiro ônibus até a fronteira, esperando poder atravessá-la antes que fosse fechada.

Ao chegar ao número oito, ele começou a se virar, seu plano azedando em autoaversão, o medo martelando urgência em cada um dos seus movimentos, quando enfim a porta de aço se abriu. Tinha conseguido.

A razão de tal atraso permanecerá um mistério — talvez mudanças sutis nos olhos tivessem confundido o sistema, obrigando-o a utilizar um algoritmo mais complexo, ou talvez o programa estivesse despertando de algum modo de espera, mas o homem não se importava. O Sarraceno atravessou o corredor, cruzou a porta de aço e chegou a um amplo vestíbulo, todo o tempo antecipando uma sensação de euforia por sua realização. Mas suas esperanças logo foram por água abaixo.

Por causa dos muros altos, do arame farpado e das câmeras de vigilância, ele nunca vira nada do instituto além da fachada frontal. Sem pensar nisso, calculara o tamanho do edifício a partir dessa informação. Mas aquilo tinha sido um erro grave, talvez fatal. Dentro do vestíbulo, ele viu que o lugar era enorme.

Só Alá sabia quanto tempo ele levaria para encontrar o que estava procurando em um lugar tão grande, enquanto que, no mundo lá fora, em algum momento — provavelmente, muito em breve — alguém sentiria a falta de Tlass. Quando seus amigos ou familiares não conseguissem entrar em contato com ele no escritório ou por seu celular, alguém, sem dúvida, dirigiria até o estacionamento à sua procura.

O Sarraceno não fazia ideia de quanto tempo tinha. Talvez já estivessem a caminho. O que ele sabia então era que o tempo era curto e o trabalho, enorme. Como dizia um velho provérbio turco, aquilo seria como cavar um poço com uma agulha.

Desarmado, completamente à inexistente mercê de qualquer um que chegasse, ele correu através do primeiro dos cinco amplos corredores e dobrou à direita quando alcançou um cruzamento. Ele parou em meio à corrida: vidro blindado e um posto de segurança não ocupado bloqueavam o caminho.

Dois seguranças com quem o Sarraceno compartilhara uma xícara de chá em um fim de semana logo após a sua chegada haviam mencionado uma medida especial de segurança em algum lugar nas profundezas do edifício que, com base na descrição, incluía uma radiografia de retrodifusão. Era impossível passar com algo escondido, porque o aparelho o via completamente nu e também podia verificar uma enorme variedade de medidas corporais — o comprimento do fêmur direito, a distância entre o nariz e um lóbulo da orelha. Ao contrário de um leitor de retina, para aquela máquina, você de fato tinha de ser quem alegava ser.

Nenhuma instalação médica avançada do mundo se vangloriava de possuir vidro blindado e radiografia de retrodifusão, e o Sarraceno tinha certeza de que ali estavam guardadas as coisas horríveis que eram os verdadeiros motivos da pesquisa daquele instituto. Ele nunca achou que seria capaz de penetrar no bastião interior, e nunca se importou com isso. Se estivesse certo, nem precisaria entrar.

Ele se virou e voltou logo para o cruzamento, um homem estrangeiro em uma terra estrangeira, desesperado para encontrar algo raro, mas, por mais estranho que fosse, completamente *inofensivo*: apenas uma caixa contendo pequenos frascos de vidro utilizados para proteger as pessoas que ali trabalhavam.

Enquanto mergulhava no próximo labirinto de corredores e escritórios, através de sombras profundas, passando por lugares escuros que poderiam esconder qualquer tipo de ameaça, as luzes ao longo dos rodapés e dos corredores se acenderam de repente. Ele parou e se virou.

Alguém entrara no edifício e acendera as luzes! Ele ouviu com cada célula do seu corpo em busca de uma pista da localização da pessoa. Ao longe, ouviu um telefone tocar, um gotejamento de torneira, uma persiana exterior batendo ao sabor do vento. O som dela era quase idêntico ao ritmo dos seus batimentos cardíacos. Ele tentou ouvir passos, um farfalhar de roupas, o tilintar de uma arma sendo sacada. Nada.

Então ele entendeu, e o medo retornou para a sua caverna: as luzes eram controladas por um temporizador e já deveria ter escurecido lá fora.

CAPÍTULO DEZOITO

Por todo o estacionamento deserto do instituto, as lâmpadas de vapor de sódio dos postes de luz ganharam vida. Tlass não podia ver seu brilho amarelado, na verdade nunca mais veria nada, mas ouviu seu sussurro quando acenderam, e o coração dele se elevou: a chegada da noite indicava que o tempo daquele palestino imundo estava se esgotando.

Uma dor monstruosa se aprofundava na testa, e ele ainda sentia o sangue escorrendo das órbitas; o efeito do sedativo estava passando e, embora a dor aumentasse exponencialmente, a energia de Tlass também estava voltando.

Ele era um homem forte e estava em forma, mas de que lhe valia isso se o seu espírito estivesse arrasado? A coisa que o estava amparando, o conhecimento secreto que o sustentava, era o fato de que ele já estava atrasado quando deixou o prédio. Agora a noite chegara, e ele sabia que o alarme seria acionado para valer.

Sua esposa e os quatro filhos adultos, esperando impacientemente na casa da primeira filha para uma reunião à beira da piscina, já teriam tentado telefonar para todos os números imagináveis. Um dos seus dois filhos corpulentos — ambos ganhando uma boa reputação na antiga profissão do pai — teria entrado em casa sorrateiramente e ligado para a amante do velho, pronto para repreendê-la por mantê-lo afastado das suas obrigações familiares.

Incapazes de localizá-lo e com a noite se aproximando, ele sabia com certeza que os dois rapazes estariam pegando os seus carros para percorrer a rota que o pai fazia, preocupados que ele tivesse se envolvido em algum acidente. Como membros da polícia secreta, os dois andavam sempre armados, e agora tudo que Tlass tinha a fazer era permanecer vivo e colaborar para que o encontrassem o mais rápido possível. Apesar dos ferimentos, apesar da dor e das náuseas, o homem sabia como fazer isso.

Virando o rosto para os lados, afrouxando as faixas de fita isolante que prendiam a cabeça, ele aos poucos livrou cabelo, carne e barba do adesivo. Era uma tarefa angustiante, mas se ele conseguisse soltar a cabeça, poderia usar os dentes para romper a fita em torno do peito e libertar os braços.

Tlass tinha sentido o fanático tirar o celular do bolso dele e, em seguida, viu-o remover o telefone do carro. Momentos depois, ouviu ambos os aparelhos sendo esmagados em pedaços

no asfalto. Mas o idiota deixara o motor ligado, no caso de precisar fazer uma fuga rápida e, como não sabia nada sobre carros de luxo, não tinha conhecimento de que aquilo significava que o sistema de telefonia viva-voz estava funcionando. Se Tlass conseguisse soltar os braços e alcançar o banco do motorista, não precisaria dos olhos para encontrar o botão no volante que ativava o telefone do carro. E com certeza não precisaria do aparelho.

A última chamada que fizera fora para o celular do filho mais velho naquela manhã. Ao apertar o botão do volante, o mesmo número seria rediscado automaticamente. Tudo o que Tlass precisava fazer era falar alto o bastante em direção ao microfone acima da sua cabeça.

— Escritório. Estacionamento — murmurou, ensaiando.

Seu filho reconheceria a voz dele, e que Alá ajudasse o palestino quando os dois rapazes chegassem. Os gritos da mulher durante o “interrogatório”, pedindo misericórdia pouco antes de ele a penetrar pela primeira vez e, então, seus apelos por uma morte rápida muitas horas mais tarde soariam como poesia em comparação à canção que seus filhos e seus colegas fariam aquele filho da puta cantar. Ele ainda estava repetindo as duas palavras — mais alto e mais forte — quando finalmente livrou a cabeça e o queixo da fita. Engasgou com a dor e teria chorado de verdade caso ainda tivesse canais lacrimais.

O homem se sentou por um momento para se recuperar da agonia. Se naquele instante alguém apoiasse as mãos em concha contra o vidro e olhasse através das janelas escurecidas do Cadillac, teria visto um sujeito com as órbitas oculares vazias, tufo de cabelo faltando na cabeça e a carne do rosto retalhada.

Se tivesse continuado a olhar, essa pessoa o teria visto se inclinar para a frente e rasgar com os dentes a fita em volta do peito, e — dada sua determinação selvagem — diria que seria apenas uma questão de minutos antes que ele conseguisse se soltar.

CAPÍTULO DEZENOVE

Um minúsculo escafandrista trabalhava sem descanso nos destroços de um galeão espanhol enquanto cinco belos peixes-palhaço nadavam entre as bolhas que emergiam do seu capacete.

O brilho fantasmagórico do aquário que ocupava toda uma parede iluminava a sala de espera da luxuosa ala executiva do instituto, projetando uma sombra trêmula do Sarraceno na parede oposta. Enquanto se movia pelo espaço silencioso — já próximo ao desespero, incerto quanto a qual corredor ou nicho explorar em seguida —, ele hesitou ao ver os peixes brilhantemente coloridos.

Ele não os via há uns vinte anos ou mais, mas sabia o que eram. *Amphiprion ocellaris*, disse a si mesmo, surpreso por ser capaz de se lembrar do nome científico dos animais após tanto tempo. De todos os peixes tropicais, aqueles eram os favoritos do pai dele, e, muitas vezes, quando trabalhava no fim de semana, ele levava o filho até o escritório à beira-mar e o deixava sentado entre os grandes tanques de pesquisa. O maior era habitado por anêmonas — as belas e traiçoeiras flores do mundo submarino.

— Observe o peixe-palhaço — dizia seu pai. — Ele é o único peixe do mundo capaz de sobreviver ao envenenamento dos tentáculos da anêmona. Por quê? É o que estou tentando descobrir.

Agora, tantos anos depois, sozinho em uma instalação secreta de armamentos, a ironia daquilo não passou despercebida para o Sarraceno. Assim como o pai, ele também fora consumido pela busca de algo que garantisse proteção contra um patógeno mortal.

Ele teria gostado de ficar com os peixes por mais alguns instantes, tentando se lembrar de como era a inocência, mas não havia tempo. Ele começou a dar meia-volta e olhou diretamente para uma passagem escura que nem havia notado. Na outra extremidade havia uma porta e, de algum modo, ele sabia que era a sala que estava procurando antes mesmo de ver o Crescente Vermelho fixado à parede.

Aquele sinal era a versão islâmica da Cruz Vermelha e indicava que a sala era o centro médico e de primeiros socorros do edifício. Ele soubera da sua existência por um ex-funcionário — um enfermeiro com quem trabalhara no hospital libanês —, mas foram os peixes-palhaço do seu pai que o tinham guiado até ali, e ele tomou aquilo como um sinal de

Alá.

A porta para a clínica de primeiros socorros não estava trancada, e ele entrou rapidamente, atravessando as áreas de tratamento até encontrar os almoxarifados nos fundos. O objetivo daquele centro era tratar qualquer doença no local e realizar exames médicos em novos funcionários, de modo que tinha aparelhos de eletrocardiograma, esteiras, desfibriladores, respiradores e outros equipamentos capazes de trazer orgulho a qualquer hospital.

No centro do local havia um dispensário de medicamentos, e o Sarraceno entrou ali com a familiaridade de alguém com anos de experiência em hospitais. A parede por trás de um balcão era ocupada por pilhas de caixas de produtos farmacêuticos e prateleiras de material cirúrgico. Outra parede abrigava armários trancados com grades de aço que o Sarraceno sabia conterem drogas de primeira: narcóticos, alucinógenos, anfetaminas e opiáceos diversos utilizados como anestésicos.

Ele ignorou tudo aquilo. Nos fundos havia um aposento menor, onde viu a fileira de câmaras frigoríficas que o trouxeram àquele país esquecido por Deus e que o obrigaram a viver como um cão em um estacionamento.

Em uma onda de esperança e ansiedade, ele caminhou ao longo das câmaras com portas de vidro. Seu olhar especializado identificou bolsas de hemoderivados, frascos de drogas sensíveis à temperatura e, como em qualquer hospital, comida e bebida dos funcionários. Mas nada daquilo que ele precisava. A cada passo, seu desespero aumentava. Todas as fofocas que ouvira, todas as suposições que fizera não eram nada além de uma grande ilusão. Como um tolo, ele acreditara no que queria acreditar...

Então, o Sarraceno olhou para a última câmara e inclinou a cabeça em uma oração silenciosa. Em uma prateleira havia oito caixas de papelão que portavam fileiras de pequenos frascos de vidro. Impressa na frente de cada um desses frascos havia uma descrição técnica complexa indicando a ele que aquilo era exatamente o que estava procurando.

Ele abriu o compartimento destrancado e removeu seis frascos de uma caixa pela metade. O líquido claro que continham era consequência direta de um experimento feito em uma pequena aldeia inglesa duzentos anos antes e, enquanto ele envolvia os frascos em um pano e os guardava no bolso, ocorreu ao Sarraceno o quanto ele e o peixe-palhaço logo teriam em comum. Ele também seria capaz de se mover por um ambiente belo, embora hostil, totalmente protegido contra o veneno mortal que continha. Não há como exagerar o que aquilo significava para ele: nos meses desesperados durante os quais tentei encontrá-lo, e mesmo quando minha jornada se converteu em uma corrida terrível, só descobri dois pedaços de papel que apontavam para a sua identidade. Em cada um deles estava escrito apenas “peixe-palhaço”.

Com os frascos em segurança no bolso, ele se voltou para um livro de registro sobre uma

bancada e deu baixa naquilo que pegou para si, alterando com cuidado diversos registros que remontavam a três anos para se certificar de que ninguém nunca descobriria que estavam faltando. Ele devolveu o livro à bancada, foi até o corredor, fechou a porta e, graças às luvas de plástico, saiu da clínica sem deixar nenhum vestígio de que estivera ali. Ele passou correndo pelo aquário e pelos longos e silenciosos corredores que levavam à portaria.

Ele calculava que, dentro de mais dois minutos, estaria livre. Havia apenas um problema: o prisioneiro no SUV estava prestes a frustrar os seus planos.

CAPÍTULO VINTE

Wrap! A fita isolante que prendia o peito de Tlass se rompeu quando seus dentes rasgaram a última tira. Quase sem perceber que estava com um incisivo fraturado e sangrando, ele livrou os braços dos restos de fita e se sentou.

Com a circulação voltando às mãos, fazendo-o ofegar de dor, atirou-se para a frente e começou a liberar as pernas e os tornozelos, tombando para trás toda vez que perdia o equilíbrio, mas lançando-se novamente adiante para continuar, já se imaginando segurando o volante e pressionando o botão do telefone para depois ouvir o som dos seus filhos acionando as suas sirenes e chegando ao estacionamento minutos mais tarde.

Não era salvação o que ele estava começando a sentir nos lábios. Era vingança. Livrou uma perna e usou a bota para romper e remover o que sobrava da fita. Tateando em perpétua escuridão, ele se pôs de joelhos. Estava livre.

A duzentos metros dali, as portas de vidro do instituto se abriram, e o Sarraceno, tendo recuperado os recipientes de plástico contendo os olhos de Tlass, saiu correndo do prédio em direção ao estacionamento. Em vinte segundos, estaria no Cadillac. Com o motor ligado, engataria a primeira marcha e sairia do estacionamento no momento em que as trancas eletrônicas e os computadores do instituto voltassem a fechar o edifício.

Ele já podia ver o brilho estranho das luzes de vapor de sódio à sua frente. Desviou para a esquerda atravessando canteiros para ganhar alguns segundos, chegou ao asfalto e viu o SUV preto bem à sua frente. O veículo balançava. Alguém estava se movendo lá dentro...

Tlass — um homem possesso — avançava com rapidez em direção ao volante sobre os assentos rebaixados, fazendo estremecer a suspensão. Ele bateu com o ombro na traseira do encosto do motorista, mas recuperou-se e, de alguma maneira, caiu entre os bancos dianteiros. Estendeu a mão para amortecer a queda e, por sorte, segurou o volante.

O Sarraceno deixou cair os recipientes de plástico que continham os olhos e correu em direção ao carro. Ele não tinha ideia do que Tlass estava tentando fazer — acelerar e bater com o carro, quebrar a alavanca de engrenagem e desativá-la, prendê-lo do lado de fora —, mas percebeu que, para fazer qualquer coisa perigosa, ele precisaria estar sentado no banco do motorista.

Naqueles poucos passos frenéticos, ele tomou uma decisão da qual a vida dele e a de Tlass dependeriam. Mais importante, aquilo poderia determinar o destino de todo o plano. Um homem melhor — um homem com esposa, filhos e sonhos para a família, não importando quão modestos, um homem que tivesse visto menos matanças e mais amor, em outras palavras, um homem decente — teria perdido tempo ao abrir a porta. Mas o Sarraceno fez exatamente o que eu ou qualquer outro assassino de verdade faria: decidiu dar um soco no vidro escurecido da janela do motorista.

Com o braço erguido, ele teve um momento de pânico: e se o vidro fosse blindado? Talvez fosse, se Tlass ainda trabalhasse na polícia secreta, mas o Cadillac — grande e chamativo — era seu veículo particular. De qualquer modo, o Sarraceno não tinha tempo para repensar suas ações...

Tlass já havia se arrastado até o banco do motorista, encontrado e apertado o botão do telefone. O sistema emitiu alguns bipes em uma rápida sequência enquanto discava o número. A ajuda estava a alguns dígitos de distância. Três, dois...

Um Toyota Land Cruiser branco — sirenes ligadas, luzes vermelhas e azuis piscando por trás da grade do radiador, nenhum carro na véspera de feriado para impedir o seu caminho — acelerava através de uma rodovia que contornava a borda do antigo oásis, dirigindo-se diretamente para o instituto. No interior, os dois filhos de Tlass, com cortes de cabelo militar, vasculhavam a estrada adiante em busca de caminhões de bombeiros, ambulâncias, um gradil quebrado ou qualquer outro sinal de desastre.

O telefone no painel do Toyota tocou, e os irmãos olharam na mesma hora para o identificador de chamadas na tela. Era seu pai, afinal!

O punho do Sarraceno apareceu em meio a uma chuva de vidro, atingindo Tlass na ponte do nariz. Foi um soco selvagem, do tipo que deixaria qualquer *muj* afegão orgulhoso — quebrando o septo do sujeito, espalhando sangue, esparramando-o sobre o banco do passageiro, afogando-o em dor.

O mais alto dos filhos de Tlass, dirigindo à toda no Toyota, retirou o telefone do gancho e falou a palavra urgente: “Pai!” Mas não obteve resposta.

Seu pai estava encolhido, gemendo sobre o console central do seu SUV. Mas ainda estava consciente: ele podia ouvir o filho chamando-o com urgência crescente. Como um convertido no leito de morte, tudo o que Tlass tinha de fazer era encontrar forças para dizer as poucas palavras que lhe trariam a salvação. Neste caso: “Escritório. Estacionamento.”

Confuso — sem fazer ideia de como o telefone poderia estar funcionando sem um fone —, o Sarraceno ouviu uma voz desconhecida gritando pelo pai, viu Tlass erguer-se sobre o ombro e sua boca começar a se mover para responder. Pela segunda vez em pouquíssimo tempo, o

Sarraceno tomou outra decisão inspirada — ignorou Tlass e a própria confusão, estendeu a mão, girou a chave e tirou-a da ignição, desligando o motor, o sistema elétrico e o telefone do carro.

Incapaz de ver o que estava acontecendo, Tlass tentou afastar a dor que sentia no nariz esmagado. Tudo o que sabia era que perdera a chance de dizer as palavras que o salvariam, e começou a se erguer.

No Toyota em alta velocidade, os dois homens ouviram a conexão falhar, e o mais alto voltou a ligar para o carro do pai na mesma hora. Eles ainda não tinham ideia de onde poderia estar, então continuaram a dirigir rumo ao instituto.

Tlass estava de lado quando ouviu a porta do passageiro do SUV se abrir. Ele sentiu as poderosas mãos do Sarraceno agarrando-o pelo colarinho e erguendo-o para que ficasse sentado. Ele tentou resistir, mas não adiantou.

O Sarraceno estendeu o cinto de segurança do passageiro e o enrolou com força ao redor do pescoço e dos braços ensanguentados do prisioneiro, mantendo-o ereto no assento e prendendo-o bem apertado. Ele atou o cinto de segurança, verificou se Tlass estava de fato imobilizado e saiu do veículo. Então, correu pelo estacionamento, pegou os recipientes de plástico contendo os olhos e correu de volta para o carro.

Assim que ligou o motor, o telefone tornou a tocar. O Sarraceno gostaria de desligá-lo, mas, como não sabia nada daquele sistema, decidiu não mexer. O homem engatou a ré bruscamente e certificou-se de que as rodas esmagassem o vidro quebrado da janela. Ele teria preferido recolhê-lo para não deixar nem mesmo isso como evidência, mas não estava disposto a perder tempo. Primeiro a voz sem corpo e agora o toque do telefone lhe diziam que os cães estavam soltos e, embora ele não tivesse ideia de quão perto estavam, o atraso na exploração do prédio e os seus nervos em colapso alertavam-no de que ele precisava mudar de plano — e rápido.

O Sarraceno girou o volante e acelerou, derrapando ao entrar na estrada de acesso. Em vez de seguir a rodovia em direção a um estacionamento no aeroporto, onde tinha a intenção de executar Tlass e abandonar o carro entre milhares de outros, decidiu usar o plano B e abandonar o veículo o mais rápido possível.

Foi por essa razão, e apenas por ela, que tudo foi para o inferno para o restante de nós. Ele continuou pela estrada de acesso e acelerou enquanto cruzava os fundos do complexo. Os filhos de Tlass, com pistolas pousadas no colo, saíram da rodovia, entraram no estacionamento e deixaram de ver o Cadillac preto por menos de dez segundos.

Dez segundos — quase nada, na verdade —, mas o bastante. Isso significava, não pela primeira vez, que a vida de inúmeras pessoas mudaria por causa de um pequeno incidente. Ah, se a bomba não tivesse sido colocada sob uma mesa de carvalho na sala de conferências do

führer. Ah, se o czar da Rússia não tivesse executado o irmão de Lenin. *Se, se, se* — minha infeliz experiência me diz que você não pode contar com a intervenção divina, e que o destino favorece o mal na mesma medida que favorece o bem.

Os homens no Toyota chegaram poucos segundos depois e não viram o carro do pai, o que significava que não perseguiram nem capturaram o Sarraceno, e ninguém nunca deu falta dos seis pequenos frascos de vidro.

CAPÍTULO VINTE E UM

Antes mesmo de os filhos do homem terminarem de revistar o conjunto de vagas do estacionamento, o Sarraceno já encontrara a estrada que procurava. Desligou os faróis do Cadillac e foi engolido pela longa e esburacada pista de asfalto.

De um lado havia um aterro sanitário municipal, e o Sarraceno dirigiu devagar para não assustar os bandos de gaivotas ou os cães selvagens que sempre vagavam pelos arredores. Do outro lado, havia um matagal cujos únicos pontos de referência eram as carcaças de veículos abandonados e um canal imundo coberto de junco.

O Sarraceno desacelerou ao topar com uma cerca de arame, atravessou um portão dependurado pelas dobradiças e parou o Cadillac em um beco sem saída deserto que servia àquilo que algum corretor de imóveis otimista um dia chamara de propriedade industrial. De frente para a estrada, havia um grupo de edifícios que formava um pátio de reparos que provavelmente servia como desmanche de carros, um armazém baixo e comprido que vendia máquinas de lavar reconcondicionadas e cinco garagens convertidas em açougue de carne de cordeiro. No que dizia respeito à comida, às vezes é melhor não saber de todos os detalhes.

Graças à dor, com o cinto de segurança ao redor do pescoço tão apertado quanto qualquer garrote, a febre e uma infecção descontrolada provocada pelo bisturi não esterilizado, Tlass mergulhara em uma inconsciência distorcida e psicodélica. O Sarraceno abriu a porta, desatou o cinto e puxou-o para fora em meio ao silêncio apodrecido. O ar quente com que Tlass encheu os pulmões permitiu que um vislumbre da realidade penetrasse em seu mundo febril, e ele conseguiu ficar de pé, cambaleante.

— De um profissional para outro, você fez um bom trabalho no garrote — disse ele, através da laringe ferida.

Em seguida, caiu no asfalto rachado e começou a sussurrar frases estranhas sobre Deus e luzes celestiais.

O Sarraceno sabia de onde vinha aquilo: assim como alguém que tem os braços amputados ainda pode sentir os dedos, uma pessoa que perde os olhos costuma ter visões de luzes espetaculares. Ele deixou Tlass admirar sua aurora boreal particular, pegou as coisas de que precisava na traseira do SUV e, então, arrastou o prisioneiro pelo colarinho até uma lata de lixo

repleta de restos do açougue.

Ele percebeu que, entre os juncos e arbustos raquíticos, formas selvagens se moviam — pouco mais do que manchas escuras — e soube que os cães selvagens estavam se aproximando. O açougue era um ponto de alimentação favorito entre os cães mais fortes, e agora que eles sentiam cheiro de suor e sangue, sabiam que um animal, um animal grande, estava em apuros.

O Sarraceno encostou Tlass na lixeira, tirou os olhos mortos dos recipientes de gelo, enfiou-os de volta em suas órbitas e, com muita habilidade, enrolou um pedaço de tecido áspero ao redor da cabeça do homem. Parecia uma venda imunda, mas a verdadeira função daquilo era manter os globos oculares no lugar.

Quando Tlass sentiu um frio repentino na pele febril, o caleidoscópio de luzes desapareceu e, em sua loucura, pensou que o sequestrador estava cuidando dos seus ferimentos. Claro que ele queria matá-lo, mas, agora, como a maioria das pessoas que são vítimas de tortura, ele sentia uma onda de gratidão até mesmo pelo menor sinal de bondade.

— Obrigado pelo curativo — sussurrou.

Ao pensar no curativo branco e limpo, seu espírito se reanimou e ele voltou a atenção para o fedor sufocante de sangue, vômito e fezes. Devido à sua experiência na polícia secreta, ele sabia exatamente onde estava — fora arrastado de volta às celas. Muito em breve alguém viria, tiraria as suas roupas e lhe daria um banho de mangueira. Os carcereiros nunca tocavam em seus clientes cobertos de merda, de modo que mandariam duas prisioneiras do sexo feminino fazerem isso.

Geralmente os guardas obrigavam as mulheres a cumprirem essa função nuas, e, quando elas estavam perto o bastante, Tlass nunca se esquecia de tirar uma casquinha. Os outros oficiais sempre riam disso. Ele ouviu um estalido seco de metal. Aquilo o deteve; era um som familiar, parecido com... com...? Logo depois, em meio à febre, deu-se conta do que era e sorriu: apenas uma pistola sendo engatilhada. Aquilo era ridículo — ninguém nunca fora baleado nas celas, fazia muita sujeira. E por que tratar as suas feridas se estavam a ponto de executá-lo? Não, tinha de ser outra coisa.

— Quem está aí? Tem alguém aí? — gritou ele no que pensou ser um tom de voz firme, ainda que amigável.

A única pessoa presente — que o observava por trás do cano de uma pistola dos tempos da Guerra no Afeganistão retirada de um compartimento secreto no fundo da caixa frigorífica — ouviu-o murmurar essas perguntas, as palavras mal-pronunciadas e quase inaudíveis, e as ignorou. O Sarraceno estava a cerca de dois metros de distância, o suficiente, estimou, para não ser atingido por sangue e ossos, mirando na venda que cobria o olho esquerdo de Tlass.

Tentando ouvir, certo de que havia mais alguém na cela, Tlass permaneceu imóvel. O Sarraceno sabia que não haveria melhor momento para fazer aquilo. Ele fora verdadeiramente abençoado. Então, apertou o gatilho.

Pam! Tlass sentiu a dor do... e depois não sentiu nada mais. Um jato de sangue brilhante, fragmentos de ossos e massa encefálica foram projetados da parte de trás de sua cabeça no exato momento em que o Sarraceno sentiu uma farfalhar de movimento às suas costas e voltou-se rapidamente. Eram os cães selvagens, correndo para se esconder.

Ele se voltou, apontou e disparou mais uma vez, desta vez atingindo o lado direito da venda, com sorte destruindo qualquer evidência de que aqueles olhos tinham sido removidos por meio de uma cirurgia. Sua esperança era de que os investigadores pensassem que Tlass se esquecera de alguma coisa, voltara ao escritório e fora assaltado e sequestrado após voltar a sair do instituto. Desse modo, não lhes ocorreria que algo fora roubado do interior do edifício.

É claro que quanto menos eles soubessem, melhor e, por isso, o Sarraceno ficou satisfeito quando ouviu os cães retornando, avançando através da escuridão, ansiosos para devorarem a sua parcela das evidências. Ele estacionara o Cadillac no canto mais escuro dos fundos do pátio de desmanche, pois sabia que qualquer observador casual pensaria que era apenas mais um veículo pronto para ser depenado. Ainda usando as luvas de plástico, retirou de dentro do SUV tudo o que podia ser de interesse dos peritos criminais.

Carregando a caixa térmica e o restante de seus pertences, partiu em direção ao deserto. Ele se movia rapidamente e mantinha a pistola engatilhada apenas para o caso de alguns cães preferirem comer carne humana viva.

No lixão municipal, ele quebrou a caixa térmica em pedaços e espalhou o que restava do seu acampamento entre as pilhas de lixo. Ele sabia que, duas horas após amanhecer, aquilo já teria sido recolhido por catadores de lixo e recicladores e levado para a ilegalidade dos campos de refugiados.

Além da seringa, um recibo de papel cartão e alguns trocados, tudo o que ele tinha no mundo era uma pistola, o Alcorão do seu pai e seis frascos de vidro. Da forma que ele via as coisas, aquelas garrafinhas o tornavam a pessoa mais rica do mundo.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

O Sarraceno andou durante horas, guiado apenas pela pálida luz das estrelas. Depois de deixar o aterro sanitário, ele atravessou o matagal e seguiu o canal até finalmente encontrar uma raquítica estrutura de madeira que servia como ponte.

Ele a atravessou e se arrastou por quilômetros em meio aos juncos antes de encontrar o que procurava: o chassi enferrujado de um velho veículo 4x4 em parte submerso pelo fedor e pela água barrenta.

Encheu os recipientes de plástico com a seringa, a carteira de Tlass e outros objetos, usou pedras para deixá-los mais pesados e jogou-os no meio do canal.

Foi com enorme pesar que o Sarraceno ergueu a pistola e levou o braço para trás — aquela arma estava com ele havia mais tempo do que qualquer outro pertence, com exceção do Alcorão do pai —, mas era a única coisa que o ligava, sem deixar margem para dúvida, ao assassinato de Tlass, e ele sabia que não tinha opção. Jogou a arma com força, e ela pousou na água ao lado do chassi enferrujado. Se descessem o canal arrastando um detector de metais na água, achariam que era apenas uma peça do veículo.

Apressando o passo, ele se voltou para o brilho distante das luzes que indicavam a cidade de Damasco.

Quatro horas mais tarde, com pés doloridos e imundos, entregou o recibo no balcão de bagagens do terminal de ônibus e recuperou sua mala e sua maleta médica. Ele abriu a tranca codificada da bagagem, retirou um rolo de dinheiro, pagou pelo armazenamento e deu uma libra ao atendente para poder usar uma pequena cabine de banho.

Em duas horas, o primeiro ônibus partiria para a fronteira com o Líbano e, dali, para Beirute, e ele usou este tempo para aparar a barba e tomar banho até que a pele estivesse quase em carne viva. Ele tirou da mala um terno ocidental barato, uma camisa e uma gravata, depois guardou dois dos frascos roubados, com suas etiquetas de identificação já removidas, em sua maleta, em meio a outros frascos e medicamentos. No momento em que saiu portando seu passaporte e sua bagagem, parecia exatamente aquilo que diria ser caso alguém perguntasse: um devotado médico libanês que, tendo trabalhado nos campos de refugiados, estava agora a caminho de casa.

Ele colocara as roupas sujas que o ajudaram a criar a sua lenda palestina em um saco plástico e, enquanto caminhava até o ônibus barulhento, jogou o saco em um enorme contêiner para a caridade. A única outra parada que fez foi para jogar fora os restos de uma refeição de pão pita, frutas e chá que comprara e, embora o gesto tenha parecido inócuo para qualquer espectador, na realidade, foi significativo.

Pouco depois das quatro horas da manhã, ele assumiu o seu assento nos fundos do ônibus — quase uma hora antes dos dois filhos de Tlass, muito atrasados por terem sido obrigados a procurar pelo pai em círculos cada vez mais amplos, encontrarem o corpo dele, atraídos pelo som de cães selvagens brigando.

Apesar da hora e daquele ser um dos mais importantes feriados do islã, o fato de pertencerem à polícia secreta significava que sabiam exatamente para quem ligar. A notícia foi transmitida aos mais altos escalões do governo, e logo as radiofrequências estavam repletas de conversas telefônicas e mensagens de texto em redes de comunicações supostamente seguras.

O Echelon interceptou todas elas.

O Echelon nunca se cansa, nunca dorme. Ele patrulha o grande vazio do espaço sem a necessidade de ar, comida ou conforto. Ele funciona como um ladrão silencioso nos centros de fibra óptica do mundo e controla incontáveis radares-domos — que são aglomerados daquelas gigantescas bolas de golfe — em bases militares de todo o mundo. No todo, ele escuta todas as comunicações eletrônicas do planeta, uma vasta rede de satélites e computadores tão secreta que sua existência nunca foi reconhecida pelos cinco países de língua inglesa que o criaram durante a Guerra Fria.

Os bilhões de bytes de dados que recolhe a cada nanossegundo são transferidos para um grupo de supercomputadores na sede da NSA em Fort Meade, Maryland, onde um software altamente secreto utiliza palavras-chave, padrões de frases e até mesmo — segundo diversos relatos secretos — reconhecimento de voz para identificar qualquer fragmento digno de alguma investigação mais aprofundada.

E havia uma abundância de fragmentos em Damasco naquela noite. O Echelon ouviu quando um dos filhos de Tlass, tomado pela dor, telefonou para a irmã e disse que teria início a maior repressão da história contra todos os dissidentes e inimigos do Estado que pudessem ter sido responsáveis por aquilo.

— Que Alá os ajude, e às suas famílias — disse ele.

Os analistas de inteligência dos Estados Unidos que avaliaram as interceptações chegaram à mesma conclusão: Tlass era um homem com tanta reputação de crueldade que deveria haver uma longa lista de pessoas mais do que dispostas a atirá-lo aos cães. Um assassinato por vingança em um Estado árabe falido não é de grande interesse para a segurança americana,

então o evento foi rapidamente ignorado.

Isso foi um erro terrível — assim como o fato de, por ser tão cedo em um fim de semana com feriado, a segurança do Estado sírio não ter fechado a fronteira imediatamente.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

O velho ônibus cuspiu e arrotou a noite inteira, rastejando através das extensas obras rodoviárias na rota um da Síria, mas — após superá-las — só foi obrigado a parar para a *fajr*, a oração da alvorada.

Quando enfim chegaram à fronteira, oficiais grosseiros de imigração e alfândega analisaram os documentos do Sarraceno, o avaliaram dos pés à cabeça e só o trataram com qualquer coisa semelhante a respeito quando perceberam que era médico. Contudo, se tivessem se preocupado em revistá-lo, com certeza não teriam encontrado os quatro frascos de vidro — seu conteúdo estava escondido em um lugar muito além do seu alcance. Estavam na corrente sanguínea do Sarraceno.

A última coisa que ele fizera antes de deixar a cabine de banho em Damasco fora pegar uma agulha especial de duas pontas dentro de sua maleta de médico, mergulhá-la no conteúdo dos frascos e arranhar a solução na pele de seu braço até começar a sangrar. Ele sabia que a dose era quatro vezes maior do que o normal, mas pretendia fazer de tudo para dar a si mesmo a maior margem de segurança possível. Ele enfaixou o braço, vestiu a camisa e quebrou em pedacinhos os frascos vazios. Fora aquilo que ele jogara no lixo junto com os restos da sua refeição.

Como o próprio Sarraceno previra, quando estava passando pela fronteira, ele já estava com febre, suando frio e com uma dor de cabeça lancinante. O homem só esperava conseguir chegar a um hotel barato em Beirute antes daquilo tudo piorar. Os sintomas que sentia eram quase idênticos aos experimentados por um jovem em uma aldeia inglesa havia duzentos anos, a primeira pessoa a se submeter a um processo idealizado por um médico local chamado Edward Jenner, o cientista que inventou a vacina.

O Sarraceno fizera exatamente isso: ele arriscara a vida, invadira um laboratório de armas e matara um homem que não conhecia a fim de roubar uma vacina. E a parte mais estranha é que ele se vacinara contra uma doença que não existia mais, que não representava uma ameaça para ninguém, que fora totalmente erradicada do planeta pouco mais de trinta anos atrás.

Antes disso, no entanto, aquela tinha sido a doença mais catastrófica conhecida pela humanidade, responsável pela morte de mais seres humanos do que qualquer outra causa

(incluindo a guerra), matando mais de dois milhões de pessoas anualmente até a década de 1960 — o equivalente a um novo Holocausto a cada três anos. A doença era conhecida pela ciência como *Variola vera* e, para todos os demais, como varíola.

A erradicação completa do vírus era uma das razões pelas quais tão poucos lugares na Terra ainda possuíam aquela vacina — com exceção de instalações de pesquisa e laboratórios de armas secretas, ela não era mais necessária em outros locais. A não ser que, assim como o Sarraceno, você estivesse planejando sintetizar o vírus e estivesse preocupado que um pequeno erro nesse processo quase impossível o infectasse e o matasse. Por esse motivo, ele procurara uma vacina de ponta, uma que tivesse sido testada o máximo de vezes e que tivesse a eficácia comprovada, o que lhe permitiria cometer tantos erros quanto precisasse.

Nem toda vacina “pega” e nem toda vacina funciona da mesma maneira em pessoas diferentes. A fim de tentar compensar isso e — como já dito — garantir tanta proteção quanto fosse humanamente possível, ele quadruplicou a dose. Não admira que estivesse se sentindo doente, mas, para o Sarraceno, a febre era uma boa notícia: significava que seu corpo estava sendo desafiado e que seu sistema imunológico estava se mobilizando para combater o invasor. A vacina tinha “pegado”.

Enquanto um oficial de imigração esperava diante da tela do computador para verificar o passaporte do Sarraceno, um telefone em um escritório ali perto começou a tocar. No momento em que alguém atendeu e ouviu a ordem de fechar a fronteira, o oficial já tinha liberado a entrada do Sarraceno no Líbano — um homem com um nome falso, um passaporte verdadeiro e uma florescente imunidade contra o patógeno mais mortal do mundo.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Não posso negar que o sentimento vinha crescendo em mim havia dias. Não acredito em sina ou destino, mas, não muito tempo depois de ter deixado Battleboi e estar voltando para casa pelas ruas escuras de Manhattan, tive uma forte sensação de que alguma força da natureza estava vindo ao meu encontro.

Entrei no meu pequeno apartamento com seu crônico aspecto de solidão e comecei a pesquisar as bolsas que trouxera de Paris. Eu mal dissera adeus a Battleboi, quando decidi que a única maneira de lidar com as centenas de nomeações governamentais que estavam ameaçando a minha vida era pedir que Ben e Marcie me entregassem o que tinham encontrado. Francamente, creio que nem eu e nem o hacker teríamos tido o tempo ou a habilidade para replicar o seu trabalho. Finalmente, encontrei o que procurava: o casaco que eu estava vestindo no Plaza Athénée na noite em que me encontrei com eles. No bolso, achei o cartão de visita que Marcie me dera e que eu aceitara com tanta relutância.

Já era tarde para telefonar naquela noite, mas liguei para eles no entardecer do dia seguinte. Foi Marcie quem atendeu.

— Aqui é Peter Campbell — falei, calmamente. — Nós nos conhecemos em Paris.

— Não demorou muito para ligar — disse ela, superando a surpresa. — É bom ter notícias suas. Onde você está?

— Em Nova York, por algum tempo — respondi, cauteloso como sempre. — Liguei para saber se você e seu marido estariam dispostos a me entregar o material de pesquisa sobre Scott Murdoch a respeito do qual ele me falou.

— Ben não está em casa... mas não vejo por que não.

— Obrigado — falei, aliviado. — Posso ir buscá-lo?

— Esta noite não. Vamos nos encontrar para ir ao cinema e amanhã temos um jantar com amigos. Que tal na sexta-feira, por volta das sete?

Um atraso de dois dias era muito mais do que eu desejava, mas não estava em posição de discordar. Agradei-lhe, anotei o endereço e desliguei. Sendo um profissional bastante experiente, um perito do mundo clandestino, uma pessoa que — como creio ter mencionado — fora treinada para sobreviver em situações em que outros morreriam, seria razoável supor que

eu perceberia a proximidade de uma emboscada. Mas não. A professora de ensino médio criada no Queens me deixou na mão e não suspeitei de nada até entrar no apartamento.

As luzes estavam baixas, “Hey Jude” tocava no aparelho de som, a sala estava tomada pelo cheiro de comida caseira e havia uma mesa posta para três: eu fora convidado para um jantar. Imaginei que a noite seria dedicada a me pressionar a mudar de ideia sobre o seminário de Bradley, mas eu não tinha saída, não quando aquelas pessoas passaram meses compilando um dossiê sobre a minha vida e eu precisava mendigar pelos seus arquivos.

— Você não deveria ter se incomodado — falei, exibindo minha melhor imitação de sorriso.

— Era o mínimo que poderíamos fazer — respondeu Marcie. — Considerando todos os problemas que causamos a você.

Bradley apareceu, a mão estendida, me perguntando o que eu gostaria de beber. Nessa época, eu estava passando por uma das minhas fases recorrentes de “parar de vez”. Eu decidira que Nova York seria um novo começo, uma oportunidade perfeita para ficar limpo, e dessa vez não era apenas conversa fiada. Eu tinha até mesmo o cronograma das reuniões locais dos Narcóticos Anônimos. No entanto, tendo a personalidade de um viciado, eu não conseguia fazer nada com moderação — nem mesmo praticar a sobriedade —, de modo que também parara de beber. Aquela seria uma longa noite.

Bradley voltou com minha água mineral Evian e, enquanto Marcie dava uma olhada no jantar, ele tomou um gole de sua bebida e me guiou em direção ao quarto branco no fim do universo. Só que não era mais isso: o kilim estava no chão, as cortinas voltaram para as janelas e a única evidência do drama desesperado que ocorrera entre aquelas paredes era o equipamento de fisioterapia em um canto.

Havia dezenas de caixas de arquivo empilhadas ao lado do equipamento. Bradley apontou para elas e sorriu.

— Esta é a sua vida, Sr. Murdoch.

Quando me inclinei e olhei para o material, fiquei chocado com a extensão da pesquisa deles: as caixas estavam repletas de folhas impressas, discos de armazenamento de dados e cópias de tudo, dos anuários da Caulfield Academy aos relatórios anuais das agências da ONU. Peguei uma pasta ao acaso — a lista mestra dos codinomes que eu usara — e eles precipitaram em mim uma onda de lembranças.

Bradley observou enquanto eu folheava as páginas.

— Marcie e eu andamos conversando — disse ele. — Você se importa se o chamarmos de Scott?

— O que há de errado com Peter Campbell? — perguntei.

— Eu só pensei que... ao menos entre nós, seria mais fácil se usássemos o seu nome verdadeiro. Nós sempre pensamos em você como Scott.

Olhei para ele.

— O problema, Ben, é que Scott Murdoch também não é meu nome de verdade.

Bradley olhou para mim, tentando assimilar aquilo. Eu estaria mentindo, tentando uma última jogada para tirá-los da pista que tinham seguido tão cuidadosamente, ou aquilo era uma tentativa ruim de fazer graça?

Apontei para a lista de pseudônimos.

— É como todo o resto. Apenas outra identidade falsa. Um tempo diferente, um lugar diferente, um nome diferente. — Dei de ombros. — Assim tem sido a minha vida.

— Mas... você era Scott Murdoch na escola... era apenas um menino... Isso foi anos antes de você entrar para o mundo da espionagem — disse ele, ainda mais perplexo.

— Eu sei. Ninguém pediu por isso. Mas foi como aconteceu.

Observei a mente do investigador trabalhar — o nome falso de uma criança, minha ausência nos funerais, o fato de eu não parecer ter herdado a riqueza dos Murdoch. Ele olhou para mim e se deu conta: eu tinha sido adotado, não era filho natural de Bill e Grace.

Dei para ele um daqueles sorrisos sem nenhum humor.

— Estou feliz que você não tenha tentado ir mais longe do que Scott Murdoch. Tudo que existe antes de Greenwich é meu, Ben. E não é da conta de mais ninguém.

Sem dúvida ele entendeu aquilo como um aviso. Os três cômodos no lado errado da 8 Mile Road, os traços faciais da mulher que, a cada ano, esvaeciam da minha memória, o nome real que ela me deu — aquilo era a minha essência, as únicas coisas que eu possuía que eram indiscutivelmente minhas.

— Quem se importa com um nome? — disse Bradley, afinal, sorrindo. — Pete está ótimo.

Marcie nos chamou, e a noite seguiu um caminho que eu jamais esperaria. Para começo de conversa, ela era uma ótima cozinheira, e se boa comida não o deixa de bom humor, então provavelmente você deve ser viciado em fast-food. Além disso, eles não mencionaram o seminário, e tive de admitir que tentar me recrutar aparentemente não estava na cabeça deles. Comecei a relaxar e ocorreu-me a ideia de que Ben e Marcie sabiam tanto sobre o meu passado que, ao menos para eles, aquilo era como jantar com um velho amigo.

Bradley fez dezenas de perguntas sobre o livro e sobre os casos ali tratados, e Marcie se deleitou assistindo ao marido tentar me fazer discorrer sobre detalhes a respeito dos quais eu estava proibido de falar. Durante um trecho particularmente tórrido, ela riu e disse que nunca o vira tão exaltado. Olhei para ela e não pude deixar de acompanhá-la nas risadas.

Quando uma pessoa o faz rir, quando o convida para a sua casa e se esforça bastante para

que você se sinta bem-vindo, quando lhe entrega uma caixa contendo o material que pode salvar a sua vida, quando a transporta até a rua e o ajuda a embarcá-la em um táxi, quando você está em pé sob um poste de luz em Manhattan e tudo o que o aguarda é um apartamento tão frio que você o chama de Acampamento NoHo, quando está perdido no próprio país e as promessas do mundo não parecem grande coisa, quando você tem a sensação inescapável de que o seu futuro pode não ser muito agradável, quando a pessoa sorri e aperta a sua mão, agradecendo-lhe por ter vindo, e diz que não conhece nenhum meio de contato, você se vê diante de uma escolha difícil.

Fiz uma pausa, toda a minha experiência profissional me dizendo para escrever um número de telefone falso e ir embora com as pesquisas. Para que preciso deles agora? Mas me lembrei do calor com que me receberam, da alegria de Bradley pela música que ele escolhera para a noite e... me desculpem, mas não podia fazer aquilo. Peguei o celular, exibí meu número na tela e Marcie o anotou.

Nas semanas seguintes, eles me ligaram, e saímos para ir ao cinema ou para algum clube ouvir os velhos músicos de blues que Bradley adorava — sempre os mesmos três. Graças a Deus, eles nunca tentaram me apresentar uma garota e nem mencionaram o seminário.

Durante esse tempo, Bradley passou por uma bateria de exames físicos e psicológicos e, para seu grande alívio, foi considerado apto para voltar ao trabalho. Ele ainda mancava um pouco e, por isso, era escalado para tarefas mais leves que o normal, mas às vezes, geralmente tarde da noite, ligava para mim e perguntava se eu gostaria de ir até uma cena de crime onde ele achava haver algum elemento que pudesse me interessar. Uma noite em particular, ele me enviou uma mensagem enquanto eu estava participando de uma das minhas reuniões regulares dos doze passos. Por volta desta época, eu mudara para o AA — como dizia Tolstói, viciados em drogas são todos iguais, ao passo que cada alcoólatra é louco à sua maneira. Isso me levou a outras reuniões interessantes, e decidi que, já que precisava passar a vida sem beber, eu bem que poderia me divertir.

A reunião — realizada no salão de uma igreja decadente no Upper West Side — chegou ao fim, e deixei os meus companheiros párias no saguão. Andei para leste, apreciando a noite excepcionalmente quente e apenas ao divisar as torres góticas do Dakota pensei em verificar as mensagens no celular. Vi o número de Bradley e imaginei que ele deveria ter topado com mais um de seus fantasmas do rock’n’roll, de modo que fiquei surpreso quando, pela primeira vez desde que nos conhecemos, eu o ouvi pedindo ajuda.

“Estou com um caso de homicídio muito estranho”, disse ele na mensagem. Sem explicar nada além do fato de que se tratava de uma jovem, ele me deu o endereço de um hotel miserável onde pedia que eu o encontrasse.

Chamava-se Eastside Inn.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

A mulher responsável pela morte no Quarto 89 usara o meu conhecimento, a minha experiência e o meu *cérebro* para cometer aquele homicídio, o que me tornava — ao menos na minha opinião — um cúmplice do crime.

Eu não deixaria algo assim passar em branco, então, logo após os assistentes do legista fecharem o saco contendo o corpo de Eleanor, saí do quarto — com mais raiva do que havia sentido em um longo tempo — e desci a escada.

Encontrei o que estava procurando, a porta do escritório do gerente, em uma pequena alcova junto à recepção. Alvarez, ou algum outro dos policiais mais jovens, a trancara ao sair, de modo que dei um passo para trás e chutei a madeira com força, logo abaixo da maçaneta.

O barulho da madeira se estilhaçando atraiu um policial uniformizado.

— Estou com Bradley — falei, com ar de completa autoridade.

Ele deu de ombros, e eu terminei de arrombar a porta e entrar na toca do babaca, que fedia a suor e a cigarros.

Em meio a toda aquela sordidez, um alto armário de metal tinha sido virado de lado, revelando um espaço oculto no chão. Na cavidade havia um cofre pesado. Sendo um especialista, o arrombador devia saber exatamente onde procurar, descobrira a combinação e abriu a porta do cofre-forte.

Entre o dinheiro e os documentos havia páginas impressas das contas do hotel, um par de pistolas baratas e dezenas de pequenos sachês com código de cores. Abaixei-me e ergui alguns deles para a luz. Os verdes continham cocaína; os pretos, pedras de crack; apropriadamente, o cristal estava nos saquinhos azul-gelo. Outras cores significavam outros produtos — como em qualquer bom armazém. O canalha estava no emprego errado. Ele deveria ser gerente do Wal-Mart.

Olhando para aquele estoque, eu mentiria se dissesse que não me senti tentado, em especial pelo Percodan nos sachês amarelos. Estendi a mão para ver quantos eram — você sabe, só por curiosidade. Estranhamente, vi minha mão fazer uma pausa antes de tocá-los e, em seguida, mover-se devagar para o lado. Quem disse que programas de doze passos são perda de tempo?

Peguei as folhas impressas e outros documentos do cofre e sentei-me à mesa gasta. Foi

naquele lugar que Bradley me encontrou meia hora mais tarde.

— O que você está fazendo? — perguntou, apoiando-se no batente da porta, tão cansado que seu rosto parecia uma cama desfeita.

— Ajudando você.

A surpresa o animou.

— Pensei que estivesse aposentado.

— Estou, mas sou do tipo antiquado. Fico irritado quando alguém usa um livro que escrevi para assassinar uma jovem.

Ele entrou e sentou-se com cuidado em uma cadeira. Bradley tinha me dito que achava que aquela perna o perturbaria pelo resto da vida, ainda mais quando estivesse cansado.

— Você deveria ir para casa e descansar um pouco — sugeri. — Sua equipe ainda não terminou?

— Já terminou há meia hora. Agora estão guardando o equipamento. Encontrou alguma coisa? — perguntou ele, apontando para os documentos sobre a mesa.

— Sim. — Empurrei uma pasta em sua direção. — Esse é o arquivo do Quarto 89. Seus detetives deram uma olhada nele e estão certos em tudo. Ela se mudou há mais de um ano e pagou antecipado. Mas os detalhes são uma bagunça, não têm nem mesmo datas específicas. Imagino que tenha sido feito assim de propósito, para confundir...

— No caso dos fiscais da receita fazerem uma auditoria? — interrompeu Bradley.

— Isso. Então, revistei o fundo do cofre das drogas. Ali, encontrei os verdadeiros registros. São perfeitos, cada centavo contabilizado. Precisam ser. São para os marginais proprietários dessa espelunca. Dá para imaginar o que eles fariam, caso o idiota tentasse desfalcá-los.

Apontei para um dos itens que eu marcara.

— Diz aqui que a assassina hospedou-se no hotel no dia 11 de setembro.

Seu rosto lembrando uma cama desfeita exibiu pregas de surpresa. Ele se inclinou para a frente, olhando com atenção para o registro.

— Tem certeza?

— Sim, um carimbo da data indica que ela se hospedou aqui por volta das cinco horas da tarde, cerca de seis horas depois da queda das Torres Gêmeas.

“Você ainda estava na cirurgia, Ben, mas acho que, assim como eu, já leu histórias sobre aquele dia. Toda a área era uma verdadeira zona de guerra, cinzas caindo do céu, as pessoas correndo para salvar as próprias vidas, todos pensando que o pior ainda estava por vir.

“Durante horas antes de ela se hospedar aqui, havia tanta fumaça no ar que parecia ter anoitecido, vários carros estavam abandonados na rua e não se podia ouvir nada além das sirenes.

“Lembro-me de ter lido que um padre andava pelas ruas pedindo que as pessoas fizessem a sua última confissão. Parecia ser o fim dos tempos e, de acordo com os registros, até mesmo os cafetões e as prostitutas no Eastside Inn sabiam disso. Na noite anterior, noventa quartos estavam ocupados. Na noite do dia 11 de setembro havia só seis. Todo o hotel — toda a *vizinhança* — tinha ido embora.

“Mas nossa assassina chegou até aqui. Ela deve ter caminhado em meio aos escombros. Imagine só, Ben: imunda de poeira, provavelmente irreconhecível, sapatos quase queimados por causa das cinzas quentes e talvez um lenço no rosto para tentar evitar inalar os vapores ácidos.

“Enfim, ela entra pela porta da frente e tira o lenço. Ela só começa a usar disfarces na manhã seguinte, o que significa que o idiota é o único que sabe como ela é de verdade, isso se conseguir se lembrar. Mas nós não vamos encontrá-lo, de qualquer maneira.

“Ela diz para ele que quer um quarto. Como falei, ela não pertence a este lugar, mas sabe que vai ficar. Os registros indicam que ela pagou dois meses adiantados.

Afastei os detalhes da conta para o lado.

— Por quê, Ben? — perguntei. — Por que ela fez tudo isso? Não havia outro lugar para ela se hospedar? Este era o único hotel em Nova York? Ela praticamente caminhou sobre a brasa porque estava gostando daquilo?

Ele tirou um Camel de um maço que estava sobre a escrivaninha. Às vezes ele gostava de ficar apenas segurando um cigarro. Fiz uma nota mental para me lembrar de comentar com ele sobre como os programas de doze passos eram bons.

— Você tirou tudo isso de algumas colunas numéricas? — perguntou Ben, impressionado. Não respondi nada. — Eu não sei por que ela fez isso — disse ele, afinal. — Não faço ideia.

— Nem eu — respondi. — Mas algo aconteceu. Alguma coisa aconteceu naquele dia que mudou tudo para ela.

Ele deu de ombros.

— Claro. Para ela e para um monte de gente.

— Sim, mas ninguém mais se hospedou no Eastside Inn. Ela estava determinada a ocultar a própria identidade e se esconder. Acho que decidiu que mataria alguém naquele dia. Hospedar-se no Eastside Inn foi só o início da preparação.

O policial olhou para mim já sabendo que aquilo não era um bom sinal: uma pessoa que passou tanto tempo planejando um crime provavelmente não cometeu erro algum. Seus ombros tombaram enquanto ele pensava na longa investigação que teria à frente, o que, combinado com a dor na perna, era o suficiente para fazê-lo parecer disposto a se deitar na cama desfeita.

Olhei para cima e vi alguém passar pela porta.

— Petersen! — gritei. — Tem um carro-patrulha lá fora?

— Posso conseguir um — respondeu ele.

— Carregue o seu chefe daqui e leve-o para casa.

Bradley se opôs, mas eu o interrompi.

— Você mesmo disse que eles estavam guardando o equipamento. Ninguém vai resolver nada esta noite — falei.

Petersen nunca ouvira Bradley receber ordens de ninguém antes e não conseguiu esconder a satisfação. Ele se inclinou, como se fosse obedecer literalmente à minha sugestão, mas seu chefe o empurrou, dizendo-lhe que sempre havia vagas na viatura que vasculhava o esgoto da cidade.

Petersen sorriu para mim.

— E quanto a você? Precisa de uma carona?

— Estou bem. Posso ir caminhando para casa — respondi.

Não era verdade. Eu não iria para casa, mas para onde deduzi que a assassina começara a sua jornada naquele dia terrível. Eu iria até o Marco Zero.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Estive em muitos lugares sagrados, mas nenhum era tão estranho quanto os sessenta e cinco metros quadrados do Marco Zero. Era um canteiro de obras.

No tempo decorrido entre o ataque às Torres Gêmeas e o assassinato de Eleanor, toda a área havia sido transformada em um enorme buraco com quase dois milhões de toneladas de entulho sendo removidas para prepará-la para a reconstrução.

Novas torres enfim seriam erguidas sobre aquela cicatriz e exibiriam placas contendo os nomes dos mortos, até que, em menos tempo do que a maioria de nós imaginaria, as pessoas passariam apressadas por ali, mal se recordando de que estavam pisando em solo sagrado.

Contudo, naquele domingo tranquilo, a visão do terreno vazio foi para mim uma das coisas mais emocionantes: a própria desolação do local já era uma constatação mais eloquente daquilo que havia se perdido do que qualquer grande memorial. Olhando para lá da plataforma de observação, percebi que o ataque ficara tão impresso nas nossas mentes que o canteiro de obras formava um quadro em branco, uma tela vazia em que projetávamos as nossas piores lembranças.

Com o coração pesado, vi mais uma vez o céu azul-claro e os prédios em chamas, vi as pessoas acenando das janelas quebradas pedindo por uma ajuda que jamais chegaria, vi os feridos correndo por ruas empoeiradas, ouvi o estrondo dos edifícios ruindo e vi as equipes de resgate escrevendo os seus nomes nos próprios braços, caso morressem sob os escombros. Eu senti o cheiro daquilo, vivi aquilo, e tentei dizer algumas palavras em voz baixa para as duas mil e setecentas almas que jamais deixariam aquele lugar. Duas mil e setecentas pessoas — e mais de mil nunca tiveram os seus corpos encontrados.

Na verdade, era de se admirar o fato de alguns corpos terem sido resgatados. A oitocentos e quinze graus Celsius, os ossos humanos se transformam em cinzas em três horas. Os incêndios no World Trade Center atingiram mais de mil graus, e as chamas só foram extintas por completo cem *dias* depois.

O Alcorão diz que a perda de uma única vida destrói um universo, e lá estava a prova disso bem à minha frente — dois mil e setecentos universos destruídos em alguns instantes. Universos de famílias, de crianças, de amigos.

Com o sol nascente trazendo luz, mas não muito calor, deixei a plataforma e comecei a andar. Eu não sabia o que estava procurando — inspiração, talvez —, mas não tinha dúvida de que a assassina começara a jornada até o Eastside Inn muito perto de onde eu estava.

Não haveria outra maneira de chegar ao hotel. Logo após o primeiro avião atingir a Torre, as autoridades portuárias fecharam todas as pontes e os túneis de Manhattan. Os ônibus, os metrô e as ruas por toda a ilha ou estavam fechadas ou engarrafadas; cem minutos depois, o prefeito ordenou a evacuação de toda a área ao sul de Canal Street. Para poder chegar ao hotel, ela já devia estar dentro da zona de evacuação.

Enquanto caminhava, tentei imaginar o que ela fazia naquela parte da cidade por volta das nove horas da manhã de terça-feira — trabalho, talvez, uma turista a caminho da plataforma de observação no topo da Torre Sul, uma motorista de van de entrega, uma criminosa a caminho de uma reunião em um dos escritórios de advocacia do local? Por que ela estava aqui?, eu me perguntava. Se encontrasse a resposta, já estaria na metade do caminho.

E embora fosse verdade que não fazia ideia do que estava procurando, eu certamente não me sentia preparado para o que encontrei.

Perdido em especulações sobre a movimentação dela naquele dia, demorei um minuto para perceber os pequenos santuários que haviam aparecido em ambos os lados do caminho. Para as milhares de pessoas que nunca conseguiram recuperar os corpos dos seus entes queridos, o Marco Zero fazia as vezes de cemitério. Nas semanas que se seguiram ao ataque, estas pessoas vieram e ficaram ali em silêncio — pensando, lembrando, tentando entender. Mas à medida que os meses se passavam, e eles visitavam o lugar nos aniversários dos falecidos, no Dia de Ação de Graças e em outros feriados, era natural que deixassem flores, cartões e pequenas lembranças. Esses santuários estavam agora espalhados ao longo das cercas e dos caminhos.

Bem ao meu lado havia vários bichinhos de pelúcia deixados por três crianças para o pai falecido. Fixada na cerca de arame, havia uma foto delas, e eu parei e olhei — a mais velha deveria ter cerca de sete anos. Na imagem elas estavam soltando balões para que, de acordo com o bilhete escrito à mão, o pai pudesse pegá-los no céu.

Continuei em frente e vi diversos santuários criados por pais idosos para seus filhos perdidos, li poemas de homens que estavam com os corações em pedaços e olhei para colagens de fotos feitas por mulheres que mal podiam conter a raiva que sentiam.

Estranhamente, porém, em meio a tanta tristeza, não me senti deprimido. Talvez estivesse errado, mas me pareceu que algo transpirava ali: o triunfo do espírito humano. Ao meu redor, vi que aquelas famílias destroçadas fizeram a promessa de seguir em frente. Li a respeito de homens e mulheres que tinham arriscado as próprias vidas para salvar desconhecidos e vi mais fotos de bombeiros mortos do que gostaria de contar.

Parei no epicentro, sozinho entre tantas homenagens feitas à mão, e inclinei a cabeça. Eu não estava rezando. Não sou um homem religioso, uma pessoa que segue a Bíblia, como costumam dizer, nem me sentia particularmente afetado por tanta morte. Já estive em Auschwitz, em Natzweiler-Struthof e no ossuário da Batalha de Verdun, e a morte em escala industrial tinha deixado de me surpreender muito tempo atrás. Mas eu me sentia diminuído por tamanha coragem — provavelmente porque duvidava tanto da minha própria.

A dor e o sofrimento me marcaram desde muito jovem. Veja bem, eu estava no apartamento quando minha mãe foi assassinada. Não me entendam mal, não tenho medo da morte. Tudo que peço é que, quando chegar a hora, ela seja rápida e limpa. Sempre tive um grande medo de ser ferido como a minha mãe, de não ser capaz de parar a dor — este era o terror secreto que esperava por mim onde os postes de luz terminavam.

Com a bravura de pessoas comuns em tantas homenagens ao meu redor, e lembrando mais uma vez que, no que dizia respeito à coragem, eu era um grande fracasso, virei-me para voltar para casa. Foi quando vi: um quadro branco pendurado na cerca de arame, meio escondido em uma curva do caminho, facilmente esquecível não fosse o acaso do sol nascente estar refletindo em sua superfície. Havia uma pilha de buquês maior do que o habitual mais abaixo, e foi isso o que me atraiu até ali.

No quadro, escritos com caligrafia caprichosa, estavam os nomes de oito homens e mulheres, todos com fotos ao lado. Uma legenda dizia que haviam sido resgatados com vida da Torre Norte por um único homem, um policial de Nova York. Uma adolescente cuja mãe fora uma das pessoas resgatadas criara o santuário, um tributo de amor à coragem desse homem. A narrativa da menina listava as pessoas que o policial salvara, que incluíam: uma advogada trajando seu terno que exalava poder, um operador da bolsa de valores com uma família perfeita que parecia um verdadeiro safado, um homem numa cadeira de rodas...

Um homem no quê?, perguntei a mim mesmo. Meus olhos correram até o fim da placa e encontraram uma foto do policial que salvara todas aquelas pessoas. É claro que o reconheci. Ben Bradley. Como já disse, essa era a última coisa que eu esperava encontrar.

Quando Ben me disse em Paris que ficara preso na Torre Norte do World Trade Center, imaginei que ele estava no edifício a negócios, mas me enganei. Em seu texto, a adolescente contava a história verdadeira. Ela disse que Ben estava na Fulton Street quando viu o avião bater e uma enorme parte da Torre ser projetada no céu, como um grande ferimento de saída de bala.

Com a chuva de destroços e todos começando a fugir, ele fixou o distintivo no colarinho da camisa, jogou fora o casaco e correu até a Torre. Assim como para a própria cidade de Nova York, aquele seria o pior e o melhor momento de Bradley.

Ele entrou e saiu cinco vezes do edifício, todas elas subindo por uma escada de emergência contra um mar de pessoas descendo — tentando ver como ele poderia ajudar, quem poderia salvar. À certa altura, de pé em um saguão de elevador no trigésimo andar — com a queda da primeira das duzentas pessoas que se jogaram do prédio —, Bradley teve de enrolar a camisa ao redor da boca para poder respirar. No processo, perdeu o distintivo, sua única identificação.

Esperando o pior para si mesmo, entrou em um escritório abandonado e encontrou uma caneta para escrever no braço seu nome e o número de telefone de Marcie. Ele olhou pela janela e não pôde acreditar no que viu: a uns quarenta metros dali, a Torre Sul ruía. Até então, ele nem sabia que ela fora atingida.

Bradley correu para a segurança da escada de emergência A, onde alguém lhe disse que havia um sujeito em uma cadeira de rodas muitos andares acima, esperando por ajuda. Graças ao relato da adolescente, descobri que Bradley fora o sujeito de meia-idade que convocara voluntários e guiara os outros três homens até encontrarem o paraplégico e descerem por sessenta e sete andares com sua cadeira para emergências.

A jovem escreveu que a equipe voltou até o mezanino e conseguiu tirar a cadeira e seu ocupante do edifício. Com medo que o prédio caísse, eles correram para se proteger. Um dos membros da equipe de resgate — um corretor de seguros jovem e grandalhão —, ao perceber que os outros membros da equipe estavam exaustos, largou o canto que segurava da cadeira e jogou o deficiente no ombro. Ele gritou dizendo para Bradley e os outros dois — um segurança e um negociante de câmbio — irem embora.

Dois minutos depois, o mundo desabou. A Torre Norte ruiu de cima para baixo, como se estivesse sendo descascada. Tudo naqueles minutos foi aleatório, incluindo a morte: o corretor de seguros e o deficiente se esconderam no vão de uma porta que não oferecia qualquer proteção e escaparam ilesos dos destroços. A três metros dali, o segurança foi diretamente atingido por uma pilha de escombros e morreu na hora. Bradley e o negociante de câmbio atiraram-se debaixo de um caminhão do corpo de bombeiros, que foi soterrado por uma montanha de concreto.

Preso em um bolsão de ar estava o negociante de câmbio — trinta e dois anos e já milionário —, que Bradley amparou com firmeza e cuja última mensagem guardou na memória para levar para a família do rapaz.

Cinco horas depois, uma equipe de bombeiros com um cão farejador tirou Bradley dali, leu as informações no braço dele, ligou para Marcie e disse-lhe que fosse até a emergência o mais rápido possível.

Fiquei em silêncio por um longo tempo. Aquela foi uma das histórias de coragem mais marcantes que eu já tinha lido, e sabia que, no dia seguinte, ofereceria a Bradley a única coisa

de valor que poderia lhe dar. Eu lhe diria que inventaria uma última lenda e falaria no maldito seminário.

Voltei-me e comecei a pensar no que diria em uma reunião com os melhores investigadores do mundo. Decidi que me passaria por Peter Campbell, um ex-médico que se tornara gerente de um fundo de hedge. Eu lhes informaria que conhecera Jude Garrett nos meus tempos como médico, quando ele me consultou a respeito de um assassinato que estava investigando. Nós nos tornamos amigos, e era raro ele não vir discutir comigo um novo caso ou uma nova técnica de investigação. Diria que encontrara o manuscrito do livro após a morte dele e que o preparara para publicação. Eu os levaria a crer, assim como Bradley sugerira, que eu era o Dr. Watson daquele Sherlock.

Não era a lenda perfeita, mas serviria. Eu estava confiante, principalmente porque conhecia as credenciais acadêmicas de Campbell e uma série de outros detalhes necessários para sobreviver a quase qualquer escrutínio. Eu poderia contar com Battleboi para isso.

Claro, eu poderia estabelecer a legitimidade de Peter Campbell, mas o que de fato diria quando me dirigisse a eles? Perguntei a mim mesmo se seria possível envolver tais investigadores de elite em um caso não resolvido, informá-los a respeito dos estranhos detalhes de um crime brilhante — em outras palavras, seria possível abrir para discussão o assassinato no Eastside Inn?

Aquele caso com certeza tinha todos os elementos necessários para um bom estudo: a mulher que mudava de aparência todo dia, um quarto de hotel lavado com antisséptico industrial, um corpo cujos dentes foram arrancados e o fato de o assassino ter usado o próprio livro de Jude Garrett — o que causaria muito estardalhaço entre os participantes — como manual para o crime.

Mas aquilo eram apenas fatos, e o público não ficaria satisfeito. Dê-nos uma teoria, diriam. Onde está a narrativa? Por que o 11 de Setembro? Essa não seria a primeira coisa que um homem brilhante como Jude Garrett perguntaria?

E eles estavam certos, é claro — de todos os dias, por que aquele? Pensei que, se eu fosse Garrett — o que, felizmente, eu era —, diria para eles que...

Um pensamento surpreendente me ocorreu. Pressionado por minha palestra imaginária, tive a ideia de por que, enquanto todos estavam fugindo, ela estava à procura de um lugar para ficar.

Digamos que houvesse alguém que ela quisesse matar, mas que nunca tivesse imaginado como fazê-lo sem ser descoberta. Suponhamos que ela trabalhava em uma das Torres Gêmeas e estava atrasada naquela manhã. Digamos que ela não estava em seu escritório, mas de pé do lado de fora, e que viu os edifícios queimarem e caírem. Se todos os seus colegas de trabalho

estavam mortos, quem saberia que ela sobrevivera?

Ela poderia desaparecer. Tudo que precisava era de um lugar para ficar e ter certeza de que jamais seria reconhecida. Então, ela poderia cometer o assassinato quando lhe fosse conveniente.

Quer dizer, não há melhor álibi do que estar morto, certo?

CAPÍTULO VINTE E SETE

Embora eu tenha me encontrado para jantar com o meu casal de amigos na noite seguinte, nada falei para Ben a respeito da minha teoria recém-formulada. Eu queria analisar aquilo diversas vezes na minha mente, como um modelo de arquitetura complexa, para ver se continuava coerente.

Em troca das refeições caseiras de Marcie, eu os convidara para o restaurante Nobu e, em algum momento entre o tempura de camarão e o sashimi de hamachi, mencionei que tinha mudado de ideia e disse a eles que ficaria feliz em participar do seminário.

Ambos olharam para mim. Foi Marcie quem falou primeiro:

— Deixe eu adivinhar, você encontrou Jesus, também?

Eu sorri, mas — homens sendo homens — não havia como eu constranger a mim ou ao Bradley falando sobre o santuário que vira no Marco Zero e as emoções que experimentara ao ler a respeito da bravura do detetive.

— Talvez seja por estar em casa outra vez — falei. — Mas acho que é hora de dar algo em troca para a comunidade.

Bradley quase engasgou com o saquê. Ele e Marcie trocaram um olhar.

— Isso é ótimo — disse Bradley. — Por que não se junta também à Patrulha da Vizinhança? Só por curiosidade... temos alguma chance de você nos dizer o motivo real?

— Na verdade, não — respondi, sorrindo de volta, pensando nos sessenta e sete andares e no fato de, a julgar pela foto, o sujeito na cadeira de rodas ser um homem corpulento.

O silêncio se estendeu, e Marcie enfim percebeu que eu não tinha a intenção de esclarecer mais nada, e então começou um novo assunto.

— Você já pensou em voltar à casa onde foi criado? — perguntou ela.

A surpresa mudou de lado. Olhei para a mulher como se ela fosse louca.

— Greenwich, você quer dizer? Para fazer o quê? Tocar o interfone e perguntar a um incorporador de empresas se eu poderia dar uma olhada por ali?

— Você poderia tentar se quisesse, mas, tendo conhecido o sujeito, não acho que ia funcionar — disse ela. — Eu só pensei que você tinha visto a nota na revista *New York*.

Baixei o copo d'água e olhei para ela, confuso.

— A sociedade de jardinagem local abriu o terreno à visitação para arrecadar fundos para caridade — explicou ela. — Se estiver interessado, Ben e eu ficaríamos felizes em ir com você.

Minha mente girava. Voltar para Greenwich? Mas não hesitei em dizer:

— Agradeço, mas não. É apenas uma casa, Marcie. Não significa nada para mim. Faz muito tempo.

É claro que, assim que nos despedimos após o jantar, comprei um exemplar da revista e, no dia seguinte, liguei para a Connecticut Horticultural Society e comprei um ingresso.

Bill teria adorado. Duzentos dólares para ver umas árvores? O que há de errado com o Central Park?, diria.

Era uma manhã gloriosa de sábado, o sol subindo em um céu sem nuvens, quando atravessei as avenidas cobertas de folhas de Connecticut. Eu poderia ter dito para o taxista me deixar na frente da casa, mas queria andar um pouco. Imaginei que seria melhor dar às lembranças uma chance de respirar. Os enormes portões de ferro estavam abertos. Entreguei meu ingresso para uma velha senhora com uma medalha no peito e entrei no passado.

Era incrível como o lugar tinha mudado pouco em vinte anos. Os plátanos ainda formavam um dossel sobre o passeio de cascalho, as faias europeias continuavam a dar profundidade às encostas das colinas e, em suas frescas aleias, os rododendros estavam tão belos como sempre. A meio caminho, havia uma clareira entre a folhagem, concebida para dar aos visitantes sua primeira visão da casa. Se aquela visão foi feita para chocar, então era infalível.

Fiz uma pausa e olhei mais uma vez para Avalon. Erguia-se ao longe, sua fachada refletida nas águas do grande lago ornamental. O avô de Bill fora para a Inglaterra nos anos 1920 e hospedara-se com os Astor em Cliveden, em sua deslumbrante mansão italiana às margens do Tâmesa. Ele voltou com dezenas de fotos, mostrou-as para um arquiteto, e disse-lhe para construir algo parecido, “só que mais bonito”.

A casa foi concluída seis meses antes da Quebra da Bolsa e, assim como a casa de Marjorie Merriweather Post em Palm Beach, chamada de Mar-A-Lago, foi a última das grandes mansões americanas do século XX.

Meu olhar percorreu as paredes de pedra calcária, iluminadas pela luz da manhã, e encontrou as três altas janelas no extremo norte. Ali ficava o meu quarto, e talvez vocês possam imaginar como um menino que veio da minha área de Detroit deveria se sentir em um quarto como aquele. A lembrança de dias assustadores levava meus olhos a baixarem até o lago em torno do qual eu passara tanto tempo caminhando sozinho.

Sob uma fileira de carvalhos, vi o promontório de grama do qual, anos mais tarde, Bill me ensinou a velejar. Quando criança, ele passava seus verões em Newport e caíra de amores

pelos iates de doze metros que concorriam para a America's Cup. Certo dia, ele chegou em casa com modelos em escala de dois dos maiores barcos já lançados, o *Australia II* e o *Stars and Stripes*. As miniaturas tinham mais de um metro e meio de comprimento, suas velas e lemes eram guiados por controle remoto, impulsionados apenas pelo vento e pela habilidade do operador. Deus sabe quanto custaram.

Ainda posso ver aquele louco, correndo ao redor do lago, ajustando as suas velas, tentando cobrir o meu vento e me superar em torno de cada boia. Apenas quando o derrotei três vezes seguidas foi que ele me levou até Long Island Sound e me ensinou a navegar de verdade em pequenos veleiros de dois lugares.

Não acho que sou uma pessoa arrogante, então talvez você confie em mim quando digo que velejar é a única coisa para a qual eu tinha um dom natural. Bem, isso e enganar os outros, é claro. Tal era o meu talento que, em um sábado, sentado sobre o casco virado da embarcação, Bill me disse que achava que eu tinha chance de ir competir nos Jogos Olímpicos.

Sabendo que eu sempre mantinha distância dos outros, ele teve o bom senso de sugerir uma das classes solo — a classe Laser —, e trabalhou duro comigo todos os fins de semana. No final, acabou não fazendo nenhuma diferença. Quando eu tinha uns dezesseis anos, perdido e irritado com a vida, não tendo nada contra o que me rebelar, desisti. Disse para ele que nunca mais voltaria a velejar, e, em minha ingenuidade e crueldade, acreditei que a expressão de decepção que vi no rosto dele foi algum tipo de vitória para mim. Devo ter pensado umas cem vezes em voltar atrás, mas eu não era inteligente o bastante para entender que um pedido de desculpas é um sinal de força, não de fraqueza. E a oportunidade passou com o verão.

Após tantos anos, de pé na pista de acesso de veículos, olhei para o lago outra vez e percebi por que eu voltara. Bill estava morto, mas eu queria falar com ele.

Fui até a velha casa. Nos gramados, havia tendas para o serviço de almoço com talheres de prata, mas as portas para o interior da mansão estavam trancadas. Apenas membros da comissão e convidados VIP com credenciais tinham autorização de passar pelos seguranças. Entrar poderia ser um problema até mesmo para um agente altamente treinado, mas não para alguém que passara a infância naquele lugar.

Nos fundos na área de serviço, descobri que a porta do vestiário dos jardineiros estava destrancada, atravessei-a e rapidamente entrei na garagem cavernosa.

Na parede do outro lado, sobre um conjunto de prateleiras de metal, apertei um botão escondido sob uma fileira de tomadas elétricas. Uma seção das prateleiras se abriu — uma passagem subterrânea que levava ao interior da casa. Criada pelo pai de Bill, supostamente para que pudesse chegar à garagem durante os invernos gelados, seu propósito verdadeiro era bem diferente.

De acordo com a velha governanta, o coronel — tendo conquistado a Europa com o Sexto Exército — voltou para casa e iniciou uma campanha semelhante com as empregadas da casa. Ele estabeleceu um quartel-general no sofá-cama do seu escritório, uma sala que oferecia uma ampla visão da pista de acesso de veículos e que dava à escolhida da semana tempo de sobra para se vestir, descer a passagem e chegar à garagem antes que a esposa do coronel entrasse pela porta da frente. A governanta dizia que o plano era tão bom que seu chefe deveria ter sido promovido a general.

Fiz uma pausa na passagem e tentei ouvir qualquer som que viesse do escritório. Como não escutei nada, girei a maçaneta e entrei pela porta oculta em um dos antigos painéis da sala.

Grace teria tido um infarto. Suas antiguidades inglesas de valor inestimável e seus pisos de Versalhes haviam sido substituídos por sofás xadrez e um tapete tartã. Sobre a velha lareira herdada de algum castelo, onde outrora repousava seu melhor Canaletto, havia um retrato do proprietário e de sua família, todos olhando para algum ponto distante, como se tivessem acabado de descobrir o Novo Mundo. Aquilo só poderia ser melhor se tivesse sido pintado em veludo preto.

Ignorando seus olhares heroicos, atravessei a sala e abri a porta para o vestíbulo. Ouvi vozes — os bons e os grandes encontravam-se reunidos nas salas de estar formais —, mas os dois gorilas na porta da frente estavam de costas para o interior da casa, então não me viram subir a escada. No topo, vivi um daqueles momentos.

O incorporador não deixara o decorador interferir no primeiro andar, de modo que os anos imediatamente desapareceram e minha infância ressurgiu ao meu redor. Atravessei o belo corredor — acho que já disse que aquela era a casa mais sossegada que já conhecera na vida — e abri a porta no extremo norte.

A disposição dos quartos estava inalterada, o peso do passado quase palpável: uma grande sala de estar, um banheiro, armários e um quarto com vista para a floresta. Havia uma dúzia de outras suítes semelhantes na casa, e era óbvio que a família do incorporador nunca usara aquela.

Fiquei em silêncio durante minutos intermináveis, apenas lembrando, até que finalmente sentei na beirada da cama e olhei para o banco instalado junto à janela de sacada. Sempre que Bill vinha conversar comigo, ele se sentava ali, seu rosto emoldurado pelas árvores da floresta mais atrás. Devagar, deixei o foco da minha visão se turvar e juro que foi como se eu pudesse vê-lo outra vez.

No meu coração, disse para ele todas as coisas que nunca fora capaz de lhe dizer em vida. Falei que ele cuidara de mim quando não tinha qualquer obrigação por parte de sangue ou amizade e disse que, na minha opinião, se houvesse um paraíso, sempre haveria lá um lugar

para alguém que fizesse isso por uma criança. Confessei que tudo o que eu tinha de bom viera dele, mas que os grandes acres de escuridão eram todos meus. Disse que ele estava sempre nos meus pensamentos e que não houve um dia que eu não tivesse desejado poder velejar de novo, só para vê-lo orgulhoso de mim. Pedi-lhe perdão por não ser o filho que ele queria tão desesperadamente e, depois disso, fiquei sentado em silêncio.

Se alguém tivesse entrado e me visto com a cabeça baixa teria pensado que eu estava rezando, e devo ter ficado assim por um bom tempo, porque a única coisa que me tirou desse transe foi o som de um violino. As duas centenas de dólares pagavam não apenas o almoço com talheres de prata, mas também um acompanhamento de música de câmara, e imaginei que todos estavam começando a se dirigir para as tendas. Eu me levantei, lancei um último olhar para o meu passado e fui até a porta.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Desci a escada e estava no meio do vestibulo, a uns cinco metros da porta da frente e da liberdade, quando a ouvi:

— Scott...? Scott Murdoch? É você?

A voz me era familiar, mas não conseguia associá-la a um rosto. Continuei andando — mais alguns passos e eu estaria a salvo, misturado à multidão que se aproximava da saída. Quatro passos agora. Três...

A mão da pessoa agarrou meu cotovelo e me deteve.

— Scott... você não me escutou?

Eu me virei e a reconheci. Ela usava a medalha roxa de membro do comitê, e percebi que eu deveria ter imaginado que estaria ali: ela sempre tinha adorado jardinagem. Era a única coisa que ela e Grace tinham em comum e a principal razão para a amizade entre elas.

— Ah, olá, Sra. Corcoran — falei, tentando sorrir.

Era a mãe de Dexter, o cretino que jogava comigo na equipe de squash da Caulfield, e eu tive de aturar incontáveis eventos de formação de time na casa dela.

— Não posso acreditar que é você. O que faz aqui? — perguntou.

— Você sabe, apenas dando uma olhada... em nome dos velhos tempos — respondi.

Os olhos dela voltaram-se para o meu casaco e não encontraram o crachá que me teria dado acesso ao interior da casa. Dava para ver que ela estava louca para perguntar como eu passara pela segurança, mas decidira deixar aquilo de lado.

— Me acompanhe até o almoço — disse ela, de braços dados comigo. — Conversaremos sobre as novidades e então vou apresentá-lo ao proprietário. Um homem encantador. — Sua voz baixou em tom conspiratório. — Ele sabe tudo sobre mercados.

Mas não me movi e disse com firmeza:

— Não, eu já estava de saída, Sra. Corcoran. Já vi tudo que queria ver.

Ela me olhou, e acho que, naquele instante, percebeu que a visita tivera um significado importante para mim.

Ela sorriu.

— Você está certo. Como sou boba. Esqueça o proprietário. Para ser honesta, é um homem

terrível. A esposa é ainda pior: acha que é decoradora.

A risada dela sempre fora estridente, como um vidro se quebrando, e não mudara desde então.

Ela deu um passo para trás e me olhou de cima a baixo.

— Você me parece bem, Scott. Os anos têm sido bons com você.

— Você também — falei, balançando a cabeça, falsamente maravilhado. — Não mudou quase nada.

Eu não podia acreditar que estava dizendo aquilo, mas ela balançou a cabeça alegremente. A lisonja e a falsidade faziam parte do ar que ela respirava.

Continuamos a olhar um para o outro por um momento constrangedor, nenhum de nós sabendo o que dizer em seguida.

— Como está Dexter? — perguntei, só para superar o obstáculo.

Um vislumbre de confusão tomou conta do rosto da mulher.

— Que estranho. Grace me disse que escreveu para você contando o que aconteceu.

Eu não fazia ideia do que ela estava falando.

— Não tive contato nenhum com Grace durante anos. Escreveu sobre o quê?

— Assim era a Grace — disse ela, tentando sorrir. — Não se interessava por nada, a não ser por si mesma. Dexter morreu, Scott.

Por um instante, não assimilei a informação. Ele era um cara forte — sempre debochando dos outros —, mas mesmo assim, morto? Aquilo era um tanto radical. Como eu era um estranho que nunca falava com ninguém e ele era odiado por todos, o restante da equipe de squash fazia questão que ficássemos juntos e, mais do que ninguém, eu tive de suportar as suas raquetadas e provocações.

A mãe dele estava olhando para o meu rosto, e fiquei grato por não ter de fingir: eu estava chocado com toda sinceridade. Ela mesma lutava para evitar as lágrimas — o que não era fácil, considerando a quantidade de pele que os cirurgões plásticos lhe tiraram ao longo dos anos.

— Pedi que Grace lhe contasse porque sabia que vocês eram muito próximos — disse ela. — Ele me contou quantas vezes você o procurou em busca de conselhos, e não só na quadra.

Corcoran disse isso? Eu teria preferido pedir conselhos para Bart Simpson. Meu Deus.

— Podemos ser honestos agora, Scott. Você não conseguia fazer parte do grupo, não é mesmo? Dexter me disse que era por isso que ele sempre se oferecia para ser o seu parceiro. Ele não queria que você se sentisse excluído. Meu filho sempre foi muito atencioso.

Balancei a cabeça e disse:

— Essa foi uma parte de Dexter que muita gente não conheceu.

Ora, o que mais eu poderia dizer? Dexter era o único filho dela, pelo amor de Deus.

— O que aconteceu?

— Ele se afogou. Estava sozinho na casa de praia e saiu para nadar uma noite.

Eu conhecia aquela praia. Era perigosa mesmo à luz do dia. Ninguém em seu juízo perfeito nadaria ali no escuro. Fragmentos de coisas que ouvira dizer voltaram à minha mente: ele fora reprovado na faculdade de direito, histórias terríveis sobre alcoolismo, o tempo gasto em uma clínica de reabilitação em Utah.

— É claro que houve boatos maldosos — disse a mãe. — Você sabe como são as pessoas. Mas o legista e a polícia confirmaram que foi um acidente.

Lembrei-me de que o avô de Dexter fora um proeminente juiz da Suprema Corte e percebi que alguém dera um jeito naquilo. Se havia algum bilhete na casa, este deve ter sido entregue em segredo aos pais e eles o destruíram.

Eu já tive experiências de morte demais para alguém da minha idade, mas aquilo não entrava na minha cabeça. Sempre pensei que seria eu, e não Corcoran — aquele filho da puta idiota — o primeiro da turma a ir embora deste mundo, e isso deve ter feito meu rosto perder a cor.

— Você está pálido — disse a Sra. Corcoran, tocando meu braço para me confortar. — Eu não deveria ter dito isso de forma tão direta. Mas, Scott, eu não conheço nenhuma maneira certa de...

Ela estava engolindo em seco e pensei que começaria a chorar, mas, felizmente, não o fez. Em vez disso, obrigou-se a se alegrar um pouco.

— E quanto a você? Ainda trabalhando com arte?

O sofrimento não a perturbara. Esta fora a lenda que eu criara para os amigos e para a família quando comecei a trabalhar na Divisão. Ninguém tinha permissão legal para saber sobre a existência da agência, então passei meses elaborando meu disfarce antes de o diretor enfim aprová-lo.

Em certo almoço de domingo, após chegar a Avalon sem avisar que viria, disse para Grace e Bill que estava farto da Rand, farto da pesquisa, farto da própria psicologia. Falei que a melhor coisa que eles tinham me legado era o interesse pela arte e, por causa disso, estava deixando a Rand para começar um negócio com pinturas europeias do início do século XX, e, para isso, teria que me estabelecer em Berlim.

Aquela era uma boa lenda. Permitia que eu viajasse para qualquer lugar na Europa para cumprir as funções do meu trabalho verdadeiro e, ao mesmo tempo, fornecia um motivo para eu perder contato com antigos conhecidos até ser esquecido. E, obviamente, era algo verossímil. Lá estava eu, tantos anos depois, ouvindo uma mulher que fora amiga de Bill e Grace me perguntando sobre o mercado de arte. Sorri.

— Sim, ainda perseguindo telas, Sra. Corcoran. Ainda correndo atrás do meu sustento.

Ela olhou para o meu suéter de casimira, para meus sapatos caros, e percebi o meu erro. Por respeito à memória de Bill, eu me vestira de acordo.

— Não me parece que precise correr muito — disse ela, estreitando os olhos.

Eu não queria que ela pensasse que minha empresa fictícia era bem-sucedida. De outro modo, as pessoas poderiam começar a se perguntar por que nunca tinham ouvido falar a respeito dela, de modo que assumi a atitude quase revolucionária de dizer a verdade.

— Tive sorte — falei. — Talvez você tenha ouvido que Grace me deixou algum dinheiro.

Ela fez uma pausa.

— Eu pensava que ela jamais faria isso — murmurou.

— Sim, ela podia parecer muito distante. Mas, no fundo, acho que devia sentir alguma coisa — respondi.

— Obrigação, se quer saber o que eu acho — disse ela, de maneira áspera. — Eles estão mortos agora, de modo que acho que não importa mais. Grace nunca o quis, Scott, nem mesmo no início.

Apesar das dificuldades que tive com a minha mãe adotiva, nunca esperava ouvir aquilo de forma tão direta. Eu me perguntei se a Sra. Corcoran estava exagerando, e uma expressão de dúvida deve ter passado pelo meu rosto.

— Não olhe para mim. Eu a ouvi dizer isso uma semana depois que você chegou de Detroit. Estávamos tomando café lá fora. — Ela apontou para o gramado com vista para o lago. — Bill, Grace e eu estávamos olhando para você. A babá o levava até à beira d'água, acho que para ver os cisnes.

Mesmo sendo tão jovem, lembro-me dessa imagem. Eu nunca tinha visto cisnes antes e achei que eram as coisas mais lindas do mundo.

— Bill não tirava os olhos de você — prosseguiu a Sra. Corcoran. — Para ser honesta, nunca vi um homem tão arrebatado com uma criança. Grace também notou isso. Ela ficou olhando para ele e, em seguida, muito calmamente, disse: Mudei de ideia, Bill. Uma criança não se encaixa na nossa vida.

“Ele se voltou para ela e falou: Você está errada. É exatamente do que precisamos. *Mais* crianças. Dar a este maldito lugar um pouco de vida.

“Ele disse isso com firmeza, mas Grace não voltou atrás, determinada a ter as coisas do jeito dela — aparentemente, eles tinham apenas alguns dias para informar à agência se ficariam ou não com você.

A Sra. Corcoran parou para ver a minha reação. O que ela esperava? Existe alguém que não quer pensar que seus pais o amavam?

— Sim, Grace era uma consumidora experiente — falei. — Tudo para ela funcionava na base do comprar e devolver.

A velha sorriu.

— É por isso que sempre gostei de você, Scott. Você nunca deixa que nada o magoe.

Apenas assenti.

— De qualquer modo, a discussão entre eles tornou-se cada vez mais amarga, até que finalmente Grace perdeu a paciência. Você sabe qual é o seu problema, Bill?, disse ela. Você é um porteiro: vê uma pessoa carregando bagagem e sempre se oferece para ajudar.

“Então, ela disse que você iria embora na manhã seguinte, e voltou para a casa para ver se estava tudo certo com o almoço. Ninguém tornou a vê-la pelo resto do dia. Bill ficou sentado em silêncio por um longo tempo com os olhos ainda fixos em você e disse: Scott vai ficar em Avalon até ir para a faculdade. Ou mais tempo, se quiser. Ele vai ficar, porque é o porteiro quem está dizendo isso. E Grace vai ter de aceitar.

“Eu não sabia o que dizer. Nunca tinha visto aquele lado determinado de Bill. E não sei se alguém mais viu. Então ele se voltou para mim e falou a coisa mais estranha que já ouvi dele.

“Você provavelmente sabe que Bill não era um homem religioso. Nunca o ouvi falar sobre Deus, nem mesmo uma única vez. Mas ele disse que todas as noites se sentava ao lado da cama enquanto você dormia. Eu acho que Scott foi enviado para nós, disse ele. Sinto como se eu tivesse sido escolhido para cuidar dele. Não sei por que penso assim, mas creio que ele vai fazer algo muito importante algum dia, falou.

Tantos anos depois, de pé na antiga casa, a Sra. Corcoran sorriu para mim.

— Será que Bill estava certo, Scott? Você fez alguma coisa muito importante?

Sorri de volta e balancei a cabeça.

— Não, a menos que você ache que encontrar algumas telas perdidas é algo importante. Mas Bill era um homem bom, e foi gentileza da parte dele pensar assim.

Lá fora, no gramado, ouvimos alguém chamar o nome da Sra. Corcoran. Provavelmente ela teria de fazer um discurso. A velha deu um tapinha no meu braço e começou a se encaminhar para fora.

— Bem, quem sabe? — disse ela. — Você não é velho, ainda há tempo, certo? Adeus, Scott.

Mas não havia. Tempo, quero dizer. Eu ainda estava na casa dos trinta anos, mas a minha corrida terminara. Apenas um tolo poderia pensar de outra forma. Por isso, digam olá para o tolo. Tenho dito isso para mim mesmo sempre que penso naqueles dias.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Recém-chegado no Afeganistão, o Sarraceno viajava rápido, atravessando vales pouco povoados, avançando sempre na direção leste. Fazia quase quinze anos desde que ele servira no país como um *muj* adolescente, mas todos os dias o Sarraceno via evidências da antiga guerra contra os soviéticos: plataformas de armas abandonadas, uma peça de artilharia enferrujada, a cabana de um pastor de cabras bombardeada e esquecida.

Rios e riachos corriam ao longo dos vales, e estes lhe forneceram segurança. A faixa fértil às margens dos cursos d'água tinham apenas um tipo de plantação — maconha —, e as plantas altas e pesadas de tanta umidade forneciam uma boa cobertura contra os termógrafos dos Estados Unidos.

Finalmente, no entanto, ele precisou abandonar os vales e subir as montanhas proibidas da cordilheira Hindu Kush. Nas florestas íngremes, seguiu trilhas de madeireiros, torcendo para que os drones de vigilância vissem os seus cavalos de carga e o confundissem com mais um madeireiro ilegal. Contudo, acima da linha das árvores, cada fôlego um ato trabalhoso por causa da altitude, não havia cobertura alguma, então ele teve de acelerar o passo.

Num fim de tarde, ao longe, pensou ter visto a montanha onde derrubara seu primeiro helicóptero Hind, mas aquilo acontecera havia muito tempo e ele não poderia ter certeza. Subindo ainda mais, atravessou um cume estreito e passou por cápsulas de obus e plataformas de foguetes muito mais recentes.

Desde que ele estivera no país como um *muj*, os afegãos conheceram pouca coisa além da guerra: os russos foram substituídos pelos caudilhos; os talibãs do mulá Omar derrotaram os caudilhos; caçando Osama bin Laden, os Estados Unidos destruíram o Talibã; os caudilhos voltaram; e agora a Casa Branca e uma coalizão de aliados estavam lutando para evitar o ressurgimento do Talibã.

A munição indicava que ele devia estar próximo à província de Kunar — chamada pelos americanos de “inimigo central” — e, naquela noite, ele ouviu helicópteros Apache rugindo em um vale mais abaixo, seguidos por um helicóptero AC-130 que, segundo diziam, disparava balas do tamanho de garrafas de Coca-Cola.

Nos dias que se seguiram, ele foi parado inúmeras vezes — principalmente por soldados

americanos ou patrulhas da OTAN, porém duas vezes por homens violentos que se apresentaram como membros da Coalizão Antimilícia, mas que ele sabia serem talibãs com um turbante diferente. O Sarraceno lhes dizia sempre a mesma coisa: que era um devotado médico libanês que levantara dinheiro com mesquitas e indivíduos em sua terra natal para uma missão médica de caridade. Seu objetivo era levar auxílio aos muçulmanos em áreas remotas onde, devido às guerras contínuas que destruíam a infraestrutura do país, não havia nenhuma clínica e os médicos haviam fugido.

Ele disse que enviara os suprimentos de que precisava por barco de Beirute até Karachi, que voara para se juntar a eles, comprara um caminhão, atravessara o Paquistão até o Afeganistão e, no Shaddle Bazaar — o maior mercado de ópio do mundo —, trocara o caminhão por pôneis. Tudo aquilo era verdade, e ele tinha até mesmo uma câmera digital barata com a qual tirava fotos de si mesmo tratando de doentes e vacinando crianças em uma dúzia de aldeias arruinadas.

Isso — combinado com o fato de, a cada vez que sua caravana era revistada, encontrarem uma ampla gama de suprimentos médicos — dissipou os temores de ambos os lados. Os únicos itens que ele carregava que suscitavam perguntas eram um painel de vidro grosso reforçado e vários sacos de cal. O Sarraceno dizia a todos que perguntavam que o vidro era usado como uma plataforma facilmente esterilizável sobre a qual podia misturar prescrições. Mas e a cal? De que outra forma ele seria capaz de destruir as ataduras e os curativos que usava para tratar de tudo, da gangrena ao sarampo?

Ninguém nunca se preocupou em revistar mais profundamente o pequeno alforje em que ele guardava suas roupas e sandálias sobressalentes. No fundo, havia um “capacete” dobrável com uma placa de plástico transparente à frente, uma caixa de máscaras descartáveis R-700D, um traje preto contra contaminação biológica, botas de borracha, luvas com fibra de Kevlar e rolos de fita especial para selar cada junta do capacete até as botas. Se o equipamento fosse encontrado, o Sarraceno diria que a contaminação por antraz ocorre naturalmente entre animais com cascos — incluindo cabras e camelos — e que ele não tinha a menor intenção de morrer por causa do trabalho. Como prova, mostraria os frascos de antibiótico que carregava, roubados do hospital em que trabalhara no Líbano, que era a droga padrão para tratar a doença. Mas os homens com quem ele se encontrava eram soldados — fossem guerrilheiros ou não — que estavam à procura de armas ou explosivos, e ninguém perguntou.

Ele só mentia descaradamente quando lhe perguntavam para onde estava indo. Então ele dava de ombros, apontava para os seus pertences e dizia que nem mesmo tinha um mapa.

— Vou para onde Deus me levar.

Mas ele tinha um mapa. Estava dentro da sua cabeça, e ele sabia exatamente para onde

estava indo.

Em três ocasiões diferentes, após revistá-lo, as tropas da OTAN o ajudaram a recolocar os suprimentos nos pôneis. A parte mais difícil era erguer e fixar as baterias de caminhão nos quatro animais da retaguarda. As baterias eram usadas para alimentar pequenas caixas térmicas, e os soldados sorriam com a engenhosidade do médico. Lá dentro havia prateleiras de pequenos frascos de vidro que ajudariam inúmeras crianças: vacinas contra a poliomielite, difteria e coqueluche. Escondidos entre eles, indistinguíveis, exceto por um zero a mais adicionado ao número do lote, havia dois frascos que continham algo muito diferente.

Naquela época, deveriam existir apenas dois tipos de vírus de varíola no planeta. Mantidos para fins de pesquisa, um estava em um freezer praticamente impenetrável no Centro de Controle de Doenças de Atlanta e o outro, em uma instalação russa chamada Vector, localizada na Sibéria. Havia, no entanto, um terceiro tipo. Desconhecido por qualquer outra pessoa no mundo além do Sarraceno, estava nos dois frascos de vidro na traseira do seu magro cavalo de carga na cordilheira Hindu Kush.

Ele não o roubara, não o comprara de algum cientista russo descontente, não o recebera de um Estado falido, como a Coreia do Norte, que estivesse desenvolvendo a própria pesquisa ilegal. Não, a coisa mais notável era que o próprio Sarraceno o sintetizara.

Na sua própria garagem.

CAPÍTULO TRINTA

Ele nunca poderia ter feito aquilo sem a internet. À medida que a busca por ele se tornou cada vez mais desesperada, finalmente descobri que, vários anos após ter se formado em medicina, o Sarraceno tinha conseguido um emprego em El-Mina, uma antiga cidade no norte do Líbano.

Ele trabalhava no turno da noite na emergência do hospital local — trabalho duro e extenuante em uma instalação mal-equipada e com escassez de pessoal. Apesar da fadiga constante, ele usou cada momento livre para prosseguir em segredo com aquilo que considerava o trabalho da sua vida — o *jihad* contra o inimigo distante.

Enquanto outros soldados de Alá estavam perdendo tempo em acampamentos escondidos no Paquistão ou fantasiando sobre a obtenção de um visto para os Estados Unidos, ele lia tudo o que podia encontrar sobre armas de destruição em massa. E apenas a internet dera a um médico em um hospital velho em uma cidade que ninguém ouvira falar acesso ilimitado às últimas pesquisas sobre cada grande assassino biológico existente no mundo.

Em uma dessas consequências imprevisíveis, embora mortais — o que a CIA chamaria de tiro pela culatra —, a rede mundial de computadores abriu uma caixa de Pandora de terríveis possibilidades.

O Sarraceno não fora criado como as crianças ocidentais, não sabia muito sobre computadores, mas entendia o suficiente: usando uma boa conexão proxy, ele conseguiu realizar a sua busca incansável em completo anonimato.

Durante meses, ajudado pelo seu conhecimento de medicina e biologia, concentrou-se no que considerava os mais factíveis candidatos à guerra biológica: ricina, antraz, peste pneumônica, sarin, tabun e soman — todos capazes de provocar morte generalizada e um pânico ainda maior. Mas todos tinham enormes deficiências — muitos não eram infecciosos ou eram mais eficazes quando usados em bombardeios aéreos.

Frustrado com a falta de progresso, lutando contra as ondas de desespero, ele estava no meio das suas pesquisas com o antraz — ao menos aquela bactéria era acessível, pois era corrente no Oriente Médio, inclusive no Líbano; porém, ainda teria de ser transformada em arma — quando leu algo que mudou a própria natureza do mundo em que vivemos.

Ninguém nunca tinha prestado muita atenção naquilo.

Na versão on-line do *Annals of Virology* — uma publicação mensal que não é exatamente um best-seller — havia o relato de um experimento realizado em um laboratório em Nova York. De forma inédita na história, uma forma de vida fora inteiramente construída a partir de produtos químicos comprados por algumas centenas de dólares. Já era o final da tarde e, pela primeira vez, o Sarraceno se esqueceu de se ajoelhar para o *maghrib*, a oração do pôr do sol. Cada vez mais maravilhado, ele leu que os cientistas tinham recriado com sucesso o vírus da poliomielite a partir do zero.

De acordo com a matéria, o objetivo dos pesquisadores era mostrar ao governo dos Estados Unidos que grupos terroristas poderiam produzir armas biológicas sem nem mesmo terem acesso ao vírus natural. Boa ideia — havia ao menos um terrorista que nunca tinha pensado naquilo até ler a tal pesquisa. Ainda mais alarmante — ou talvez não, dependendo de seu grau de cinismo — era o nome da organização que financiara o programa com uma doação de trezentos mil dólares: o Pentágono.

Contudo, o Sarraceno estava certo de que uma descoberta tão surpreendente nada tinha a ver com o Departamento de Defesa ou com cientistas em Nova York — esses eram apenas os instrumentos. Aquilo era obra de Deus: alguém sintetizara um vírus e abrira a porta para ele. Do outro lado estava o Santo Graal de todas as armas de terrorismo biológico, um agente descontroladamente infeccioso transmitido pelo simples ato de respirar, o assassino mais poderoso na história do planeta: a varíola.

Nas semanas que se seguiram, o Sarraceno descobriu que, usando o genoma — o mapa genético — da pólio, disponível publicamente, os pesquisadores haviam comprado o que são chamados de “pares de bases do ácido nucleico” de uma das muitas empresas que vendem o material para a indústria de biotecnologia. Esses pares de bases custam o extravagante preço de dez centavos de dólar cada, e, de acordo com uma conta em um fórum de discussão na internet para fanáticos por biologia, foram encomendados por e-mail. Uma vez que o sistema de vendas on-line da empresa era cem por cento automatizado, o relato no fórum disse que não houve nenhuma verificação de nome e ninguém perguntou por que o material estava sendo comprado.

Após o laboratório de Nova York adquirir os microscópicos blocos de construção, os cientistas passaram um ano organizando-os na ordem correta e depois — em um processo trabalhoso, embora conhecido pelo público — unindo-os. Sendo um médico e possuindo uma dúzia de manuais de biologia molecular em mãos, o Sarraceno logo compreendeu o suficiente do processo para supor que o que havia sido feito em um laboratório de Nova York poderia ser replicado em uma garagem em El-Mina — se ele apenas pudesse localizar uma coisa.

O Sarraceno tinha lido sobre aquilo em algum lugar, e começou a procurar. Depois de duas horas on-line, encontrou o que buscava: o genoma da varíola. Outrora um dos segredos mais

bem-guardados do mundo, o mapa químico e genético completo do vírus fora vítima da explosão de conhecimento sobre biologia e da disseminação mundial de complexos trabalhos científicos na internet. Não havia mais controle, e informações potencialmente letais vazavam o tempo todo. Embora o Sarraceno tivesse levado duas horas para localizar o genoma, ele teria encontrado aquilo em uma dúzia de sites de biologia ou de pesquisa em menos da metade do tempo, caso tivesse mais experiência em pesquisar na internet. Sei disso porque foi assim que eu mesmo fiz.

Graças à matéria no *Annals of Virology*, o Sarraceno sabia que a pólio tinha sete mil setecentos e quarenta e um pares de bases, ou letras, no seu genoma. Agora, ele via que a varíola tinha cento e oitenta e cinco mil quinhentos e setenta e oito letras, aumentando em muito a dificuldade de recriá-la, mas ele estava surfando em uma onda de descoberta e de otimismo, e não deixaria que algo tão pequeno quanto cento e setenta e oito mil letras a mais o detivesse.

Ele rapidamente decidiu que seu primeiro objetivo seria proteger a si mesmo: a varíola é um patógeno impiedoso, e era quase certo que, em algum momento no complicado e instável processo de tentar sintetizá-la, ele cometeria algum erro. Muitos erros, na verdade, e ele só se daria conta da exposição quando a febre atacasse e, pouco depois, aparecessem bolhas cheias de líquido em sua pele. À essa altura, tudo estaria acabado: a cura para a doença nunca foi descoberta.

Ele tinha de localizar uma vacina, e foi a busca desse objetivo que o fez tirar seis semanas de férias. Em vez de ir a Beirute e voar para o Cairo a fim de visitar amigos, como dissera que faria para o diretor médico do hospital, ele embarcara cedo pela manhã em um ônibus para Damasco. Naquela cidade, matou Tlass, roubou a vacina, utilizou a agulha de duas pontas em si mesmo e cruzou a fronteira de volta para o Líbano.

Ele passou cinco dias trancado em um quarto de hotel, lutando contra a terrível febre que acompanhara a enorme dose de vacina que inoculara em si mesmo. Quando a febre passou e a reveladora cicatriz se formou no seu braço, ele voltou para El-Mina. Embora aparentemente nada tivesse mudado, sua vida entrara em uma fase nova: ele estava pronto para começar sua histórica jornada.

CAPÍTULO TRINTA E UM

A primeira coisa que ele fez foi selar a garagem sob seu pequeno apartamento e transformá-la em um laboratório de biocontenção improvisado.

Ele tinha uma grande vantagem na realização deste trabalho: havia um bom exemplo à vista. Embora tudo mais no hospital de El-Mina estivesse de fato caindo aos pedaços, o lugar tinha uma ala de isolamento de duas camas com um laboratório anexado. Uma vez que o antraz era endêmico na região, o hospital tinha tirado proveito de um programa da Organização Mundial da Saúde para ajudar as nações em desenvolvimento a combaterem a doença. Esquecendo que o hospital não possuía alguns dos equipamentos mais básicos necessários para salvar vidas, a organização de Genebra doara uma pequena fortuna para construir ali uma instalação de primeira classe.

Até onde o Sarraceno sabia, o lugar só tinha sido usado uma vez em dez anos e acabara se tornando um depósito temporário. Contudo, era um excelente modelo para seu próprio laboratório e também acabou fornecendo metade do equipamento prático de que precisava: incubadoras, um microscópio, pratos de cultura, pipetas, caixas de esterilização e diversos outros itens cuja ausência nunca foi notada.

Na semana seguinte, usando um computador e uma conexão com a internet que instalara em seu laboratório, o Sarraceno elaborou uma lista de sessenta empresas de biotecnologia do mundo inteiro que forneciam material de DNA com menos de setenta letras sem verificação de nome ou de qualquer outra informação.

Muito tempo depois, ao saber disso, não acreditei no que ouvira. Para meu desespero, entrei na internet e fiz o mesmo por conta própria.

Mas antes de o Sarraceno encomendar o DNA, ele tinha de localizar dois equipamentos cruciais: sintetizadores de genes — máquinas do tamanho de uma impressora decente. Levou uma hora. O progresso vertiginoso da indústria de biotecnologia significava que o mercado estava inundado de equipamentos que já não eram os mais rápidos ou os melhores, todos disponíveis a preços bastante reduzidos.

Ele encontrou dois sintetizadores em excelente estado de conservação, um no eBay, outro no Usedlabequipment.com. Os dois juntos custavam menos de cinco mil dólares, e o Sarraceno

agradeceu o fato de os médicos serem bem-pagos e ele sempre ter vivido uma vida simples. Ele poderia pagá-los com as suas economias e, o que era ainda mais importante, os vendedores também não tinham interesse em saber quem era o comprador — tudo que queriam era um número de cartão de crédito válido. Uma transferência anônima de dinheiro por meio da Western Union também servia.

Ele começou a trabalhar no dia em que a segunda máquina chegou e, naquela noite, navegando na internet para aumentar sua já vasta biblioteca sobre vírus e biologia, topou com a mais recente edição on-line do prestigioso periódico *Science*. Uma de suas matérias principais era sobre um pesquisador que acabara de sintetizar um organismo de trezentas mil letras. No curto espaço de tempo decorrido desde que ele decidira qual seria o seu curso de ação, cento e oitenta e cinco mil letras já haviam desaparecido na história. Esse era o ritmo em que a engenharia genética estava avançando.

Depois de terminar de ler a matéria, ele soube que a varíola estava ao seu alcance e que seu encontro com o destino estava confirmado. O Sarraceno rezou até a madrugada. Aquela era uma enorme responsabilidade, e ele pediu para Alá se certificar de que ele a usasse bem.

Seis meses depois, após ter colado e colado de novo, voltado atrás, pesquisado e reaprendido — utilizando não apenas o seu conhecimento como também a vasta gama de equipamentos baratos que se tornava rapidamente disponível —, ele completou a tarefa.

Esforçando-se ao máximo, uma molécula de cada vez, ele recriara a varíola. De acordo com todos os testes possíveis, o vírus era idêntico ao seu equivalente natural.

Nos milhares de anos que se passaram desde que o vírus fizera o salto de alguma outra forma de vida para os seres humanos, houve dois tipos diferentes de varíola — *Variola minor*, frequentemente chamada de alastrim, que pouquíssimas vezes era fatal, e sua irmã maior, a *Variola major*, doença que se mostrou devastadora para as populações humanas desde que começamos a nos reunir em grandes tribos. Foi esse vírus — com uma taxa de mortalidade de cerca de trinta por cento — que o Sarraceno sintetizou. Contudo, dentro da *Variola major* havia uma série de estirpes diferentes, algumas muito mais letais do que outras.

Sabendo disso, ele começou a refinar e a desafiar o vírus que produziu, um método bem conhecido de forçá-lo a sofrer sucessivas mutações, na tentativa de, no jargão de alguns microbiologistas, fritá-lo, tentando transformá-lo em um tipo mais forte daquilo que já era o vírus mais perigoso do planeta.

Após torná-lo tão letal quanto possível, ele começou a modificar sua estrutura genética. Essa era a parte mais simples, embora também a mais perigosa, de todo o processo. Era também a parte mais necessária...

Quando a forma natural da varíola foi erradicada do planeta, a Organização Mundial da

Saúde viu-se de posse de um enorme arsenal de doses da vacina. Após vários anos, quando todos se convenceram de que o vírus não voltaria a emergir, essa reserva de proteção foi destruída. Da mesma forma, embora muitas pessoas fossem rotineiramente vacinadas contra a doença — em especial as crianças do mundo ocidental —, o Sarraceno também sabia que a vacina começava a perder efeito após cinco anos e, como resultado disso, praticamente ninguém no mundo tinha qualquer imunidade.

Isso era ideal para os seus propósitos, exceto por um problema. Os Estados Unidos, alvo do seu ataque, tornara-se cada vez mais preocupado com um ataque de bioterrorismo e, após o 11 de Setembro, decidira produzir e armazenar mais de trezentos milhões de doses de vacina, uma para cada pessoa no país. Quando o Sarraceno leu sobre essa informação, entrou em desespero. No entanto, após passar uma noite inteira pesquisando sobre vacinação, ele descobriu que cerca de vinte por cento de uma população permaneceria desprotegida: a vacina não pegava em um número significativo de pessoas e não podia ser administrada em mulheres grávidas, recém-nascidos, idosos ou qualquer pessoa com o sistema imunológico deficiente.

Ainda assim, a existência do arsenal de vacinas o abalou e, pouco antes do amanhecer dessa longa noite, ele pensou em abandonar o plano e procurar outra arma. Contudo, mais uma vez, a explosão contínua do conhecimento científico — ou Alá — veio em seu auxílio.

Aprofundando a literatura, ele encontrou um relatório de pesquisa de um grupo de cientistas australianos. Trabalhando em uma instalação em Camberra, capital do país, os cientistas vinham tentando encontrar uma maneira de controlar o ciclo de reprodução dos ratos. Trabalhando com a ectromelia, uma doença intimamente ligada à varíola, eles enxertaram no vírus um gene do sistema imunológico conhecido como IL-4. E o que descobriram foi surpreendente: o vírus resistiu a qualquer vacina ministrada e matou todos os ratos.

A adição de um gene — apenas um gene — tornara o vírus imbatível.

Com esperança renovada, o Sarraceno começou a seguir uma obscura trilha de pesquisa. Em cantos pouco visitados da internet — muitas vezes seguindo nada além de pistas casuais mencionadas em fóruns científicos —, ele descobriu que diversos investigadores do mundo inteiro já haviam tentado reproduzir o resultado dos australianos com diferentes graus de sucesso.

Com a luz do dia inundando o mundo no exterior do seu casulo, ele acabou descobrindo um relatório recém-publicado por diversos agrônomos holandeses que trabalhavam com a varíola bovina e que decidiram enxertar um gene ligeiramente diferente no vírus. Eles não apenas foram bem-sucedidos em anular o efeito da vacina, como também conseguiram repetir o processo diversas vezes.

O Sarraceno sabia que o gene em questão estava prontamente disponível nas mesmas

empresas que lhe forneceram os pares de bases de ácido nucleico. Ele o encomendou na mesma hora, abriu o pequeno pacote dois dias depois e levou a ciência a navegar em águas desconhecidas.

O homem sabia que a dose maciça de vacina que inoculava em si mesmo não lhe daria proteção alguma caso fosse bem-sucedido na criação de um vírus da varíola que pudesse ser usado como arma: em suma, ele não teria imunidade. Por isso, roubou um traje biológico completo do hospital para se proteger contra a infecção e, em seguida, dirigiu pelo litoral. Ele viajou devagar ao longo da estrada litorânea até encontrar uma loja de mergulho. Ali, comprou quatro tanques de oxigênio e um regulador de ar, colocou-os na traseira do carro e voltou para o seu casulo.

Toda vez que trabalhava no vírus resistente à vacina, o Sarraceno levava vinte minutos para vestir o traje biológico roubado e instalar o aparelho de respiração especialmente modificado, mas o trabalho científico em si foi fácil. Em parte como resultado da experiência que adquirira, em parte porque o novo gene continha apenas três centenas de letras, ele acabou enxertando-o no vírus menos de um mês depois.

Era essa potencial catástrofe que estava armazenada nos dois frascos de vidro com um zero a mais, e havia uma razão simples para o Sarraceno tê-los levado para o Afeganistão: todo o seu notável trabalho teria sido em vão caso ele tivesse cometido um erro e o vírus não funcionasse. Ele sabia que a varíola ocorria apenas em seres humanos — nem mesmo os nossos parentes mais próximos, os chimpanzés e os macacos, eram infectáveis. Isso significava que a única maneira de se certificar de que aquele vírus era tão mortal quanto o original e descobrir se poderia deixar de funcionar com o uso da vacina era realizar um teste em seres humanos.

As remotas montanhas do Hindu Kush eram o local onde ele planejava encontrar os três espécimes necessários para sua experiência sinistra.

Deixando para trás a província de Kunar e as patrulhas americanas, ele encontrou um leito de rio seco que, devido à deterioração da infraestrutura do país, agora servia como estrada. O Sarraceno caminhou por dias a fio, respirando a poeira dos caminhões e dos onipresentes Toyota 4WDs que passavam ao largo, mas, enfim, em uma manhã incrivelmente calorosa, percebeu que estava perto do seu destino: à frente, silhuetas em destaque contra o céu, viu quatro homens a cavalo montando guarda e portando fuzis AK-47.

O Sarraceno avançou com a sua pequena caravana, dobrou uma curva do rio e viu, a alguma distância, uma cidade de barro e pedra que aparentemente pouco mudara desde a Idade Média. Na margem oposta, dominando uma passagem mais além nas montanhas, havia um grupo de edifícios bastante fortificados, erguidos em uma face do penhasco.

Outrora um forte inglês do século XIX, o local fora transformado em lar, fortaleza e sede do poder regional. O Sarraceno passou sob o que restava de uma ponte de estrada e atravessou uma pista de asfalto esburacada em direção aos edifícios. A meio caminho daquilo que antes fora uma estrada principal, caminhou entre um amontoado de pedras gigantescas e, ao emergir do outro lado, topou com dois cavaleiros.

Ambos patrulhavam a estrada, os fuzis casualmente apontados para o peito do viajante. O Sarraceno sabia que eles não pensariam duas vezes antes de puxar o gatilho.

— Quem é você? — perguntou o cavaleiro mais velho, que tinha finas inscrições de ouro na coroa da arma.

O Sarraceno começou a responder, mas parou, percebendo que o nome que estava usando, aquele que constava no passaporte dele, nada significaria. Em vez disso, apontou para a entrada do forte e disse:

— Passe uma mensagem para ele, por favor. Diga-lhe que o rapaz dos mísseis voltou.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Nos anos que se passaram desde seu último encontro, o senhor Abdul Mohammad Khan acabou ficando mais parecido com uma pintura medieval do que com um senhor da guerra. Sua pele tinha textura de couro trabalhado, e ele usava uma *chapin* — a longa túnica tradicional afegã — do mais fino tecido, um punhal de ouro como um símbolo da sua autoridade e botas de pelica bastante polidas. Infelizmente, o efeito total era arruinado por um Rolex de ouro tão grande quanto um micro-ondas.

Os anos não foram bons com ele — mas, afinal, os anos não são bons com ninguém no Afeganistão. No entanto, ele podia se gabar de ter conseguido algo que poucos dos seus contemporâneos conseguiram: ainda estava vivo. Com quase setenta anos agora, ele era o patriarca guerreiro do seu clã, e tantos os soldados quanto os visitantes se afastaram em verdadeira deferência quando ele mancou pelo complexo pavimentado com pedras. Todos se perguntaram quem seria o sujeito musculoso que chegara ao portão e que o Sr. Khan atendera com tanta presteza.

Alguns diziam que era um ex-companheiro, um herói *muj*, enquanto outros alegavam ser um médico que viera para tratar de alguma terrível doença do seu líder. Fossem quais fossem os antecedentes do recém-chegado, ele recebia uma honra negada a qualquer um deles: o grande Khan pousara o braço ao redor do ombro do sujeito e escoltara-o pessoalmente até sua ornamentada sala de audiências.

A sala fora o escritório do comandante britânico da fronteira noroeste e, como resultado disso, tinha um pé-direito alto, uma lareira importada da Inglaterra e uma plataforma elevada onde ficava a escrivaninha do comandante. Agora, tudo aquilo estava coberto com tapetes antigos que seriam mais adequados a um museu e almofadas de seda que haviam cruzado a fronteira, vindas de palácios do Irã e da China. Em um canto, um braseiro de ouro queimava incenso, a lareira possuía todos os apetrechos para o preparo do chá, mas, de todas as coisas exóticas e belas daquela sala, era a parede oposta à lareira que monopolizava a atenção de todos os visitantes.

Khan observou sob o capuz enquanto o Sarraceno olhava para os blocos de concreto maciço ali instalados. O visitante parou e observou o baixo-relevo dos membros se debatendo e rostos

desesperados dos dois homens que traíram o líder, para sempre capturados — cristalizados — no momento da morte. Por algum motivo, ele sempre imaginou que tais homens não passavam de rapazes, mas agora via que eram guerreiros formados — altos e muito bem armados —, e isso tornava o terror ainda mais poderoso.

O Sarraceno se aproximou. O tempo e a fumaça haviam coberto os blocos com uma pátina que brilhava como mel, e ele ficou surpreso com o quanto se assemelhavam a algo fundido em bronze. Lorde Khan foi até o lado dele.

— Gostou da minha escultura, não é? Você sabe os nomes deles?

O Sarraceno balançou a cabeça, negando. Mesmo tendo ouvido a história diversas vezes, nunca ouvira esta parte.

— Débi e Loide — disse o senhor da guerra, e caiu na gargalhada. — Foi assim que um cara da CIA os apelidou quando nos visitou há alguns anos. Agora é o nome que todos usam.

O Sarraceno estremeceu um pouco.

— A CIA vem sempre aqui?

— De vez em quando, ao longo dos anos — disse o Sr. Khan dando de ombros. — Sempre tentando comprar o meu apoio para seja lá qual facção estiverem apoiando naquele mês. — Ele caminhou em direção à lareira. — Nunca aceitei o dinheiro, mas, devo admitir, gosto do senso de humor deles.

Um homem idoso sentado de pernas cruzadas na escuridão, olhos embaçados pela catarata, levantou-se e estava a ponto de começar a preparar o chá para o seu mestre e para o hóspede quando o Sr. Khan o deteve e voltou-se para o Sarraceno, apontando para os criados e uma dúzia de guarda-costas espalhados pela sala.

— Você quer que eles saiam?

O Sarraceno assentiu — privacidade era exatamente o que ele precisava.

Khan sorriu.

— Foi o que pensei. Ninguém vem ao Afeganistão para fazer apenas uma visita.

Com a sala vazia, ele começou a jogar folhas em uma panela.

— Você se lembra da última vez que lhe servi chá?

— A guerra tinha acabado — respondeu o Sarraceno. — Estávamos levantando acampamento. Você e eu nos sentamos na cozinha, fumando cigarros.

O rosto do Sr. Khan relaxou. Aqueles foram bons tempos, repletos de camaradagem e coragem, e ele gostava de se lembrar deles.

— Eu estava voltando para casa, você, começando a trilhar uma estrada muito mais longa.

O Sarraceno não respondeu. Em vez disso, pegou duas xícaras delicadas de uma prateleira e colocou-as junto ao fogo para que ficassem aquecidas.

— Da última vez que chequei, a Casa de Saud ainda detinha os seus palácios e o seu poder — continuou tranquilamente o Sr. Khan.

— Mas por quanto tempo? — perguntou o Sarraceno, tranquilo da mesma maneira. — Talvez em breve vamos ver se eles conseguem sobreviver sem a ajuda do inimigo distante.

Os dois se entreolharam, e o Sr. Khan disse:

— Quando ouvi dizer que você era um médico itinerante, me perguntei se teria mudado, amadurecido com a idade... — A voz dele sumiu. — Então você ainda está fazendo o trabalho de Deus?

— Sempre. Preciso de três pessoas, Abdul Mohammad Khan. Três pessoas dispensáveis. Se puder ajudar, tenho certeza de que Deus o recompensará.

— O que quer dizer exatamente? Quão dispensáveis essas pessoas precisam ser?

O Sarraceno não respondeu. Simplesmente voltou-se e olhou para Débi e Loide.

— Ah — disse o Sr. Khan. — Dispensáveis assim.

Ele precisava de tempo para pensar, de modo que foi até uma varanda com vista para o complexo e começou a gritar ordens para os soldados reunidos lá embaixo. Fossem quais fossem os riscos, percebeu que tinha pouca escolha: o Sarraceno se dispusera a dar a vida por Khan e pelo seu povo, e essa era uma dívida que nunca poderia ser quitada. Ele voltou para terminar de fazer o chá.

— Qualquer preferência em relação aos prisioneiros? — perguntou Khan.

— Judeus seriam perfeitos — disse o Sarraceno.

O Sr. Khan riu da piada.

— Claro — respondeu ele. — Vou dar uma olhada na sinagoga aqui perto.

O Sarraceno sorriu de volta. Ambos sabiam que não existiam judeus no Afeganistão havia décadas, não desde que a última outrora florescente comunidade tinha sido forçada a fugir para salvar a própria pele.

— Falando com seriedade — prosseguiu o Sarraceno. — Têm de ser jovens e saudáveis. E não podem ser muçulmanos.

— Ou americanos — acrescentou o Sr. Khan. — Sequestre um só deles, e o mundo inteiro vai chorar.

O Sarraceno assentiu.

— Se não podem ser muçulmanos, então precisam ser estrangeiros. Acho que isso já será bastante problemático.

A proposta tinha uma grande chance de sucesso, pensou o Sr. Khan. O Afeganistão estava repleto de vítimas potenciais: agentes humanitários europeus, missionários cristãos, trabalhadores de reconstrução ingleses, jornalistas internacionais.

Embora ele não tenha dito nada, Kahn também conhecia homens que estavam no negócio de sequestro havia anos. Eram um grupo composto por uma dúzia de irmãos e primos que já tinham lutado sob o seu comando e agora viviam do outro lado da fronteira, no Irã. Mais importante, eles morreriam por Abdul Mohammad Khan caso ele o pedisse: afinal, ele salvara a vida da mãe deles.

— Um critério final — falou o Sarraceno. — Os prisioneiros não precisam ser homens.

Isso agradou o Sr. Khan. Mulheres eram muito mais fáceis. Eram mais difíceis de raptar; porém, mais fáceis de controlar e esconder: nenhum soldado estrangeiro ousaria olhar sob um véu e uma túnica negra.

— Você pode me dar três semanas? — perguntou Khan.

O Sarraceno não acreditou no que estava ouvindo. Esperaria três meses se fosse preciso. Sem confiar nas palavras para expressar sua gratidão, ele abraçou calorosamente o velho guerreiro.

Com o negócio fechado, o Sr. Khan puxou a corda de um sino e convocou a equipe de volta à sala. Ele não o disse em voz alta, mas quanto menos tempo passasse a sós com o médico, mais fácil seria alegar ignorância de qualquer conhecimento de eventos futuros.

— E quanto a você, meu amigo? — disse ele quando a porta se abriu e seus guardas entraram. — Você é abençoado com uma esposa?

O Sr. Khan estava iniciando uma conversa casual para despistar os criados, mas o vislumbre de dor que passou pelo rosto do visitante o fez ver que teria sido melhor não ter feito aquela pergunta.

— Fui abençoado — respondeu o Sarraceno com calma. — Imediatamente após me formar em medicina, fui para Gaza, até o campo de refugiados de Jabalia. Eu sabia que o povo dali passava por grandes necessidades.

Vários guardas e criados trocaram olhares. Gaza não era brincadeira — provavelmente, era o único lugar no mundo que fazia o Afeganistão parecer seguro.

— Ouvi a palestra de uma mulher enquanto eu estudava medicina em Beirute. Foi ela quem me apresentou a ideia do inimigo distante — prosseguiu o Sarraceno. — Ao voltar, encontrei-a outra vez. Dois anos depois, nós nos casamos e então...

Ele cerrou o punho e deu de ombros, o gesto simples expressando mais sobre a perda do que qualquer palavra.

— Como ela morreu? — perguntou o Sr. Khan. Ninguém na sala tirava os olhos do visitante.

— Um míssil israelense. Ela era passageira em um carro.

Houve um longo silêncio. Nenhum dos ouvintes tinha nada de novo a acrescentar. Tudo o

que sentiam a respeito dos israelenses fora dito havia muito tempo.

— Ela era o alvo? — perguntou o Sr. Khan, afinal.

— Disseram que não. Dano colateral. Mas você sabe como os sionistas são mentirosos.

Khan assentiu e, em seguida, disse com reverência:

— Que a paz esteja com ela. Qual era o nome da sua esposa? Rezarei por ela.

— A maioria das pessoas que a conheciam a chamavam de Amina Ebadi — disse o Sarraceno. — Minha esposa e mãe do meu único filho.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Naquela noite, o Sarraceno montou uma clínica improvisada na varanda da casa de hóspedes e, dois dias mais tarde, enquanto tratava uma criança com a perna quebrada, viu o Sr. Khan e seus guarda-costas saírem a cavalo.

Na fortaleza e na cidade, a história era a de que o senhor da guerra decidira visitar os túmulos distantes de seus cinco irmãos mais novos, todos mortos em diversos conflitos, mas, na verdade, ele cavalgava em direção à fronteira iraniana.

Três semanas depois, voltou, exausto e reclamando de uma dor aguda no braço esquerdo, o que era apenas um pretexto para que tirassem o médico visitante da cama. Sentaram-se sozinhos na casa de hóspedes, mais uma vez tomaram chá, e o Sarraceno ouviu com atenção o Sr. Khan lhe dizer que deveria estar pronto para partir imediatamente após as orações da alvorada.

Usando um mapa do Exército americano para traçar a rota, Khan disse que o Sarraceno teria difíceis seiscentos e cinquenta quilômetros de viagem pela frente. Evitando aldeias, seguindo antigas trilhas *muj* de abastecimento, ele viajaria sozinho cruzando alguns dos territórios mais remotos e hostis do planeta. A dois mil e quinhentos metros de altitude e, a meio caminho da encosta de uma montanha que nunca fora nomeada, apenas numerada, acharia um posto de observação soviético avançado que fora deixado em ruínas anos antes.

Lá, ele se encontraria com um grupo de homens e, na solidão dos cumes, longe de qualquer forma de civilização, suas orações seriam atendidas.

— Os prisioneiros já foram capturados? — perguntou o Sarraceno, o coração acelerado.

— Hoje à noite. Já foram observados e escolhidos. Dois homens e uma mulher. A mulher está grávida.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

O Sarraceno não viu os oito nativos que trouxeram a mercadoria. Era noite, e eles chegaram ao antigo posto de observação em silêncio, os cascos dos cavalos que montavam envoltos em panos para abafar o som.

O Sarraceno não foi o único que falhou em ver a estranha caravana — ao longo de toda a semana anterior à sua chegada, ninguém os viu também. Durante sete dias, aqueles homens acamparam pouco antes do amanhecer, dormiram durante o dia e viajaram durante a noite, tão rápido quanto seus cavalos podiam suportar.

Sei disso porque, muito tempo depois — após o fim dos eventos daquele verão sombrio —, uma equipe composta de membros das Forças Especiais e agentes da CIA atravessou em segredo a fronteira do Irã, invadiu a sua vila fortificada e os interrogou com o que costumam chamar de “extremo rigor”. Tenho certeza de que nenhum dos oito se recuperou integralmente.

É claro que esses nativos não ficaram na Montanha 792 tempo o bastante para testemunhar o que o Sarraceno fizera, mas, depois de ter visto todas as provas secretas e, como já me referi antes, sabendo mais sobre ele do que qualquer um na Terra, estou provavelmente em melhor posição de dizer o que aconteceu nas altas montanhas — uma área que, apesar dos constantes rituais de oração do Sarraceno, deve ter dado um significado novo ao termo “esquecido por Deus”.

Apesar de os nativos terem silenciado os cascos dos pôneis, o Sarraceno sabia que estavam ali. Ao chegar ao local quatro dias antes, ele montara acampamento no antigo barracão do posto de observação, profundamente encravado na rocha, e foi dentro dessa caverna que despertou, sobressaltado. Sua intuição de campo de batalha, ou talvez o movimento inquieto dos seus cavalos, lhe disse que não estava mais sozinho na montanha.

Deitado e imóvel, ele supôs que, ao escolher uma hora tão tardia em uma noite sem lua, os pôneis silenciados com cuidado, os sequestradores não queriam ser vistos nem mesmo por ele, então não fez nenhum movimento para ir saudá-los.

Após trinta minutos, pensou ter ouvido um estalar de rédeas, como se um cavalo estivesse sendo instado a trotar montanha abaixo, mas não tinha certeza. O Sarraceno esperou mais vinte minutos e, em seguida, saiu ao ar livre sobre a ampla plataforma rochosa.

A meio caminho montanha abaixo, ao pararem para dar água aos seus pôneis, os nativos olharam para trás e viram o brilho diminuto de uma lanterna de emergência. Isso foi tudo que viram da pessoa que, muito em breve, se tornaria o homem mais caçado do mundo.

Os sequestradores tinham deixado os três prisioneiros acorrentados a anéis de aço que outrora sustentavam um mastro de comunicação, e foi ali que o Sarraceno os encontrou — mãos e pés atados, amordaçados, a mulher metade envolta no manto negro usado para disfarçá-la durante a difícil jornada.

Satisfeito por estarem devidamente imobilizados, o Sarraceno se aproximou e ergueu o manto da mulher, a fim de examiná-la mais de perto. Por baixo do tecido, viu que sua camisa de algodão estava amarrotada e rasgada, e que sua calça jeans não tinha mais o botão da braguilha. Ele não conseguiu evitar pensar no que acontecera com ela durante a viagem: os bandidos que a raptaram podiam ser muçulmanos devotos, mas também eram homens.

A camisa esfarrapada mal cobria a barriga e, sendo um médico, o Sarraceno deduziu que ela estaria com cerca de quatro meses de gravidez. Um homem diferente — menos religioso e mais humano — podia se sentir comovido por isso. Mas não o Sarraceno: para ele, os prisioneiros não eram pessoas, eram um presente de Deus.

Ele se voltou e, pendurado na estrutura de aço que outrora apoiara um binóculo de campo soviético, encontrou um pacote deixado para ele, que continha não apenas as chaves para as algemas, como também os passaportes e as carteiras dos sequestrados.

Enquanto os prisioneiros amordaçados observavam, ele abriu os passaportes e descobriu que a mulher era italiana, vinte e oito anos, solteira, e que fazia trabalho humanitário pela World Vision. O Sarraceno supôs que fora capturada em uma de suas viagens de campo, provavelmente traída pelas próprias pessoas que tentava ajudar.

Ele foi até a última página do passaporte dela e olhou para a fotografia. Embora não desse para perceber, de tão suja que ela estava, viu que era uma mulher bonita: cabelo longo e escuro, sorriso fácil, olhos de um verde profundo. Aqueles olhos não deixavam o rosto do Sarraceno, tentando se comunicar, implorando, mas ele os ignorou e voltou a atenção para os homens.

O mais jovem era japonês. Com vinte e poucos anos, tinha o cabelo espetado e uma tatuagem de arame farpado ao redor de um antebraço musculoso. O Sarraceno conhecia o suficiente de cultura popular libanesa para saber que lá aquele sujeito seria considerado um cara *cool*, na moda. Não gostou dele de imediato. De acordo com os documentos, era um engenheiro de som autônomo. Diante dos perigos no Afeganistão e da voraz demanda dos canais de notícias vinte e quatro horas, ele provavelmente estava ganhando uma fortuna, o que explicaria os quatro mil dólares e os dois pequenos papелotes de cocaína escondidos no fundo

de sua carteira.

O sujeito algemado ao seu lado — o mais calmo e o mais velho de todos — era um engenheiro holandês. Seu passaporte dizia que tinha quarenta e seis anos, e as fotos em sua carteira revelavam que ele era pai de três filhos adolescentes. Os vistos indicavam que estivera em lugares muito perigosos — Nigéria, Iraque, Bósnia, Kuwait — e que sobrevivera a todos eles. Não desta vez, *Insha'Allah*, pensou o Sarraceno.

Ele voltou a encarar os prisioneiros. Embora seu rosto não demonstrasse, ele estava encantado: os três eram fisicamente fortes, e seu olhar de médico lhe dizia que todos gozavam de boa saúde. Se o vírus caseiro os matasse, poderia matar qualquer pessoa.

Havia outra boa notícia: considerada a situação em que estavam, pareciam relativamente calmos, e ele imaginou que os nativos tinham lhes dito que eram apenas uma mercadoria em uma transação financeira. Afora a produção de ópio e maconha, o sequestro havia se tornado a única indústria em crescimento no Afeganistão. Os bandidos teriam dito às vítimas que, caso se comportassem e os seus empregadores soubessem exatamente como jogar aquele jogo, nenhum mal lhes aconteceria. Duas semanas de dificuldades e, então, estariam de volta a seus prédios com ar-condicionado, seus empregadores ficariam algumas centenas de milhares de dólares mais pobres e algumas aldeias que não tinham água corrente ou meios de sustento teriam capital suficiente para sobreviverem mais dez anos.

O Sarraceno tirou as mordanças de todos e entregou-lhes três garrafas de água. Mal acabaram de beber, começaram a tentar se comunicar. Uma vez que o inglês era a única língua que os três prisioneiros tinham em comum, primeiro tentaram se expressar nesse idioma. O Sarraceno deu de ombros, fingindo não ter ideia do que estavam dizendo. Sem nenhum sucesso, a mulher arriscou um pouco de urdu, a língua nacional do Paquistão, que aprendera enquanto trabalhara por lá. Depois tentaram o dari, a mais comum das línguas afegãs, mas a pronúncia dos três prisioneiros era tão ruim e seu vocabulário tão limitado que não faziam ideia do que diriam em seguida caso ele respondesse.

Em vez disso, o Sarraceno dirigiu-se a eles em árabe, falando de maneira rápida, e agora era a vez de os prisioneiros parecerem confusos. Aparentemente sem esperança de se comunicarem, o Sarraceno deu-lhes as costas e entrou no barracão. Quando saiu dali com os cavalos, os três prisioneiros estavam cochichando entre si em inglês, e o que diziam confirmava o que o Sarraceno adivinhara: eles estavam certos de que foram raptados para serem trocados por um resgate. O japonês *hipster* chegou a sugerir que tentassem arrastar as correntes, para terem mais chance de serem detectados pelos aviões AWAC, ou seja lá quais meios estivessem sendo utilizados para encontrá-los.

O engenheiro holandês vinha observando o Sarraceno e não estava convencido de que

aquele homem era apenas um simples guarda. Havia algo em sua economia de movimentos, em sua energia contida, que fez o holandês achar que não seria sensato brincar com ele. Ele vira atitude semelhante nos guerrilheiros veteranos em Kosovo, os homens mais inflexíveis que já conhecera.

— Acho que devemos deixar os negociadores cuidarem de tudo — aconselhou. — Temos um ditado na Holanda: “Se a merda está até o pescoço, seja lá o que você faça, não provoque nenhuma marola.”

Antes que pudessem se estender no assunto, o Sarraceno gritou para eles. Embora não entendessem as palavras, compreenderam com clareza o gesto de fechar um zíper que ele fez sobre os próprios lábios: ele queria silêncio, e, quando tirou o tapete de oração do seu alforje, os prisioneiros entenderam por quê. O sol nascia, e era hora da primeira oração do dia.

Assim que terminou, o Sarraceno pegou o AK-47, destravou-o, regulou-o em modo totalmente automático e soltou as correntes das pernas dos prisioneiros. Um a um, mãos ainda algemadas, ele os jogou sobre o dorso dos cavalos, empurrando com força o braço do japonês — ferido durante a captura — e tratando-o com especial brutalidade. Ninguém arrastaria correntes naquela viagem.

O primeiro dia foi o mais fácil. Porém, ao cair da noite, os três prisioneiros estavam exaustos e moídos pela cavalgada. O Sarraceno ordenou que desmontassem dos cavalos e os algemou a correntes ligadas a uma estaca de aço que ele cravara no chão. Começou a preparar uma fogueira enquanto os três se escondiam atrás de pedregulhos para fazerem as suas necessidades.

De costas para os três, o Sarraceno preparou um bule de chá, preto e doce o suficiente para mascarar o sabor do forte sedativo que ele acrescentara e, em seguida, serviu-o em três canecas. Durante todo o dia terrível, ele se recusara a passar os cantis de água, apesar dos apelos dos sequestrados em mímica, de modo que os prisioneiros ingeriram o chá com avidez. O Sarraceno jogou cobertores no chão ao lado da fogueira e, uma hora depois, ainda em correntes e algemados, os prisioneiros caíram em um sono profundo.

O Sarraceno se aproximou da mulher, que estava deitada de bruços, pernas afastadas, um joelho dobrado, e curvou-se ao lado dela. Com os dois homens desmaiados, não havia risco de ele ser perturbado, então estendeu a mão e baixou a calça jeans sem botões na braguilha até expor uma pequena calcinha branca.

Ele olhou por um instante e, depois, sua mão tocou as nádegas expostas da mulher e deslizou devagar até a parte interna de sua coxa. Apenas no último momento ele se lembrou de que era médico, um homem de Deus, e se deteve. Respirando com dificuldade, o Sarraceno se voltou e olhou para a noite estrelada. Ele murmurou uma oração pedindo perdão, levou vários

minutos para se recompor e, em seguida, abriu o pequeno rolo de suprimentos médicos que tirara de cima de um cavalo de carga no início da noite. Dentro, havia um tubo de gel anestésico, uma agulha de ponta dupla e os dois frascos de vacina contra a varíola que ele roubara da instalação na Síria.

Durante a longa cavalcada diurna, ele decidira que a mulher seria o melhor espécime para testar se o vírus seria capaz de vencer a vacina e, portanto, ele teria de imunizá-la o quanto antes. Rapidamente descartou a ideia de vaciná-la no braço — ele não queria que ela visse a marca e começasse a se perguntar o que era aquilo — e concluiu que o ponto entre as nádegas seria o melhor lugar. Ela não seria capaz de ver e quase certamente acreditaria que era um machucado provocado pela sela.

Apesar de seu breve encontro com a tentação, a vacinação ocorreu sem dificuldade e, na manhã seguinte, a mulher acordou com febre, uma dor de cabeça lancinante e um inchaço na bunda. O Sarraceno ouviu os homens especularem que algum bicho poderia tê-la picado durante a noite. Em seguida, voltaram-se para ele e gesticularam indicando que a mulher teria dificuldade para cavalgar. O Sarraceno gesticulou de volta, indicando que aquilo era uma esfoladura provocada pela sela, deu-lhes cantis cheios de água e colocou um cobertor sobre a sela da mulher para acolchoá-lo. Ele chegou até a ajudá-la a montar.

Nos seis dias seguintes, viajando tanto de dia quanto de noite, parando apenas quando estava exausto demais para prosseguir, o Sarraceno cavalcou atrás deles, usando uma corda para manter os cavalos — e, às vezes, os próprios passageiros — acordados e em movimento.

Vinte e quatro horas após a inoculação, a febre da mulher começou a ceder e, embora não tivesse como saber com certeza — a não ser que tirasse sua calça jeans para verificar se havia uma cicatriz —, ele estava confiante de que a vacina tinha funcionado.

Subindo mais alto a cada hora, fizeram um longo desvio de rota para evitar qualquer assentamento humano e entraram profundamente na parte mais sombria do Hindu Kush. Apesar de sua fadiga esmagadora, os prisioneiros não ficaram surpresos com o ritmo imposto pelo sequestrador. Não importava o lado em que você estivesse em um sequestro: todos no Afeganistão sabiam que uma das regras do negócio era que, imediatamente após a captura, a mercadoria tinha de ser mantida em movimento.

No entanto, o fato de compreenderem os motivos não tornava a viagem mais fácil, e quando o Sarraceno chegou ao seu destino, os prisioneiros estavam quase inconscientes de tão exaustos. Pouco após a meia-noite, eles ergueram as cabeças lânguidas e viram uma aldeia abandonada, tão remota e escondida que até mesmo um pastor montês teria dificuldade de encontrá-la.

Mas não o Sarraceno. Ele a conhecia melhor do que qualquer outro lugar na Terra.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Deixando os prisioneiros algemados, ele amarrôu os cavalos na entrada do povoado, ergueu a arma e voltou aos dias de glória de sua juventude.

Em seu laboratório no Líbano, ele chegara à conclusão de que havia apenas um lugar remoto o bastante para fazer seus testes em seres humanos: a aldeia arruinada onde acampara por mais de um ano durante a guerra contra os soviéticos.

Agora, enquanto caminhava pelas ruas esburacadas — cada edifício era familiar, cada buraco de fogueira repleto de lembranças —, entoou uma saudação em árabe.

— *Allahu Akbar*.

Ele não tinha como saber se o Talibã, ou um grupo de refugiados de guerra, ou uma das intermináveis caravanas de contrabandistas de drogas ocupara o lugar, e não era sua intenção levar os prisioneiros até lá enquanto não tivesse certeza de que estavam sozinhos.

— *Allahu Akbar*. — Deus é grande.

Mas a única resposta que recebeu foi o som do vento, aquele vento constante do qual ele se lembrava tão bem, que soprava até a China. Confiante de que estava sozinho, passou pela antiga mesquita e entrou na cozinha onde compartilhara um cigarro com Abdul Mohammad Khan pela primeira vez.

Os fantasmas dançavam ao seu redor. Ele quase podia ver os rostos barbudos dos outros *mujs* sentados em semicírculo, fazendo seus pedidos finais para o grande senhor da guerra. Todos eram tão jovens na época, tão vivos. Aquilo fora antes de o Sarraceno se casar, antes de ter um filho, e, por um instante, ele se lembrou de como era ter tanta estrada pela frente e quase nenhuma à retaguarda.

Ele saiu de seu devaneio, acendeu o fogo na lareira, provavelmente pela primeira vez desde que os *mujs* haviam deixado o lugar, e fez do antigo depósito de grãos um estábulo improvisado. Somente depois disso trouxe os prisioneiros, acorrentando-os a velhas pias, enchendo suas garrafas d'água e dando-lhes dois daqueles biscoitos duros que vinham sustentando o grupo desde a captura e que agora os sequestrados passaram a odiar.

Eles os comeram com movimentos mecânicos, exaustos demais para se importarem, e nem se preocuparam em abrir os sacos de dormir, deitando-se na palha velha empilhada em um

canto. Para os dois homens, aquele seria o último sono sem febre que teriam na vida.

Os três acordaram pela manhã ao som de marteladas. O Sarraceno já estava de pé havia horas, reconstruindo um dos celeiros de pedra à beira de um penhasco, não muito longe da mesquita. Através das fendas na parede, os prisioneiros perceberam que ele reparara uma área que ruína e agora estava usando um dos cavalos para transportar uma porta de madeira que substituiria outra mais frágil, que se soltara das dobradiças. Evidentemente, ali seria a cela deles.

O Sarraceno só entrou na cozinha uma vez, e apenas para buscar a vidraça reforçada guardada dentro de uma das caixas que, para os prisioneiros, pareciam conter suprimentos médicos. Viram-no regressar ao celeiro, instalar a placa de vidro a meia altura de uma parede e fixá-la à pedra com uma mistura de lama e argamassa. Uma janela? Os prisioneiros consideraram que aquilo era estranho. Mas não era uma janela: era um painel de observação.

Logo após o almoço, sem dizer nada, ele os transferiu para o que se tornaria sua tumba. Lá dentro, viram que ele jogara uma pilha de cobertores de sela em um canto para lhes servir de cama, cavara uma fossa atrás de uma cortina espessa e lhes deixara uma caixa de biscoitos, quatro grandes barris de água e um fogão a lenha com um bom suprimento de combustível. Mais uma vez, tentaram se comunicar com ele, querendo saber quanto tempo seriam mantidos naquele cômodo sem ventilação, mas o Sarraceno apenas verificou as correntes presas a anéis de aço na parede e foi embora.

Pouco tempo depois, os prisioneiros ouviram o som dos cascos dos cavalos de encontro às pedras da estrada, subiram em um dos barris de água para olhar pelo painel de observação e o viram se afastar com sua caravana de pôneis. Onde, em nome de Deus, ele poderia estar indo? O lugar habitado mais próximo ficava a vários dias de distância, mesmo com um cavalo rápido, e era improvável que ele os deixaria sem vigilância por todo esse tempo.

Mesmo assim, começaram a tentar arrancar os anéis de aço da pedra em que foram cravados. Era uma tarefa dolorosamente lenta e ingrata. Os únicos instrumentos de que dispunham eram os pedaços de madeira da pilha para o fogão a lenha. Após quatro horas, sem conseguirem nenhum resultado contra o granito e a argamassa, eles ouviram os cavalos voltarem.

Através do painel de observação, viram, na mesma hora, o Sarraceno desaparecendo no labirinto de ruas e casas em ruínas, cavando e martelando, retornando de vez em quando aos cavalos de carga e descarregando diversas caixas de metal cinzento e ao menos uma dúzia de barris de madeira. Onde ele os encontrara, não faziam ideia.

Naquela noite, pela primeira vez desde que ele os trancara, a porta da cela se abriu. Ainda sem dizer nada, o Sarraceno entrou com três pratos do que parecia ser um curry vegetariano

acompanhado por uma pilha do pão achatado e redondo que os afegãos chamam de *naan*. Era a primeira refeição quente que os prisioneiros viam em quase duas semanas, e a atacaram vorazmente. Por mais simples que fosse a comida, o engenheiro holandês disse, depois de dar um grande sorriso, que era a melhor refeição que já fizera na vida.

Após uma hora, todos adormeceram em um estranho sono desprovido de sonhos. Não é de se admirar: tanto o *naan* quanto o curry estavam batizados com um barbitúrico chamado pentobarbital, um sonífero tão poderoso que é recomendado pela maioria dos grupos que defendem a eutanásia.

Pouco antes das duas horas da manhã, carregando um pequeno kit cirúrgico e um lampião a óleo, o Sarraceno voltou à cela. Ele parecia aterrorizante, vestido com seu traje preto de contenção de riscos biológicos, luvas com revestimento de Kevlar e capacete com viseira frontal de plástico. Às suas costas, um tanque de oxigênio com regulador garantia o fornecimento de ar para seu bote salva-vidas hermeticamente selado.

Trabalhando com rapidez, tentando preservar o máximo de oxigênio possível, ele se ajoelhou ao lado da mulher, tirou a calça jeans dela, puxou a calcinha fedorenta e verificou o local onde fora vacinada. Com tranquila satisfação, viu a cicatriz achatada e soube que a prevenção funcionara perfeitamente. Ela estava protegida da melhor forma que a ciência moderna seria capaz de oferecer.

Ele voltou a vesti-la e começou a trabalhar no engenheiro de som, arregaçando a manga da camiseta do sujeito e olhando para a tatuagem de arame farpado. O Sarraceno odiava tatuagens e escolheu aquele lugar para a inoculação.

Ele pegou uma seringa e verificou o êmbolo através do plástico transparente da viseira do capacete. Satisfeito, estendeu a mão até o kit e pegou um dos dois frascos com um zero extra adicionado ao número de lote. Estava vedado com uma tampa de borracha especial e, segurando a seringa com a mão enluvada de Kevlar, o Sarraceno cravou a agulha na borracha até alcançar o interior do frasco.

Com o som da respiração acelerada ecoando através do regulador de oxigênio, ele empurrou o ar para dentro do frasco e, então, puxou o êmbolo, enchendo a seringa com aquilo que poderia ser o patógeno mais letal do planeta. O tempo diria.

Sob a luz fraca do lampião — definitivamente uma cena do terceiro vale do inferno —, o homem com traje de contenção de risco biológico curvou-se sobre o prisioneiro e, com uma última oração a Alá, introduziu a agulha devagar em meio ao arame farpado.

O Sarraceno era um bom médico, com vasta experiência na administração de medicamentos por via intravenosa, e o jovem *hipster* japonês mal se moveu em seu sono induzido pela droga enquanto a agulha se aprofundava e encontrava a veia. Aos poucos, o Sarraceno pressionou o

êmbolo e observou o nível do líquido claro baixar conforme era introduzido na corrente sanguínea da vítima. Dez segundos depois, estava terminado, e o jovem suspirou baixinho e virou-se em meio ao sono.

Na mesma hora, o Sarraceno guardou o frasco e a seringa em um recipiente vermelho de biossegurança que ele enchera anteriormente com desinfetante industrial Lysol.

Em seguida, voltou sua atenção para o engenheiro holandês, repetindo o procedimento na coxa do homem e só parando quando, por um instante, pensou que ele havia acordado com a primeira picada da agulha. Estava enganado e, segurando a seringa com firmeza, empurrou o êmbolo e tentou separar o homem da esposa e dos três filhos, de uma forma tão certa quanto se estivesse empurrando o cano do AK-47 contra a sua têmpora.

Ao fim do experimento, ele pegou o kit cirúrgico, o recipiente de contenção de risco biológico e o lampião.

Em silêncio — até mesmo o som do regulador de ar parecia ter diminuído —, ele se dirigiu à porta, rezando muito para que seu vírus estivesse bem feito, potente, e que o gene adicional o tivesse transformado em uma poderosa arma exterminadora de vacinas.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Não creio que existam muitas boas maneiras de morrer, mas conheço uma das piores: longe de casa e da família, acorrentado em um vilarejo abandonado como um cão, seu corpo entrando em colapso sob o ataque da varíola e apenas um rosto barbudo junto a uma janela de vidro selada para ouvir seus gritos de socorro.

Todos os prisioneiros acordaram tarde na manhã seguinte com uma dor de cabeça martelando a base de seu crânio. Eles se perguntaram se seria uma reação à comida, mas nem por um instante pensaram terem sido drogados. Por que alguém faria aquilo? Eles não tinham como escapar: estavam acorrentados a anéis de aço em uma cela de pedra.

Quando os dois homens enfim se arrastaram para se lavarem em uma pequena bacia, encontraram o que parecia ser uma pequena marca de mordida: uma área avermelhada no bíceps tatuado de um deles e na coxa do outro. Imediatamente pensaram em escorpiões ou aranhas, e puseram-se a vasculhar cada canto da cela com o lampião a óleo, sem resultado.

À medida que o dia passava, e ao longo dos doze dias seguintes, a febre e o suor noturno pioraram gradativamente. Coube à mulher cuidar dos companheiros na cela sufocante. Ela trocou os cobertores deles, trouxe-lhes comida, limpou seus corpos febris e lavou suas roupas sujas. Durante todo o tempo esteve cercada pelo suor, pela respiração e pela saliva dos homens. Ela não percebia, mas estava nadando em um oceano invisível, cercada por bilhões de moléculas infecciosas, um lugar impregnado com o patógeno.

Em certa ocasião, tentando desesperadamente fazer entrar ar fresco na cela, ela subiu em um dos barris de água e olhou para fora da janela para tentar atrair a atenção do Sarraceno. O que viu assustou-a mais do que qualquer outra coisa durante seu longo calvário, e a mulher não soube dizer por quê. Ele estava de pé a uns trinta metros de distância e falava animadamente em um telefone via satélite. Até então, ela imaginara que o homem era apenas um pau-mandado, mas agora perguntava-se se ele não seria o titereiro em vez da marionete. Pela forma como ele segurava o telefone, ela podia ver o seu rosto com muita clareza e, a partir do movimento dos lábios e das poucas palavras que conseguiu decifrar, ela intuiu que ele falava inglês. O Sarraceno desligou, voltou-se e viu-a pelo vidro. Um olhar de consternação seguido de raiva selvagem tomou o rosto dele e ela soube naquele instante que testemunhara algo que

não deveria ter visto.

Mas aquilo não a ajudou em nada.

Naquela tarde, os sintomas de todos os homens, que vinham aumentando de maneira gradual, pioraram muito: a febre se intensificou em grande escala, as bolhas que se formavam em seus membros se espalharam pelas extremidades exteriores e encheram-se de pus, as noites ficaram repletas de sonhos alucinatórios, as veias e seus vasos capilares começaram a estourar, enegrecendo a pele devido à hemorragia, forçando a carne a se separar do esqueleto, os corpos exalando odores estranhos, e a dor ficou tão intensa que eles gritaram sem parar durante dois dias até provavelmente morrerem de exaustão mais do que de qualquer outra coisa.

O rosto do Sarraceno aparecia de vez em quando na janela para verificar o andamento de sua criação. Para seu deleite, o que viu era resultado de um vírus muito poderoso e, embora não tivesse certeza, parecia ser um tipo de varíola hemorrágica. Conhecida entre os pesquisadores como “marreta”, provocava hemorragia catastrófica no maior órgão do corpo — a pele — e era cem por cento fatal. *Cem por cento.*

Quando os homens morreram, a própria mulher já estava sofrendo de uma febre que aumentava rapidamente e também de terríveis episódios de sudorese noturna. Ela sabia que estava com os dias contados. Tarde da noite, o Sarraceno observou satisfeito quando ela cambaleou até a bacia para refrescar o rosto quente e descobriu as primeiras bolhas nas costas da mão. Naquele momento, ele sabia que não apenas sintetizara um novo vírus altamente infeccioso como também compreendera que a adição do gene extra o tornara imune à melhor vacina que a ciência tinha a oferecer. Era, sem sombra de dúvida, a arma terrorista definitiva.

Por ter antecipado o futuro — tanto o próprio quanto o de seu filho ainda em gestação, a quem ela já amava —, a mulher se desesperou ainda mais do que os homens, e o Sarraceno optou por admirar a espetacular vista com os ouvidos cheios de algodão e recitando o Alcorão para abafar os gritos.

Quando ela enfim morreu, ele não se moveu. Queria saborear o momento: aqueles três corpos provavam que agora ele tinha os meios para provocar um evento que os especialistas em terrorismo achavam tão assustador que lhe deram um nome especial. Eles o chamaram de “a morte silenciosa” dos Estados Unidos.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Esta é a verdade irrefutável: sem uma vacina eficaz, nenhum país do mundo seria capaz de sobreviver a um ataque orquestrado da varíola como arma química, nem mesmo um país com trezentos e dez milhões de habitantes responsáveis por mais da metade da riqueza mundial, com armamentos nucleares suficientes para destruir o planeta mais de cem vezes e que produzira mais ganhadores do Nobel de ciência e de medicina do que qualquer outra nação. Este país estaria tão impotente em face do vírus quanto os três prisioneiros mortos em meio aos próprios fluidos naquele túmulo de pedra.

No entanto, eram apenas um homem e um vírus — seria realmente possível? O Sarraceno sabia que sim, e, de forma bem surpreendente, Washington também.

Chamava-se Inverno Sombrio.

Esse foi o nome de uma simulação de bioterrorismo realizada na Base Aérea de Andrews, na primavera de 2001. Anos mais tarde, trabalhando no Líbano, o Sarraceno lera na internet um relatório sobre as conclusões do exercício. Mesmo que ele nunca tivesse pensado em usar a varíola como arma, o relatório outrora secreto acabaria lhe apontando essa direção.

A operação Inverno Sombrio simulou um ataque com varíola contra os Estados Unidos. Uma pessoa infectada entrava em um shopping em Oklahoma City e, em seguida, os simuladores realizaram projeções da propagação da doença e do número de vítimas. Treze dias após um único infectado ter entrado no shopping, o vírus havia se espalhado por vinte e cinco estados, infectando centenas de milhares de pessoas, matando um terço delas, sobrecarregando o sistema de saúde, lançando a economia em queda livre e levando a um colapso mais ou menos completo da ordem social. Naturalmente, o vírus agiria de maneira indiscriminada, e policiais, bombeiros e profissionais de saúde seriam infectados tão rápido quanto a população em geral — talvez até mais rápido —, e saques e incêndios começariam a irromper por todos os lugares. Os hospitais seriam obrigados a fechar as portas. A simulação foi interrompida ainda no início: não era necessário saber mais.

É bastante provável que todos aqueles que leram o relatório e participaram de sua produção pensaram a mesma coisa: aquilo fora resultado de uma única pessoa infectada com uma estirpe não particularmente agressiva do vírus em um shopping de Oklahoma City. Imagine no metrô

de Nova York, no desfile de Ação de Graças da Macy's ou no SuperBowl.

E, embora o governo enfim tenha ordenado a produção e o armazenamento da vacina, nenhum investimento verdadeiro foi feito para se descobrir uma cura para a doença, que seria a única maneira de vencer a varíola de uma vez por todas e tirá-la da prateleira de armas em potencial. Como muitas pessoas têm percebido, os generais estão sempre lutando a última guerra, não a próxima.

E se houvesse vinte, cem, mil pessoas infectadas? Embora o relatório da operação Inverno Sombrio não tenha especificado essa questão, todos os analistas da CIA, especialistas em biodefesa, epidemiologistas e suas intermináveis simulações em computador aparentemente assumiram que a pessoa em Oklahoma City seria um infectado suicida, alguém que se inoculava com o vírus por escolha própria para, em seguida, liberá-lo no país.

Para o Sarraceno, entretanto, o uso de suicidas infectados — conhecidos como “vetores” pelos patologistas — não fazia sentido. Embora fosse possível encontrar jovens mártires em um campo de refugiados em Gaza dispostos a entrar em um restaurante usando cintos com bombas acopladas e matar a si mesmo em uma grandiosa explosão, aquilo era muito diferente de enfrentar a lenta agonia da varíola. Tendo trabalhado nos campos ao lado da esposa, o Sarraceno sabia que nenhum pretenso guerreiro veria algo de heroico em bolhas repletas de pus, mesmo que fosse possível fazê-los passar pela imigração americana no mundo após o 11 de Setembro.

Não, ele engendrara algo muito mais eficaz do que qualquer cenário imaginado pelos especialistas americanos. Pela sua estimativa, o plano forneceria ao menos *dez mil* vetores espalhados por toda extensão territorial do inimigo distante.

A morte silenciosa dos Estados Unidos, de fato.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

O Sarraceno tirou o algodão dos ouvidos e se dirigiu ao vilarejo. Na periferia, parou junto a um pequeno monte de pedras lembrando um dólmén que colocara ali e contou os passos enquanto caminhava para a frente. Após nove passos, virou de repente à esquerda e evitou uma mina enterrada.

A aldeia inteira estava minada — tarefa que ele realizara logo após encarcerar os prisioneiros em seu túmulo de pedra. Acompanhado por seus cavalos de carga, ele atravessara um labirinto de caminhos íngremes que se embrenhavam mais acima nas imponentes montanhas. Após se perder diversas vezes quando a memória o enganou, acabou por encontrar — em meio a um caos de pedras desgastadas pelo vento — a entrada de um complexo de cavernas.

As montanhas eram repletas de lugares assim, alguns naturais, outros escavados com dinamite. Todos eram usados pelos *mujis* durante sua prolongada guerra contra os soviéticos. Este, um depósito de munição, fora construído pelo Sarraceno e seus companheiros e, depois, abandonado uma vez que a guerra chegara ao fim.

Iluminando seu caminho com um feixe de luz da lanterna, ele entrou na caverna mais profunda. A luz varria as paredes, revelando caixas de minas, granadas, morteiros e outros artefatos explosivos, intocados havia tantos anos. A maior parte fora fornecida pela CIA, de modo que era de boa qualidade — nada daquela porcaria soviética ou paquistanesa —, e o ar rarefeito da montanha as preservava melhor do que qualquer casamata subterrânea.

O Sarraceno encontrou o que precisava, armazenou aquilo em caixas de munição cinza e uma dúzia de barris de madeira e voltou ao vilarejo. Durante toda aquela tarde e boa parte da noite, instalou minas e dispositivos explosivos improvisados ao longo das vielas e das construções arruinadas. A razão era simples: ao contrário de sua atitude com os soviéticos, ele respeitava as forças americanas e muitos de seus aliados.

Desde que planejava os testes em seres humanos, ele já sabia que tropas da ONU procurariam os prisioneiros — com crescente determinação à medida que não recebessem nenhum pedido de resgate — e, embora acreditasse que elas jamais chegariam a uma aldeia tão arruinada e remota quanto aquela, o Sarraceno não queria arriscar.

Agora, com sua missão quase cumprida, ele deveria seguir com muito cuidado seus sinais secretos para evitar tropeçar em um fio invisível ou abrir a porta errada. Um único erro e ele se juntaria à italiana e aos seus dois amigos no coro invisível dos mortos.

O Sarraceno voltou à cozinha, alimentou os cavalos, preparou o jantar e teve sua melhor noite de sono em meses. Acordou com o amanhecer e, após as abluções e orações rituais, começou a se preparar para ir embora. Ele já cavara uma grande cova atrás da casa do chefe da aldeia e agora a enchia com os sacos de cal que trouxera especificamente para esse propósito. O produto químico destruiria os corpos e degradaria qualquer outro material atirado à cova de tal forma que nenhum perito criminal do mundo seria capaz de encontrar uma pista sobre o que acontecera naquele lugar solitário e maldito.

Usando seu traje de contenção de riscos biológicos, com um de seus últimos tanques de oxigênio atado às costas, ele usou uma furadeira para abrir um pequeno orifício na pesada porta de madeira. Então, introduziu no orifício um tubo de plástico com um pequeno bocal em uma das extremidades, e conectou a outra a um grande recipiente de Lysol. Utilizando uma bomba operada com pedal, pulverizou litros de desinfetante sobre os corpos e no interior da cela. Quando achou que havia espalhado o bastante, trocou o recipiente de desinfetante por uma velha lata militar cheia de gasolina. Ele bombeou o combustível para o interior da cela, encharcando os corpos, a palha, as vigas de madeira e a própria pedra. Então, removeu o tubo, introduziu um pano encharcado de gasolina no orifício, acendeu um fósforo e correu para um local seguro.

Estava em dúvida sobre incendiar a cela para esterilizá-la, uma vez que a fumaça poderia chamar a atenção, mas o dia estava claro e luminoso, e ele tinha certeza de que a madeira no interior era tão antiga que queimaria rapidamente, produzindo pouca fumaça. Ele estava certo a esse respeito, mas ficou surpreso com a ferocidade do incêndio. Era como se a própria natureza estivesse ofendida com o que fora feito entre aquelas paredes.

Quando as chamas se apagaram, ele extinguiu as brasas com mais Lysol e, ainda trajando o equipamento de biocontenção, usou os cavalos, rolos de corda e vários ganchos de carne para transportar os corpos carbonizados até a cova. Os cadáveres foram seguidos por tudo o mais que fora tocado ou usado por qualquer um deles durante o cativeiro — pratos, talheres, seringas e os restos queimados dos cobertores de sela. Ainda com o traje, lavou-se com desinfetante, despiu-se, voltou a se lavar com Lysol, colocou a roupa e jogou o traje na cal.

A noite se aproximava e ele estava quase terminando de encher a cova de terra quando voltou à cozinha para pegar os últimos dois sacos de cal a fim de espalhar o pó no topo do buraco, e assim desencorajar possíveis animais selvagens.

Lá dentro, os cavalos estavam à espera, prontos para serem selados. A solidão e o silêncio

das altas montanhas eram quase opressivos. Até mesmo o vento baixara a um sussurro.

Ele não ouviu nada e, não fossem os cavalos, o Sarraceno nunca teria tido nenhum aviso da merda que se aproximava a mais de trezentos quilômetros por hora.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Os soviéticos foram os primeiros a fazer isso e as tropas da ONU e dos Estados Unidos imitaram: todos os helicópteros de assalto no Afeganistão eram equipados com hélices e motores silenciosos. Isso significava que você não os ouvia até que estivessem bem em cima de você.

Pelo menos, os seres humanos não ouviam. No entanto, os *mujs* já tinham percebido que os cavalos eram capazes de escutar o som e, havia muito tempo, aprenderam a ler o comportamento de seus pôneis como se as suas vidas dependessem daquilo.

Enquanto erguia os sacos de cal apoiando-os no ombro, o Sarraceno ouviu dois dos animais relincharem e voltou-se para olhar. Fazia anos que ele não via os cavalos agirem daquela forma, mas bem poderia ter sido no dia anterior. Helicópteros estavam a caminho!

Ele deixou cair os sacos, pegou seu AK-47 e uma mochila contendo passaporte, dinheiro e equipamentos médicos, desamarrou os cavalos, bateu em seus lombos e os fez disparar no crepúsculo. Sabia que desceriam até os vales, onde os aldeões que encontrassem oito preciosos pôneis monteses — que valiam o equivalente a um grande caminhão Hino — não arriscariam sua boa sorte contando aquilo para alguém.

Dois minutos depois, alertados por um relatório de um satélite que usava leituras térmicas para vasculhar áreas remotas em busca dos sequestrados, três helicópteros da ONU, com vinte soldados australianos, aterrissaram no local. Ironicamente, foi o vírus, e não o fogo, que suscitou o alerta. Por causa da febre alta que acompanha a varíola, os analistas que interpretaram as imagens de satélite olharam para a impressão térmica capturada um dia antes e nem imaginaram que poderia ter sido gerada por apenas três pessoas. Pareciam ser cerca de oito, que era mais ou menos o tamanho do grupo que estavam procurando. Nunca ocorreu a ninguém — aos analistas, aos agentes da CIA na estação Alec cuidando da operação de resgate e nem a ninguém mais na agência — que um único homem poderia estar no controle de três prisioneiros. Os sequestros não funcionavam assim.

Portanto, quando os soldados australianos saíram dos helicópteros esperando encontrar um pequeno grupo de talibãs ou uma caravana de traficantes de drogas, eles estavam preparados para ao menos cinco inimigos potenciais, de modo que a possibilidade de fogo cruzado os

atrasou bastante. Assim como o primeiro dispositivo explosivo improvisado.

Quando dois deles, seguindo o procedimento correto, chegaram à porta de uma casa nos limites do vilarejo e a chutaram para entrar, acionaram duas grandes minas terrestres instaladas no interior. A explosão cortou um fio disfarçado de varal, esticado através do beco, detonando um morteiro bem atrás deles. Os dois soldados encontraram o fogo cruzado que esperavam, e não tiveram a menor chance.

O oficial mais próximo deles, um tenente chamado Pete Keating, não se incomodou em consultar o comandante — um capitão que estava a centenas de metros dali, um homem que a maior parte do esquadrão considerava um idiota, para não dizer perigoso. Keating ordenou que todos recuassem e cercassem a aldeia, algo que deveria ter sido feito no momento em que pousaram, mas que o capitão não achou necessário.

— O que esses cabeças de toalha vão fazer? Descer a montanha? — perguntara o capitão. — Se estiverem lá, nós lhes daremos uma chance para se renderem. Basta gritar: “Ei, rapazes, hoje é dia de lavar a roupa, e nós temos a máquina.” — Com isso, ele confirmara para seus homens o tolo racista que era.

Keating voltou a tentar convencer o capitão a cercar o vilarejo, sugestão que foi negada. Assim, ordenou que seus homens prosseguissem com cautela. Agora, Keating estava tentando desesperadamente juntar as peças. Enviou quatro homens para verificar os dois soldados — não que tivesse alguma esperança — e o restante se espalhou em dois semicírculos para enfim cercar a aldeia.

A trezentos metros dali, contando seus passos, o Sarraceno corria rapidamente para longe deles, em direção ao poço da aldeia e a um declive íngreme que levava a um caminho quase imperceptível e, mais além, à liberdade das montanhas.

Se Keating tivesse hesitado e demorado mais um minuto para agir, o Sarraceno teria escapado do cerco. Mas o tenente, bom soldado que era, não hesitou. Quase vislumbrando o caminho, o Sarraceno teve de se esconder atrás do poço para evitar ser visto pelos quatro soldados de infantaria que se aproximavam.

Agora, ele estava preso dentro do círculo de ferro e sabia que os jovens soldados estavam dando ao mundo a melhor chance de evitar a catástrofe que vinha sendo preparada havia tanto tempo. Ele se agachou e correu até um muro baixo e em ruínas. Ninguém o viu, e ele voltou às ruas do vilarejo, onde um passo em falso ou um fio que ele não conseguisse lembrar lhe custaria a vida.

Os soldados se moviam lentamente, verificando cada edifício, detonando os dispositivos encontrados, avançando em círculos cada vez mais estreitos. O Sarraceno desceu correndo uma ladeira curva, atravessou um velho curral de cabras, e, então, teve de bater em rápida retirada

quando quase tropeçou em mais soldados. Ele recuou, passando diante da casa do chefe da aldeia e entrando em um beco repleto de entulho.

Em seu estado de pânico, aquilo foi um grande erro. O caminho à frente estava bloqueado por uma pilha de entulho. Não havia como voltar: as tropas estavam tão perto da sua retaguarda que ele era capaz de ouvir os dispositivos de comunicação. O Sarraceno tirou o AK-47 do ombro — melhor morrer como um *muj* do que ser obrigado a se ajoelhar como um cão — e olhou para o céu em busca de uma resposta.

E a recebeu: os telhados. Se conseguisse alcançá-los, seria capaz de se mover muito mais rápido, já que não havia nenhuma armadilha lá em cima. Ele apostou tudo naquilo e saiu correndo em direção às tropas, tentando chegar a uma cisterna de pedra antes que o vissem.

Ele chegou à cisterna, subiu sobre o topo plano e usou-o como apoio para alcançar o telhado da antiga mesquita. Pouco depois, enquanto estava deitado, tentando controlar a respiração ofegante, os soldados passaram lá embaixo. Então pararam, tentando ouvir o barulho de alguém se movendo entre as casas mais próximas.

Não havia som algum. Pairava um silêncio tão profundo no topo da montanha que o tenente Keating — nos arredores da aldeia, comandando seus homens por rádio — começou a se perguntar se o lugar não estaria deserto. Talvez o vilarejo tivesse sido minado anos antes pelos *muj*s em retirada. Mas por que eles fariam isso? As únicas pessoas que poderiam reocupar aquelas casas eram pobres famílias afegãs ou pastores itinerantes de cabras. Não, a explicação mais provável era que eles tropeçaram em um alvo valioso e que os inimigos estavam escondidos, observando. Portanto, o silêncio era a coisa mais perigosa que Keating ouvira e ele disse calmamente para sua equipe pelo rádio:

— Devagar — ordenou ele. — Vão devagar.

O Sarraceno se obrigou a ficar imóvel durante uma lenta contagem até sete. Ele tirou as sandálias de couro macio e, calçando apenas as grossas meias de lã, lançou-se em silêncio sobre as antigas telhas de barro. Pulou um beco estreito, quase caiu em um buraco onde as telhas haviam cedido e lançou-se atrás de um parapeito baixo. Foi quando viu a sua grande chance.

Olhando através de uma pequena fresta na alvenaria, invisível aos óculos de visão noturna dos australianos, ele viu soldados descendo três becos separados. Esse era o nó apertado que ele teria de afrouxar ou romper caso quisesse escapar. O Sarraceno voltou a calçar as sandálias, afundou o queixo com tanta força na alvenaria que começou a sangrar, pressionou o fuzil de assalto contra o ombro e agradeceu a Alá por sua arma estar equipada com supressor de brilho e silenciador.

Um combatente inferior, um indivíduo que nunca tivesse sido guerrilheiro, teria atirado para

matar. Mas o Sarraceno conhecia bem aquele ramo: em média, são necessários sete homens para tratar e evacuar um soldado gravemente ferido. Um morto não precisa da ajuda de ninguém.

Ele escolheu um alvo em cada um dos três becos. Se não estivesse usando um silenciador, os soldados ouviriam o primeiro disparo e se protegeriam; se não estivesse usando o supressor de brilho, eles identificariam a sua posição e destruiriam a ele e ao parapeito com armas automáticas.

O Sarraceno disparou. As tropas nem sequer ouviram os três pequenos estalos em meio à estática de seus microfones. Um dos soldados foi atingido na coxa. Morreria a menos que lhe fizessem um torniquete. Outro foi atingido na garganta, e provavelmente não havia nada que pudessem fazer por ele. O último levou o tiro no antebraço, o que era garantia de muita dor. Todos os três gritaram ao caírem e seus companheiros mergulharam em posições defensivas tentando proteger a retaguarda um do outro.

Bons soldados, disciplinados — e aqueles eram soldados realmente muito bons, apesar de seu capitão —, fariam qualquer coisa por seus feridos. No caos para tentar ajudar os camaradas caídos e localizar o inimigo, em meio à escuridão e ao terror de um tiroteio, alguns grupos foram forçados a se esconder atrás de pilhas de escombros e no interior de casas.

Por trás do parapeito, o Sarraceno assistiu ao cerco se dobrar e, então, se romper. Não era grande coisa e com certeza não duraria muito tempo, mas talvez fosse o bastante. Ele não se agachou. Apenas rolou pelo telhado inclinado, mochila e rifle junto ao peito, e caiu. Viu passar uma parede — Alá o ajudasse caso ele quebrasse uma perna —, rodopiou em meio à queda e aterrissou de quadril. A dor quase o dominou, mas ele se levantou e correu. Não era hora para um velho *muj* choramingar ou mancar: ele era um veterano da guerra mais cruel das últimas décadas e não choraria como um cristão agora.

Ele correu até um beco sinuoso que permitiria que atravessasse o cerco rompido, ficando, por um momento, fora da vista de um grupo de soldados graças à fachada inclinada de uma casa em ruínas. No entanto, se os militares se movessem três metros para um lado ou para o outro...

Ele conseguira escapar do cerco. Ao passar por uma lua crescente que ele mesmo entalhara em uma porta de madeira, agradeceu a Deus por se lembrar bem daquilo, e começou a contar. Ele deu vinte e cinco passos para a frente, três para a esquerda, contornou com êxito uma mina enterrada e viu a segurança das montanhas bem diante de si.

Mais atrás, ouviu um soldado gritando para que seus companheiros se jogassem no chão. Ele esperava ouvir o ruído ensurdecido de carabinas e perder todo o controle das pernas quando as balas atingissem as suas costas expostas e rompessem sua coluna vertebral. Em vez

disso, o soldado encontrara um fio que levava a duas granadas escondidas sob uma pilha de velhos barris de óleo. Quando seus companheiros se agacharam, o soldado puxou o fio.

As granadas explodiram e, com o clarão, o tenente Keating — que corria em frente para tentar fechar o cerco — viu o Sarraceno se escondendo atrás de algumas paredes desmoronadas. Keating caiu sobre um joelho, levou a coronha da carabina da arma ao ombro e disparou. Ele fora treinado pelas Forças Especiais, de modo que sabia o que estava fazendo: disparando três balas por vez, ele rapidamente varreu a área da esquerda para a direita e, logo depois, no sentido contrário.

Alguns centímetros a mais ou a menos — um único tiro — e tudo teria sido diferente. Mas não era assim que o destino queria naquela noite. As balas de alta velocidade pulverizaram pedra e terra ao redor do Sarraceno, mas nenhuma o atingiu. Keating amaldiçoou os óculos de visão noturna e a inevitável falta de comunicação entre o olho e o gatilho. O Sarraceno, é claro, agradeceu a mão de Deus.

Correndo, ele contornou uma esquina de três muros destruídos, dobrou à esquerda, à direita e, ainda segurando a mochila e o rifle, escorregou e rolou por uma encosta íngreme ganhando a abrangente escuridão de um barranco pedregoso.

Um jovem oficial australiano o tinha visto por uma fração de segundo ao brilho provocado pela explosão de uma granada. Essa foi a única vez que o Sarraceno foi visto por alguma autoridade civil ou militar. Até eu encontrá-lo, é claro.

CAPÍTULO QUARENTA

Os australianos não perseguiram o Sarraceno, o que foi um erro, mas a missão deles era encontrar os três civis sequestrados e não perseguir um insurgente solitário. Contudo, em uma noite dominada pelo azar, ocorreu um incidente de muito boa sorte. Como o capitão australiano era o militar que fora baleado na coxa, o tenente Keating assumiu o comando da tropa.

Ele tinha apenas vinte e seis anos, mas já cruzara o deserto australiano, de modo que, apesar da pouca idade, seu rosto estampava experiência. Vinha de uma pequena cidade chamada Cunnamulla — basicamente uma região de cultura de trigo no oeste longínquo, no limiar do que os australianos chamam de *never never*, um lugar tão quente que aqueles que preferem mulheres à cerveja são considerados pervertidos pelos locais. Mas alguns de seus vizinhos criavam ovelhas, de modo que Keating sabia para que servia a cal em um surto de febre aftosa.

Foi por isso que, quando os soldados enfim chegaram à cozinha, e ele viu os dois sacos descartados, sentiu como se o chão sob seus pés estivesse cedendo. A cal não fazia parte daquele mundo, então por que alguém se daria ao trabalho de levá-la até lá? Sequestradores com certeza não fariam isso. Ele ainda acreditava que os dispositivos explosivos indicavam que havia algo muito valioso escondido no vilarejo, mas já não estava certo de que ainda estivesse vivo. Na mesma hora, disse a seus homens para pegarem suas lanternas e comecem a procurar um túmulo ou uma vala.

Primeiro, eles encontraram os restos carbonizados do depósito de pedra, e enquanto Keating tentava descobrir o que aquilo queria dizer, ele ouviu um grito urgente.

Era um dos jovens soldados. Sem se incomodar com seu equipamento de comunicação ou com o procedimento correto, gritou para os companheiros:

— Achei! Tragam uma pá.

Keating ouviu, e ele e vários de seus homens foram correndo, com cuidado por causa da ameaça de dispositivos explosivos ocultos, até a área atrás da casa do chefe da aldeia. O tenente lançou um olhar para o solo recentemente revolvido, profundo e amplo o bastante para conter Deus sabe lá o quê, com vestígios de cal espalhados por toda a área, e decidiu não correr riscos.

— Voltem agora! Todos de volta à área de desembarque. Agora!

Um dos sargentos, que assim como todos os outros não fazia ideia do que estava acontecendo, voltou-se para Keating e perguntou:

— Não vamos revistar as casas restantes, chefe? Pode haver mais inimigos.

Keating balançou a cabeça em negativa. Os elaborados dispositivos explosivos e o fato de ninguém mais ter disparado contra o esquadrão o certificaram de que o único ocupante da aldeia desaparecera em meio à noite.

— Não, sargento. Seja o que for, acho que encontramos.

Na zona de desembarque, enquanto os feridos eram tratados e o único médico da equipe tentava aplicar uma intravenosa no braço do capitão, Keating usou a rede de comunicações seguras para fazer uma chamada para a base.

Os helicópteros Medevac já estavam a caminho para buscar os feridos, e, em uma casamata climatizada a trezentos quilômetros dali, o operador da base supôs que o oficial estava ligando para apressá-los, e que muito em breve começaria a choramingar dizendo estarem na linha de frente *e que tudo de que precisavam eram os malditos reforços*, como sempre faziam.

Mas Keating interrompeu a entediada atualização do sujeito a respeito dos helicópteros e disse que precisava de uma unidade de risco químico na encosta da montanha *imediatamente*. Como aquilo era o Exército, é claro, essa ordem precipitou uma série de perguntas, pedidos de autorização e confusões quanto à cadeia de comando. Keating sabia que aquilo poderia demorar horas, de modo que gritou para o infeliz operador:

— Podemos ter sido expostos, você me entendeu? Talvez seja algo nuclear. Certamente é sério.

Assim como o operador, os homens de Keating — incluindo o capitão quase inconsciente — ficaram atordoados. Por um momento, até mesmo o vento parecia estar sendo engolido pelo silêncio. Em seguida, o operador começou a falar rápido, pedindo que o tenente esperasse enquanto ele abria uma série de canais para que Keating pudesse galgar a cadeia de comando o mais rápido possível.

Keating desligou. Ele sabia que uma ligação interrompida os faria entrar em ação mais rápido: no Exército — assim como na vida — às vezes você tinha que criar uma crise para chamar a atenção dos outros. Ele não achava que fosse nuclear, mas sua intuição lhe dizia que tropeçara em algo maligno e não lhe ocorreu nenhuma outra maneira de expressar a urgência. Ele sabia que seria advertido por ter tido uma reação exagerada, mas o que mais poderia fazer?

Enquanto os oficiais na base se envolviam em um turbilhão de atividades, o que nenhum deles percebeu foi que, se o capitão não tivesse sido baleado, se Keating tivesse crescido em algum outro lugar que não fosse o oeste australiano, se ele desconhecesse a aparência ou para

que servia a cal — se não fossem todas essas coisas e muito mais —, a equipe de homens com trajes espaciais com sua cúpula prateada inflável e torres de luzes Klieg nunca chegaria a tempo.

A frota de helicópteros Chinook aterrissou com menos de uma hora de tempo restante: qualquer atraso teria significado que a cal faria o seu trabalho e eles nunca teriam encontrado o pedaço de um cobertor de sela.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

No momento em que os Chinooks aterrissaram, o Sarraceno já havia descido a primeira das encostas íngremes e cruzava um platô estreito varrido pelo vento. Se o mundo ocidental contara com a boa sorte de Keating ter assumido o comando no topo da montanha, o Sarraceno também tivera a sua parcela de sorte. Ele estava a cavalo.

A descida da encosta vinha se tornando cada vez mais difícil devido ao seu quadril contundido. Sua experiência como médico lhe dizia que não estava fraturado, mas, seja como for, o simples ato de andar ficava pior a cada passo.

Sem uma muleta ou um pedaço de madeira para apoiar seu peso, ele sabia que, muito em breve, teria de encontrar uma caverna ou um buraco no chão onde se esconder por ao menos algumas horas para tentar descansar. Foi quando, assim que começou a atravessar o platô, viu o cavalo.

Era um de seus pôneis de carga, que se separara dos irmãos. Aparentemente perdido e abandonado à luz das estrelas, o animal reconheceu a voz do seu dono e, na esperança tanto de companhia quanto de alguma guloseima, trotou obedientemente em sua direção. O Sarraceno agarrou o laço de couro que cortara no início da noite, usou-o como cabresto improvisado e montou.

Em galope rápido, ele atravessou o platô, encontrou um caminho que os pastores de cabras utilizavam no verão para alcançar os pastos nas montanhas e soltou as rédeas do pônei. Criado na região montanhosa e seguro de seus passos, o animal precisou de pouco tempo para levar o Sarraceno pelo caminho instável, evitando por instinto os aglomerados de pedras soltas e nunca perdendo a cabeça, mesmo quando a queda abaixo de seus cascos era de trinta metros ou mais.

Ao amanhecer, helicópteros dos Estados Unidos e da ONU patrulhavam o estreito platô, mas estavam à procura de um homem a pé e basearam todos os seus arcos e grades a partir dessa suposição. Levando em conta que o terreno era repleto de ravinas e cavernas, tanto naturais quanto artificiais, aquele foi um processo lento e trabalhoso para os pilotos e seus observadores.

O perímetro de busca foi ampliado cada vez mais. No entanto, o cavalo manteve o

Sarraceno muito além de seu alcance crescente e, no prazo de dois dias, ele se juntou a uma tribo de pastores nômades, cavalgando ao seu lado durante o dia e dormindo entre as suas tendas à noite.

Certa manhã, viajando ao longo de um cume elevado, vislumbrou a antiga rodovia Transafegã que atravessava o vale mais abaixo. Ele se despediu dos nômades e seguiu naquela direção.

Duas horas mais tarde, juntou-se a um mar de velhos caminhões, picapes Toyota e ônibus superlotados e desapareceu no caos do Afeganistão moderno.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Os homens com trajes brancos NBQ — nuclear, biológico e químico — trabalhavam metodicamente no interior de sua cúpula prateada translúcida. Geradores móveis e filtros sofisticados afastavam o cheiro de terra úmida e cal, substituindo-o com ar purificado mantido a imutáveis vinte graus.

Apesar do lento progresso, os técnicos e seus supervisores levaram apenas algumas horas para concluir que não havia material radioativo algum no topo da montanha.

Esta descoberta não ajudou muito a reputação — ou as perspectivas de carreira — de Keating. “Um alarmista” foi o comentário mais gentil feito por alguém na cadeia de comando, antes de praticamente perderem o interesse pela exumação. O consenso geral entre a equipe de risco químico era que um traficante de drogas decidira enterrar algumas mulas — suas ou, mais provavelmente, de algum rival. No tocante a feudos, todos concordavam, os afegãos jogavam em uma liga exclusiva.

No entanto, havia um detalhe do qual não podiam zombar: a cal. Foi isso que sustentou Keating ao longo desses dias difíceis — a crença avassaladora de que havia algo muito errado, algo profundamente sinistro naquele amontoado de casas. Dado o isolamento da aldeia e sua vista espetacular, ele a batizou de Overlook Hotel.

Então, os homens dentro da cúpula encontraram o primeiro corpo carbonizado — ou pelo menos o que restou dele. Descobriram que era uma mulher e, embora não tivessem provas, estavam certos de que encontrariam mais dois corpos — um japonês e um holandês. Que tipo de sequestrador joga seus prisioneiros em uma cova cheia de cal, sem nem mesmo fazer um pedido de resgate?

Ao lado do corpo, no fundo de uma lama química, encontraram o que restava — apenas cinco centímetros quadrados — do que parecia ser um cobertor de seda. Eles não sabiam, mas, em sua última noite de vida, a mulher pressionara o cobertor contra o rosto tentando asfixiar-se para terminar com aquela dor insuportável. Por isso, o tecido continha saliva, sangue, resíduos de pele e um painel completo do material genético das bolhas que se formaram em sua boca e garganta.

O cobertor ainda estava agarrado à sua mão parcialmente carbonizada, protegendo-o das

chamas quando o Sarraceno utilizou os cavalos para arrastá-la até a cova. Mais uma hora e a cal viva o teria destruído completamente.

Preocupados agora, forçados a reconhecer que aquilo podia não ser um sequestro — o que reabilitou instantaneamente a reputação e as perspectivas de carreira de Keating —, a equipe NBQ e seus supervisores aceleraram o ritmo de trabalho. Sua primeira tarefa seria descobrir com o que estavam lidando, de modo que guardaram o pequeno pedaço de cobertor em um recipiente de biocontenção hermeticamente selado, introduziram-no em outro recipiente de chumbo e o enviaram, primeiro de helicóptero e, depois, a bordo de um jato noturno especial, até o Forte Detrick, em Maryland.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

O Forte Detrick, parte do comando médico do Exército dos Estados Unidos, é composto por um grupos de edifícios e *campi* instalados em mil e duzentos hectares altamente seguros nos arredores da cidade de Frederick.

Um dos maiores *campi* abriga a principal agência de guerra biológica do país — o Instituto de Pesquisa de Doenças Infecciosas. Esta é uma organização tão sigilosa que diversos teóricos da conspiração afirmam que foi onde o governo criou o HIV.

Se estiverem certos, talvez o edifício baixo e comprido, não muito longe do que costumava ser conhecida como a Torre Antraz, também tenha sido o lugar onde a NASA encenou o pouso na lua. Ninguém sabe, porque pouquíssimas pessoas, nem mesmo aquelas com habilitações de segurança tão altas quanto as minhas, tinham acesso ao lugar.

A caixa selada vinda do Afeganistão chegou a um dos laboratórios de biossegurança da instalação em uma manhã de domingo. Uma vez que ninguém no Overlook Hotel sabia com o que estavam lidando, a caixa não fora marcada como de alta prioridade.

Por esse motivo, foi colocada em uma fila e aberta só depois das nove horas da noite. Àquela altura, o único microbiólogo no laboratório era um sujeito de uns quarenta anos chamado Walter Drax — um homem mesquinho e ressentido que gostava de trabalhar no turno da noite porque isso significava que ele não teria de aturar o que chamava de babacas e ignorantes. Em sua mente, os babacas e ignorantes eram um grande grupo que incluía a maior parte de seus colegas de trabalho e, certamente, todos na administração — pessoas que, segundo ele, haviam bloqueado as suas possibilidades de promoção e de melhores salários.

Trabalhando sozinho sob condições de nível quatro de biossegurança, em um laboratório mantido com pressão atmosférica negativa, vestindo um traje não muito diferente daquele do Sarraceno, o regulador de ar ligado a um suprimento aéreo, ele abriu a caixa em um compartimento especial, retirou o pequeno pedaço de cobertor de sela e preparou-o para análise.

Ao olhar para a tela do seu microscópio eletrônico, não acreditou no que viu. Com o coração disparado, suando em bicas dentro do traje de contenção de risco biológico, ele verificou três vezes — chegando a trocar de microscópio e voltar à sua estação de trabalho

para consultar obras relevantes e os manuais secretos do instituto — antes de se convencer.

Drax estava olhando para o *Variola major*. Seu instinto lhe dizia que era muito agressivo, mas o que de fato o aterrorizou foi o que viu quando observou com mais atenção o nó de DNA no centro: o vírus fora geneticamente modificado. Não lhe restava dúvida de que aquilo era uma cepa do patógeno transformada em arma de destruição em massa.

Desatando o nó de DNA e comparando as imagens nos manuais com o que ele via pelo microscópio, Drax compreendeu que alguém inserira um gene específico no vírus. Só poderia haver uma razão para alguém fazer isso: o vírus fora projetado para ser imune à vacina.

Se funcionasse — e Drax não via por que não funcionaria —, ninguém no mundo, nem mesmo os nazistas com seus vagões de gado e botijões de gás Zyklon-B, teria possuído um método de extermínio mais eficaz.

O procedimento normal para um evento como esse — se é que alguma coisa poderia ser considerada normal em tais circunstâncias — era Drax telefonar para a casa de seu supervisor e informá-lo sobre o que encontrara. Mas ele não queria fazer isso. Ele não daria a nenhum babaca ignorante um lugar na história do instituto — aquele *estrelismo* —, e Drax sabia que era isso que resultaria da descoberta da varíola usada como arma.

Todo mundo ainda fala dos sujeitos que encontraram o vírus Ebola naquele maldito macaco, disse para si mesmo.

Portanto, em vez de fazer a ligação para o chefe, decidiu driblar a todos e falar com a prima. Drax também não gostava muito dela, mas ela era casada com um assistente especial do Conselho de Segurança Nacional — um homem que Drax chamava em segredo de Lábios de Seda, dada a forma como era delicado ao puxar o saco dos superiores.

Quando enfim o homem atendeu, Drax disse, sem explicar nada sobre o pequeno fragmento de cobertor de sela, que precisava falar com o membro mais graduado da Comunidade de Inteligência dos Estados Unidos com quem pudesse entrar em contato tão tarde em uma noite de domingo. Lábios de Seda riu, disse que as coisas não funcionavam assim e que era melhor ele lhe dizer o que estava acontecendo. Afinal de contas, o que havia de errado com seus próprios superiores? Com certeza, eles teriam um protocolo a ser aplicado nesses casos...

Drax não estava a fim de conversa fiada.

— Ah, desculpe — falou. — Talvez você precise de indicações de como chegar à Vila do Cala Essa Boca. Há uma linha segura no laboratório. Agora vamos lá: mande alguém me ligar, é uma emergência nacional.

Ele desligou antes que Lábios de Seda pudesse responder e, em seguida, sentou-se para esperar. Ele não se sentia tão bem assim havia anos.

A frase “emergência nacional” e o fato de Drax trabalhar para o maior laboratório de

biodefesa do país convenceram Lábios de Seda a ligar para o vice-diretor de Inteligência Nacional, um homem que ele conhecia bem, porque os filhos adolescentes de ambos os homens jogavam beisebol no mesmo time.

Como resultado, foi o vice-diretor quem ligou para Drax e ouviu com crescente consternação o que o técnico lhe dizia sobre o pedaço de tecido que chegara do Afeganistão e os diferentes tipos de varíola.

— Dado o pânico que isso poderia provocar, decidi restringir a informação ao menor número possível de pessoas. Achei melhor ir direto ao topo.

O vice-diretor felicitou Drax por sua visão, disse para que ele não falasse com mais ninguém e que aguentasse firme até ele ligar de volta. No entanto, o vice-diretor viu-se diante de um problema imediato e avassalador: Drax estaria dizendo a verdade? Um cientista daquela mesma unidade de Forte Detrick não fora suspeito de fabricar antraz e enviá-lo por correio para vários senadores americanos? Por outro lado, embora o sujeito com quem ele falava na linha segura com certeza soasse como um pesadelo, isso não significava necessariamente que fosse um maluco de Forte Detrick.

Ele ligou para o chefe do instituto, um alto oficial militar e respeitado cientista, obrigou-o a jurar guardar segredo, explicou o que lhe fora dito e pediu — não, ordenou — que fosse na mesma hora ao laboratório para analisar as descobertas de Drax e confirmar a proveniência da amostra.

Quarenta minutos depois, sentado diante do microscópio eletrônico de Drax, o chefe do instituto ligou de volta e deu ao vice-diretor a notícia que ele tanto temia. Agora a máquina governamental e o sentimento de pânico começavam a funcionar a todo vapor. Tudo isso ocorreu enquanto apenas duas pessoas na imensa instalação de biodefesa do país — a organização que deveria estar no epicentro desses acontecimentos — tinham alguma ideia do que realmente se passava. Como acontecimento, aquilo foi espetacular.

Para o resto de nós, foi algo fortuito. Isso significava que ao menos o governo teria uma chance de manter a situação em segredo. Se o Sarraceno soubesse que estava sendo caçado, ou ele se esconderia imediatamente ou apressaria os seus planos. Manter sigilo era primordial e, a este respeito, as próximas horas seriam críticas...

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

O segredo se manteve e, à meia-noite daquele domingo, apenas nove pessoas no mundo — além do Sarraceno — sabiam da verdade. Pouco depois, mesmo tendo entregue o meu distintivo havia muito tempo, tornei-me a décima.

Os dois primeiros iniciados — Drax e seu chefe — estavam no Instituto de Pesquisa de Doenças Infecciosas do Exército. O terceiro era o vice-diretor de Inteligência Nacional. Ao ver que o que lhe disseram era verdade, ele fez uma ligação urgente e o chefe do seu departamento — o diretor de Inteligência Nacional — tornou-se a quarta pessoa a saber do segredo.

O diretor, que não era nenhum burocrata, estava profundamente envolvido com a história e a prática da Comunidade de Inteligência: ele começara a carreira na NSA, analisando fotos de instalações militares soviéticas tiradas por aviões U2 em sobrevoos noturnos. Em seguida, foi transferido para operações secretas com a CIA. Graças ao seu sombrio histórico de assassinatos seletivos cometidos enquanto trabalhava naquela seção e o fato de ele ser a pessoa com a voz mais calma de Washington, foi-lhe dado um apelido que o acompanhou durante toda a sua longa carreira: Morte Sussurrante.

Ele telefonou para o presidente, que dormia em seu quarto nos aposentos familiares no segundo andar da Casa Branca, e esperou um momento enquanto o comandante-chefe despertava e se deslocava até o cômodo anexo. Passava das onze horas da noite.

O presidente se tornara viúvo sete anos atrás, e não foi para o cômodo contíguo por medo de que tudo aquilo despertasse alguém; ele vivia uma vida monástica desde que sua esposa falecera e dormia sozinho. Não, ele apenas queria ganhar um pouco de tempo para pegar um roupão atrás da porta. Pela hora da chamada e pelo tom de voz de Morte Sussurrante, o presidente percebeu que algo grande acontecera e não queria que o maldito *The New York Times* noticiasse que ele estava deitado de cueca quando recebeu a notícia.

Sentado à escrivaninha, o presidente ouviu quando Sussurrante lhe informou que uma amostra viva de varíola fora encontrada em uma aldeia abandonada no Afeganistão, que não era apenas a doença comum, pois parecia ter sido projetada para ser imune à vacina, que a análise genética indicou que fora feita a partir de componentes individuais prontamente disponíveis em todo o mundo, que o vírus parecia ter passado por um teste clínico na

cordilheira Hindu Kush, que três pessoas inocentes estavam mortas e que o único suspeito, um indivíduo que ninguém sabia nada a respeito, escapara e, sem dúvida, desaparecera em uma das nações árabes vizinhas, cuja população combinada era de cerca de quatrocentos milhões de habitantes. Em suma, disse-lhe que estavam enfrentando uma catástrofe potencial.

Foi nestas circunstâncias que o presidente — que estava muito satisfeito por ter conseguido vestir o roupão — tornou-se a quinta pessoa a conhecer o segredo.

Nem ele e nem o diretor de inteligência tinham qualquer dúvida — não neste momento e nem durante as semanas que se seguiram — que o alvo seria os Estados Unidos. Com o coração apertado e uma raiva crescente, o presidente perguntou ao diretor quanto tempo ele achava que tinham antes que o ataque tivesse seu desfecho.

— Não sei — respondeu Morte Sussurrante. — Tudo o que posso dizer é que alguém ou algum grupo parece ter sintetizado o vírus e agora tem uma boa razão para acreditar que funciona. Por que o ataque seria retardado?

— Entendo — disse o presidente friamente. — Mas você é o diretor de Inteligência Nacional, e eu preciso de algum tipo de estimativa. No mínimo, um palpite.

— Como vou saber? Tudo o que posso responder é: “Muito em breve.”

Foi uma pequena bênção o sistema de gravação da Casa Branca se estender ao cômodo particular do presidente. Isso significava que agora havia um registro histórico da única vez em que Morte Sussurrante ergueu a voz.

Ele disse ao presidente que chamaria um carro e que estaria na Casa Branca em vinte minutos. Desligou e sentou-se por um instante, pensativo. No longo silêncio que nasceu de seu medo, ele não podia deixar de pensar que Forte Detrick mais uma vez fazia jus ao seu apelido: Forte do Juízo Final.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Enquanto o carro governamental atravessava as ruas desertas em direção à Casa Branca, Morte Sussurrante fez uma série de telefonemas sentado em seu seguro casulo na parte de trás do veículo com a grossa divisória de vidro erguida. O primeiro deles foi para ordenar a prisão imediata de Walter Drax. Bastava uma passada de olhos em sua pasta no departamento de recursos humanos para ver que ele era um sujeito muito ressentido, um irresponsável que não saberia ficar de boca fechada.

Poucos minutos depois, seis homens em três SUVs pretos entraram no campus do instituto, foram recebidos por vários guardas de segurança locais e entraram no laboratório de Drax. Com pistolas claramente visíveis sob os casacos, disseram para o diretor do instituto voltar para o seu escritório, mostraram para Drax o que podiam ou não ser distintivos autênticos do FBI e informaram que ele estava preso por suspeita de espionagem. Completamente perturbado, o técnico disse-lhes que não tinha ideia do que estavam falando — ele era um americano leal, e assim o fora durante toda a vida. Os homens o ignoraram, leram os seus direitos e, quando ele pediu para ver um advogado, responderam que isso seria arranjado assim que ele fosse indiciado formalmente. É claro que não tinham intenção de indiciá-lo. Em vez disso, levaram-no para um campo de pouso no outro lado de Frederick, onde ele voou até uma pista de pouso particular nas Black Hills, em Dakota do Sul, em um jato do governo. Dali, outro SUV governamental transportou-o até os cômodos sombrios de uma remota casa de fazenda.

Ironicamente, em uma dessas estranhas coincidências com que a vida às vezes nos surpreende, era a mesma casa para a qual eu fora levado depois de ter matado o Navegante — utilizada para fins semelhantes por outros membros da Comunidade de Inteligência após a Divisão ter sido extinta. Assim como eu tantos anos atrás, Drax e seu segredo estavam agora isolados do mundo.

O segundo telefonema — bem, na verdade, foram três — foi para os embaixadores da Itália, do Japão e da Holanda. Ele lhes falou com profundo pesar que acabara de saber que seus patrícios foram mortos pelos sequestradores quando perceberam que as tropas estavam se aproximando.

— Eles fizeram uma tentativa apressada de sepultar os corpos e estamos exumando o local agora — disse ele. — Obviamente, os exames de criminalística e as identificações formais ainda vão levar algum tempo.

Também adiantou que, por razões operacionais, a informação deveria ser mantida em segredo e, embora não o tivesse dito de maneira explícita, deu a entender que uma perseguição ainda estava em curso.

Sua última ligação foi para o chefe da CIA. Sem oferecer qualquer explicação, o que não era incomum no mundo da espionagem, ele lhe disse para informar os homens com trajes NBQ no Overlook Hotel que todos os testes deram resultados negativos. Uma vez que já não eram mais necessários, eles deveriam regressar imediatamente à base. Apenas após a sua partida, os agentes da CIA chegariam, selariam a cova e cercariam completamente o vilarejo.

Mal terminou as ligações, anulando os principais meios pelos quais o segredo poderia vir a ser revelado, ele atravessou os portões da Casa Branca.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

A coisa mais surpreendente a respeito de James Grosvenor é que ele era muito inteligente, gentil e modesto — em outras palavras, um homem muito longe do típico político. Ninguém imaginaria, muito menos ele, que viria a se tornar presidente dos Estados Unidos.

Ele fora um executivo durante quase toda sua vida profissional, gastando a maior parte dela encampando empresas em dificuldades e transformando-as em sucessos. Podem chamá-lo de antiquado, mas ele acreditava na indústria dos Estados Unidos, na habilidade dos trabalhadores americanos e que homens e mulheres que trabalhavam duro mereciam um salário digno e um plano de saúde decente. Uma coisa em que ele não acreditava era em sindicatos — se o capital se comportasse corretamente, não haveria a necessidade deles. Nem é preciso dizer que seus empregados o retribuíam com lealdade, e seus índices de produtividade estavam sempre entre os mais altos do país.

O sucesso — e a riqueza — resultante dessa abordagem permitiram-lhe encampar empresas cada vez maiores, o que, por sua vez, lhe rendeu a fama junto à mídia de um homem empenhado em salvar a base industrial da nação. “O Renascer da Fênix” foi o nome dado ao segmento sobre ele no programa *60 minutes*. Pouco depois de sua aparição na mídia, ofereceram-lhe o cargo de secretário de comércio e, tendo dinheiro suficiente e estando feliz por assumir um novo desafio, ele o aceitou. Para um homem que se fez sozinho, a administração governamental e sua interminável burocracia foram uma revelação, mas ele se recusava a desistir e fez um sucesso tão grande que, quando o secretário de saúde foi exonerado em um escândalo de corrupção, ele assumiu o cargo.

Sua esposa morrera de câncer de mama e ele trouxe para a secretaria uma feroz determinação que há anos não se via no mofado edifício da Independence Avenue. Ele era frequentemente tido como um defensor dos direitos dos cidadãos comuns — para a ira do poderoso lobby do sistema de saúde — e isso só serviu para aumentar sua popularidade. Dois anos depois, foi convidado para assumir o segundo lugar na chapa de uma eleição presidencial. A candidata era uma mulher — a primeira a se candidatar ao mais alto cargo da nação por um grande partido — e Grosvenor sabia que ele fora escolhido para equilibrar a candidatura com uma forte presença masculina.

Nenhum de seus amigos esperavam que Grosvenor aceitasse, mas ele e Anne não tiveram filhos e o executivo achava cada vez mais difícil preencher o vazio deixado por sua morte. Sua resposta para isso foi trabalhar mais e enfrentar desafios ainda maiores. Sob seu enérgico exterior ele era um homem triste — e também decente.

Após refletir com muito cuidado durante dois dias, ele aceitou a candidatura, embora, no íntimo, não achasse que tinham muita chance de vencer. As pesquisas eram da mesma opinião. A nação já elegera um presidente negro, mas aceitar uma mulher como comandante-chefe parecia um passo grande demais naquele estágio da evolução do país.

Então, enquanto discursava em um comício em Iowa dez semanas antes da eleição, a candidata sofreu um aneurisma cerebral. Como se não bastassem as imagens dela caindo sobre o palco e sofrendo uma grande convulsão, os quatro dias seguintes, quando permaneceu ligada a uma unidade de suporte à vida enquanto a família mantinha vigília à cabeceira de sua cama, foram ainda piores.

Durante tudo isso, Grosvenor não apenas manteve a própria programação como também assumiu a maioria dos compromissos da candidata, mantendo a campanha ativa praticamente sozinho. A cada oportunidade que tinha, ele falava sobre como lidou com a doença da esposa e lembrou à plateia aquilo que era de fato importante: boa saúde, vida longa, o amor do próximo. Pela primeira vez em uma campanha política, aquele discurso soou verdadeiro.

Ele sempre foi um homem espirituoso, otimista e bem-apeado, e as pesquisas começaram a ficar apertadas. Mas a verdadeira virada ocorreu na noite em que a família decidiu tirar a candidata da unidade de suporte à vida. Grosvenor estava no hospital e, depois que tudo terminou, ele saiu por uma porta lateral para tomar um pouco de ar. Momentos depois, o marido da candidata se juntou a ele, ambos pensando que estavam completamente a sós.

No entanto, alguém estava assistindo — um funcionário do hospital, provavelmente — e capturou a cena em uma câmera de celular. Granulado, gravado a grande distância, era um vídeo indistinto, mas claro o bastante para que fosse possível ver o marido da candidata ceder e começar a chorar. Após uma pausa, quando ficou claro que o homem não podia dominar suas emoções, Grosvenor estendeu as mãos e abraçou-o por vários minutos.

Dois homens, nenhum deles jovem, do lado de fora de um hospital, um deles candidato à vice-presidência, consolando o outro em um tempo de angústia. Aquele era um momento tão humano e sincero que, minutos depois da pessoa com a câmera divulgá-lo na internet, tornou-se viral. Por algum tempo (o tempo de duração do filme), os eleitores conseguiram enxergar por trás da cortina da imagem pública, e aquilo que identificaram no homem que assumia o primeiro lugar na chapa foi, creio eu, alguém não muito diferente de si mesmos.

Não foi de lavada, mas, na primeira terça-feira de novembro, Grosvenor — talvez o candidato mais improvável na política americana moderna — ganhou votos suficientes para levá-lo à presidência.

— Sou Lyndon Johnson... sem o assassinato — disse ele a amigos pouco antes da posse.

Porém, a pergunta que ninguém poderia responder — aquela que fora martelada por seu adversário durante toda a campanha — era se James Balthazar Grosvenor tinha a fibra necessária para lidar com uma grande crise.

Todos nós — a nação, o mundo, ele mesmo — estávamos prestes a descobrir.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

Morte Sussurrante entrou no Salão Oval para descobrir que o secretário de Estado, o secretário de defesa e a secretária de segurança nacional tinham sido convocados e já estavam sentados em frente à escrivaninha de Lincoln. O chefe do estado-maior do presidente Grosvenor fazia anotações e usava um pequeno dispositivo MP3 para gravar o que seria dito. Se aquilo era para a posteridade, para sua autobiografia ou para auxiliar a sua memória, ninguém parecia saber ao certo.

A situação geral já fora explicada aos três secretários pelo presidente, e agora havia nove pessoas a par do segredo. Com o núcleo do governo reunido, Grosvenor disse-lhes que não haveria maior ato de traição do que algum deles divulgar a ameaça que agora confrontava a nação — e isso se aplicava a qualquer pessoa, incluindo esposas, filhos, amantes e funcionários de confiança.

Eles assentiram gravemente, e Grosvenor esperou que estivessem sendo sinceros. Ele estava prestes a dar início a uma agenda escrita às pressas quando o secretário de defesa interrompeu:

— À luz do que sabemos, não seria uma boa ideia começarmos com uma leitura das escrituras ou uma breve oração?

Grosvenor viu Morte Sussurrante e o secretário de Estado revirarem os olhos e percebeu que tinha ao menos dois ateus no gabinete.

— É uma boa ideia, Hal — respondeu calmamente para o secretário de defesa. — E tenho certeza que todos nós apelaremos em silêncio a seja lá qual ajuda espiritual ao longo da noite. Mas, por enquanto, vamos prosseguir, certo?

Foi uma boa resposta diplomática, que pareceu satisfazer tanto Hal Enderby, o secretário de defesa, quanto os ateus sentados atrás dele.

O presidente voltou-se para Sussurrante.

— Em primeiro lugar, temos certeza de que o vírus foi projetado para ser imune à vacina?

— Sim — respondeu o militar. — Há um gene, aparentemente associado ao sistema imunológico, que foi enxertado no seu DNA. É impossível que seja uma ocorrência aleatória.

— E funciona? O vírus seria mesmo imune à vacina? — perguntou o presidente. — Quer dizer, esse é um ato muito ousado. Nunca foi feito antes, certo?

— Infelizmente, senhor, não é verdade — respondeu Sussurrante, olhando em torno, esclarecendo, por meio de sua expressão, que o que ele estava prestes a dizer era bastante sigiloso. — Durante a década de 1980, os soviéticos tinham umas dez toneladas de varíola, que desenvolveram para usar em ogivas MIRV. De acordo com um de nossos ativos altamente qualificados, o material foi projetado para ser imune à vacina. De forma que temos todas as razões para acreditar que isso é possível.

A revelação do maior espião do país lançou um mal-estar instantâneo na sala, que só foi quebrado pela única mulher na reunião — a secretária de segurança nacional.

— Mas isso não quer dizer que o vírus funcione. Os russos são uma coisa, terroristas são outra completamente diferente. Nós não temos como saber, certo? — disse ela.

— Acho que sabemos — respondeu o presidente Grosvenor. — O sujeito nas montanhas Hindu Kush tinha três reféns. É inconcebível que seu experimento não incluísse a vacinação de um deles e um teste para ver se o vírus era imune.

— Essa é a minha opinião — concordou Sussurrante. — E é óbvio que funcionou. Todos os prisioneiros morreram.

— Isso significa que não temos uma linha de defesa — disse o presidente. — Provavelmente, as trezentas milhões de doses de vacina são inúteis. — O silêncio preencheu a sala mal iluminada. — Nós deveríamos ter desenvolvido uma droga antiviral. Uma cura. Essa seria a única segurança real — falou Grosvenor, quase para si mesmo.

— Não há tempo para isso agora — respondeu o secretário de Estado, um homem mais velho que já parecia estar exausto.

Grosvenor assentiu e voltou-se para Sussurrante.

— Isso é o que chamam de um vírus quente?

— Muito quente — disse Sussurrante. — E também acredito que foi feito de forma deliberada. Quanto mais quente a cepa, mais rápido ela queima. Um vírus não está exatamente vivo, mas com certeza não está morto. Ele não pode viver fora do hospedeiro, neste caso, o corpo humano. Quanto mais rápido ele destrói o hospedeiro, mais rápido a epidemia diminui. Não creio que quem desenvolveu este vírus queira destruir o mundo. Só nós.

— Isso é reconfortante — disse o presidente com ironia. — Tudo bem. O sujeito que escapou. Como o encontraremos? — Ele se voltou para o chefe do estado-maior. — Echelon?

Em cinco minutos, o chefe do estado-maior providenciou que fosse enviado ao Salão Oval tudo o que o Echelon ouvira. Para manter a quantidade de material manejável, Sussurrante sugeriu restringir a área de busca a um amplo arco ao redor do topo da montanha no Hindu Kush nos últimos doze dias. Mesmo assim, ele sabia que o volume de dados seria avassalador.

Não havia telefones fixos na área, é claro, e não existiam torres de telefonia celular fora de

Cabul e de outras grandes cidades, o que significava telefones por satélite. Embora o Echelon os adorasse — era um dos sinais mais fáceis de serem capturados —, o problema era que, dada a natureza primitiva de todos os outros meios de comunicação no país, todo mundo possuía um: traficantes de drogas, contrabandistas de armas, caudilhos, comandantes talibãs, agentes humanitários, jornalistas, chefes de aldeia, médicos e funcionários do governo no exterior.

Acrescente a isso dez línguas locais diferentes e mais de quarenta dialetos — para não falar em códigos e criptografia que variavam do rudimentar ao sofisticado — e teriam uma quantidade de material esmagadora.

No entanto, se o homem solitário que o tenente Keating vislumbrara no alto da montanha tivesse usado um telefone via satélite em qualquer lugar perto da aldeia, o Echelon o teria ouvido e gravado a mensagem. É claro que o presidente sabia que não havia garantia alguma de que o homem *tinha* um telefone via satélite, mas, nas atuais circunstâncias, não lhe restava outra escolha — quando você não tem mais nada, usa o que tem.

Respondendo a uma ordem direta do presidente, os computadores IBM Roadrunner refrigerados a água em Fort Meade — um dos centros de processamento de dados mais rápidos do mundo — começaram a verificar seu banco de dados na mesma hora.

Se não encontrassem nada na primeira varredura, sua área de busca se estenderia quilômetro por quilômetro, até abranger não apenas países, mas subcontinentes. Eles literalmente estavam procurando por uma única voz entre dezenas de milhões.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

Enquanto isso, os cinco homens e a mulher sentados ao redor da escrivaninha de Lincoln tentavam desenvolver o esboço de um plano. Quase imediatamente, começaram a brigar entre si.

A única coisa em que concordavam era que não deveria haver nenhuma mudança no status público de ameaça da nação: estava em um nível baixo e, a fim de evitar pânico e perguntas indesejadas, teria de continuar assim. Contudo, nas duas horas que se seguiram, os ateus e os tementes a Deus discordaram de quase todas as ideias e então, subitamente, se uniram contra o presidente em várias outras, dividindo-se entre si, formando alianças desconfortáveis com antigos adversários, voltando às suas alianças naturais e, depois, seguindo adiante como pistoleiros solitários em diversas ocasiões.

— É pior do que uma reunião da *loya jirga* — disse o chefe do estado-maior em seu MP3 player. A *loya jirga* era a grande assembleia dos anciãos afegãos. A razão de ser nomeada assim foi porque as palavras “uma confusão da porra” já tinham dono.

Àquela altura, a exaustão já se estabelecera e todos se uniram contra Sussurrante, que todos pensavam secretamente ser o homem mais teimoso que já conheceram.

— Ora, deixe de ser bundão! — disse a secretária de segurança nacional, um tanto exasperada.

Era uma frase tão pouco feminina, talvez até anticristã, que até mesmo ela ficou chocada por ter dito aquilo. Então o Sussurrante sorriu, pois era um bom homem, e os outros o acompanharam.

Como resultado, estavam todos com um humor melhor quando Sussurrante surgiu com a primeira ideia boa. Foi ele quem pensou no polônio-210.

A razão pela qual todos o achavam tão teimoso era que ele se recusava a avançar em qualquer sugestão até que alguém explicasse como seria possível lançar uma busca internacional por um homem sem revelar por que ele estava sendo procurado.

— Então, nós vamos até os paquistaneses e dizemos que precisamos muito da ajuda deles, mas que, desculpe, não vamos dizer a razão — falou Sussurrante. — Não apenas eles ficarão ofendidos, como também vão começar a especular e, de acordo com minha experiência,

quando as pessoas especulam o suficiente, alguém sempre acerta.

Mais tarde, depois de terem terminado de rir da fala da secretária, Sussurrante voltou mais uma vez ao problema.

— Estamos falando em usar os recursos de toda a Comunidade de Inteligência dos Estados Unidos e de seus aliados. Serão mais de cem mil pessoas perseguindo um homem. Todos vão assumir que se trata de um terrorista e o que vamos dizer é...

Sua voz esmoreceu enquanto sua mente, mais rápido do que a voz, chocou-se contra uma rampa invisível e foi projetada no ar.

O presidente olhou para ele.

— Qual o problema?

Sussurrante sorriu para o grupo.

— O que vamos dizer é que temos informações altamente confiáveis de que o sequestro dos estrangeiros fazia parte de uma conspiração muito maior. Destinava-se a obter dinheiro para a compra de um grama de polônio-210.

— Um gatilho nuclear? — exclamou o chefe do estado-maior.

— Exato — explicou Sussurrante. — Diremos que o sujeito ou a organização da qual ele faz parte estão na fase final de construção de um dispositivo nuclear portátil.

Quando a ideia assentou, os outros pareceram homens das cavernas que tinham acabado de descobrir o fogo.

— Com isso, todos vão ajudar — disse o secretário de defesa. — Não há um país no mundo, nem mesmo na parcela mais maluca, que queira alguém construindo uma maldita bomba em seu quintal.

— Isso nos dará um motivo para lançarmos a maior caçada humana da história — respondeu Sussurrante. — É tão sério que ninguém vai questionar. Quem faria isso? Claro, nós teremos que parecer relutantes para revelar até mesmo isso...

— Mas vazaremos a informação nós mesmos — acrescentou a secretária. — Algo respeitável: o *Times* ou o *Post*.

Sussurrante sorriu. Agora eles estavam entendendo.

— Isso vai causar pânico — disse o chefe do estado-maior, certificando-se de falar alto o bastante para que seu sensato conselho fosse registrado pelo gravador.

— Claro que vai. Mas não tanto quanto a varíola — respondeu Sussurrante.

Ele já tinha considerado a reação do público e não acreditava que aquilo seria algo que desmantelaria o plano.

— É uma bomba, uma cidade. O presidente pode garantir à população que temos os recursos para evitar que isso aconteça.

Todos voltaram-se para o comandante-chefe para ver a reação dele e ficaram surpresos ao descobrir que a tristeza em seu rosto estava ainda mais pronunciada do que o habitual.

— É um terrível retrato dos nossos tempos quando uma bomba nuclear portátil é mais palatável do que a verdade.

Eles não eram idiotas, nenhum deles era, e todos fizeram uma pausa para pensar. Onde tudo começou?, devem ter se perguntado. Como o mundo ficou tão louco?

Contudo, Morte Sussurrante era um homem prático, o mais durão de todos eles, e não achava que valia a pena perder muito tempo refletindo sobre o Homem como inimigo do Homem.

— Com esse plano, podemos cobrir os aeroportos e as fronteiras com agentes e armá-los com dispositivos de rastreamento. Não importa o quê, contadores Geiger ou qualquer outra coisa, desde que leiam temperatura corporal. Este é um dos primeiros sinais de infecção com varíola. Naturalmente, vamos prestar muita atenção nos árabes e nos muçulmanos, e não me importo se isso é discriminação. Qualquer pessoa com uma temperatura elevada será direcionada para uma segunda triagem e quarentena, se necessário.

O secretário de Estado interrompeu.

— Este é o método mais provável de ataque, pessoas que deliberadamente...

— Infectados suicidas — disse Sussurrante. — Há vários anos, fizemos um exercício chamado Inverno Sombrio, e essa sempre foi a hipótese mais aceita. Se pudermos identificar um dos vetores e então segui-lo de volta, revertendo seus movimentos, encontraremos os responsáveis.

Houve silêncio, mas Sussurrante sabia que era um silêncio que vinha do sucesso e não de desapontamento. Levou horas, mas agora tinham uma estratégia viável. Naquelas circunstâncias, era um excelente plano, e eles não poderiam ser criticados pelo fato de seus rostos revelarem uma pequena onda de esperança e confiança.

Era uma pena que não teria a menor chance de dar certo.

Em primeiro lugar, não importava quantos agentes fossem colocados no caso, havia apenas um punhado de pessoas que sabiam dos movimentos do Sarraceno, e elas certamente não estavam dispostas a ajudar. Quando o Sr. Abdul Mohammad Khan ouviu dizer que o inferno estava à solta e que paquistaneses, afegãos e até mesmo — merda! — o governo iraniano procuravam um homem que atravessara as montanhas Hindu Kush e que supostamente tentara adquirir um gatilho nuclear, ele não teve como saber com certeza de que aquilo tinha algo a ver com o médico que outrora fora um mestre do Blowpipe. Mas, apenas por segurança, enviou um mensageiro — um de seus netos, de modo que fosse alguém de sua inteira confiança — com uma mensagem verbal para os sequestradores iranianos. O conteúdo era simples: ele lhes

disse que, pela vida de sua mãe, esperava que não dissessem nada sobre o sequestro dos três estrangeiros. A resposta que recebeu também foi simples. Pela vida das mães deles, seus lábios estavam selados.

O segundo problema era que as pessoas na Casa Branca acreditavam no peso dos números, em agentes em cada aeroporto, em rastreadores e em temperatura corporal elevada. Eles acreditavam, como um dogma, em infectados suicidas como vetores. O Sarraceno, no entanto, não acreditava e, considerando que era ele quem estava de posse do vírus da varíola, aquilo fazia uma grande diferença.

O dia já estava nascendo e o secretário de Estado havia acabado de perguntar se não poderiam pedir algo para comer quando tiveram notícias do Echelon.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

Dois telefonemas. A primeira varredura do Echelon detectara dois telefonemas via satélite e ambos se adequavam aos critérios de busca melhor do que qualquer um poderia ter esperado.

Feitos em um intervalo de três dias, ambos se encaixavam com perfeição no período de tempo designado e, embora tenha havido certa quantidade de interferência climática — provavelmente outra tempestade se movendo através das montanhas Hindu Kush ou o maldito vento que soprava até a China —, os analistas da NSA que estavam cuidando daquela investigação de alta prioridade para a Casa Branca tinham certeza de que as ligações foram feitas dentro de um raio de alguns quilômetros da aldeia em ruínas.

Era bem possível que tivessem sido feitas *dentro* da aldeia, mas tal nível de precisão teria de esperar que os IBM Roadrunners tentassem determinar as coordenadas exatas, filtrando a interferência.

Além disso, as duas pessoas na linha — o homem na cordilheira Hindu Kush e a mulher em uma cabine telefônica no sul da Turquia — falaram em inglês, embora essa não fosse sua língua nativa.

Ao ouvirem o relatório do chefe do estado-maior, o presidente e Sussurrante se entreolharam e suas expressões diziam o mesmo que os três secretários de gabinete estavam pensando: “Teria como isso ser melhor?”

Então, a sorte deles acabou.

As duas pessoas ao telefone podiam até estar falando em inglês, mas aquilo não ajudou muito. Na primeira chamada, o homem não disse muita coisa; era como se estivesse ouvindo um relatório. Embora a mulher tenha falado praticamente durante toda a conversa, ela era muito inteligente, pois pré-gravara sua mensagem, provavelmente em um celular. O que ela tinha a dizer fora selecionado da BBC, CNN, MSNBC e de uma série de outros serviços de notícias de TV de língua inglesa. Embora tenha interrompido a gravação algumas vezes para fornecer o que pareciam ser informações adicionais, era impossível ter uma ideia de sua idade, seu nível de educação ou de qualquer outra coisa que os analistas de perfil do FBI pudessem utilizar.

O verdadeiro conteúdo dessa estranha conversa era ainda mais misterioso. Metade dela era

em palavras codificadas que evidentemente não correspondiam ao que quer que fosse o outro conteúdo. Os analistas especializados que examinaram a gravação achavam que ela estava passando informações a respeito de um problema médico, mas isso, provavelmente, era um código para outra coisa.

O segundo telefonema fora ainda mais breve. Mais uma vez, ela pré-gravara a mensagem, que parecia ser algum tipo de atualização. O homem agradeceu e, mesmo com o tempo e a distância, dava para perceber o alívio na voz dele. Ele falou por seis segundos ininterruptos e, então, desligou.

As pessoas no Salão Oval ficaram perplexas. O que começou com tanto potencial alguns minutos antes se transformava agora em um labirinto de problemas.

O chefe do estado-maior voltou a checar o relatório que lhe fora enviado por e-mail e disse-lhes que o Echelon buscara toda a sua base de dados nos últimos seis anos para ver se o telefone por satélite fora usado para fazer ou receber alguma outra chamada. Não havia nada — apenas esses dois telefonemas, como átomos individuais à deriva no ciberespaço; era praticamente incompreensível.

No entanto, mesmo na bagunça de código e vozes emprestadas de programas de notícias havia pistas. Quatro palavras, ditas por engano pela mulher a certa altura, foram em árabe, e o homem a cortou duramente no mesmo idioma — repreendendo-a por ter se expressado assim. Portanto, eles eram árabes. Ou talvez aquilo tivesse sido ensaiado, um erro cometido de propósito para levar alguém que estivesse ouvindo a chegar a alguma conclusão, certa ou errada.

Havia outra pista: ao fundo, no lado turco da conversa, o rugido do tráfego quase abafou o som de uma música ao vivo, estação de rádio ou *algo assim*. Mas não exatamente. Havia algo que soava como música, e os analistas imaginaram que aquilo fora captado pelo telefone enquanto a mulher executava a gravação. O que era, no entanto, não sabiam dizer. O relatório dizia que teriam de analisar o material durante semanas para tentar obter uma resposta daquilo que tinham recuperado.

Normalmente, tal ruído de fundo não teria importância — o Echelon teria sido capaz de identificar a exata localização da cabine telefônica em alguns segundos. Porém, o sistema de telefonia turco estava longe de ser normal. Quem quer que tivesse projetado o Echelon e seu software, que trabalhava como larápio nos centros regionais de telefonia de um país, não contava com obras de má qualidade, ligações clandestinas, reparos em situação irregular, instalações misteriosamente refeitas para evitar cobrança, corrupção epidêmica e falhas técnicas constantes. Tudo o que o programa conseguiu fazer foi localizar a cabine telefônica no centro de uma pequena cidade. Em algum lugar em um raio de oito quilômetros, a mulher

recebera os dois telefonemas, afirmava o relatório, enquanto o tráfego passava e algum tipo de música tocava ao fundo.

— E quanto ao reconhecimento de voz? — perguntou o presidente, mencionando a capacidade mais secreta do Echelon.

A voz dele soava ainda mais cansada do que ele aparentava estar.

— A mulher não falou o bastante para obtermos uma amostra — disse o chefe do estado-maior, folheando o relatório. Ele se voltou para os três secretários, sabendo que eles não conheciam os segredos mais íntimos do Echelon... — O sistema precisa de pelo menos seis segundos de amostra. Em seguida, compara elementos de uma voz com mais de duzentos milhões de outras: vozes de terroristas, criminosos e guerrilheiros, que obtemos a partir de informações em bancos de dados de todo o mundo — disse o homem, animado. Ele sempre adorou tecnologia. — Mas isso é apenas o começo. A verdadeira vantagem é que ele pode separar cada vogal e som em um registro digital...

— Chega — interrompeu Sussurrante, seus olhos dizendo ao chefe do estado-maior que se ele falasse mais uma palavra, o militar teria permissão de se levantar e estrangulá-lo de acordo com a Lei de Segurança Nacional. — E quanto ao homem? — perguntou. — Eles conseguiram seis segundos da voz dele?

— Sim, eles têm uma boa amostra de sua voz — disse o chefe do estado-maior, ainda triste por ter sido chutado para baixo da mesa pelo diretor de Inteligência Nacional. — Mas não houve identificação, nem mesmo um subconjunto de vozes parecido, seja em inglês ou em árabe. Diz aqui: “Completamente desconhecido para qualquer banco de dados de inteligência ou policial.”

Isso abalou Sussurrante profundamente. Ele não o disse para o presidente e nem para os outros, mas a única coisa com que uma agência de inteligência não podia lidar era um ficha limpa. Por onde começar com uma pessoa que não tinha nenhuma história, nenhum formulário, nenhum registro? Ele nunca topara com alguém assim em sua vida — não com um ficha limpa de verdade —, e nunca quisera topar.

Os outros notaram a ansiedade no rosto sombrio dele e, no breve e desajeitado silêncio que se seguiu, perceberam que a sorte não iria voltar.

O presidente foi o primeiro a se recompor e exercer a liderança de que todos precisavam. Ele lhes falou que, apesar de tantas horas de frustração e desilusão, uma coisa era verdade: havia uma mulher no sul da Turquia que conhecia a identidade do homem e que falara com ele. Ela lhe passara informações que, ao que parecia, eram muito importantes. Por que, em meio ao teste do vírus que sintetizara — um feito notável —, ele teria se dado ao trabalho de ligar para ela? E não apenas uma, mas duas vezes. Qualquer pessoa inteligente o suficiente para projetar

um vírus mortal deveria saber que havia o risco que alguém estar ouvindo. Por que o homem fizera aquilo? O que seria assim tão importante? Ainda mais importante: quem era aquela mulher?

— Então... nós vamos para a Turquia — disse ele, concluindo. — Mas como?

Claro que os responsáveis pela defesa, segurança nacional e Estado — a “Gangue dos Três”, como Sussurrante começou a chamá-los em sua mente — eram todos favoráveis ao envio do Quinto Exército e da Frota do Mediterrâneo para invadir as praias. Cem mil agentes não seriam o bastante para o que tinham em mente. O presidente os acalmou.

— Temos a pista de alguém — disse ele. — Se pressionarmos e invadirmos a área, essa pessoa vai se assustar e fugir para a Síria, a Arábia Saudita, o Iêmen ou para qualquer buraco onde nunca seremos capazes de encontrá-la.

Ele lera sobre o erro que George Bush cometeu durante a perseguição a Osama bin Laden, quando invadiu a zona que era Tora Bora. O número de agentes na área e a profundidade das disputas internas na agência acabaram minando a operação por completo. Eles só conseguiram chegar a Bin Laden por meio de um bom trabalho de inteligência à moda antiga.

— O que me diz, Sussurrante? — perguntou.

— Digo que você acertou na mosca. A eficácia de qualquer operação é inversamente proporcional ao número de agentes utilizados — disse ele, pronto para ir à guerra contra a Gangue dos Três, se fosse necessário. — É o tipo de trabalho que fazem os agentes secretos, pelo menos os melhores deles. Enviaremos um Rastreador e, se ele for bom o suficiente e nossa sorte mudar, o agente descobrirá o bastante para iluminar o caminho para nós.

A Gangue dos Três não disse nada, provavelmente ainda sonhando com bombardeios intensivos e nas cenas de abertura de *O resgate do soldado Ryan*.

— Quem vamos enviar? — perguntou o presidente.

— Não sei — respondeu Sussurrante, e era por isso que o presidente o respeitava tanto: ele era uma das poucas pessoas em Washington que admitia não saber alguma coisa. — Eu lhe direi em breve.

Todos pensaram a mesma coisa. Um homem, um Rastreador solitário em um país estranho. Não é o tipo de trabalho para um homem com medo de perder o controle, alguém que nunca aprendeu a dançar conforme a música.

As seis pessoas no Salão Oval decidiram que não lhes restava muito a fazer além de esperarem a decisão de Sussurrante. Ele se levantou e pegou a cópia do relatório do Echelon que o chefe do estado-maior deixara sobre a mesa de centro. Ele não queria aquilo jogado por ali.

Enquanto os guardiões do grande segredo se dirigiam para a porta, um último pensamento

ocorreu ao presidente e ele gritou para Sussurrante:

— Onde exatamente na Turquia aconteceram as ligações?

O outro folheou as páginas do relatório do Echelon.

— Fica na província de Muğla — respondeu ele. — O nome da cidade é Bodrum.

CAPÍTULO CINQUENTA

Sussurrante não tomou banho, não comeu, não descansou. Ainda no carro, fez uma ligação pedindo que todos os arquivos do governo sobre o sul da Turquia fossem baixados e estivessem em seu computador quando ele chegasse. O homem queria saber tudo sobre aquela área antes de pensar qual agência — e, mais importante, qual agente — escolheria como Rastreador.

Assim, logo após chegar da Casa Branca, trancou a porta de seu grande escritório, fechou as cortinas e passou a manhã debruçado sobre a tela.

Ele acabara de terminar uma análise da secretaria de Estado sobre a atual situação política da Turquia — mais dez páginas de masturbação, pensou consigo mesmo — e pegou uma pasta fina que fora enviada para a Embaixada dos Estados Unidos em Ancara, capital do país.

Era de um detetive de homicídios do Departamento de Polícia de Nova York, e o sujeito pedia ajuda para descobrir os nomes de todos os cidadãos americanos do sexo feminino que solicitaram vistos para a Turquia nos últimos seis meses. Sussurrante não sabia, mas Ben Bradley tivera a ótima ideia de supor que alguém que tivesse um número de telefone turco e um calendário caro com espetaculares ruínas romanas do país poderia estar pensando em ir até lá.

Sussurrante viu que se tratava de um homicídio em um hotel chamado Eastside Inn — não o tipo de lugar onde ele se hospedaria, a julgar pelas fotos granuladas anexadas ao relatório da polícia. Ele estava prestes a pôr tudo de lado.

Mas, então, se deteve. Ainda tinha a atenção para os detalhes que desenvolvera quando jovem, analisando fotos de instalações militares soviéticas. Por hábito, ele sempre olhava com atenção para o segundo plano de qualquer foto, e agora encarava um homem pouco visível nas sombras de uma cena de homicídio.

Sussurrante conhecia aquele sujeito. Mesmo na foto parecia ser alguém à parte, apenas observando — a forma como provavelmente passara metade da vida.

Sussurrante olhou para mim na fotografia por um longo tempo, pensativo. Então, apertou um botão em sua escrivaninha, chamando seu assistente especial. Um homem com seus vinte e tantos anos, ambicioso e trajando um terno elegante, entrou quase na mesma hora na sala.

— Quero que você encontre alguém — disse Sussurrante. — Não sei qual o nome que está usando agora, mas, durante muito tempo, ele se chamou Scott Murdoch.

O assistente especial olhou para a foto que Sussurrante empurrou sobre a mesa, um rosto em segundo plano circulado cuidadosamente.

— Quem é? — perguntou ele.

— Anos atrás, ele era conhecido como Navegante. Provavelmente é o melhor agente de inteligência que já existiu.

O assistente especial sorriu.

— Pensei que fosse você.

— Eu também — respondeu Sussurrante. — Até conhecê-lo.

CAPÍTULO CINQUENTA E UM

A multidão começou a chegar cedo, afluindo ao maior auditório do campus da Universidade de Nova York. Francamente, achei que o lugar não seria grande o bastante para abrigar todo mundo. Era o primeiro dia do longamente planejado simpósio de Ben Bradley — o Fórum de Davos para os investigadores e os técnicos que trabalhavam para eles nos bastidores.

Os participantes vieram de vinte países diferentes — até mesmo uma delegação de dois membros do Departamento de Polícia da Bósnia que não falavam inglês, mas que convenceram algum chefe que deveriam comparecer. Os dois estavam se divertindo bastante em Nova York e, durante o café da manhã, manifestaram seu apoio para que Bradley tornasse o simpósio um evento anual, sugerindo que o próximo acontecesse em Las Vegas.

Bradley recebeu uma grande salva de palmas após seu discurso de boas-vindas, no qual narrou algumas de suas experiências no 11 de Setembro, incluindo a situação do sujeito na cadeira de rodas, mas convenientemente deixando de fora a parte sobre como ele o salvara. Essa foi a deixa para apresentar um colega, até então desconhecido, que auxiliara Jude Garrett em muitas de suas investigações. Em outras palavras: eu.

Graças a Battleboi e aos bancos de dados que ele manipulara, eu voltara a ser Peter Campbell. Quando voltei a visitá-lo no Japão Antigo para pedir ajuda com a nova identidade, perguntei se ele poderia torná-la convincente, uma vez que o tempo era limitado.

Battleboi assentiu.

— Temos uma enorme vantagem: as pessoas acreditam mesmo naquilo que veem nos bancos de dados. Elas nunca aprendem a regra mais importante do ciberespaço: os computadores não mentem, mas mentirosos podem computar.

Ri.

— É por isso que você é tão bom? Por ser um grande mentiroso?

— De certa forma. Acho que acredito em realidades alternativas. Olhe em volta, eu vivo em uma. Suponho que tudo seja uma grande mentira. Eu nunca disse isso para ninguém, mas, em uma luta justa, sou melhor do que seus amigos do FBI ou qualquer um desses caras das agências de inteligência. Para eles, realidades alternativas ou ciberespaço são apenas trabalho. Para mim, por ser gordo e feio, é diferente. Não gosto muito do mundo real. — Ele apontou

para as prateleiras de discos rígidos. — Esta é a minha vida.

— É engraçado — respondi. — Nunca pensei em você como gordo ou feio. Sempre pensei em você como um japonês.

Vi em seu rosto o quanto aquilo significou para ele.

— No entanto, você provavelmente está certo — continuei. — Quanto a ser o melhor, quer dizer. Vou lhe falar uma coisa: se alguma vez eu estiver em apuros e precisar de ajuda com um computador, você vai ser o cara que chamarei.

Ele riu e terminou sua xícara de chá.

— Vamos começar?

No momento em que saí dali, Peter Campbell era um formando da Universidade de Chicago, que foi estudar medicina em Harvard e, em seguida, passou anos ajudando Garrett em sua pesquisa. Como eu planejara anteriormente, fora Campbell quem encontrara o manuscrito do notável livro de Garrett e, por eu ter acesso a seus arquivos preservados com imenso cuidado, o editor me pediu para editá-lo. Por isso, eu tinha um conhecimento enciclopédico de todos os seus casos. Era quase como se os tivesse investigado pessoalmente.

Eu estava nervoso quando, como Peter Campbell, levantei-me diante daquela congregação formada por meus colegas profissionais. No entanto, logo peguei o jeito. Falei sobre a natureza reclusa de Garrett, como eu era um dos poucos amigos que ele tivera e o fato de que, essencialmente, o homem vivera uma vida dupla: embora todos soubessem que ele era um agente do FBI, a maior parte de seu trabalho fora para agências que funcionavam naquilo que denominei, um tanto tímido, de “esfera da inteligência”.

Discursei sobre muitas dessas investigações — aquelas que figuravam com destaque no livro — e quando achei que ganhara o interesse deles, abri os casos para discussão e perguntas. O lugar explodiu. Devo confessar que comecei a gostar daquilo. É estranho estar em um palco e ouvir seus pares contestando-o, analisando-o, elogiando-o. É um pouco como ler o próprio obituário.

Havia uma mulher com uma camisa azul-turquesa sentada na primeira fila que liderou o ataque — dissecando provas, analisando motivos e fazendo perguntas penetrantes. Ela era inteligente e tinha um rosto muito atraente — cabelo com um toque natural, maçãs da face salientes e olhos que pareciam sempre perto de um sorriso. A certa altura, ela disse:

— A partir de algumas coisas que ele escreveu, não creio que Garrett gostasse muito de mulheres, não é mesmo?

De onde ela tirara aquela ideia? Eu tinha a impressão de que sempre gostara muito de mulheres.

— Ao contrário — respondi. — Além disso, quando ele se aventurava a sair, as mulheres

pareciam achá-lo bastante charmoso e, espero não estar sendo indiscreto ao dizê-lo, sexualmente atraente.

Ela não hesitou.

— Charmoso, inteligente... *e sexy?* Meu Deus, gostaria de tê-lo conhecido! — disse ela, recebendo uma enorme salva de palmas.

Enquanto eu sorria para ela, percebi que todos aqueles meses em busca da normalidade poderiam ter valido a pena, e senti-me atraído o suficiente para desejar que, ao fim do dia, tivesse a oportunidade de conversar com ela e pedir o seu número de telefone.

Nesse meio-tempo, mudei o rumo da conversa. Falei para eles sobre um caso que, se Jude estivesse vivo, talvez teria achado o mais interessante de todos. Contei para eles sobre o dia em que as Torres caíram e sobre o assassinato no Eastside Inn.

— Mais cedo, Ben Bradley lhes contou sobre o homem na cadeira de rodas — falei. — Mas não revelou que foi ele quem liderou o grupo que trouxe o sujeito para baixo.

Houve um momento de silêncio chocado no auditório e, em seguida, uma salva de palmas. Ben e Marcie — ela estava sentada ao lado dele — olharam surpresos para mim. Até então, eles não tinham ideia de que eu sabia a respeito da bravura de Ben, mas acho que enfim entenderam por que eu concordara em falar.

— Ele não se converteu mesmo — disse Marcie para o marido, fingindo estar surpresa.

— Não. Deveríamos ter percebido que ele descobriria a verdade. Afinal, o homem é um maldito investigador — respondeu Bradley, repreendendo a si mesmo antes de se levantar para agradecer a multidão.

Quando os aplausos terminaram, prossegui:

— Mas aquele foi um dia repleto de eventos notáveis. Ben foi apenas um deles. No início da manhã, uma jovem estava atrasada para o trabalho. Quando se aproximou das Torres, viu o primeiro avião atingir o prédio em que trabalhava e percebeu que, para o restante do mundo, ela estaria em sua escrivaninha. Era como se estivesse morta.

Pela segunda vez em menos de um minuto, Bradley foi pego de surpresa. Eu nunca compartilhara essa teoria, de modo que ele ergueu as mãos, como se quisesse dizer: “Onde diabo isto vai dar?”

Então, falei para ele e para a multidão:

— Percebam, a mulher cujo atraso lhe salvara a vida queria matar alguém, e agora tinha o álibi perfeito: ela estava morta. Então, vagou em meio ao caos e ao medo até encontrar um lugar onde pudesse sair de circulação, um lugar em que ninguém a encontrasse. O hotel chamava-se Eastside Inn. Toda vez que saía de lá, ela se disfarçava e, em uma dessas saídas, alugou um livro, provavelmente a obra definitiva sobre como matar alguém sem ser pego.

Todos conhecemos este livro: a obra de Jude Garrett.

A revelação provocou um burburinho entre os participantes do simpósio. Bradley olhou para mim e aplaudiu em silêncio. Sim, dizia com os olhos, aquela era uma teoria muito boa. Prossegui:

— Ela convida uma outra mulher: jovem e provavelmente atraente até o Eastside Inn. Um pouco de drogas, um pouco de sexo. Em seguida, ela mata a mulher exatamente como diz o livro, por assim dizer, e desaparece. Quando a polícia chega, encontra uma vítima sem rosto, sem impressões digitais e sem dentes. Então é isso que eles têm: uma vítima que não pode ser identificada e uma assassina de quem ninguém suspeita, porque está morta. Por que o assassinato aconteceu? Quem são essas pessoas? Qual é a motivação? O que isso significa?

Fiz uma pausa e olhei em volta. As pessoas estavam balançando as cabeças, admirando o crime em silêncio.

— Sim — falei. — Vocês estão certos. É impressionante. Jude tinha um nome para gente assim. Ele os chamava de *fodedores da mente*.

As pessoas riram. Então, os comentários e as ideias começaram a despontar aos poucos, mas logo se avolumaram. Àquela altura, porém, eu mal estava ouvindo. Três homens haviam entrado nos fundos do auditório e se sentaram silenciosamente na última fila.

Por isso, quando a atraente mulher com camisa azul-turquesa surgiu com uma ideia brilhante, quase não a anotei. Apesar de algumas semanas mais tarde eu ter me lembrado do que ela dissera, ainda hoje me amaldiçoo por não ter dado a devida atenção naquela oportunidade.

A única coisa que posso alegar em minha defesa é que eu conhecia o mundo dos espiões e sabia o que os homens no fundo do auditório estavam fazendo ali. Eles estavam atrás de mim.

PARTE TRÊS

CAPÍTULO UM

Quase com certeza a teia-de-funil, nativa da Austrália, é a aranha mais venenosa do mundo — ainda pior do que a armadeira, do Brasil, e Deus sabe que essas já são ruins o bastante.

Há muito tempo, investiguei um caso em que a neurotoxina da aranha-teia-de-funil fora usada para matar um engenheiro americano, um ativo de uma de nossas agências secretas que trabalhava na Romênia. Como parte do inquérito, um biólogo me mostrou uma dessas criaturas pretas e corpulentas — um macho Sydney, a mais venenosa e agressiva da espécie.

Eu lhes garanto que, se vocês nunca viram uma aranha antes — se não têm a capacidade de distinguir um aracnídeo de um buraco no chão —, no momento em que virem uma teia-de-funil saberão que estão diante de algo mortal. Há homens — e algumas mulheres — assim no mundo da espionagem. Você sente na mesma hora que não foram tocados pela humanidade que habita a maioria das pessoas. Esta era uma das razões pelas quais eu estava satisfeito por ter deixado aquele ambiente para trás, disposto a tentar minha sorte à luz do dia.

Havia três deles no fundo do auditório, esperando o fórum terminar. Assim que os participantes do simpósio saíram para o almoço, deixando apenas eu e Bradley à frente da sala e os dois bósnios dormindo perto do console de som, eles caminharam na nossa direção.

Bradley já os vira mais cedo.

— Você os conhece?

— De certa forma — respondi.

— Quem são?

— Melhor não saber, Ben.

O policial reconheceu o perigo que representavam e não gostou da maneira como os homens estavam se portando, mas pousei a mão no braço dele.

— É melhor você ir — falei com calma.

Ben não se convenceu. Eu era colega dele e, se fosse haver problemas, ele queria estar ali comigo. Mas eu sabia por que o trabalho fora deixado nas mãos de homens como aqueles. Alguém estava me enviando uma mensagem: não há qualquer possibilidade de negociação, apenas faça o que mandarem.

— Vá, Ben.

Relutante, olhando por sobre o ombro, ele se dirigiu até a porta. As aranhas pararam à minha frente.

— Scott Murdoch? — perguntou o mais alto, obviamente o líder.

Scott Murdoch, pensei comigo mesmo. Aquilo fora há tanto tempo.

— Sim, um nome tão bom quanto qualquer outro — respondi.

— Você está pronto, Dr. Murdoch?

Inclinei-me e peguei minha fina maleta de couro — um presente que dei para mim mesmo quando cheguei a Nova York pela primeira vez e erroneamente pensei que era possível deixar minha outra vida para trás.

Não havia por que perguntar aos homens para onde iríamos. Eu sabia que não me diriam a verdade e ainda não estava pronto para todas as mentiras. Achei que merecia pelo menos mais alguns momentos ao sol.

CAPÍTULO DOIS

Primeiro, me levaram de carro ao East River. No heliporto havia um helicóptero à nossa espera, e voamos até um aeroporto em Jersey, onde um jato executivo decolou no momento em que embarcamos.

Uma hora antes do pôr do sol, vi a silhueta dos monumentos de Washington em contraste com o céu escuro. Pousamos na Base Aérea de Andrews. Três SUVs dirigidos por homens de terno esperavam por nós. Imaginei que eram do FBI ou do Serviço Secreto, mas eu estava errado — estavam muito acima disso.

O motorista do veículo da frente ligou a sirene e atravessamos o tráfego engarrafado com relativa facilidade. Entramos na 17th Street, chegamos ao Old Executive Office Building, passamos por um posto de segurança e descemos uma rampa até uma área de estacionamento.

As aranhas só poderiam ir até ali. Elas me entregaram a quatro sujeitos de terno que me levaram passando por uma área de recepção e ao longo de um corredor sem janelas que acabava em um elevador. Descemos até uma área subterrânea controlada por guardas armados. Não houve necessidade de esvaziar meus bolsos — passei por um aparelho de radiografia de retrodifusão que me revistou inteiro, tanto o material metálico quanto o orgânico, em detalhes íntimos.

Radiografado e autorizado, entramos em um carrinho de golfe e atravessamos uma série de passagens amplas. Por mais desorientador que fosse, aquilo não era a coisa mais estranha: eu tinha a sensação de que ninguém me encarava, como se tivessem sido orientados a não fazer contato visual.

Chegamos a outro elevador — este ascendeu uma distância que parecia ser de uns seis andares — e os quatro caras de terno me entregaram a um homem mais velho, mais bem-vestido, com cabelos grisalhos.

— Siga-me, por favor, Sr. Jackson — disse ele.

Meu nome não era Jackson, eu nunca ouvira falar de nenhum Jackson, meus muitos codinomes nunca incluíram um Jackson. Percebi, então, que eu era um fantasma, uma sombra sem nome ou presença. Se eu ainda não sabia o quanto aquilo era sério, soube naquele instante.

O homem grisalho me conduziu por uma área sem janelas que abrigava mesas de trabalho,

mas, novamente, ninguém olhou na minha direção. Passamos por uma pequena cozinha e entramos em um escritório muito mais amplo. Finalmente havia algumas janelas, mas a escuridão do lado de fora e a distorção causada pelo que eu supunha ser vidro à prova de balas tornava impossível ter alguma noção de onde estávamos.

O homem falou baixinho em seu microfone de lapela, esperou por uma resposta e, em seguida, abriu uma porta. Ele fez sinal para eu seguir em frente, e entrei.

CAPÍTULO TRÊS

A primeira coisa que impressiona a respeito do Salão Oval é que o lugar é muito menor do que parece na TV. O presidente, por outro lado, parecia muito maior.

Com um metro e oitenta e sete, sem paletó, olheiras fortes sob os olhos, o presidente se levantou de trás da escrivaninha, apertou a minha mão e indicou que deveríamos nos acomodar em alguns sofás em um canto. Quando me volvei naquela direção, vi que não estávamos sozinhos: havia um homem sentado na escuridão. Eu devia ter adivinhado, é claro. Fora ele quem enviara as aranhas, aquele que queria ter a certeza de que eu entenderia que a intimidação era inegociável.

— Olá, Scott — disse ele.

— Olá, Sussurrante — respondi.

Nos meus dias de espionagem, nos encontramos diversas vezes. Vinte anos mais velho do que eu, ele já estava abrindo caminho rumo ao topo da hierarquia no setor de inteligência, enquanto eu era uma estrela em ascensão na Divisão. Então, as Torres Gêmeas caíram e segui um caminho diferente. As pessoas dizem que, naquela tarde — e até a madrugada do dia 11 de setembro —, ele redigiu uma longa e impressionante desconstrução de toda a Comunidade de Inteligência dos Estados Unidos, destacando suas falhas abrangentes.

Embora ninguém que eu conheça tenha lido o documento, aparentemente o texto era tão cruel em sua opinião sobre indivíduos — incluindo o próprio autor — e tão impiedoso em sua crítica ao FBI e à CIA que sua carreira estaria acabada no momento em que entregasse aquilo ao presidente e aos quatro líderes do Congresso. Sendo um homem inteligente, Sussurrante devia saber qual seria o resultado: ele estava cometendo suicídio profissional.

Em vez disso, quando a real amplitude do desastre se tornou clara, o então presidente decidiu que ele era a única pessoa que parecia teimar em ser honesto em vez de tirar o seu da reta. Seja qual for a expressão em latim para “Da ira à vitória”, este deve ser o lema de Sussurrante. No ano seguinte, ele foi nomeado diretor de Inteligência Nacional.

Não posso dizer que apreciávamos muito a companhia um do outro durante nossos encontros profissionais, mas sempre houve uma admiração cautelosa, como se um grande tubarão-branco topasse com um crocodilo-de-água-salgada.

— Temos um pequeno problema — disse ele quando nos sentamos. — Trata-se de varíola. Eu era agora a décima pessoa a saber.

O presidente estava sentado à minha direita e senti que me observava, tentando avaliar a minha reação — assim como Sussurrante. Mas não demonstrei nada, ao menos não no sentido convencional. Sim, senti desespero, mas não pareci surpreso. Meu único pensamento era sobre um homem que conheci certa vez em Berlim, mas aquela não era a situação ideal para mencionar o caso, de modo que apenas balancei a cabeça e disse:

— Fale mais.

— Parece que um árabe... — continuou Sussurrante.

— Não sabemos se é árabe — interrompeu o presidente.

— O presidente está certo — reconheceu Sussurrante. — Isso poderia ser uma tentativa de desinformação. Vamos dizer que um homem no Afeganistão que fala um pouco de árabe sintetizou o vírus. Nos últimos dias, ele executou um teste em seres humanos, sua versão de um ensaio clínico.

Mais uma vez, eles me olharam para analisar a minha reação. Dei de ombros. Quando alguém se dá ao trabalho de criar um vírus, é claro que deve querer testá-lo.

— Funcionou? — perguntei.

— Claro que funcionou, porra! Se tivesse falhado, não estaríamos aqui — disse Sussurrante, irritado com minha aparente equanimidade. Por um minuto, pensei que levantaria a voz, mas ele não o fez. — Além disso, parece que o vírus foi projetado para ser imune à vacina — acrescentou.

O presidente não tirava os olhos de mim. Quando continuei em silêncio, ele balançou a cabeça e meio que sorriu.

— Vou lhe dizer uma coisa: você não se assusta tão fácil.

Agradei e busquei seu olhar. Era difícil não gostar dele. Como falei antes, ele estava muito longe de ser um político comum.

— O que mais vocês têm? — perguntei.

Sussurrante pegou uma pasta de documentos e me deu uma cópia do relatório do Echelon. Quando comecei a lê-lo, vi que nada fora apagado ou cortado — eu recebera inteligência bruta e não editada, o que me fez perceber o quanto aqueles homens estavam em pânico. Pensando retrospectivamente, creio que, à medida que a tarde ia se transformando em noite, eles de fato acreditavam que todo o país iria por água abaixo.

— Dois telefonemas — disse Sussurrante quando deixei o relatório de lado. — Três dias de intervalo.

— Sim — respondi, pensando a respeito. — O homem no Afeganistão fez o primeiro

telefonema para uma cabine telefônica na Turquia, onde uma mulher aguardava a ligação. Ela passara horas codificando uma mensagem, de modo que estava certa de que ele ligaria. Como ela sabia disso?

— Foi tudo combinado com antecedência — respondeu Sussurrante. — Você sabe como é. Em um dia e hora predeterminados ele ligaria e...

— Do meio das montanhas Hindu Kush? Enquanto estava testando uma notável arma de bioterrorismo? Não, penso que não. Ele não se arriscaria tanto. Acho que o mais provável é que algo tenha acontecido, e ela precisasse falar com ele com urgência. Isso significa que a mulher tinha algum meio de pedir que ele ligasse.

O presidente e Sussurrante ficaram sentados calmamente, considerando aquilo.

— Tudo bem — disse o presidente. — Ela entrou em contato com ele. Por que o Echelon não captou isso?

— Há várias possibilidades — respondi. — Fora da área de pesquisa, uma mensagem enviada dias antes para um celular desconhecido, um bilhete entregue em mãos. Pode ser qualquer coisa. Meu palpite seria uma mensagem em um fórum obscuro na internet.

— Faz sentido — disse Sussurrante. — O homem receberia um alerta automático dizendo-lhe que alguém postara um novo perfil ou algo assim.

— Exato, e logo que visse o alerta saberia o que aquilo queria dizer na verdade: que deveria ligar. Então, ele liga na primeira oportunidade de um telefone totalmente diferente. Ele ouve a mensagem codificada, que lhe transmite alguma informação. Também diz para ele ligar de novo dali a três dias. Ele liga, e esse é o segundo telefonema.

— Dois telefonemas e algum tipo de alerta ou mensagem que não conseguimos identificar — disse o presidente. — Não é muito, mas é tudo o que temos.

Ele olhou para mim.

— Sussurrante diz que você é o melhor homem que temos para ir à Turquia encontrar essa mulher.

— Sozinho? — perguntei com prudência.

— Sim — respondeu Sussurrante.

Foi o que imaginei, pensei. Eu também teria usado um Rastreador: alguém disfarçado, uma pessoa que pudesse abrir caminho ao longo das paredes de um beco escuro, um homem que seria lançado de paraquedas para iluminar o caminho para as tropas de assalto que viriam em seguida. Eu também sabia que a maioria dos Rastreadores não desfrutavam daquilo que os especialistas em inteligência chamam de “longevidade”.

— E quanto à inteligência turca? — perguntei. — Eles vão estar lá para ajudar?

— A si mesmos, talvez — disse Sussurrante. — Em menos de uma hora eles divulgariam

qualquer informação que recebessem. Ou, mais provavelmente, a venderiam para meio mundo.

Quando Sussurrante disse que queria alguém para ir “sozinho”, ele de fato queria dizer sozinho. Sentei-me em silêncio, pensando na Turquia e em uma série de outras coisas.

— Você não me parece muito entusiasmado — disse o presidente afinal, notando a ansiedade no meu rosto. — O que me diz?

O telefone tocou, e percebi que, dada a dimensão do que estávamos discutindo ali, devia ser algo importante — provavelmente a Coreia do Norte acabara de lançar um ataque nuclear para acabar com um dia que, de outra forma, seria perfeito.

Quando o presidente atendeu e virou-se de costas para obter um pouco de privacidade, Sussurrante abriu seu celular para verificar as mensagens. Olhei pela janela. Não é todo dia que temos a oportunidade de admirar a vista do Salão Oval. Mas a verdade foi que não vi coisa alguma.

Eu estava pensando em sonhos fracassados sobre ter uma vida normal e uma mulher atraente em Nova York cujo número de telefone jamais saberia. Eu estava pensando em festas na praia no Quarto de Julho e em todas as coisas que tão facilmente se perdem nos incêndios. Mas, acima de tudo, estava pensando sobre como o mundo da espionagem nunca o abandona — ele está sempre à espera na escuridão, pronto para pegar seus filhos de novo.

Em seguida, um mau pressentimento sobre o que estava por vir tomou conta de mim, e vi algo tão claramente como se estivesse do outro lado do vidro. Eu estava navegando em um velho iate com velas remendadas, o vento forte me impulsionando através de um mar estrangeiro, apenas as estrelas no céu para me guiar em meio à escuridão. Não havia nada além de silêncio, um silêncio tão grande que gritava, e vi o barco e eu ficando cada vez menores. Assistindo-me desaparecer na água negra e sem fim, fiquei com medo, um medo de gelar o estômago, um medo de fim dos tempos.

Em todos os meus anos envolvido com perigos terríveis, aquela era a primeira vez que eu imaginara ou sentira algo parecido. Você não precisava de um doutorado em psicologia de Harvard para saber que eu tive uma visão da morte.

Muito abalado, ouvi o presidente desligar e voltei-me para ele.

— Você estava prestes a nos dizer — falou ele. — Vai para a Turquia ou não?

— Quando devo partir? — perguntei.

Não havia por que discutir ou reclamar. Presságios sinistros ou não, a vida tem o seu modo de nos encurralar. Uma pessoa se prontifica ou não.

— Pela manhã — disse Sussurrante. — Você deve ir completamente em segredo. Apenas nós três saberemos quem você é e qual é a sua missão.

— Precisaremos de um nome, algo para identificá-lo — acrescentou o presidente. —

Alguma preferência?

O iate e o mar ainda deveriam estar frescos na minha memória, porque uma palavra aflorou de maneira espontânea em meus lábios.

— Peregrino — respondi calmamente.

Sussurrante e o presidente trocaram um olhar para ver se havia alguma objeção.

— Por mim, tudo bem — disse Sussurrante.

— Sim, parece adequado — respondeu o presidente. — Que seja Peregrino, então.

CAPÍTULO QUATRO

Quando saí da Casa Branca já era tarde o suficiente para o tráfego noturno ter se normalizado. Sussurrante e eu estávamos na traseira de seu carro do governo, atravessando a cidade. O diretor tinha um aspecto terrível; as horas sem descanso cobravam o seu preço e, depois de um dia inteiro afogado pela crise, seu rosto estava tão cinzento quanto uma lápide.

E, para piorar, a noite parecia longe de terminar.

Como apenas nós três sabíamos qual o verdadeiro propósito de minha missão — e como ninguém tinha qualquer intenção de aumentar esse número voluntariamente —, Sussurrante já se oferecera para ser meu oficial do caso. Eu seria o agente de campo e ele teria a função de me “administrar”. Como acontece com qualquer agente e seu oficial, havia um milhão de detalhes que teríamos de combinar antes, e supus que estávamos a caminho de seu escritório para começarmos a trabalhar. O plano era eu estar em um voo comercial para a Turquia em menos de doze horas.

Mais cedo, depois de o presidente apertar a minha mão e me dizer que eu poderia escolher uma lembrancinha: ou uma fotografia emoldurada dele mesmo, ou um conjunto de bolas de golfe da Casa Branca — devo reconhecer que, dadas as circunstâncias, ele tinha um ótimo senso de humor —, Sussurrante ficou para trás para uma discussão particular. O homem grisalho me pôs de quarentena em um escritório vazio e, após cinco minutos, o diretor reapareceu e me acompanhou até a garagem da Casa Branca. Para diminuir ao máximo o número de pessoas que me veriam, pegamos a escadaria. Mal tínhamos subido uma dúzia de degraus, Sussurrante começou a ofegar. Ele tinha ganhado algum peso e era óbvio que não andava em dia com os exercícios físicos.

Eu esperava poder passar algum tempo no carro trabalhando minha lenda, mas, após murmurar instruções ao motorista e erguer o vidro a fim de ter privacidade, ele verificou seu celular outra vez para ler as mensagens e pegou um monitor de pressão arterial portátil dentro da pasta.

Ele arregaçou a manga da camisa, colocou a braçadeira e bombeou. Enquanto esvaziava, olhou para o marcador digital na pequena tela. Eu também olhei.

— Meu Deus! — exclamei. — Cento e sessenta e cinco por noventa! Você vai morrer.

— Não, não. Não é assim tão ruim — respondeu. — Imagine quão alto seria se eu falasse como uma pessoa normal.

Sussurrante não era conhecido por suas piadas, e apreciei o esforço que fez. Ele afastou o monitor e afundou mais um pouco no assento. Imaginei que ele precisava de alguns momentos para descansar, por isso fiquei surpreso quando ele olhou para a janela e começou a falar.

— É o meu aniversário, sabe? Amanhã faz trinta anos desde que entrei para a agência. Trinta anos, e nenhum dia de paz. Assim são as coisas no nosso ramo, não é mesmo? Sempre em guerra com alguém.

Dava para ver seu rosto refletido no vidro. Ele parecia muito mais velho do que a idade que tinha e, apesar da bravata, acho que estava preocupado com a pressão arterial e quantos abusos mais seu corpo seria capaz de aguentar.

— Três casamentos, quatro filhos que eu mal conheço — prosseguiu. — Ainda assim, foi uma vida gratificante em comparação com a de um monte de gente. Mas eu seria um tolo se não me perguntasse: será que alguma coisa que fiz realmente fez alguma diferença? Você não vai ter esse problema, não é mesmo? — disse ele, voltando-se para mim. — Resolva esse caso e, daqui a cinquenta anos, ainda estarão falando do Peregrino.

Talvez me falte algo, mas não me importo muito com coisas assim. Nunca me importei. Então, apenas dei de ombros.

Ele se voltou para a janela.

— É sincero, então? Você não dá a mínima, não é mesmo? Eu o invejo. Gostaria de ser vinte anos mais jovem. Teria apreciado a chance de fazer tudo ter valido a pena.

— Pode ficar com esse caso, Dave — falei calmamente. — É seu, e de graça. — Dave era o nome dele, mas quase ninguém se lembrava disso. — Ele está me deixando apavorado.

Dave deu uma risadinha.

— Então você disfarça muito bem. Fiquei para trás com o presidente para saber o que ele achou de você.

— Percebi.

— Ele ficou impressionado, disse que você era o filho da puta mais legal que já tinha conhecido.

— Então, ele precisa sair mais — falei.

— Não — respondeu Sussurrante. — Eu estava olhando para o seu rosto quando falei sobre a varíola. Talvez isto seja o apocalipse. Os quatro cavaleiros já estão montados e a caminho, e você não demonstra nenhuma emoção, nenhum pânico, nem mesmo *surpresa*.

— É verdade. Pelo menos, a parte da surpresa. Eu não me surpreendi.

— Não, *não*. Qualquer um teria...

Eu estava ficando irritado, aborrecido por ter sido arrastado de volta a uma vida da qual não queria mais fazer parte.

— Não fiquei surpreso — falei, de uma maneira um tanto brusca —, porque, ao contrário de todos os tais especialistas de Washington, eu tenho escutado.

— Escutado o quê?

Olhei para a frente e vi que entrávamos em um grande engarrafamento.

— Você já foi a Berlim, Dave?

— Berlim? O que Berlim tem a ver com isso?

CAPÍTULO CINCO

Sussurrante não sabia aonde eu queria chegar, mas decidiu entrar no jogo.

— Sim, estive em Berlim na década de oitenta, pouco antes da queda do Muro — disse ele.

Eu deveria ter me lembrado, é claro — na época, ele trabalhava na CIA, como chefe de sucursal no ponto mais quente da Guerra Fria, no local que era então a capital da espionagem.

— Você se lembra da Bebelplatz, aquela grande praça pública em frente à catedral?

— Não, isso ficava em Berlim Oriental. O pessoal do meu trabalho não pulava o Muro com frequência. — Ele sorriu, e tive a sensação de que gostava de se lembrar dos velhos tempos, quando os inimigos eram os soviéticos e todo mundo sabia quais eram as regras.

— Quando eu estava começando, fui enviado para o escritório da Divisão em Berlim — prossegui. — Foi dali que parti para Moscou e para meu encontro com o Navegante da época.

Ele olhou para mim por um longo tempo, percebendo que nunca faláramos sobre aquele assunto.

— Foi um negócio infernal — disse ele. — E em plena Moscou! Sempre achei que era preciso ter muita coragem.

— Obrigado — respondi calmamente. Eu estava sendo sincero. Era um grande elogio vindo de um homem com o currículo dele. — Antes de tudo aquilo, eu costumava ir a pé até a Bebelplatz aos domingos — prossegui. — Não era a arquitetura grandiosa que me levava até lá. Era a maldade do lugar.

— Que maldade?

— Certa noite, em maio de 1933, os nazistas reuniram uma multidão com tochas e invadiram a biblioteca da Universidade Friedrich-Wilhelm, contígua à praça. Quarenta mil pessoas aplaudiram quando eles queimaram mais de vinte mil livros de autores judeus. Muitos anos depois, um painel de vidro foi instalado no chão para marcar o local da fogueira. É uma janela e, inclinando-se sobre ela, dá para ver uma sala lá embaixo. A sala é branca, forrada do chão ao teto com prateleiras...

— Uma biblioteca vazia? — perguntou Sussurrante.

— Isso mesmo — respondi. — O tipo de mundo em que viveríamos caso os fanáticos tivessem vencido.

— Um bom memorial — disse ele, balançando a cabeça. — Melhor do que uma maldita estátua.

Olhei através do para-brisa. O engarrafamento estava começando a se desfazer. Prossegui:

— Após algumas vistas à praça, percebi que a biblioteca vazia não era a única coisa interessante no lugar. Um velho gari com olhos lacrimejantes, um sujeito que estava ali varrendo todos os domingos, era um impostor.

— Como descobriu? — perguntou, a curiosidade profissional despertada.

— A lenda dele não era muito boa. O homem era muito detalhista em seu trabalho, o macacão cinza era muito bem-acabado.

“De qualquer modo, certo dia eu lhe perguntei por que ele varria a praça. Ele respondeu que tinha setenta anos, que era difícil encontrar um emprego, que um homem tinha de ganhar a vida honestamente... mas então viu a expressão no meu rosto e não se incomodou mais em mentir.

“Ele se sentou, arregaçou a manga e me mostrou sete números desbotados tatuados no pulso. Ele era judeu, e apontou para os grupos de idosos de sua geração, todos vestindo trajes de domingo, tomando sol nos arredores.

“Ele me disse que eram alemães — mas que, assim como um monte de patrícios deles, aqueles homens e mulheres não mudaram, apenas perderam a guerra. Em seus corações, ainda entoavam as velhas canções.

“Ele me disse que varria a praça para que eles pudessem ver e saber que um judeu sobrevivera, que sua raça ainda estava lá, que seu povo *resistira*. A praça era a sua vingança.

“Quando ele era criança, aquela praça fora o seu playground. Ele me disse que estava ali na noite em que os nazistas chegaram. Não acreditei nele. Afinal, o que um menino judeu de sete anos estaria fazendo ali?

“Então, ele apontou para a antiga universidade e disse que seu pai era bibliotecário e que sua família vivia em um apartamento atrás do escritório dele.

“Alguns anos depois da fogueira, a multidão veio buscá-lo. E à sua família. Como ele disse, sempre aconteceu da mesma forma: começam queimando livros e acabam queimando pessoas. De uma família composta por um casal e cinco filhos, ele foi o único sobrevivente.

“Ele passou por três campos em cinco anos, incluindo Auschwitz. Perguntei-lhe o que ele havia aprendido com o milagre de ter sobrevivido.

“Ele riu e disse que não era nada que eu chamaria de original. A morte é terrível, o sofrimento é pior. Como sempre, os idiotas constituem a maioria em ambos os lados da corda.

“Então ele pensou um instante. Sim, havia algo que a experiência lhe ensinara. Ele disse que tinha aprendido que quando milhões de pessoas — todo um sistema político, um número

incontável de cidadãos tementes a Deus — lhe dizem que vão matá-lo, então *dê ouvidos ao que estão dizendo*.

Sussurrante se voltou e olhou para mim.

— Então é isso que você quis dizer? Você andou dando ouvidos a muçulmanos fundamentalistas?

— Sim — respondi. — Ouvi bombas explodindo em nossas embaixadas, multidões clamando por sangue, mulás emitindo decretos de morte, líderes autoproclamados gritando pelo *jiha*d. Eles estão queimando os livros, Dave. A temperatura do ódio em certas partes do mundo islâmico subiu até Plutão. E eu os tenho escutado.

— E você acha que nós, o pessoal de Washington, não temos? — perguntou ele sem demonstrar aborrecimento.

Outrora eu fora líder de uma agência de inteligência e acho que ele realmente queria saber.

— Em suas mentes, talvez. Mas não em suas entranhas.

Ele se voltou e olhou pela janela. Começava a chover. Ficou em silêncio por um longo tempo e comecei a me perguntar se a pressão de Sussurrante havia decolado outra vez.

— Acho que você está certo — disse ele, por fim. — Creio que, assim como os judeus, acreditando na bondade fundamental dos seres humanos, nunca pensamos que isso poderia de fato acontecer. Mas, *porra*, eles têm a nossa atenção agora.

Atravessamos um conjunto de portões elétricos e paramos junto a uma pequena guarita. Nosso destino não era o escritório de Sussurrante. Na verdade, era a casa dele.

CAPÍTULO SEIS

As cortinas estavam fechadas no escritório de Sussurrante, mas, após várias horas, através de uma estreita abertura, vi que a chuva passara e que uma lua vermelho-sangue erguia-se no horizonte. Um mau presságio, pensei.

Normalmente, eu era racional demais para dar atenção a esse tipo de coisa, mas a visão do velho iate em um mar salpicado de espuma me abalara bastante. Era como se um canto do universo tivesse se erguido e eu tivesse visto a estrada adiante. Não uma estrada, corrigi a mim mesmo. Um beco sem saída.

Felizmente, havia muito trabalho com o qual me ocupar. Fôramos para a casa de Sussurrante porque ele sabia que em qualquer operação secreta o maior perigo vem de dentro. Fofocas, especulações e comentários imprudentes fizeram a desgraça de incontáveis agentes, de modo que Sussurrante driblou a todos. Não passamos nem perto de sua sala para fugir da inevitável boataria.

Ele herdara a casa do pai, um banqueiro que fora eleito senador. Era um lugar muito bonito e espaçoso, incluído como patrimônio histórico nacional. Por conta disso, montamos nosso quartel-general no estúdio de uma casa que já pertencera a um parente de Martha Washington.

Graças à posição de Sussurrante no governo, os meios de comunicação do lugar eram quase tão seguros quanto os da Casa Branca: sempre monitorados em busca de escutas e outras invasões eletrônicas. Possuía também uma conexão de internet que fazia parte da Rede de Alta Segurança do governo.

Assim que entramos no escritório, Sussurrante tirou o paletó, ligou a cafeteira e iniciou uma série de exercícios respiratórios. Ele disse que aquilo ajudava a controlar a pressão arterial, mas não acreditei: o velho militar estava se livrando da ferrugem do passado e se preparando para flexionar músculos que não eram utilizados há anos. David James McKinley — marido fracassado, pai ausente, diretor de inteligência dos Estados Unidos, um homem entristecido por não ter encontrado um lugar no panteão — poderia muito bem estar de volta a Berlim. Ele se tornara operacional.

Na mesma hora, ele convocou secretários, assistentes especiais, assistentes executivos e duas telefonistas — uma dúzia de pessoas ao todo — e instalou-os em diversas partes da casa.

Sussurrante deixou claro que o acesso ao gabinete estava proibido a todos, e a beleza de tudo isso é que ninguém sabia que eu estava no prédio.

Com um escritório de retaguarda montado, Sussurrante e eu começamos a tentar dominar um milhão de detalhes, aquelas pequenas coisas que podem significar a vida ou a morte quando você está caçando terroristas no sul da Turquia, um país que faz fronteira com o inimigo, a menos de um dia de carro do Iraque e da Síria. Apesar de não discutirmos o assunto, ambos sabíamos o que estávamos fazendo: nossa missão era mandar um espião para o frio.

A cada poucos minutos, Sussurrante ia até o escritório para pegar arquivos e atribuir tarefas. É claro que os membros da equipe sabiam que estavam envolvidos em algo grande, de modo que seu chefe começou a lhes passar dicas ardilosas. O resultado foi que, quando divulgaram a notícia sobre o gatilho nuclear, as pessoas mais próximas à investigação imediatamente imaginaram fazerem parte da busca pelo terrorista que estava tentando comprá-lo. Dave McKinley não confiava em ninguém, e não era de admirar que as pessoas o considerassem o melhor oficial de sua geração.

No estúdio com paredes revestidas com painéis de madeira, eu já decidira que as cabines telefônicas no centro de Bodrum eram o melhor lugar por onde começar. Dado o que tínhamos, era o único lugar por onde começar. Obviamente, a Telco da Turquia não possuía um mapa confiável, de modo que decidimos que eu teria de cobrir uma área de treze quilômetros quadrados a pé.

Sussurrante ligou para o chefe da NSA e solicitou que uma foto de satélite do centro da cidade fosse enviada para a casa dele naquele instante. Enquanto esperávamos, ele foi até a sala de jantar, onde os assistentes executivos estavam instalados, pediu que um deles ligasse para a CIA e dissesse que eles tinham seis horas para lhes entregar um smartphone equipado com uma câmera digital de alta resolução. Tal câmera deveria estar sincronizada com o sistema de GPS do telefone.

A ideia era eu tirar fotografias de alta qualidade de cada cabine telefônica em Bodrum com o meu celular fingindo ser um turista registrando cenas comuns na Cidade Velha. Depois, as imagens seriam automaticamente baixadas para o mapa, e eu teria um registro completo do aspecto e da posição exata de cada cabine telefônica na área.

Em algum lugar da lista estaria a cabine que estávamos procurando. Sabíamos que uma mulher a usara em datas específicas, em ambas as ocasiões no início da noite, e que falara com o homem que precisávamos capturar. Havia barulho de tráfego ao fundo, o que descartava as áreas de pedestres. Também havia música. O que aquilo significava não fazíamos ideia — esperávamos que a NSA tentasse isolar, melhorar e identificar aquele som.

Um plano de investigação focado em cabines telefônicas não era muito, de forma alguma —

se o plano fosse um paciente, poderíamos dizer que ele estava ligado a aparelhos para se manter vivo. No entanto, de certa maneira, era suficiente. Minha jornada começara.

Com a primeira etapa da investigação concluída, Sussurrante e eu começamos a trabalhar na lenda. Tínhamos chegado à conclusão de que, dado o pouco tempo que tínhamos para organizá-la, eu iria para a Turquia como um agente especial do FBI para trabalhar no assassinato do Eastside Inn.

Aquela lenda tinha problemas sérios — por que o FBI investigaria um homicídio em Nova York e por que levaria tanto tempo para se envolver no caso? Eu também não poderia ir à Turquia sem ser convidado — seria necessária uma permissão do governo turco —, e estávamos preocupados que, mesmo em um dia favorável, a conexão entre o assassinato, Bodrum e alguns dígitos de um número de telefone pareceria algo muito vago.

Então, tivemos um pouco de sorte — ou ao menos foi o que pensamos. Deveríamos ter entendido melhor, é claro.

CAPÍTULO SETE

Enquanto tentávamos melhorar minha lenda capenga, Sussurrante recebeu um telefonema na sala de estar. Era ali que estavam seus dois assistentes especiais — ambos com habilitações de segurança elevadas o suficiente para ter acesso à maioria dos documentos governamentais.

Ele saiu para vê-los e voltou alguns minutos depois com um arquivo que acabara de chegar do Departamento de Estado. Continha um relato de dez parágrafos — breve, esquemático, frustrante — da morte de um cidadão americano em Bodrum havia vários dias.

Um jovem morreria e, devo admitir que, por mais triste que fosse, aquilo pareceu uma boa notícia para nós — tal morte poderia justificar um interesse legítimo do FBI.

Sussurrante me entregou o arquivo e, embora o nome completo da vítima estivesse escrito no topo, não o assimilei. Foi um dos parágrafos posteriores que me chamou a atenção: dizia que ele era chamado de Dodge por conhecidos e amigos.

— Dodge? Por que Dodge? — perguntei.

— Como o carro — respondeu ele. — O rapaz tinha vinte e oito anos e era herdeiro de uma fortuna na indústria automobilística. Ele era um bilionário. Acho que a escolha foi entre Dodge e Sortudo.

— Nem tão sortudo — falei, enquanto continuava a ler.

Segundo o relato, ele e a esposa estavam hospedados em uma das mansões nos penhascos de Bodrum, conhecida como Casa Francesa, quando ele escorregou, saltou ou foi empurrado das pedras de uma altura de trinta metros. Os mergulhadores demoraram duas horas para recuperar o corpo no mar revolto.

— Não acho que será um funeral de caixão aberto — disse Sussurrante quando terminei de olhar para as fotos em anexo e baixe o arquivo na mesa.

Não havia evidência alguma, e talvez eu estivesse propenso a procurar conexões onde não havia nada — admito que gosto de uma boa teoria da conspiração tanto quanto qualquer pessoa —, mas não pude deixar de me perguntar se não haveria uma ligação entre um pedaço de papel encontrado em um cano do Eastside Inn e o corpo mutilado de um bilionário.

— O que você acha? — perguntei ao me voltar para Sussurrante. — Apenas uma coincidência ou Dodge e o assassinato da mulher em Manhattan estão conectados?

Sussurrante lera os arquivos do caso da mulher quando estávamos trabalhando na minha lenda e tinha qualificação suficiente para emitir uma opinião.

— Quase com certeza. Mas não me importo — respondeu. — Tudo o que me preocupa é que, no que diz respeito à sua lenda, há cerca de meia hora estávamos polindo bronze e chamando de ouro. Agora temos um bilionário americano que morreu em circunstâncias questionáveis. Um americano com *bons contatos*...

— Como você sabe que ele tinha bons contatos?

— Mostre-me uma família com dinheiro que não tenha.

— Não há família alguma, apenas a esposa, segundo o relatório — argumentei, fazendo o papel de advogado do diabo.

— E daí? Haverá tias, padrinhos, advogados, um administrador. Vou mandar o escritório começar a verificar, mas, com um bilhão de dólares, certamente haverá alguém.

Ele estava certo, é claro. Por ter sido criado por Bill e Grace, eu sabia disso.

— Tudo bem, então um administrador ou um advogado ouve dizer que Dodge está morto. E então? — falei.

— Então, eu peço ao Departamento de Estado que ligue para ele e diga que eles estão preocupados com a morte, mas que precisam de alguém com autoridade para pedir ajuda ao governo. O advogado ou o administrador concorda e...

— Sim, tudo bem, essa parte eu entendi. É dever dele — acrescentei.

— O Departamento de Estado sugere que ele ligue para a Casa Branca e faça um pedido formal — disse Sussurrante. — O chefe do estado-maior recebe o pedido. Ele diz que entende, o administrador quer uma investigação adequada. É um país estrangeiro; qualquer coisa pode acontecer. Então, o que a Casa Branca faz?

— Pede que o FBI envie um agente especial para acompanhar a investigação.

— Exato — disse Sussurrante. — E o melhor é que Grosvenor pode ligar para o presidente da Turquia pessoalmente para organizar isso. Um bilhão de dólares e o nome de uma grande família da indústria automobilística. É bastante verossímil.

Ambos sabíamos que, a partir daquele momento, eu era um agente especial do FBI.

— Que nome quer usar? — perguntou Sussurrante.

— Brodie Wilson — respondi.

— Quem é? — perguntou Sussurrante.

Ele conhecia a rotina e queria ter certeza de que, se em breve as perguntas ficassem muito difíceis, eu não ficaria confuso quanto ao meu nome.

— Um cara que morreu. Era parceiro de vela do meu padrasto. Bill me disse que era o melhor velejador que já conheceu.

De repente, não sei por quê, me senti profundamente entristecido.

Sussurrante não percebeu; ele estava muito ocupado sendo o oficial do caso.

— Certo. Você nasceu em Long Island, veleja todo fim de semana, a data de nascimento é a mesma que a sua, o parente mais próximo é a mãe viúva. Tudo bem?

Assenti, guardando as informações na memória. Aquilo tudo iria para o meu passaporte — um exemplar surrado com muitos vistos que seria produzido pela CIA nas próximas horas. Sussurrante pegou o telefone e fez diversas ligações para a sala de estar, para a cozinha e para a sala de jantar, de modo que começassem a organizar aquilo, assim como uma série de outros detalhes que transformariam um nome falso em uma identidade real.

Aproveitei a oportunidade para pensar: na Turquia, eu precisaria de um elo, alguma maneira de me comunicar com Sussurrante. Eu não poderia fazer uma ligação direta para ele — um agente do FBI estaria sendo visado pela versão turca do Echelon, e eles quase certamente ouviriam cada ligação. Mas se eu estivesse investigando a relação entre a morte de Dodge e o assassinato no Eastside Inn, eu poderia falar com o detetive de homicídios de Nova York encarregado do caso.

Minha ideia era que Ben Bradley poderia atuar como nossa caixa de correio — recebendo mensagens em código e retransmitindo-as entre nós. Assim que Sussurrante terminou de dar os telefonemas, expliquei essa ideia para ele, mas o militar não pareceu muito seguro.

— Qual é mesmo o nome desse cara? — perguntou.

— Bradley. Ben Bradley — respondi.

— É confiável?

Sussurrante estava muito além da exaustão, mas seu rosto se reavivou quando lhe contei sobre as Torres Gêmeas e o que Bradley fizera para o cara na cadeira de rodas.

— É um patriota — falei.

— Sessenta e sete andares? — disse Sussurrante. — Ele não é um patriota, é um atleta, porra.

Então, pegou o telefone e tomou as providências para que o FBI fosse buscá-lo.

CAPÍTULO OITO

Bradley estava dormindo quando o telefone tocou. Por duas vezes, ele deixou a secretária eletrônica atender, mas quando o interfone do apartamento também tocou, ele sentiu que não tinha outra escolha senão atender. Uma voz desconhecida na porta da frente do prédio pediu-lhe para atender o maldito telefone.

Com Marcie ao seu lado, Bradley tirou o fone do gancho e disseram-lhe que havia um carro esperando por ele lá fora. Ele estava sendo chamado imediatamente à sede do FBI. Ben tentou descobrir do que se tratava, mas o cara do outro lado da linha se recusou a dizer.

Após vestir sua calça jeans da moda e uma camiseta — eram duas horas da manhã —, ele foi levado até o mesmo edifício banal que eu visitara alguns meses antes e seguiu escoltado até o décimo primeiro andar. Um agente do turno da noite levou-o até uma sala à prova de som, que não tinha nada, exceto uma cadeira e um telefone, e fechou a porta ao sair. O telefone tocou, Bradley atendeu e ouviu a minha voz.

Disse-lhe que não tínhamos muito tempo, de modo que ele teria de me ouvir com atenção.

— Meu nome é Brodie Wilson e sou um agente especial do FBI, entendeu? — Justiça seja feita, Ben entendeu tudo na hora.

Informei-lhe que, dali a algumas horas, eu estaria indo para Bodrum e dei-lhe um breve resumo sobre a morte de Dodge. Na mesma hora, ele começou a perguntar se haveria alguma conexão com a mulher no Eastside Inn, mas eu o interrompi. Aquela investigação não era a nossa preocupação principal. Então, falei que ligaria para ele da Turquia e que seu trabalho seria o de ouvir com atenção e transmitir o que eu dissesse para um número de dez dígitos que estava prestes a lhe passar.

— Em nenhuma circunstância você deve tentar gravar o que eu lhe disser. Apenas memorize e faça anotações — falei, com mais severidade do que o necessário, mas estava preocupado. A versão turca do Echelon descobriria se ele usasse um dispositivo de gravação e isso dispararia um monte de alertas vermelhos. — Podem lhe pedir para você enviar mensagens para mim. Faça da mesma maneira, certo? Eis o número de dez dígitos...

Eu estava na metade do número quando ele me deteve.

— Está errado — disse ele.

— Não, não está — respondi, irritado. Eu também estava exausto.

— Não pode estar certo, Scott... digo, Brodie. Não existe esse código de área.

— Existe, sim.

— Não, eu estou lhe dizendo... — Ele tentou argumentar, mas eu o detive.

— É um código de área, Ben! As pessoas simplesmente não sabem que existe, entendeu?

Ninguém sabe.

— Ah — disse ele. Então terminei de passar o número.

Não disse nada para Ben, mas agora ele tinha o número de celular de alta segurança do diretor da inteligência dos Estados Unidos — conhecido por apenas outras cinco pessoas, dentre elas o presidente.

Sem saber, Ben se juntara aos cachorros grandes.

CAPÍTULO NOVE

Sussurrante também estivera falando ao telefone. Quando terminei com Ben, ele havia organizado uma miríade de outros detalhes — passagens de avião, cartões de crédito e até mesmo as besteiras que poderiam ser encontradas nos bolsos de Brodie Wilson.

Entre o material que transformaria meu nome em uma lenda verossímil havia um laptop com quatro anos de uso e muitos quilômetros rodados. O computador incluiria um endereço de e-mail com centenas de mensagens antigas — profissionais e particulares —, bem como documentos e arquivos de casos antigos.

— Você vai ter de ler isso no avião e tentar se familiarizar com toda a porcaria — disse Sussurrante. — Concentre-se no arquivo com as fotos de família. Você está divorciado, mas tem dois ou três filhos. Não me lembro exatamente do que eu disse para eles. Você pode se confundir com detalhes sobre investigações passadas, mas é claro que não pode fazer isso com a família. Eu falei que você era um pai muito dedicado.

— Algum material criptografado? — perguntei.

— Tudo é protegido por senha e por um código de segurança de baixo nível, mas eles podem superar tudo isso fácil. Acho que blindá-lo suscitaria muitas perguntas estranhas. Também vão baixar arquivos no iTunes do laptop e você terá um MP3 player. Mas vou logo avisando: os nerds da agência têm um gosto musical terrível.

— Obrigado. Provavelmente vou ter de me tornar fã de rap — respondi.

Ouvi carros atravessando o longo caminho de cascalho e imaginei que era o pessoal do escritório de retaguarda indo embora após terminarem o trabalho.

— Quando tudo estará pronto? — perguntei.

— Às seis horas. Suas roupas, passaporte e laptop serão deixados na guarita e o guarda os colocará na cozinha para você.

Nós já havíamos combinado que eu poderia usar o quarto de hóspedes, o que significava que teria duas horas para dormir antes de ter de voltar ao trabalho. Graças a Deus tenho adrenalina, pensei.

— O táxi deve chegar pouco antes das sete — prosseguiu Sussurrante. — Arranjei uma reunião para você antes de entrar no avião. Os detalhes estarão entre as suas coisas.

Seu rosto parecia o de um homem morto e ambos sabíamos que ele não estaria acordado quando eu saísse. A única coisa que restava era se despedir.

Ele levou todos os nossos blocos de notas e pen drives, jogou-os na lareira e acendeu um fósforo. Tenho certeza de que isso não constava no manual, na seção sobre destruição adequada de material secreto, mas ao menos o fogo deu ao quarto uma sensação acolhedora e aqueceu nossos sentimentos em relação ao que estava por vir.

— Eu gostaria de poder estar lá para lhe dar cobertura — disse ele com sinceridade. — Especialmente sabendo que você vai ficar acuado. Mas não estarei.

— Ninguém vai estar — acrescentei.

— É verdade. Você estará por conta própria.

Nossos olhos se encontraram e esperei que ele estendesse a mão, me cumprimentasse e me desejasse boa sorte, mas ele não o fez.

— Você não é como eu. Você não é como qualquer outro agente que eu tenha conhecido, Scott. Seu fardo é o seu coração — disse ele.

Pensei naquilo um instante. Meu fardo era o meu coração? Ninguém nunca me dissera aquilo antes, mas parecia haver alguma verdade na frase.

— Você talvez sinta as coisas mais do que deveria — falou Sussurrante. — Há circunstâncias em que isso pode tornar as coisas muito difíceis para você.

Ele se voltou e atçou o fogo. Não era algo agradável de se ouvir, mas ele tinha o direito de dizê-lo — ele era meu oficial do caso.

— Se, por algum motivo, tudo der errado e você tiver certeza de que eles estão atrás de você, não hesite: aperte o botão de ejetar.

— Você quer dizer, cair fora?

Ele não respondeu, não diretamente.

— Você já esteve no Afeganistão?

— Não, nunca.

— Sorte sua. Passei alguns anos prestando serviços em Cabul. Duas vezes. Os ingleses estiveram lá cem anos antes de nós, mas as coisas não eram muito diferentes. Eles costumavam entoar uma canção:

*Quando você está ferido e solitário nas planícies afegãs,
E as mulheres surgem para cortar o que não lhe foi tirado,
Apenas pegue sua arma, dê fim à mente sua
E vá até seu deus como um soldado.*

Ele meio que deu de ombros, tentando fazer pouco caso daquilo.

— Então, sim, como os soldados ingleses diziam: “Apenas pegue sua arma.” Não há por que sofrer, Scott. Não há por que prorrogar aquilo.

Então naquele momento eu soube, sem sombra de dúvida, que ele recorrera aos bancos de dados e lera o meu arquivo.

CAPÍTULO DEZ

Não se pode chamar aquilo de sono — após algumas horas inquietas deitado nas cobertas no quarto de hóspedes da casa de Sussurrante, levantei-me ao alvorecer. Mais cedo, ouvira a porta dos fundos da casa se abrindo, de modo que não fiquei surpreso ao encontrar a ficção da minha nova vida sobre o banco da cozinha.

Abri a mala surrada — a Samsonite que eu supostamente usara durante anos, tanto para as férias em família quanto para minhas atribuições profissionais —, coloquei o restante do material ali dentro e voltei para o quarto.

Após o banho, dei uma olhada nas roupas que me foram fornecidas e fiquei satisfeito ao ver que a maioria delas tinha etiquetas de lojas de Nova York. Alguém sabia o que estava fazendo. Escolhi o traje que um agente especial do FBI usaria ao viajar para um lugar exótico — em outras palavras, me vesti como se estivesse indo para o escritório, mas dispensei a gravata. Verifiquei a carteira de couro com os cartões de crédito, guardei-a no bolso do paletó e estudei o passaporte.

Em algum momento na noite anterior, tiramos uma fotografia de mim mesmo diante de uma parede branca, e Sussurrante a enviou para a sede da CIA em Langley. Olhei para a foto colada no passaporte surrado e vi que os técnicos fizeram um bom trabalho com sua versão muito mais poderosa do Photoshop. O cabelo estava em um estilo diferente e havia menos rugas ao redor dos meus olhos. Era eu, só que cinco anos mais jovem.

Verifiquei minhas posses uma última vez, guardei as roupas e artigos de higiene na Samsonite e voltei-me para a bolsa de viagem que me forneceram. Ali dentro, coloquei meus documentos de viagem, passaporte, laptop e o exemplar de um livro um pouco surrado que me deram para ler no avião. Olhei para a capa e sorri.

Acho que alguém pensara muito a respeito do que um agente especial do FBI escolheria para se entreter em um voo de longa duração e decidiu que o ideal seria um trabalho sério sobre a ciência da investigação. Era o meu livro. Devo dizer que fiquei satisfeito — não por vaidade, mas porque aquilo significava que eu não teria de ler um romance inteiro para o caso de algum guarda de fronteira me perguntar a respeito da obra.

Em cima do livro, coloquei a pistola Beretta 9mm no coldre — edição padrão FBI — e a

caixa de munição que forneceram. A pistola teria de estar à mão e ser apresentada à segurança do aeroporto, junto ao documento em minha carteira que me autorizava a portá-la “em toda e qualquer circunstância”.

Fechei a porta em silêncio e, vestindo as roupas de outro homem, saí da casa à luz tênue da manhã. Passei pelo guarda na guarita, mas ele não fez qualquer coisa além de olhar na minha direção e se virar logo em seguida. O táxi me esperava do outro lado do portão eletrônico. Joguei a mala e a bolsa no banco de trás e entrei.

Sussurrante dissera para ele me levar ao local da reunião, mas eu decidira mudar o itinerário, de modo que mandei o taxista ir até a Union Station e me deixar perto dos escritórios de aluguel de carros. Eu queria testar o passaporte, a carteira de motorista, os cartões de crédito e qualquer outro documento que houvesse no bolso de Brodie Wilson. Era melhor descobrir que alguém fizera besteira enquanto eu ainda estava em Washington do que sob a vigilância no aeroporto de Istambul.

Tudo se passou sem problemas e, alguns minutos depois, eu digitava o endereço do lugar da reunião no sistema de navegação do veículo e saía dirigindo em meio ao rush matinal.

Quarenta minutos depois, eu atravessava os portões de um haras construído na arquitetura típica da Virgínia, cruzava um longo acesso de veículos e parava em frente a uma bela casa. Quase imediatamente, um homem veio ao meu encontro. Com oitenta e poucos anos, solitário em meio a seus hectares vazios — a esposa morrera havia uma década e já não havia mais cavalos na fazenda —, ele ficou muito feliz por poder passar algumas horas comigo falando sobre o trabalho de sua vida.

Ganhador do prêmio Nobel, aquele homem já fora o virologista mais importante do mundo, membro da equipe que planejara a erradicação da varíola. Disseram-lhe que eu era um investigador do FBI realizando uma análise de ameaças de armas biológicas. A verdade era que Sussurrante queria que eu tivesse tanto conhecimento do assunto quanto possível, na esperança de que algum pequeno detalhe, algum fragmento de informação se mostrasse fundamental no futuro. Ou aquilo era uma ótima ideia, ou um indicador de seu desespero — faça a sua escolha.

Na biblioteca, o velho pegou volumes encadernados de revistas científicas e cadernos contendo suas anotações de pesquisa. Enquanto eu lia a informação que ele me fornecera, perguntei-lhe se alguém já chegara perto de encontrar a cura de alguma versão da varíola.

Ele riu — aquela risada seca e áspera que algumas pessoas idosas dão quando já não têm muita vida pela frente — e falou:

— Depois que o vírus foi erradicado, a ciência perdeu o interesse. Todo o dinheiro e toda a pesquisa foram canalizados para a Aids, que era onde estava a glória. Ninguém recebeu prêmio

nenhum porque não havia uma necessidade premente, e não houve cura, porque não havia pesquisa.

— Portanto, tudo o que precisamos é de meia dúzia de infectados suicidas e teremos uma catástrofe geral — perguntei.

Ele olhou para mim como se eu fosse louco.

— O que há de errado? — perguntei.

— Vetores humanos? É isso que está dizendo? Diga-me, como esses infectados suicidas chegariam aqui? Em carrinhos com rodas de pedra?

— Como assim?

— Há quatro mil anos, os hititas enviaram pessoas infectadas com a peste para cidades inimigas. Até onde sei, essa foi a última vez que alguém usou vetores humanos em uma guerra biológica.

Ele poderia ser ganhador do Nobel, mas sua noção da história não me pareceu correta.

— Não, todos os estudos do governo se baseiam em pessoas que são enviadas para o país... Sua cabeça cadavérica começou a balançar com raiva.

— Isso porque os governos não sabem de merda nenhuma — disse ele. — Até mesmo os soldados ingleses, que não eram exatamente gênios científicos, tiveram a ideia de usar produtos contaminados para acabar com os nativos americanos.

— Cobertores, você quer dizer?

— Claro que quero dizer cobertores. Contaminados com varíola. Isso foi há quase três séculos, e as coisas mudaram muito desde então. Você não lê os jornais? Toda semana há alguma matéria sobre comida para animais envenenada vinda da China, creme dental adulterado, comida de bebê importada contaminada com melamina. E isso são acidentes. Imagine como seria fácil fazê-lo de propósito.

Ele ergueu o olhar para ver se eu estava acompanhando. Tive a sensação de que ele vinha batendo na mesma tecla havia anos, mas ninguém lhe dera ouvidos.

— Vá em frente — falei.

Sua voz estava mais calma, mas não devido à fadiga ou à velhice. Era resignação.

— Sabe, nós terceirizamos tudo neste país. Será que não produzimos mais nada? Quando você depende tanto de importações, não há segurança. Nenhuma segurança de verdade, pelo menos. Quem se daria o trabalho de usar vetores?

“Não sou um alarmista, sou um cientista, e estou dizendo que você pode esquecer os vetores humanos. O risco é o de contaminação. Encontre algo comum e envie seu agente patogênico para o exterior: essa é a nova versão do cobertor. Isso é o que um inimigo moderno e inteligente faria.

Ele passou a mão pelo lugar onde antes ficava seu cabelo.

— Estou velho e cansado, mas isso vai acontecer, e vai acontecer da maneira como expliquei. Um escritor chamado Robert Louis Stevenson certa vez disse que “mais cedo ou mais tarde todos nos sentamos para tomar lugar em um banquete de consequências”. Ele estava certo. Então eu digo: puxe uma cadeira e pegue o seu garfo, está chegando a hora de todos nós comermos.

CAPÍTULO ONZE

Quando cheguei naquele haras, eu tinha fé. Eu acreditava no rock’n’roll, no sonho ocidental e na igualdade do ser humano. Mas, acima de tudo, eu acreditava em uma perseguição global em busca de um árabe fugitivo e que o controle de temperatura corporal em todas as fronteiras manteria o pino na granada.

No momento em que saí dali, eu ainda acreditava no rock’n’roll, mas pouco mais além disso. Aquele velho com a pele translúcida e modos impacientes me convencera de que aquilo que chamou de “inimigo moderno e inteligente” nunca seria pego em um cerco aos suspeitos de sempre. Também não haveria vetores suicidas.

Quando deixei seu acesso de veículos arborizado e me dirigi para o aeroporto de Washington, percebi que estávamos perseguindo um novo tipo de terrorista. Eu vi o futuro e sabia que os tempos do fanatismo fundamentalista haviam terminado. Em seu lugar surgia uma nova geração, e o homem com a varíola — com uma vasta educação e tecnologicamente hábil — era talvez o seu primeiro filho. Os neandertais com seus cintos de bombas e aviões de passageiros transformados em mísseis pareciam tão ultrapassados quanto conexão discada. Aquele homem era banda larga. E ainda viajando sozinho? Se ele estivesse fazendo tudo aquilo por conta própria, então seria uma realização ainda mais espantosa.

Ninguém gosta de pensar que encontrou um inimigo à altura, especialmente não um agente de inteligência selecionado e treinado para ser o melhor no campo de batalha, mas esse era meu medo mais arraigado quando cheguei no aeroporto. E devo dizer que, à medida que eu e o Sarraceno nos tornamos mais próximos um do outro nas semanas seguintes, não tive motivos para afastar tal sentimento. Ele teria sido brilhante em qualquer área em que tivesse escolhido atuar.

Por isso, foi em um estado de espírito sombrio que devolvi o carro alugado, passei pela segurança e embarquei no avião para o La Guardia, em Nova York. De lá, peguei um táxi até o JFK — agora, eu era um agente de verdade, chegando exatamente da forma que qualquer agente federal baseado em Manhattan chegaria — e consegui pegar o voo para Istambul com apenas vinte minutos de antecedência.

Nas seis horas seguintes, enterrei minha cabeça nos e-mails, nas fotografias e nas anotações

de casos que formavam o esqueleto da vida de Brodie Wilson. Só fechei o computador e recostei o assento quando coloquei carne naqueles ossos — dando nomes aos meus filhos, atribuindo-lhes datas de nascimento das quais eu me lembraria mesmo sob coação, ouvindo a música horrível carregada no MP3 player.

Não pretendia dormir. Minha intenção era pensar em outra coisa: o que havia em meu arquivo.

CAPÍTULO DOZE

Já vi homens que, de tão assustados, defecaram nas calças. E já vi homens prestes a morrer terem uma ereção. No entanto, só vi um homem tão aterrorizado a ponto de fazer as duas coisas ao mesmo tempo.

Ele era detento em Khun Yuam, a prisão secreta da CIA escondida na selva sem lei ao longo da fronteira entre a Tailândia e Myanmar. Como mencionei, fui até lá quando jovem porque um dos guardas morrera em circunstâncias questionáveis e, dada a natureza das sinistras atividades praticadas dentro daqueles muros e o elevado valor de seus prisioneiros, qualquer morte incomum precisava ser investigada. Esse era o meu trabalho, por mais cru e inexperiente que eu fosse.

O guarda militar que morreu — um americano de ascendência letã conhecido como Smokey Joe — era um sujeito bastante desagradável, o tipo de indivíduo que quebraria o seu braço e, em seguida, o espancaria por você não ter lhe batido continência. Ele fora encontrado flutuando em um redemoinho em um rio revolto e, embora alguém tenha tido muito trabalho para fazer parecer que ele caíra de uma ponte de cordas em ruínas, eu não estava convencido dessa versão dos fatos.

Escolhi um interrogador da CIA entre o pessoal da prisão porque ele tinha quase o mesmo tamanho de Smokey Joe e, sem lhe dizer por quê, pedi que me acompanhasse até a ponte. Uma dúzia de seus colegas e um número ainda maior de guardas vieram conosco, todos esperando que eu expusesse a minha teoria sobre o que talvez tivesse ocorrido. Em vez disso, trouxe comigo uma longa corda elástica. Com medo de fazer feio na frente dos colegas, o cara da CIA não se opôs quando atei a corda ao redor do tornozelo dele, amarrei a outra extremidade a uma grossa viga de madeira e disse-lhe para pular.

Por cinco vezes, ele ou pulou, ou simulou uma queda ao ser empurrado. Assim, verificamos duas coisas: primeiro que, naquelas condições, teria sido impossível que Smokey Joe tivesse deixado uma mancha de sangue em um pedregulho que encontrei a meio caminho rio abaixo e, segundo, o interrogador não tinha muito estômago para fazer *bungee-jump* improvisado.

O esguicho de sangue significava que o guarda havia sido arremessado para fora da ponte como um dardo e, por conta de seu tamanho, aquilo teria sido uma tarefa para dois homens. O

número de suspeitos diminuiu de forma drástica — a ponte só era utilizada por guardas penitenciários que iam comprar bebida barata em um acampamento de traficantes na fronteira ou por traficantes de ópio para evitar patrulhas militares na estrada. Optei pelos traficantes de ópio.

Eu e mais seis soldados das forças especiais ligados à CIA acampamos durante vários dias sob uma saliência rochosa perto da ponte. No quarto dia, pouco antes do anoitecer, ouvimos alguém se aproximar — um sujeito durão com traços das tribos montesas do Sudeste Asiático. Ele estava descalço e sem camisa e tinha uma comprida cicatriz ao longo das costelas, provavelmente feita por um golpe de facão. Trazia no ombro um velho fuzil de assalto M16 e uma mochila imunda do Mickey Mouse que sem dúvida ocultava tijolos de ópio número dois envoltos em trapos, começando sua longa jornada até as ruas dos Estados Unidos e da Europa.

Ele assobiava uma música de Elton John pelos dentes manchados quando os rapazes das Forças Especiais o abordaram. “Crocodile Rock” morreu em sua garganta, e o M16 caiu no chão. Ele não teve tempo de sacar o comprido facão e olhou para mim com uma mistura de desafio e ódio. Bastou dois minutos ouvindo a sua história simplista sobre raramente usar aquela trilha e estar em Chiang Mai na semana anterior para eu saber que ele estava mentindo.

Decidi levá-lo para a prisão de blocos de concreto, onde pensei que alguns dias no calor esmagador de uma das solitárias poderia torná-lo mais cooperativo. Os homens da CIA, no entanto, tinham outras ideias. A maioria deles gostava de Smokey Joe por conta de sua disposição para bater nos prisioneiros sem que precisassem pedir duas vezes. Dessa forma, eles não se deram ao trabalho de tomar seu depoimento ou mesmo perguntar a um jovem da Divisão se poderiam assumir o interrogatório.

Decididos a usar o que os seus manuais simplesmente chamam de “técnicas de interrogatório intensivo”, eles encheram uma grande banheira em um canto do hospital da prisão. Quando a água estava quase no topo, dois guardas trouxeram o traficante com os olhos vendados e algemas nas mãos e nos pés.

Na mesma hora, desejei ter dito a eles que aquele caso era meu e que eles deviam voltar para suas malditas gaiolas. Claro, você pode se convencer de que as regras da vida são diferentes quando está trabalhando no interesse nacional, mas aquilo não tinha nada a ver com isso. Pensando retrospectivamente, acho que eu estava intimidado ou apenas queria fazer parte da equipe — a psicologia do grupo pequeno, como chamam os especialistas. Fosse o que fosse, para a minha vergonha, não falei nada.

Vestindo apenas sua cueca esfarrapada, olhos vendados, o traficante não tinha ideia de onde estava ou o que acontecia ao seu redor, de modo que já estava perto de entrar em pânico quando eles o amarraram a uma comprida prancha de madeira e ergueram-no do chão.

Quatro deles — obviamente peritos na técnica — levaram-no até a banheira e o inclinaram para trás de modo que a cabeça dele, com exceção da boca e do nariz, ficasse dentro d'água. O homem tentou lutar — sem sucesso — e, pela respiração ofegante, ficou claro que estava pensando que, em algum momento, ele seria baixado mais alguns centímetros e morreria afogado.

Dois dos interrogadores se posicionaram em cada lado do homem. Um deles pressionou uma toalha sobre a boca e o nariz do prisioneiro e o outro a encharcou com a água de um balde.

A água levou algum tempo para atravessar o tecido e, então, entrar diretamente na garganta inclinada do traficante. A água em sua traqueia, combinada com a sensação das ondulações batendo no rosto dele, convenceu-o de que fora mergulhado na banheira e que estava se afogando. Uma ânsia de vômito incontrollável o tomou enquanto lutava para evitar que a água entrasse em seus pulmões.

A água continuou a ser derramada. A sensação de afogamento irrompeu em um terror ainda maior, e a ânsia de vômito tornou-se uma sequência de espasmos. Eles continuaram até o sujeito ter uma ereção, claramente visível sob sua cueca, e, então, defecar na água.

Os agentes da CIA riam, mas eu olhava para ele sentindo-me envergonhado e desonrado, experimentando cada espasmo como se fosse eu quem estivesse indefeso e amarrado naquela prancha. Algumas pessoas dizem que a compaixão é a forma mais pura de amor, porque não espera e nem exige nada em troca. Eu não sei se o que senti naquele dia por um traficante de drogas tailandês foi compaixão, mas posso dizer com certeza que nunca vira terror igual àquele. Tudo o que conseguia pensar era que aquele homem era provavelmente mais forte do que a maioria — minha boca seca, meus batimentos cardíacos em pânico, meu corpo encharcado de suor me diziam que eu não teria suportado aquilo nem metade do tempo que ele suportou. Eu me senti mal.

Os agentes pararam. Eles tiraram a toalha de seu rosto, deixaram-no com os olhos vendados e perguntaram se ele queria falar. Muito perturbado para pronunciar qualquer coisa, lutando por cada respiração, mãos espásticas tentando se livrar das amarras, ele não disse nada. O agente sênior da CIA ordenou que os homens colocassem a toalha de volta e continuassem a tortura.

Foi quando encontrei a minha voz.

— Parem agora ou todos vocês serão indiciados — falei, tentando soar tão frio e cruel quanto possível. Eles olharam para mim, me avaliando. Eu não tinha escolha. Ou ganhava a parada, ou seria castrado pelo resto da minha carreira. — Posso transformar isso em uma Investigação de Incidente Crítico. Vocês querem tentar explicar o que esse cara tem a ver com

a segurança nacional? Kramer, quer ser o primeiro?

Depois de um momento que pareceu durar o ano inteiro, o agente sênior — Kramer — disse-lhes para tirar a toalha e a venda do prisioneiro. O traficante, aquele sujeito durão com cicatrizes de facão que provavelmente pensava que não tinha nenhum problema para lidar com a dor, olhou para mim, e foi patético ver quão agradecido ele estava.

— Você está pronto para dizer o que aconteceu? — perguntei.

Ele assentiu, mas não conseguia evitar o tremor nas mãos. Aqueles homens o tinham quebrado, isso era evidente. Anos mais tarde, Khalid Sheikh Mohammed, comandante militar da al-Qaeda, estabeleceu um novo recorde mundial ao suportar aquela tortura por dois minutos e meio. O mensageiro durara vinte e nove segundos, o que era mais ou menos a média.

Quando foi liberado da madeira e estava caído no chão, o traficante nos disse que estivera na ponte com dois irmãos. Eles administravam o laboratório de ópio de onde vinham as drogas e foram eles quem decidiram transformar Smokey Joe em um dardo humano. O traficante disse que nunca tocara no sujeito, e eu tinha a sensação de que estava dizendo a verdade.

Ele explicou que o guarda vinha fazendo um belo pé-de-meia extorquindo os traficantes de drogas quando eles atravessavam o desfiladeiro. Smokey Joe transformara aquela ponte arruinada na primeira estrada com pedágio da Tailândia. No início, ele se satisfazia em desembrulhar o ópio número dois e tirar algumas raspas do tijolo — carimbando o tíquete, por assim dizer. Então, negociava as raspas com os contrabandistas em troca de bebidas, que vendia na prisão. Claro que ele ficou ganancioso e as raspas se tornaram pedaços grandes — tão grandes que os dois irmãos enfim decidiram que uma estrada com pedágio não era economicamente interessante para o norte da Tailândia.

Obtivemos a nossa resposta e, embora não tenha havido nenhum Relatório de Incidente Crítico, todos tivemos de apresentar uma versão do caso para nossos superiores. Tenho certeza de que o relatório da CIA dizia que usaram força razoável, enquanto o meu, é claro, dizia o oposto. Isso teria sido o fim da história — quem na Comunidade de Inteligência se importaria com um traficante tailandês? —, só que havia um trecho do relatório da CIA que eu não podia contestar.

Kramer certamente disse que vira medo no meu rosto, que aparentemente eu sentira tanto pelo homem sendo interrogado que meu corpo ficou rígido e encharcado de suor. Ele pode até ter questionado a minha coragem ou se eu estava apto para servir na linha de frente. À sua maneira, ele estava dizendo que o meu fardo era o meu coração.

Esse seria o relatório que Sussurrante leria quando pediu o meu arquivo. Eu tivera muito tempo para considerar minhas próprias fraquezas e devo dizer que aquilo que Sussurrante falou antes de eu ir embora era provavelmente correto — para mim, não havia razão alguma para

sofrer. Era melhor acabar logo com aquilo.

Olhei para fora da janela e vi a ampla extensão do Bósforo e as cúpulas das magníficas mesquitas de Istambul. As rodas do avião tocaram e rolaram pela pista. Eu estava na Turquia.

CAPÍTULO TREZE

Velhos jatos de passageiros rugiam pelo asfalto em outro aeroporto — este em Islamabad. O Sarraceno seguira a rodovia Transafegã até Cabul e se viu no primeiro vale do inferno — a cidade afegã estava dominada pelos Estados Unidos e pelas forças da Coalizão, assombrada pela constante ameaça de ataques suicidas.

Depois de um dia de orações e descanso inquieto, ele seguiu a bastante trilhada rota de invasão até o Paquistão, cruzou a fronteira em meio a um mar de outros viajantes, e passou por Pexauar até chegar a Islamabad.

O voo para Beirute estava atrasado — todos os voos do Paquistão estavam atrasados —, mas o Sarraceno não se importou. Estava em segurança. Se o grupo de americanos, australianos ou o que quer que fossem que quase o capturara na aldeia em ruínas de algum modo tivesse conseguido descobrir a sua identidade, ele teria sido preso no momento em que entregou o passaporte no check-in. Em vez disso, seguiu-se apenas a situação normal: o olhar perfunctório no passaporte, na passagem e, em seguida, a conversa fiada obrigatória enquanto o atendente esperava a sua “gorjeta” para se certificar de que a mala fosse enviada para Beirute e não para Moscou. Ele pagou o suborno e foi ao portão. Havia homens uniformizados e fortemente armados em toda parte, mas não havia nada que pudesse ser chamado de segurança de verdade: como de costume, muitas armas, poucos cérebros.

Ele embarcou, voou até Beirute, voltou ao seu apartamento sombrio em El-Mina e começou a trabalhar na mesma hora. Ele se demitira do hospital local havia meses, mas, antes de sair, saqueara o caótico depósito do lugar e levava dois trajes brancos de biossegurança e seus respectivos reguladores de ar, caixas contendo dez mil pequenos frascos de vidro que encomendara especialmente para aquele propósito, e um livro de expedição de mercadorias do hospital.

Todas essas coisas estavam guardadas em sua garagem. Vestindo um dos trajes e um tanque de oxigênio, ele começou a produzir a maior quantidade possível de seu supervírus. Talvez por causa dos resultados espetaculares que obtivera em Hindu Kush, ou talvez graças à sua crescente perícia, o processo foi muito mais rápido do que ele esperava.

Dia após dia, trabalhando com grandes tanques farmacêuticos que ele conectara a uma

espécie de biorreator improvisado, transferia o vírus mortal para os frascos de vidro, utilizava uma máquina especial que adquirira para selá-los com tampas de borracha e armazenava-os em geladeiras industriais de segunda mão que comprara em Beirute.

Quando estava perto do fim de sua produção, o Sarraceno tirou um dia de folga, viajou até Beirute e esperou duas horas em uma fila para comprar um celular recém-lançado, um modelo que aparecera em um filme de Hollywood e que todos os jovens pareciam querer. Ele pagou em dinheiro, caminhou vários quilômetros e comprou um cartão SIM pré-pago com direito a um ano de serviço de telefonia. A única coisa que restava era embrulhá-lo para presente.

Na sexta-feira seguinte, após as orações, deu o presente para outro membro da congregação — um adolescente com quem ele fizera amizade pouco depois de chegar à cidade. O menino lembrava muito o Sarraceno quando tinha a mesma idade — órfão de pai, profundamente religioso e repleto de sonhos selvagens sobre a implacável ascensão do islã.

O garoto era tão pobre que, ao abrir o papel de embrulho e ver o conteúdo, seus olhos se arregalaram e ele mal foi capaz de acreditar que aquilo era seu. O Sarraceno explicou que estava de partida de El-Mina para procurar trabalho e uma nova vida em uma das florescentes comunidades muçulmanas na Europa. O telefone era um presente para que o rapaz se lembrasse dele, e tudo o que pediu em troca foi que o jovem lhe fizesse um pequeno favor.

— Quando eu tiver encontrado um lugar para morar, ligarei para o seu novo telefone, combinarei o envio de uma chave e pedirei que você abra minha garagem para um mensageiro de Beirute que vai vir buscar algumas caixas. Você entendeu?

O menino assentiu e repetiu as instruções sem cometer erro algum. Os homens no mundo muçulmano, até mesmo os mais jovens, levam as obrigações de amizade muito mais a sério do que seus semelhantes no Ocidente, e o Sarraceno não tinha dúvida de que o adolescente obedeceria às instruções ao pé da letra. Com lágrimas nos olhos e sem fazer ideia da trama na qual agora tinha entrado, o adolescente abraçou o Sarraceno, um homem que ele muitas vezes desejou ser o seu pai.

O Sarraceno se afastou sem olhar para trás. Ele já falara com o mensageiro de Beirute — duas vezes por semana, sua caminhonete refrigerada chegava ao hospital para pegar ou entregar sangue e medicamentos. O Sarraceno lhe disse que havia caixas de suprimentos médicos em sua garagem que precisariam ser entregues e pediu que ele ficasse de sobreaviso.

Com os arranjos quase completos, o Sarraceno voltou para o apartamento e foi até a garagem. As máquinas de sequenciamento genético, os trajes de contenção de riscos biológicos e outros equipamentos já não estavam mais lá. Havia sido esmagados, transformados em uma massa irreconhecível e levados ao depósito de lixo local no porta-malas de seu carro. Ele empacotou os frascos selados com o vírus, anexou os formulários de expedição do hospital e,

no local apropriado, designou-os como “vacinas vencidas”. O endereço exato para onde deveriam sem mandados teria de esperar — ele próprio ainda não sabia —, mas o Sarraceno poderia confiar no menino com o celular para preenchê-lo quando chegasse a hora.

Ele guardou as caixas na geladeira, trancou a garagem e subiu até os seus aposentos. Suando, guardou as únicas coisas com as quais se importava de verdade — fotos, objetos e pequenas lembranças da mulher e do filho — em uma caixa de madeira que ficaria em um guarda-volumes que ele alugara em Beirute. Estava quase terminando quando três homens de uma instituição de caridade local chegaram em uma picape para recolher sua cama de solteiro, sua escrivaninha e alguns outros bens. Quando foram embora, ele ficou sozinho em seu apartamento vazio.

O Sarraceno olhou para os dois cômodos uma última vez. Aqueles foram anos bons, anos produtivos. Mas também foram anos solitários. Havia épocas em que ele sentia tanta falta da mulher e do filho que a dor era quase física. Contudo, considerando o passado, talvez o modo como as coisas aconteceram tenha sido para melhor. Não, *definitivamente* fora para melhor. Era a vontade de Alá.

Ele estabelecera uma data para a morte silenciosa dos Estados Unidos, um dia que entraria para a história e seria lembrado muito tempo depois de ele ter morrido. A data era 12 de outubro, que ele sabia ser o Dia de Colombo, o dia em que a América fora descoberta pelos europeus e todos os verdadeiros problemas do mundo começaram.

Que apropriado, pensou com prazer, que as futuras gerações se lembrassem da data como o início do declínio do inimigo distante.

Ele trabalhara duro e bastante, mas, se pretendia cumprir o prazo, não havia tempo a perder. Ele saiu pela porta, enfiou a chave na fechadura e se dirigiu à Alemanha.

CAPÍTULO QUATORZE

Passei pela imigração turca sem dificuldade e, quando cheguei à sala de bagagem, minha Samsonite já estava disponível na esteira. Quando me aproximei para pegá-la, vi que nenhuma outra bagagem do meu voo havia chegado e entendi o que ocorrera: a minha mala fora descarregada primeiro e enviada para o escritório local do MIT, a agência de inteligência turca, para ser inspecionada e fotografada.

Não fiquei ofendido. Eu supostamente era um agente da lei de uma potência estrangeira e era compreensível que tivessem interesse em mim, mas, pelo amor de Deus, não poderiam ao menos ter feito aquilo de maneira mais profissional e a enviado para a esteira com o restante das bagagens do meu voo? Olhei para o corredor da alfândega e não vi ninguém que parecesse estar de olho em mim. Era mais provável que estivessem em uma sala no andar de cima, me vigiando com câmeras do circuito de segurança.

Atravessei a alfândega sem ser questionado, mergulhei em um mar de taxistas e encontrei o ônibus que me levaria ao terminal doméstico. O lugar fazia o terminal internacional parecer deserto — havia homens com grandes urnas de latão às costas vendendo xícaras de chá de maçã, barracas improvisadas com doces banhados em açúcar e sujeitos assando nozes sobre braseiros. A temperatura se aproximava dos trinta e sete graus, o calor o atingia como um muro, e o corpo de bombeiros demoraria uma semana para conseguir atravessar o engarrafamento.

Entrei em uma fila no balcão da Turkish Airlines e finalmente me vi diante de uma jovem usando pesados adornos de ouro, maquiagem em excesso e um lenço áspero cobrindo o cabelo — de acordo com o islã, a gloriosa coroa de uma mulher. Ela pegou a minha mala, trocou a minha passagem por um cartão de embarque e indicou a direção do meu portão.

A fila na segurança se estendia por mais de um quarteirão, mas consegui contorná-la, me aproximar de um dos supervisores e dizer — em inglês e com as poucas palavras de turco que eu conhecia — que estava portando uma arma. Em pouco tempo, fui escoltado até um escritório sem janelas onde cinco homens, todos de terno e fumando muito, examinaram meu passaporte, distintivo e outros documentos, incluindo uma cópia de uma carta da Casa Branca para o presidente da Turquia agradecendo-o por estar ajudando o FBI “neste assunto triste e

infeliz”.

Aquele foi o documento que resolveu tudo, e dois deles conseguiram um carrinho de golfe e me levaram até o portão de embarque do voo Milas-Bodrum. Fui o primeiro passageiro a chegar e, com bem mais de uma hora antes de partir, meu plano era abrir o laptop e continuar estudando meus casos antigos. Isso não aconteceu.

Assim que me sentei, olhei para uma TV suspensa no teto. Estava sintonizada em um canal de notícias turco e exibia algumas montanhas no Afeganistão. Pensei que era apenas mais uma matéria sobre a guerra interminável e estava prestes a desviar o olhar quando cortaram para o diagrama de uma mala e os elementos necessários para se fazer uma bomba suja.

Eu sabia que Sussurrante espalhara o boato do Sarraceno estar tentando comprar polônio-210 e, embora não tivesse provas, tinha certeza de que ele fizera aquilo coincidir com minha chegada à Turquia. Não admira que os agentes do MIT no aeroporto tivessem sido tão descuidados com a minha mala — eles estariam distraídos com a maior matéria sobre terrorismo internacional dos últimos anos. Sorri em admiração silenciosa. Aquela era a definição de um bom oficial: orquestrar uma distração perfeita para desviar a atenção de seu agente.

Levantei-me e perguntei a uma mulher na recepção se ela poderia me emprestar o controle remoto. Durante a hora seguinte, enquanto a sala de espera era ocupada por meus companheiros de viagem, naveguei pela BBC, CNN, MSNBC, Al Jazeera, SkyNews, Bloomberg e meia dúzia de outros canais de notícias de língua inglesa para seguir a história do gatilho nuclear. Como sempre, a maior parte daquilo era a mesma informação infinitamente repetida, mas aqui e ali uma nova informação era adicionada para os âncoras e peritos ruminarem: mais de dois mil agentes de inteligência estavam sendo enviados para o Afeganistão e para o Paquistão; os governos da Arábia Saudita, Irã e Iêmen haviam prometido cooperar; a Casa Branca anunciou que o presidente faria um pronunciamento à nação.

Eu estava ansioso para ouvir o que Grosvenor teria a dizer, mas, no momento em que os repórteres se levantaram de suas cadeiras e uma câmera focalizou Grosvenor se aproximando do púlpito, fizeram a última chamada para o meu voo.

Devolvi o controle remoto, desci a passarela, encontrei o meu assento e, cinquenta minutos depois, tive um vislumbre das águas azul-turquesa do mar Egeu, provavelmente o mais belo corpo d’água do mundo, enquanto fazíamos uma curva larga e aterrissávamos no aeroporto de Milas. Dali até Bodrum havia uma distância de quarenta quilômetros, e, após atravessar o ritual de recuperar a Samsonite — não havia MITs para fornecerem assistência invisível desta vez —, fui até o balcão de locação de automóveis.

Aquilo demorou uma eternidade. Os computadores não pareciam ter cruzado a fronteira da

Turquia. Toda a papelada precisava ser preenchida à mão e cópias eram distribuídas para vários escritórios. Após um bom tempo, um Fiat de quatro portas foi trazido até a frente da loja e, depois que eu e dois funcionários do escritório conseguimos converter o sistema de navegação para o inglês, saí do aeroporto e peguei a estrada para Bodrum. Graças ao tráfego, não fiz muito progresso e, quando enfim subi uma ladeira, vi adiante o motivo do engarrafamento: um comboio de cegonhas e caminhões de dezoito rodas pintados com cores espalhafatosas. O circo estava na cidade — literalmente.

Aquele não era um espetáculo barato de beira de estrada e, sim, o Circo do Estado Turco completo. De acordo com um cartaz colado na lateral de um dos trailers, o circo contava “com cem malabaristas, oitenta artistas de corda bamba e quatro encantadores de serpentes”. Felizmente, entraram em um pátio de exposições onde estavam montando a lona na periferia de Milas, então o engarrafamento se dissipou e pude acelerar.

Uns dez quilômetros adiante, abri a janela e deixei a brisa quente soprar sobre mim, impregnando-me com o aroma dos pinheirais e com a promessa de outra missão mortal. Sim, eu me aposentara havia muito tempo e estava com medo; sim, eu estava sozinho, vivendo uma mentira elaborada. Mas havia uma parte de mim que estava tão viva que era quase inebriante.

CAPÍTULO QUINZE

Os quilômetros se sucederam rapidamente. Passei por olivais, pequenas aldeias de casas brancas quadradas, e, abandonados nas colinas ao longe, vi os moinhos de vento que os camponeses de outrora utilizavam para moer farinha. Mas não conseguia ver a única coisa da qual precisava.

Eu estava procurando um lugar para parar que não despertasse suspeitas, o tipo de local onde um agente do FBI recém-chegado pudesse fazer uma pausa para desfrutar um pouco do sol e verificar suas mensagens no celular. Vários quilômetros após passar por uma aldeia maior, com uma pequena mesquita e um próspero mercado de agricultores — aparentemente inalterado há séculos —, dobrei uma curva e vi um restaurante com vista panorâmica à minha direita. Eu chegara ao litoral.

Entrei no estacionamento do restaurante, parei bem longe de seus terraços ao ar livre e ignorei a vista. Saí do carro, peguei meu celular e, quando ostensivamente olhei para a tela de modo a verificar as minhas mensagens, caminhei inquieto ao redor do Fiat. Aquilo tudo era uma farsa, uma encenação para os ocupantes de algum veículo que pudesse estar me seguindo. Eu sabia que não haveria mensagens: o que eu estava fazendo era rodar um programa que os técnicos em Langley haviam instalado no software do telefone. Quando me aproximei da traseira do veículo, o aparelho começou a apitar e, quando me aproximei, o apito ficou ainda mais alto. Em algum lugar dentro do aro da roda traseira direita — e acessível pelo portamalas, imaginei — meus amigos do MIT haviam instalado um transmissor de rastreamento. Eles queriam saber onde eu estava — nenhuma surpresa quanto a isso —, mas fiquei silenciosamente satisfeito com a forma como o fizeram. Como qualquer agente experiente pode lhes dizer, é muito mais fácil se livrar de um carro do que de uma perseguição.

Satisfeito por estar viajando sozinho, desliguei o telefone, tirei a bateria, guardei-os no bolso e voltei-me para a paisagem. Não admira que o restaurante estivesse lotado: colinas escarpadas caíam verticalmente sobre as águas do mar Egeu e toda Bodrum se estendia à minha frente. Era final da tarde, e a luz do sol se espalhava sobre as marinas e as duas baías que abraçavam a cidade, com destaque para as paredes de um magnífico castelo do século XV construído pelos cruzados que se erguia no promontório entre as duas enseadas. Lembrei-me

de que se chamava Castelo de São Pedro.

Fazia mais de dez anos desde que eu vira aquela cidade pela última vez, e o lugar crescera e mudara, o que não impediu que as lembranças se avolumassem. Por um instante, voltei a ser um jovem agente, observando as luzes dos hotéis exclusivos dançando sobre a água, ouvindo a música de uma miríade de boates preenchendo o ar noturno. Como uma missão inicialmente tão promissora poderia ter terminado naquele desastre?

Tentei afastar a lembrança e fui até um dos vários binóculos apoiados em tripés, à disposição dos turistas que tivessem algumas liras para gastar. Introduzi as moedas e vi em detalhes impressionantes as suntuosas mansões penduradas nos penhascos e uma série de notáveis iates ancorados fora da barra, todos eles grandes demais para qualquer marina no Mediterrâneo ou no mar Egeu. Passei por eles, inclinei o binóculo para cima e, em um promontório, encontrei uma mansão isolada em meio vários hectares de jardins.

Construída havia mais de cinquenta anos e com altas colunatas, galerias cobertas de vinhas e terraços em cascata, a mansão tinha um ar ligeiramente romano. As janelas estavam fechadas e, com a luz da tarde que se esvaía sobre o promontório, parecia assentada sobre sombras profundas. Por mais impressionante que fosse, eu não gostava daquela casa: mesmo de longe parecia esconder algo sinistro. Eu não conhecia os detalhes, mas tinha certeza de que era a Casa Francesa e que fora no limiar de seus amplos gramados que Dodge fizera o mergulho para a morte.

Retornei para o meu carro e dirigi até Bodrum, voltando para o meu passado.

CAPÍTULO DEZESSEIS

O hotel que reservaram para mim estava longe de ser elegante. Quer dizer, não era um lugar muito concorrido. Os hotéis elegantes ficavam à beira-mar, tinham bares de champanhe abertos o dia inteiro, boates ao ar livre e modelos ucranianas fazendo shows de lingerie em praias privativas.

O meu ficava em uma rua secundária com uma oficina de automóveis de um lado e uma loja de móveis usados no outro. Construído com blocos de cimento pintados de um azul pálido, “surrado” era a palavra mais gentil que poderia ser dita sobre o lugar. Quando estacionei do lado de fora, fui forçado a admitir que a equipe de Sussurrante, instalada no escritório improvisado de retaguarda, fizera um excelente trabalho — aquele era exatamente o tipo de lugar que você esperaria que um agente do FBI que viajava com orçamento governamental se hospedasse.

Ao subir os degraus da entrada principal, eu já sabia o que encontraria no interior: cortinas desbotadas, um bufê de café da manhã capenga e um par de palmeiras murchas agarrando-se à vida dentro de seus vasos. O sujeito de pé atrás do balcão da recepção, assim como o próprio hotel, já tinha visto dias melhores. Ao longo dos anos, seus traços faciais pareciam ter sido golpeados em todas as direções. Soube mais tarde que ele fora um dos pesos-médios amadores mais bem-sucedidos da Turquia. Se essa era a aparência de um vencedor, eu com certeza não queria ver o perdedor. No entanto, quando ele sorriu — e ele abriu um largo sorriso assim que entrei pela porta —, seu rosto pareceu tão cheio de vitalidade e boa vontade que era impossível não gostar dele. Apertando minha mão, ele se apresentou como gerente e proprietário, sacou uma ficha na qual eu deveria escrever o meu nome, detalhes do passaporte e endereço domiciliar, e tirou cópias dos meus três cartões de crédito.

— Só para ficar do lado seguro — confidenciou ele, feliz.

Digamos apenas que seu inglês era idiossincrático.

— É uma grande pena que você não estivesse aqui no sábado à noite, Sr. Brodie David Wilson — lamentou. Por algum motivo, ele achava que todos aqueles que falavam inglês tinham de ser chamados pelo nome completo que constava em seus passaportes. — Os fogos de artifício foram de uma natureza raramente vista.

— Fogos de artifício? — perguntei.

— Zafer Bayrami — respondeu ele.

Não tinha ideia do que ele estava dizendo. Talvez fosse algum tipo de bênção.

— Zafer Bayrami?

— O Dia da Vitória. Todos os povos do mundo conhecem a data: o dia em que a grande nação turca torceu as cabeças de seus inimigos, principalmente as dos gregos.

— Ah — respondi. — Não é de admirar que tenha havido fogos de artifício. — Os turcos e os gregos estavam naquela picuinha há séculos.

— Subi no telhado para ver o show. Uma enorme bomba de fósforo explodiu sobre o promontório sul. Os gregos devem ter pensado que estávamos atacando outra vez.

Ele achou que aquela era uma boa piada e riu alto.

— O promontório sul — falei. — É onde fica a Casa Francesa, certo?

O rosto do homem ficou sombrio.

— Sim.

— E alguém morreu lá no sábado à noite, não foi?

— Uma grande desgraça. Um homem tão jovem. Terrível — disse ele, balançando a cabeça com tristeza.

Acho que ele tinha tanto amor à vida que considerava perturbadora a morte de qualquer outra pessoa. Bem, talvez não a dos gregos.

— Foi por isso que veio até aqui, Sr. Brodie David Wilson? Para a investigação?

— Sim. Quem lhe falou isso?

— A polícia — respondeu ele, como se aquilo fosse algo perfeitamente normal. — Eles estiveram aqui esta manhã, dois deles. A mulher deixou uma mensagem.

Ele me entregou um envelope e chamou um carregador.

CAPÍTULO DEZESSETE

Meu quarto era exatamente o que eu esperava, até mesmo as cortinas desbotadas e uma pequena pilha de revistas com manchas de café nas capas.

Mal entramos e o carregador, um albanês com seus vinte e tantos anos, começou a abrir e a fechar as portas do armário de acordo com a crença milenar de que quanto maior a atividade, maior a gorjeta. Não prestei muita atenção nele: meu interesse estava voltado para o gatilho nuclear e em saber o que o presidente dissera para acalmar a nação.

Encontrei o controle remoto e liguei a TV. Estava sintonizada na Al Jazeera, que falava sobre os eventos recentes, mas que encontrara o seu próprio ponto de vista para tratar do assunto: eles estavam dizendo para seu público — formado, em sua maioria, por árabes — que os acontecimentos das últimas doze horas significariam uma explosão da discriminação racial nos aeroportos e terminais de viagem de todo o mundo. Ao menos dessa vez — mesmo sem saberem o motivo certo — eles tinham toda a razão.

Comecei a passar pelos canais e encontrei duas estações de notícias locais, um programa de entrevistas feminino, várias telenovelas esquisitas que, de tão iluminadas, chegavam a ferir os olhos, e então voltei para a Al Jazeera. Aquilo não podia estar certo. Onde estavam a BBC, a CNN e todos os outros canais? Comecei a cutucar os botões. Eu era bom com armas, mas controles remotos não eram o meu forte.

Expliquei para o carregador — metade em mímica, metade em uma mistura de turco e inglês — que eu queria assistir aos canais de notícias em inglês. Cheguei até a escrever os nomes para ter certeza de que ele entendera.

— Não, não. Não aqui — continuou repetindo, apontando para a Al Jazeera, deixando claro que, se eu quisesse notícias em inglês, aquela era a minha única opção. Ele foi tão inflexível que acabei forçado a aceitar. Em Bodrum, não havia nenhum canal de língua inglesa disponível.

Depois que ele saiu, tombei em uma cadeira. A situação era grave e por uma razão muito simples: as mensagens da mulher em Bodrum para o homem na cordilheira Hindu Kush foram inteiramente compostas de fragmentos tirados de canais de notícias de língua inglesa.

Por meio da análise das gravações feitas pela CIA, sabíamos que a qualidade de áudio dos

fragmentos de noticiário era boa demais para terem sido tirados de um computador. O som fora registrado perto dos alto-falantes de uma TV, e eu criara uma imagem mental da mulher cuidadosamente gravando e editando o material.

Mas se você não podia sintonizar as estações naquela parte da Turquia, então ela deveria ter gravado o material em outro lugar e dirigido até a cabine telefônica em Bodrum para enviar as mensagens. Isso significava que ela poderia ter vindo de centenas de quilômetros dali — do Iraque, do Líbano ou de *qualquer outro lugar*, pelo amor de Deus.

Passei a mão pelo cabelo. Eu estava em Bodrum havia dez minutos e o perfil potencial da mulher já havia se expandido bastante. Exausto, decidi deixar o problema de lado e me ater ao plano original, que era tomar banho, pegar o meu celular e, usando o mapa do centro de Bodrum que eu memorizara, começar a localizar e fotografar as cabines telefônicas. Não funcionou bem assim.

Eram três horas da manhã quando acordei, ainda na poltrona, e me dei conta de que uma pessoa andando pelas ruas e tirando fotos àquela hora, mesmo que algumas partes de Bodrum ainda estivessem em festa, chamaria exatamente o tipo de atenção que eu pretendia evitar.

Sem alternativa e decidido a ter ao menos uma boa noite de sono, eu estava me preparando para dormir quando abri o envelope da polícia de Bodrum. Ele continha notícias ainda piores.

Em poucas linhas — e, felizmente, em bom inglês —, a mensagem explicava que tinham tentado entrar em contato comigo antes de eu sair dos Estados Unidos a fim de me pouparem a viagem. Disseram que as evidências da morte de Dodge eram claras e esmagadoras: fora um trágico acidente e, portanto, o inquérito estava sendo encerrado.

CAPÍTULO DEZOITO

Sem uma investigação, não havia necessidade alguma de o agente Brodie Wilson permanecer em Bodrum.

Vá com calma, ainda não terminamos, pensei quando cheguei ao quartel-general da polícia às nove horas em ponto da manhã seguinte.

Esse foi o horário que a policial que assinara a carta sugerira que eu ligasse e aparecesse para encontrá-la.

“Dessa forma, você não terá problemas para pegar o voo que sai de Bodrum à tarde”, escrevera. “Nossa reunião não deve demorar mais de vinte minutos.”

Uma vez lá, fui entregue a um jovem policial que usava um uniforme muito bem-passado e as botas mais brilhantes que já vi, com exceção das de um guarda de honra da Marinha. O policial não devia ter mais de dezesseis anos. O rapaz me levou até os fundos, subimos um lance de escada e entramos em um labirinto de escritórios ocupados por detetives. Ao fim de um corredor, entramos em uma sala com duas mesas e vista para o pátio de uma casa vizinha. As paredes caiadas estavam em ruínas, o gesso caindo, telhas quebradas espalhadas pelo telhado, mas aquilo não importava. Apesar de tudo, o lugar era belo em virtude das duas velhas árvores de plumérias que vicejavam no pátio.

Apenas uma das escrivaninhas estava ocupada por uma jovem de cabelo escuro — obviamente uma secretária — com um telefone ao ouvido e digitando em um computador tão antigo que provavelmente veio com o jogo *Pong* incluído.

A secretária era uma daquelas mulheres em que tudo era extravagante — os gestos, os seios na blusa apertada, a maquiagem, a bunda na saia-lápis. O humor também, suspeitei. Enquanto esperava que ela terminasse, ocorreu-me que, de muitas maneiras, a moça representava as contradições da Turquia moderna: ela era jovem em uma cultura apegada ao passado, descaradamente feminina em uma sociedade dominada por homens, sem religião e com aparência ocidental em um país cujo rosto estava sempre voltado para o islã no Oriente.

E, é claro — para uma nação tão conservadora —, havia uma última contradição, a maior de todas. Drogas. A Turquia tinha se tornado um elo fundamental na rota do tráfico mais lucrativa do mundo, uma moderna Estrada da Seda que transportava ópio, heroína semirrefinada e

haxixe de alta qualidade do Paquistão e do Afeganistão para a Europa Ocidental através da fronteira com o Líbano ou da cordilheira do Cáucaso para a Rússia. Se as drogas fossem apenas mais uma *commodity* — como o petróleo, que é bombeado pelos gasodutos transnacionais —, a Turquia se tornaria o maior entreposto do mundo.

Eu sabia disso por causa de Christos Nikolaides, o traficante de drogas grego cuja morte eu encomendara em Santorini. Enquanto o perseguia, soube pelo DEA, órgão antinarcóticos da polícia americana, que Patros Nikolaides e seis outros cartéis principais agiam no país — especialmente *naquela* parte da Turquia —, e, apesar dos valentes esforços por parte de alguns bons oficiais turcos, a corrupção florescera e os lucros se tornaram cada vez mais espetaculares.

A secretária não demonstrou qualquer sinal de estar com pressa para terminar o telefonema, então puxei uma cadeira e me sentei, pensando em Patros e seus pistoleiros albaneses. Quando voltei para a segurança dos Estados Unidos, aquele homem tinha sumido da minha mente, mas eu precisava admitir que era irônico o fato de, sob a pressão da crise que estávamos enfrentando, eu ter sido atraído de volta a um canto do mundo que ele conhecia tão bem. Perguntei-me onde ele estaria — esperava que ainda atrás de muros de quatro metros de altura em Tessalônica, cuidando de suas lavandas e de luto pela perda do filho.

Foi um erro não ter pensado mais sobre isso — um erro espetacular —, mas a mulher enfim desligou, voltou seu sorriso apropriadamente extravagante para mim, endireitou a blusa no caso de eu ainda não ter notado aquilo que ela considerava seus dois melhores atributos e perguntou se eu era Brodie Wilson.

Assenti, e ela me disse que sua chefe estava quinze minutos atrasada.

— Ela leva o carinha a um parque todas as manhãs. O carro dela enguiçou. É italiano. O carro, digo, o que explica por que é uma bela merda.

Deduzi que ela deveria ter tido um namorado italiano. Também parecia que a maior parte de seu inglês fora assimilado por música moderna americana, filmes de sucesso e chats de internet.

— Carinha? — perguntei.

— O filho dela.

— O marido dela também é policial? Geralmente é assim que funciona nesse ramo.

Eu não me importava muito com aquilo, estava apenas de conversa fiada, passando o tempo.

— Não, ela é divorciada.

— Que idade tem o filho?

— O carinha tem seis anos.

Ela obviamente gostava da expressão. Acho que pensava estar falando como qualquer turista americano.

— É difícil ser mãe solteira com um filho dessa idade.

Ela deu de ombros. Duvido que tenha pensado naquilo antes. Do nada, o desastre se aproximou e tentou apertar a minha mão.

— Você tem filhos, Sr. Wilson?

— Não, nenhuma carinha — falei, sem me concentrar e, inadvertidamente, dizendo a verdade. Ao menos a verdade sobre mim mesmo, mas em contradição direta com a minha lenda. Na mesma hora, percebi o erro, pensei em me corrigir, mas afastei aquela ideia estúpida. De algum modo, consegui manter a calma. — Nenhum que more comigo, para ser exato — continuei com um sorriso. — Sou divorciado. É por isso que sei como é difícil. Minha ex-mulher vive me dizendo isso.

Ela riu, sem perceber nada de estranho. Boa recuperação, pensei, mas minhas mãos estavam úmidas, e dei um tapa imaginário na minha cabeça para começar a prestar atenção.

— Essa é a sua chefe? — perguntei, tentando mudar de assunto, apontando para uma foto na outra mesa.

A fotografia mostrava uma mulher sorridente no meio de uma escada. Usava um lenço na cabeça, vestia um macacão e estava caçando a parede lateral de uma pequena casa em Bodrum. Deve ter sido tirada no porto velho — havia um grande prédio ao lado com um cartaz em inglês e turco: GUL & FILHOS, MARINA E CARPINTARIA NAVAL.

— Sim — disse a secretária, vindo até o meu lado. — Isso foi há alguns anos, logo depois que ela chegou.

Observei a foto mais de perto. Era uma mulher bonita, na faixa dos trinta anos, e um tanto exótica também: maçãs do rosto salientes e grandes olhos amendoados.

— Ela é muito atraente — falei.

— Obrigada — disse uma voz gélida às minhas costas. — Dizem que puxei à minha mãe.

Voltei-me e, é claro, era a policial. Ela colocou a bolsa e o celular na mesa e voltou-se para a secretária.

— Por favor, vá para a sua escrivaninha, Hayrunnisa.

Hayrunnisa obedeceu no mesmo instante. A policial usava um lenço na cabeça enfiado em um casaco de gola alta que caía à altura de seus joelhos. Sob o casaco, usava uma blusa de mangas compridas e calças de boca larga que roçavam o topo de um par de sapatos de salto alto. Tudo era de boa qualidade — e muito elegante também —, mas não havia um centímetro de carne exposta, exceto mãos e rosto. Aquele era o outro lado da Turquia — conservador, islâmico, profundamente desconfiado do Ocidente e de seus valores.

— Meu nome é Leyla Cumali — disse a policial.

Ela não me estendeu a mão, e não era preciso ser um detetive para perceber que a mulher não tinha ido com a minha cara. Talvez por eu ser um investigador invadindo o seu terreno, talvez por ser americano. Provavelmente as duas coisas, concluí. Parece que, na Turquia, dois erros e você está fora.

— É uma pena que você tenha vindo de tão longe por tão pouco — falou ela, sentando-se em sua escrivaninha. — Como disse no bilhete, ficou claro que a morte do jovem foi um acidente.

— Quando você pretende encerrar o caso? — perguntei.

— Hoje. O arquivo vai para os meus superiores ainda esta manhã. Supondo que esteja tudo em ordem, será encaminhado para o chefe do departamento, em Ancara, que vai encerrá-lo e arquivá-lo. Apenas uma formalidade.

— Infelizmente, o processo terá de ser adiado — falei. — Preciso rever a investigação antes de qualquer decisão ser tomada.

Normalmente não sou tão ríspido, mas não podia deixar a policial tirar aquilo de mim; de algum modo, eu precisava ganhar tempo.

Ela tentou disfarçar, mas ficou irritada na mesma hora. Dava para ver em seus olhos amendoados. Ela fixou o olhar no meu, tentando me levar a esboçar algum gesto conciliatório, mas homens melhores do que ela já tinham me encarado.

— Não creio que haverá qualquer necessidade de um atraso — disse ela, afinal. — Como já mencionei, posso encerrar esse assunto em vinte minutos. Até menos, acho. A coisa está bem resolvida.

Ela abriu um arquivo, tirou uma pilha de pastas e encontrou uma foto do jardim nos fundos da Casa Francesa. A oficial a colocou na mesa.

— Este é o lugar de onde ele caiu — disse ela, indicando uma queda de dezenas de metros ao longo da encosta de um penhasco.

O precipício era protegido por uma cerca dupla de madeira que corria ao longo de todo o promontório e terminava em um belo gazebo no topo.

— A quatro metros ao norte do gazebo ou ele pulou, ou ficou de pé sobre a cerca — disse ela. — Sabemos o local exato porque alguém da minha equipe de peritos criminais encontrou um fragmento da calça que ele estava usando agarrado a uma farpa de madeira.

Seu inglês era quase perfeito, mas ela pronunciou o termo “equipe de peritos criminais” com ênfase excessiva. Ainda furiosa, estava deixando claro que não era uma caipira e que fizera seu trabalho de forma completa e atualizada. Comecei a fazer uma pergunta, mas ela me interrompeu.

— Você solicitou uma revisão do caso, então vamos terminá-la. O jovem americano morreu às nove e trinta e seis da noite. Sabemos disso porque seu celular estava no bolso e o relógio parou quando se espatifou nas pedras. Isso foi seis minutos após um grande foguete explodir acima do promontório, marcando o início de uma queima de fogos. Duvido que saiba, mas sábado foi a noite do...

— Zafer Bayrami — falei.

Ela ficou surpresa.

— Parabéns — respondeu. — Talvez você não seja tão ignorante quanto a maior parte de seus compatriotas.

Deixei aquilo passar. Por que contestá-la? Eu tinha problemas muito mais difíceis com os quais lidar do que a atitude dela.

— A vítima, o Sr. Dodge, estava na biblioteca da casa, consumindo álcool e drogas como demonstra o exame toxicológico, quando o foguete de fósforo explodiu e marcou o início das festividades. Ele pegou um binóculo que encontramos junto à cerca e caminhou pelo gramado para observar os fogos.

O binóculo fez disparar um alarme interno — meu radar me dizia que havia algo de errado ali —, mas eu não tinha tempo para pensar naquilo: queria me concentrar no que a detetive estava dizendo, e ela estava entrando em velocidade ultrassônica.

— Para ter uma melhor visão dos fogos de artifício, ou ele pulou, ou equilibrou-se sobre a cerca. Em um lugar desconhecido, desorientado com o coquetel de drogas e álcool, talvez confuso pelas constantes explosões de luz, perdeu o equilíbrio na borda do penhasco e não conseguiu se apoiar. Ele caiu. Você está me acompanhando, agente Wilson?

Assenti.

— Reconstituímos a cena usando um manequim com a mesma altura e o mesmo peso do Sr. Dodge. Exatamente oito décimos de segundo depois que caiu, ele atingiu alguns arbustos agarrados ao penhasco. Dá para ver os galhos quebrados, e, além disso, encontramos vários tufo de cabelo na folhagem. Você vai achar esta parte interessante: a trajetória do Sr. Dodge foi consistente com a de um homem que tivesse escorregado. Aqui estão os registros dos testes.

Ela deslizou uma pequena pilha de gráficos técnicos sobre a mesa.

— Como havia lacerações em uma de suas mãos, achamos que ele tentou agarrar-se a um galho, mas o fato é que continuou caindo até bater nas pedras, trinta metros abaixo. Essa é a altura de um edifício de dez andares. Entre várias outras lesões, ele quebrou a coluna em dois lugares e morreu na mesma hora.

Assenti mais uma vez. Tinha sido isso que o arquivo do Departamento de Estado apontara

como causa da morte. Fui obrigado a admitir que ela e sua equipe de peritos criminais tinham feito um excelente trabalho. Deus nos ajude, pensei. Eu não tinha escolha senão continuar atacando.

— Havia seguranças na propriedade — falei. — Muitas pessoas nos barcos. Alguns deviam estar perto do promontório. Ninguém o ouviu gritar?

Eu só estava sondando.

— Ninguém. E mesmo que tenha gritado, o barulho dos fogos de artifício explodindo teria abafado o som. Era essa a pergunta que você queria fazer?

— Não, na verdade, não — respondi, irritado. — Eu queria saber em detalhes quem mais estava na propriedade naquela noite.

— Isso é engraçado — respondeu Cumali, a voz carregada de sarcasmo. — Ocorreu-nos exatamente a mesma pergunta. Além do pessoal da segurança, não havia mais ninguém. Ele estava sozinho.

— Como pode ter certeza? — perguntei. — A propriedade é enorme.

Ela me lançou um olhar fulminante.

— São três hectares no total — disse Cumali, abrindo outra pasta e tirando mais fotos e uma pilha de plantas heliográficas. — As pessoas que alugam o lugar são milionárias. Por isso, há cento e oito câmeras que monitoram e gravam tudo o que acontece no perímetro. O sistema foi instalado por uma das maiores empresas internacionais de segurança, uma empresa americana, você vai gostar de saber, e é impossível pisar na propriedade sem ser visto e filmado.

Ela manuseou as fotos mostrando dezenas de câmeras diferentes — câmeras em cima de postes, nas laterais dos edifícios, escondidas na folhagem. Algumas eram fixas, outras articuladas; todas eram equipadas com visão noturna e infravermelho. Como sou um especialista, sabia que aquele equipamento deveria ter custado uma fortuna.

Ela pegou algumas plantas heliográficas.

— Estas são as especificações do sistema. Como pode ver, não há um centímetro do perímetro que não esteja coberto.

Em seguida, vieram diversos relatórios que mostravam que as câmeras estavam funcionando perfeitamente. Eu não os conferi. Tinha certeza de que a mulher estava certa. As coisas pioravam a cada segundo. Eu poderia ser capaz de atrasá-la por alguns dias; no entanto, mais do que isso parecia impossível.

— E quanto ao penhasco? — perguntei. — O que impediria alguém de subir por lá?

Ela suspirou.

— Há uma pequena praia em uma extremidade, chamada Praia do Alemão. Ali há uma rampa, uma piscina de água salgada e um estaleiro. A praia faz parte da propriedade e possui

uma guarita. Havia dois homens dentro da guarita e quatro câmeras monitorando a escada até a propriedade e toda a encosta do penhasco. Quer saber sobre a qualidade das câmeras acionadas por movimento? Havia um leve borrão gravado por uma delas que chamou a nossa atenção. Então percebi que capturara o corpo da vítima caindo. Dois décimos de segundo e, ainda assim, foi registrado.

Olhei para as plumérias lá fora, ganhando um pouco de tempo, tentando reunir meus pensamentos para outro ataque.

— Então você diz que Dodge estava sozinho. Só que é claro que não estava — falei. — Havia o pessoal da segurança. O que impediria um deles de se aproximar por trás e empurrá-lo para a eternidade?

A detetive nem olhou para as anotações. Era capaz de responder aquilo de olhos vendados.

— Havia dezoito homens de plantão naquela noite.

Ela me mostrou retratos de cada um daqueles gorilas.

— Como muita gente nesse ramo, alguns não eram flor que se cheire, mas isso não é importante: eles não tinham autorização para patrulhar a propriedade. Eram obrigados a permanecer nos postos de segurança monitorando as telas de TV. Só saíam dali em grupos de seis, acompanhados por um supervisor, caso o perímetro fosse violado.

“Todos os postos estavam sob vigilância de câmeras. As gravações mostram que ninguém deixou seu posto uma hora antes e uma hora após a morte do Sr. Dodge. Lamento desapontá-lo, mas a equipe de segurança é inocente.

— Você não está me desapontando — menti. — Só estou tentando chegar à verdade. Sim, os guardas podem ser inocentes... a menos que as fitas ou os discos rígidos tenham sido adulterados.

Eu estava me agarrando a qualquer coisa que pudesse, mas tentei fazê-lo com um certo brio.

— São discos — disse Cumali, sem se impressionar com meus brios. — Já foram verificados. Todos têm um código embutido, o que significa que, se você os editar, isso seria detectado na hora. Fui informada de que é o mesmo sistema usado na Casa Branca.

Ela estava certa a este respeito, e a beleza das precauções de segurança na Casa Francesa era que as pessoas ricas que ali residiam tinham liberdade total. Eles não estavam sob constante vigilância — o que provavelmente era muito importante para usuários de drogas milionários —, mas ninguém podia entrar no terreno sem ser observado e interpelado. Os moradores estavam tão seguros ali quanto estariam em qualquer parte do mundo.

— E quanto à motivação? — falei, tentando não demonstrar que era apenas mais uma virada de carta, outro lance de dados.

— A esposa, é claro. O falecido não tinha irmãos, seus pais estavam mortos e ela era a

única herdeira. O nome da mulher é Cameron.

Cumali deslizou uma foto sobre a mesa.

Fotografada em plano geral e olhando para a câmera, Cameron estava com tudo. Tinha seus vinte e poucos anos, alta e elegante, uma altivez que em geral só é encontrada em modelos e nas pessoas verdadeiramente lindas. De acordo com o relatório do Departamento de Estado, ela trabalhava como “consultora de compras” na loja Prada da Quinta Avenida quando o conheceu. Fazia sentido. De que outro modo uma garota comum encontraria um jovem bilionário? Na lavanderia?

— Quanto tempo eles tinham de casados? — perguntei, ainda olhando para o rosto de Cameron.

Ela era aquele tipo de mulher.

— Oito meses.

Voltei-me para Cumali.

— Oito meses e um pagamento de bilhões de dólares. Isso me parece um motivo e tanto.

A policial balançou a cabeça, negando. Por que eu não estava surpreso?

— Às oito da noite, ela estava no helicóptero do marido com outras quatro pessoas, visitando uma série de clubes ao longo do litoral. Vimos as imagens de circuito fechado de todos eles. Cada minuto foi conferido.

Dava para imaginar a cena. Os outros frequentadores chegando às boates em Porsches, BMWs e, talvez, algumas Ferraris. Então ela chega com a sua trupe a bordo de um Bell JetRanger. É difícil competir com um bilhão de dólares.

— Tudo bem. Digamos que ela seja inocente — teorizei. — Mas e se contratou alguém para fazer isso por ela?

— Quem? Eles conheciam poucas pessoas aqui: outros casais ricos que vieram de barco de Mônaco e Saint-Tropez e alguns estrangeiros. Mais conhecidos do que amigos, na verdade. Interrogamos a todos, mas não havia ninguém que pudesse remotamente estar agindo no nome dela.

— Um mercenário — rebati. — Um matador de aluguel.

Ela riu, mas não porque tivesse achado engraçado.

— Como encontrar alguém assim? — perguntou. — Não um pé de chinelo, mas um assassino de primeira? Alguém que não pegue o adiantamento e depois desapareça? De qualquer modo, ainda há o problema de ele estar sozinho na propriedade.

— Mas um bilhão de dólares — rebati, mais para mim mesmo do que para ela. — É uma bela quantia.

— Qual é o problema de vocês, americanos? — perguntou ela com desprezo. — Por que

sempre pensam em homicídio? Se ela quisesse dinheiro, e alguns milhões seriam suficientes, por que simplesmente não se divorciou dele?

Eu estava cansado, frustrado e tentando de maneira desesperada manter viva uma investigação que insistia em morrer. Mas, acima de tudo, estava desgostoso com aquela mulher e sua atitude em relação a mim e ao meu país. Eu queria encurralá-la, queria cobrar os seus próprios fracassos, queria perguntar sobre o tráfico de drogas, a nova Rota da Seda, o genocídio contra os curdos ou qualquer outra coisa que pudesse encontrar, mas me detive. Era necessário, em benefício de um bem maior e tudo o mais.

— Houve um acordo pré-nupcial? — perguntei, desanimado.

Ela não estava mais interessada.

— Não perguntei — disse ela. — Para quê? Como já falei, não havia mais ninguém na propriedade, a única pessoa com alguma motivação estava a trinta quilômetros dali, as ações do Sr. Dodge foram claras e inequívocas, a evidência forense é irrefutável. Foi um acidente.

Ela começou a reunir as fotografias e os relatórios, pronta para voltar a guardá-las no arquivo.

— Essa é a revisão que você pediu, Sr. Wilson. Creio que até mesmo o FBI concordaria que a polícia turca fez um trabalho minucioso e profissional.

— Precisarei dessas pastas, dos dados brutos e de todo o resto, detetive — respondi, apontando para a pilha de material.

Esperava uma explosão vinda da mulher, e não me desapontei.

— *O quê?*

Vi que Hayrunnisa olhava para nós, adorando tudo aquilo.

— Eu disse que preciso fazer a minha própria revisão — falei com calma.

— Não — respondeu ela. E repetiu em turco, certamente apenas a título de confirmação.

— Vim de muito longe, detetive Cumali. Minha visita foi organizada nos mais altos níveis governamentais. Você quer que eu faça uma ligação e diga que não estou recebendo a cooperação necessária?

Ela não se moveu. Nem a secretária, que provavelmente nunca vira sua chefe ser ameaçada por uma bazuca. Estendi a mão para pegar os arquivos, mas Cumali balançou a cabeça.

— Esses são os originais. De qualquer modo, a maior parte está em turco — disse ela.

— Tenho certeza de que muitos desses documentos foram traduzidos para a viúva — retruquei, mas ela não esboçou nenhum movimento de entregá-los para mim. — Por favor, detetive, não vamos dificultar as coisas.

Ela não tirava os olhos de mim. Mas, então, pareceu começar a ceder.

— Quanto tempo você precisa ficar com eles? — perguntou.

— Três dias, talvez quatro — respondi.

Não era muito, mas achei que era o melhor que poderia conseguir.

Ela olhou para a secretária, ainda bastante irritada, o que deveria ter me indicado que a mulher tinha um plano. A detetive falou de forma áspera em turco, mas uma palavra consegui entender, porque era parecida com seu equivalente em inglês: *fotokopi*.

— Obrigado — falei educadamente.

— Não há nada para você em Bodrum, agente Wilson — disse ela, após um instante. — Nada mesmo.

Com isso ela me deu as costas e começou a examinar sua agenda e sua correspondência. A mulher não ergueu o olhar quando Hayrunnisa voltou com os documentos fotocopiados. Nem mesmo quando os guardei em minha mochila e saí do escritório.

CAPÍTULO DEZENOVE

De todas as mortes de todas as pessoas no mundo todo fomos escolher justo a de Dodge. O que parecia ser um golpe de sorte acabou se revelando um erro terrível.

Uma vez que sua morte evidentemente fora acidental, não havia nada para investigar e, assim, Brodie Wilson deveria pegar um avião de volta para casa. A detetive Leyla Cumali estava certa.

Eu ganhara alguns dias, mas isso estava longe de ser o suficiente. Quando saí da delegacia, pensei mais uma vez como são os pressupostos, as suposições não questionadas, as coisas que sempre o prejudicavam. Sussurrante e eu deveríamos ter analisado o caso de forma mais completa e nos perguntado exatamente *o que* eu iria investigar. Para ser justo, estávamos cansados e desesperados quando tomamos a decisão e, na maioria das vezes, a morte de um homem de vinte e oito anos sobre rochas varridas pelo mar apresenta *alguma coisa* que vale a pena investigar. Mas desculpas não serviam para nada. Nós tínhamos colocado a nossa bandeira no mastro e — como qualquer pirata — pagamos o preço quando o navio afundou.

A pergunta era: o que eu faria a respeito? E a resposta simples era que eu não tinha ideia. No entanto, lido com o estresse de duas maneiras: ou caminho, ou trabalho. Bodrum oferecia a oportunidade de fazer ambos, e me lembrei que a missão principal — ou, ao menos, o primeiro passo da missão principal — era identificar as cabines telefônicas na Cidade Velha.

Então, tirei o celular com a câmera modificada da mochila, voltei a inserir a bateria e, no fim da rua, dobrei à direita. Estava trabalhando com o mapa que memorizei e, após cinco minutos de rápida caminhada, enfim sentindo a ansiedade diminuir a um nível controlável, cheguei ao limiar da área de busca.

Eu a dividira em setores e comecei a caminhar em um ritmo muito mais lento, determinado a não permitir que qualquer alvo em potencial escapasse a mim ou à câmera. Não foi fácil. Na maior parte do ano, Bodrum é uma cidade pacata, lar de cerca de cinquenta mil pessoas, mas, no verão, o número aumenta para meio milhão e, embora fosse fim de temporada, as ruas estavam repletas de veranistas, escravos da moda e do vasto universo de pessoas que se aproveitam delas.

Passei por inúmeras lojas que vendiam sandálias turcas de couro e raros tapetes persas,

quase todos vindos de alguma fábrica na China. A cada cem metros havia restaurantes especializados naquilo que, na Espanha, seria chamado de tapas, mas que, no Extremo Oriente, era conhecido como *meze*, e não importando a hora do dia ou da noite, estavam sempre lotados.

Toda vez que via uma cabine telefônica eu a fotografava, certo de que o software no aparelho estava baixando a imagem para o mapa e gravando sua posição exata. Durante o trajeto, comprei um churrasco grego envolto em pão árabe e me sentei em um banco sob um jacarandá. Somente após alguns minutos olhei para a vitrine da loja ao lado, que exibia uma notável coleção de saxofones e guitarras clássicas. Fui até a porta e olhei para dentro daquela caverna escura.

Era um daqueles lugares — meu tipo de lugar — que quase não se vê hoje em dia. Um lado da caverna era ocupado por pilhas de partituras, prateleiras de discos de vinil e caixas de CDs. Se alguém tivesse me dito que havia caixas de cartuchos Stereo 8 nos fundos da loja, eu teria acreditado. O outro lado era dedicado aos instrumentos — Gibsons e Fender Stratocasters para fazer qualquer roqueiro sorrir tragicamente —, incluindo uma série de instrumentos populares turcos que eu não sabia nem o nome, muito menos o tipo de som que produziam.

O homem fumando atrás do balcão — por volta dos quarenta, um músico, pela aparência de seu jeans desbotado e seus olhos sonhadores — me fez sinal para que eu entrasse. Em outro momento, em outra vida, eu teria passado horas lá dentro, mas estendi as mãos em um mudo pedido de desculpas e concentrei-me na tarefa.

Nas horas que se seguiram, tirei fotos suficientes de cabines telefônicas, lojas turísticas e feiras livres para uma vida inteira. Esperei um século para atravessar uma rua de grande movimento a fim de fotografar outra cabine a uns dez metros de um posto de gasolina da BP e encontrei ao menos seis outras que pareciam terem sido trazidas ilegalmente de outro país e conectadas aos postes telefônicos. Não é de admirar que a Telecom turca não tivesse registro delas.

Ao fim da tarde, com sede e dores nos pés, me vi em uma pequena praça pública. Sentei em um café ao ar livre, e meu primeiro pensamento foi pedir uma cerveja Efes, mas, felizmente, restava-me ainda algum grau de consciência, e sabia que, furioso e desesperado como estava, eu não teria me contentado com apenas uma garrafa. Em vez disso, pedi um café e dei início à tarefa que vinha evitando o dia todo: abri a mochila, peguei os arquivos relativos à morte de Dodge e comecei a examinar o desastre em que Sussurrante e eu tínhamos nos metido.

Vinte minutos mais tarde, eu tinha certeza de que havia algo muito errado com aquela investigação policial. A chave não estava nos interrogatórios, nos exames de perícia criminal ou na análise dos vídeos da segurança. Estava no exame toxicológico.

Assim como diversos outros arquivos, o documento fora traduzido para Cameron, e a detetive Cumali estava certa, o exame demonstrava que havia drogas no corpo da vítima. No entanto, duvido que ela tivesse algum modo de avaliar o que esses níveis de fato significavam. Na verdade, a última página do relatório do legista se limitava a dizer que as doses foram suficientes para prejudicar significativamente o julgamento e o equilíbrio da vítima.

“Prejudicar significativamente?” Porra, o jovem bilionário estava impregnado de drogas. Pela minha formação médica e também pela minha sinistra experiência pessoal, eu sabia que ele não poderia ter introduzido aquela quantidade de substâncias tóxicas em sua corrente sanguínea em uma questão de horas — não sem uma overdose, pelo menos. Dodge teria de ter participado de uma farra épica: três ou quatro dias seguidos, de acordo com meus cálculos.

Ao contrário de Cumali — ou de qualquer pessoa de sua equipe de peritos —, meu passado obscuro também me garantia uma visão especializada sobre os efeitos reais que tais medicamentos teriam sobre ele. Havia cristal, é claro — hoje em dia, sempre há —, seu fiel escudeiro, o GHB, ou Trepada Fácil, para cortar as mudanças de humor, e uma boa dose de Ecstasy para aplacar a alma. O sono sempre era o inimigo de alguém em uma farra, de modo que havia fortes indícios de cocaína, para mantê-lo acordado. Eu tinha certeza de que alguém em uma orgia de drogas de quatro dias que estivesse usando um coquetel dessas substâncias não teria o menor interesse em fogos de artifício. Aquilo seria como uma missa em comparação ao espetáculo de luzes acontecendo em sua própria cabeça e em sua genitália.

Então, eu me lembrei do alarme interno que disparara por causa do binóculo. E percebi qual era o problema: quem usaria um binóculo para observar fogos de artifício explodindo quase em cima de sua cabeça? Ninguém, a menos que quisesse ficar cego. E por que ir até o fim da propriedade e se equilibrar na borda do penhasco? O jardim ou os terraços não seriam um excelente ponto de observação? Até mesmo os usuários de drogas mais crônicos têm *algum* instinto de autopreservação. Não. Dado o seu estado de intoxicação por drogas pesadas, outra coisa o induzira a pegar o binóculo e cair do penhasco.

Eu não sabia o que era — não sabia a resposta para um monte de coisas —, mas sabia que a situação não era tão desoladora quanto me pareceu no escritório da detetive Cumali, enquanto eu me afogava em meio ao seu desdém e ao cheiro das plumérias.

Pensei mais uma vez naquela garrafa de Efes. Melhor não, decidi: a esperança era ainda mais perigosa do que o desespero.

O que eu realmente precisava era do meu carro.

CAPÍTULO VINTE

Não foi difícil encontrar a Casa Francesa. Ao sair de Bodrum e chegar ao promontório sul, bastou pegar a longa estrada que serpenteava pelos ciprestes e dirigir até não poder ir mais longe.

Já era quase noite quando cheguei. Os grandes portões de ferro bloqueando a estrada e cobertos por uma lona preta para garantir a privacidade do lugar estavam fechados, e os lampiões no alto das colunas de pedra estavam apagados. Havia um carro da polícia escondido em meio a um pequeno bosque e, quando parei, um policial com excesso de peso se inclinou para fora da janela e começou a gritar em turco, gesticulando para que eu me afastasse.

Desliguei o motor e saí do carro. Ele abriu a porta, rosnando, e vi sua mão alcançar o cassete. Os policiais turcos não têm fama de pedir duas vezes, mas felizmente fui mais rápido do que ele. Saquei meu distintivo dourado e o estendi antes que ele estivesse ao meu alcance.

Ele encarou a insígnia por um segundo, furioso, e, em seguida, voltou à viatura. Eu o ouvi argumentando no rádio e, quando enfim foi informado do que deveria fazer, puxou a calça para cima e se aproximou lentamente de um pequeno portão de pedestres que era aberto por meio de um teclado eletrônico. O dispositivo era embutido em concreto, uma versão de doze dígitos, feita sob medida e impenetrável: ninguém seria capaz de retirar a tampa para tentar manipular os circuitos. Duas câmeras na parede — uma fixa, a outra móvel e acionada por movimento — nos monitoravam com seus olhos de vidro. Na segunda tentativa, o policial consultou um pedaço de papel e finalmente digitou o código certo. Dessa forma, o portão se abriu e ele recuou. Quando passei, pude sentir seu hálito cheirando a álcool.

O portão se fechou atrás de mim e, sozinho na escuridão, percebi uma área com uns trinta metros de largura coberta de grama, que circundava o terreno. Achei que seria um fosso eletrônico, monitorado por câmeras, provavelmente dotado de detectores de movimento. Mesmo supondo que alguém tivesse conseguido escalar o muro, nenhum intruso teria tido a chance de cruzar aquilo e alcançar a fileira de árvores do outro lado sem ser detectado. A casa fora construída décadas antes, quando Bodrum era uma desconhecida aldeia de pescadores, mas, mesmo assim, alguém tinha ido a extremos para garantir sua segurança, e eu me perguntei por quê.

Segui o caminho arborizado, meus sapatos rangendo sobre o cascalho enquanto eu atravessava um túnel formado por galhos. Ficava cada vez mais escuro e silencioso e, embora eu não soubesse explicar o motivo, desabotoei o casaco e me certifiquei de poder alcançar a Beretta enfiada no cinto, às minhas costas. Era aquele tipo de lugar, aquele tipo de noite.

O caminho contornava um chafariz silencioso e revelou a casa. A visão em nada me consolou: era enorme e escura, e a sensação sinistra que tive ao olhar pelo telescópio pareceu avassaladora agora que eu estava ali. A maioria das casas construídas em locais espetaculares, mesmo as mais antigas, são projetadas para aproveitarem a vista, com grandes janelas e amplos painéis de vidro. A Casa Francesa tinha largos beirais, uma porta de carvalho e janelas bastante encravadas na fachada de calcário. Aparentemente fora construída para proporcionar privacidade aos moradores — impressão enfatizada pelo fato de todas as persianas da frente estarem fechadas.

Fui até a lateral da mansão, evitando as poças de sombra rente à parede, passei por um heliporto e um posto de segurança construído em pedra, junto às garagens. Estava vazio. Saindo dali, havia um caminho ladeado por uma alta sebe que levava a um terraço gramado. A vista era incrível: um colar de ilhas distantes, o castelo dos cruzados iluminado por holofotes, as luzes de Bodrum abraçando as enseadas, mas não gostei do que eu estava sentindo. De modo algum. Podem me chamar de paranoico, mas não conseguia afastar a sensação de que havia alguém na casa me observando.

Eu me virei e olhei para trás. A casa estava escura e tão silenciosa quanto se estivesse em estado de coma. As persianas do térreo estavam abertas, mas todas as outras estavam fechadas. Tirei o casaco, pousei-o sobre um banco de madeira e atravessei o gramado até o gazebo de ferro forjado. Na metade do caminho, ouvi algo em meio à imensidão silenciosa e virei-me para a casa. Em uma varanda no terceiro andar, uma persiana balançava. Poderia ter sido o vento, e eu não tinha como saber se estava fechada quando olhei para a casa pela primeira vez.

Cheguei ao gazebo, dei quatro passos para o norte e escalei a cerca. Aquele foi o lugar de onde Dodge caiu, e, subitamente, senti vertigens: a queda era tão abrupta e a água lá embaixo, tão desorientadora, que senti como se eu estivesse sendo puxado. O chão sob os meus pés estava cedendo, e eu sabia que a cerca atrás de mim estava fora do meu alcance. Pensei ter sentido, ou ouvido, algo perto — não tinha certeza —, mas não havia tempo para gritar. Voltei-me bruscamente, me lancei em direção à cerca e a agarrei. Não havia ninguém ali.

Recuperei o fôlego e subi de volta à terra firme. Eu estava completamente sóbrio e, ainda assim, poderia ter caído facilmente. O que diabo Dodge estaria fazendo ali?

Em segurança atrás da cerca, virei a observar a paisagem. Tentei imaginar como deveria ter sido: o ar tomado de explosões e foguetes multicoloridos, o som de várias músicas se

confundindo sobre a água vinda dos barcos em festa e das boates, a lua prateada produzindo feixes de luz até a metade do caminho para a Grécia. Sob o luar, tropeçando no gramado, caminhava um homem que participara de uma orgia de drogas de quatro dias, talvez tentando forçar-se à sobriedade, tentando acalmar a fúria da testosterona e a vertigem da paranoia. Mas por que, perguntei mais uma vez a mim mesmo, ir até o gazebo?

Meu palpite era que ele estava procurando alguma coisa, provavelmente na baía. Quanto mais se aproximasse dali, melhor a chance de ver o que procurava. Por isso tinha trazido o binóculo, subido na cerca ou pulado. Mas o que estava procurando?

Os registros do celular de Dodge, incluídos nos documentos que a detetive Cumali me dera, mostravam que ele não recebera ligação alguma uma hora antes e uma hora após a sua morte. As câmeras de vigilância também mostraram que, durante esse período, ninguém deixara a guarita para falar com ele.

No entanto, algo ou alguém o induzira a pegar um binóculo, deixar o seu adorável amigo cristal, sair da biblioteca, atravessar o terraço e cruzar o gramado para tentar ver algo nas águas escuras da baía.

Digamos que tenha sido uma pessoa que — literalmente — o conduziu do jardim até o gazebo. A explicação mais lógica era que esse indivíduo ou sabia burlar o sistema de vigilância, ou conhecia um modo de atravessar o fosso para entrar na propriedade. Tinha de ser alguém que Dodge conhecia ou que fosse de sua confiança; caso contrário, ele teria dado o alarme. Em seguida, essa pessoa o empurrou pela beira do penhasco e foi embora pelo mesmo caminho que entrou.

Quase na mesma hora, tive outro pensamento: se aquilo foi um homicídio, só conhecia outro tão bem-executado. Ocorreria a meio mundo de distância, no Eastside Inn. Quaisquer dúvidas que eu tivesse sobre a ligação entre as duas mortes estavam desaparecendo rapidamente.

Eu me virei, atravessei o gramado, peguei meu casaco e subi os degraus até a área principal. Era hora de entrar na casa sombria e silenciosa.

CAPÍTULO VINTE E UM

Tentei as maçanetas de dois pares de portas francesas, sem sucesso. O terceiro estava destrancado, o que significava que ou o pessoal da segurança tinha sido muito desleixado, ou havia alguém dentro da casa.

Peguei a pequena lanterna em meu chaveiro, liguei-a, entrei no salão e fechei a porta. Pelo estreito feixe de luz, vi uma bela sala. Quem quer que a tenha decorado tinha muito bom gosto: Grace teria se sentido em casa, pensei. Muitos dos móveis eram relíquias inglesas — contidos, elegantes e fabulosamente caros. Os pisos de taco de madeira estavam cobertos por grandes tapetes de seda, e as paredes cor de marfim ostentavam meia dúzia de telas pintadas pelos maiores nomes do impressionismo.

O fino feixe de luz passou por elas, incidindo sobre um par de portas altas que levavam à biblioteca. Em muitos aspectos, era um cômodo ainda mais bonito do que o salão: era menor, o que melhorava as proporções, e as fileiras de livros davam-lhe um clima mais aconchegante, informal. Não fiquei surpreso por Dodge ter transformado a biblioteca em seu quartel-general.

Ao lado de uma confortável poltrona de couro havia uma mesa de canto e, embora as drogas tivessem sido retiradas, a parafernália ainda estava lá: as folhas de papel-alumínio, um tubo de vidro, meia dúzia de garrafas de água mineral Evian, cigarros e um cinzeiro transbordando. A poltrona era voltada para uma parede de janelas francesas, o que permitia uma visão panorâmica do mar e do céu. Droga, se Dodge quisesse ver os fogos de artifício, nem mesmo precisaria se levantar. O efeito teria sido ainda mais notável, graças a dois enormes espelhos dourados em ambos os lados da lareira, exatamente atrás da poltrona.

Os espelhos me pareciam incongruentes em uma biblioteca — eu sabia que Grace jamais os aprovaria —, mas até mesmo os ricos têm as suas idiossincrasias.

Passei por cima da fita de isolamento que protegia aquele lado da sala — o que não importava, já que os turcos disseram que a investigação estava encerrada. Recostei-me na cadeira e olhei para a paisagem. Tentei imaginar o que alguém poderia ter dito ao milionário para que ele deixasse a segurança de seu quartel-general.

Então me aprofundi em minha mente, prendendo a respiração e tentando fazer uma imersão maior. Mais uma vez, exatamente como fiz no quarto do Eastside Inn, quando percebi

que a pessoa que permanecera ali era uma mulher, desliguei tudo... A resposta estava perto... logo ali, do outro lado... se eu pudesse tocá-la... alguém que ele conhecia entrou pelas portas altas...

Eu não ouvi, mas uma porta oculta se abriu às minhas costas. Era uma daquelas passagens que você encontra em várias bibliotecas antigas — decoradas com lombadas de livros para harmonizá-la com as demais prateleiras. Quem a atravessou devia estar usando sapatos com sola de borracha, porque não ouvi passos sobre o tapete de seda. Porém, as roupas fazem ruído ao se moverem, ou talvez nem seja um som, mas uma perturbação no ar, que é quase impossível de ocultar. E eu senti aquilo.

Com o coração vindo à boca, saquei a Beretta às minhas costas em um movimento fluido, destravei-a, virei-me rapidamente, agachando-me para reduzir meu tamanho como alvo, afastei os pés, ergui a arma como uma extensão direta do meu braço direito e passei o dedo ao redor do gatilho — exatamente como me ensinaram havia tantos anos, quando eu era jovem e ainda não sabia o que era matar um homem e ver os rostos de suas duas jovens filhas nos meus sonhos.

Um homem diferente, um homem menos conturbado, teria atirado. Em vez disso, hesitei, olhei para além do cano e vi uma mulher descalça, vestida de preto — o que era adequado, já que ela enviuvara havia pouco tempo. Era Cameron.

— Quem diabo é você? — perguntou ela em meio à penumbra, tentando parecer calma. No entanto, a arma a assustara, e ela não conseguia evitar que suas mãos tremessem.

Guardei a Beretta no coldre.

— Meu nome é Brodie Wilson. Sou...

— O cara do FBI? Cumali, a policial turca, disse que eles enviariam alguém.

— Sim.

— O FBI sempre entra nas casas das pessoas sem avisar?

— Peço desculpas — respondi. — Pensei que o lugar estivesse vazio. Vim dar uma olhada.

Suas mãos pararam de tremer, mas ela ainda estava agitada, então pegou um cigarro. Porém, não o acendeu — era um daqueles cigarros eletrônicos usados por pessoas que estão tentando largar o vício. Ela deixou-o balançando entre seus dedos elegantes.

— O FBI costuma investigar acidentes? Quem lhe pediu para vir a Bodrum?

— Um dos advogados ou administradores do seu marido, creio eu.

— Isso faz sentido — disse ela. — Quem foi? Fairfax, Resnick, Porter?

Pela lista, parecia haver um monte de gente no círculo de amigos de Dodge que não aprovava que uma assistente de vendas — mesmo que fosse da Prada — tivesse tirado a sorte grande.

— Não sei — respondi.

Ela riu sem nenhum humor.

— Você não me diria mesmo que soubesse, não é mesmo?

— Não — respondi.

Ela deu uma tragada no cigarro eletrônico. Fosse qualquer outra pessoa, aquilo teria parecido ridículo.

— A casa me pareceu vazia — falei. — Sinto muito pela arma, mas você me surpreendeu.

Ela nem se incomodou em responder. Tive a sensação de que estava me avaliando.

— Como você conseguiu entrar na propriedade? — perguntei, da forma mais casual possível.

— Como assim?

— Eu entrei pelo portão da frente. Não havia carros estacionados ali, e o policial de plantão não disse nada sobre você estar na casa.

— Nosso barco está atracado na baía. É onde estive hospedada desde o acidente. Um dos botes me trouxe e subi a escada. — Ela deve ter visto um lampejo de dúvida em meu rosto, porque deu de ombros. — O barco está no estaleiro. O homem da tripulação ainda está lá. Pode perguntar para ele se quiser.

— Claro que não — respondi. — A casa é sua, e você pode fazer o que quiser nela. Foi você quem eu vi no terraço, não foi?

Ela hesitou.

— Eu não percebi que você estava olhando.

— Eu estava no jardim. Não tinha como ter certeza, mas pensei ter visto um vulto.

— Uma persiana estava batendo com o vento — respondeu ela.

Voltei-me rapidamente. Em algum lugar ao longe, pensei ter ouvido uma porta se fechar.

— Há mais alguém na casa?

— Não. Por quê?

— Pensei ter ouvido... — Tentei aguçar os ouvidos, mas tudo estava em silêncio.

— É uma casa antiga — explicou ela. — O vento que sopra do sul entra pelo porão.

Ela começou a acender as luzes. Não saberia dizer se era para me distrair ou porque estava de fato cansada do escuro.

À luz suave, consegui ver a mulher com mais clareza. Certa vez, Jack Lemmon disse que Marilyn Monroe era como um raio em uma garrafa. Ele poderia estar descrevendo Cameron. Esguia e atlética, ela tinha a pele tão fina que parecia refletir a luz. Percebi então, e vi aquilo diversas vezes depois, que ela tinha um jeito de inclinar a cabeça e aguçar o olhar que fazia o interlocutor pensar que eles eram as únicas pessoas na sala, talvez no mundo inteiro.

Cameron também era inteligente — eu sabia disso porque tinha lido uma transcrição do interrogatório ao qual ela foi submetida na noite do suposto acidente pela polícia de Bodrum. Sabendo que não tinha permissão para ter um advogado presente, tentando entender o péssimo inglês de um tradutor, exausta e sozinha, ela foi educada e atenciosa durante as horas de interrogatório. Perca a cabeça na Turquia e — seja culpado ou não — você poderá arranjar um mundo de problemas. Inteligente e controlada — lembre-se disso, pensei.

Satisfeita com a iluminação, ela se voltou e abriu uma das garrafas de água.

— A polícia da Turquia me disse que você é a única herdeira do espólio de seu marido — comentei, com o máximo de neutralidade possível.

Ela tomou um gole.

— Este é um interrogatório formal, Sr. Wilson? — perguntou, de forma sensata.

— Não, mas posso transformá-lo em um, se quiser.

Ela deu de ombros.

— Isso não é segredo. Sim, sou a única herdeira.

— Houve um acordo pré-nupcial?

Ela hesitou, e percebi que não responderia.

— Se preferir, nosso escritório em Nova York pode expedir um mandado para obter os documentos. Pelo que você me disse mais cedo, tenho certeza de que o advogado ou administrador ficará feliz em nos ajudar — falei.

— Sim, havia um acordo pré-nupcial — disse ela, contendo-se.

— O que esse acordo previa para o caso de vocês se divorciarem?

Ela tomou outro gole.

— Nos primeiros cinco anos, eu receberia quarenta mil dólares por ano. Depois disso, aumentaria aos poucos até alcançar cinquenta. Então, para usar o termo de advocacia, eu me tornaria “beneficiária”, e o acordo pré-nupcial deixaria de ser aplicado.

— Quarenta mil por ano durante cinco anos — falei. — Deve ser o mesmo que você ganhava na Prada.

— Mais ou menos por aí.

— E o que você ganha agora que ficou viúva?

— É um fundo... é bastante complicado. Eu não estou certa se alguém sabe exatamen...

— Quanto? — repeti.

— Cerca de um bilhão e duzentos milhões — disse, voltando-se para outro lado.

A cifra pairou no ar por um instante — como costumam pairar cifras dessa magnitude —, e ela se voltou e olhou para mim. Para minha surpresa, estava trêmula de emoção, olhos vívidos de raiva.

— Você sabe por que eu estava fechando a persiana no terraço? Sabe por que estava lá em cima? Aquele era o quarto que meu marido e eu compartilhávamos. Eu venho do barco até aqui todas as noites, atravesso o gramado e vou até aquele quarto.

“Ao me deitar na cama, posso sentir o cheiro dele, posso acreditar que, se eu rolar para o lado, ele ainda vai estar ali.

“As pessoas podem dizer o que quiserem sobre o dinheiro. Um conjunto de lençóis em um quarto de uma casa alugada é tudo o que me resta dele. Eu amava o meu marido, Sr. Wilson.

Seus olhos se encheram de lágrimas. A mulher lutou contra elas e, naquele momento, expressou tanta dignidade e coragem que era difícil não se comover. Se aquilo era uma encenação, então ela deveria começar a preparar seu discurso de agradecimento o quanto antes.

— Agora, quero que você vá embora. Qualquer dúvida, pode falar com a polícia da Turquia. Eles estão a cargo da investigação e têm um registro completo do depoimento que dei. Não tenho mais nada a acrescentar.

Enquanto eu cruzava o terraço em direção à porta principal, estava inclinado a acreditar nela, mas, é claro, é impossível saber ao certo. Antes de dobrar a esquina do prédio, olhei para trás. Ela estava em pé no terraço, sozinha e belíssima na penumbra da casa silenciosa, os pés descalços, olhando em direção ao gazebo e para o local onde seu marido morrera. Por um instante, pensei que ela se voltaria e olharia para mim, mas não o fez.

Desci o longo acesso de veículos, a noite me envolveu e a casa sinistra recuou na escuridão. Eu tinha chegado com dúvidas e ia embora convencido de que alguém induzira Dodge a trocar as drogas pelo binóculo e fazer aquela última caminhada.

Era uma boa teoria, mas não seria suficiente, não se eu pretendesse permanecer no jogo. Leyla Cumali se certificaria disso — ela desenvolvera a própria versão dos acontecimentos e a abalizava com sua reputação profissional. Ela não podia se dar ao luxo de estar errada, e faria todo o possível para se livrar do intruso americano.

O que eu precisava era de uma prova.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Eu nunca teria encontrado aquilo não fosse um sinal de trânsito.

Desci do promontório sul e cheguei à periferia da cidade na hora em que os restaurantes se transformam em bares, as mulheres começam a pensar em tirar os sapatos de salto alto e casais normalmente sóbrios pedem mais uma dose de raki.

O sinal — em um cruzamento movimentado com uma boate em uma esquina e um canteiro de obras na outra — mudou de verde para amarelo. Eu estava perto o bastante e poderia ter avançado ainda no verde, mas, como havia tantas motos fazendo os próprios caminhos e multidões de pedestres apressados, decidi não arriscar.

Esperando a luz verde, olhei para o canteiro de obras à frente e, em meio às pichações de apoio a diversos partidos políticos, havia um cartaz anunciando uma rave que acontecera na noite do Zafer Bayrami. O cartaz mostrava um desenho estilizado do porto, a Casa Francesa no topo do promontório e a enorme “bomba de fósforo” explodindo acima dela. Na verdade, aquilo era magnésio, pensei, recordando minhas aulas de química na Caulfield. Era o mesmo material que os fotógrafos de outrora utilizavam em seus flashes, divaguei em minha mente.

Então me ocorreu uma ideia tão absurda que tive de repeti-la para mim mesmo. Depois que a repeti, me pareceu ainda mais absurda.

Eu sabia que Dodge estava na biblioteca quando houve a explosão. Foi isso que Cumali dissera, e não havia evidência alguma que provasse o contrário. Isso significava que ele estaria sentado na poltrona de couro com um par de grandes espelhos atrás dele quando o magnésio explodiu do lado de fora das altas portas de vidro. Havia uma chance, percebi, de que tais elementos aparentemente desconexos — o magnésio e os espelhos — proporcionassem a prova de que eu desesperadamente precisava.

Eu estava tão absorto pela ideia que demorei um tempo para perceber que os motoristas atrás de mim estavam tocando as buzinas e que a luz verde já tinha acendido. Acelerei, vasculhei com uma das mãos os arquivos que Cumali havia me dado, encontrei um bilhete que ela escrevera para o legista em que acrescentara seu número de telefone e peguei o celular. Estava no meio da discagem quando percebi que uma mulher com um filho de seis anos poderia não gostar muito de ser acordada e, de qualquer forma, o que ela faria tão tarde da

noite?

Em vez disso, decidi ir de carro até o hotel, entrar na internet, encontrar a página da galeria Uffizi, em Florença, e enviar uma mensagem para todos os seus endereços de e-mail acrescentando meu número de telefone e um urgente pedido de ajuda.

A Uffizi, uma antiga casa dos Medici, é um dos maiores museus de arte da Europa e abriga a maior coleção de pinturas renascentistas do mundo. Quando eu era jovem, Bill e Grace me levaram até seus corredores uma meia dúzia de vezes e, em certa ocasião, a visita de que mais gostei, Bill nos fez visitar o que o diretor do museu chamava modestamente de “oficina”: uma instalação de restauração artística sem igual em ambos os lados do Atlântico. O que eu precisava agora era das instalações da oficina, e esperava que, quando o pessoal do museu chegasse cedo pela manhã, alguém entregasse a minha mensagem para a pessoa certa, que então entraria em contato comigo.

Parei diante do hotel, estacionei o carro e me dirigi à recepção para pedir a chave do meu quarto. O gerente me entregou outro envelope.

— Espero que não seja uma notícia do tipo que possa causar uma grande tristeza para o Sr. Brodie David Wilson — disse ele.

O envelope estava aberto, e intuí que ele já tinha lido a mensagem, chegando à conclusão de que aquilo quase certamente me causaria uma grande tristeza.

Eu estava certo. A mensagem era de Leyla Cumali, dizendo que ela discutira com seus superiores o meu “pedido” para que prorrogassem o encerramento da investigação sobre a morte de Dodge.

“Após examinarem o arquivo e todos os documentos pertinentes, meus superiores decidiram que qualquer atraso seria injustificável em termos investigativos.

Segundo ela, o chefe de polícia e seus oficiais superiores haviam concluído que aquele era um caso evidente de “morte acidental” e, como resultado, o arquivo seria encaminhado para Ancara pela manhã, o corpo de Dodge seria liberado para ser sepultado pela esposa e os passaportes de seus amigos e conhecidos seriam devolvidos, o que permitiria que deixassem a cidade imediatamente.

“O Departamento de Polícia de Bodrum agradece o seu interesse e se orgulha de ter oferecido ao FBI toda a assistência possível”, escreveu ela. “Por favor, sinta-se à vontade para preservar a cópia do material que lhe fornecemos para seus arquivos.”

Não é de admirar que Cumali tenha parecido ceder de forma tão fácil. Eu estaria ferrado se os policiais implementassem o que haviam decidido: não haveria necessidade do FBI em Bodrum, e seria impossível reabrir a investigação. O corpo teria desaparecido, e quaisquer testemunhas potenciais estariam espalhadas pelo mundo. Minha vontade era ligar para Cumali

imediatamente, mas meus instintos mais amenos prevaleceram. Eu poderia telefonar para ela pela manhã. A prioridade era a Uffizi.

O gerente me observava com atenção, e eu lhe disse que a vida era repleta de tristeza, mas que esse tipo de problema não era estranho a Brodie David Wilson. Droga, eu estava tão cansado que já tinha começado a falar como ele. Fui para o meu quarto e, depois de bombardear a Uffizi com e-mails, tudo que queria fazer era rastejar até a cama.

No entanto, havia mais um telefonema que eu precisava dar. Coloquei a bateria no telefone e liguei para Ben Bradley. Disse para ele que a polícia local estava convencida de que a morte de Dodge fora acidental e que estavam encerrando a investigação.

— Meu Deus — respondeu Bradley.

— Sim. E eles estão errados. Estou trabalhando em algo para manter a investigação aberta, mas é melhor você informar isso às outras partes interessadas.

— Há algo que eu possa fazer? — perguntou Bradley.

— Agradeço — respondi. — Mas fui eu que fiz a bagunça, então tenho que arrumar as coisas.

Desliguei, mas deixei a bateria no celular para o caso de haver uma resposta urgente. Cansado como estava, eu mal tinha pegado no sono quando o aparelho começou a tocar.

— Eu me esqueci de perguntar — disse Bradley. — Quando você acha que vai saber se a sua ideia funcionou?

Eu sabia que aquilo vinha de Sussurrante, e quase dava para sentir o pânico em sua voz.

— Amanhã à mesma hora — falei. — Talvez eu tenha que ir para a Itália pela manhã.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Acordei às sete horas, liguei no mesmo instante para Cumali, mas caiu direto na caixa postal. Deixei uma mensagem para que ela me ligasse com urgência e continuei tentando o número, mas, após vinte minutos, ainda não tinha conseguido falar.

Desci até a recepção, fiz mais uma excursão pela língua inglesa com o gerente e descobri o endereço da Gul & Filhos, Marina e Carpintaria Naval. Digitei-o no sistema de navegação do carro e, sete minutos depois, estava no antigo porto, diante da casa que Cumali estava caindo na fotografia.

Aquilo outrora fora a casa de um pescador. Tinha dois andares, vasos de terracota e canteiros repletos de flores nas janelas. Fiquei surpreso: havia uma alegria e uma suavidade na casa que eu com certeza não vira na mulher. Fui até a frente e toquei a campainha. Não houve resposta.

Cruzei um pequeno gramado, atravessei um acesso de veículos rente ao alto muro da marina e olhei para a garagem. A porcaria do carro italiano estava lá, preto e com o capô levantado, mas não havia sinal de vida. Eu me aproximei dos fundos da casa e tentei ouvir alguma coisa. Não consegui perceber nenhum som ou movimento, exceto um gato malhado roçando a orelha por dentro da janela da cozinha.

De novo em meu carro, olhando para o relógio, comecei a rodear a casa em círculos cada vez mais largos, à procura de um parque. Eu precisava encontrá-la logo. Dez minutos depois, vi uma área gramada com meia dúzia de crianças brincando nos balanços. As mães pairavam ao redor e, para meu imenso alívio, vi Leyla Cumali entre elas.

Estacionei e saltei do veículo. Ela estava de costas para mim, empurrando o filho no balanço, e eu me encontrava a apenas alguns metros dela quando uma das outras mães a chamou em turco e apontou na minha direção.

A detetive se voltou, me encarou e, naquele instante, vi tanta raiva em seu rosto por conta da minha intromissão inesperada que mal consegui acreditar. Mas havia algo mais... algo furtivo... no modo como ela se moveu para pegar o filho. A impressão-relâmpago que tive — um piscar de olhos, por assim dizer — foi a de que eu topara com um segredo.

Enquanto ela me observava, o menino ergueu um olho por trás da saia da mãe. Sorri para

ele e disse:

— Este deve ser o seu filho.

A expressão no meu rosto não se alterou quando — mais confiante — ele saiu de trás da mãe e percebi que tinha síndrome de Down.

Como todas as crianças especiais que conheci, seu rosto era belo: sorridente e cheio de inocência. Ele me disse algo em turco que imaginei ser “bom dia” e, por algum motivo, em vez de tentar me comunicar em uma língua que ele não entenderia, decidi me curvar. Ele achou aquilo a coisa mais engraçada do mundo e curvou-se de volta. As mães e as outras crianças, que estavam todas olhando, riram, o que só o encorajou a se curvar diversas vezes para o americano maluco.

A única pessoa que não achou graça foi Cumali.

— Como você me encontrou? Meu bilhete deixou claro que não estou disposta a discutir...

— Não estou aqui para discutir — interrompi. — Quero que você venha à Casa Francesa comigo.

Isso abrandou um pouco a raiva dela.

— Por quê?

— Acho que Dodge foi assassinado, e que podemos ser capazes de provar.

— Assassinado? Como alguém pode ter entrado na propriedade?

— Não sei. O primeiro passo é provar que havia alguém na casa. Acho que podemos fazer isso.

Ela pensou por um instante e balançou a cabeça.

— Não. As evidências demonstram que...

— Esqueça as evidências. Evidências são uma lista das coisas que temos. E quanto àquelas que você não encontrou? Como você as chama? De irrelevantes?

Aquela era uma citação do meu livro, e me repreendi na mesma hora — mais uma vez, eu me desviava da lenda —, mas, então, lembrei que o livro fora acrescentado como parte da minha leitura de bordo e parei de me censurar. Cumali ainda não estava convencida.

— Precisamos fazer isso agora, antes de a investigação ser encerrada — pressionei.

— Não. Meus superiores já decidiram assim.

Tive de me esforçar para não perder a calma.

— Se eu estiver certo, e a polícia de Bodrum liberar o corpo e devolver os passaportes das pessoas, será um inferno para vocês. Não da minha parte, mas dos mais altos níveis governamentais.

Ela vacilou. As outras mães e crianças começaram a se dirigir para a escola, acenando em despedida para Cumali e seu filho, que se curvava para todos.

— Não posso ir agora — disse ela. — Preciso deixar meu filho com a babá. O carro está quebrado, demora um pouco para...

— Eu levo vocês — respondi, apontando para o meu carro.

Ela não pareceu gostar, mas também não via outra saída, de modo que concordou. O menino, por sua vez, adorou a ideia e pegou a minha mão enquanto caminhávamos em direção ao carro.

Cumali abriu a porta traseira, embarcou o filho e sentou-se ao lado dele. Para uma mulher muçulmana, compartilhar um carro com um homem que ela mal conhecia já era ruim. Viajar no banco da frente era impensável.

Enquanto ela me dava instruções sobre o caminho, falei por sobre o ombro:

— Acho que você deveria ligar para o seu escritório. Diga-lhes que surgiu algo e faça-os atrasar o envio do arquivo para Ancara.

Ela não respondeu, então olhei pelo retrovisor e a encontrei me encarando com frieza. Ela não ia gostar de ouvir quando eu lhe contasse a minha ideia, mas não havia nada que eu pudesse fazer a respeito. Após um instante, vi Cumali pegar o celular e começar a falar em turco.

Ela desligou o telefone e disse ter deixado uma mensagem para seu chefe e pedido para que vários de seus colegas se encontrassem conosco no promontório sul. Ao que parecia, estava chamando reforços. Não tive a oportunidade de dizer qualquer coisa sobre isso — o menino começou a falar em turco, muito animado. Voltei a olhar pelo espelho, e vi que Cumali o ouvia com muita atenção. Era óbvio que ela queria que o filho soubesse que seus pensamentos eram valorizados e, quanto mais eu olhava, mais percebia que ela tinha uma infinita paciência com ele.

— Meu filho quer que eu lhe diga que iremos ao circo na quinta-feira — traduziu. — Diz que começaremos com a Grande Parada e, em seguida, assistiremos a acrobatas e leões, palhaços...

— E encantadores de serpentes — acrescentei. — Eu os vi quando cheguei à cidade. Por favor, diga-lhe que me pareceu ser um grande circo.

Cumali traduziu, o menino riu e rapidamente aquilo se transformou em algo parecido com uma conversa. Enfim, ela explicou:

— Meu filho me pediu para perguntar se você gostaria de vir conosco, mas eu disse que você vai fazer uma reunião nessa noite e que estará muito ocupado.

Olhei para ela no retrovisor.

— Sim, uma reunião. Que pena — falei. — Eu gostaria de poder ir. Por favor, peça desculpas a ele.

Ela falou com ele em turco e, em seguida, disse-me para dobrar à esquerda e parar uns vinte metros rua acima. Estacionamos diante de uma casa modesta com uma fileira de gnomos de jardim ao longo da entrada, um escorregador em um quadrado de grama e um depósito da Coca-Cola no outro lado da rua. Os motores de dois grandes caminhões entrando e saindo do depósito faziam tanto barulho que não tive a chance de me despedir do menino de maneira adequada. A mãe o tirou do carro, atravessou o portão e caminhou em direção à casa.

Uma jovem com seus vinte e tantos anos, obesa e de cabelo escuro abriu a porta e beijou a cabeça do menino. Enquanto a detetive falava com a babá, tive a oportunidade de pensar de novo naquele momento furtivo no parque. A explicação óbvia tinha a ver com a síndrome de Down do menino, a mãe instintivamente tentando protegê-lo da minha intrusão. Mas eu não acreditava que fosse isso: tanto Cumali quanto o garoto pareciam perfeitamente confortáveis entre as crianças e os adultos do local. Não, eu tinha a sensação de que era algo bem diferente, mas não fazia ideia do que poderia ser. Uma mãe e seu filho, brincando em um parque. E daí?

À essa altura, Cumali voltava para o carro e seu filho estava de pé na soleira da porta, despedindo-se de mim com a mão erguida. Mesmo diante do volante, consegui me curvar, e seu rosto se iluminou. Então, ele se curvou duas vezes em retribuição.

Cumali entrou no banco de trás, e eu me detive um instante olhando para o seu filho. Era um menino adorável e — sinto muito, não há outra maneira de dizê-lo — foi uma coisa terrível o que acabei fazendo com ele.

Então, coloquei o carro em movimento e dirigi em direção à Casa Francesa.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Os colegas de Cumali já tinham chegado, e as grandes portas da mansão estavam abertas. Cruzamos o longo acesso de veículos e encontramos três deles esperando junto aos carros, todos à paisana e fumando, alguns deles falando nos celulares.

Dois pareciam ser detetives comuns. O terceiro, porém, era claramente corrupto até o último fio de cabelo. Estava na casa dos quarenta, era alto e gordo, um sujeito vulgar com dedos de salsicha trajando um terno alinhado. Cumali apresentou-o, mas não consegui entender seu nome. Por segurança, por assim dizer, decidi chamá-lo apenas de “Policial”.

Quando os detetives tocaram a campainha, meu celular vibrou no bolso. Era a quarta vez desde que eu encontrara Cumali no parque, mas decidi não responder. Imaginei — desejei — que fosse alguém da Uffizi, e eu não queria ter de dar uma explicação apressada. Eu precisaria de muito tempo para convencê-los de algo que, eu supunha, seria uma das ideias mais estranhas que eles já ouviram.

Ninguém atendeu a campainha, e Cumali abriu a porta com uma chave-mestra. O interior estava sombrio como sempre e, embora eu não tivesse estado naquela parte da casa, guiei-os por uma aristocrática sala de jantar até a biblioteca. A única coisa que mudara desde a noite anterior foi que as cortinas tinham sido fechadas, e presumi que, após a minha saída, Cameron passara algum tempo ali, recordando-se de seu falecido marido. A menos, é claro, que o som que eu ouvira de uma porta se fechando fosse real e quem quer que fosse essa pessoa tivesse ido até a biblioteca durante a noite.

Abri as cortinas, deixe a luz inundar o ambiente e virei-me para os quatro policiais turcos.

— Falei para a detetive Cumali que não acredito que Dodge estava sozinho na noite em que morreu. Acho que havia mais alguém neste cômodo com ele. Alguém que o milionário conhecia.

— Como essa pessoa conseguiu entrar na propriedade? — perguntou agressivamente o sujeito que eu estava chamando de Policial. Típico.

Com medo de perder tempo naquele buraco sem fundo, virei-me para ele e disse com a mesma agressividade:

— Apenas me acompanhe por um minuto. Imagine que o visitante sabia como burlar o

sistema, que conhecia uma área que as câmeras não cobriam, que encontrou um modo de pular o muro, imagine *qualquer coisa* agora. Não importa.

— Certo, então se apresse — disse um dos detetives.

Eu o ignorei.

— As luzes estavam apagadas, as cortinas estavam abertas. É o que consta no relatório da cena do crime. — Apontei para a poltrona de couro. — Os dois estão aqui: o visitante, de pé, e Dodge sentado ao lado de seu estoque de drogas. Ele está se drogando e não tem vontade de sair.

“Mas o visitante tem um plano: ele vai induzir Dodge a ir até o gazebo e, então, jogá-lo do penhasco.

— O que ele diz para levá-lo até lá? — interrompeu o Policial.

— Não sei — respondi.

— Ora, então o que você sabe?

— Sei que, enquanto o visitante está falando com ele, os fogos de artifício começam a estourar. O primeiro é uma estrela branca que explode sobre o promontório. Todos dizem que foi gigantesca.

— Sim, ela poderia ser vista em Istambul — disse o outro detetive.

Sorri com educação. Istambul ficava a oitocentos quilômetros dali.

— Mas essa foi a única coisa que o assassino não previu — prossegui. — A natureza dos fogos de artifício.

Os policiais se entreolharam. O que o idiota do FBI estava dizendo agora? Fogos de artifício eram fogos de artifício.

Mas, ao menos, consegui atrair a atenção deles.

— Para ser brilhante o suficiente ao ponto de ser visto em Istambul, o foguete teria de conter magnésio. Isso é comum em grandes fogos de artifício. Por um instante, transformam a noite em dia. Era por isso que os fotógrafos de antigamente usavam magnésio em seus flashes.

— Veja bem — disse Cumali. — Fogos de artifício, magnésio? O que você quer dizer com isso?

Todos os outros concordaram em coro.

— Quero dizer que temos um flash e uma cena: Dodge e o visitante — respondi. — Tudo o que precisamos é de um filme.

Apontei para os dois enormes espelhos junto à lareira.

— Espelhos são vidros com um revestimento interior de nitrato de prata. E o que é o nitrato de prata? É apenas outro nome para filme. E é exatamente o que era usado nas antigas câmeras cinematográficas.

Ninguém disse uma palavra; apenas olharam para mim, tentando assimilar aquilo.

— Está tudo aqui — falei. — Um flash. Uma cena. Um filme. Acredito que temos uma fotografia de quem estava na biblioteca. Acho que está impresso no verso dos espelhos.

Todos permaneceram calados, olhando para mim, incrédulos. Não posso culpá-los. Até mesmo eu achei a ideia bastante ousada.

Cumali foi a primeira a se recuperar.

— Só para esclarecer: você acha que vai conseguir “revelar” os espelhos? — perguntou ela.

— Sim.

— Onde? Nas lojas que revelam fotos em uma hora?

Sorri, mas, antes que pudesse responder, o Policial exclamou com desdém:

— Isso é ridículo! Fotografias no verso de espelhos! Estamos perdendo tempo aqui — disse, fazendo um sinal com a cabeça para os outros, indicando que iriam embora. Ele provavelmente tinha alguns criminosos para extorquir.

Não consegui evitar. Nunca tive muito estômago para a corrupção, de modo que voltei-me para ele e disse:

— Por que você diz que é ridículo? Só porque nunca foi feito antes? O FBI tem o melhor laboratório de perícia criminal do mundo, entendeu? O melhor! Estamos habituados a fazer coisas pioneiras. Como você sabe o que é ridículo e o que não é?

Uma faísca em seus olhos rechonchudos e um retorcer de lábios me indicaram que eu fizera um inimigo para a vida inteira. Eu não me importava. Antes que as coisas piorassem ainda mais, meu telefone tocou outra vez e, olhando para a tela, vi que era um número da Itália.

— É da galeria Uffizi, em Florença — falei. — Pedirei a ajuda deles na recuperação da imagem.

Um dos detetives, aparentemente o líder do grupo, balançou a cabeça e disse:

— Não. Não haverá ajuda alguma. Nem dos carcamanos nem de mais ninguém. Os espelhos vão permanecer onde estão. Isso é procurar cabelo em ovo, ou seja lá como vocês dizem isso.

— Muito bem — falei. — Muito bem. Neste momento, em nome do FBI, estou fazendo uma requisição formal para levar esses espelhos para perícia. Se vocês se recusarem, precisarei das suas razões por escrito para que eu possa encaminhá-las à Casa Branca e aos funcionários competentes em Ancara.

Silêncio. Meu telefone tocou outra vez, mas não fiz menção de atendê-lo. Ficamos todos ali parados, sem dizer nada. Pouco antes de o telefone parar de tocar, o líder deu de ombros.

— Leve os malditos espelhos, então — disse ele com raiva. — Desperdice o seu tempo, se quiser.

— Obrigado — respondi. — E para quem devo ligar para que sejam transportados?

O Policial riu.

— Não faço ideia. Tente o laboratório do FBI. Eles sabem de tudo, e tenho certeza de que vão poder ajudar.

Os dois detetives abriram um largo sorriso. Cumali parecia envergonhada por seus colegas, mas, quando o líder acenou para que saíssem para o terraço, ela o seguiu com obediência.

Enquanto acendiam cigarros e caminhavam pelo gramado — apreciando a vista e com certeza falando mal de mim —, liguei de volta para a Uffizi. Alguém alertara o diretor da oficina, e foi para ele — provavelmente o maior especialista em restauração artística do mundo — que expliquei do que eu precisava.

Quando parou de rir, ele pediu para que eu repetisse o que dissera. Após uma dúzia de perguntas, o homem enfim concordou — creio que mais pelo desafio do que por qualquer outro motivo —, mas me fez entender que ele não tinha praticamente nenhuma esperança de que aquilo funcionasse.

— Suponho que seja urgente — disse ele.

— Claro. Não é tudo urgente? Vou levá-los até você o mais rápido possível.

Quando ele desligou, fiz mais um telefonema e — de um lugar completamente diferente — também recebi uma promessa de ajuda.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

O gerente do meu hotel chegou à Casa Francesa com duas velhas caminhonetes e oito sujeitos que pareciam estar em seus dias de folga. Que vergonha tê-los julgado assim, pois eles acabaram se revelando alguns dos homens mais trabalhadores que já conheci.

Eram amigos do gerente. Ele os convocara em cima da hora e, quando me encontrei com eles na frente da casa e lhes disse que pagaria pelo serviço, todos se recusaram a receber.

— Estes homens dos povos dizem que pelo dinheiro hoje não têm nenhum beijo amoroso — traduziu o gerente. Ou mais ou menos isso. Quanto mais eu o ouvia falar, mais ele soava como um daqueles programas de tradução on-line. — Para eles, é suficiente terem a oportunidade de conhecer a grande propriedade — disse ele.

Era óbvio que nenhum daqueles homens, assim como quase todo mundo em Bodrum, algum dia atravessara aqueles portões, e estavam todos mais do que dispostos a atender ao pedido de ajuda do gerente. Enquanto eu os guiava ao redor da casa em direção ao terraço dos fundos, encontramos Cumali e seus colegas, que estavam de saída. Houve um momento de constrangimento quando as duas partes se cruzaram, mas o gerente abriu caminho e seus trabalhadores seguiram o exemplo para permitir que os policiais passassem.

Da posição em que eu estava, pude ver com clareza o rosto do gerente. Sua expressão de desdém quando Policial passou por ele era quase palpável. O gerente se voltou, me viu olhando para ele e sorriu. Quando os policiais estavam fora do alcance de sua voz, ele veio até mim e disse:

— Ele é do nome de um homem que nós chamamos de Bob Esponja.

Todos os trabalhadores assentiram.

— Bob Esponja? — perguntei. — Como no desenho animado?

O gerente fez que sim e imitou um movimento de sucção.

— Ah — falei. — A grande esponja. — E esfreguei o polegar e o indicador reproduzindo o símbolo universal de suborno. O gerente e seus amigos riram, e um deles cuspiu no chão. Por um instante, transcendemos todas as barreiras de linguagem e demos a volta na casa.

Após permitir-lhes um minuto para admirarem a vista, conduzi-os pelas portas francesas até a biblioteca. Dois dos homens eram carpinteiros e, enquanto discutiam a logística da

construção de caixas para embalar os espelhos, vários outros voltaram até seus caminhões em busca de escadas e ferramentas.

Saí até o gramado e tentei encontrar alguém na FedEx que pudesse, em curto prazo, providenciar a coleta dos espelhos e enviá-los para Florença. Eu estava esperando um representante do atendimento ao consumidor ligar de volta quando o gerente veio até mim e, obviamente contrariado, pediu que eu o seguisse até o interior da casa. Por um instante, pensei que deviam ter deixado cair um dos espelhos, mas percebi que eu os teria ouvido quebrar e afastei tal possibilidade.

Desisti por um tempo da FedEx, segui o gerente até o terraço e atravessei as portas da biblioteca. Parei. Os homens — de pé e silenciosos em um lado — me observavam. Eles haviam removido os espelhos, e olhei para as paredes de pedra onde estavam pendurados anteriormente.

Quando vi os espelhos pela primeira vez, eu os achara incongruentes com o espaço, mas atribuíra aquilo à excentricidade de alguém. Mas não. Os espelhos foram usados para cobrir duas grandes suásticas entalhadas na pedra. Foram muito bem cinzeladas, ambas encimadas pela águia imperial do Terceiro Reich. Olhei para aquilo. Quando criança, eu vira suásticas no gabinete do comandante do campo de Natzweiler-Struthof e, por um instante terrível, a mulher com o bebê em seus braços e as duas crianças segurando firmemente a barra de sua saia voltaram à minha mente.

Andei em direção àquelas coisas imundas, observado pelo gerente e por seus amigos, todos aparentando estarem envergonhados. A Turquia se mantivera neutra durante a Segunda Guerra Mundial, mas todos sabiam o que aqueles símbolos representavam, e acho que estavam bastante ofendidos por aquilo ter sido encontrado em sua cidade.

Estendi a mão — na verdade, não queria tocá-las — e corri o dedo ao longo das marcas de cinzel. Voltaram cobertos de poeira: os espelhos tinham sido instalados havia muitos anos.

Voltei-me para os homens.

— Por que chamam este lugar de Casa Francesa? — perguntei.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Aquele não era o nome original da casa. Quando foi construída, logo após o fim da guerra, chamava-se *La Salle d'Attente*. A Sala de Espera. Esperando o quê?, eu me perguntei.

Eu estava sentado com o gerente e sua equipe nos degraus que levavam do terraço até o gramado, o mar Egeu estendendo-se à nossa frente e uma brisa morna sussurrando através das palmeiras mais acima. Os homens tinham trazido o próprio almoço e insistiram para que eu compartilhasse de sua refeição de azeitonas, queijo e pão assado no forno à lenha. Só consegui evitar o vinho e o raki que pareciam acompanhar cada punhado ao mostrar-lhes o meu distintivo do FBI e dizer-lhes que era proibido. Agradei o fato de terem retirado os espelhos antes do almoço.

Estávamos engajados naquilo que, para dizer o mínimo, era uma conversa caótica — e não por causa da bebida. Todos os homens, inclusive o gerente, tinham a própria versão da história da casa. Nenhum deles era velho o bastante para se lembrar do tempo de sua construção, de modo que dependiam de histórias que lhes foram contadas por seus avós.

A única coisa com que todos concordavam era que a casa fora construída por uma alemã. Ao que parece, isso aconteceu em 1946, apenas um ano após a guerra ter terminado, e quando a Alemanha — com sete milhões de mortos — estava em ruínas. A história era que a família da mulher transferira seus bens para a Suíça antes do início das hostilidades e que sua fortuna sobrevivera intacta. Talvez fosse verdade: alguns alemães fizeram exatamente isso. Perguntem aos caras do Richeloud.

O consenso entre os homens foi que a mulher aterrissou na antiga pista gramada de Milas, foi recebida por um carro, inspecionou o local na hora do almoço e foi embora de avião duas horas mais tarde. Alguns meses depois, chegou uma equipe de construção.

Naquela época, quase não havia estradas, de modo que todos os operários e engenheiros, bem como os materiais de construção, tiveram de ser trazidos de barco. Os macilentos operários — todos alemães — construíram alojamentos e uma cozinha de campo e, por razões que só eles sabiam, não se relacionavam com os locais.

Dois anos depois, com a casa construída, o último deles demoliu os barracos, cuidou dos jardins e foi embora. Tudo o que restou para marcar a estadia deles no local foi o nome da

pequena enseada na base do penhasco que só era acessível por barco, lugar onde descarregavam o material e nadavam todas as tardes.

— Este pedaço de areia à beira-mar — disse o gerente. — É o lugar que os povos de Bodrum chamam de...

— Praia do Alemão — falei.

Os homens me disseram que, apesar de todo o trabalho e de toda a despesa, ninguém morava na mansão — ao menos, não de forma permanente. A princípio, as luzes eram acesas a cada poucos meses, e permaneciam assim durante uma semana ou mais e, em seguida, voltavam a se apagar. Todos achavam que era uma casa de veraneio, mas a vegetação cuidadosamente plantada e o isolamento do lugar tornavam impossível vislumbrar as pessoas que chamavam a Sala de Espera de moradia temporária.

A Sala de Espera, pensei outra vez. Que nome estranho.

— Por que o nome mudou? — perguntei.

O gerente riu e não precisou consultar os colegas.

— É de uma natureza muito simples — disse ele. — *La Salle d'Attente* era um nome muito difícil para os pescadores pronunciarem. Mas eles sabiam em que idioma falavam e passaram a chamar o lugar de Casa Francesa. Com o tempo, o nome pegou, e todos os povos continuaram chamando-a assim.

As estações se sucederam, disseram os homens, a folhagem se tornou mais espessa, e a mansão pareceu cair em um sono profundo, não sendo visitada durante anos.

De início aos poucos, depois como maior rapidez, o turismo transformou o litoral — marinas brotaram no porto e outras belas mansões foram construídas no promontório. Então, uns oito anos antes, um homem apareceu — ninguém sabia quem ele era — e abriu a casa. Algumas semanas mais tarde, equipes de reforma vieram do exterior e começaram a modernizar a mansão, chegando a instalar um sofisticado sistema de segurança. Finalmente, o século XXI chegara à Casa Francesa.

Poucos meses antes do início daquele verão em particular, um corretor de imóveis local recebeu um telefonema de alguém que disse que era hora de a mansão começar a pagar pela própria manutenção: o lugar estaria disponível para aluguel por temporada a um preço de duzentos mil dólares semanais.

Os homens riram da incrível soma e deram de ombros.

— Quem era a mulher que construiu esse lugar? — perguntei no silêncio que se seguiu, pensando nas suásticas.

Eles balançaram as cabeças: era um mistério. O gerente observou o relógio e disse aos homens que era melhor acabarem de guardar os espelhos para que chegassem a tempo no

aeroporto. Todos arrolharam as suas garrafas, ficaram de pé e retornaram ao terraço.

Eu me volvei e desci até o jardim. A meio caminho, parei e olhei de volta para a casa. Era sinistra, isso é um fato, e eu tinha razão quando a vi pela primeira vez do acesso de veículos: o lugar tinha sido construído para garantir a privacidade de seus moradores. Mas Sala de Espera... por que chamá-la assim? E quanto às pessoas que ficaram ali por breves períodos ao longo de todos aqueles anos? Quem seriam?

Não sei por que pensei nisso — talvez fosse a extensão do mar, talvez tenha sido a visão de um cargueiro no horizonte —, mas aprendi a confiar na minha intuição. Um navio, pensei. Era isso que eles esperavam: um navio.

O gerente estava no terraço, acenando para chamar a minha atenção.

— Os carregamentos dos espelhos estão embarcados nas caminhonetes — disse ele. — Agora só precisamos da sua pessoa.

Sorri e me juntei ao comboio até o aeroporto de Milas.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Voei para Florença ao entardecer, nenhuma nuvem no céu, a grande cidade renascentista estendendo-se mais abaixo em toda a sua surpreendente beleza. Eu estava na cabine de um avião da FedEx que fora desviado do aeroporto de Istambul para buscar duas caixas grandes, como um favor especial para o FBI.

Os pilotos, uma dupla de caubóis — um inglês e outro australiano —, convidaram-me a sentar no banco extra da cabine. Se eu soubesse que passariam o voo inteiro conversando sobre críquete, eu teria ficado na parte de trás do avião.

Um caminhão da Uffizi nos encontrou na pista e, em questão de minutos, três funcionários da galeria e os dois amantes de críquete retiraram as enormes caixas do interior do avião e as embarcaram na traseira do veículo. Mais do que qualquer outra cidade do mundo, Florença em si é uma obra de arte, mas vê-la de novo me trouxe pouca alegria. A última vez que eu andara por suas ruas tinha sido com Bill e, novamente, me vi tomado pelo remorso por causa do modo como eu o tratara.

Entramos na cidade no crepúsculo, atravessamos estreitas ruas laterais que pouco mudaram em cinco séculos e paramos do lado de fora de duas enormes portas de carvalho das quais eu me lembrava vagamente. A oficina ficava em um complexo separado do museu — um grupo de velhas adegas e armazéns antigos, paredes de pedra com dois metros de espessura — que outrora abrigavam os vastos estoques de grãos e vinhos dos Medici.

Câmeras verificaram cada polegada da rua antes de as portas de carvalho se abrirem para o caminhão entrar em uma imensa área de segurança. Saltei do táxi e olhei para os consoles de alta tecnologia, esquadrões de guardas armados, fileiras de monitores de circuito fechado e portas de aço maciço que barravam a entrada da instalação. O lugar tinha pouca semelhança com o que eu visitara havia tantos anos, mas não estava surpreso — a Uffizi sofrera atentados à bomba no início dos anos 1990, e o museu obviamente não queria correr nenhum risco.

Dois guardas se aproximaram e tiraram as impressões digitais dos funcionários e do motorista com escâneres portáteis. Mesmo conhecendo-se há anos, os guardas tiveram de esperar até o banco de dados central validar as identidades dos recém-chegados antes de abrirem as portas de aço. Quando o caminhão e sua carga desapareceram no interior, fui

deixado para trás. Um indivíduo de terno apareceu, providenciou que eu fosse fotografado para imprimir um crachá de segurança e me disse que o diretor e a equipe estavam à minha espera.

Com o crachá preso a meu casaco, um guarda amarrou um fio de cobre que se estendia até o chão ao redor do meu tornozelo. A eletricidade estática gerada pelas minhas roupas ou pelos meus sapatos seria conduzida pelo fio até o solo, evitando qualquer risco de faísca. Depois de roubo e terrorismo, a coisa que instalações como aquela mais temiam era a possibilidade de uma pequena fagulha inflamar os voláteis produtos químicos utilizados na restauração de obras de arte.

A Uffizi era especializada na restauração de grandes telas e afrescos e, embora tivessem ocorrido muitas mudanças desde minha última visita, o diretor me dissera ao telefone que eles ainda tinham as enormes placas fotográficas e banhos químicos necessários para o trabalho. Era aquilo que, muito em breve, determinaria o futuro da minha missão.

O homem de terno me levou até um elevador, descemos seis andares e entramos no que parecia ser uma sala de reuniões: quatro paredes de vidro opaco, uma longa mesa e, de um lado, dois técnicos sentados diante de telas de computador conectadas a uma enorme variedade de discos rígidos.

Três mulheres e meia dúzia de homens se levantaram para me cumprimentar. Um deles estendeu a mão e se apresentou como o diretor. Fiquei surpreso ao ver o quanto ele era jovem, mas seu longo cabelo era bastante grisalho, e imaginei que o risco de arruinar inestimáveis obras de arte deveria ter seu preço. Ele disse que, nas poucas horas desde que falara comigo, as pessoas reunidas naquela sala haviam criado uma estratégia para tentar recuperar a imagem dos espelhos. Segundo o diretor, nenhum deles alimentava grandes esperanças.

— Mas, afinal — acrescentou, com um sorriso —, às vezes até mesmo os restauradores de obras de arte podem fazer milagres. Pronto?

Balancei a cabeça, e ele apertou um botão na parede. As quatro paredes opacas se tornaram transparentes. Eram feitas de um tipo de vidro chamado cristal líquido. Uma corrente elétrica reorganizara as suas moléculas e o tornara transparente.

Estávamos de pé em um cubo de vidro, suspensos no ar, olhando para baixo em um espaço notável.

Tão grande quanto um campo de futebol e com ao menos dezoito metros de altura — arqueado, abobadado e completamente branco —, o lugar talvez fosse ainda mais velho do que o reinado dos Medici. Ali, diminuídos pela amplitude do lugar, havia macacos hidráulicos capazes de mover estátuas monumentais, gruas para erguer e baixar pinturas a óleo, banheiras para limpeza de aço inoxidável grandes o bastante para conterem um obelisco e uma sala de vapor para remover a sujeira que há séculos impregnava peças de pedra e mármore. Movendo-

se entre elas, havia empilhadeiras silenciosas movidas a bateria, pequenos guindastes móveis e dezenas de supervisores e especialistas trajando aventais brancos. Era uma oficina e tanto — parecia que a Nasa ocupara as catacumbas.

Quase diretamente abaixo de mim, um Ticiano estava sendo limpo e, não muito longe dali, homens e mulheres trabalhavam em um conjunto de portas de bronze de Bernini que eu vira certa vez no Vaticano. Contudo, o mais espetacular de tudo era um grupo de painéis unidos com perfeição e fixados a uma parede. Produzido a partir das enormes placas fotográficas utilizadas na restauração, fora colocado ali como inspiração ou como lembrança do excelente trabalho realizado naquela instalação.

Exibia *A última ceia* de Leonardo da Vinci.

Era em tamanho natural e tão vívido que parecia ter sido pintado na véspera. Tive a sensação fugaz de como deveria ser entrar no convento de Santa Maria delle Grazie quinhentos anos antes e vê-lo pela primeira vez.

Levando um fone sem fio à cabeça, o diretor apontou para duas molduras douradas de pé, apoiadas em uma parede. Os espelhos tinham sido removidos e estavam pendurados em uma grua. Enquanto observávamos, eles foram baixados em um tanque de líquido azul — um solvente que esperavam ser capaz de separar o filme do vidro sem danificá-lo. Se falhasse, ou se o nitrato de prata se desmanchasse, todos poderíamos ir embora para casa.

Quase na mesma hora, uma grande tenda foi baixada sobre o tanque, escurecendo-o.

— Se conseguirmos extrair o nitrato de prata, ele deverá ser tratado como um negativo de filme. Não pode ser exposto à luz — explicou o diretor.

Eu estava consumido pela dúvida. Que esperança havia ali? Claro, a Uffizi restaurara o mármore da *Pietà* de Michelangelo após um australiano enlouquecido a atacar com um martelo, mas nem mesmo eles acreditavam que fosse possível extrair imagens de espelhos antigos.

O diretor apertou o fone de ouvido, escutou por um instante e, em seguida, voltou-se para o restante de nós:

— Funcionou. O filme foi removido intacto.

Enquanto os outros sorriam e batiam palmas, ele se voltou para mim.

— Eles vão inserir o filme em uma laje de gelatina congelada para estabilizá-lo e, em seguida, movê-lo até a câmara escura para ser revelado.

Dois minutos depois, os homens com aventais brancos empurraram um grande trole para fora da tenda e o levaram até um elevador de carga com paredes laterais de vidro. Observei enquanto os dois espelhos envoltos em lâminas de metal eram erguidos.

O elevador parou em uma sala quadrada projetada sobre o espaço abobadado, que imaginei

ser a câmara escura.

— Pode levar algum tempo — disse o diretor. — Mas assim que o “revelarem”, os técnicos serão capazes de dizer se o filme capturou alguma coisa.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Eu estava sentado no refeitório da Uffizi com o restante da equipe, consumindo uma refeição composta de um café expresso atrás de outro, quando veio o telefonema.

O diretor atendeu o seu celular e, em seguida, voltou-se para mim, embora falando alto o bastante para todos ouvirem:

— Há algo no filme.

Descemos rapidamente pelos corredores brancos e silenciosos, passando por um assustado grupo de ricos que doavam dinheiro para a instituição fazendo um tour pelas instalações, e entramos em um elevador de carga e fomos até a sala de reuniões.

Através da parede de vidro, vimos os técnicos amontoados ao redor de duas grandes telas de computador, um deles ao teclado enquanto os discos rígidos refrigerados a água rodavam em alta velocidade.

O diretor mantivera-se ao meu lado ao longo de todo o percurso.

— O que quer que tenham descoberto no nitrato de prata foi digitalizado e inserido no disco. É para isso que estão olhando agora.

Atravessamos as portas correndo. A imagem de duas pessoas — apenas duas pessoas de pé na sala — era tudo que eu precisava. Qualquer coisa que identificasse o visitante seria um bônus.

Não havia nada na tela. Bem, isso não é exatamente verdade — havia uma escuridão de várias tonalidades. Era como olhar para uma lagoa em uma noite sem lua. O diretor deve ter percebido a aflição no meu rosto.

— Não entre em pânico. Ainda não, pelo menos — disse ele. — Eles vão usar o software para forçar a imagem e, em seguida, tentar preencher os pontos microscópicos que faltam a partir dos fragmentos adjacentes. É o mesmo método que usamos em afrescos danificados.

Mas eu *estava* em pânico — ele também estaria se soubesse o que havia em jogo. O jovem técnico ao teclado, a pele tão branca quanto as paredes do local, digitava comando após comando. Observei a concentração intensa, quase religiosa, estampada no rosto do rapaz: ele certamente não desistira, e aquilo era reconfortante.

Aos poucos, de forma quase imperceptível no início, mas ganhando ritmo à medida que os

discos rígidos giravam ainda mais rápido, uma forma emergia da escuridão. Pelas luzes amarelas que piscavam em uma série de controladores, dava para ver que estavam forçando o sistema perto do limite, mas aqueles sujeitos não iam desistir agora. Vi parte de um cômodo emergir da penumbra: fragmentos de um candelabro, o esboço de janelas voltadas para uma vista, o lado de uma lareira. Definitivamente era a biblioteca da Casa Francesa, da *Salle d'Attente* ou seja lá qual maldito nome queiram chamá-la. Eu mal podia acreditar.

— Acho que temos uma pessoa — disse o técnico pálido acima do barulho dos aplausos.

Ele apontou para um trecho da imagem, mais escura do que o restante; porém, contendo uma silhueta sombria. Ele a isolou dentro de uma grade eletrônica, submeteu-a a um bombardeio constante de luz e pixels, e lá estava a poltrona de couro — eu a estava vendo!

Com as mãos suadas apesar do ar-condicionado constante e incansável, consegui distinguir uma cabeça borrada, a dobra de um braço e parte do pescoço de um homem na cadeira. Quase com certeza era Dodge. Os técnicos continuaram a trabalhar, as luzes de advertência piscaram ainda mais rápido, e a penumbra que circundava a poltrona assumiu um relevo mais nítido.

Dodge estava sozinho.

Mesmo assim, o diretor e sua equipe voltaram-se para mim — exaltados, gritando em comemoração. O plano que haviam concebido e implementado fora bem-sucedido: eles tinham recuperado uma imagem de uma maneira quase inédita. Não havia dúvida de que aquela era uma conquista notável. Da mesma forma, não havia dúvida de que aquilo não me ajudaria em nada.

— O que há de errado? — perguntaram ao verem a minha expressão.

— Eu sabia que havia um homem sentado na cadeira. Estou à procura de outra pessoa. Preciso de duas pessoas. E quanto ao segundo espelho? Ele vai mostrar o cômodo de um ângulo diferente.

Nós nos voltamos: o técnico pálido e seu colega já tinham a segunda imagem na tela. Você não precisava ser um especialista em computação gráfica para ver que estava muito mais degradada do que a primeira — o oceano de escuridão era mais profundo, e a luz disponível escassa e repleta de sombras. Poderíamos muito bem estar debaixo d'água.

Os técnicos trabalharam mais rápido. A escuridão desapareceu, e o técnico no teclado mais uma vez arrancou fragmentos da biblioteca das profundezas. Surgiram partes da poltrona e da mesa, mas suas formas eram muito indistintas, as luzes de alerta já tinham atingido a cor amarela e algumas estavam começando a piscar em vermelho. Minhas esperanças despencaram.

Os próprios técnicos pareciam desanimados, frequentemente olhando para cima e vendo mais luzes de advertência se acenderem sem conseguirem nenhuma melhoria significativa na

imagem.

Esse é o problema com a sorte, pensei — ela acaba. Senti o diretor e outros membros da equipe lançarem olhares para mim, sabendo quão decepcionado eu deveria estar, imaginando como assimilaria aquilo.

Todas as luzes estavam vermelhas, e percebi que os técnicos haviam parado de tentar melhorar a imagem — eles tinham atingido o limite da tecnologia. A imagem parcial da biblioteca ficou estampada na tela como um silencioso lembrete do fracasso. O técnico pálido inclinou-se sobre a tela, apontou para um trecho escuro e disse algo em italiano que não entendi. O diretor e o restante da equipe olharam para o local que ele estava indicando, mas ninguém conseguia ver nada.

O técnico — não muito confiante, porque estava duvidando da própria visão — isolou aquela seção da imagem. Ignorando as luzes vermelhas, ele ativou o zoom, manipulou os pixels e tentou extrair a verdade que escondia.

Nada.

Então, seu colega se adiantou e digitou um comando. A área destacada foi invertida — o preto se tornou branco, como se fosse agora uma imagem negativa. De repente, todos pudemos ver algo — uma forma vertical, quase fora do quadro. Os dois técnicos trabalharam rápido, forçando o software e os discos rígidos além de seus limites operacionais. Caixas de advertência se abriam na tela, mas os técnicos clicavam em cancelar assim que surgiam. As luzes vermelhas já não piscavam mais — estavam acesas continuamente.

Ainda assim os técnicos prosseguiram, mas não parecia haver qualquer melhora perceptível — uma forma sólida a nos provocar, nada além disso. Então, eles reverteram a imagem negativa e removeram a grade e o zoom.

E lá estava! Indistinta, espectral, mas a forma se tornara uma pessoa de pé em frente à lareira. Não era possível distinguir um detalhe específico — não dava nem mesmo para saber se era um homem ou uma mulher —, mas não importava. Definitivamente, havia duas pessoas naquela sala.

O diretor e sua equipe olharam para a imagem por um instante e então aplaudiram, enquanto os dois técnicos se levantavam e abraçavam os colegas.

Afastei meus olhos da tela, sorri e aplaudi junto a todos: eles não sabiam, jamais saberiam, mas o Rastreador estava de volta à ação.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Atravessei as portas de carvalho em uma noite tão nítida e clara que as fachadas de pedra renascentistas pareciam quase vívidas demais, como a paisagem de algum estranho videogame. Apenas as multidões nas ruas e a completa ausência de táxis me convenceram de que aquilo era real.

Eu tinha dois telefonemas a fazer e estava esperando o primeiro ser atendido enquanto atravessava as câmaras exteriores da oficina e saía em uma grande avenida.

Leyla Cumali atendeu e, sem qualquer preâmbulo, falei a ela que eu tinha uma foto mostrando Dodge e outra pessoa na biblioteca seis minutos antes de ele ser morto. Houve um silêncio atordoado do outro lado da linha.

Preenchi o silêncio dizendo que o diretor da oficina da Uffizi estava preparando um relatório completo e que enviaria uma cópia da fotografia para ela.

— Informarei os meus colegas — disse ela enfim, incapaz de esconder a derrota na voz. Eu tinha certeza de que Bob Esponja e seus amigos ficariam muito felizes. — Parece que não nos resta outra escolha — continuou ela. — Abriremos uma investigação de homicídio hoje à noite.

— Bom — respondi. — Bom.

— Como você sabia que Dodge não estava sozinho? — perguntou, um pouco do antigo desdém de volta à sua voz.

— Por causa das drogas. E do binóculo. Ninguém precisa de um binóculo para observar fogos de artifício.

— Então, por que ele estava com um?

— Você tem de dar um passo por vez. É óbvio que alguém sabia como entrar na propriedade em segredo — falei, ainda tentando encontrar um maldito táxi. — A pessoa entrou na casa e encontrou Dodge na biblioteca. Era amigo, ou, pelo menos, um conhecido dele. Se fosse um estranho, ele teria acionado o alarme.

“Estou quase certo de que o visitante simulou aflição. Ele disse algo que alarmou Dodge o suficiente para tirá-lo de sua libido selvagem e da loucura das drogas.

— O que disseram para ele? — A mulher quis saber, impaciente.

— Se você reler os depoimentos dos conhecidos de Dodge, verá que ao menos seis deles disseram que o milionário amava muito a esposa.

— Isso mesmo — confirmou Cumali.

— Cameron estava no JetRanger naquela noite, fazendo a ronda dos bares. Imagino que o visitante tenha lhe dito que o helicóptero acabara de cair na baía.

Silêncio. Cumali não respondeu. Ouvi apenas uma inspiração profunda.

— Dodge sem dúvida acreditou no visitante — prossegui. — Há uma pista de pouso na propriedade, e ele teria pensado que a esposa estava voltando para casa. Esforçando-se para ficar sóbrio, agarrou o binóculo a fim de vasculhar a baía, e ele e o visitante atravessaram o jardim. Dodge não estava admirando os fogos de artifício, estava olhando para o mar. E quanto mais se aproximasse do promontório, mais chances teria de ver algo. Foi por isso que escolheu aquele local a quatro metros do gazebo: não havia nenhuma vegetação ali e a única árvore era aquela contra a qual ele se chocou durante a queda. Daquele lugar, ele teria uma visão muito melhor da baía.

“Como não conseguiu ver nada — e de fato não havia nada lá para ele ver —, ou ele ficou em pé sobre a cerca, ou a pulou. Ele devia estar com o binóculo nos olhos quando sentiu um empurrão às costas. Para o assassino aquilo provavelmente nem pareceu um homicídio, foi apenas um empurrãozinho amigo.

“Tão leve, na verdade, que os testes que você fez com o manequim foram totalmente consistentes com um homem caindo por conta própria.

Deixei minha voz morrer: não havia por que recontar o mergulho que Dodge fez penhasco abaixo e o impacto que sofreu nas rochas — não havia dúvidas quanto àquilo.

Cumali não respondeu e, finalmente, tive que perguntar:

— Você ainda está aí?

— Estou — disse ela. — Vou me certificar de que ninguém receba o passaporte de volta. Começaremos agora mesmo. Também vou elaborar uma lista expandida de todos que tiveram contato com ele. Como você disse, o visitante tem de ser alguém que ele conhecia.

— Você pode excluir Cameron e os outros a bordo do helicóptero. Eles não poderiam tê-lo visitado na casa, pois supostamente estariam lutando por suas vidas no mar. E você tinha razão: não acho que alguém foi pago para fazer isso. A resposta está no círculo de amizade de Dodge.

Havia outro elemento naquele assassinato que ela não sabia — e não tinha como saber. Chamem de pequena assinatura, mas aquilo me deixou realmente furioso. Eu estava certo de que o pedaço de tecido da calça de Dodge fora plantado na cerca para induzir os policiais a tirar uma determinada conclusão.

Eu havia descrito um caso no qual o assassino seguira exatamente o mesmo procedimento no meu livro.

CAPÍTULO TRINTA

Eu finalmente havia encontrado um táxi quando ouvi as más notícias.

Tendo terminado o telefonema com Cumali, vi um táxi vago e me meti no meio do tráfego para pegá-lo. Era um milagre um pedestre conseguir sobreviver a uma horda de motoristas italianos, mas de algum modo consegui embarcar e pedir ao taxista para que me levasse até o aeroporto.

Eu pretendia voltar para Bodrum o mais rápido possível e assim que afivelei o cinto de segurança — desejando que fosse um arnês de corrida completo, dada a forma como o sujeito estava dirigindo — fiz o segundo telefonema. Foi para Ben Bradley.

Quando ele atendeu, falei que estava em Florença.

— Estamos de volta — anunciei, exultante. — Foi um assassinato. Informe as outras partes.

— Estou tentando ligar para você há duas horas — disse ele.

— Desculpe — respondi. — Removi a bateria do celular.

Havia apenas uma razão para ele ter ligado: uma mensagem de Sussurrante. E eu sabia que não podia ser nada de bom.

Ele falou sobre o assassinato no Eastside Inn — mas aquilo era apenas camuflagem — e, em seguida, mencionou que alguns colegas nossos haviam feito uma série de testes, na verdade, modelos de computador, a respeito dos quais eu precisava saber.

Ben não entendia o que estava dizendo, estava apenas retransmitindo a mensagem, então não adiantava lhe perguntar nada. Tudo o que eu podia fazer era ouvir com o coração apertado.

Ele disse que os rapazes tinham chegado a uma data interessante. Estavam falando em 30 de setembro.

— Mas você sabe como são esses nerds de computação — prosseguiu Ben, e tive a sensação de que ele estava lendo um roteiro. — É difícil fazê-los se comprometer com alguma coisa. Dizem que temos de aceitar uma tolerância de duas semanas devido a qualquer problema imprevisto, de modo que estão falando que tudo pode acontecer na segunda semana de outubro.

Desliguei e fiquei sentado em silêncio por um longo tempo, perdido em pensamentos. A partir da mensagem de Ben, eu sabia que Sussurrante encomendara à sua equipe —

provavelmente sob os auspícios de algum jogo de guerra — um modelo de quanto tempo um civil levaria para produzir uma quantidade significativa de vírus da varíola usando equipamentos à disposição do grande público. Trabalhando a partir disso, calcularam que poderia ser feito até o final de setembro e, então, acrescentaram duas semanas de tolerância.

Agora tínhamos uma data — todo o tempo, todos os eventos, toda a esperança derivavam para um só ponto. Digamos que será em 12 de outubro, falei para mim mesmo. O Dia de Colombo. O aniversário de morte da minha mãe.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Quando as autoridades alfandegárias abriram a surrada bagagem do Sarraceno, encontraram calças dobradas, duas camisas sociais, um kit médico com um estetoscópio e um termômetro, uma cópia do Alcorão e uma revista inglesa. Não era a *Economist* ou o *British Medical Journal*. Chamava-se *Bra-Busters* e exibia ao menos um par de seios generosos em cada página.

Os dois agentes não disseram nada, mas trocaram olhares significativos. “Muçulmano típico”, pareciam dizer: “Devoto por fora e, assim como todo mundo, um safado por dentro.”

Se os homens tivessem sido um pouco mais observadores, teriam notado que o livro sagrado estava guardado em um bolso completamente separado da bagagem de mão, como se tivesse sido posto em quarentena da imundície com o qual fora forçado a viajar. O Sarraceno comprara a revista no aeroporto de Beirute, para o caso de a imigração alemã direcioná-lo a uma das salas de interrogatório. A última coisa que iria querer era parecer um muçulmano devoto. No mundo atual, se você tiver de atravessar uma fronteira, é mais seguro parecer um hipócrita do que um homem de Deus.

Na ocasião, entretanto, a revista não era necessária. Ele chegou ao aeroporto de Frankfurt — o maior e mais movimentado da Europa — no auge do rush matinal, exatamente da maneira como planejava. Ele sabia por experiência própria que um visitante era muito menos propenso a ser examinado quando as filas eram longas e as autoridades da imigração estavam cansadas e sobrecarregadas.

Depois de uma hora na fila, ele se apresentou a um jovem funcionário que trajava um uniforme marrom. O homem olhou para a foto no passaporte libanês e, em seguida, para a pessoa que sorria à sua frente: bom terno, barba bem-aparada, rosto bonito. Um médico, de acordo com o cartão de chegada por ele preenchido.

— Qual o propósito de sua visita? — perguntou o funcionário, primeiro em alemão e, ao receber um olhar vazio em resposta, em inglês.

— Uma conferência médica — respondeu o Sarraceno.

Além dos bancos, a grande atividade comercial de Frankfurt era receber grandes feiras e convenções em um pavilhão especialmente construído para este fim, chamado Messe. O

Sarraceno pegou os ingressos e passes que comprara on-line e colocou-os na mesa. O funcionário mal olhou para aquilo, mas o Sarraceno sabia que eram os detalhes — coisas como a revista pornográfica e, em Damasco, a sujeira sob as unhas — que transformavam uma lenda em realidade.

O funcionário verificou sua passagem de volta, submeteu o passaporte ao escâner e olhou para a tela do computador. Claro que estava tudo certo: o documento era verdadeiro e o nome nunca estivera em qualquer tipo de lista de observação.

— Quanto tempo pretende ficar? — perguntou.

— Duas semanas — respondeu o Sarraceno. — Talvez um pouco mais, depende de quanto tempo o meu dinheiro durar. — Ele sorriu.

O oficial grunhiu e deu-lhe um visto de três meses. Todos recebiam três meses. Mesmo que o passaporte de um membro de carteirinha da al-Qaeda passasse na verificação, ele receberia três meses. O país queria que os visitantes do Messe permanecessem por um pouco mais de tempo. Gostava do dinheiro que gastavam.

Claro que o Sarraceno planejava ficar mais do que duas semanas, mas, mesmo que o funcionário da imigração acabasse lhe concedendo apenas quinze dias, não teria feito diferença. Ele sabia aquilo que todo imigrante ilegal do mundo sabe muito bem: a fiscalização de imigração na Europa era ainda mais frouxa do que o controle das fronteiras. Ande na linha e você pode ficar o tempo que quiser. O futuro a longo prazo também era promissor — volta e meia, eles ofereciam uma anistia. Então, por que ir embora?

O Sarraceno pegou sua mala na esteira de bagagem, sofreu a indignidade de ver o olhar sarcástico dos funcionários da alfândega, foi liberado e entrou no caos do imenso aeroporto. Espremendo-se ao longo da calçada, jogou a revista e suas tentações em uma lata de lixo, encontrou um ônibus para levá-lo até a cidade e desapareceu no universo alternativo da Europa islâmica.

Era um mundo estranho, um mundo que eu conhecera quando estava baseado no Velho Continente. Investigando ligações e contatos de vários casos diferentes, eu percorrera dezenas de cidades industriais sombrias e visitara inúmeros conjuntos habitacionais de estilo stalinista em suas periferias. Contudo, para quem não vira tais lugares antes, seria difícil acreditar na gradual transformação que havia ocorrido desde então. O nome de bebê mais comum na Bélgica atual é Mohammad. Três milhões de turcos muçulmanos viviam na Alemanha. Quase dez por cento da população da França era de seguidores do islã.

Como disse certa vez um escritor suíço: “Queríamos uma força de trabalho, mas vieram seres humanos.” O que ninguém previra era que esses trabalhadores trariam consigo as suas mesquitas, seu livro sagrado e enormes traços de sua cultura.

Por causa do compromisso do islã para com a caridade e a explosão populacional muçulmana, todas as cidades passaram a abrigar albergues austeros e exclusivamente masculinos — mantidos por doações —, onde muçulmanos devotos podiam comer comida halal e dormir à noite. Foi para a filial de Frankfurt de uma dessas “casas seguras” que o Sarraceno se dirigiu em seu primeiro dia na Europa, ainda espantado com a facilidade como cruzara a fronteira.

No dia seguinte, vestindo calça jeans e coturnos surrados, ele guardou a bagagem em um guarda-volumes de longo prazo na principal estação ferroviária de Frankfurt e comprou uma passagem em uma máquina de venda automática. Já deixando a barba crescer — apenas mais um rosto entre a massa de operários muçulmanos —, pegou um trem para Karlsruhe. Situada à beira da floresta Negra, a cidade voltara à Idade da Pedra após ser bombardeada durante a Segunda Guerra Mundial. Porém, nas décadas que se seguiram, fora reconstruída como um amplo centro industrial. Entre as suas fábricas, havia uma que era crucial para o plano do Sarraceno.

Enquanto ainda morava em seu apartamento em El-Mina, ele passara horas pesquisando na internet até localizar uma mesquita com os exatos atributos geográficos de que necessitava. Como resultado, quando desceu do trem vindo de Frankfurt, já sabia para onde estava indo. Ele encontrou a Wilhelmstrasse e, a meio caminho da rua, viu uma antiga loja de esquina — que, em uma daquelas ironias do destino, pertencera a uma família de judeus mortos no Holocausto —, de onde despontava um minúsculo minarete. A característica que a distinguia dos outros mil e duzentos centros de oração islâmicos na Alemanha é que o lugar ficava bem diante da fábrica escolhida, a filial europeia de uma grande empresa americana.

Era sexta-feira, e o Sarraceno entrou na mesquita momentos antes das orações noturnas. Ao fim da cerimônia, como exigia a tradição, o imã aproximou-se do estranho e lhe deu as boas-vindas em nome da congregação. Convidado a tomar chá com eles, o Sarraceno — aparentemente relutante — explicou para os homens que se reuniram ao seu redor que ele era um refugiado da mais recente guerra no Líbano.

Desempenhando de forma muito convincente o papel de uma pessoa deslocada em busca de uma nova vida na Europa, disse que pagara quase tudo que tinha a uma quadrilha de coiotes para que o levassem de barco até a Espanha. Dali, seguira de caminhão através de uma Europa sem fronteiras. Ele olhou para seus companheiros de fé, e sua voz falhou, impedindo que entrasse em detalhes sobre sua terrível jornada.

Devo concordar que foi um toque de mestre, e muitos dos ouvintes, que também eram operários, assentiram, solidários: os detalhes podiam ser diferentes, mas eles também haviam entrado no continente de forma semelhante.

O suposto imigrante ilegal disse que ficara com um primo na cidade vizinha de Frankfurt, mas que, desesperado em busca de trabalho e quase sem dinheiro, fora até Karlsruhe na esperança de encontrar um emprego. Jogando a isca, alegou que costumava trabalhar no departamento de expedição de uma grande empresa em Beirute.

— *Insha'Allah*, talvez haja alguma vaga disponível na grande fábrica ao fim da rua? — perguntou.

Quase todos os fiéis trabalhavam na Chyron Chemicals e, exatamente como ele previra, morderam a isca na mesma hora e prometeram consultar conhecidos e colegas de trabalho. Ele agradeceu, recitando uma obscura, mas apropriada, citação do Alcorão, o que confirmou a primeira impressão que tiveram dele: com toda a certeza, aquele era um homem honrado e piedoso.

Dizendo-se envergonhado, declarou em voz baixa que não tinha dinheiro para comprar comida ou outra passagem de trem, e perguntou se haveria alguma “casa segura” onde pudesse ficar até encontrar trabalho. É claro que a congregação o acolheu, providenciando refeições e abrigo — afinal de contas, um dos Cinco Pilares do islã era a caridade.

Assim, sem nem mesmo perceberem, em pouco mais de uma hora, o Sarraceno se tornara responsabilidade da congregação. Aqueles homens eram do tipo que levavam essas coisas a sério e, três dias depois, graças às intervenções que fizeram, um supervisor turco no departamento de expedição da Chyron informou que havia um lugar para o refugiado como armazenista no turno da noite.

Após as orações noturnas, felizes por ele, os homens levaram-no para jantar em um restaurante onde lhe contaram sobre as notáveis condições de trabalho das quais ele desfrutaria: assistência médica no local, refeitório subsidiado e uma bela sala de orações. O que nenhum deles mencionou, no entanto, foi que todos os postos de trabalho eram outrora ocupados por americanos.

O velho ganhador do prêmio Nobel da Virgínia tinha razão ao perguntar se a maior nação industrial da história não mais produzia máquinas e bens de consumo. Milhões de empregos, assim como a maior parte da base industrial do país, foram exportados ao longo das décadas, e boa parte da segurança da nação fora embora com eles. Quanto à Chyron Chemicals, o perigo era particularmente sério — a empresa era uma grande fabricante e exportadora de medicamentos, uma das mais respeitadas do mundo. Embora poucas pessoas tenham percebido, o coração dos Estados Unidos era tão seguro quanto uma fábrica anônima em uma cidade da qual quase ninguém ouvira falar.

Em um mundo melhor, o Sarraceno — sentado no restaurante com mesas de fórmica e ouvindo a estranha música turco-germânica — teria um último obstáculo a superar. De fato,

durante algum tempo, ele acreditou que aquela era a única coisa que poderia colocar o seu plano em risco. Ainda em El-Mina, ele com certeza perguntou a si mesmo: será que a Food and Drug Administration, instituição americana responsável pelo controle de alimentos e medicamentos, não inspecionava os carregamentos em busca de possíveis contaminações?

Ele encontrou a resposta na internet, na transcrição de uma audiência da FDA no Congresso, que lhe informou que um único país possuía mais de quinhentas fábricas exportadoras de medicamentos e seus componentes para os Estados Unidos.

— Quantas dessas instalações a FDA inspecionou no ano passado? — perguntou um congressista.

A resposta foi:

— Treze.

O Sarraceno teve de ler aquilo mais uma vez para se certificar de que entendera corretamente: apenas treze de quinhentas fábricas tinham sido inspecionadas. E o país em questão era a China, a nação com o pior histórico de segurança de produtos no mundo. Foi quando ele se deu conta de que a Chyron — uma filial de uma empresa americana com sede em um país de Primeiro Mundo — jamais seria inspecionada.

Às vinte e duas horas da noite posterior ao jantar comemorativo, ele atravessou uma Wilhelmstrasse deserta, apresentou-se nos portões de segurança da Chyron, recebeu um crachá de empregado e foi encaminhado ao armazém de distribuição. Ali, conheceu o supervisor turco, que, escoltando-o ao longo de intermináveis *pallets* de medicamentos que aguardavam para serem enviados para diversas cidades dos Estados Unidos, explicou-lhe quais seriam as suas atribuições. Os *pallets* não eram vigiados, nada era trancado ou selado — sempre tinha sido assim, ninguém nunca pensou que fosse necessário. Da mesma forma que também ninguém nunca pensou que era necessário trancar as portas das cabines dos aviões de passageiros.

Após o supervisor ir embora para casa, e o Sarraceno se ver sozinho no armazém cavernoso, ele pegou o seu tapete de orações, apontou-o em direção a Meca e rezou. Ele, uma criança que fora apresentada à miséria na Arábia Saudita, um adolescente que empreendera o *jihad* contra os soviéticos no Afeganistão, um muçulmano profundamente devoto que se formou com honras em medicina, um homem que jogara um estranho aos cães selvagens em Damasco, um fanático que infectara três estrangeiros com varíola e os assistira morrer em agonia, deu graças a Alá pelas bênçãos que lhe foram concedidas.

Antes de terminar, fez um agradecimento final a Deus para a mulher na Turquia que tanto o ajudara.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Pousei em Bodrum ao amanhecer. Eu não tinha bagagem e, com um visto recente em meu passaporte combinado com o distintivo do FBI, passei pela imigração turca sem demora. Saí do terminal, localizei o meu carro no estacionamento e peguei a rodovia D330 para o centro.

Tudo correu bem durante quinze minutos. Depois, apesar da hora, entrei em um longo engarrafamento de caminhões de dezoito rodas, ônibus turísticos e inúmeros turcos frustrados tocando as suas buzinas. Peguei um desvio na primeira oportunidade e dirigi para sudoeste, em direção ao mar, imaginando que mais cedo ou mais tarde chegaria a Bodrum ou voltaria à estrada.

Não deu certo: terminei em uma área isolada marcada por deslizamentos de terra e rochas esparsas, rachaduras profundas e fendas irregulares. Era um terreno perigoso, até mesmo as árvores que cresciam no solo fragmentado eram atrofiadas, como se soubessem que tinham lançado raízes em uma falha geológica. A Turquia fica em uma área de grande atividade sísmica e há longos trechos do litoral sul onde a terra é instável.

Deparei com um cruzamento, dobrei à esquerda, fiz uma curva e soube que já estivera naquele canto desabitado do planeta antes. Mesmo tendo formação em psicologia, não saberia dizer se foi por acidente ou se uma mão subconsciente guiara as minhas decisões — tudo o que eu sabia era que, no fim daquela rua, eu veria o mar e, pouco adiante, encontraria, figurativamente falando, o local do naufrágio.

Como eu previra, cheguei ao mar — uma bagunça turbulenta de correntes arrojando-se contra as rochas — e dirigi ao longo do penhasco. Diante de mim, vi a ribanceira onde, ainda um jovem agente, eu estacionara havia muito tempo.

Parei perto de um quiosque abandonado, saí do carro e me aproximei da beirada do penhasco. Uma cerca quebrada era a única segurança fornecida. Havia placas fixadas a ela, exibindo uma mensagem em quatro idiomas: PERIGO DE MORTE.

Embora ninguém mais o visitasse, o lugar já fora, havia muito tempo, extremamente popular entre turistas e arqueólogos. Contudo, os constantes terremotos e deslizamentos de terra pioraram, o quiosque caiu em desuso e os turistas encontraram várias outras ruínas igualmente atraentes e muito mais seguras. Foi uma pena, porque aquele era de fato um lugar

espetacular.

Parei perto da cerca e contemplei os penhascos. Havia degraus de pedra e ruínas de casas antigas descendo a encosta em direção ao mar. Colunas de mármore, pedaços de pórticos e restos de uma estrada romana agarravam-se ao declive. Havia sargaços e troncos espalhados, e o vento salitroso dos séculos cobrira tudo com uma crosta de sal, emprestando àquelas ruínas um brilho fantasmagórico.

Mais adiante, no mar, os vestígios de uma grande praça eram claramente visíveis sob a água, e um pórtico clássico, conhecido como Porta para Lugar Nenhum, erguia-se em um afloramento rochoso com a luz solar fluindo através dele. O mar agitado lambia uma grande plataforma de mármore, provavelmente o piso de um amplo edifício público.

Muito antes do nascimento de Cristo, aquela fora uma grande cidade da Antiguidade, um porto comercial de enorme importância, mas um enorme terremoto desfigurara o litoral e erguera o penhasco. O mar inundou e afogou quase todos os que sobreviveram ao primeiro abalo.

Caminhei ao longo da cerca, a terra se esfacelando e caindo nas pedras sessenta metros abaixo, até que dei a volta no penhasco. Ali, o vento era muito mais forte, a vegetação mais atrofiada e a paisagem ainda mais instável, então fui forçado a me agarrar a uma placa de aço a fim de me equilibrar. Olhei para baixo: projetando-se em direção à água, havia um velho cais de madeira, que diminuía muito desde que eu o vira pela última vez.

Fora construído décadas antes por um grupo de pescadores empreendedores que perceberam que transportar turistas e arqueólogos de barco até as ruínas era muito mais rentável do que puxar redes e armadilhas de lagosta. A principal atração da época não era a cidade em ruínas ou a Porta para Lugar Nenhum, mas um longo túnel que levava àquilo que tinha a fama de ser o melhor anfiteatro romano depois do Coliseu. Reconhecido no mundo antigo pela brutalidade dos combates entre seus gladiadores, o lugar era conhecido como o Teatro da Morte.

Eu nunca o vira — ninguém exceto alguns corajosos arqueólogos estiveram ali nos últimos trinta anos. O túnel, a única maneira de entrar ou sair, fora interditado após um gigantesco deslizamento de terra ter aberto enormes rachaduras no teto, de tal forma que até mesmo os guias turísticos foram silenciados em seus protestos — ninguém queria estar ali dentro quando aquilo tudo desabasse.

Mas não foi o matadouro romano e nem as outras ruínas que me levaram à beira do penhasco. Foi o velho cais que me trouxe de volta uma enxurrada de lembranças dolorosas.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Muitos anos atrás, a Divisão chegara em peso àquele cais. Logo após o pôr do sol, oito agentes vestidos informalmente, alguns com mochilas, haviam descido o litoral em uma pequena lancha.

Pareciam um grupo de rapazes em busca de diversão. Eu não estava entre eles: como membro mais jovem da equipe, meu trabalho era o de chegar sozinho, assumir o comando de uma van comprada especialmente para aquela missão, seguir até a ribanceira e estacionar o mais próximo possível do quiosque abandonado. Se algo desse errado, eu deveria levar quem precisasse ser evacuado até outro barco, que aguardava em uma marina de Bodrum. Na pior das hipóteses, deveria conduzir o ferido a um médico que estava de plantão exclusivamente para emergências dessa natureza.

Eu era inexperiente, e me lembro de que estava com muito medo naquela noite: estávamos na Turquia para matar um homem.

Seu nome era Finlay Robert Finlay. Esse não era o nome verdadeiro dele, seu nome verdadeiro era russo, mas era assim que o homem era conhecido — um sujeito acima do peso, com seus quarenta e tantos anos e um grande apetite para tudo, inclusive traição. Ele era um jovem oficial consular na embaixada russa do Cairo quando a CIA conseguiu fazê-lo mudar de lado. Além de lhe pagar uma soma mensal considerável, a agência nada fez com ele: Finlay era um agente em espera, e eles o deixaram viver alegremente a sua vida devassa, contentes em vê-lo galgar a escada. Finlay era um homem brilhante e, por isso, não foi surpresa que, após alguns anos, ele tenha se tornado o chefe da KGB em Teerã, trabalhando com profunda proteção diplomática.

Foi então que a agência decidiu que queria um retorno do investimento que fez. Eles foram sensíveis e só lhe pediram para fazer trabalhos de inteligência de alto nível, insistindo que não assumisse riscos desnecessários. Eles haviam investido muito nele para comprometer tudo por ganância. Finlay rapidamente se tornou um dos principais ativos da agência, e eles ficaram ao seu lado ao longo de meia dúzia de postos diplomáticos até ele voltar a Moscou e ingressar na panelinha da inteligência russa.

Contudo, uma vida como a de Finlay Finlay deixa pequenas pistas que, cedo ou tarde,

chamariam a atenção da contrainteligência. Ele compreendia tal perigo, e certa tarde de verão, em sua *dacha* na periferia de Moscou, ele revisou a sua carreira e chegou à inevitável conclusão de que, muito em breve, todos esses fragmentos atingiriam massa crítica. Quando isso ocorresse, seria *vysshaya mera* para ele também.

Ele tomou providências para visitar a família na periferia de São Petersburgo e partiu em um pequeno bote em um belo domingo de verão. Então, atou um pacote impermeável com suas roupas ao redor da cintura, pulou do barco e nadou até a Finlândia. Não era uma distância muito grande, mas, dado seu tamanho, foi um feito e tanto.

Ele foi até a Embaixada dos Estados Unidos, apresentou-se para um chocado oficial de serviço e entregou-se ao abraço caloroso de seus contatos da CIA. Depois de ser interrogado, revisou suas contas bancárias e percebeu que, entre o salário que recebera e os bônus que ganhara por cada informação de alto nível que entregara, ele era um homem rico. A agência deu-lhe uma nova identidade, instalou-o no Arizona, vigiou-o por algum tempo e, então, satisfeita ao ver que ele se adaptara à nova vida, esqueceu-se da sua existência.

A única coisa que ninguém poderia prever era que a Rússia acabaria nas mãos de bandidos disfarçados de políticos. Fortunas eram feitas enquanto os ativos do país eram vendidos para aqueles que tinham as conexões certas, muitos dos quais ex-agentes da KGB. Finlay observou tudo aquilo de sua casa em Scottsdale — nada muito sofisticado, apenas uma moradia agradável de três quartos — e ficou cada vez mais frustrado. Ele gostava de dinheiro, nosso amigo Finlay.

Ele estivera no mundo da espionagem tempo suficiente para ter escondido várias identidades alternativas em um cofre e saber o valor daquilo que ainda tinha em mente. Certa manhã, dirigiu até Chula Vista, ao sul de San Diego, e atravessou a fronteira para o México. De acordo com o passaporte falsificado que portava, ele era um canadense com residência nos Estados Unidos. Viajando sob um nome falso, voou para a Europa, entrou em contato com seus ex-companheiros em Moscou e se encontrou com eles em um restaurante, no aeroporto de Zurique.

Finlay, ou seja lá qual nome estivesse usando, deu-lhes uma prova — uma amostra gourmet, se preferirem — de tudo o que sabia sobre o pessoal e os agentes duplos empregados por seus ex-melhores amigos em McLean, Virgínia. Foi tão bom que os russos decidiram pedir a refeição completa e, assim, outro espião voltou do frio.

Finlay não era idiota — ele preservou a melhor parte do seu material, negociando-o com moderação, aproximando-se daqueles que tinham as conexões certas. Quando conseguiu, foi capaz de trocar seus melhores segredos por uma licença de prospecção de gás aqui, um complexo industrial a preço de banana ali.

Quando a CIA enfim percebeu que um de seus antigos ativos a estava traindo e acionou a Divisão, Finlay já era um homem rico vivendo em uma mansão com muros de seis metros de altura em Barvikha, o subúrbio mais valorizado de Moscou e, embora não fosse tão rico quanto alguns de seus vizinhos, era rico o bastante para ter também um luxuoso apartamento em Mônaco.

Ele mudara de nome meia dúzia de vezes e alterara sua aparência graças a um excelente cirurgião plástico, mas os caçadores de ratos da Divisão o localizaram. Poderíamos tê-lo matado em Moscou ou em Mônaco — você pode matar um homem em qualquer lugar —, mas o sucesso de uma execução não reside no obituário e, sim, na fuga. Moscou apresentava o problema de ser necessário entrar e sair do país, e os menos de três quilômetros quadrados que compreendiam o principado de Mônaco e suas mais de quatro mil câmeras de vigilância eram o quarteirão mais bem-monitorado do mundo.

No entanto, a cobertura de Finlay nos oferecia uma vantagem. Suas janelas e portas francesas que se abriam para um terraço nos deram a oportunidade de espionar o que acontecia lá dentro por meio de um microfone especial. O sistema não era perfeito, perdia-se muita coisa, mas um dos fragmentos capturados referia-se a um barco. Nós sabíamos que ele não possuía barco algum, de modo que uma rápida investigação na marina onde todas as lanchas de luxo atracavam logo revelou o fato de que Finlay e um pequeno grupo de pessoas participariam daquilo que quase certamente era a festa mais estranha do mundo.

Era realizada todo ano em Bodrum, durante seis horas antes da mudança da maré.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Pouco depois de nossos oito agentes pisarem no cais, os frequentadores começaram a chegar em peso. Era uma festa na qual ninguém queria chegar atrasado.

A maioria deles estacionara perto da ribanceira e utilizara cordas e escadas especialmente instaladas para descerem até as ruínas. As garotas penduravam as bolsas e celulares ao redor do pescoço, as saias puxadas até a metade da bunda, fazendo o possível para manterem o equilíbrio e a dignidade. É claro que já havia um sujeito parado lá embaixo com um holofote, escolhendo a roupa íntima mais sensacional para o entretenimento daqueles que já tinham descido. A julgar pelas frequentes explosões de gritos selvagens, um número muito grande de mulheres fora para a festa sem usar roupa de baixo.

Volta e meia um rapaz abria mão da descida lenta, agarrava uma corda e se lançava no espaço. Percebi que a maioria dos praticantes de rapel amador era de maconheiros. Por experiência própria, eu sabia que geralmente estavam drogados demais para se importarem com segurança pessoal. Ao menos meia dúzia de vezes, eu os vi passar raspando pelo penhasco, chocar-se com força contra as pedras e, em seguida, cumprimentarem uns aos outros antes de acenderem outro baseado. E há quem diga que as drogas não causam danos cerebrais.

A ideia da rave em Bodrum — e os enormes lucros gerados por ela — tinha partido de um mochileiro alemão. Ele chegara a Bodrum e, ouvindo falar das ruínas, fora até lá de moto certa noite para fotografar a lua através da Porta para Lugar Nenhum. Contudo, em algum ponto de seu passado caótico, ele passara dois anos estudando oceanografia nos Estados Unidos antes de largar o curso. O rapaz lembrava o suficiente para saber que duas vezes por ano as ruínas eram bem menos espetaculares, pois uma maré de sizígia submergia a maioria delas.

Mas isso também significava que haveria uma maré de quadratura, e que muita coisa da antiga cidade seria revelada. Para começo de conversa, a ampla plataforma de mármore estaria fora d'água. Que bela pista de dança aquilo não daria, imaginou.

Dois meses depois, após ter examinado uma carta de marés e usado um equipamento de mergulho para verificar suas medições, ele e vários amigos estacionaram caminhões com geradores na ribanceira, estenderam cabos penhasco abaixo para um show de luzes e atracaram barcas com amplificadores e alto-falantes ao largo. Fizeram buracos na cerca, fixaram

escadas e cordas a tripés de concreto para que os frequentadores pudessem descer e postaram seguranças junto a elas para recolherem o dinheiro do ingresso.

As pessoas pagavam sem pestanejar. Onde mais no mundo você poderia festejar no meio do mar e à luz das estrelas, usar drogas cercado por ruínas clássicas e dançar sobre o túmulo de vinte mil pessoas? Os frequentadores diziam que aquela era a melhor balada que conheciam.

Na noite em que estive lá, a rave anual de Bodrum estava enorme e ainda mais espetacular. Àquela altura, havia dez barcas ancoradas com alto-falantes dentro de um arco de pedras, protegidas das ondulações. Na maior delas, de pé sobre uma plataforma, como se fosse o mestre de cerimônias de algum circo futurista, havia um famoso DJ conhecido como Químico Ali. Sujeitos empoleirados nas rochas utilizavam máquinas de fumaça para produzir o que parecia ser uma névoa sobrenatural sobre a água — a Porta para Lugar Nenhum parecia flutuar em uma nuvem. Somente então ligaram as fileiras de lasers e luzes estroboscópicas.

Em meio a este turbilhão, alguns rapazes da segurança empurraram uma passarela de aço da base do penhasco até a plataforma de mármore que recentemente emergira com seus quatro pilares quebrados. Enquanto a música aumentava, tão alta que você quase podia tocá-la, o primeiro dos frequentadores, guiado por uma dúzia de altas e elegantes modelos, atravessou a passarela e pisou em um lugar em que ninguém pisava havia dois mil anos. Ou, pelo menos, desde o evento do ano anterior.

Com a música envolvente, as torres de luzes e lasers, as silhuetas rodando na pista de dança, a fumaça emprestando uma palidez às ruínas e a Porta para Lugar Nenhum suspensa, etérea e misteriosa, acima da água, era fácil acreditar que, se os mortos ressuscitassem de suas tumbas, eles escolheriam uma noite como aquela.

Bem, um morto-vivo apareceu, embora ele ainda não tivesse se dado conta disso. Chegou em uma das dezenas de enormes lanchas, abrindo caminho em meio à neblina e lançando âncora ao largo do arco de barcas.

Enquanto a lancha recém-chegada oscilava entre outros megaiates, os atiradores, observadores e homens de segurança da Divisão estavam todos em seus postos. Depois de desembarcarem, mandaram que sua pequena lancha os esperasse na escuridão do mar, ajustaram os fones de ouvido e microfones de lapela e constataram que a multidão cresceu em tamanho e confusão. Satisfeitos por ninguém tê-los visto, misturaram-se em meio ao tumulto, se separaram e abriram caminho até suas posições predeterminadas.

O homem-chave era um negro de trinta e quatro anos, uma das pessoas mais engraçadas e inteligentes que você poderia esperar conhecer. Assim como todos nós, assumira outro nome para aquele trabalho — no seu caso, McKinley Waters, em homenagem a “Muddy” Waters, o grande *bluesman* do Delta. Qualquer um que tenha visto Mack, como nós o chamávamos, tocar

guitarra e cantar “Midnight Special” se perguntava por que ele estava perdendo tempo no ramo da espionagem.

Mack era o atirador principal. Estava posicionado em uma pequena reentrância junto à borda do penhasco, seu fuzil já montado e escondido na escuridão, bebericando uma garrafa de uísque que continha chá gelado, parecendo a todos ser um sujeito enchendo a cara e esperando a multidão diminuir antes de descer.

Mais adiante ao longo do topo, à sombra sob um grupo de árvores raquíticas, estava o segundo atirador — um babaca chamado Greenburg, o tipo de cara que não escondia sua intenção de se casar com uma mulher rica. Ele estava acompanhado por outros dois agentes, e pareciam um grupo de amigos tentando decidir se pagavam o ingresso e desciam o penhasco ou não. Na verdade, os outros caras eram observadores: além de localizar Finlay, seu trabalho era avisar os homens cuja atenção estaria inteiramente voltada para dar o tiro caso o perigo se aproximasse de algum lugar fora do seu campo de visão.

Eu estava na ribanceira ao lado da van alugada. Por acaso, tinha uma ótima visão da cena e podia ver toda a equipe em seus postos. Por isso, percebi a agitação tomar conta deles quando Finlay apareceu: em mais alguns minutos, ele estaria de fato atravessando a Porta para Lugar Nenhum.

Sua equipe de segurança, todos ex-KGB, emergiu no convés recreativo à popa do barco e, binóculos erguidos, esquadrinharam a lateral do penhasco, a pequena praia e a plataforma de dança.

Somente quando deram autorização alguém saiu da cabine: um grupo de mulheres produzidas com peças de Chanel e Gucci. Elas esperaram no convés enquanto uma pequena lancha era baixada para levá-las diretamente à pista de dança.

Vi Mack baixar a garrafa e tatear na escuridão. Eu sabia que ele estava se preparando para quando Finlay surgisse para se despedir e dar um beijo em suas quatro companheiras. Os dois observadores, preocupados com uma nuvem de fumaça que avançava, se afastaram de Greenburg para terem uma visão mais clara do lugar. Um dos seguranças da nossa equipe atravessou o estacionamento e se dirigiu à cerca, pronto para garantir a retaguarda de todos. Pelo fone, ouvi nossos três rapazes na festa junto à água — um terceiro atirador, mais um segurança e um agente armado com uma espingarda, para o caso de haver algum tiroteio com os capangas de Finlay — falando com o Controle. Ele estava na lancha que desembarcara a equipe, recebendo atualizações de todos, menos de mim. Estávamos todos nos sentindo na plataforma de lançamento, prontos para atirar.

O que nenhum de nós sabia era que um grupo de homens em outro barco, com as luzes de navegação desligadas, também tinha um grande interesse no que estava acontecendo no litoral.

Ocultos pelos turbilhões de fumaça e pelos vultos volumosos das grandes lanchas, o modesto barco deles era, para todos os efeitos práticos, invisível. No entanto, os homens a bordo tinham uma visão excelente: estavam equipados com óculos de visão noturna de uso militar.

Os óculos tinham sido fornecidos pelo chefe de segurança de Finlay, que não achava que a viagem a Bodrum fosse uma boa ideia. Para melhorar a segurança, ele contratara alguns sujeitos durões — autônomos, mas entre os melhores do ramo —, que viajaram por conta própria até Bodrum. Receberam instruções por telefone, encontraram um contêiner com equipamentos esperando por eles quando chegaram e ficaram dois dias sem fazer nada antes de receberem a ordem de subirem a bordo de um barco que ele providenciara. Era este o barco que estava ancorado ao largo da enseada.

Na escuridão, esses mercenários viram Finlay sair de trás do vidro à prova de balas da sala de estar e se aproximar das jovens. Nós também o vimos do penhasco. Mack deixou o alvo dar dois passos, apenas para se certificar de que os capangas ao seu lado não teriam tempo de puxá-lo de volta para dentro caso fosse necessário disparar um segundo tiro. Ele estava com o dedo no gatilho quando o observador mais próximo deu o aviso.

Outra nuvem de fumaça estava prestes a obscurecer o alvo. Greenburg também a vira e se ajoelhou, preparando-se para o caso de ter de disparar. Mack, no entanto, olhou para a nuvem, calculou que tinha tempo, mirou rapidamente e disparou. Ninguém ouviu o estampido graças à música altíssima. A bala atingiu Finlay, mas aquele fora um tiro apressado que, em vez de abrir um grande buraco em sua testa e esfacelar o seu cérebro, o atingiu mais abaixo.

Ele caiu no convés, enquanto um pedaço de carne da sua garganta foi parar em um vestido Gucci mais atrás. Ainda estava vivo, se contorcendo, mas a cena foi obscurecida pela fumaça, e Mack não pôde atirar de novo. Um dos observadores falou com urgência em seu microfone, dizendo para Greenburg acertá-lo outra vez.

Os seguranças a bordo da lancha estavam atônitos, mas os mercenários no barco reserva tinham ouvido em seus fones de ouvido o grito que Finlay soltou ao ser atingido e estavam examinando o penhasco com seus óculos de visão noturna. Um deles viu Greenburg erguendo a arma e gritou em croata...

Um atirador de elite ao seu lado voltou-se rapidamente, mirou em Greenburg e puxou o gatilho. Greenburg — com o dedo a ponto de fazer o disparo — recebeu o tiro no peito e tombou, debatendo-se. Eu era o agente mais próximo e, sabendo que ele ainda estava vivo, corri em sua direção.

Eu estava quebrando as regras: a prioridade era a missão, não a segurança da equipe, e deveria esperar que o Controle gritasse uma ordem. Mas Greenburg estava deitado no chão, exposto, então logo levaria outro tiro e seria morto em segundos caso alguém não o movesse

para um lugar seguro.

Ninguém sabia de onde os inimigos estavam disparando, mas Mack viu o perigo na mesma hora: se alguém no mar podia alvejar Greenburg, também poderia me atingir. Gritando uma advertência, acreditando ainda estar oculto pela fumaça, ele se agachou e correu muito até me interceptar e me jogar no chão. Mack gostava de mim, ambos adorávamos blues e acho que isso pesou, mas o fato de ele ser um homem naturalmente corajoso também teve uma parte nisso.

A meio caminho do lugar onde eu estava, a brisa abriu uma brecha na fumaça. Os mercenários no barco eram muito bons — duas balas atingiram Mack logo acima dos rins. Não fosse pela graça de Deus, teria sido eu.

Ele deixou cair o fuzil e tombou gritando. Eu me virei, corri até Mack, lancei meu corpo sobre o dele e rolamos juntos — as balas revolvendo o chão ao nosso redor — até a segurança de uma pequena depressão. Os frequentadores da festa gritavam — enfim perceberam que dois homens tinham sido baleados e estavam feridos —, mas não faziam ideia do que estava acontecendo, ou onde se encontravam os atiradores, o que aumentava ainda mais o pânico deles.

O Controle não teve tanta dificuldade para identificar a fonte: ele caminhava pelo convés da lancha quando avistou o que reconheceu como o brilho de um disparo de arma de fogo através da fumaça e das sombras. Quando a Divisão chegara naquela manhã, ele tivera o bom senso de trazer a bordo uma sirene de luzes azuis e vermelhas. Ele as colocou no teto da cabine e disse para o marinheiro acelerar.

Os mercenários no barco viram a lancha se aproximando com as luzes piscando e chegaram a uma conclusão lógica, ainda que incorreta. Em quatro línguas diferentes, gritaram para que seu piloto misturasse o barco no aglomerado das outras lanchas, na esperança de que eles pudessem despistar a polícia. Eles sabiam que, em uma corrida justa, não teriam a menor chance, e a última coisa de que precisavam era um tiroteio com os agentes da lei turcos.

Seu barco misturou-se entre os outros e passou tão perto de dois deles que arranhou a pintura dos cascos. Os gritos de seus ocupantes informaram ao Controle que o barco não identificado fugira, então ele ordenou que o piloto desse a volta e se dirigisse ao iate de Finlay.

Na confusão, a sirene lhe permitiu chegar tão perto da popa do iate que ele pôde ver Finlay deitado em uma poça de sangue. Acreditando que Controle era um policial, duas mulheres e um membro da tripulação gritaram para que ele chamasse uma ambulância ou um helicóptero de paramédicos, mas, pelos espasmos de Finlay e pelo grande buraco em seu pescoço, ele viu que a missão fora cumprida: ele estava nos últimos estágios de uma hemorragia mortal. Controle se voltou para o piloto e lhe disse para dar o fora dali, e foi apenas quando o suposto

barco da polícia se foi que o chefe da segurança percebeu que acabara de ficar cara a cara com o sujeito que dera a ordem do ataque. Mas ele não se importou com aquilo — seu tíquete-refeição acabara de ser cancelado e ele já estava pensando em como atravessar a fronteira antes que os turcos o levassem para uma sala e lhe dissessem para se preparar, porque a festa tinha acabado de começar.

Controle ouvia os relatórios dos agentes em terra e, enquanto seu barco rugia através da água, convencido de que a missão fora cumprida, ordenou que os homens na base do penhasco corressem até o cais, onde ele os buscaria em três minutos. Então ordenou que eu executasse o plano reserva.

Os dois observadores ouviram tudo, agarraram Greenburg e arrastaram-no até a van. Ele já estava morto — a bala se fragmentara ao atingir as costelas, e os estilhaços arrancaram boa parte de seu coração e seus pulmões. Ele não teve a menor chance.

Na rasa depressão do penhasco, fiz o que pude para deter o sangramento de Mack. Ele era um sujeito grande, mas, de algum modo, consegui jogá-lo sobre o ombro e levá-lo até a van. Baixei o banco de passageiro, tirei o meu casaco e o amarrei ao redor da cintura dele para tentar deter o sangramento. O homem ainda estava consciente e viu a etiqueta do casaco.

— Barneys? — perguntou. — Que tipo de fã de blues compra na Barneys?

Ambos rimos, mas sabíamos que ele não teria a menor chance de sobreviver caso não conseguíssemos ajuda médica logo. Girei o volante e acelerei, derrapando pelo estacionamento, assustando os frequentadores da festa, enquanto o observador diretamente atrás de mim já estava ao celular, falando com Controle por meio daquilo que todos esperávamos ser uma linha segura.

Quando entrei bruscamente na pista, o observador desligou o telefone e me disse que eu deveria deixar ele e seu colega na marina em Bodrum, como planejado. Eles precisavam ir embora antes que tudo se fechasse: a Turquia era um país orgulhoso, e os turcos não reagiam bem quando pessoas eram executadas bem debaixo de seus narizes. Os observadores embarcariam o corpo de Greenburg na lancha, enquanto eu levaria Mack ao médico de plantão. Com sorte, ele se estabilizaria e ganharia tempo até que um helicóptero da Frota do Mediterrâneo americana viesse nos resgatar. O helicóptero, com um médico e dois especialistas a bordo, já estava sendo acionado e, uma vez que nos resgatasse, nos levaria ao porta-aviões da frota, onde havia salas de operação e uma equipe cirúrgica completa.

Mack tinha uma chance, e eu dirigi ainda mais rápido. Não creio que alguma outra pessoa em uma minivan com o formato de um tijolo tivesse sido capaz de percorrer aquela distância com maior rapidez. Chegamos na marina e, num golpe de sorte, a encontramos praticamente deserta — era sábado à noite e todos os barcos estavam festejando nas ruínas ou atracados ao

largo dos inúmeros restaurantes à beira-mar de Bodrum.

Dei marcha a ré ao longo do cais, ajudei os observadores a subirem o corpo de Greenburg a bordo e, em seguida, voltei ao volante. Tínhamos uma estrada ruim à frente e um mundo de problemas atrás de nós.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Nós cantamos. Mack e eu cantamos “Midnight Special” e todos os velhos blues do Delta enquanto corríamos na direção sul em meio à noite, percorrendo estradas que eu só havia trilhado uma vez, com medo de perder uma saída ou pegar o desvio errado e isso acabar lhe custando a vida, de forma tão certa quanto eu a colocara em risco lá em cima no penhasco.

Cantamos para manter Mack consciente, cantamos para erguer os nossos narizes diante da morte, nossa passageira invisível, e cantamos para dizer que estávamos vivos, que amávamos a vida e que ninguém naquele veículo se entregaria sem lutar. Começou a chover.

Seguimos na direção sul, nos movendo rapidamente por uma região cada vez mais remota, com apenas as luzes dispersas de pequenas fazendas para nos indicar onde terminava a terra e começava o mar. Finalmente vi a entrada que estava procurando, peguei-a em meio a uma chuva de cascalho e comecei a longa descida em direção a uma isolada vila de pescadores. Demos a volta na extremidade de um promontório e, enquanto a chuva nos atingia em cheio, vi luzes amontoadas à beira-mar. Cheguei à aldeia e encontrei uma rua estreita que me parecia familiar.

Mack entrara em estado de semiconsciência, meu casaco estava encharcado de sangue e eu dirigia com apenas uma mão no volante, sempre tentando mantê-lo acordado e lutando.

Esperando que eu não tivesse errado o caminho, dobrei uma esquina, vi uma fonte comunitária cercada por flores mortas, um velho balde amarrado a uma corda e soube que estava perto. Parei em meio à escuridão, peguei a lanterna do meu chaveiro e iluminei o portão da frente. Eu não queria bater à porta errada com um homem moribundo no ombro.

A luz da lanterna iluminou uma placa de bronze no portão. Fosca e desbotada, com sua mensagem escrita em inglês, ela dava o nome do médico e detalhes sobre a sua formação — médico-cirurgião — na Universidade de Sydney. Considerando o caráter do sujeito que fazia o atendimento ali, provavelmente aquela não era a melhor publicidade para tão augusta instituição.

Abri a porta do passageiro, ergui Mack sobre o ombro, chutei o portão e me dirigi à porta da frente do chalé arruinado. O médico a abriu antes que eu chegasse — ele ouvira o carro parar do lado de fora e fora investigar. O homem ficou à porta olhando para fora. Seu rosto era como

uma cama desfeita, as pernas eram magras, e ele usava calça curta e uma camiseta cuja estampa fazia propaganda de um clube de striptease. A roupa era tão velha que o bar de strippers provavelmente já estava fechado havia muito tempo. Tinha quarenta e poucos anos, mas, dado seu amor pela bebida, seria uma surpresa se chegasse aos cinquenta. Eu não sabia seu nome verdadeiro — graças à placa na porta, todos os turcos da área o conheciam apenas como Dr. Sydney, o que parecia lhe cair muito bem.

Eu o encontrara uma semana antes, quando, após Controle fazer os arranjos, fui enviado para testar o trajeto. Disseram-lhe que eu era um guia turístico escoltando um grupo de americanos que, no caso improvável de uma emergência, talvez precisasse de sua assistência. Não creio que ele tenha acreditado em uma só palavra do que lhe foi dito, mas, no fim das contas, ele não gostava das autoridades turcas. Além disso, nosso substancial adiantamento em dinheiro o encorajou a não fazer perguntas.

— Olá, Sr. Jacobs — disse ele.

Jacobs era o nome que eu estava usando na Turquia. Ele olhou para Mack apoiado em meu ombro e viu o casaco encharcado de sangue amarrado à cintura.

— Que passeio fantástico o de vocês. Preciso me lembrar de não fazê-lo.

Por experiência, sei que a maioria dos australianos não se abala tão fácil, e fiquei profundamente grato por isso.

Juntos, levamos Mack até a cozinha e, embora o hálito do médico fedesse a álcool, havia algo na maneira como ele endireitou as costas e cortou as roupas e o tecido danificado de Mack que me indicou que ele já fora um hábil e disciplinado cirurgião.

Usei o que conseguia me lembrar da minha formação médica para agir como seu enfermeiro. A bancada da cozinha foi lavada com água quente para servir de mesa, as lâmpadas de leitura de seu escritório e de seu quarto foram trazidas para iluminar o ferimento e tentamos desesperadamente estabilizar aquele corpo arruinado e manter Mack vivo até a chegada do helicóptero com seus especialistas e bolsas de plasma sanguíneo.

Nesse tempo angustiante, a mão e o compromisso do médico não vacilaram nem mesmo por um minuto. Ele improvisou, amaldiçoou e desenterrou cada ideia e estratégia que aprendera, afastando os níveis de bebida e os anos jogados fora.

Não adiantou. Mack desmaiou, lutamos para reanimá-lo, ele voltou e, então, desmaiou mais uma vez. Quando o helicóptero estava a menos de dezoito minutos de distância, o *bluesman* pareceu suspirar. Ele ergueu uma mão, como se para tocar nossos rostos em um agradecimento silencioso, e se foi. Lutamos para reanimá-lo, mas dessa vez não havia como trazê-lo de volta, e o médico e eu ficamos quietos e silenciosos.

O Dr. Sydney baixou a cabeça e, de onde eu estava, era impossível ver se o seu corpo

tremia de fadiga ou devido a algo muito mais humano. Após um instante, ele olhou para mim, e vi nos olhos dele o desespero — a angústia — de alguém ter morrido em suas mãos.

— Eu costumava operar crianças feridas — murmurou ele, como se isso explicasse a bebida, a casa arruinada, a vida no exílio e toda a imensa dor que ele carregava. Assenti, compreendendo ao menos em parte como deve ser perder um jovem na mesa de operações. — Ele era seu amigo? — perguntou.

Concordei e, com uma decência que já não mais me surpreendia, ele pediu desculpas e foi fazer algo em outra parte da casa. Cobri o rosto de Mack com um lençol — eu queria que ele fosse tratado com toda a dignidade possível — e disse algumas palavras. Não seria possível chamar aquilo de oração, mas, por respeito, na esperança de que seu espírito estivesse em algum lugar por ali, falei sobre amizade, coragem e meu profundo pesar por ter quebrado as regras no topo do penhasco.

O médico voltou e começou a limpar a cozinha, e eu fui até a sua sala de estar. O pessoal do helicóptero chegaria em quatorze minutos, e uma mensagem no celular me informava que eles tinham identificado um depósito de lixo nos fundos da aldeia onde poderiam pousar sem serem vistos. Evitando o tremor na voz, liguei e disse que podiam dispensar os médicos: eles não evacuariam um paciente, mas um cadáver.

Eu me liberei do veículo dando-o de presente para o Dr. Sydney, como uma pequena recompensa pelo esforço que fizera para salvar Mack. Minha maior preocupação agora era a polícia turca. Tentando descobrir o que estavam fazendo, voltei-me para a TV ligada no canto da sala de estar.

Estava passando um telejornal turco, mas não havia nada sobre os assassinatos na rave ou sobre alguma operação policial em curso. Usei o controle remoto para navegar pelos canais locais — novelas, filmes de Hollywood dublados em turco e mais dois programas de notícias —, mas nada que causasse alarme.

Também não havia nada na BBC, na CNN, na Bloomberg ou na MSNBC...

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Não consegui respirar por um instante. Eu ainda estava de pé na ribanceira sobre as ruínas, mas, ao me lembrar da TV no antigo chalé do médico, tive um pensamento que roubou o ar dos meus pulmões.

Se o Dr. Sydney podia sintonizar os canais de notícias em língua inglesa em uma área tão remota, como eles não estavam disponíveis em Bodrum?

Corri até o meu carro.

Ainda era cedo, havia pouco tráfego e o trajeto até Bodrum foi quase tão rápido quanto aquele que fiz com Mack deitado no banco ao meu lado. Estacionei na calçada em frente ao hotel, subi correndo os degraus e vi o gerente saindo da sala de jantar.

— Ah! — fez ele, sorrindo. — Foi a viagem dos espelhos com grandeza de vidros um sucesso?

— Desculpe — respondi. — Não tenho tempo. Preciso fazer uma pergunta sobre o serviço de TV.

Ele olhou para mim, confuso — o que diabo eu desejaria saber sobre aquilo?

— O mensageiro disse que não é possível sintonizar canais de notícias de língua inglesa em Bodrum. É isso mesmo?

— É a verdade muito grande — respondeu ele. — Uma empresa de enorme desonestidade chamada DigiTurk nos dá canais de porcaria, mas não esse serviço.

— Deve haver uma maneira. Vi a BBC, a MSNBC e vários outros canais — falei.

Ele pensou por um instante, deu meia-volta e fez um telefonema. Falou em turco, ouviu a resposta, levou a mão ao bocal e disse que sua esposa achava que algumas pessoas possuíam receptores digitais para acessar um satélite europeu que transmitia os canais de notícias aos quais eu me referia.

— Qual é o nome do serviço, do satélite? Será que ela sabe? — perguntei, ansioso.

O gerente fez a pergunta e, logo em seguida, voltou-se para mim e disse:

— Sky.

A Sky era uma emissora inglesa por satélite e, como eu já tinha morado em Londres, sabia que aquele era um serviço pago. Isso significava que havia assinantes e, se as pessoas estavam

comprando decodificadores de sinal, alguém na organização teria uma lista dos clientes.

Corri até o meu quarto e liguei para a empresa na Inglaterra. Passei por oito ou nove atendentes antes de falar com um sujeito atencioso do norte do país cujo sotaque era tão denso quanto um pudim de Yorkshire.

Ele era o responsável pelas assinaturas europeias, e me disse que todos os canais que eu mencionara eram transmitidos pelo satélite Astra, da Sky.

— Este satélite tem uma grande abrangência. Foi projetado para cobrir a Europa Ocidental e chegar até a Grécia. Então, alguns anos atrás, o software do satélite foi atualizado, o sinal ficou ainda mais forte e subitamente foi possível sintonizá-lo na Turquia com uma parabólica de noventa centímetros. Claro que você precisa ter o decodificador e um cartão de acesso, mas isso significa que muito mais gente está usando o serviço.

— Quantos assinantes, Sr. Howell?

— Na Turquia? Temos os estrangeiros residentes, é claro. Eles levam seus cartões e decodificadores quando se mudam. Há também os bares e clubes temáticos ingleses. Os turistas querem ver o seu futebol. E, finalmente, temos os moradores locais que gostam da programação. No todo deve haver cerca de dez mil assinantes.

— Você pode identificá-los por área?

— Claro.

— Quantas pessoas assinam o serviço em Bodrum? Digamos, em uma província chamada Muğla? — perguntei, tentando desesperadamente não alimentar muitas esperanças.

— Por favor, me dê um segundo — disse ele, e pude ouvi-lo digitar em um teclado. — Você disse que esta é uma investigação de homicídio? — Ele estava puxando conversa enquanto trabalhava para obter os dados.

— Sim, de um rapaz americano. Ele adorava esportes e TV — menti. — Só estou tentando concatenar alguns detalhes.

— Pronto — disse ele. — Cerca de mil e cem assinantes.

Minhas esperanças dispararam. Aquilo significava que as pessoas em Bodrum podiam receber os canais de TV de que eu precisava. Olhei para fora da janela e imaginei a mulher que eu procurava sentada de pernas cruzadas em uma das casas brancas cubistas, assistindo à TV com um decodificador da Sky em cima, gravando trechos de uma série de diferentes programas de notícias e trabalhando horas a fio para editá-las e codificá-las. Mil e cem decodificadores — aquilo estreitava muito a busca, e eu ainda não havia terminado.

— Descontando os expatriados e os bares, quantos assinantes você acha que existem? — perguntei.

— Lares? É provável, creio, que de seiscentos a setecentos — respondeu o atendente.

Eu estava perto! Seiscentas ou setecentas famílias representavam muito trabalho, muita sola de sapato gasta para rastrear cada casa, mas isso também significava que os potenciais suspeitos estavam agora definidos. Em algum lugar entre esse grupo estava a mulher que eu procurava.

— Esse número é bom? — perguntou Howell.

— Muito bom — falei, incapaz de evitar a alegria na voz. — Você poderia me dar uma lista de assinantes?

— Claro, mas eu teria de obter uma autorização. Sem ofensa, mas precisamos saber com certeza que é o FBI que está pedindo.

— Posso lhe enviar uma carta oficial em algumas horas. Depois disso, quanto tempo levaria?

— Bastaria fazer o download e imprimir-lo. Apenas alguns minutos.

Era melhor do que eu poderia imaginar: muito em breve, eu teria uma lista de seiscentos endereços, e o da mulher estaria entre eles. Estávamos bem encaminhados.

— Obrigado — falei. — Você não sabe o quanto me ajudou.

— Sem problemas. Mas é claro que você tem sorte por querer apenas os clientes autorizados.

Aquilo interrompeu minha celebração.

— O que quer dizer?

— Bem, muita gente que sintoniza hoje em dia...

Comecei a me sentir mal.

— Usa decodificadores piratas — prosseguiu ele. — De procedência chinesa, em sua maioria. Quando não falsificam relógios Rolex e bolsas Louis Vuitton, falsificam decodificadores e nossos cartões de acesso. Eles os vendem em pequenas lojas de eletrônicos e lan houses, lugares assim. É um grande negócio. Basta comprar o decodificador e o cartão, o resto do serviço é gratuito. Você ainda está aí?

— Em um lugar como Muğla, quantos decodificadores piratas você acha que existem? — perguntei com calma.

— Em um lugar desse tamanho? Dez mil, talvez mais. Não há como rastrear quem tem, a coisa é feita totalmente na clandestinidade. Achamos que teremos uma tecnologia capaz de fazer isso no ano que vem...

Eu não estava escutando: no ano que vem, poderíamos estar todos mortos. Dez mil decodificadores e nenhuma lista de assinantes tornava a tarefa impossível. Agradei pela ajuda e desliguei.

Fiquei imóvel, o silêncio se avolumando e o cão negro do desespero mordendo meus

calcanhares. Foi arrasador ver minhas esperanças aumentarem e, em seguida, serem tão completamente frustradas. Pela primeira vez desde que eu fora forçado a entrar naquela guerra, por alguns instantes pensei ter uma verdadeira solução para o problema. Agora que aquilo se transformara em pó, eu estava com vontade de ser cruel comigo mesmo.

O que eu tinha de verdade?, perguntei. Uma lista de cabines telefônicas e o fato de ter permanecido no jogo devido a um golpe de sorte e ao trabalho de uma equipe de especialistas italianos. Além disso, o que mais? Qualquer um que não precisasse de uma bengala e óculos escuros podia ver que eu tinha muito pouco.

Também estava furioso. Furioso com a merda dos chineses por não controlarem a pirataria das ideias e produtos que pertenciam a outras pessoas, furioso com Bradley, com Sussurrante e com todos os outros que não estavam ali para me ajudar, furioso com os árabes, que pensavam que quanto maior fosse a contagem de corpos, maior a vitória. Mas, principalmente, estava furioso com a mulher e com o homem no Hindu Kush por estarem sempre à minha frente.

Fui até a janela e tentei encontrar um pouco de calma. O exercício com a Sky não fora um fracasso total: aquilo me informara que a mulher quase com certeza vivia na região, o que era um progresso. Olhei para os telhados: ela estava ali fora, em algum lugar. Tudo o que eu tinha a fazer era encontrá-la.

Tentei ver na minha mente em qual das cabines telefônicas ela teria estado, esperando o telefone tocar, mas eu não tinha dados, e tudo que consegui visualizar foi o nada. No entanto, podia ouvir o tráfego passando e a música — uma estação de rádio, ou seja lá o que diabo fosse aquilo — tocando baixinho ao fundo.

Por falar nisso, pensei, como andava o trabalho com a música? O que Sussurrante e os outros caras estavam fazendo? A NSA não estaria tentando isolar, melhorar e identificar o som?

Eu estava disposto a desabafar minha frustração e, embora já fosse tarde em Nova York, não me importei e peguei o telefone.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Bradley atendeu e disse que não estava dormindo, mas, pelo som de sua voz, dava para ver que ele estava exausto. Bem, eu também estava. Ele começou a perguntar sobre a morte de Dodge apenas para manter o disfarce, mas eu o interrompi bruscamente.

— Você se lembra da música sobre a qual conversamos? — perguntei. Claro que ele não lembrava, ele não fazia ideia do que eu estava falando. — Havia o som do tráfego, a música tocando no fundo...

— Ah, sim, eu lembro — disse ele, seguindo a deixa.

— O que aconteceu? — perguntei. — Alguém deveria estar trabalhando nisso, tentando identificá-la.

— Eu não sei, não tive notícias.

— Cuide disso, está bem? Faça alguns telefonemas.

— Claro — respondeu Bradley, ofendido com o meu tom de voz, na mesma hora ficando tão irritado quanto eu. — Para quando você precisa disso?

— Para agora — respondi. — Algumas horas atrás teria sido ainda melhor.

Morto de fome, eu estava na minha terceira barra de chocolate rançoso do frigobar, sentado na cadeira, olhando para a cidade e pensando na mulher, quando o telefone tocou. Era Bradley, e ele disse que a história com a música tinha sido um fracasso.

— Eles filtraram o ruído do tráfego de Nova York — disse ele. A referência à cidade americana era um disfarce. — E melhoraram a música. É turca, obviamente. Parece estar sendo tocada em um *kaval*...

— Um o quê? — perguntei.

— Um *kaval*. Um instrumento de sopro, parecido com uma flauta: sete furos em cima e um embaixo. São as chaves melódicas. É um instrumento popular que os pastores utilizam para liderar o rebanho.

— Ótimo — falei. — Que dizer que estamos procurando um pastor conduzindo suas ovelhas em meio ao tráfego da hora do rush.

— Não exatamente — respondeu Bradley. — Na verdade, é algo muito comum. Dizem que é um instrumento muito popular entre grupos de música folclórica.

— Um *kaval*, hein? Onde estava tocando? Em um CD? Ao vivo? No rádio?

— Após removerem o ruído de fundo e acentuar o som, perderam o que chamam de “assinatura”. Eles não sabem dizer.

— Meu Deus! Eles não estão facilitando mesmo as coisas, não é?

Olhei para os telhados e voltei a me perguntar: onde ela estaria? Em algum lugar onde fosse possível ouvir o tráfego e uma música sendo tocada em um instrumento popular turco chamado *kaval*. *Onde?*

— Temos outro problema — continuou Bradley. — Eles também não conseguem identificar a melodia. A amostra não é muito grande, mas ninguém parece ter ouvido aquilo antes.

— Isso é estranho — falei. — É de se pensar que seja uma melodia popular, já que é folclórica, e com todos os seus peritos...

— Sim, também acho.

Ficamos em silêncio um instante e, quando ficou claro que não havia mais nada a ser discutido, abordei outro assunto.

— Desculpe, Ben — falei.

— Pelo quê?

— Por ser um idiota.

— Mas você sempre foi um idiota — respondeu ele, impassível como sempre. — De qualquer modo, falei para nossos amigos que você estava sentindo o estresse e começando a ter um colapso nervoso.

— Ah, que bom. Isso deve dar um empurrãozinho na minha carreira.

— Fico feliz em ajudar — falou, sem rir.

Era Ben Bradley, afinal. Mas dava para ver pelo tom de sua voz que eu tinha consertado as coisas entre nós, e me senti grato por isso.

— Só mais uma coisa — falei.

— Claro.

— Peça a eles para arranjam um meio de me enviar a gravação, certo? Apenas a música, não o tráfego.

Não sei por que, mas eu queria ouvir aquilo.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Vinte minutos mais tarde, após ter acabado de tomar um banho, saí do banheiro e encontrei um novo e-mail no meu laptop. Era uma mensagem da Apple, informando-me que haviam debitado vinte e sete dólares do meu cartão de crédito por downloads de música.

Eu não tinha comprado música alguma e meu medo era que algum idiota da CIA tivesse tido a ideia de adicionar mais títulos à já extensa coleção de péssimas músicas de Brodie Wilson. Fui até o iTunes, vi que novas faixas haviam sido incluídas e percebi que a maioria delas eram apenas disfarces — havia apenas uma que importava, e eu sabia que fora enviada por Sussurrante.

Na noite anterior à minha viagem para a Turquia, quando estávamos trabalhando no escritório do Sussurrante, vi na parede uma cópia autografada do disco *Exile on Main Street*, dos Rolling Stones, o que, apesar da nossa fadiga, levou a uma animada conversa sobre se realmente aquele era o melhor álbum da banda. Quem poderia imaginar que o diretor da Inteligência Nacional era um especialista enrustido dos Stones? Verificando as novas faixas que foram acrescentadas ao meu computador, vi que Bradley não estava brincando ao afirmar que dissera ao nosso amigo que eu estava tendo um colapso nervoso. Sussurrante me enviara a música “19th Nervous Breakdown”, dos Stones.

Coloquei o cursor sobre o título, apertei o play e ouvi por trinta segundos antes que a música se transformasse. Inserida no meio, despojada do ruído do tráfego e da estranha mensagem da mulher, estava a melodia de *kaval*. Ouvi-a duas vezes — durava pouco mais de dois minutos — e, em seguida, a transferi para o meu MP3 player. Achei que aquilo poderia me dar alguma inspiração quando eu voltasse a sair para localizar cabine telefônica após cabine telefônica.

Mas, na verdade, a música só me deu dor de cabeça.

No momento em que, após ter fotografado a quarta cabine, decidi perguntar às mulheres do bairro se elas se lembravam de terem visto uma mulher esperando uma ligação e tudo que recebi como resposta foram olhares confusos ou meneares de cabeça cautelosos, percebi que o dia seria muito longo. Como era mesmo aquela expressão turca? Cavar um poço com uma agulha?

Ainda assim, se você quiser beber, às vezes é isso que tem de fazer. Eu estava andando por uma rua estreita, ouvindo o *kaval* e me perguntando novamente por que nenhum dos peritos conseguia identificá-lo, quando parei: algo acabara de me ocorrer. Eu estava seguindo o mapa no meu celular, procurando a próxima cabine telefônica, o que significava que eu teria de dobrar à direita. Em vez disso, dobrei à esquerda e fui em direção ao centro da cidade.

Mais à frente, vi as folhas roxas do jacarandá que eu estava procurando e, momentos depois, avistei o sujeito da loja de discos abrindo as persianas que cobriam as vitrines. Quando me viu, ele deu um sorriso.

— Achei que você voltaria — disse ele, apontando para uma das guitarras clássicas na vitrine. — Para mim, você tem cara de ser um fã da Stratocaster.

— Eu adoraria comprar uma Strat, mas não hoje. Preciso de uma ajuda sua.

— Claro — respondeu ele.

Eu o ajudei a erguer o restante das persianas, e então ele me levou pela porta da frente até o interior da escura caverna da loja de música. O lugar era ainda melhor do que eu pensava: nos fundos, havia um armário repleto de toca-discos restaurados para aqueles que ainda acreditavam em agulhas e válvulas, uma coleção de guitarras modernas maior dos que as presentes na maioria das lojas de Nova York e discos de vinil dos anos 1970 suficientes para fazer Sussurrante chorar.

Apontei para a sua coleção de instrumentos populares turcos e disse-lhe que eu tinha o trecho de uma música tocada em *kaval* que esperava que ele pudesse identificar.

— Várias outras pessoas tentaram, mas ninguém foi capaz de acertar — expliquei.

— Gostaria que meu pai estivesse vivo — disse. — Ele era o especialista em música tradicional, mas posso tentar.

Acionei o MP3 player e observei enquanto ele ouvia. Ele ouviu o trecho quatro, talvez cinco vezes. Então ele conectou o aparelho a uma docking station e amplificou-o através do sistema de som. Três turistas que entraram na loja ouviram aquilo.

— Não é o que se pode chamar de uma música animada — disse um deles, um neozelandês. E estava certo. A música era sinistra, como um grito em meio ao vento.

O proprietário tocou-a mais uma vez, seus olhos sonhadores concentrados. Em seguida, balançou a cabeça, e não fiquei surpreso: aquela tentativa sempre fora um tiro no escuro. Comecei a agradecê-lo, mas o vendedor me interrompeu.

— Não é um *kaval* — disse ele.

— O quê?

— É por isso que você está tendo dificuldade para identificar a melodia. A música não foi escrita para um *kaval*. Quase todo mundo teria cometido esse erro, mas tenho certeza de que é

um instrumento muito mais antigo. Ouça...

Ele tocou de novo.

— O *kaval* tem sete intervalos melódicos em cima e um embaixo. É difícil identificar, você precisa ouvir muito atentamente, mas o instrumento que está sendo tocado aqui só tem seis intervalos em cima e um embaixo. Não há um sétimo intervalo.

Ouvi outra vez, mas, para ser sincero, eu não saberia dizer, não tinha ideia de quantos intervalos tinha aquilo.

— Tem certeza? — perguntei.

— Tenho.

— O que é então?

— Não posso dizer nada quanto à melodia — disse ele. — Mas acho que estamos ouvindo uma *çigirtma*. É um instrumento quase esquecido. Eu só o conheço porque meu pai adorava antiguidades. Ouvi o instrumento apenas uma vez, quando era criança.

— Mas por que foi esquecido?

— Os pássaros de que eram feitos entraram em extinção. O *kaval* é feito com madeira de ameixeira, mas a *çigirtma* é feita com um osso da asa de uma águia-das-montanhas. A espécie está ameaçada há anos, de modo que o instrumento desapareceu, assim como a música escrita para ele. É por isso que você não consegue descobrir que música é essa.

Ele removeu o MP3 player da docking station e entregou-o para mim.

— Você conhece o hotel Ducasse? — perguntou. — Você poderá encontrar alguma ajuda lá.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

O hotel Ducasse era um daqueles lugares que mencionei anteriormente: tão na moda que as pessoas abriam buracos nos muros para entrar. Ficava à beira-mar, com uma praia privativa, chalés que você podia alugar por uma pequena fortuna para passar o verão e uma dúzia de barcos de fundo chato que transportavam garçons, comida e bebidas para as lanchas ancoradas. Esse era o tipo de estadia mais barato do estabelecimento.

A seção exclusiva, na cobertura do hotel, chamava-se Skybar. Vim direto da loja de música, atravessei as portas art déco da frente do hotel, cruzei quilômetros de piso de mogno cubano e contornei extravagantes arranjos de mobiliário Philippe Starck antes de encontrar o elevador exclusivo do Skybar. Quando me aproximei, vi que o ascensorista, vestindo um uniforme preto de grife, percebeu minhas roupas baratas estilo FBI e preparou-se para dizer que o lugar era privativo. Contudo, sou capaz de lançar um olhar mortal quando necessário, então o regulei para o nível um na escala DEFCON e o vi concluir que era preferível me deixar subir a morrer.

O elevador me levou até o topo e entrei em um jardim zoológico. A peça central do Skybar era uma piscina branca de borda infinita com um fundo de vidro e vista espetacular da baía, do castelo dos cruzados e — o que era bastante apropriado — da Casa Francesa.

Diante da piscina havia alguns chalés ultraluxuosos que pareciam ocupados pelos principais cleptocratas do Leste Europeu e suas respectivas famílias. Ligeiramente elevados, possuíam a melhor vista para a piscina e suas enormes extensões de carne e silicone: mulheres seminuas de todas as idades com lábios inchados e seios turbinados, e rapazes malhados usando trajes de banho tão curtos que geralmente eram chamados de tanguinhas.

No extremo oposto aos chalés ficava o bar e um pequeno palco onde uma banda de cinco integrantes tocava. Meu objetivo era alcançar um dos músicos, mas chegar lá apresentava alguns obstáculos. O primeiro deles aproximou-se com um sorriso simpático e as mãos bem abertas em um silencioso pedido de desculpas. Era o *maître* e, ao contrário de seus clientes, tinha muita classe: francês, pelo que pude ver, sapatos Berluti feitos à mão, um terno Brioni leve, óculos com aros de ouro.

— Sinto muito, senhor — disse ele. — Estamos lotados.

Olhei para as dezenas de mesas vazias — ainda era cedo — e para um número ainda maior

de bancos vagos no bar. Sorri de volta com a mesma simpatia.

— Sim, dá para notar.

À essa altura, ele já pousara o braço ao redor dos meus ombros, me guiando de volta para o elevador, onde o ninja me esperava para me jogar de volta na rua, que era o meu lugar. Enfiei a mão no bolso do casaco e o *maître* achou que eu estava procurando a minha carteira para tirar um punhado de notas e suborná-lo.

— Por favor, senhor, não constranja a nós dois — disse ele, sinceramente compungido.

— Eu não ia fazer isso — respondi, sacando meu distintivo dourado.

Ele olhou para aquilo por um momento e deixou de lado aquela bobagem de me arrastar até o elevador enquanto pensava no que fazer.

— Você vai prender alguém, Sr. Wilson? — perguntou.

— Provavelmente.

Ele se inclinou para mais perto — dava para ver que era um tremendo fofoqueiro — e baixou a voz:

— Você poderia me dizer quem?

Também me inclinei para perto e baixei a voz para coincidir com a dele:

— Desculpe, não é permitido.

— Não, claro que não. Mas será que poderia me dizer a acusação?

— Claro — falei, apontando para a piscina. — Mau gosto.

Ele começou a rir e apertou minha mão.

— Merda, então esse lugar vai ficar vazio. Você vai precisar de um ônibus.

Ele dispensou o ninja com um olhar, ergueu a mão para um barman ao longe e me guiou de volta aos quilômetros de carne.

— Fique à vontade, Sr. Wilson. Nosso barman, Anton, vai cuidar de suas bebidas.

Agradei, caminhei ao largo da piscina e me acomodei em um banco alto no bar. Pedi um café para Anton e voltei minha atenção para a banda. Eu estava atrás do baixista. Seu nome era Ahmut Pamuk, estava na faixa dos cinquenta anos e bem-vestido, obviamente um homem que havia anos decidira tocar a sua música e não olhar para o público. No Skybar, aquela provavelmente era uma sábia decisão. Ele era bom e conhecia o seu ofício. Era o tipo de pessoa que dera os melhores anos da sua vida para a música e provavelmente continuaria a tocar até morrer.

Contudo, o dono da loja de música tinha me avisado que ele era muito antipático, e, ao vê-lo no palco, executando o trabalho de sua vida, pude compreender por quê. Para um músico de verdade, alguém que já havia nutrido esperanças e sonhos, tocar intermináveis versões de “Mamma Mia” e “Yellow Submarine” seria suficiente para tornar qualquer um amargo.

Quando Anton trouxe o meu café, Pamuk estava no meio de um número — tocando os sucessos do filme *Titanic* — e esperei que a banda terminasse. O dono da loja me dissera que ele colecionava música tradicional e popular havia anos. O pai dele, que também fora músico, começara a coleção, preocupado que, caso aquelas obras não fossem coletadas e escritas, se perderiam para sempre. Anos mais tarde, o filho continuou-a. Aparentemente, Pamuk se virava como podia, fosse tocando no Skybar ou trabalhando como frentista, mas buscava músicas perdidas o tempo todo, chegando a tocar alguns dos instrumentos antigos, registrando as canções como uma linguagem esquecida e enviando-as para o Arquivo Nacional da Turquia. De acordo com o sujeito na loja de música, se havia alguém que poderia identificar a melodia da *çigirtma*, esse alguém era ele.

A apresentação terminou, a banda deixou o palco sem nenhum aplauso, e eu me levantei. Apresentei-me para Pamuk e disse que tinha um trecho de música com o qual eu esperava que ele pudesse me ajudar a identificar. Minha ideia era pedir que ele ouvisse o MP3 player, mas não tive chance: o dono da loja não mentira quanto à personalidade de Pamuk.

— Esta é a multidão da hora do café. Estive tocando naquele palco por uma hora. Você ouviu os aplausos ensurdecadores, não ouviu? — disse ele. — Vou comer, tomar um café e, então, vou descansar.

Ele se voltou para ir embora.

— Sr. Pamuk — falei. — Não sou um musicólogo ou algum acadêmico estrangeiro.

Mostrei-lhe o distintivo. Ele não tinha certeza de como reagir, mas decidiu que seria mais sensato prometer alguma cooperação.

— Certo, eu lhe darei meu número de telefone. Ligue amanhã e marcaremos uma hora — disse ele.

— Não pode ser amanhã. Precisa ser hoje — retruquei.

O baixista me encarou, mas ele nunca vira um olhar equivalente ao nível um da escala DEFCON antes, então fraquejou.

— A partir das quatro da tarde trabalho no número 176 da... — falou ele, anunciando o nome de uma avenida que eu não tinha qualquer esperança de conseguir pronunciar, muito menos encontrar, algo que ele com certeza também sabia. Idiota.

— Escreva, por favor — falei, e fiz sinal para Anton indicando que eu precisava de uma caneta. A contragosto, o baixista escreveu e, enquanto me afastava, guardei o endereço no bolso.

Quase não me dei o trabalho: diante de sua personalidade, eu estava certo de que o encontro seria uma perda de tempo.

CAPÍTULO QUARENTA

Tirando a parte de ter de esfaquear a parte carnuda de sua mão, minha conversa seguinte com Ahmut Pamuk na verdade acabou se revelando bastante agradável.

Ao sair do Skybar, caminhei ao longo do porto, encontrei um banco à sombra, voltei a inserir a bateria no meu celular e liguei para Cumali na delegacia. Eu não falava com ela desde Florença e queria verificar se houvera algum progresso na investigação recém-iniciada sobre o assassinato de Dodge.

Muito pouco acontecera. Hayrunnisa atendeu e disse que Cumali tinha ido embora pouco depois das onze horas e que não voltaria à delegacia pelo resto do dia.

— Para onde ela foi? — perguntei.

— Resolver alguns assuntos particulares.

Eu estava prestes a pressioná-la quando me dei conta de que era quinta-feira, e que o filho de Cumali me convidara para assistir à Grande Parada e aos palhaços. Ela o levava ao Circo do Estado.

Falei que ligaria outra vez na manhã seguinte e, então, passei mais de uma hora conversando com pessoas que trabalhavam perto de cabines telefônicas — novamente sem sucesso —, e percebi que, com a hora do almoço se aproximando e a maioria dos escritórios e lojas fechando, aquela estava prestes a se tornar uma tarefa praticamente irrealizável.

Com pouca escolha a não ser fazer uma pausa, decidi voltar minha atenção para a Casa Francesa. Minha confiança estava muito abalada pelo erro que eu e Sussurrante cometêramos: tínhamos comprometido toda a missão ao supor que a morte de Dodge era um caso que valia a pena investigar. Erros como esse raramente passavam sem punição no mundo da espionagem e, no avião de volta de Florença, resolvi que nunca mais deixaria que algo assim acontecesse. Fosse como fosse, estaria sempre um passo à frente dos policiais. Conhecimento é poder, como dizem.

A questão central era simples: como o assassino conseguiu entrar e sair da propriedade sem ser visto? Nos arquivos sobre a morte de Dodge que Cumali me dera havia uma referência à empresa responsável pelo aluguel da mansão, e achei que esse seria o melhor lugar para começar.

Prestige Realty era o nome da imobiliária, e eu vira sua chamativa fachada diversas vezes durante minhas caminhadas pela cidade. Olhei para o relógio e vi que, se corresse, conseguiria chegar lá antes que a loja fechasse para o almoço.

Cheguei no exato momento em que um homem trancava a porta da frente. Quando me ouviu chamando por ele em inglês, abriu um daqueles sorrisos que os corretores de imóveis reservam para alguém que acreditam ter acabado de chegar ao país. Assim que me viu, porém, ele parou de sorrir.

Tinha seus quarenta e poucos anos, um alto topete, camisa aberta no colarinho e várias correntes de ouro ao redor do pescoço, grandes o bastante para ancorarem um navio de cruzeiro. Gostei dele na mesma hora. De certa forma, não havia maldade ali — na minha opinião, se você for explorado por alguém com aquela aparência, então a culpa é inteiramente sua.

Eu me apresentei, disse que era do FBI e que queria falar sobre a Casa Francesa. Ele deu de ombros e me informou que um dos policiais locais o visitara na semana anterior e levava uma fotocópia do contrato de locação. Ele era apenas o corretor, e realmente não havia nada mais que pudesse acrescentar.

Era óbvio que ele estava com pressa para sair, e me desculpei por tomar o seu tempo — como regra geral, sempre acho que ser educado ajuda — e falei que o policial local o procurara por conta de uma investigação sobre uma morte acidental.

— Então, o que é agora? — perguntou, surpreso.

Ficou claro que a informação não vazara durante a noite, embora eu imaginasse que, após minha conversa com ele, toda Bodrum já estaria sabendo ao anoitecer.

Olhei para a porta de vidro e vi seu nome em letras douradas.

— É uma investigação de homicídio, Sr. Kaya. O jovem americano foi empurrado do penhasco.

Ele ficou chocado, e também perturbado.

— Ele era um bom homem — disse o corretor. — Não era como a maioria dos idiotas que alugam mansões por aqui. Ele conversava, demonstrava interesse. Disse até que me levaria para passear no barco dele. Que merda. Assassinado?

— Então, você entende por que preciso falar com o senhor.

— Eu estava saindo para almoçar...

— Que bom, eu o acompanharei.

Ele riu.

— Você sabe que não foi isso que eu quis dizer.

— Sim — respondi, sorrindo. — Mas onde vamos comer?

CAPÍTULO QUARENTA E UM

O lugar era uma churrascaria de luxo na praia: deque de madeira polida sobre a areia, velas de lona branca filtrando a luz do sol, mobiliário assinado por um importante designer e — nada surpreendente, em se tratando de meu anfitrião — uma visão frontal de jovens turistas tomando banho de sol de topless.

Assim que nos sentamos, perguntei a ele se sabia do passado nazista da casa. O homem olhou para mim como se eu tivesse me esquecido de tomar meus remédios.

— Você está brincando, não é? — disse ele.

Então, olhou para o meu rosto e viu que eu não estava.

— Quem é o dono? — perguntei a seguir.

— Eu não sei, não exatamente — respondeu ele, um tanto abalado. — Recebi uma carta de um advogado de Liechtenstein há uns sete anos que se dizia representante de um fundo de caridade que era proprietário do imóvel. Disse que os administradores decidiram alugar o local para gerar renda.

— Você perguntou quem estava por trás disso, quem era o verdadeiro proprietário?

— Claro. Cheguei a pedir que meu advogado tentasse descobrir, mas acabamos em um beco sem saída de empresas de fachada.

Eu não disse nada, mas sabia que a maioria dos trustes de Liechtenstein eram projetados para serem impenetráveis. Essa era a razão pela qual o pequeno principado de cento e cinquenta quilômetros quadrados imprensado entre a Suíça e a Áustria era a primeira escala dos europeus, principalmente alemães, que queriam esconder ativos do fisco de seus países.

— Então, o advogado que representa o fundo de caridade disse que queria que você alugasse o imóvel. Isso foi depois das reformas?

— Sim. E era um bom dinheiro por pouco trabalho. Eu recolhia o aluguel, deduzia a minha comissão e os gastos com manutenção e enviava o saldo para um banco em Liechtenstein. Só isso.

— Quem tinha a chave da propriedade? — perguntei. — Além de você?

— Ninguém tem chave nenhuma. Apenas códigos. Há quatro portões, todos com teclados eletrônicos ligados a um computador. Não há como burlá-los.

— Certo. Então, como funciona? Um novo inquilino chega e o que acontece? Qual o procedimento?

— Eu me encontro com o gestor imobiliário na casa. Todos esses ricos têm gestores imobiliários e secretários particulares — disse ele. — Iniro meu código de seis dígitos no teclado e pressiono jogo da velha. A tela me pergunta se quero mudar o código e eu respondo que sim. Então, preciso digitar meu código de novo, aguardar vinte segundos e inserir o novo código.

“Saio de perto, e o gestor imobiliário ou o inquilino digita seus seis números, de modo que nunca sei quais são. Depois, fazemos o mesmo com os outros três portões.

— Então são eles que decidem a quem revelar o código? — perguntei.

— Exatamente. Eles trazem seus assistentes com eles, e todos são verificados pela segurança. Portanto, o código não é passado para estranhos.

— E quanto aos jardineiros, o cara que faz a manutenção da piscina, pessoas assim?

— Cabe ao locatário, mas eu nunca soube de alguém que tenha dado o código para os moradores locais. Eles são obrigados a tocar o interfone na entrada de serviço, o chefe de segurança os verifica e abre os portões pessoalmente.

— E, no fim do contrato de locação, acontece o contrário, não? Eles digitam o código deles e você o substitui pelo seu?

— É isso aí.

Fiz uma pausa, pensando.

— E no inverno, quando não há inquilinos?

— Não há necessidade desse nível de segurança — respondeu ele.

— Então, você dá o seu código para os jardineiros e para o pessoal da piscina?

— Não exatamente. Há um zelador que permanece na propriedade apenas por parte do ano. Ele os deixa entrar e também faz alguma manutenção. O zelador fica em dois quartos no sótão, em cima do estaleiro, mas tem que ir embora quando o verão começa. Os ricos não gostam de estranhos na propriedade.

— Mas ele vive ali oito meses por ano?

— Por aí — respondeu o corretor.

— Então ele conhece a casa melhor do que ninguém?

— Creio que sim.

— Qual o nome dele?

— Gianfranco Luca.

— Onde posso encontrá-lo?

— Ele trabalha na praia durante o verão. Lidera uma pequena equipe que faz massagens em

turistas.

O garçom estava por perto, e acenei para que ele trouxesse a conta. Kaya se ofereceu para me dar uma carona de volta à Cidade Velha, mas respondi que o dia estava lindo e que eu preferia caminhar. Ele se levantou, nós nos cumprimentamos com um aperto de mãos e ele me deu um cartão de visita — no formato de uma barra de ouro —, me dizendo para ligar caso precisasse de mais alguma informação.

Apenas quando ele saiu e eu esperava pelo troco, olhei para o cartão e resolvi mais um dos mistérios da vida. No canto inferior direito havia o seu número de telefone.

Os sete primeiros dígitos eram 9, 0, 2, 5, 2, 3, 4 — números que alguém escrevera no Eastside Inn e jogara na privada. Percebi que a pessoa que estivera hospedada no Eastside Inn vinha fazendo pesquisas para alugar uma mansão de luxo na área. Algo como a Casa Francesa.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Não voltei para a cidade. Em vez disso, atravessei o estacionamento do restaurante, fui até a praia e encontrei um quiosque que alugava espreguiçadeiras e guarda-sóis.

Montei um acampamento na areia, tirei os sapatos e o paletó, coloquei-os na cadeira, arregacei as pernas da calça e deixei as ondas lambem meus pés enquanto caminhava pela praia.

Na outra extremidade, ao pé de uma pequena ribanceira, escondido em meio a um grupo de pedras esparsas, encontrei a base de Gianfranco. Quase que por acidente, movendo-me pela sombra projetada pelas pedras, aproximei-me por trás.

Os tapumes de lona estampados com o nome do empreendimento supostamente deveriam garantir privacidade, mas tinham sido tão mal-arranjadas que tive a oportunidade de observá-lo através de uma fresta.

Gianfranco tinha seus vinte e poucos anos, era moreno, barba de dois dias e cabelo ondulado. Sim, ele era bonito, mas provavelmente não tão bonito quanto pensava: seus olhos eram muito fundos e parecia um pouco musculoso demais.

No entanto, devia ser atraente para mulheres alemãs de meia-idade de férias em busca de diversão e talvez algo um pouco mais físico sob o sol quente da Turquia. Uma delas estava deitada de bruços sobre a mesa de massagem, a parte superior do biquíni desatada e uma toalha cobrindo-lhe as nádegas.

Trajando nada além de uma tanguinha branca, Gianfranco trabalhava as costas da mulher com um de seus vinte óleos — preparados a partir de receitas antigas, segundo a baboseira anunciada em seus tapumes de lona —, correndo os dedos levemente pelas laterais dos seios da mulher. Ela não fez nenhuma objeção, e ele se inclinou ainda mais, deslizando as mãos sob a toalha que cobria a bunda dela e aproximando a tanga branca a uns três centímetros de seu rosto.

Era impossível saber se as mãos dele estavam por baixo do biquíni ou não, mas não importava — elas estariam em breve. Lembram-se do tempo em que as mulheres de meia-idade divorciadas saíam de férias e a coisa mais ousada que faziam era beber demais e comprar algumas lembranças bregas? Não é de admirar que as lojas turísticas da Cidade Velha

estivessem indo à falência.

Quando ele apalpou seu traseiro sob a toalha, a mulher elogiou a força de suas mãos. Imaginei que o inglês fosse a única língua que tinham em comum.

— Sim, eu as fortaleci quando criança — disse ele. — Trabalhei em um lava a jato de carros e era especialista em cera e polimento geral.

— Aposto que sim — disse ela rindo, a voz cada vez mais gutural. — Você também fazia interiores?

— Ah, sim — respondeu ele. — Eram a minha especialidade. — Ele se inclinou para mais perto. — Ainda são, só cobro um pouco mais nesse caso.

— E um tratamento completo? Quanto custaria?

Ele sussurrou em seu ouvido e ela pareceu concordar.

— Você aceita cartões de crédito?

— É claro — respondeu ele, sorrindo, as mãos claramente dentro da roupa de banho da mulher. — Aqui o serviço é completo.

— Fico feliz em ouvir isso — disse ela, a mão tocando a coxa musculosa e começando a se mover em direção à sunga.

Era um pouco como assistir a um acidente de trem, difícil de afastar os olhos, mas eu temia que a alemã estivesse prestes a manipular aquela tanga, então atravesssei os tapumes.

— Gianfranco, certo? — perguntei alegremente, fingindo não ter notado nada de estranho.

A mulher afastou a mão da coxa dele na mesma hora e se certificou de que a toalha cobria sua bunda. Gianfranco, por outro lado, ficou furioso, e começou a me admoestar pela invasão, apontando para os tapumes e me dizendo que eu teria sorte se ele não quebrasse a minha cara.

Eu estava disposto a esperar que ele se acalmasse, mas, quanto mais pensava no cartão de crédito não utilizado, mais ele ficava furioso, e tentou me dar um empurrão.

Interceptei seu braço no ar, tão rápido que acho que ele nem percebeu o que estava acontecendo, e pressionei o polegar e o indicador direito contra o osso. O Krav Maga me ensinara que existe um nervo ali que, quando pressionado, paralisa parte da mão.

Gianfranco sentiu os dedos amolecerem — provavelmente não foram as únicas partes do corpo dele que amoleceram — e percebeu que sua mão não estava respondendo. Ele olhou para mim, e eu sorri.

— Sou do FBI — falei, alegremente.

A alemã já havia saído da maca, vestido o sutiã e recolhia seus poucos pertences de uma cadeira.

— O que você quer? — perguntou ele.

Peguei seu calção sobre uma mesa, joguei-o na direção dele e esperei enquanto Gianfranco

os vestia com a mão boa.

— Estou investigando um assassinato na Casa Francesa — falei.

— O que isso tem a ver comigo? Só trabalho lá no inverno.

Anotei a resposta com muito cuidado, mas passei para a pergunta seguinte sem qualquer pausa aparente. Basta manter a normalidade, disse para mim mesmo, sem pressionar.

— Foi o que ouvi dizer. Um pouco de manutenção, deixar o cara da piscina entrar, ajudar os jardineiros... é isso?

— Sim.

Ele flexionava os dedos, sentindo os movimentos voltarem.

— Quanto você recebe?

— Nada. Moradia de graça, só isso. No verão, preciso ganhar dinheiro suficiente para me manter o ano inteiro.

Ele olhou para a direção na qual a *hausfrau* alemã desaparecera.

— Por falar nisso, muito obrigado. Ela renderia ao menos uns cem dólares.

Ignorei-o.

— Você vive em cima do estaleiro, certo? Como entra na casa?

— Há uma escada nos fundos que sobe o penhasco.

— Protegida por um portão de segurança e um teclado eletrônico. Você usa o código do Sr. Kaya?

— Sim, quando ele se lembra de passá-lo para mim.

— E se não pode usar a escada, como consegue chegar lá em cima?

— Não entendi.

— Claro que entendeu. Há outra maneira de entrar na propriedade, não há?

— Você quer dizer subir o penhasco com cordas e ganchos?

— Não banque o engraçadinho. Como alguém pode chegar lá em cima evitando os portões e as câmeras?

— Não sei do que você está falando — disse.

Não respondi. Apenas continuei olhando para ele, e embora Gianfranco tenha ficado cada vez mais desconfortável, não acrescentou mais nada.

Dei de ombros e deixei passar. Eu sabia que ele estava mentindo — Gianfranco era tão cheio de merda que, caso eu lhe desse um purgante, ele caberia dentro de uma caixa de sapatos.

A razão da minha certeza era simples. Quando começamos a conversar, eu dissera estar investigando um homicídio. Todos em Bodrum pensavam que a morte de Dodge fora acidental — até mesmo Kaya, o corretor de imóveis, ficou surpreso quando eu disse que se tratava de

um assassinato —, e percebi que Gianfranco não demonstrara qualquer surpresa. Nenhuma.

Eu não sabia dizer qual havia sido a participação dele nos acontecimentos que se deram naquela casa, minha intuição era a de que provavelmente participara muito pouco, mas ele sabia que havia outro caminho para subir até a casa.

— Obrigado por sua ajuda, Sr. Luca — falei. — Tenho certeza de que voltaremos a nos falar.

Ele não pareceu muito feliz com tal perspectiva, e talvez eu tivesse mudado de ideia e permanecido ali para esclarecer as coisas com ele, mas eram três e quarenta da tarde. Era hora de ir embora.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Voltei para minha cadeira de praia, calcei os sapatos e caminhei rapidamente de volta para a cidade. Utilizando o mapa na minha mente, desci meia dúzia de ruas estreitas, contornei uma praça e, bem à minha frente, vi o tráfego pesado que passava pela avenida que eu procurava.

Cheguei ao cruzamento, olhei em ambos os sentidos para localizar o número cento e setenta e seis e percebi que já estivera ali antes.

De repente, o mundo se deslocou em seu eixo.

Naquele momento — um ponto cristalino no tempo —, o equilíbrio daquela investigação sem esperança pendeu a meu favor, e eu sabia que encontrara a cabine telefônica que estava procurando.

Ficava no outro lado da rua, a uns dez metros de um posto de gasolina. Eu a reconheci porque era uma das cabines que fotografara no meu primeiro dia. Ao meu redor, ouvia o barulho do tráfego registrado no fundo da gravação do Echelon. O número cento e setenta e seis era o posto de gasolina e, ao contrário da primeira vez em que estive lá, havia um frentista sentado em uma cadeira do lado de fora. Era Ahmut Pamuk e, em uma mesa à sua frente, havia um pedaço de couro e ferramentas para trabalhar madeira que ele usava para consertar um tradicional instrumento de cordas turco.

Consertando um instrumento hoje, pensei, tocando-o em outra oportunidade. Uma *çigirtma*, por exemplo.

Fiquei imóvel e, como já fizera diversas vezes em meu trabalho, excluí a confusão do mundo ao redor e voltei-me para o interior da minha mente. Vi uma mulher se aproximando: ou veio a pé e passou junto às bombas de combustível, ou chegou de carro e deixou-o ao lado do posto de gasolina — aquele era o único lugar para estacionar nas imediações.

Ela andou até a cabine telefônica, esperou que o telefone tocasse e, em seguida, pegou seu celular com a mensagem gravada. Não havia lojas ou casas nas proximidades onde alguém pudesse tê-la observado, e provavelmente essa era a razão da escolha do lugar, mas seu celular estava longe o bastante do bocal do telefone para que o Echelon capturasse o ruído do tráfego e o som do instrumento musical de Ahmut Pamuk.

O músico deveria estar à sua mesa de trabalho, tocando aquele estranho instrumento de

sopro, provavelmente escrevendo as notas da canção popular e se preparando para enviá-la para os arquivos da Turquia.

Eu não disse nada, não fiz nada, não senti nada. Revisei aquilo mentalmente para ter certeza de que a minha necessidade de informações não deturparia a lógica. Enfim satisfeito, determinado a não me render a qualquer emoção, voltei-me e olhei para cada centímetro quadrado do escritório e do telhado do posto de gasolina. Estava procurando por marcadores, e apenas quando os encontrei liberei meus sentimentos e deixei o coração se elevar.

Contra todas as probabilidades, trabalhando com nada mais do que alguns sons captados por acidente, eu encontrara a cabine telefônica e — graças ao que acabara de ver — sabia que tinha uma chance de identificar a mulher.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

Atravessei metade da avenida, escalei um gradil oxidado usado para dividir as pistas, esquivei-me de uma profusão de veículos que vinha em sentido contrário e caminhei em direção a Pamuk. Ele percebeu que estava me aproximando e não se preocupou em esconder seu desprezo. Isso ao menos me permitiu dispensar as gentilezas.

— Você tem ou pegou emprestada uma *çigirtma* de alguém? — perguntei.

— Uma o quê? — respondeu ele.

Eu tinha certeza de que minha pronúncia não era tão ruim e que ele apenas estava sendo um babaca.

— Uma *çigirtma* — repeti.

O turco pareceu ter ficado na mesma e deu de ombros.

— Não sei do que você está falando, americano. Talvez seja o sotaque.

Consegui manter a calma, peguei um furador de costura — um espeto longo e pontudo que ele usava para perfurar couro — e arranhei o tampo da mesa com aquilo.

— Ei! O que você está fazendo? — interveio Pamuk, mas eu o ignorei.

— Aí está — falei quando acabei de riscar o nome do instrumento. — Reconhece agora?

— Ah, sim — disse ele, mal olhando para o que estava escrito. — Uma *çigirtma*.

Estranho. Soou quase idêntico à minha pronúncia.

— Você estava tocando uma aqui nessa mesa há uma semana? Talvez uma canção popular para os arquivos?

Eu só estava perguntando para ter certeza absoluta de que havia encontrado a cabine telefônica certa: muitas investigações foram malsucedidas devido a agentes que, desesperados por informações, acabaram pulando direto para conclusões equivocadas.

— Não sei. Não me lembro disso — falou ele com tanto mau humor que era difícil de acreditar.

Devo admitir que eu me sentia empolgado. Após tanto tempo, estava perto de encontrar uma pista tangível no labirinto, e talvez tenha sido por isso que estourei. Eu ainda segurava o furador de costura, uma coisinha muito perigosa, e a mão esquerda de Pamuk descansava sobre a mesa. Fui tão rápido que duvido que ele tenha chegado a ver. Cravei a ponta do instrumento

através da fina pele entre seu polegar e indicador, prendendo a mão do músico à mesa. Ele gritou de dor, mas deveria ter me agradecido pela boa pontaria. Um centímetro para cima ou para baixo, e ele nunca mais voltaria a tocar baixo.

Na mesma hora agarrei seu antebraço para imobilizá-lo. Em uma situação assim, o impulso da maioria das pessoas é puxar a mão. Se Pamuk tivesse feito isso, teria rasgado a carne e aumentado o dano consideravelmente. Imobilizado, tudo o que ele sofreria seria uma perfuração, que, apesar de dolorosa, curaria em pouco tempo.

Foi engraçado, porém, como o fato de ter um espeto de aço cravado na mão deixou-o subitamente concentrado. Ele olhou para mim, ouvindo cada palavra que eu dizia, mordendo o lábio de dor.

— Você é um bom baixista — falei. — Talvez um dos melhores que já ouvi. E sei bem do que estou falando. Mas o mundo não tem culpa só porque as coisas não deram certo para você.

“Você não gosta de tocar covers? Então pare. Componha, promova shows de música popular para os turistas, faça *alguma coisa*, mas deixe essa sua atitude de lado.

“Esse é o conselho e aqui vai o aviso: minta para mim agora e eu prometo que não vai ser capaz de fazer nenhuma dessas coisas, nem mesmo tocar ‘Mamma Mia’ pela milésima vez. Você terá sorte se conseguir dedilhar um ukulele com os dentes, entendeu?

Ele assentiu, assustado, provavelmente pensando que eu era algum tipo de psicopata sancionado pelo governo americano. Pensei em dizer que gente assim pertencia aos correios, não ao FBI, mas decidi deixar passar. Pedi que ele se mantivesse imóvel e consegui extrair o furador sem provocar mais danos. Ele engasgou com a dor, mas isso não foi nada comparado ao berro que deu quando encharquei a ferida com uma dose da garrafa de raki que estava aberta sobre a mesa.

— O álcool é um ótimo antisséptico — expliquei.

Então, peguei um pedaço de linho branco com o qual ele poliria o instrumento popular quando acabasse o concerto e atei-o ao redor da mão do músico. Fiz aquilo com muita habilidade, apertando apenas o bastante para aliviar a dor e restringir o sangramento.

— Você era médico? — perguntou.

— Não — respondi. — Mas aprendi um pouco ao longo do caminho. Sobretudo fazendo curativos em ferimentos de bala.

Ele olhou para mim e percebeu que eu não estava brincando. Essa era a atitude da qual eu precisava.

— Você estava tocando *çigirtma*? Sim ou não? — perguntei de novo assim que terminei o curativo.

— Sim — respondeu ele, agradecido por ter sua mão de volta e flexionando os dedos para

se certificar de que ainda estavam funcionando.

— Como foi a minha pronúncia desta vez? Boa?

— Nada mau — disse ele. — Parece ter melhorado muito, graças ao furador.

Não consegui evitar e ri. Então, servi-lhe uma dose de raki e recuperei o bom senso.

— Quero que você ouça um trecho de música — falei, pegando o MP3 player. — É você quem está tocando?

Ele escutou por um instante.

— Sim... sim, sou eu — respondeu com a voz repleta de surpresa.

Soube então, sem qualquer dúvida, que a lógica não fora vítima da emoção.

— Como você gravou isso? — perguntou Pamuk, apontando para o MP3 player.

— Alguém veio abastecer aqui — menti. — A pessoa no carro estava ao telefone e deixou uma mensagem em uma secretária eletrônica em Nova York. A música estava tocando ao fundo. Esta é uma investigação de homicídio. Não posso dizer mais nada.

A última coisa que queria era revelar a importância da cabine telefônica. Nem mesmo pretendia fazer alusão à sua existência. Tive o prazer de perceber que ele acreditou piamente na minha explicação.

— Nova York? — disse ele, sorrindo. — Uau... finalmente me tornei um músico internacional.

Sorri e apontei para o que eu vira no escritório e no telhado do posto de gasolina.

— Você tem câmeras de vigilância — falei.

— Sim, no caso de alguém ir embora sem pagar. Assaltos à mão armada também, mas isso não acontece há anos.

— Ouça, Sr. Pamuk, isso é importante. Qual o sistema utilizado para gravar as imagens? Fita ou disco?

— É bem velho. Fita — respondeu ele. — Fita VHS.

— Onde ficam? O sistema e as fitas.

— Bem aqui, no escritório

— Certo. Como as fitas são catalogadas ou arquivadas?

Ele riu.

— Arquivadas? Há uma caixa e as fitas são jogadas ali dentro.

— Depois são reutilizadas? Regravadas?

— Isso mesmo — disse ele.

Era exatamente o que eu temia: que uma das câmeras tivesse capturado a mulher se aproximando da cabine telefônica a pé ou de carro, mas que a fita tivesse sido reutilizada e as filmagens, apagadas.

— Tudo bem — falei. — Diga-me como funciona, então. Quem muda as fitas?

— Todos nós. Quem estiver trabalhando — explicou ele. — A primeira coisa a fazer quando você começa o seu turno é conferir o dinheiro na caixa registradora, e, em seguida, verificar o equipamento de gravação. Se a fita estiver perto de acabar, você a ejeta, joga na caixa, seleciona outra, retrocede e aperta a tecla gravar.

— Dessa forma, algumas fitas podem acabar não sendo usadas durante semanas ou meses, certo? — perguntei.

— Claro. Depende de qual fita é pega. Pelo que sei, as que estão no fundo da caixa podem não ter sido usadas no último ano.

Pensei um instante: aquilo com certeza dependeria de sorte.

— O que acontece se alguém for embora sem pagar? — perguntei.

— Vamos até o aparelho, voltamos a fita, identificamos a placa e chamamos a polícia.

— Vocês dão a fita para eles? Para a promotoria ou algo assim?

Ele olhou para mim e riu, incrédulo.

— Estamos na Turquia, Sr. Wilson. Os policiais rastreiam a placa e vão ter uma conversa com o sujeito. Ele logo concorda em desembolsar o dobro da quantia registrada na bomba, e esse dinheiro vai para o posto. Também precisa pagar uma “multa”, que os policiais embolsam. Quem precisa de promotoria? Todo mundo fica feliz, exceto o cara que foi embora sem pagar, mas ninguém se importa com ele.

O sistema tinha suas vantagens para mim, também. Aquilo significava que nenhuma das fitas estava na delegacia de Bodrum ou à deriva no sistema judicial turco.

— E vocês assistem às fitas em uma TV no escritório, certo?

— Claro — respondeu ele.

Caminhei pela frente do posto de gasolina olhando para todas as câmeras, verificando seus campos de visão. Minhas chances eram baixíssimas. Caso tivesse chegado a pé ou de carro, ela teria de caminhar até a cabine telefônica. Se a mulher caminhou muito perto do meio-fio, então provavelmente nenhuma das câmeras a registrou. E isso, é claro, contanto que eu encontrasse a fita certa e que esta não tivesse sido regravada.

— As fitas têm codificação de tempo? Você pode ver a data, a hora e os minutos correndo em algum canto? — perguntei.

Ele assentiu, o que me deu uma vantagem: graças ao Echelon, eu sabia as datas e horários exatos dos telefonemas.

— Tudo bem — falei. — Leve-me ao escritório. Quero dar uma olhada nessas fitas.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Uma hora depois, sozinho, eu ainda estava sentado em frente a uma antiga TV preto e branco, a tela pouco maior do que minha mão e com uma imagem péssima.

Ao meu lado, havia uma grande pilha de fitas VHS já assistidas e uma pequena coleção daquelas que eu ainda não vira, o repositório de todas as minhas esperanças que diminuía cada vez mais. Eram também as esperanças do Ocidente, mas era melhor não pensar naquilo.

O escritório era apertado, e eu teria ficado surpreso se soubesse que o lugar fora limpo na última década. Apesar do calor — o ar-condicionado ainda não chegara aos postos de gasolina de Bodrum —, não havia nenhuma chance de eu cair no sono. A cadeira em que me sentava era tão bamba e desconfortável que eu tinha de levantar de tempos em tempos para dar uma chance de sobrevivência para minhas costas e minha bunda.

Durante todo esse tempo, parando apenas para jogar outra fita na pilha de descarte, o marcador de tempo decorrido passava diante dos meus olhos, ameaçando me deixar vesgo antes do fim do dia. Apenas para o caso de ficar confuso, eu escrevera data, hora e minuto de cada chamada telefônica e estabeleci uma margem de quinze minutos para mais e para menos apenas para ter certeza de que ela não chegara mais cedo ou que ficara nas redondezas após a chamada.

Verificando frequentemente a anotação e observando o marcador com o tempo avançando em direção a uma das datas específicas, cheguei perto algumas vezes. Nesses momentos, meu pulso acelerava e a fadiga diminuía, mas acabava vendo a fita parar de repente e, em seguida, recomeçar em uma semana diferente.

Em certa ocasião desesperadora, cheguei a cento e quarenta segundos do primeiro telefonema e tinha certeza de que a mulher estava prestes a entrar em cena quando o aparelho de TV foi subitamente tomado pela estática, a fita acabou e eu fiquei olhando para aquilo, desesperado e incrédulo. Ahmut Pamuk não estava brincando quando disse que o sistema era caótico.

Faltavam apenas três fitas quando ele apareceu à porta.

— Quer um café? — perguntou.

Hesitei. Devo ter parecido cético.

Ele riu.

— Sei o que você está pensando: chega dessa porcaria turca, tão espessa que você não sabe se bebe ou mastiga. Não estou oferecendo isso. O que estou sugerindo é uma xícara de java americano, tão fino quanto mijo, tão fraco que nós, turcos, normalmente o servimos em mamadeiras.

— Parece perfeito — falei.

— Com uma condição — respondeu ele. — Vou comprá-los, vou me humilhar diante do dono da cafeteria por sua causa, mas, se alguém estacionar, você terá de abastecer.

— Tudo bem — falei.

Com apenas três fitas sobrando, eu sabia que as chances de ver a mulher eram insignificantes, e já tinha praticamente desistido. Além de um milagre, um café era exatamente do que eu precisava.

Eu tinha terminado mais uma fita e estava no meio da penúltima quando Pamuk me entregou o café. Destampeei o copo, olhei em torno para encontrar uma lata de lixo, descartei a tampa e olhei para a tela. A data pulara nove dias e, com um crescente sentimento de surpresa, vi o código na parte inferior em rápida contagem regressiva para a data e a hora do segundo telefonema.

Verifiquei minhas anotações só para ter certeza, confirmei-as e não consegui tirar os olhos da tela. Atrás de mim, Pamuk estava parado à porta, bebendo seu café com consistência de melado, e eu sabia que, caso visse a mulher, não deveria reagir. Ele achava que eu estava procurando alguém que parara para abastecer e, se eu me revelasse um mentiroso, aquilo suscitaria diversas perguntas. Além disso, havia o risco, ainda que pequeno, de Pamuk conhecer a mulher. Totalmente neutro, falei para mim mesmo: mantenha a calma.

— Você foi sincero sobre aquilo que disse antes? — perguntou Pamuk, aproveitando a oportunidade para relaxar e bater um papo.

— O que foi que eu falei?

Continuei assistindo à filmagem, com medo de tentar adiantar a fita e perder alguma coisa.

— Que sou um dos melhores músicos que você já ouviu tocar.

— É verdade — respondi, olhando os segundos voarem e encerrarem mais um minuto. *Continue*, desejei silenciosamente. *Continue*.

— Você também toca? — perguntou Pamuk.

— Quando era garoto. Apenas o bastante para saber que nunca seria bom o suficiente. Na época, eu teria dado qualquer coisa para ter o seu talento.

Ele não disse nada. Eu queria olhar para o rosto dele para ver sua reação, mas não podia perder a concentração. Se conseguisse ver a mulher, seria muito brevemente. Lancei um olhar

para o aparelho de videocassete. Havia muita fita de sobra, mas, graças ao sistema de segurança do posto, aquilo não era nenhuma garantia. A qualquer momento, a fita podia pular um dia, uma semana, um mês. Olhei de volta para a tela, observando a passagem dos segundos e sentindo a presença de Pamuk às minhas costas.

Aquele homem cresceu em minha mente, e uma estranha emoção tomou conta de mim — suponho que todos os meus sentidos estavam sobrecarregados —, mas tive a sensação, a certeza, de que fora colocado em sua vida por algum motivo. Aquilo me fez lembrar do sacerdote que eu conhecera na Tailândia havia muito tempo e que dissera que talvez os nossos caminhos tivessem se cruzado para que ele pudesse me dizer algo. Aparentemente, era a minha vez de fazer o mesmo.

Minha concentração não vacilou, meus olhos não se moveram.

— Você odeia o seu trabalho — falei com calma. — Você odeia a música que tem de tocar, e isso é suficiente para dilacerar o coração de um homem. De qualquer homem.

Na tela, não havia sinal algum de um veículo ou pedestre. Nada. Talvez ela estivesse se aproximado a pé ou estacionando o carro, e tenha ficado tão rente à calçada que evitaria completamente o campo de visão da câmera — isso supondo que a fita não terminaria ou daria um dos seus saltos repentinos. Voltei a olhar para o código que marcava o tempo, cada vez mais perto do minuto da chamada.

Se eu não a visse em breve, a pequena janela se fecharia para sempre.

Mantive minha voz serena, neutra, sem demonstrar ansiedade ou agitação, e continuei:

— Conheci um homem certa vez, há muitos anos. Ele era um monge budista e me disse algo de que nunca esqueci. Disse que se você quiser ser livre, tudo que tem de fazer é desapegar.

Pamuk não respondeu, e eu, é claro, não podia ver o seu rosto. Observei o marcador de tempo avançando segundo após segundo. Onde ela estava?

Onde ela estava?

— Isso é bem interessante — disse Pamuk, afinal, e repetiu: — Tudo que você tem de fazer é desapegar. É isso que você está me aconselhando a fazer? Largar os trabalhos ruins?

— Eu não estou dando conselho nenhum. Mas talvez seja isso que realmente esteja fazendo aqui. Fui colocado no caminho para passar isso adiante, por assim dizer. Encare isso como um presente, se quiser.

Vi um carro na tela. Passou pelo quadro como se estivesse a ponto de estacionar: um Fiat, pensei, de cor escura, mas era difícil dizer em uma TV preto e branco. Não me inclinei para a frente na cadeira, mesmo desejando fazê-lo. Apenas flexionei os ombros como se estivesse me espreguiçando.

Verifiquei o marcador com o tempo. Quase perfeito. Momentos depois, uma mulher surgiu na direção de onde devia ter estacionado. Era uma muçulmana com um lenço cobrindo o cabelo, trajando o costumeiro vestido longo, correndo de cabeça baixa na direção da cabine telefônica.

Após passar pelas bombas de combustível, bem longe do meio-fio, ela enfiou a mão na bolsa e tirou o celular. Então parou, olhou em volta como se estivesse se certificando de que ninguém estava olhando, e vi seu rosto pela primeira vez.

Olhei para ela durante o que pareceram minutos, mas, de acordo com o marcador, não foram mais de dois segundos. Ela consultou as horas em seu relógio, foi até a cabine telefônica e desapareceu de vista.

Eu mal me movi. Mantive a atenção na tela, embora minha mente estivesse a mil, simulando aquilo que eu esperava ser a linguagem corporal certa para convencer Pamuk de que nada que eu vira ali me interessara. Pouco tempo depois — talvez alguns minutos, era difícil avaliar —, a fita acabou e não vi a mulher sair da cabine telefônica.

Usei a estática na tela como uma desculpa para me voltar e ver se Pamuk percebera algo de estranho. Ele não estava mais no escritório.

Eu fiquei tão imerso no que estava acontecendo na tela que não ouvi um carro chegar para abastecer e nem notei que Pamuk saíra para atendê-lo. Fiquei sentado, sozinho e em silêncio por um longo tempo, pensando na mulher que eu acabara de ver. Enfim me levantei e saí pela porta. Se nada mais, o ar fresco me faria bem.

Pamuk acabara de atender outro cliente e, quando o carro se foi, ele se voltou para mim.

— Encontrou o que estava procurando? — perguntou.

— Não — menti.

— É por isso que está tão pálido?

— Algumas horas nesse suposto escritório fariam isso a qualquer um — respondi.

Ele sorriu.

— Eu gostaria de lhe agradecer pelo que você disse. Aquela coisa de ser livre.

— De nada. Desculpe por tê-lo machucado com o furador.

— Acho que eu mereci. Já era tempo de alguém me acordar. — Ele riu.

Apertamos as mãos e fui embora. Nunca mais voltamos a nos ver, mas, alguns anos depois, eu estava escutando a Rádio Pública Nacional e ouvi uma entrevista com ele. Soube que, àquela altura, ele já compusera diversos hits de sucesso tocando instrumentos tradicionais e se tornara uma espécie de Kenny G turco. Seu álbum mais vendido se chamava *Se você quiser ser livre*.

Sozinho, imerso em pensamentos, desci a estrada em meio à tarde que se transformava em

noite. Eu não trouxera comigo a fita VHS, a única coisa que teria ajudado a identificar a mulher, porque não precisava dela. Eu reconhecera seu rosto quando ela parou para olhar ao redor.

Era Leyla Cumali.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

Pouco depois do 11 de Setembro, quando a Força Aérea dos Estados Unidos começou a bombardear o Afeganistão para tentar aniquilar a liderança da al-Qaeda, uma mulher que vivia em uma aldeia remota tornou-se uma lenda nas mesquitas onde o fundamentalismo islâmico florescia.

A Força Aérea jogara várias bombas guiadas a laser em uma casa comum, mas, infelizmente, a Comunidade de Inteligência americana errara outra vez. Um homem chamado Ayman al-Zawahiri não estava na casa. Apenas sua esposa e alguns de seus filhos.

Do nada, no meio de uma noite gelada, as enormes explosões arrasaram a casa e mataram a maioria das crianças. A mãe delas, entretanto, sobreviveu, ainda que tenha ficado gravemente ferida. Quase na mesma hora, homens das casas vizinhas foram até as ruínas e, amaldiçoando os americanos e jurando vingança eterna, removeram os escombros com as próprias mãos para chegar até onde estava a mulher.

Ela não conseguia se mover, mas estava consciente e sabia que, em meio ao caos do ataque, não tivera a oportunidade de colocar o véu. Ela ouviu os vizinhos cavando e se aproximando e, quando chegaram ao alcance de sua voz, ela ordenou — frenética — que parassem. Como esposa de um fundamentalista islâmico e muçulmana devota, ela não permitiria que qualquer homem com quem não tivesse uma relação direta visse o seu rosto. A mulher falou que preferia morrer a deixar que aquilo acontecesse, e essa não foi uma ameaça vazia. Apesar dos apelos da equipe de resgate e de muitas de suas amigas, ela não mudou de ideia. Assim, várias horas depois, ainda sem véu, ela sucumbiu aos ferimentos e morreu.

Eu lera a respeito do incidente logo após o ocorrido, e pensava mais uma vez neste alto grau de devoção religiosa ou loucura — escolha a definição que achar melhor —, enquanto andava pelas ruas de Bodrum. Na minha mente, aquele era exatamente o tipo de mulher que eu esperava encontrar usando uma mensagem pré-configurada em um celular para se comunicar com o terrorista mais procurado do mundo. Em vez disso, descobri Cumali — uma mulher moderna e trabalhadora pela maioria dos padrões atuais, dirigindo sozinha um carro preto italiano —, e eu simplesmente não conseguia fechar esse círculo.

Com certeza, o sujeito no Hindu Kush era o primeiro de uma nova geração de fanáticos

islâmicos — inteligentes, bem-educados, com habilidades tecnológicas —, o tipo de homem que fazia os sequestradores dos aviões do 11 de Setembro parecerem os bandidos ignorantes que de fato eram. Finalmente, o Ocidente encontrara um inimigo digno de medo, e eu acreditava que ele era o futuro: muito em breve, todos sentiríamos saudades dos bons e velhos tempos dos sequestradores de aviões e dos homens-bomba. Contudo, por mais sofisticado que fosse, ele ainda era um ferrenho discípulo do islã, e, no entanto, sua única colaboradora parecia ser tudo, menos uma fundamentalista. Sim, ela se vestia de forma modesta, de acordo com a sua religião, mas Leyla Cumali estava longe de parecer a esposa de al-Zawahiri.

Parei do lado de fora de um bar perto de um calçadão de praia popular entre o grande contingente de mochileiros de Bodrum e recusei o estridente convite de três jovens alemãs para que me juntasse a elas. Olhei em torno e, mais adiante na rua, vi o que precisava: um banco tranquilo imerso em sombras no qual me sentei e liguei para Bradley.

Interrompi-o enquanto comia um sanduíche em sua escrivaninha, dei-lhe uma rápida atualização sobre a história da Casa Francesa e passei-lhe o número de telefone do corretor imobiliário. Então, abordei o verdadeiro motivo da ligação. Disse que a única outra notícia importante era que a mulher encarregada da investigação parecia ser muito competente.

— O nome dela é Leyla Cumali — falei. — Lembre-se dela, Ben. Acho que ainda vamos lidar muito com ela. Tem seus trinta e poucos anos, é divorciada, mas, além do fato de ela estar aqui há poucos anos, não sei mais nada a seu respeito.

Soou bastante natural, mas eu esperava que Bradley tivesse entendido que deveria ligar para nosso amigo em comum e mandar o seu pessoal descobrir o máximo possível sobre ela. Bradley não me decepcionou.

— Cumali, você disse? Poderia soletrar?

Soletrei, mas não fiz menção de informar Sussurrante de que ela era a mulher na cabine telefônica. Apesar de aquela ser uma grande revelação, eu estava preocupado. Ainda não sabia o suficiente a seu respeito, ela não se encaixava no perfil que eu imaginara, e temia que alguém no governo, talvez o próprio presidente, pedisse que ela fosse secretamente capturada, deportada para algum país do Terceiro Mundo e torturada até revelar a identidade e a localização do Sarraceno. Na minha opinião, isso poderia ser um grande desastre.

Desde o início, eu acreditava que a mulher envolvida tinha um meio de entrar em contato com o Sarraceno e estava certo de que o método mais provável seria uma mensagem inócua em um fórum da internet — algo como um site de namoro ou escondido em meio aos anúncios pessoais de uma miríade de diferentes publicações eletrônicas. Tal mensagem, irrelevante para qualquer outra pessoa, teria muito significado para ele.

E esse inteligente sistema tinha outra grande vantagem: podia ser usado como armadilha.

Uma pequena alteração — uma mudança na ortografia de uma palavra, por exemplo — indicaria ao Sarraceno que ela estava agindo sob coação e que ele deveria fugir. Uma vez avisado de que estávamos no seu encalço, creio que jamais conseguiríamos pegá-lo.

Por esse motivo, eu queria dizer diretamente a Sussurrante que prendê-la e torturá-la poderia resultar em catástrofe. Também queria ser capaz de lhe dar mais detalhes sobre a relação entre uma policial turca moderna e um fervoroso terrorista árabe.

Ao cair da noite, eu me dei conta de que tinha uma oportunidade perfeita para pesquisar a vida de Leyla Cumali de forma mais profunda.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

Ainda sentado no banco, as sombras se estendendo ao meu redor, disquei outro número.

— Boa tarde, Sr. Brodie David Wilson — disse o gerente ao ouvir minha voz. — Talvez você tenha aventuras mais para mim e para o pessoal da madeira?

— Hoje não — respondi. — Quero saber sobre o Circo do Estado em Milas. Quando começa e quando termina o espetáculo?

— Você é um homem de muitas grandes surpresas. Deseja fazer uma visão no circo?

— Não, estava pensando em participar do show.

Ele riu.

— Você brinca.

— Sim — admiti. — Um colega sugeriu que eu fosse, e queria saber quanto tempo duraria.

— Vou consultar on-line na internet — disse ele, e eu o ouvi digitando em um teclado. — Sim, aqui está, tudo na língua do povo turco. É muita sorte para você poder contar com meus orifícios como tradutor.

— E que excelentes orifícios eles são — falei.

— O horário é o seguinte: a Grande Parada começa às seis da noite e a extravagância dos últimos momentos termina às onze e meia.

Agradei e desliguei. A escuridão caía por volta das oito e meia, de modo que, na calada da noite, eu poderia chegar à casa de Cumali por volta das nove. Até ela voltar de Milas já seria mais de meia-noite, dando-me três horas para trabalhar.

Obviamente aquilo era uma suposição — uma crença inquestionável de que o circo acabaria no horário. Era de se esperar que eu já tivesse aprendido quão perigosas podem ser as suposições.

Olhei para um relógio em um edifício próximo: eram cinco horas da tarde. Quatro horas até meu encontro clandestino no antigo porto, quatro horas para fazer um passeio de barco, quatro horas para encontrar um caminho secreto.

Primeiro, porém, eu precisava encontrar uma loja que vendesse materiais de construção.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

O pequeno barco de pesca correu paralelo à Praia do Alemão e, no último minuto, o experiente capitão reverteu o motor, girou a roda do leme com rapidez e fez uma parada perfeita junto ao cais de madeira.

Quando abordei o velho sentado na marina de Bodrum consertando um dos guinchos do barco e falei sobre a viagem que tinha em mente, ele imediatamente recusou.

— Ninguém vai lá — disse ele. — A Casa Francesa é... — Incapaz de encontrar a palavra em inglês, ele imitou uma faca cortando a própria garganta e entendi o significado: proibida.

— Eu sei — respondi. — Mas não para a polícia — completei, exibindo meu distintivo.

Ele olhou aquilo por um instante e, em seguida, pegou-o para examiná-lo mais de perto. Por um segundo, pensei que o morderia para ver se era verdadeiro.

Em vez disso, ele o devolveu, ainda cético.

— Quanto? — perguntou.

Expliquei que ele teria de esperar por mim — ao todo, demoraríamos umas três horas — e ofereci um pagamento que imaginei ser mais do que generoso. Ele olhou para mim e sorriu, exibindo uma bela arcada de dentes quebrados.

— Pensei que você quisesse alugar o barco, não comprá-lo. — Ainda rindo de sua sorte, deixou o guincho cair entre as redes e fez sinal para eu subir a bordo.

Quando aportamos junto ao cais, galguei a amurada do barco e, segurando um saco plástico no qual eu carregava um dispositivo que comprara em uma loja de materiais de construção, desembarquei. O penhasco se erguia acima de nós, e eu sabia por experiência própria que ninguém que estivesse na mansão ou nos jardins poderia nos ver. Mesmo assim, eu era grato à cobertura fornecida pelas sombras de fim de tarde, embora não conseguisse explicar o porquê: tudo que eu sabia era que não gostava da casa, não gostava da Praia do Alemão e estava certo de que também não gostaria do que encontraria ali.

La Salle d'Attente — a Sala de Espera. Graças à localização da casa, eu estava convencido de que seus muitos visitantes ao longo de todos aqueles anos estiveram ali à espera de um barco. De acordo com histórias um tanto esquecidas, eles chegavam em Bodrum sem serem vistos, passavam dias na sinistra privacidade da propriedade e, em seguida, iam embora em

circunstâncias igualmente misteriosas.

Percebi que, naquela época, provavelmente haveria uma lancha com cabine ancorada no estaleiro — uma embarcação na qual os visitantes pudessem se esconder enquanto se dirigiam para um encontro com algum cargueiro de passagem.

Mas descer o penhasco pelo caminho não fazia sentido — assim, os visitantes ficariam expostos ao público. Era por isso que eu acreditava que deveria haver outra maneira de descer da mansão até o estaleiro.

Chamei o capitão, disse que subiria a escada, caminhei ao longo do cais e, assim que fiquei fora de vista, comecei a examinar o estaleiro. Erguia-se rente ao penhasco e, em meio às sombras, em pouco tempo encontrei o que procurava: uma porta que dava acesso ao interior do local. Apesar de estar trancada, a madeira era velha e rapidamente cedeu sob a pressão do meu ombro.

Saí da penumbra e entrei na escuridão. O lugar era enorme, e ali, apoiada sobre trilhos submersos, havia uma antiga lancha de cabine perfeitamente conservada. Não pude deixar de me perguntar quais bundas haviam se sentado nos suntuosos assentos de seu escuro interior.

Em uma das extremidades, havia um par de largos portões movidos a guinchos elétricos que davam acesso à água. No extremo oposto, havia vestiários, dois chuveiros, um banheiro e uma grande oficina. Ao longo de uma das paredes uma escada íngreme levava para cima.

Abri o saco plástico, tirei o dispositivo que eu comprara e caminhei em sua direção.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

O lugar possuía dois pequenos cômodos. Durante o inverno, aquela era a casa de Gianfranco, mas agora a mobília estava coberta por camadas de poeira e tudo o mais estava empacotado.

Liguei o dispositivo portátil e vi a agulha do voltímetro ganhar vida. Era um aparelho caro de fina engenharia suíça, e eu estava confiante de que funcionaria, ao contrário da maioria de seus produtos similares que vinham da China. O dispositivo era usado pelo pessoal da construção civil para detectar cabos de energia em paredes e tetos, para que você não batesse um prego no lugar errado e levasse um choque.

Se houvesse uma porta secreta ou um alçapão no estaleiro, supus que deveria ser mecânico ou elétrico. A opção mecânica era mais complicada: você precisaria de alavancas e polias, correntes e contrapesos. Por outro lado, um sistema elétrico só precisaria de um motor, e eu achava que isso era o mais provável.

Ergui o dispositivo, posicionei suas pontas na parede e comecei a vasculhar. Procurava um cabo de energia que levasse a um interruptor escondido, mas, embora o dispositivo tenha encontrado muitos fios, todos levavam a pontos de luz ou de energia. Ao terminar as paredes, comecei a vasculhar o teto e o chão, sem melhores resultados.

Descendo ao andar de baixo, percebi que o vento aumentara e sacudia os portões que davam para o mar — uma tempestade estava a caminho —, mas ignorei o clima e entrei na oficina. O lugar, repleto de ferramentas elétricas e prateleiras com latas de tinta, ficava junto ao penhasco, e pensei que fosse o local mais provável de uma porta oculta. Comecei na parede dos fundos, trabalhando com rapidez.

A agulha do voltímetro deu sinal de vida, já que havia fiação em toda parte pelas paredes, mas só encontrei outra série de pontos de luz e força, que acabaram se revelando normais. O teto e o chão de cimento, mesmo sob as bancadas, não resultaram em nada, e fiquei desanimado.

Perguntando a mim mesmo se eu tinha ficado muito impressionado com as suásticas e por isso acabara me iludindo, fui até os vestiários. Minhas esperanças aumentaram quando encontrei um interruptor sob uma bancada de madeira. No entanto, ele acabou se revelando a chave de ignição para o aquecimento debaixo do piso.

Dali, fui até os chuveiros, mas decidi primeiro vasculhar o banheiro. Minhas possibilidades estavam se esgotando rapidamente.

Nada encontrei no teto e no chão, assim como em três das paredes, mas, na quarta, que possuía uma pia e um armário espelhado, detectei um sinal.

Não havia interruptores de luz ou pontos de energia na parede, mas o movimento da agulha não me animou: imaginei que fosse uma pequena luz no interior do armário. Abri a porta espelhada e, além de uma escova de dentes velha, não encontrei nada.

Usando o medidor, segui a fiação ao longo do gesso até chegar a um ângulo reto: a parede do vaso sanitário me deteve. Aquilo era estranho: um cabo elétrico correndo ao longo de uma parede lateral e desaparecendo em um canto. O que haveria atrás do vaso sanitário? Fiquei me perguntando. Bati na parede — era feita de blocos de pedra ou tijolo. Sólida.

Voltei para o armário e usei o medidor ao redor. O fio com certeza terminava atrás daquele armário. Basicamente não era nada mais que uma caixa de madeira, e olhei para o armário com cuidado: era velho e talvez tivesse sido instalado quando a casa fora construída, mas o espelho era novo. Considerei se algum funcionário da manutenção — Gianfranco — recebera instruções de substituir o espelho e, ao afastar o armário da parede, encontrara algo muito mais interessante por trás.

Usando a lanterna do meu chaveiro e o tato dos meus dedos, vasculhei as bordas da caixa. Se existisse algum interruptor ali, teria de haver uma maneira de alcançá-lo facilmente. Não havia nada aparente. Já estava começando a pensar em desaparafusar o armário da parede, ou simplesmente pegar um martelo da oficina e parti-lo em pedaços, quando encontrei uma pequena alavanca, oculta de forma bastante engenhosa sob a borda inferior.

Puxei-a, o armário se projetou para fora da parede e pude articulá-lo para cima: um exemplo perfeito da engenharia alemã.

Embutido na parede atrás do armário havia um botão de bronze com uma suástica entalhada. Eu o apertei.

CAPÍTULO CINQUENTA

Um motor elétrico fez um zumbido, e toda a parede do vaso sanitário se abriu. Era maravilhosa a forma como aquilo tinha sido construído: a parede era feita de blocos de pedra e devia pesar uma tonelada, e todos os canos de água e esgoto podiam se mover sem se romperem.

No interior da cavidade recém-aberta, havia um grande nicho que abrigava o motor elétrico que operava o mecanismo. Uma escadaria de pedra — ampla e bem-construída — descia em meio às sombras. Vi três interruptores de bronze na parede e presumi que eram para ligar as luzes, mas não os acionei. Não fazia ideia do que poderia haver à minha frente e, como qualquer agente secreto, eu sabia que a segurança residia na escuridão. Considerei encontrar o botão que fecharia a parede às minhas costas, mas rejeitei a ideia. Era mais seguro deixá-la aberta. Se eu tivesse de voltar correndo, não queria perder tempo com um interruptor e esperar uma porta se abrir. Mas aquilo se mostrou um erro.

Desci a escada em silêncio e entrei em um túnel alto o bastante para que pudesse ficar de pé. O túnel era bem-construído e drenado, com piso de lajotas e um duto de ventilação no teto. O ar era fresco e doce.

O fino feixe da minha lanterna iluminou o caminho à frente e, antes de ser engolido pela escuridão, ele mostrava o bastante do túnel para ver que este fora escavado em rocha maciça. Em algum lugar adiante, através do penhasco e muito abaixo dos extensos jardins, eu estava certo de que levaria à mansão.

Avancei, e meu fraco feixe de luz capturou um brilho de bronze na parede. Quando cheguei mais perto, percebi que havia uma placa engastada na rocha. Meu alemão estava um pouco enferrujado, mas foi suficiente. Com o coração apertado, li: “Pela graça de Deus Todo-Poderoso, entre os anos de 1946 e 1949, os seguintes homens — orgulhosos soldados do *Reich* — projetaram e construíram esta casa.”

Seguiam-se os nomes, as patentes militares e o trabalho que realizaram durante a construção. Percebi que a maioria deles era membro da Waffen SS — o braço armado de camisas pretas do partido nazista —, e embora eu estivesse muito longe de estar em segurança, a foto da mãe e seus filhos a caminho da câmara de gás cresceu diante de mim. Aquela era a seção da SS que operava os campos de extermínio.

Na parte inferior da placa havia o nome do grupo que financiara e organizara a construção da casa. Chamava-se Stille Hilfe — Ajuda Silenciosa —, e confirmou o que eu já suspeitava desde que vira as suásticas na parede da biblioteca.

A Stille Hilfe era uma organização — a ODESSA supostamente era outra — que ajudava nazistas foragidos, principalmente membros da cúpula da SS, a fugir da Europa. Foi uma das melhores redes clandestinas já estabelecidas, e qualquer um que tivesse atuado como agente de inteligência em Berlim teria ouvido falar dela. Pelo que me lembrava, a Stille Hilfe fornecia dinheiro, passaportes falsos e transporte ao longo de rotas secretas que eram conhecidas como “caminhos de ratos”. Tinha certeza de que a mansão fora construída como o ponto final de um desses caminhos, um local de embarque para levar os fugitivos e suas famílias para o Egito, Estados Unidos, Austrália e, principalmente, para a América do Sul.

Suspirei e percebi como eu estava errado: apesar do sistema de ventilação, o ar não era fresco e doce como eu pensara a princípio. Era fedorento e sujo, e eu corri, querendo terminar logo com aquilo e deixar para trás a terrível lembrança dos homens que haviam escapado por aquele túnel.

Mais à frente, o feixe da lanterna mostrou que eu me aproximava do fim do túnel. Esperara encontrar lances de escadas íngremes, então demorei um pouco até perceber que subestimara as habilidades de engenharia dos soldados alemães. O que encontrei, na verdade, foi um elevador.

CAPÍTULO CINQUENTA E UM

Rápido e silencioso, o pequeno elevador subiu pelo poço. Eu estava muito tenso. Não fazia ideia de onde emergiria ou se haveria mais alguém na casa.

O elevador parou com um solavanco, e pude ouvir o barulho de um motor elétrico. Quando a porta enfim se abriu, percebi como aquilo funcionava: a parede de pedra de um grande armário que ocultava o vão do elevador havia deslizado para o lado. Saí em meio à penumbra, caminhando rapidamente entre prateleiras de lençóis muito bem-passados, e abri uma porta com o mínimo de barulho possível.

O caminho dava para um corredor. Eu me encontrava no segundo andar, uma parte da casa onde não estivera anteriormente. Poderia ter ido embora naquele momento — eu já encontrara o caminho secreto para a mansão —, mas ouvi ao longe uma voz abafada e irreconhecível, então atravessei o longo corredor.

A voz parou, mas continuei avançando até me deparar com a grande escadaria. Do outro lado, havia uma porta parcialmente aberta que dava acesso à suíte principal.

Ali dentro, voltei a ouvir a voz: era Cameron, e ocorreu-me que ela poderia estar conversando baixinho consigo mesma, passando algum tempo no quarto com as lembranças do marido. Lembrei-me de como ela dissera que se deitava na cama para poder sentir o cheiro dele e imaginar que ainda estava ali. Então ouvi uma segunda voz.

Era uma mulher, uma jovem americana, e, a julgar pelo sotaque, era do Meio-Oeste. Ela dizia algo a respeito de algum restaurante quando parou de falar de repente.

— O que foi isso? — perguntou.

— Não ouvi nada — respondeu Cameron.

— Não, não é um som. É uma corrente de ar.

Ela estava certa — o vento soprava ao longo do túnel, subia pelo poço do elevador e saía pelo armário de roupa de cama.

— Você deixou a porta do estaleiro aberta? — perguntou Cameron.

— Claro que não — disse a outra mulher.

Ambas sabiam do túnel. Cameron deveria ganhar um Oscar por sua atuação no papel de esposa apaixonada.

— Talvez o vento tenha aberto as portas do primeiro andar — disse Cameron. — Há uma tempestade a caminho.

— Não sei. Vou dar uma olhada.

— Pensei que estávamos indo para a cama — respondeu Cameron.

— E estamos. Isso só vai demorar um minuto.

Ouvi uma gaveta sendo aberta e, em seguida, um clique metálico. Por conta de minha longa e infeliz experiência, eu conhecia o som de uma pistola sendo engatilhada, então me virei e corri em direção ao armário.

O corredor era muito longo, e na mesma hora percebi que, quando a mulher desconhecida saísse do quarto, ela me veria. Dobrei à esquerda, abri uma porta e entrei em um quarto de hóspedes. Fechei a porta silenciosamente e, com o coração disparado, fiquei no quarto escuro, torcendo para que ela descesse a escadaria.

Ela não desceu. Ouvei passos se aproximando e me preparei para derrubá-la e desarmá-la no momento em que a porta se abrisse. Ela passou pela porta — dirigindo-se à escada dos fundos, percebi — e eu lhe dei um minuto antes de deslizar de volta ao corredor.

Estava vazio. Corri até o armário, observei a parede secreta se fechar à minha passagem e esperei o elevador descer em direção ao túnel. Somente então encostei na parede e me concentrei, tentando gravar em minha memória o exato tom de voz da mulher.

Na verdade, eu não precisava ter me incomodado com aquilo — da forma mais estranha, foi o cheiro de gardênia que acabou se revelando significativo.

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

Caminhei ao longo da marina, ombros curvados contra um vento que aumentava rapidamente, meu rosto sendo atingido pelo borrifar das ondas que avançavam pelo mar. A tempestade de verão irrompera, selvagem e imprevisível, e raios e relâmpagos já iluminavam o horizonte.

Voltar da Casa Francesa através da baía fora uma batalha contra o vento e a maré. Quando chegamos à marina, até mesmo o capitão parecia estar se sentindo mal e, sorridente, me disse que talvez o negócio tivesse sido uma pechincha para mim, afinal de contas. Paguei-o e caminhei um tanto vacilante para o calçadão.

Ao fim da baía, encontrei o que vira alguns dias antes: um gueto de garagens e lojas decadentes especializadas em alugar motos e bicicletas elétricas para as legiões de turistas. Entrei na mais movimentada — é muito menos provável que alguém seja lembrado no meio de uma multidão —, procurei a mais comum das motos, uma Vespa, dei detalhes da minha carteira de motorista e passaporte para um sobrecarregado atendente e saí em meio à tempestade iminente.

Parei em uma loja de celulares e pequenos dispositivos eletrônicos. Olhei para o mostruário no balcão, apontei para o que precisava e comprei duas unidades.

Dobrei uma esquina, entrei em um beco deserto, parei em um trecho esburacado e sujei as placas com lama para torná-las ilegíveis. Era muito mais seguro do que removê-las — se um guarda de trânsito me parasse e se queixasse que era impossível ler as placas, eu simplesmente daria de ombros e diria que não tinha percebido. O objetivo da moto era simples: possibilitar uma fuga rápida caso as coisas dessem errado.

Exatamente por essa razão, ela deveria ser estacionada nos fundos da casa de Cumali. Assim, fui até o antigo porto, dei a volta por trás do enorme edifício que abrigava a Gul & Filhos, Marina e Carpintaria Naval, e peguei uma rua estreita que levava à área de carga. O lugar já estava fechado e, por sorte, não havia outros edifícios ao redor. Estacionei a Vespa atrás de uma fila de lixeiras junto a uma parede de tijolos nos fundos da propriedade de Cumali e, escondido pela noite, fiquei sentado sobre o veículo.

Com as primeiras gotas de chuva caindo ao meu redor, o vento gemendo ao passar pelo telhado de aço das instalações que lembravam um armazém, descii da Vespa, subi no muro e

caminhei rapidamente ao longo do topo.

A quatro metros do chão, o vento estava ainda pior, e tive de usar toda a minha concentração para ignorar os trovões e manter o equilíbrio enquanto me dirigia à garagem de Cumali.

Subi no telhado, me agachei e atravessei as telhas escorregadias por causa da chuva. Dali, tive de saltar através de um pequeno vão até os fundos da casa e me agarrar a uma grade de ferro que protegia uma janela do segundo andar. Eu não era mais tão jovem, nem estava tão em forma, mas, ainda assim, não tive dificuldade para subir por um emaranhado de canos velhos e ganhar o telhado da casa.

Fiquei de joelhos em meio à escuridão, removi quatro telhas de argila e caí dentro do sótão. Não era mobiliado, tampouco ocupado, e tive o prazer de ver que Cumali usava o lugar como um depósito — e isso significava que haveria um alçapão, o que me eximia da necessidade de abrir um buraco no teto.

Sem recolocar as telhas no lugar, atravessei o sótão devagar e deixei meus olhos se acostumarem à escuridão. Vi uma escada dobrável em uma parede e soube que localizara o alçapão. Com cuidado, eu o ergui alguns centímetros e olhei para a escadaria. Procurei uma luz vermelha piscando, o que revelaria um sensor, mas não havia nada. Percebi, então, que o lugar não possuía alarme contra roubo.

Abri o painel, baixei a escada silenciosamente e entrei na casa escura e silenciosa de Cumali.

Congelei.

Eu não estava sozinho. Foi uma mera sugestão de movimento, um som abafado — talvez um pé no piso de madeira —, mas percebi que tinha vindo de dentro do quarto na frente da casa. Do quarto de Cumali, imaginei.

Seria possível que ela não tivesse ido para Milas? Nesse caso, onde estaria o menino? Alguém teria ficado na casa — a babá, por exemplo? Eu não sabia a resposta, mas tinha uma solução paliativa. Saquei a Beretta da cintura e rastejei em silêncio na direção da porta.

Abri uma fresta, mas não havia quase nenhuma luz no interior. Se fosse Cumali, eu estaria em uma situação difícil. Porém, se fosse qualquer outra pessoa, eu ainda teria uma chance de lutar — a probabilidade de alguém ser capaz de me descrever após me ver no escuro, pego de surpresa e com o coração na boca, era tão baixa que poderia ser negligenciada. Eu só precisava manter em mente que deveria permanecer calado, pois meu sotaque estreitaria em muito a gama de suspeitos.

Atingi a porta com força, empurrando-a para trás em suas dobradiças e invadindo o cômodo — da maneira que haviam me ensinado. O barulho e a rapidez daquele movimento tinham a

intenção de abalar até mesmo o profissional mais experiente. Varri o quarto com o cano da Beretta e vi seus olhos — verdes — olhando diretamente para mim. Ele estava sentado na cama.

Lambendo as patas.

Era o gato malhado que eu vira se coçando na janela da cozinha. Droga. Eu devia ter me lembrado de que ela tinha um animal de estimação. Estou ficando descuidado, disse para mim mesmo.

Irritado, eu me virei, desci a escada e me vi na sala de estar. As cortinas estavam fechadas, o cômodo tomado pela escuridão, mas a primeira coisa que vi foi uma TV em um canto com um decodificador da Sky em cima. Olhei para aquilo e imaginei Cumali sentada no chão, de pernas cruzadas, o filho dormindo no segundo andar da casa, enquanto trabalhava a noite inteira copiando suas mensagens.

Estar tão perto daquilo acabou me estimulando, então corri até as janelas para me certificar de que as cortinas estavam bem fechadas. Acendi uma luz. A pior coisa a fazer quando você invade uma casa é usar uma lanterna: a luz vaza pelas janelas e nada chama mais a atenção de um vizinho ou de um passante do que um feixe de luz varrendo o interior de uma casa. Por outro lado, o brilho suave de uma lâmpada parece normal.

A um canto do quarto estava a caótica escrivaninha de Cumali, atulhada de arquivos e contas, apenas o monitor do computador e o teclado ocupando um espaço livre. Movi o mouse e a tela se acendeu. Felizmente, como a maioria das pessoas, Cumali deixara o computador ligado, e não precisei me preocupar em tentar desbloquear a senha ou remover o disco rígido. Enfiei a mão no bolso e tirei os dois pen drives que eu comprara na loja de telefonia móvel. Inseri um deles no computador — o outro era apenas um sobressalente, caso o primeiro não funcionasse —, e conhecia o bastante de Windows para ser capaz de ignorar o fato daquela ser uma versão turca do sistema e mandá-lo executar um backup completo.

Enquanto todos os seus arquivos e e-mails estavam sendo copiados para o pen drive, comecei a vasculhar a escrivaninha. Eu a dividi em quatro seções e procedi de forma bastante metódica, examinando tudo e me recusando a seguir com pressa. Usei a câmera do celular para fotografar qualquer coisa interessante, mas no fundo fazia aquilo por fazer. Não havia nada ali que parecesse indicar alguma conspiração sinistra.

Em meio a uma pilha de contas que esperavam para ser pagas, havia um arquivo contendo todas as contas de telefonia fixa e móvel de Cumali, e passei alguns minutos conferindo aquilo. Todos os números para os quais ligara pareciam dentro do esperado — com certeza não havia nenhuma chamada para o Paquistão, Iêmen, Afeganistão, Arábia Saudita ou qualquer outra zona quente do fundamentalismo islâmico. Também não encontrei nenhum código de

faturamento que indicasse números de retransmissão utilizados para ligar para um número de telefone no exterior. Pareciam ser ligações apenas para telefones da Turquia, nada mais, mas eu os fotografei de qualquer modo.

Nesse momento, a luz se apagou.

Senti uma fisgada de medo e, instintivamente, saquei a pistola. Agucei os ouvidos, mas nada ouvi, nem mesmo o gato. Levantei-me da mesa e fui sem fazer barulho até a janela para ver o que estava acontecendo lá fora. Afastei um canto da cortina e olhei para a rua: a tempestade havia piorado, e toda a área estava às escuras. Era um apagão.

É claro que eu deveria ter me perguntado se era apenas em Bodrum que aquilo acontecera ou se o apagão se estendera a outras áreas. Infelizmente, não fiz isso.

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

Obrigado a depender da minha lanterna, voltei à escrivaninha e comecei a vasculhar as gavetas, que se revelaram ainda mais estéreis.

Em um pedaço de papel — um jogo de palavras cruzadas recortado de um jornal londrino —, vi que alguém escrevera a palavra “peixe-palhaço” na margem. Talvez alguém estivesse tentando resolver um enigma. Ou talvez não. Aquilo fora escrito às pressas, quase um garrancho, e eu não saberia dizer se era a caligrafia de Cumali, e pelo sim, pelo não também fotografei.

Pouco depois, folheando as páginas de um antigo diário, encontrei uma lista manuscrita de animais marinhos — todos com seus nomes em inglês — que incluía as mesmas palavras. Mais uma vez, aquilo não significou nada para mim — talvez ela estivesse tentando ensinar algo ao filho —, então segui em frente.

Graças ao apagão, não vi mais problemas em usar a lanterna, todos em Bodrum também estariam usando uma, afinal, assim investiguei a sala, vasculhando as paredes de pedra e os pisos irregulares em busca de algum cofre oculto. Não havia nada, de modo que tirei o pen drive do computador — felizmente, a cópia dos arquivos tinha terminado antes da falta de energia —, voltei a subir a escada e fui até o próximo lugar onde provavelmente obteria resultados: o quarto de Cumali.

Estava prestes a começar a vasculhar a cômoda dela quando o feixe da minha lanterna iluminou um alto gabinete de arquivo dentro do closet. Tentei uma das gavetas e — estranhamente, pensei — descobri que estava trancado.

Abri a carteira, peguei um pequeno conjunto de gazuas e, mesmo fazendo muitos anos desde que eu aprendera a técnica, a tranca era tão simples que levei menos de um minuto para abri-la. A primeira gaveta estava repleta de arquivos de casos policiais — incluindo vários documentos sobre a morte de Dodge —, mas, por trás deles, em um vão nos fundos, descobri a razão pela qual Cumali mantinha o arquivo trancado. Ela não queria que o filho pegasse a pistola Walther P99 que encontrei ali.

Não havia nada de notável na presença da arma lá, muitos policiais mantinham uma pistola reserva em casa, mas localizei o número de série gravado no cano e o guardei em meu celular

para uma verificação posterior. Quem sabe? Em algum momento, em algum lugar, aquilo poderia ter sido usado ou registrado por alguém, e talvez isso pudesse me dar uma pista fundamental.

A próxima gaveta estava quase vazia: apenas contas carimbadas como “pagas” e um arquivo contendo uma conta discriminada do hospital local. Embora a maior parte daquilo estivesse em turco, os nomes dos medicamentos listados estavam em inglês, e, devido à minha formação médica, eu sabia para que eram usados. Olhei para a primeira página do arquivo, vi o nome do paciente e a data e percebi que, algumas semanas antes, o filho de Cumali fora admitido no hospital com meningite meningocócica.

Era uma infecção bastante perigosa — em especial para crianças — e muito difícil de diagnosticar com a rapidez necessária. Não são poucos os médicos, mesmo aqueles que fazem atendimento de emergência, que a confundem com gripe e, no momento em que o erro é descoberto, normalmente é tarde demais. Cumali deve ter tido a sorte de encontrar um médico de emergência firme e experiente o bastante para não esperar os resultados dos exames de patologia e na mesma hora submeter o menino a doses maciças de antibióticos por via intravenosa, o que, sem dúvida, salvou-lhe a vida.

Continuei vasculhando o arquivo, sentindo-me bem pelo que ocorrera — enfim a sorte que estivera do lado do menino. Cheguei à última página e olhei para a assinatura de Leyla Cumali na fatura. Estava prestes a devolver o arquivo quando parei em meio ao gesto. Talvez tenha sido porque eu nunca tinha visto o nome dela por escrito, mas percebi algo: eu não sabia o sobrenome dela. Não com certeza.

Havia uma prática rigorosa na Turquia de que uma mulher divorciada retomasse o nome de solteira, mas lembrei-me de ter lido certa vez que um tribunal podia conceder derrogações. Digamos, contra todas as probabilidades, que Cumali fosse seu nome de casada. Isso significava que poderia haver uma pista em sua antiga vida, com outro sobrenome.

Nos arquivos que vasculhei, não encontrei nenhuma certidão de nascimento, certidão de casamento ou passaporte — qualquer coisa que revelasse seu nome de nascença. Era possível que os documentos estivessem guardados em local seguro, um cofre em seu escritório na delegacia, por exemplo, mas eu não tinha certeza e comecei a trabalhar mais rápido, revistando todas as gavetas do gabinete para tentar encontrá-los.

As cortinas atrás de mim estavam bem fechadas e o vento abafava qualquer outro som, de modo que não percebi que um carro descera a rua e entrara na garagem da casa.

CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

Apenas depois descobri que o apagão se estendera para muito além de Bodrum. Para Milas, por exemplo — o que significava que o espetáculo circense fora cancelado, os ingressos transferidos para a semana seguinte e o público voltara para casa muito antes da hora prevista.

Creio que o menino adormecera no caminho de volta, de modo que Cumali parou fora da garagem, o mais próximo possível da porta dos fundos. Ela o pegou, fechou a porta do carro com um empurrão e levou-o por um caminho de concreto.

Ela introduziu a chave na porta dos fundos, abriu-a com uma das mãos e a rajada de vento que entrou pelo buraco deixado pelas quatro telhas de argila removidas no telhado a teria advertido na mesma hora de que havia algo errado. Se ainda tivesse alguma dúvida, estas teriam se dissipado ao ouvir o som dos meus passos nas tábuas nuas do andar de cima.

Ela se voltou com o filho nos braços, retornou ao carro e usou o celular para ligar para a emergência. Não tenho a menor dúvida de que deu ao operador um código confidencial — uma característica de todas as forças policiais — que informava que um policial estava em apuros e precisava de ajuda urgente. Não havia outra explicação para a velocidade e para a força da resposta.

Por incrível que pareça, foi tal urgência que me deu alguma chance — não uma chance muito boa, é claro, mas, ainda assim, uma chance. Em algumas situações, você pega o que lhe é oferecido e não reclama.

O primeiro carro patrulha desceu a rua velozmente — sem sirene ou giroscópio ligado, na esperança de surpreender o intruso —, mas estacionou junto ao meio-fio um pouco rápido demais. O som de cascalho revolvido, quase abafado pelo vento, foi a primeira indicação que tive de que algo estava errado.

Um agente menos experiente poderia ter ido até a janela para dar uma olhada, mas fiquei imóvel e atento. Escutei o som metálico de uma porta de carro se abrindo e, quando ela não se fechou, tive certeza de que os ocupantes não queriam ser ouvidos e que estavam atrás de mim.

Mesmo certo de que os policiais estavam lá fora, continuei a vasculhar o gabinete, sem vontade de abrir mão da única oportunidade que teria, procurando um documento, qualquer um, que me informasse o nome de nascimento de Cumali. Imaginei que os visitantes estavam à

espera de reforços, o que significava que não entrariam na casa em um número que eu pudesse administrar. Decidi ficar até ouvir o próximo carro chegar e, então, dar o fora dali.

Continuei procurando, atento a cada som, abstraindo o uivo do vento. Menos de um minuto depois, ouvi ao menos mais um carro parando em frente à casa. Talvez dois. Apesar do meu plano — me chame de estúpido, se quiser —, continuei com a busca. Na última gaveta, sob uma pilha de antigas revistas policiais, encontrei um grande livro de couro, algo que já vira diversas vezes na vida: um álbum de casamento.

Não era o que eu esperava, mas, dadas as circunstâncias, era a minha melhor chance. Eu só torcia para que os fotógrafos turcos tivessem o mesmo espírito empresarial de seus pares nos Estados Unidos. Abri o álbum ao acaso, tirei uma foto qualquer e o devolvi ao lugar onde estava, certo de que ela não perceberia a falta de uma foto tirada havia anos.

Enfiei a fotografia dentro da camisa, espalhei alguns arquivos pelo chão e despejei duas gavetas do gabinete para fazer com que tudo parecesse um roubo. Peguei a Walther P99 e a engatilhei — ao menos a este respeito, a sorte estava sendo um amor comigo. Eu não pretendia usar a minha própria arma para o caso de a suspeita recair sobre mim — os exames balísticos com certeza me denunciariam —, mas a Walther nada tinha a ver comigo. Fui até a porta do quarto, pronto para usar a arma.

As luzes da casa se acenderam: a energia fora restaurada. Talvez a sorte não estivesse sendo tão boazinha, afinal. Dobrei à direita e me dirigi à escada que levava ao sótão — eu a deixara baixada e não recolocara as telhas no lugar, para o caso de precisar fugir rapidamente.

Ouvi passos, pares de botas, na verdade, subindo até a varanda, e soube que os policiais estavam a poucos segundos de distância. Subindo a escada da varanda da frente, ouvi a chave girar na fechadura.

Cheguei ao sótão assim que a porta se abriu, acompanhada por uma voz masculina gritando em turco. Imaginei que estava ordenando que quem quer que estivesse ali dentro largasse as armas e se entregasse com as mãos para o alto.

Puxei a escada, me joguei na parte do sótão onde eu retirara as telhas e subi até o telhado inclinado. Mantendo-me nas sombras, avancei sobre os cotovelos e fiz um rápido reconhecimento da área. Percebi o carro de Cumali na garagem e a vi sentada ali dentro, segurando o filho, enquanto um grupo de policiais avançava em direção à garagem e ao quintal. Eles haviam cercado o lugar.

Havia apenas uma saída: correr sobre as telhas e saltar o vão de cinco metros até o telhado do armazém da Gul. Moleza — cinco metros não eram problema para mim.

Claro que eu não saltava cinco metros desde o treinamento e, mesmo então, estava mais para o último lugar do que para o campeão da prova.

CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

Eu continuava deitado nas sombras, tentando pensar em um plano melhor, quando ouvi uma porta se abrindo lá embaixo e, um segundo depois, a ensurdecadora explosão de uma bomba de efeito moral. Os policiais turcos não brincavam em serviço. Imaginei que haviam entrado no quarto de Cumali e, a qualquer momento, voltariam a atenção para o sótão.

Eu não precisava de mais incentivo do que aquilo. Levantei-me, me curvei um pouco e corri ao longo da borda da casa. Entre um piscar de olhos e o seguinte, meus pés perderam o contato com as telhas e eu me vi flutuando no ar, impulsionando-me para a frente, esticando os braços e o peito, tentando agarrar a calha na lateral do armazém. Eu estava caindo e, por um momento terrível, achei que não conseguiria. Então, minha mão esquerda tocou o metal e escorregou, mas a direita conseguiu agarrá-lo. Balancei-me como um mau trapezista, agarrei com a mão esquerda e subi até o telhado do armazém...

Mas, infelizmente, a noite não estava tão escura assim.

Ouvi gritos, o disparo de uma arma, e soube que ao menos um dos policiais perto da garagem tinha me visto. A bala deve ter passado longe, e eu sabia que ninguém havia me reconhecido na escuridão. O problema seria escapar do telhado.

Já podia ouvir ordens sendo gritadas e rádios portáteis sendo ativados, e não precisava de tradução para saber que os policiais iam cercar o armazém. Eu precisava encontrar a escada de manutenção do telhado, entrar no edifício e correr para a área de carga nos fundos do prédio. Lá fora estava a Vespa.

Aquilo seria como uma corrida e já começara mal — um dos policiais chamara um helicóptero.

O piloto ligou o holofote e vi o brilhante feixe de luz se aproximar enquanto eu corria sobre o aço reforçado e subia uma escada até uma área ainda mais alta do telhado. Eu me aproximava de duas grandes torres de resfriamento, certo de que o Sr. Gul e seus filhos preocupavam-se com a manutenção regular do sistema de água, e não me desapontei. Ao lado, uma porta trancada provavelmente daria acesso a um lance de escada. Apontei a Walther para a fechadura e disparei.

Chutei a porta e meio que me joguei, meio que corri pelo primeiro lance de escada. Quase

não havia luz, mas vi que estava no prédio de conserto de barcos — um lugar cavernoso e misterioso. Em meio a paredes imponentes, havia várias docas secas e dezenas de lanchas de luxo penduradas mais acima por garras enormes. As garras motorizadas eram ligadas a trilhos de aço fixados nas vigas do teto, o que permitia que os grandes barcos fossem movidos, através de um sistema hidráulico, de uma área de trabalho para a outra sem se aproximarem do solo. Era uma excelente instalação.

Enquanto os barcos pendurados rangiam e chiavam ao sabor do vento forte, desci o lance de escada seguinte. Quatro lâmpadas no teto, daquelas grandes, de vapor de sódio, explodiram em luz.

Permitir que os policiais vissem o meu rosto seria tão ruim quanto ser pego, então me agachei usando um joelho como apoio e mirei. Ao contrário do salto em distância, sempre fui muito bom no tiro ao alvo. Disparei quatro tiros em rápida sucessão e apaguei cada uma das lâmpadas em impressionantes explosões de gás e estilhaços de vidro.

Na penumbra, ouvi vozes xingando em turco, mais homens chegando e o som de grandes portas de enrolar sendo erguidas. Eu sabia que muito em breve haveria policiais suficientes ali para me encurralar. Voltei ao lance de escada, subi em uma ponte rolante logo abaixo da grade de trilhos de aço e corri em direção a uma caixa de comando. Dava para ver os policiais invadindo a instalação lá embaixo e eu só podia torcer para que nenhum deles olhasse para cima e visse minha silhueta próxima ao teto.

Cheguei à caixa de comando e agradei a um Deus que eu não tinha certeza se existia: havia seis dispositivos portáteis idênticos em carregadores fixados à parede. Peguei o primeiro deles, liguei-o e vi um teclado numérico e uma tela se acenderem. Eu me deitei no chão para me esconder e, sem nenhuma ideia do que estava fazendo, trabalhando mais por intuição do que por qualquer outra coisa, apontei o dispositivo para a escuridão e movi o controle parecido com um joystick.

Garras motorizadas que seguravam uma lancha enorme começaram a se mover, impulsionando o barco ao longo do trilho. Um grupo de quatro policiais no chão, todos trajando uniformes com vários galões, olharam para o alto e viram uma lancha branca e dourada ganhar velocidade acima de suas cabeças. O mais velho dos policiais, corado e com excesso de peso, os botões da blusa lutando contra sua barriga — o chefe de polícia de Bodrum, imaginei — ou seguiu um palpite, ou viu o brilho do dispositivo manual e apontou para a ponte rolante, gritando ordens para seus homens.

Os homens correram para as escadas de acesso junto às paredes e começaram a subir na minha direção. Em sua maioria, eram jovens, gritavam uns com os outros, e percebi que um ar de diversão se instaurava entre eles — sabiam que um único homem não teria a menor chance

contra tantos policiais, e todos estavam certos de que o fariam pagar por ter violado a propriedade de uma colega. Eu tinha a impressão de que uma “queda” acidental não estava fora de questão.

Tentei acionar freneticamente o dispositivo remoto. Cada um dos barcos tinha um número de identificação de quatro dígitos pendurado ao lado e percebi que, uma vez digitado no teclado, eu poderia usar o joystick para mover cada embarcação para trás ou para a frente, para a esquerda ou para a direita. À medida que mais policiais chegavam para ajudar na caçada, deitei-me fora do campo de visão deles e pus em movimento o maior número de barcos possível, na esperança de criar o máximo de confusão para quando eu desse início à minha fuga.

A única parte do dispositivo cuja função eu desconhecia era um botão amarelo na parte de baixo. Eu tinha as minhas suspeitas, mas não queria brincar com aquilo. Em vez disso, acelerei ainda mais a lancha branca e dourada, lançando-a em direção a um saveiro de quarenta pés, e me agachei.

Um dos policiais que escalava a parede viu o que estava prestes a acontecer e gritou uma advertência. Todos lá embaixo correram. Ficar embaixo de dois barcos em rota de colisão não era uma boa ideia.

No momento em que os barcos se chocaram, destroços voaram para todos os lados. O saveiro soltou-se de sua garra, caiu de uma altura de quinze metros e explodiu em gravetos no chão.

Em meio ao caos e ao medo, eu me levantei. Uma lancha de corrida de quarenta pés com duas turbinas a gasolina e uma enorme asa à popa — o barco dos sonhos de todo traficante de drogas — vinha na minha direção. Quando passou, em alta velocidade, pulei, agarrando uma escora cromada na lateral do barco, e me arrastei para dentro dele.

CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS

Estar escondido em uma lancha de corrida em movimento significava que minha situação havia melhorado. Mas era o mesmo que dizer que, inicialmente, o estibordo do *Titanic* estava um pouco melhor do que o bombordo. Eu ainda estava preso dentro de um armazém com dezenas de policiais turcos prontos para a briga.

Rolei pelo convés da lancha de alta velocidade e pela primeira vez naquela noite consegui sincronizar as coisas com precisão — uma Riva da década de 1960 belamente restaurada passava em outra direção. Pulei da lancha e pousei em sua popa de teca. Fiquei ali, esparramado, mal conseguindo me segurar, e fui levado em direção à área de carga, nos fundos do armazém.

Em algum lugar atrás de mim ouvi um estrondo ensurdecedor. Imaginei que mais duas grandes lanchas haviam colidido, mas não tive tempo para me virar e olhar. Um catamarã que eu pusera em movimento surgiu da escuridão em ângulo reto, vindo diretamente para mim.

Sua proa de aço, reforçada para travessias oceânicas, cortaria a Riva ao meio, mas não havia nada que eu pudesse fazer a não ser esperar. Se abandonasse o barco cedo demais, acabaria como uma pilha de ossos quebrados ao lado das ripas de madeira, quinze metros abaixo. Eu me preparei para o impacto, mas, no último momento, a Riva se adiantou e vi o grande catamarã passar por trás dela, arranhando a tinta do casco ao meu lado.

A luz rompeu a escuridão. Olhei para baixo e vi que a polícia trouxera holofotes do estaleiro lá fora. Meu primeiro impulso foi atirar neles, mas logo percebi que aquilo revelaria a minha posição. Em vez disso, fui obrigado a vê-los serem apontados para cima e vasculharem a rede de trilhos e barcos ameaçadores à minha procura.

A cada segundo, a Riva me levava para mais perto da área de carga, mas os policiais com os holofotes trabalhavam bem, iluminando cada área, e logo chegariam ao velho barco e me veriam. Pendurei-me à borda por um instante e esquadrinhei a área abaixo em busca de algum policial. Parecia não haver nenhum, mas, dada a confusão e a urgência, eu me enganara. Havia um policial de terno esticando um cabo de força para ligar mais luzes.

Pendurado na lateral da Riva, me agarrando com as pontas dos dedos, esperei... esperei... e soltei. Caí seis metros e quase arranquei meus braços do corpo ao agarrar um cano horizontal

que alimentava um sistema de irrigadores automáticos. Não tive tempo de gritar. Aos poucos, avancei ao longo do cano até poder cair sobre o teto de um depósito. Dali, cheguei a uma parede lateral e, enquanto uma dezena de policiais subia para me pegar, eu descia ao longo de um tapume de alumínio.

Ainda segurando o dispositivo remoto, cheguei ao chão, enquanto os policiais varriam as vigas e os barcos mais acima com os holofotes. Corri até os fundos e dobrei em um canto. Lá estava a área de carga, dez metros à frente. Os policiais que entraram para revistar o lugar haviam deixado uma das portas de enrolar aberta e eu sabia que a moto estava a apenas vinte metros de distância, escondida na escuridão atrás da fila de lixeiras.

Correndo, notei um lampejo de movimento à minha esquerda. Voltei-me, erguendo a Walther rapidamente em posição de tiro, mas vi que era apenas um vira-lata em busca de comida.

Mas o cachorro não era o problema, o problema era a voz que de repente gritou uma ordem às minhas costas. Falava em turco, mas em certas situações todas as línguas são iguais.

— Largue a arma e erga as mãos — dizia a voz. Ou algo muito parecido.

Imaginei que o sujeito estava armado, o que significava que ele me mirava pelas costas e, de acordo com a posição de sua voz, percebi que devia estar a uns dez metros de distância. Muito bem, policial turco — muito longe para eu saltar sobre você, perto demais para errar o tiro. Larguei a Walther, mas mantive o controle remoto.

O policial disse alguma coisa e, pelo seu tom de voz, imaginei que ele me mandava virar. Eu me virei lentamente até encará-lo. Era o policial de terno, que ainda se encontrava agachado para conectar um cabo de força aos holofotes. Ele tinha uma pequena Glock apontada para o meu peito, mas o que mais me surpreendeu foi descobrir quem ele era. Era Bob Esponja.

Ele olhou o meu rosto, mais surpreso do que eu.

— *Seni!* — exclamou. E então repetiu em inglês: — Você!

Ao se dar conta da merda gigantesca em que eu estava, ele franziu os lábios e sorriu com prazer. Como já disse, eu fizera um inimigo para a vida inteira, e não estava enganado — para ele, aquilo seria uma vingança em alto estilo.

Vi que, atrás dele, a lancha de corrida chegara ao fim do trilho e estava voltando rapidamente em nossa direção. Bob Esponja, ainda triunfante, gritou em direção ao espaço cavernoso para que os outros viessem rápido. Felizmente, não ouvi meu nome sendo mencionado e percebi que ele estava guardando aquilo como uma grande surpresa. A lancha chegava cada vez mais perto...

Ouvi coturnos se aproximando em alta velocidade. A lancha pairava bem acima de Bob

Esponja, e eu só tinha um segundo para agir antes que minha missão fosse arruinada. Apertei o botão amarelo.

Bob Esponja ouviu o chocalhar de correntes e olhou para cima. As garras segurando o enorme barco se abriram. Ele estava assustado demais para gritar. Em vez disso, tentou correr. Mas não era nenhum atleta, e o terno apertado demais não permitiu que fosse além de um passo para o lado.

A popa do casco, que concentrava as duas turbinas e todo o peso do barco, caiu primeiro, atingindo-o no crânio, comprimindo a cabeça para dentro do peito, explodindo seu pescoço e matando-o antes mesmo que ele caísse no chão.

Quando seu corpo atingiu o concreto, eu já estava mergulhando atrás de um guindaste móvel. A lancha caiu no chão e explodiu em fragmentos de metal e fibra de vidro. Apesar de o aço do guindaste ter me protegido contra a maior parte dos destroços, senti uma dor aguda na panturrilha esquerda.

Eu a ignorei, me ergui e corri em direção à porta de enrolar em meio a nuvem de poeira e detritos rodopiantes. Ouvi os policiais gritando, imaginei que estavam dizendo uns aos outros para se protegerem no caso de mais barcos começarem a cair do céu.

Vi a porta de metal aberta, corri na direção dela e saí em meio à noite. Fui rapidamente até as lixeiras, vi a Vespa e fiquei grato por ter tido a prudência de deixar a chave na ignição. Minhas mãos tremiam tanto que provavelmente eu teria levado cinco minutos para colocá-la no lugar certo.

O motor ganhou vida, saí de trás das lixeiras, passei entre uma pilha de contêineres e derrapei estrada abaixo e noite adentro antes que o primeiro policial conseguisse sair do armazém.

Minha única preocupação era o helicóptero, mas não vi sinal dele e presumi que, quando o chefe de polícia pensou que eu estava cercado, ele o dispensara. Seja qual for a razão, dirigindo com mais sobriedade assim que alcancei as ruas mais movimentadas, cheguei ao hotel sem problemas e guardei a moto em uma pequena garagem reservada à Mercedes do velho gerente.

Eu nem mesmo percebi que estava ferido.

CAPÍTULO CINQUENTA E SETE

O gerente, no entanto, percebeu. Ele estava sozinho no saguão, sentado diante de uma escrivaninha em um canto da recepção quando ergueu a cabeça e me viu entrar. Como de costume — mão estendida, rosto iluminado por seu sorriso característico —, ele se aproximou para me cumprimentar.

— Ah, Sr. Brodie David Wilson. Você estava na descontração de um jantar de requintada excelência, espero.

Antes que eu pudesse responder, vi sua expressão se alterar: uma sombra de preocupação e perplexidade surgiu em seu rosto.

— Mas você tem um ferimento de séria gravidade — disse ele, apontando para o piso de ladrilhos sempre impecavelmente limpo, onde manchas de sangue marcavam o meu caminho.

Olhei para baixo, vi um rasgão na panturrilha esquerda da calça e percebi que aquele estilhaço da lancha fizera mais estrago do que eu havia percebido. O sangue escorria até as solas dos sapatos e eu sujara todo o saguão do hotel.

— Droga! — exclamei. — Atravessei a avenida perto do posto de gasolina. Tem uma grade enferrujada dividindo as pistas. Acho que não a escalei tão bem quanto pensava.

Não era uma boa explicação, mas foi o melhor que pude fazer. O gerente pareceu aceitá-la sem questionar.

— Sim, conheço o lugar — disse ele. — O tráfego ali é de muita loucura. Aqui, deixe-me ajudá-lo.

Mas recusei o auxílio dele, caminhando para o meu quarto na ponta do pé a fim de evitar deixar outras pegadas de sangue no chão. Lá dentro, com a porta trancada, tirei a calça e, utilizando uma pinça de um conjunto de viagem, consegui extrair um pedaço irregular de metal da panturrilha. Assim que o fragmento foi removido, a ferida começou a sangrar muito, mas eu já rasgara uma camiseta em tiras, de modo que comprimi o ferimento e o enfaixei em poucos segundos.

Somente então desabotoei a camisa e voltei minha atenção para a foto que roubara do álbum de casamento. Era de Cumali e seu marido, ambos sorridentes, de braços dados, deixando a recepção a caminho da lua de mel. Ele era um sujeito bonito, na casa dos vinte e tantos anos,

mas havia algo a respeito daquele homem — o corte de suas calças de linho, os óculos de aviador na mão — que me fez pensar que era um cafajeste. Não havia como imaginá-lo um fiel da mesquita local e, mais uma vez, olhando para o belo rosto de Cumali, encontrei o mesmo maldito círculo de pistas que eu não conseguia fechar.

Virei a foto e vi que os fotógrafos turcos não eram diferentes de seus colegas de outros países: no verso, havia o nome do fotógrafo, um código de série e um número de telefone em Istambul para o caso de ser necessário pedir cópias.

Era tarde demais para ligar para ele, de modo que, com minha panturrilha pulsando forte, abri o laptop para verificar se havia alguma mensagem. Fiquei surpreso ao ver que não havia nenhuma informação de Bradley sobre os antecedentes de Cumali. Eu estava a ponto de xingar Sussurrante e os pesquisadores da CIA quando vi uma mensagem de texto da Apple me informando o valor debitado pelo meu último download de música.

Abri o iTunes e vi que agora eu era o feliz proprietário do álbum *Turkey's Greatest Hits*, uma compilação das recentes participações da Turquia no Festival Eurovisão da Canção. Meu Deus.

Tive que suportar duas faixas e parte de uma terceira antes de encontrar, embutidos no arquivo da música, diversos documentos de texto. Embora não o dissessem, era evidente que os investigadores haviam invadido o banco de dados da polícia turca e encontrado o arquivo de Cumali no departamento de recursos humanos.

O relatório dizia que ela estudara dois anos de direito, desistira do curso, se candidatara à Academia Nacional de Polícia e realizara uma formação de quatro anos. Uma das primeiras colocadas de sua turma, ela fora orientada à investigação criminal e, após servir em Ancara e Istambul, acabou enviada para uma cidade turística onde seus conhecimentos de inglês seriam melhor utilizados: Bodrum.

Eles descobriram também muitas outras coisas: sobretudo comendas e promoções — pelo visto ela era uma boa policial —, mas nada em sua carreira era fora do normal e ficou claro que, mesmo quando ela cursava a academia, a polícia turca a conhecia apenas como Cumali e nada mais.

Os pesquisadores em Langley também se perguntaram se esse era o sobrenome verdadeiro dela, e tentaram encontrar um atalho eletrônico para acessar certidões de casamento, de nascimento ou pedidos de passaporte, mas acabaram num beco sem saída. Por mais surpreendente que fosse, os registros públicos turcos não podiam ser invadidos. Não porque o governo da Turquia adotara algum sistema complexo de segurança cibernética, como o do Pentágono. A resposta era muito mais simples: nenhum dos arquivos fora digitalizado. Os registros oficiais existiam apenas em papel — provavelmente empilhados, amarrados com

barbante e armazenados em depósitos gigantescos. De acordo com Langley, a única maneira de acessar qualquer informação com mais de cinco anos era por meio de um requerimento por escrito — um processo que poderia demorar mais de um mês.

Olhei frustrado para o relatório. Como era frequente nas pesquisas da agência, era tudo vestígio, a ponta, mas nenhum iceberg de fato. Eu sabia que, cedo ou tarde, eles resolveriam a questão do nome, mas, como dizem os advogados, o tempo era essencial. Irritado com o trabalho deles, fui dormir.

Graças a Langley, toda a investigação agora dependia de um fotógrafo de Istambul sobre o qual eu nunca ouvira falar e que poderia muito bem estar aposentado ou morto.

CAPÍTULO CINQUENTA E OITO

Ele não estava nem uma coisa nem outra, embora, a julgar pela sua tosse e pelo som do isqueiro acendendo um fluxo constante de cigarros, o fim talvez estivesse mais perto do que ele desejava.

Eu acordara antes do amanhecer, caminhara até o laptop arrastando minha perna ferida, havia conectado o pen drive e começado a vasculhar os arquivos de Cumali. Teria sido um trabalho lento e maçante, mas a maior parte do material estava em turco, e eu não tinha escolha a não ser descartar a maior parte dele. Mesmo assim, dava para ter alguma noção geral, e não posso dizer que encontrei qualquer coisa suspeita entre as cartas e os arquivos: o erro que a maioria das pessoas comete quando quer impedir que alguém tenha acesso a algum arquivo é criptografá-lo, o que significa que uma pessoa como eu sabia exatamente onde procurar.

Como eu suspeitara quando estava em sua sala de estar, nada fora codificado e, se ela tivesse sido inteligente o bastante para ocultar seus arquivos comprometedores deixando-os bem à vista, eu jamais seria capaz de identificá-los. Também não havia nada em árabe, embora tivéssemos bons motivos para suspeitar que ela conhecia o idioma.

Sem encontrar nada nos arquivos, voltei-me para os e-mails. Felizmente, muitos deles estavam em inglês, e vi que ela tinha um grande círculo de amigas e conhecidas, muitas delas mães de crianças com síndrome de Down. Entre as centenas de mensagens que encontrei, apenas duas me detiveram — eram de uma instituição de caridade palestina associada à Brigada dos Mártires de Al-Aqsa, um grupo que frequentemente organizava atentados suicidas contra israelenses. Os e-mails acusavam doações para um orfanato na Faixa de Gaza, e minha primeira reação foi perguntar o motivo. Se Cumali queria ajudar as crianças, por que não fez as doações para a Unicef? Por outro lado, a caridade é um dos Cinco Pilares do islã e, se fosse crime doar dinheiro para organizações associadas a grupos radicais, então terminaríamos acusando metade do mundo muçulmano. Provavelmente até mais.

Marquei os dois e-mails com a bandeira vermelha, inseri o pen drive em um envelope e o destinei a Bradley, em Nova York. Assim que a agência da FedEx abrisse, eu o enviaria e ele o repassaria a Sussurrante para análise posterior. Olhei para o relógio. Eram sete horas da manhã e, embora ainda fosse cedo, eu queria saber se o fotógrafo estava vivo ou morto.

Liguei para o número, esperei o que pareceram minutos e estava prestes a desistir e tentar mais tarde quando ouvi uma voz irritada me saudar em turco. Pedi desculpas por me expressar em inglês, falando lentamente, na esperança de que ele pudesse me entender.

— Pode falar um pouco mais rápido? Estou quase caindo no sono de novo — disse ele, com um sotaque que indicava que assistira a muitos filmes de faroeste.

Contente por ao menos podermos nos comunicar, perguntei-lhe se ele era fotógrafo e, quando confirmou, eu disse que estava planejando um presente especial para o aniversário de casamento de um casal de amigos. Eu queria fazer uma colagem com várias fotos do grande dia deles e precisava comprar algumas cópias.

— Você tem o código? — perguntou, mais educado agora, sabendo que havia dinheiro em jogo.

— Claro — respondi, e li o número no verso da foto roubada.

Ele me pediu para esperar enquanto verificava os arquivos e, um ou dois minutos depois, me disse que não havia qualquer problema, que estava com a pasta aberta à sua frente.

— Só para ter certeza de que não há qualquer confusão, você poderia confirmar os nomes da noiva e do noivo?

— *No problemo*, parceiro. O noivo se chama Ali-Reza Cumali.

Ele também informou um endereço, mas eu não estava interessado: no momento em que ouvi aquilo, tive certeza de que a policial não voltara a usar seu sobrenome de solteira.

— E a noiva? — perguntei, tentando conter a agitação em minha voz. — Você tem o nome dela?

— Claro — respondeu ele. — É Leyla al-Nassouri. É esse o casal?

— Sim, são eles mesmos, xerife. — Ele riu. — Nunca consegui escrever seu nome de solteira — continuei. — Você poderia soletrá-lo para mim?

Ele soletrou. Agradei a ajuda, disse que entraria em contato assim que tivesse uma lista completa das fotos de que precisava e desliguei. O nome al-Nassouri não era turco — vinha do Iêmen, da Arábia Saudita ou dos países do golfo pérsico. De onde quer que fosse, era árabe. Assim como o homem nas montanhas Hindu Kush.

Peguei meu passaporte, passei pela porta e quase corri até o elevador.

CAPÍTULO CINQUENTA E NOVE

As portas se abriram e, embora fosse apenas sete e vinte da manhã, saí no que parecia ser algum tipo de celebração. O gerente, a recepcionista, o carregador e outros funcionários do hotel estavam reunidos na recepção, acompanhados por vários dos carpinteiros e outros amigos do gerente que me ajudaram com os espelhos.

A conversa, toda em turco, estava muito animada, e café e bolos eram passados de mão em mão. Apesar da hora, alguém trouxera uma garrafa de raki e me perguntei se eles tinham ganhado na loteria ou algo assim.

O gerente se aproximou com um sorriso ainda maior do que o normal, balançando um exemplar do jornal local daquela manhã.

— Nós temos notícias da maior felicidade — disse ele. — Você se lembra do Bob Esponja, o homem de grande corrupção, uma maldição sobre todos os cidadãos do lado da bondade?

— Sim, eu me lembro dele. Por quê?

— Bob Esponja está morto.

— Morto? — falei, fingindo surpresa, pegando o exemplar do jornal e olhando para uma fotografia do armazém da marina com policiais por toda parte. — É difícil de acreditar — continuei. — Como ele morreu?

— Esmagado. Achatado como uma camada de bolo — explicou ele. — Algum homem idiota invadiu uma casa pertencente a uma policial.

— Invadiu a casa de uma policial? Sim... que idiota.

— Provavelmente um grego — disse ele, absolutamente sério.

— Quando isso aconteceu? — perguntei, tentando agir normalmente, apenas participando da conversa.

Todos estavam de pé junto à mesa, mas o gerente e eu estávamos em nosso próprio mundo.

— Na passada noite, enquanto você estava na descontração do jantar de requintada excelência. Pouco antes de você entrar aqui com seu sangramento na...

Ele fez uma pausa, como se um pensamento tivesse lhe ocorrido, e, embora tenha tentado evitar expressá-lo, não foi capaz.

— Dizem que o assassino fugiu do local de armazenagem dos barcos deixando um rastro de

sangue do ferimento — continuou.

Ele parou e olhou para mim.

Nossos olhares se encontraram. Não havia dúvida de que ele sabia quem era o assassino. Eu poderia ter negado, mas não creio que seria convincente; ou talvez pudesse tê-lo ameaçado, embora tivesse certeza de que ele não seria intimidado de forma tão fácil. Não gostei daquilo, mas percebi que eu tinha de confiar na minha intuição e dar uma chance a ele e à sua amizade.

— Não, não — falei, afinal. — Você está no erro quase substancial. Minha descontração com o jantar de requintada excelência não foi na noite passada. Foi na noite anterior.

Ele olhou para mim confuso, preparando-se para discutir, pensando que eu estava mesmo enganado, mas continuei falando de modo que ele não pudesse prosseguir.

— Ontem à noite, você e eu estávamos aqui, no saguão — falei. — Não lembra? Estava tudo tranquilo, não havia mais ninguém por perto.

De repente, seus olhos se iluminaram quando ele entendeu.

— Ah, sim! — exclamou. — Claro, certo. O jantar foi na noite anterior.

— Exatamente. Ontem à noite, você e eu conversamos, e você estava me falando sobre os gregos. Foi uma longa conversa.

— Ah, sim, uma das mais longas. Esses gregos malditos. Nada é simples com eles.

— Verdade. Você tinha um monte de coisas, um monte de histórias para me contar. Fui para a cama depois das dez horas.

— Mais tarde, talvez. Umas onze horas é mais o tempo que tenho na memória — disse ele com grande entusiasmo.

— Sim, acho que você está certo — respondi.

Olhamos um para o outro mais uma vez, e vi que minha intuição a respeito dele era bem-fundamentada. O segredo estava guardado.

Ele apontou para o passaporte na minha mão e baixou a voz.

— Você vai sair apressado para não mais voltar? — perguntou.

— Não, não — respondi. — Se alguém perguntar, responda que fui à Bulgária. Diga que mencionei algo a respeito de procurar uma testemunha importante.

Eu me despedi dele, atravessei a porta da frente do hotel e fui até o carro. Abri o porta-malas, tirei o revestimento de borracha e encontrei um modo de alcançar o aro da roda traseira direita. Arranquei dali o transmissor de GPS com tiras magnéticas e fixei-o na parte inferior do poste de uma placa de estacionamento.

Com alguma sorte, nenhum pedestre o veria e quem quer que estivesse monitorando-o no MIT pensaria que meu carro ainda estava estacionado junto ao meio-fio.

Assumi o volante e dirigi até a fronteira.

CAPÍTULO SESSENTA

Durante todo o dia, conduzi o carro por longos trechos de estrada, parando apenas para abastecer, passando pelos distantes minaretes de Istambul à tarde e alcançando a fronteira búlgara no início da noite.

O fim de mundo onde a Turquia, a Grécia e a Bulgária se encontram é um dos mais movimentados cruzamentos rodoviários da Europa e, assim que deixei a Turquia e entrei em uma espécie de terra de ninguém, me vi cercado por longas carretas que rastejavam em direção à imigração e à alfândega búlgara.

Após quarenta minutos e um progresso de cerca de cem metros, gritei para o motorista de um caminhão dinamarquês parado no acostamento e perguntei quanto tempo ele achava que demoraria para cruzarmos a fronteira.

— Umas oito horas — respondeu ele. — Depende de quantos imigrantes ilegais eles encontrarem e tiverem que processar.

De algum modo, a Bulgária conseguiu fazer parte da União Europeia e rapidamente se tornou a fronteira mais vulnerável, atuando como um ímã para qualquer um que desejasse entrar na Europa ilegalmente e viajar para países mais ricos como a Alemanha e a França. Pelo aspecto dos transportes públicos e dos caminhões, não havia escassez de oportunistas e traficantes de pessoas.

Pensei em passar à frente e exibir meu distintivo, mas mudei de ideia: havia sempre a chance de encontrar algum idiota disposto a mostrar para o FBI quem é que mandava. Em vez disso, tomei algumas breves providências, fui para o acostamento e dirigi ao longo da fila interminável. Passei sob dois elevados com câmeras e placas e percebi que, muito em breve, a patrulha de fronteira me interceptaria.

Dois minutos depois, vi luzes azuis piscando enquanto a silhueta de um carro contra o crepúsculo se aproximava em alta velocidade pelo acostamento de terra. Parou a uns dez metros à minha frente, bloqueando meu caminho, e um sujeito portando uma espingarda, provavelmente o mais velho dos dois agentes, saiu pesadamente do veículo e caminhou na minha direção. Ele tinha mais ou menos a minha idade, estava acima do peso e parecia que um sujeito ainda maior que ele dormira com o seu uniforme. Era óbvio que ele estava morrendo de

vontade de começar a gritar e me mandar para o fim da fila.

Eu sabia cerca de dez palavras em búlgaro, aprendidas em uma visita anos antes, que felizmente incluíam “Me desculpe”. Falei aquilo antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, e vi que ao menos a frase amenizou a expressão maldosa em seu rosto. Não dava para ver seus olhos porque, apesar da hora, ele usava óculos escuros.

Continuei falando, agora em inglês, lançando o pedido de desculpas em búlgaro no meio do meu discurso mais algumas vezes. Disse para ele que já estivera em seu belo país antes e que sempre ficara impressionado com a simpatia do seu povo. Disse que esperava que este fosse o caso mais uma vez, agora que precisava de ajuda. Eu estava muito atrasado, desesperado para pegar um voo que partiria de Sófia, capital da Bulgária.

Ele resmungou e pareceu estar prestes a me dizer que não dava a mínima — como já mencionei, os búlgaros são um povo muito amigável —, até que viu eu lhe estender o meu passaporte. Ele me olhou com curiosidade; encarei-o de volta e ele o pegou. Abriu-o na página que continha os meus dados e encontrou os quinhentos lev em notas — cerca de trezentos dólares americanos, um mês de salário no extremo oriente europeu — que eu colocara ali.

Eu chegava ao que sempre foi a parte mais perigosa de qualquer operação desse tipo — subornar um policial era uma grave infração em qualquer jurisdição, e nessa etapa o sujeito de uniforme poderia me extorquir de verdade se quisesse. Quinhentos para ir para a frente da fila? Qual tal vinte mil — e seu relógio e a sua câmara, por favor — para eu não acusá-lo de tentativa de suborno?

Ele pediu a minha carteira de motorista, pegou-a e retornou à viatura. Os veículos que eu ultrapassara seguiam lentamente ao largo, buzinando em homenagem à excelente justiça búlgara e erguendo os polegares para os dois policiais. Eu não estava com raiva. No lugar deles, provavelmente teria feito a mesma coisa.

O homem voltou e me disse para abrir a porta do motorista. Parecia que eu estava prestes a ser extorquido e já estava me preparando para sacar o meu distintivo, quando ele subiu no vão da porta. Então ficou de pé ao meu lado, mantendo-a entreaberta.

— Dirija — ordenou ele. — E acione a buzina.

Obedeci e ele começou a sinalizar para que vários caminhões parassem na mesma hora, abrindo um espaço.

— Passe entre eles — ordenou.

Acompanhado pelo sibilar de enormes freios pneumáticos, me espremi e ganhei uma pista no meio da estrada que, segundo as placas em diversos idiomas, servia apenas para uso oficial.

— Mais rápido — ordenou o policial.

Eu não precisava de nenhum outro incentivo, então pisei fundo.

Seguido pelo carro de polícia com as luzes piscando e com o policial ainda pendurado na porta entreaberta, atravessamos quilômetros de caminhões e ônibus até chegarmos a uma fileira de cabines de vidro encimadas por diversos emblemas e uma enorme bandeira búlgara.

O sujeito agarrado à porta pegou o meu passaporte, entrou em uma das cabines, tomou emprestado o carimbo de seu colega e carimbou o meu visto de entrada. Ele voltou, me devolveu o passaporte e — imaginei — estava prestes a me dizer que seu colega também precisava de uma contribuição. A essa altura, porém, eu já estava acelerando e me perdendo na noite antes que ele tivesse tempo de abrir a boca.

Dirigi velozmente, faróis perfurando a escuridão, revelando grandes extensões de florestas e — como se a vida na nova União Europeia não fosse surreal o suficiente — bandos de mulheres usando minissaias e saltos da altura de arranha-céus na beira de uma estrada no meio do nada. Nas principais rotas de caminhões de outros países europeus havia intermináveis fileiras de outdoors; no Leste Europeu, havia prostitutas, e a Bulgária era campeã nesse departamento.

Passei por centenas delas — ciganas, em sua maioria —, magricelas usando lingerie e peles falsas, crianças de olhar duro cuja vida girava em torno de cabines de caminhão e bancos traseiros de automóveis. Se ficassem grávidas, recebiam mais por seus serviços, e você não precisava ser um gênio para perceber que os órfãos eram uma das únicas indústrias em crescimento no país.

Porrajmos, disse para mim mesmo enquanto dirigia, lembrando a palavra romani que Bill me ensinara havia tantos anos. Aquela era apenas uma outra forma de Devoração.

Após algum tempo, as mulheres deram lugar a postos de gasolina e restaurantes de fast-food e entramos na cidade de Svilengrad, um posto avançado de cerca de vinte mil pessoas que não tinha praticamente nada de interessante, exceto a principal rua de pedestres e sua grande variedade de lojas que permaneciam abertas até bem depois da meia-noite para atender o fluxo interminável de caminhoneiros.

Estacionei o carro longe e descobri quatro das lojas que estava procurando aglomeradas em um mesmo ponto. Escolhi a mais modesta e que aparentemente não tinha nenhum equipamento de câmeras de vigilância ou de gravação de vídeo. Lá dentro, comprei os dois itens que me levaram a dirigir pouco mais de mil quilômetros em doze horas e que me tiraram do limiar do continente asiático em direção ao antigo bloco soviético: um celular pré-pago vagabundo e um cartão SIM sem registro.

Voltei para o carro e sob o único poste de luz em um canto escuro de uma cidade búlgara que ninguém nunca ouvira falar, cercado por terrenos agrícolas e jovens prostitutas ciganas, fiz uma ligação para um número com um código de área que não existia.

CAPÍTULO SESSENTA E UM

Através do sistema de telefonia búlgara, com um celular não rastreável e certo de que o MIT não me ouviria, esperei para falar com Sussurrante.

Precisava dizer para ele o nome verdadeiro de Leyla Cumali, informá-lo que ela era árabe e revelar que também era a mulher na cabine telefônica. Esse era o primeiro imperativo de qualquer agente que ainda estivesse “vivo” e longe de casa: passar adiante o que descobrira. Era o único seguro contra a detenção ou a morte, e eles lhe ensinam desde o primeiro dia que não existe informação até ela ser passada de forma segura. Contudo, mais do que isso, eu precisava discutir com ele o problema da deportação e da tortura.

O telefone tocou cinco vezes antes de eu ouvir a voz de Sussurrante.

— Quem é? — perguntou.

Era início da tarde em Washington, e fiquei chocado com quão cansado ele parecia estar.

— Dave, sou eu — respondi, usando de propósito seu quase desconhecido primeiro nome, apenas no caso de alguém estar ouvindo.

Mantive o tom leve e descontraído, apesar de meu entusiasmo e da trepidante ansiedade a respeito de meus arredores.

Ele provavelmente ficou surpreso ao ouvir a minha voz, mas assimilou na mesma hora o teor da conversa.

— Ei, o que há de novo? — perguntou, de forma tão casual quanto eu, e mais uma vez me lembrei do excelente oficial que ele era.

— Sabe aquela mulher de quem estávamos falando, Leyla Cumali?

— A policial?

— Sim. Bem, seu nome verdadeiro é Leyla al-Nassouri.

— Parece árabe.

— Você está certo. Era ela na cabine telefônica.

Houve um silêncio mortal do outro lado. Apesar da calculada indiferença de Sussurrante, apesar de seus anos de experiência e de seu enorme talento, eu o deixara sem fala.

Eu não sabia na época, mas o efeito de minhas palavras foi amplificado pelo fracasso de todos os nossos outros esforços. As centenas de milhares de agentes que trabalhavam para uma

série de agências de inteligência, todos em teoria procurando um homem tentando construir uma bomba suja, estavam produzindo muito calor, mas nenhuma luz. No fundo, Sussurrante sabia que estávamos lidando com um ficha limpa e que as chances de pegá-lo a tempo diminuíaam a cada hora.

— Ah, sim... na cabine telefônica, então? — disse ele, recuperando a voz e fazendo soar como se aquilo não significasse nada. — Você tem certeza?

— Sem dúvida. Conheci um cara que tocava um instrumento musical, não vou nem tentar pronunciar o nome, feito com o osso da asa de uma águia. Ele me mostrou algumas filmagens.

— Que estranho — disse Sussurrante, como se tudo aquilo fosse muito divertido. — Como se soletra? Al-Nassouri, não a coisa de osso de águia.

Eu lhe respondi e, em circunstâncias normais, a próxima pergunta seria sobre de onde eu estava ligando, mas com certeza ele já sabia. Por causa de seu trabalho, todas as ligações para o celular de Sussurrante eram gravadas, e eu sabia que ele já teria rabiscado um bilhete para um de seus assistentes e mandado o Echelon rastrear a chamada.

Enquanto ele esperava pela resposta, continuei falando.

— Estou com uma forte intuição, Dave. Muito forte mesmo. Você precisa ir com calma. Deve ter cuidado com quem fala.

— Por quê? — perguntou. — Você acha que algumas pessoas vão surgir com ideias brilhantes? Que podem querer entrar em ação e começar a machucar pessoas?

— Exatamente. Nós achamos que ela pode contatá-lo, mas tenho certeza de que o sistema possui armadilhas.

— Um erro deliberado sob coação. Algo assim?

— É.

Ele pensou por alguns segundos.

— Acho que o cara seria um tolo se não tivesse pensado nisso.

— Poderíamos perdê-lo para sempre.

— Entendo. — Houve outra pausa enquanto ele considerava o que fazer. — Terei de conversar sobre isso com ao menos uma outra pessoa. Está me entendendo?

Ele se referia ao presidente.

— Você acha que consegue convencê-lo a segurar um pouco mais? — falei.

— Acho que sim, ele é um homem inteligente, vai entender o problema. Você consegue resolver o negócio? — perguntou.

— Encontrá-lo? Tenho uma boa chance — respondi.

Ouvi um pequeno suspiro de alívio, ou talvez fosse apenas a pressão arterial dele voltando ao normal.

— Certo, vamos supor que continuaremos com a confidencialidade. Vou mandar os pesquisadores voltarem a investigá-la — disse ele.

— Você viu os esforços anteriores? — perguntei.

— Claro. Não foram muito bons, não é?

— Desanimadores para cacete. Precisamos sair do padrão, usar outras pessoas.

— Quem?

A meio caminho da Turquia, seguindo a linha branca quilômetro após quilômetro até ficar quase hipnotizado, pensei na pesquisa da CIA e em como diabo compensar aquilo. Em algum lugar ao sul de Istambul, decidi o que tínhamos de fazer. *Hai domo*, disse para mim mesmo.

— Há alguém que conheço — falei. — Eu disse para ele certa vez que, caso me encontrasse em apuros e precisasse de ajuda com um computador, ele seria o cara que eu chamaria. O nome dele é Battleboi.

— Repita — pediu Sussurrante.

— Battleboi.

— Foi o que pensei que você tinha dito.

— É com “i” no fim, não com “y”.

— Ah bom, isso faz toda a diferença. Battleboi com “i”. É quase normal, não é?

— O nome verdadeiro dele é Lorenzo. O primeiro nome. Ele foi preso por roubar dados de quinze milhões de cartões de crédito.

Ouvi Sussurrante digitar em um teclado, obviamente acessando um banco de dados do FBI, e pouco depois voltou a falar.

— Sim, bem, você está certo. Meu Deus, o cara deve estar no hall da fama dos hackers. De qualquer modo, há dois dias ele firmou um acordo judicial com a promotoria de Manhattan.

— O que conseguiu?

— Quinze anos em Leavenworth.

— Quinze anos?! — exclamei.

Comecei a xingar os responsáveis. Quinze anos na prisão por causa de cartões de crédito? Eu não tinha certeza se ele sobreviveria àquilo.

— Como é? — perguntou Sussurrante, ouvindo meus resmungos.

— Eu disse que são uns idiotas. Ele sempre alegou que tirariam dele toda a informação que detinha e, em seguida, o trairiam.

— Não sei nada sobre isso.

— Suponho que não, mas você precisa tirá-lo de lá, ao menos até terminarmos. Diga-lhe que um amigo dele, Jude Garrett, precisa de ajuda. Aposto que ele vai fazer um trabalho melhor que o da outra equipe, independentemente dos recursos que tenham.

— Battleboi, pelo amor de Deus. Você tem certeza?

— Claro que tenho!

— Certo, tudo bem. Como você quer que ele entre em contato com você?

— Não sei. Se ele é capaz de roubar quinze milhões de cartões de crédito, tenho certeza de que encontrará um jeito.

Nós havíamos acabado de falar sobre negócios e, de repente, me senti extremamente cansado.

— Antes de desligarmos... — disse Sussurrante. A voz foi sumindo aos poucos. Eu me perguntei se ele tinha perdido o fio da meada, mas acabei descobrindo que o homem estava com dificuldade para dizer o que queria. — Já disse certa vez que eu invejava você — continuou, ainda mais tranquilo do que o habitual. — Lembra-se disso?

— Claro, no carro — respondi.

— Não invejo mais. Estou feliz que você esteja aí, meu amigo. Acho que ninguém mais seria capaz de fazer isso. Você tem realizado um excelente trabalho. Parabéns.

Vindo de Dave McKinley, aquilo significava mais do que se fosse dito por qualquer outra pessoa no mundo.

— Obrigado.

Após desligar, fiquei sentado um longo tempo, pensando. Havia uma coisa que eu ainda não conseguia entender. Leyla al-Nassouri-Cumali não se encaixava em nenhum perfil que eu pudesse imaginar.

CAPÍTULO SESSENTA E DOIS

Para o adolescente em El-Mina, o golpe de sorte que começara com um inesperado celular de presente continuou inabalável.

Em uma tarde de quarta-feira, enquanto caminhava da escola de volta para casa, o celular tocou e ele falou com o homem que lhe dera o aparelho. O Sarraceno disse que estava ligando da Alemanha, onde tivera a sorte de encontrar tanto uma mesquita que se portava de acordo com as suas rígidas crenças quanto um trabalho que lhe oferecia grandes promessas para o futuro.

O garoto começou a fazer perguntas, provavelmente pensando que um dia poderia se juntar àquela figura paterna que fora tão generosa com ele, mas o Sarraceno interrompeu-o, dizendo que, infelizmente, estava a caminho do trabalho, o tempo era curto e o garoto precisava ouvi-lo com atenção.

— Pegue uma caneta. Vou lhe passar um endereço.

Enquanto o garoto se sentava encostado em um muro à sombra de uma árvore e vasculhava a mochila, o Sarraceno explicou que já lhe enviara a chave que abria a garagem de seu antigo prédio. Lá dentro estavam as caixas de suprimentos médicos a respeito das quais ele lhe falara. Lembra-se delas? As vacinas vencidas com registros de expedição anexados? Assim que o garoto recebesse a chave, ele deveria abrir a garagem e acrescentar um endereço aos registros.

— Coloque-as aos meus cuidados — ordenou o Sarraceno. — Para a Chyron Chemicals em Karlsruhe, Alemanha. Vou soletrar, começando com o endereço da rua, está bem?

Quando terminou, mandou o garoto repetir tudo o que escrevera e disse que um caminhão refrigerado de um serviço de transporte em Beirute viria até a garagem na manhã de sábado. O garoto poderia estar lá para recebê-los e abrir a porta? Claro que poderia.

Feito isso, restava apenas mais uma tarefa. O Sarraceno disse para o garoto ligar para a empresa em Beirute da qual ele comprara as geladeiras industriais e negociar a revenda dos aparelhos.

— Você pode ficar com o dinheiro — disse o Sarraceno. — Isso deve garantir que você vai ser duro na negociação — acrescentou, rindo.

Quando contou quanto o rapaz poderia ganhar pelas geladeiras, ele mal pôde acreditar —

eram quase seis meses do salário da mãe, que trabalhava em uma lavanderia local. Ele tentou agradecer, mas o médico o interrompeu, dizendo que precisava correr para chegar ao trabalho na hora. O Sarraceno desligou e, embora o adolescente não soubesse, aquela seria a última vez que se falariam.

O Sarraceno saiu da cabine telefônica ao lado da praça do mercado de Karlsruhe e sentou-se em um banco de madeira. Estava perto agora: em alguns dias, a garagem estaria vazia e os dez mil pequenos frascos seriam embarcados em um caminhão operado por uma empresa de transporte especializada em suprimentos médicos.

As caixas que continham os preciosos frascos exibiriam registros de expedição autênticos de um hospital libanês e seriam enviadas a um dos maiores produtores de vacinas no mundo, todas destinadas aos cuidados de um homem que era um autêntico funcionário do depósito da empresa.

CAPÍTULO SESSENTA E TRÊS

As caixas chegaram cinco dias depois.

A documentação demonstrava que a empresa as transportara até o porto de Trípoli, onde foram armazenadas em um contêiner refrigerado. Um pequeno cargueiro da Cedars-Line as levava através do Mediterrâneo e, alguns dias depois, chegaram à alfândega europeia em Nápoles, na Itália.

Como dizer isso de maneira gentil? Mesmo em seus melhores dias, a Itália nunca foi reconhecida por sua eficácia ou seriedade burocrática. E, quando as caixas chegaram, o país estava bem longe de seus melhores dias. Cortes orçamentários contínuos haviam debilitado o serviço alfandegário, que estava ainda mais empobrecido pela enxurrada de contêineres transportando imigrantes ilegais do Norte da África que se arriscavam a fazer a curta travessia.

Embora as caixas secretamente contivessem um material de alto risco, com nível de biossegurança quatro, nenhuma delas foi aberta para inspeção, muito menos para análise. As sobrecarregadas autoridades aduaneiras acreditaram naquilo que atestava a documentação e o histórico de trânsito: eram vacinas com a data de validade expirada que estavam sendo devolvidas ao fabricante na Alemanha.

Em Nápoles, as caixas foram carregadas em um caminhão e levadas para o norte sem qualquer outra inspeção, cruzaram a fronteira não patrulhada para a Áustria e, de lá, se dirigiram para a Alemanha.

Chegaram no portão da Chyron Chemicals — apenas outra remessa entre as centenas que entravam e saíam dali todo dia — às onze e seis da noite, de acordo com o registro informatizado dos guardas. Um deles viu o ramal que constava na documentação — era o de um sujeito que trabalhava no depósito. Ligou para ele e disse que uma entrega estava a caminho.

O portão se ergueu, o motorista passou e, três minutos depois, o Sarraceno recebia seus dez mil frascos de holocausto líquido. A viagem que começara havia muito tempo, com informações outrora secretas vazadas on-line, estava quase no fim.

Na mesma hora, o Sarraceno armazenou as caixas em uma área pouco visitada do depósito, reservada para embalagens descartadas, e afixou um aviso em turco e alemão à frente delas:

NÃO MEXER. AGUARDANDO INSTRUÇÕES.

Seu plano inicial era desviar frascos de um certo medicamento destinado para as quarenta maiores cidades dos Estados Unidos, esvaziá-los e enchê-los com sua criação. Teria sido um processo lento e perigoso. Contudo, em seu primeiro dia de trabalho, ele se deu conta de que aquilo não era necessário. Os frascos de vidro que usara no Líbano eram tão parecidos com os utilizados pela Chyron que até mesmo um especialista teria de olhar muito atentamente para perceber a diferença. Tudo que o Sarraceno precisava fazer era colar rótulos neles.

Dessa forma, começou a experimentar solventes capazes de descolar os rótulos das drogas legítimas sem danificá-las. Precisava dos rótulos intactos, e encontrou o que procurava em uma grande loja de material para artes plásticas — uma solução comum que neutralizava a maioria das colas comerciais.

Dez frascos de dois litros daquele solvente já estavam armazenados em seu armário e só faltava descolar as etiquetas das drogas genuínas e colá-las nos pequenos frascos de vírus da varíola. Em seguida, os frascos seriam enviados para os Estados Unidos perfeitamente disfarçados, distribuídos para as quarenta cidades, e ele estava certo de que o sistema de saúde americano faria o restante.

O Sarraceno sabia que a troca das etiquetas seria um processo longo e minucioso, mas, felizmente, ele trabalhava sozinho no turno da noite e havia pouco trabalho de verdade para distraí-lo. Ele simulara aquilo em sua mente tantas vezes — chegou a passar uma noite inteira cronometrando seus movimentos — que sabia que conseguiria terminar no prazo.

Faltavam nove dias.

CAPÍTULO SESSENTA E QUATRO

Após dirigir de volta os pouco mais de mil quilômetros, cheguei em Bodrum no início da tarde, ainda tentando conciliar o que sabia sobre a vida de Leyla Cumali com seu papel naquela iminente conflagração.

Eu parara duas vezes no caminho, para abastecer e para tomar um café, e, a cada parada, verificara meu celular e o laptop, esperando notícias de Battleboi. Mas não havia nada. Os únicos e-mails que chegaram eram duas mensagens de spam que foram filtradas e seguiram direto para o lixo eletrônico. Eu estava ficando cada vez mais frustrado e preocupado — talvez o hacker samurai não se saísse melhor do que a CIA —, de modo que, quando vi o gerente correndo pelo saguão na minha direção, percebi que outro desastre devia ter acontecido.

Eu estava tão cansado que havia interpretado mal a deixa: ele corria, na verdade, porque não estava acreditando que eu tinha voltado. Percebi que ele pensara que aquela história sobre ir à Bulgária fosse mentira e que, após ter matado Bob Esponja, eu havia ido embora para sempre.

— Você realmente é uma pessoa de grandes surpresas — disse ele, apertando a minha mão calorosamente. — Será que todos os homens do FBI são como você?

— Bonitos e inteligentes? — falei. — Não, apenas eu.

Ele me deu um tapinha nas costas e disse em voz baixa:

— Não houve ninguém aqui procurando você. O jornal diz que o sujeito era do tipo ladrão, provavelmente usuário de drogas.

Aliviado, eu o agradei e fui até o meu quarto. Na mesma hora, verifiquei meus e-mails no laptop, mas ainda não havia nada de Battleboi e percebi que, apesar do cansaço, pegar no sono seria impossível. A cada minuto, eu ia sentir o impulso de verificar se alguma mensagem tinha chegado.

Em vez disso, peguei os arquivos sobre a morte de Dodge que Cumali me dera e me sentei à escrivaninha. Enquanto esperava, tentaria encontrar algum rastro de uma mulher americana com sotaque do Meio-Oeste.

CAPÍTULO SESSENTA E CINCO

Tive o primeiro vislumbre dela após quarenta minutos. Apenas algumas palavras na transcrição de um depoimento, mas foi o bastante.

Cumali e sua equipe pediram que os amigos de Dodge e Cameron contassem como haviam conhecido o próspero casal e enumerassem as vezes que estiveram juntos em Bodrum. Aquilo era padrão, os policiais tentando construir uma imagem de suas vidas, e, felizmente, a maioria das transcrições eram em inglês.

Entre os interrogados, havia um jovem chamado Nathaniel Clunies-Ross, herdeiro de uma dinastia de banqueiros britânicos extremamente ricos que conhecia Dodge havia anos.

Ele e a namorada vieram de Saint-Tropez para passar uma semana com Dodge e sua nova esposa. Não havia nada de extraordinário naquilo, com exceção de ele ter vinte e seis anos e possuir um barco de cem milhões de dólares. Então passei por meia dúzia de páginas em que ele catalogava as vidas vazias de algumas pessoas muito ricas.

Na última página, ele fez um breve relato de uma noite regada a vodca em uma famosa boate chamada Club Zulu, que ficava no litoral. Disse que seis deles estavam a bordo de um helicóptero e que, perto do fim da noite, Cameron encontrara uma jovem chamada Ingrid, uma conhecida dela que estava acompanhada por um grupo ainda maior.

Os dois grupos acabaram se juntando e o mais interessante, de acordo com Clunies-Ross, foi que um dos caras que estavam com Ingrid — ele não conseguia se lembrar do nome do rapaz, mas tinha certeza de que era italiano e provavelmente namorado dela — descrevera suas aventuras com veranistas de meia-idade.

— Ele tinha um negócio que oferecia serviço de massagem na praia — explicara Clunies-Ross.

Comecei a ler mais rápido, o cansaço esvaecendo e minha concentração voltando com força total. Li o restante do depoimento, mas não encontrei nenhuma outra menção a Gianfranco ou, mais importante, à mulher chamada Ingrid.

Fui até o fim do arquivo e encontrei os registros do depoimento, incluindo imagens granuladas e distorcidas capturadas por câmeras de vigilância no Club Zulu. A última mostrava um grupo de pessoas — todas com certeza muito bêbadas — deixando a boate. Vi Cameron e

Dodge, um cara que imaginei ser Clunies-Ross com a namorada — exibindo um decote e as belas pernas —, e à direita, ao fundo, quase obscurecido, Gianfranco.

Ele estava com os braços nos ombros de uma mulher deslumbrante: cabelo curto, saia ainda mais curta, bronzeada e esbelta, uma dessas jovens que parecem bastante à vontade com o próprio corpo. Por um capricho do destino, ela estava olhando para a câmera. Tinha olhos grandes, um pouco mais profundos do que você poderia esperar, que davam a impressão de que ela estava olhando através de você. Toda a minha intuição, destilada e aperfeiçoada por incontáveis missões e mil noites sem dormir, me dizia que aquela era Ingrid.

Vasculhei os outros arquivos: em algum lugar haveria uma lista mestra, um índice de todos os nomes que surgiram durante a investigação. Havia dezenas deles, mas apenas uma Ingrid.

Ingrid Kohl.

O índice remetia à informação que a polícia obtivera a respeito dela. Fui até o Volume B, página quarenta e seis, e vi que era quase nada. Ingrid era uma mera conhecida e sua interação com Cameron e Dodge foi tão pouca que os policiais não se incomodaram em falar com ela. Contudo, tiraram uma cópia do seu passaporte.

Olhei para a foto. Era a mulher de cabelo curto do Club Zulu. Ingrid Kohl.

Não houve interrogatório, mas algumas coisas eram certas: ela conhecia Cameron, era amiga ou até algo mais íntimo de Gianfranco, além de americana. O passaporte dizia que era de Chicago, no coração do Meio-Oeste.

CAPÍTULO SESSENTA E SEIS

Vasculhei outras pastas na esperança de encontrar mais alguma menção ou outras fotos dela, mas não havia mais nada — apenas a referência do banqueiro e uma imagem de má qualidade de uma câmera de vigilância.

Ao longo da tarde, fiquei remoendo aquilo e, apesar de fazer uma longa viagem pelo sótão da minha memória, não conseguia me lembrar de ter conhecido alguém tão atraente quanto a Srta. Kohl. Pelo bem do trabalho, é claro, eu continuava tentando combinar uma voz com a imagem, enquanto pensava em gardênias...

Quando o computador emitiu um som informando a chegada de um e-mail, imaginei que tinha de ser Battleboi e corri até o laptop — apenas para me desapontar. Era mais um spam que também fora encaminhado para a pasta de lixo eletrônico.

Onde diabo estava o samurai?, perguntei a mim mesmo com frustração, enquanto marcava as mensagens para serem deletadas. Vi que se referiam a um suposto prêmio que eu ganhara e apertei o botão para despachá-las para o esquecimento. Mas nada aconteceu. As mensagens continuaram ali. Apertei o botão outra vez, com o mesmo resultado, e percebi o idiota que eu fora. Disfarçadas como spam, as mensagens eram de Battleboi.

Quando eu o conheci e estávamos sentados no Japão Antigo apagando os registros acadêmicos de Scott Murdoch, ele me contou que havia projetado um vírus bastante nocivo, idêntico aos inúmeros e-mails de spam que circulam no ciberespaço. Era tão óbvio que até mesmo o filtro mais rudimentar os reconheceria e enviaria para a pasta de lixo eletrônico. Quando o desavisado proprietário — pensando que o filtro fizera o seu trabalho — tentava apagar a mensagem, ele inadvertidamente a ativava. Na mesma hora, a mensagem dava início ao download de um vírus, um cavalo de Troia, um spyware ou qualquer outro programa que Battleboi achasse necessário, como, por exemplo, um programa para registrar informações de cartão de crédito.

Tendo sido pego pelos federais, ele nunca tivera a oportunidade de implantar sua nova bomba de spam, até agora, e eu percebi que já havia baixado sem saber a informação que ele descobrira sobre Leyla al-Nassouri-Cumali. Tudo que eu tinha de fazer era encontrá-la.

Abri a primeira das mensagens de spam e fiquei encantado ao ler que era o feliz ganhador

de um sorteio on-line. A fim de reivindicar os 24.796.321,81 de dólares que eu ganhara, bastava enviar um e-mail que seria respondido com um código de autorização e uma lista de instruções. Os outros e-mails de spam eram apenas lembretes, pedindo que eu não me atrasasse e corresse o risco de perder minha fortuna inesperada.

Tentei clicar no botão de pagamento sem a autorização, mas nada aconteceu. Percebi que o que eu realmente estava procurando era um código de criptografia que desbloqueasse um arquivo oculto, e estava começando a me perguntar se Battleboi o enviaria em um e-mail separado quando percebi que já tinha o código.

Copiei os números do prêmio, suprimi os pontos e a vírgula, digitei-os no campo reservado para o código de autorização e apertei a tecla de pagamento. Funcionou.

Um documento se abriu e vi uma foto de Leyla Cumali com cerca de dezesseis anos, tirada de uma carteira de motorista. Mais abaixo, havia uma lista de tudo que Battleboi descobrira até aquele momento e, ao conferi-la, vi que ele — exatamente como eu esperava — com certeza saía do padrão.

Ele disse que, como Cumali era policial, devia ter frequentado a escola e a universidade e, por isso, decidiu tentar localizá-la por meio de seu histórico escolar. A estratégia lhe deu uma enorme vantagem: reduzia em muito o número de pessoas a investigar. Por mais chocante que isso fosse, mais de quarenta e cinco por cento das mulheres árabes não sabiam ler ou escrever.

Battleboi escolheu seis nações árabes e começou a pesquisar escolas de ensino médio. Encontrou apenas uma Leyla al-Nassouri com a idade certa — em um arquivo on-line de uma escola no Bahrein, onde ela ganhara um concurso de redação em inglês.

Ele a perdeu por um tempo durante a pesquisa, mas descobriu que, em árabe, Leyla significa “nascida durante a noite”, e começou a vasculhar blogs e redes sociais usando várias dezenas de variações daquela definição. Sob o nome de Meia-Noite, encontrou uma mulher que postara diversas coisas em um blog sobre mergulho no Bahrein.

Ele conseguiu acessar o banco de dados do blog e descobriu que Meia-Noite era o apelido que Leyla al-Nassouri usava na internet, o que lhe deu o endereço de e-mail dela na época. Calculando que ela teria mais de dezessete anos, e armado com seu nome e e-mail, ele tentou entrar no sistema do Departamento de Veículos Motorizados do Bahrein, na esperança de poder localizar as informações detalhadas de sua carteira de motorista. Levou mais de quatro horas usando todos os seus artifícios mais pesados como hacker, mas Battleboi enfim se infiltrou na rede e encontrou a ficha de Leyla, que continha uma foto e também a data e o local de nascimento.

Ela nascera na Arábia Saudita.

Battleboi disse que não encontrou mais nada sobre ela até dois anos depois, quando

localizou uma foto e um resumo de sua carreira acadêmica em uma faculdade de direito em Istambul.

“Isso é tudo que tenho no momento”, escreveu.

Fechei as páginas e permaneci sentado em silêncio, pensando. Eu a vi de novo, aproximando-se da cabine telefônica, falando com um terrorista nas montanhas Hindu Kush, o homem mais procurado do mundo — uma mulher árabe educada que praticava mergulho, que aprendeu a dirigir e que viajou para longe para cursar a faculdade.

Battleboi fizera um excelente trabalho, mas as coisas não estavam mais claras. Leyla Cumali poderia ter nascido na Arábia Saudita, mas aquilo ainda não fazia sentido algum.

CAPÍTULO SESSENTA E SETE

Dei uma caminhada. Com os ombros curvados e as mãos enterradas nos bolsos, mais uma vez voltei a considerar as contradições da vida de Cumali.

Eu deixara o hotel, vagara por um labirinto de ruelas e, após tentar mil maneiras diferentes de fechar o maldito círculo, me vi na praia. Era fim de tarde e ainda estava quente, o último lampejo de verão antes de o outono realmente chegar.

Sentei-me em um banco e observei aquele mar estrangeiro, azul-turquesa e de um brilho quase sobrenatural. Um pai espirrava água em seus três filhos na estreita faixa onde a água encontrava a areia. As risadas deles preenchiam o ar e, então, bastou um pequeno passo para que eu começasse a refletir sobre um menino que não tinha pai para jogar água nele e nem sabia o que era síndrome de Down.

A mãe das crianças se aproximou para tirar uma foto dos filhos, enquanto eu pensava em Cumali e em como seu coração devia ter se partido quando ela viu o único e revelador vinco na palma da mão de seu bebê recém-nascido e percebeu que ele era um em setecentos.

O mundo inteiro pareceu estar em câmera lenta: a água cintilante dos baldes das crianças ficou suspensa no ar, o rosto sorridente do pai mal parecia se mover, a mão da mãe congelou sobre o obturador. Minha mente encalhou em um pensamento estranho.

Evidência é o nome que damos para a lista de coisas que temos, mas e quanto àquilo que não encontramos? Às vezes, as coisas que faltam são as mais importantes.

No tempo que eu gastara revistando o apartamento de Cumali, não vi nenhuma foto dela com o bebê. Não havia foto dela com seu filho recém-nascido na escrivaninha, ou dela brincando com ele ainda pequeno, ou um retrato na parede. Não encontrei nenhuma foto nas gavetas e não vi nenhum porta-retratos ao lado da cama. Por que ela guardaria um álbum de fotografias de um casamento fracassado e não teria nem ao menos uma foto deles como uma família ou do menino quando bebê? As mães não guardam essas coisas? A não ser que...

Ele não fosse seu filho.

A água ainda pairava no ar, a mãe mantinha a câmera junto ao rosto e o pai continuava rindo. Eu me perguntava por que não pensara naquilo antes: ela chegara a Bodrum com o filho havia três anos, deixara o marido para trás e não tinha nenhum amigo ou conhecido para

contradizê-la. Ela poderia ter contado a história que quisesse.

E se ele não era filho de Cumali, de quem seria?

A água caiu no chão, a mãe tirou a fotografia, o pai jogou mais um esguicho de água nos filhos e eu comecei a correr.

Era hora do jantar e pensei que se fosse rápido o bastante, poderia chegar à casa de Cumali antes que ela terminasse de lavar os pratos.

CAPÍTULO SESSENTA E OITO

Quando Cumali abriu a porta, vestia uma camisa casual, calça jeans e usava uma luva térmica de cozinha. Como não esperava nenhuma visita, a mulher dispensara o lenço e amarrara o cabelo para trás em um rabo de cavalo — o que combinava bastante com ela, acentuando suas altas maçãs do rosto e seus olhos grandes. Mais uma vez me dei conta de como era atraente.

Ela não parecia estar envergonhada por ser vista com a cabeça descoberta e uma camisa aberta no colarinho, apenas chateada por ter sido perturbada em casa.

— O que você quer? — perguntou.

— Sua ajuda — respondi. — Posso entrar?

— Não. Estou ocupada, prestes a servir o jantar.

Eu estava pronto para começar a discutir, ser tão insistente quanto necessário, mas fui poupado disso. O menino saiu da cozinha, me viu e começou a correr na minha direção. Feliz, expressando-se em turco, ele parou de repente e se curvou com perfeição.

— Muito bem! — exclamei, sorridente.

— É claro. Ele pratica todos os dias — disse Cumali, a voz mais branda, ajeitando alguns fios do cabelo rebelde do menino.

— Só vai demorar alguns minutos — falei.

Após uma pausa, ela deu um passo para trás de modo a me deixar entrar — mais por causa do filho, se é que ele era mesmo, do que por vontade de me ajudar.

Segui pelo corredor à frente deles, certificando-me de olhar em volta, curioso, como se nunca tivesse estado naquela casa. O menino vinha mais atrás, conversando em turco, exigindo que a mãe traduzisse o que ele dizia.

— Ele quer levá-lo a um piquenique — disse ela. — Ele viu um programa na TV sobre um menino americano. Aparentemente, é isso que melhores amigos fazem.

Não fiz nenhuma piada. Aquilo significava muito para a criança.

— Um piquenique? É claro — falei, parando para me curvar diante dele. — Quando você quiser. Prometo.

Entramos na cozinha e, usando sua luva térmica, ela foi até o fogão, tirou do fogo uma *tagine* — uma panela de ensopado marroquina —, provou o conteúdo com uma colher de pau

e serviu pratos para si mesma e para o filho. Ela não me ofereceu — uma verdadeira afronta no mundo muçulmano, no qual, devido à proibição do álcool, a hospitalidade girava em torno da comida —, deixando claro que queria se livrar de mim o mais rápido possível.

— Você disse que queria a minha ajuda. O que é? — perguntou Cumali assim que se sentou e começou a comer.

— Você se lembra de uma mulher chamada Ingrid Kohl? — falei, agradecendo a Deus por ter uma história boa o bastante para justificar minha ida até a casa dela.

Cumali fez uma pausa, pensando, enquanto o menino sorria para mim e tomava um gole de seu copo do Mickey Mouse.

— Ingrid Kohl — disse Cumali. — Uma mochileira... americana... conhecida de Cameron ou algo assim. É essa?

— Sim. Você sabe mais alguma coisa a respeito dela?

— Ela era não era uma testemunha central. Acho que nem mesmo chegamos a interrogá-la. Você veio aqui na hora do jantar para me perguntar sobre Ingrid Kohl? Por quê?

— Acho que Ingrid e Cameron se conhecem bem. Acho que se conhecem há muito tempo. Suspeito que sejam amantes.

Ela olhou para mim com o garfo a meio caminho da boca.

— Você tem alguma prova ou isso é só um palpite?

— Como no caso dos espelhos, você diz? — perguntei de uma maneira um tanto brusca. — Há evidências. Só preciso embasá-las.

— Então, você está me dizendo que ela sabe como entrar na propriedade, que é uma suspeita?

— É exatamente o que estou dizendo. Mas preciso ouvir a voz dela.

— A voz?

— Vou explicar tudo quando tiver certeza — respondi.

Eu não queria entrar em uma longa discussão sobre a morte de Dodge, só queria tirá-la da maldita cozinha e pegar os itens que eu já identificara.

— Você pode conseguir que as duas mulheres estejam na delegacia amanhã de manhã? — perguntei. — Quero ouvir a voz de Ingrid e fazer algumas perguntas para ela e para Cameron.

Cumali não estava nada entusiasmada.

— Cameron já prestou um longo depoimento. Eu teria que saber mais...

— Quero resolver isso logo — interrompi. — Quero sair da Turquia o quanto antes. Com a sua ajuda, acho que posso fazer isso.

Talvez fosse a firme insistência na minha voz, ou a chance de se livrar de mim, mas, por algum motivo, ela concordou.

— Tudo bem, vou ligar para Hayrunnisa amanhã cedo para pedir que providencie isso.

— Você pode ligar para ela agora, por favor?

Eu já verificara a cozinha e não vira a sua bolsa nem o seu celular. Esperava que estivessem em outro cômodo.

— Ligar para a casa dela, você quer dizer?

— Sim.

— Não. Como eu disse, vou telefonar para ela pela manhã.

— Então me dê o número — respondi. — Eu mesmo ligo.

Ela olhou para mim, exasperada, então suspirou, levantou-se e dirigiu-se até a sala de estar para pegar o telefone.

Agi rápido, miando para o gato que estava me encarando em um canto. Aquilo funcionou, pois fiz o menino rir e olhar na direção do animal. Movi-me por trás dele e guardei o primeiro item no bolso antes que ele visse.

Quando ele se voltou para mim, eu já estava junto ao fogão, de costas para ele, de modo que não pôde me ver pegar o segundo item. A fim de desviar sua atenção, peguei meu celular quando me virei e comecei a fazer caretas e a tirar fotos dele.

Isso o fez rir outra vez, e ele continuava às gargalhadas quando sua mãe voltou com o telefone ao ouvido falando em turco com Hayrunnisa. Cumali desligou e olhou para mim.

— Ela vai ligar para as duas às oito horas e pedir que estejam no escritório às dez. Satisfeito?

— Obrigado.

— Eu e meu filho podemos jantar em paz agora?

— Claro — falei. — Estou de saída.

Eu me curvei para o menino, voltei-me e saí pela porta da frente. Dobrei à direita, fui até a rua principal mais próxima e comecei a correr. Só parei quando tive a sorte de encontrar um táxi vago, voltando do porto para a cidade.

Disse ao motorista que queria ir a algumas lojas de souvenirs que eu vira em meu primeiro dia em Bodrum. A noite se aproximava, mas eu sabia que elas permaneciam abertas até tarde e que na maior delas havia uma agência da FedEx.

Ali, comprei meia dúzia de lembranças e disse para o senhor atrás do balcão que queria enviá-las para Nova York. Tudo o que precisava era de uma caixa para embalá-las. Enderecei a encomenda para a delegacia em que Ben Bradley trabalhava e incluí um bilhete de modo que, caso alguém na Turquia inspecionasse a encomenda, acharia que não era nada de mais. Apenas um policial em missão enviando lembranças para deixar seus colegas no escritório com inveja.

Pedi para Bradley distribuir os chapéus turcos vermelhos para os outros detetives, disse que

a luminária de plástico com a bailarina de dança do ventre era para a sua escrivadinha e que os outros dois itens eram para nosso amigo em comum. “Não se preocupe, ele vai entender a piada”, escrevi.

Claro que não era piada — em mais uma hora, eu ligaria para Bradley e lhe diria exatamente o que fazer com a colher de pau e com o copo de Mickey Mouse.

Recolher a saliva seca e submetê-la o mais rápido possível a um teste de DNA, diria. Somente então eu saberia o exato parentesco entre Cumali e o menino.

CAPÍTULO SESSENTA E NOVE

Houve uma mudança de planos. Na manhã seguinte, cheguei à delegacia alguns minutos antes das dez horas para descobrir que Ingrid Kohl alegara estar resfriada e que só poderia comparecer mais tarde. Talvez fosse verdade. Mas como saber?

Por outro lado, Cameron ainda não fora contatada. Não pessoalmente, ao menos. Hayrunnisa ligara para o barco, mas a assistente pessoal da jovem se recusara a acordá-la.

— Minhas instruções são claras: ela não quer ser incomodada. Quando madame acordar, pedirei que ligue de volta.

Falei para Hayrunnisa me telefonar assim que uma delas chegasse, mas, duas horas depois, eu estava sentado na calçada de um restaurante nas proximidades — acompanhando o progresso da encomenda da FedEx no meu celular, descobrindo que fora despachada para Nova York durante a noite e que estava prestes a ser entregue — quando vi Ingrid pela primeira vez.

Ela descia a rua na minha direção, uma bolsa barata pendurada no ombro, óculos de sol Tom Ford falsificados no alto da cabeça, um cão jovem — um completo vira-lata — atado a uma corda. Naquele mês, a moda entre as garotas “chiques” era sempre sair acompanhada de um cão de raça, e Ingrid ou não dava a mínima, ou estava debochando delas. Eu quase ri.

Exceto por uma coisa: a foto granulada não lhe fizera justiça. Ela era mais alta do que parecia e, trajando short jeans e uma fina camiseta branca, revelava uma sensualidade que eu não previra. Seu cabelo curto crescera um pouco, e isso fazia seus olhos azuis parecerem ainda mais profundos, dando a impressão de que podiam olhar diretamente através de você.

Sem dúvida alguma, ela era impressionante. Em uma mesa próxima, cinco rapazes descolados olharam para ela e comprovaram isso. Mas, se sabia ter essa característica, parecia não dar a menor importância ao fato. Talvez por isso pudesse se dar ao luxo de fazer qualquer coisa — até mesmo passear com aquele maldito cachorro.

Há um bom tempo, disse que havia lugares sobre os quais eu me lembrarei a vida inteira. Havia pessoas também. E ali, sentado em um restaurante qualquer, sob o quente sol turco, soube que a primeira visão que tive dela seria uma daquelas coisas que ficariam comigo para sempre.

Ela saiu da calçada e caminhou entre as mesas do restaurante, em direção à seção que servia comida para viagem. Quando passou pela mesa dos rapazes — sérvios, a julgar pelo idioma que falavam —, um deles estendeu a mão e segurou-a pelo pulso.

— Qual a raça do cachorro? — perguntou um rapaz com barba por fazer, camisa desabotoada e tatuagem ao redor do bíceps. Falava inglês com um forte sotaque.

Ela o encarou com um olhar fulminante que poderia atear fogo em palha.

— Solte o meu braço, por favor — disse ela.

O rapaz não soltou.

— É só uma pergunta — respondeu ele, sorrindo.

— É uma raça alemã — disse Ingrid. — É um bilauhound.

— Um o quê?

— Um bilauhound. Eu aponto para um homem e ele me traz o bilau do cara na boca. Quer ver?

O cão rosnou, e o sorriso desapareceu do rosto do sujeito, sua raiva agravada pelo fato de os quatro amigos estarem rindo dele. Ingrid livrou a mão e continuou a caminhar para o bar.

Sentei-me e me concentrei no som da voz dela, mas não era tão definida quanto eu esperava: ela dissera a verdade quanto ao resfriado, e sua voz estava rouca e distorcida por causa disso. A acústica na mansão também era totalmente diferente — o pé-direito adicionara uma espécie de eco —, e eu só a ouvira ao longe. Embora minha intuição me dissesse que era ela no quarto, não podia ter certeza.

Cheio de dúvidas, olhei-a outra vez enquanto ela estava no bar com o vira-lata. Tive de ser honesto comigo mesmo. Talvez eu não quisesse que ela fosse a assassina.

CAPÍTULO SETENTA

Ingrid surgiu dos fundos da delegacia acompanhada por outro jovem policial calçando botas ofuscantes. Ela amarrou o bilauhound no corrimão da escada e subiu em direção ao escritório de Cumali.

Eu deixara o restaurante antes dela, de modo a estar pronto quando a mulher chegasse, e estava sentado em uma mesa de reunião em um canto do escritório observando-a pela janela. Cumali não estava presente. Alegara que precisava cuidar de um assunto mais premente: a caçada ao assassino de Bob Esponja.

— Estou procurando a detetive Cumali — disse Ingrid assim que entrou, sem notar minha presença em um canto.

Ela me deu outra oportunidade de ouvir sua voz, mas eu ainda estava incerto demais para decidir.

— Infelizmente, ela não está — respondeu Hayrunnisa. — Mas acho que este senhor vai poder ajudá-la.

Ingrid se virou e me encarou. Vi seus olhos se voltarem para meus sapatos idiotas estilo FBI, subirem por minhas calças disformes e fazerem uma pausa na camisa barata e na gravata pouco atraente. Senti que só me faltava um protetor de bolso.

Depois de tê-la visto no café, não precisei devolver a avaliação, e a fria indiferença com a qual eu a olhei me garantiu uma pequena vantagem.

Então, ela sorriu. E a vantagem desapareceu.

— E você quem é? — perguntou ela. Tive a impressão de que ela já sabia.

— Meu nome é B.D. Wilson. Sou do FBI.

A maioria das pessoas, mesmo aqueles sem nada a esconder, sentem um arrepio de medo quando ouvem essa sigla. Se Ingrid Kohl o sentiu, não demonstrou.

— Então não vejo como pode me ajudar. Disseram que eu deveria vir até aqui para pegar o meu passaporte.

Ela lançou um olhar fulminante para Hayrunnisa e percebi que a secretária tinha inventado uma desculpa para se certificar de que a Srta. Kohl apareceria. Provavelmente esse era o procedimento operacional padrão nas delegacias da Turquia.

Em vez de deixar Hayrunnisa num beco sem saída, respondi por ela.

— Tenho certeza de que podemos providenciar isso. Mas primeiro tenho algumas perguntas a fazer.

Ingrid deixou a bolsa cair no chão e se sentou.

— Vá em frente — disse a mulher. Não era fácil deixá-la perturbada.

Coloquei uma pequena câmera digital na mesa, apertei um botão e verifiquei se estava gravando áudio e vídeo. Então, disse o nome completo que constava na cópia do passaporte que eu tinha à minha frente, a hora e a data atual.

Eu a vi olhando com atenção para o dispositivo, mas não dei atenção àquilo. Deveria ter dado. Em vez disso, voltei-me para ela e disse que eu era policial e que estava investigando a morte de Dodge.

— Agora, tornou-se um caso de homicídio — falei.

— Foi o que ouvir dizer.

— Quem disse?

— Todo mundo. Todos os mochileiros americanos estão comentando sobre isso.

— Onde você conheceu Dodge e a esposa?

Ela me disse que se encontraram em várias boates e bares, mas que nunca tinham conversado.

— Então, tudo mudou certa noite, do lado de fora de uma boate chamada Supositório.

— Há uma boate chamada Supositório? — perguntei.

Quer dizer, você precisa questionar uma coisa dessas, certo?

— Na verdade, não. O nome é Texas School Book Depository. Você sabe: o lance entre Kennedy e Oswald. É gerido por um casal de hipsters de Los Angeles, mas é tão ruim que todo mundo chama o lugar de Supositório.

“De qualquer modo, eu tinha acabado de sair de lá com uns amigos quando vi um cão de rua escondido atrás de uma lata de lixo. O animal apanhara muito e eu estava tentando descobrir como levá-lo até minha bicicleta elétrica quando Dodge e Cameron chegaram.

“Eles chamaram um carro e nós o levamos ao veterinário. Depois disso, eu os encontrava por aí e conversávamos, principalmente sobre o cachorro.

— Então você conhecia Dodge bem o bastante para, caso você chegasse à casa dele certa noite com algumas notícias alarmantes, ele saber quem você era?

Ela deu de ombros, parecendo confusa.

— Creio que sim.

— Aquele é o cachorro, não é? — perguntei, apontando para a janela.

— Sim.

Continuei falando enquanto consultava as minhas anotações, apenas preenchendo o silêncio.

— Qual é o nome dele?

— Gianfranco — disse ela.

Não demonstrei reação alguma.

— Italiano, não é?

— Sim, ele me lembra de um cara que conheci. Alguns cães só pensam em caçar.

Sorri e ergui o olhar.

— Você tem família, Srta. Kohl?

— Em algum lugar.

— Chicago?

— Por toda parte. Casada, divorciada, casada de novo, separada. Sabe como é.

— Irmãos, irmãs?

— Três meio-irmãos. Nenhum que eu queira conhecer.

— E você se mudou de Chicago, não é mesmo?

— Fui para Nova York, se é isso que quer dizer. Fiquei cerca de oito meses lá, mas não gostei, então pedi um passaporte e vim para cá. Tenho certeza de que você tem tudo isso em algum banco de dados.

Eu a ignorei e prossegui:

— Você veio para a Europa sozinha?

— Sim.

— Quanta coragem.

Ela apenas deu de ombros, sem se preocupar em responder. Ela era inteligente, mas, muito mais do que isso, era autossuficiente. Passava a sensação de que não precisava de ninguém.

— Como você se mantém? Estou falando de dinheiro, é claro.

— Como todo mundo. Trabalhando. Restaurantes, bares, quatro semanas como porteira de uma boate em Berlim. Ganho o bastante para sobreviver.

— E quanto ao futuro?

— Você sabe: casamento, dois filhos, uma casa numa vizinhança tranquila. Mas o cara precisa saber se vestir. Alguém como você, Sr. Wilson. Você é casado?

É, eu até toparia me casar com ela, disse para mim mesmo. Desde que estivesse armado com um machado.

— Eu estava falando sobre um futuro mais imediato.

— O verão está quase no fim. Talvez eu vá para Perúgia, na Itália. Há uma universidade para estrangeiros muito famosa lá.

Olhei as minhas anotações, verifiquei se a câmera estava funcionando e a encarei.

— Você é gay ou bissexual, Srta. Kohl?

Ela enfrentou o nível um da escala DEFCON de cabeça erguida.

— De que lado da cerca você pasta, Sr. Wilson? — perguntou ela.

— Isso não é relevante — respondi com calma.

— É exatamente assim que me sinto em relação à sua pergunta — respondeu ela.

— Há uma grande diferença. Há rumores de que Cameron é bissexual.

— E daí? Você precisa sair mais. Um monte de garotas modernas são. Acho que elas cansaram dos homens e decidiram experimentar o outro time.

Antes que eu pudesse responder à teoria, ouvi o som de saltos batendo no linóleo do corredor.

Cameron entrou na sala.

CAPÍTULO SETENTA E UM

Ingrid voltou-se para a recém-chegada e, graças a um arranjo fortuito das cadeiras, eu olhava para as duas no exato momento em que uma vira a outra.

Nenhuma cintilação de afeto, nenhum sinal secreto de reconhecimento ocorreu entre elas. Olharam uma para a outra da forma que você esperaria que conhecidos casuais se olhassem. Se estavam fingindo, com certeza conseguiram. Mas, afinal, por um bilhão e duzentos era de se esperar um bom desempenho, não?

— Oi — disse Cameron para Ingrid, estendendo a mão. — Não esperava encontrá-la aqui. Eles disseram que eu poderia vir buscar o meu passaporte.

— Para mim também — respondeu Ingrid com a voz amarga, e apontou o polegar em tom acusador em direção a Hayrunnisa. — O Sr. Wilson aqui estava me perguntando se você é bissexual.

— Ah, é? — respondeu Cameron. — E o que você disse a ele? — Ela puxou uma cadeira e se sentou. Não aparentava qualquer ansiedade e tive que admirar seu autocontrole.

— Eu disse que você era, mas apenas com mulheres negras. Percebi que, já que estávamos lidando com uma fantasia masculina, poderíamos entregar o pacote completo.

Cameron riu.

— Assassinato não é uma fantasia masculina — falei.

Disse para Cameron que agora aquela era uma investigação de homicídio, e expliquei sobre os fogos de artifício e sobre ter levado os espelhos para Florença. Durante todo o tempo, porém, eu tentava avaliar as duas, procurando alguma pista sobre a verdadeira relação delas — seriam amantes ou apenas duas mulheres atraentes que se conheceram em Bodrum e que não eram nada além de conhecidas? Será que fora a voz de Ingrid que ouvi no quarto? Quem era a mulher que sabia da passagem secreta e — eu estava certo disso — induzira Dodge a ir até o penhasco para, em seguida, empurrá-lo da beirada?

— Tenho uma fotografia de Dodge e do assassino juntos na biblioteca. Tudo o que preciso é do rosto — falei.

Ambas olharam para mim, chocadas ao saberem da existência da foto. Esta fofoca elas não tinham ouvido.

— Foi ideia sua revelar os espelhos? — perguntou Ingrid, e senti uma mudança no clima. Ela podia ter feito pouco das minhas roupas, mas exibia agora um respeito recém-descoberto por minhas habilidades.

— Sim — respondi.

— Grande ideia — disse ela, pensativa.

Comecei a explicar as dificuldades enfrentadas por alguém que tentasse entrar na propriedade sem ser visto.

— Tem que haver um caminho secreto, uma passagem, por assim dizer.

Mas eu não queria ir mais longe. Ingrid curvou-se e pegou a bolsa barata sobre a mesa.

— Desculpe — disse ela. — Preciso tomar algo para a minha gripe.

Enquanto ela estava tentando encontrar as pastilhas para a garganta, a bolsa caiu e o conteúdo se espalhou na mesa e pelo chão. Cameron e eu nos curvamos e pegamos batons, dinheiro trocado, uma câmera surrada e uma dúzia de outros objetos triviais. Quando me levantei, vi que Ingrid reunia o restante de suas coisas sobre a mesa e colocava-as de volta na bolsa. Entre os objetos, havia um tubo de vidro com a imagem de uma flor gravada na lateral.

— Perfume? — perguntei, pegando-o.

— Sim — respondeu ela. — Comprei no Grande Bazar em Istambul. Tem um sujeito lá que prepara a mistura à mão. É um pouco forte. Pode derrubar um elefante.

Sorri, tirei tampa e pulverizei o perfume em minha mão.

— Gardênia — falei.

Ela olhou para o meu rosto e viu que algo estava errado.

— Você é o quê? Um florista, cacete? — Ela tentou rir, e guardou o perfume, mas já era tarde demais.

Todas as dúvidas que eu tinha sobre a voz dela se dissiparam. Eu sabia com certeza que era ela quem estava no quarto de Cameron: quando saí do quarto de hóspedes e me dirigi ao elevador secreto, eu sentira o mesmo aroma característico pairando no corredor após ela passar.

— Não, não sou florista — respondi. — Sou apenas um agente especial do FBI investigando vários assassinatos. Gianfranco, o cara cujo nome você deu ao seu cachorro. Por quanto tempo saiu com ele?

Ela e Cameron sentiram a agressividade na minha voz e sabiam que tudo mudara.

— O que Gianfranco tem a ver com isso? — perguntou Ingrid.

— Responda a pergunta, Srta. Kohl.

— Eu não lembro.

— Foi ele quem lhe mostrou o túnel que leva ao interior da casa?

— Que casa?

— A de Cameron.

— Não há nenhum túnel na minha casa — disse Cameron.

Voltei-me para ela, surpreso com minha própria raiva. Dodge era o marido dela e, em todos os depoimentos, seus amigos disseram que ele a adorava.

— Não me diga que não há um túnel. Eu caminhei por ele.

— E daí? Mesmo que houvesse, ninguém nunca me mostrou — interrompeu Ingrid.

— Gianfranco me disse que mostrou. — Eu estava inventando, na esperança de abalar suas estruturas. Não adiantou.

— Então ele é um mentiroso — rebateu Ingrid.

Cameron ficara abalada, tanto pela informação quanto pela minha raiva, mas Ingrid não — ela se recompôs, voltou-se para mim e perguntou:

— Você acredita nele? Franco é a sua testemunha? Um sujeito que bolina mulheres de meia-idade na praia por uns trocados? Qualquer advogado decente acabaria com você. Chegou a perguntar sobre o fato de ele estar vendendo maconha? Ou descobriu que o nome dele não é Gianfranco e que ele nem é italiano? Afinal, qual mulher teria a fantasia de ser chupada por um sujeito chamado Abdul? Mas você sabe de tudo isso, é claro...

Ela olhou para o meu rosto enquanto eu me repreendia mentalmente. Eu percebera que havia algo no inglês de Gianfranco que era mais Istambul do que Nápoles, mas não tivera tempo de pensar naquilo.

— Ah! Vejo que a nacionalidade dele lhe escapou — disse ela, sorrindo.

— Isso não é relevante. Eu não me importo qual é o nome ou a nacionalidade verdadeira dele.

— Mas *eu* me importo — respondeu ela. — É uma questão de credibilidade. Gianfranco não tem nenhuma e, até agora, você também não.

— Você é advogada, Srta. Kohl?

— Não. Só leio muito.

Havia algo em sua fala e no modo como revirara os olhos que me fez pensar em tabladros e em uma fria sala de ensaio. Arrisquei:

— Onde foi? Nova York, Los Angeles?

— Onde foi o quê?

— Que você estudou teatro.

Ingrid não reagiu, mas vi Cameron olhar para ela e soube que eu estava certo.

— Você pode pensar o que quiser — respondeu. — Se Abdul... quer dizer, Gianfranco, conhecia um caminho secreto para a casa, então eu diria que é ele nessa foto. Provavelmente

foi ele quem matou Dodge.

— Isso não faz sentido — retruquei. — Que motivo ele teria?

— E qual motivo *eu* teria?

— Acho que você e Cameron são amantes. Acho que vocês duas planejaram e fizeram isso por dinheiro.

Ela riu.

— Cameron e eu não nos conhecemos. Nós nos esbarramos uma meia dúzia de vezes. O tempo mais longo que passamos juntas foi em um consultório veterinário. Que grande caso de amor!

— Isso tudo se aplicaria a Ingrid Kohl — falei. — Mas eu não acredito que você seja Ingrid Kohl..

— Então dê uma olhada no meu passaporte — rebateu ela. — Isso tudo é uma besteira. Meu Deus! É claro que sou Ingrid Kohl.

— Não — respondi. — Acho que você roubou uma identidade. Acho que está representando um papel. Eu acredito que, seja lá qual for o seu nome verdadeiro, você e Cameron se conhecem há muito tempo. Talvez até mesmo tenham crescido juntas. Você deixou Turkey Scratch, ou uma cidade qualquer do Meio-Oeste, e foi para Nova York. Então, vocês duas vieram para Bodrum com um motivo: matar Dodge. Isso é crime capital e, mesmo que evitem a injeção, vocês duas vão passar o restante da vida na cadeia.

Ingrid sorriu.

— Turkey Scratch? Que engraçado. Você inventou isso, assim como inventou todo o resto?

— Veremos. Ainda não terminei.

— Mas eu sim. — Ela se voltou para Cameron. — Eu não sei quanto a você, mas quero um advogado.

— É, eu também preciso de aconselhamento legal — respondeu Cameron, parecendo um cervo iluminado por faróis de um carro na estrada.

Ela pegou a bolsa e começou a se levantar.

— Não — falei. — Ainda tenho outras perguntas.

— Estamos sendo indiciadas? — perguntou Ingrid.

Eu não respondi. Ela não era fácil de intimidar.

— Foi o que pensei — disse ela em meio ao silêncio. — Você não pode nos deter, certo? Não tem qualquer jurisdição aqui. — Ela sorriu.

Cameron já estava se dirigindo para a porta. Ingrid pegou as pastilhas para a garganta e jogou-as na bolsa. Ao pendurá-la no ombro, ela se voltou e ficou bem perto de mim. Não consegui evitar: senti como se estivesse empinando pipa em uma tempestade.

— Você se acha muito inteligente, mas não sabe nada sobre mim, sobre Cameron ou qualquer outra coisa. Você não sabe metade do que está acontecendo. Não está nem perto de saber. Está perdido, se agarrando a gravetos, é isso que está acontecendo. Claro, você acha que tem alguma evidência. Deixe-me lhe dizer outra coisa que li: “Evidências são uma lista das coisas que temos. E quanto àquelas que você não encontrou? Como você as chama?”

Foi a minha vez de sorrir.

— Boa citação. Belo texto — falei. Soube então que fora ela quem matara a mulher em Nova York e a jogara em uma banheira de ácido. — Ela vem de um livro chamado *Princípios da técnica de investigação moderna*, escrito por um homem chamado Jude Garrett. E eu sei onde você conseguiu esse livro: você o pegou emprestado na Biblioteca Pública de Nova York com uma falsa carteira de motorista da Flórida. Você o levou ao Quarto 89 do Eastside Inn, onde você morava, e usou-o como manual para matar alguém. Que tal?

Ela olhou para mim sem expressão. Meu Deus, aquilo foi um triunfo de autocontrole da parte dela. Mas seu silêncio me informou que eu abalara o seu mundo, que rasgara de cima a baixo a tela de seu meticuloso crime.

Ela se voltou e saiu. Dei-me conta de que, dentro de uma hora, Cameron arranjaría um advogado e desembolsaria uma bela grana por um batalhão de conselheiros de alto nível, mas isso não as ajudaria muito. Eu entendi o que elas tinham feito — desde o dia da queda das Torres Gêmeas até a verdadeira razão para haver lacerações nas mãos de Dodge.

Contudo, não prestei atenção no que ela dissera sobre eu não saber metade da história. Pensei que ela estava apenas se vangloriando, jogando conversa fora, mas aquilo era subestimá-la. Eu deveria ter prestado atenção em cada detalhe, deveria ter ouvido e pensado em cada palavra.

Ergui a cabeça e olhei para Hayrunnisa. A mulher me encarava, seriamente impressionada.

— Uau! — disse ela.

Sorri com modéstia.

— Obrigado.

— Não você — respondeu. — Ela. Uau!

Contudo, se eu fosse honesto, concordaria. Ingrid Kohl — ou seja lá qual fosse seu nome — se saía muito bem durante o depoimento, melhor do que eu jamais esperara. Mesmo assim, havia muito material na câmera que eu sabia que ajudaria a condená-la no tribunal. Peguei o dispositivo e não consegui evitar: comecei a rir.

— O que foi? — perguntou Hayrunnisa.

— Você estava certa — falei. — Uau! Não foi por acaso que ela espalhou as coisas da sua bolsa. Aquilo foi um disfarce. Ela desligou a porra da câmera.

CAPÍTULO SETENTA E DOIS

Eu andava pela marina, faminto e com os pés doloridos, mas ansioso demais para comer ou descansar. Fazia três horas desde que eu recolocara a bateria no meu celular e saíra do escritório de Cumali, e já havia atravessado a praia, a Cidade Velha e, agora, o calçadão.

Por duas vezes eu começara a ligar para Bradley, desesperado para ouvir os resultados dos testes de DNA, mas me detivera a tempo. Eu reforçara quão urgente era aquilo e sabia que ele e Sussurrante já teriam tomado providências para apressar o laboratório. Ele ligaria no momento em que tivesse os resultados, mas isso não facilitava as coisas. Vamos lá, ficava dizendo para mim mesmo. *Vamos lá.*

Eu estava a meio caminho entre um grupo de bancas de frutos do mar e vários bares náuticos barulhentos quando o telefone tocou. Atendi sem nem mesmo olhar para o identificador de chamadas.

— Ben?

— Recebemos os resultados — respondeu ele. — Não há detalhes ainda, apenas um resumo que nos foi dado por telefone, mas imaginei que você ia querer saber o mais rápido possível.

— Vá em frente — respondi, tentando manter a voz neutra.

— Com certeza o menino não é filho da mulher.

Minha reação foi expirar. Eu estava tão tenso que nem percebi que prendia a respiração. Então, por que diabo Cumali estava criando a criança como se fosse dela?, perguntei a mim mesmo.

— Mas estão intimamente relacionados — continuou Bradley. — Há uma probabilidade de 99,8 por cento de ela ser tia do menino.

— Tia? — falei, e repeti para mim mesmo. *Tia?* — E quanto ao pai? Você tem algo a respeito dele? — perguntei.

— Sim, o pai da criança é irmão da mulher.

Então, pensei, Leyla Cumali estava criando o filho de seu irmão. Senti uma crescente onda de agitação — de súbita clareza —, mas não disse nada.

— Isso é tudo o que posso lhe adiantar no momento — concluiu Bradley.

— Certo — respondi friamente antes de desligar.

Fiquei parado, abstraindo o barulho da clientela dos bares. O irmão de Leyla Cumali tinha um filho, e ela o estava criando — em completo sigilo — como se fosse dela.

Mais uma vez, eu me perguntei: por quê? Por que mentir sobre isso? O que havia de vergonhoso em criar um sobrinho?

Pensei naquela manhã em que eu a encontrara no parque — da raiva com que ela saudara a minha intrusão e a forma furtiva como recolhera o menino. Lembrei-me de que, na oportunidade, pensei ter topado com um segredo. Nada daquilo era normal, nada fazia sentido.

A menos, é claro, que o pai fosse um fora da lei — um soldado em uma guerra secreta, por exemplo. Um homem sempre em movimento, um homem procurado por terrorismo, ou *jihad*, ou algo pior...

Talvez essa pessoa tivesse entregado o filho para a irmã criar.

Nessas circunstâncias, Leyla Cumali-al-Nassouri teria reagido com alarme quando um americano, um investigador, apareceu e descobriu a existência do menino.

Mas e quanto à mãe dele? Onde estaria? Morta, provavelmente. Bombardeada ou baleada em algum dos muitos países muçulmanos onde mulheres são abatidas todo dia.

Encontrei um banco, sentei-me e olhei para o chão. Após um longo tempo, olhei para cima e, daquele momento em diante, com uma enorme sensação de que eu atingira um divisor de águas, já não acreditava que Leyla al-Nassouri estivesse falando ao telefone com um terrorista. Acreditava que ela estava conversando com seu irmão.

Eu enfim fechava o círculo e entendia a real conexão entre um fanático árabe e uma policial turca moderada. Eles não estavam discutindo a mecânica de uma trama mortal ou a taxa de mortalidade da varíola. Tínhamos concluído que eram apenas “terroristas”, mas a verdade era muito mais humana: eram parentes.

Sim, ela provavelmente sabia que ele era um fora da lei, mas eu duvidava que tivesse ideia da magnitude do ataque no qual ele estava envolvido. Havia muitos árabes fundamentalistas islâmicos que acreditavam no *jihad* — vinte mil apenas na lista de embarque negado nos Estados Unidos; todos com a cabeça a prêmio, tentando evitar que o Echelon ou qualquer coisa parecida pudesse encontrá-los. Para ela, o irmão provavelmente era um desses sujeitos — um fanático de jardim. Não havia evidência alguma que demonstrasse que ela sabia que ele estava tramando assassinato em escala industrial ou que estivera nas montanhas Hindu Kush.

Comecei a andar rápido, desviando dos grupos de veranistas, evitando o tráfego e caminhando em direção ao hotel. Mas e quanto à questão dos dois telefonemas? Por que motivo, naquele momento crítico, o Sarraceno arriscara tudo para falar com ela?

Como disse, eu estava começando a ver tudo com clareza. No gabinete de arquivos no quarto de Cumali, eu encontrara a conta do hospital regional, que mostrava que o menino fora

internado com meningite meningocócica. Eu não conseguia me lembrar da data exata da internação, mas não precisava. Estava certo de que coincidia com os dois telefonemas entre Leyla Cumali e seu irmão.

Quando descobriu a gravidade da doença do garoto, ela postou uma mensagem codificada em um mural de recados na internet, pedindo que o Sarraceno telefonasse para ela com urgência. Em sua aflição, Cumali teria concluído que um pai tinha o direito de saber e, dada a devoção religiosa do irmão, que ele teria desejado rezar pelo filho.

A maioria dos sites de namoro e de anúncios pessoais automaticamente alerta os outros usuários quando há mensagens que possam interessá-los. O Sarraceno teria recebido uma mensagem de texto dizendo que uma fã de um poeta obscuro — ou algo assim — postara uma mensagem. Sabendo que seria uma má notícia, ele telefonou para ela na cabine telefônica combinada e ouviu a mensagem codificada pré-gravada.

Quão angustiante deve ter sido para ele. No topo de uma montanha desolada no Afeganistão, tentando testar um trabalho de metade de uma vida, com três pessoas morrendo de varíola aditivada em uma cabana hermeticamente fechada, ciente de que, se fosse descoberto, aquilo significaria sua morte instantânea, e, então, ser informado de que seu filho estava muito doente. E que talvez pudesse até morrer.

Desesperado, ele teria tentado obter de Cumali uma atualização da situação, e esse foi o segundo telefonema que fez. Ela o teria informado que os medicamentos funcionaram, que a crise passara e que seu filho estava a salvo — motivo pelo qual não houve mais ligações.

Mas havia outra coisa que eu não pude deixar de notar: o Sarraceno devia amar o menino de todo o coração para ter arriscado seu grande plano com um telefonema. Não gostei nada daquilo. Desde que atirei no Navegante eu sabia que, quando você está a ponto de matar um homem, é muito melhor que ele seja um monstro do que um pai amoroso.

Subi correndo a escada do hotel, entrei no meu quarto, joguei uma muda de roupa em uma bolsa de viagem e peguei o meu passaporte. Agora eu sabia o sobrenome do Sarraceno, que era o mesmo de sua irmã — al-Nassouri — e sabia de onde viera sua família.

Eu estava a caminho da Arábia Saudita.

PARTE QUATRO

CAPÍTULO UM

O voo 473 da Turkish Airlines decolou do aeroporto de Milas ao sol poente e começou a sobrevoar um canto do Mediterrâneo em direção a Beirute.

Após deixar o hotel, entrei no carro, dirigi até o aeroporto e peguei o primeiro avião que estivesse saindo para o sul — qualquer coisa que me levasse para mais perto da Arábia Saudita.

Minha ideia era economizar o maior tempo possível. Durante o voo, eu ligaria e pediria que um jato do governo dos Estados Unidos me encontrasse no meio do caminho, na pista do aeroporto no Líbano.

Assim que surgiram as águas cristalinas do Mediterrâneo e o sinal de “Aperte o cinto” foi desligado, peguei meu celular e fui até o banheiro. Com a porta fechada e sem tempo para me preocupar com quem poderia estar espionando, liguei para Battleboi em Nova York.

Antes de qualquer coisa, precisava saber para onde diabo na Arábia Saudita eu deveria ir.

Rachel-san atendeu.

— Sou eu — falei, sem maiores explicações. — Preciso muito falar com o grandalhão.

Quando ele atendeu, eu disse:

— Preste atenção. — Não estava com tempo para conversa fiada. — Você disse que encontrou um pedido de carteira de motorista da mulher...

— Sim.

— Ela nasceu na Arábia Saudita. Onde? Em qual cidade?

— Espere — respondeu ele. Pude ouvi-lo se arrastar em direção ao escritório. — A ficha está aqui na minha frente — disse ele, após uma pequena pausa. — Jidá. Um lugar chamado Jidá.

— Obrigado. Bom trabalho.

Eu estava prestes a desligar, mas ele perguntou:

— Você soube o que aconteceu?

— Sobre Leavenworth?

— Sim. Eu disse que tirariam tudo de mim e depois me trairiam. Eu odeio isso, mas... preciso de ajuda.

Sua voz ficou embargada, e ele precisou fazer uma pausa para voltar a ter controle das emoções.

— Eu posso fazer aquilo. Quer dizer, cumprir a pena. Mas vou perder Rachel. Ela quer ter filhos... não posso pedir para ela esperar e desistir. Uma redução de cinco anos é tudo que peço. Eu não sei quem você é de verdade, mas...

— Cale a boca! — exclamei, de modo mais duro do que pretendia, mas não podia deixá-lo abordar algo acerca da minha identidade no caso de alguém estar ouvindo. — Conheço algumas pessoas — falei rápido. — Prometo que vou fazer o que puder.

— Ah, sim, claro — disse ele com sarcasmo.

Embora eu entendesse que ele fora usado e traído, não gostei da atitude.

— Não sou como as pessoas que traíram você — falei, erguendo a voz. — Se eu lhe der a minha palavra, é para valer. Farei *todo* o possível, certo?! Agora, tenho alguns problemas aqui que...

— Claro, claro — disse ele.

Creio que ele achou minha raiva mais reconfortante do que quaisquer palavras que eu pudesse ter dito. Desliguei.

Minha próxima ligação foi para o Sussurrante. Mais uma vez, não houve necessidade de apresentações.

— Descobri o nome dele — falei calmamente.

Não creio que uma notícia tão bombástica tenha sido saudada com tamanho silêncio na história da espionagem. Depois do que pareceu uma eternidade, ele respondeu:

— Você se refere ao cara no Afeganistão?

— Sim. O nome dele é al-Nassouri. É irmão da policial.

Pronto, estava feito. O organismo cumprira o seu destino e retransmitira a informação. Se eu morresse agora, não teria importância. A missão certamente sobreviveria.

— O que mais? — perguntou Sussurrante.

— Não muito ainda. Nascido em Jidá, Arábia Saudita — respondi.

— Arábia Saudita? Não consigo nem fingir surpresa — rebateu o Sussurrante.

— Mais algumas horas e devo ter o nome completo e a data de nascimento. Tenho esperança de conseguir uma foto.

— Onde diabo você está?! — perguntou ele de repente.

Pela segunda vez na história documentada, ele ergueu a voz. Percebi que o rastreamento automático do meu celular acabara de surgir na tela do computador dele, indicando que eu estava no meio do Mediterrâneo. Mas ele não estava de fato alarmado com a minha localização — a emoção, o estresse e o alívio tomaram conta de Dave McKinley. Tínhamos um nome,

uma identidade, um homem a ser caçado. Agora era apenas uma questão de tempo.

— Estou a bordo do voo TA473 a caminho de Beirute — respondi. — Preciso de apoio para chegar a Jidá e muita ajuda no local.

— Falaremos sobre isso em um minuto. Antes disso, quanto tempo vai precisar para me enviar uma atualização com o restante dos detalhes?

Olhei para o relógio e fiz um cálculo rápido do tempo de voo e pesquisa de documentos.

— Doze horas. Devo ter o que precisamos neste prazo.

— Tem certeza?

— Sim.

— Estou no escritório agora — disse ele. — Mas não estarei daqui a doze horas. Vou seguir pela estrada. Você conhece o lugar. Estaremos esperando a sua ligação.

Ele se referia à Casa Branca, e ele estaria no Salão Oval com o presidente.

CAPÍTULO DOIS

Abri a porta do banheiro e dei de cara com meia dúzia de passageiros furiosos que já haviam chamado uma comissária de bordo. A julgar pela inclinação do queixo dela, ficou claro que pretendia fazer justiça.

— As pessoas estavam batendo à porta — disse friamente.

— Sim, eu ouvi — respondi. Era verdade, mas o que eu poderia fazer? Desligar na cara do diretor da inteligência?

— Você sabe que usar celular durante um voo é um delito, não é?

Assenti. Meu Deus, eu estava cansado.

— Sim. Eu sei.

— E você viu o nosso vídeo que deixava isso bem claro?

— Claro, senhora. Mas quer saber? Eu não me *importo*.

Quando voltei ao meu lugar, os passageiros me olharam feio e trocaram frases em turco ou libanês. Outro americano horroroso, foi o que imaginei que estavam dizendo.

Por isso, foi com alguma satisfação que, pouco tempo depois, após aterrissarmos em Beirute, percebi que não nos encaminhávamos para um portão de desembarque. Em vez disso, paramos no pátio de manobras enquanto uma plataforma motorizada, três viaturas e meia dúzia de SUVs pretos avançavam ao nosso encontro.

Enquanto os passageiros e a tripulação de cabine olhavam para fora das janelas, perguntando o que diabo estava acontecendo, amedrontados, a aeromoça gélida se aproximou de mim.

— Sr. Wilson? — chamou ela. — Você poderia me acompanhar, por favor?

Um inglês sentado no banco da frente olhou para os esquadrões de policiais armados que se aproximavam.

— Meu Deus! Tudo isso por usar um celular no voo? Os libaneses não brincam mesmo em serviço, hein?

Ele estava fazendo uma piada, e isso me fez sorrir quando peguei minha bagagem de mão e segui a mulher de gelo ao longo do corredor. Duas de suas colegas já estavam girando um tipo de maçaneta e destravando uma das portas da cabine. Quando esta se abriu, a plataforma

motorizada surgiu à minha frente.

De pé sobre ela vinha um sujeito de meia-idade usando um terno escuro. Ele olhou para a cabine e me viu.

— Brodie Wilson? — perguntou.

Assenti.

— Posso ver seu passaporte?

Entreguei-o para ele. O homem verificou a fotografia, a descrição física na página com os meus dados e digitou o número de identificação no celular. Um instante depois, recebeu um código de autorização e devolveu o passaporte.

— Sou Wesley Carter, adido comercial da embaixada — disse ele. Eu nunca o vira antes, mas sabia que aquilo não era verdade. Sem dúvida, era o chefe de estação da CIA em Beirute.

— Você poderia me acompanhar?

Observado por todos a bordo, e com a mulher de gelo parecendo constrangida, dei um passo e subi na plataforma, que nos baixou até o chão. Ali havia mais quatro americanos de terno, de pé em pontos estratégicos ao redor dos SUVs, e percebi que eram seguranças armados. Eles observaram enquanto Carter me conduzia ao banco traseiro de um dos veículos e acenou para os policiais libaneses nos carros da polícia.

Eles ligaram as sirenes e, em alta velocidade, atravessamos o asfalto em direção a uma pista adjacente.

— Arranjamos um jato particular para você — explicou. — Pertence a um traficante de armas árabe, uma espécie de amigo nosso. Foi a única coisa que conseguimos em curto prazo. Mas os pilotos são americanos. Eram da Força Aérea, então são bons.

Olhei através do vidro blindado e vi ao longe um jato executivo G-4 preto com fuselagem estendida e turbinas ligadas. Eu me perguntei quantas bazucas você precisava fornecer aos amigos da CIA no Oriente Médio para comprar um avião como aquele.

— Sussurrante me disse que vocês estão em missão, procurando o gatilho nuclear — falou Carter em voz baixa.

Assenti.

— Não estamos todos? — falei.

Ele riu.

— Exatamente. Três mil apenas na estação de Beirute. Todos na região estão ajudando. Mas não encontramos nada em lugar algum. E você?

Balancei a cabeça em negativa.

— Nada ainda.

— Acho que ele está agindo por conta própria.

— Quem?

— O Sujeito Nuclear.

Voltei-me para ele.

— Por quê?

— Natureza humana, imagino. Se não estivesse sozinho, teríamos sabido. As pessoas sempre falam e todo mundo se vende. Não muito longe daqui, havia um cara revolucionário. Ele não era um terrorista, era só um fanático, como diz um monte de gente por aí. Tinha uma dúzia de seguidores que o adoravam, e todos passaram o diabo juntos. Mesmo assim, um deles o entregou. Você conhece a história. Judas traiu Jesus com um beijo.

Agora foi a minha vez de rir.

— Isso aconteceu há dois mil anos — continuou Carter. — E nada mudou. Não nesta parte do mundo, pelo menos.

O SUV parou junto à escada do G-4 e peguei a minha bolsa.

— Boa história — falei, e apertei a mão dele.

Abri a porta e subi correndo os degraus. Ouvi Carter falando atrás de mim.

— Não se esqueça: as pessoas no lugar para onde você está indo são merda recoberta de pele. Boa sorte.

Sorri. Não precisava de sorte. Mesmo que o Sarraceno estivesse trabalhando sozinho, aquilo não importava. Em mais algumas horas, eu teria seu nome completo, a data de nascimento, um histórico de sua infância e, provavelmente, uma foto. Isso seria suficiente para Carter e uma centena de outros chefes de estação como ele mobilizarem seus homens e os de outras nações — todo o mundo da espionagem, na verdade — para encontrá-lo.

Quarenta e oito horas foi a minha estimativa. Em quarenta e oito horas, nós o teríamos. Conseguiríamos detê-lo a tempo.

CAPÍTULO TRÊS

Todos os rótulos dos pequenos frascos de vidro estavam no lugar. O Sarraceno conseguira terminar no prazo.

Ele havia trabalhado sem descanso, mas a sorte também desempenhara o seu papel — um de seus colegas sofrera um acidente de carro, o que lhe permitiu fazer uma série de turnos dobrados.

Desde o início, ele organizara o trabalho como uma linha de montagem, instalando-se em uma seção da área de armazenamento escondida atrás de torres de embalagens achatadas. Sem ser perturbado, tinha à mão uma mangueira de jardim, um dreno de resíduos, um compactador de lixo, uma pistola de cola comercial e grandes banheiras de plástico.

O Sarraceno encheu as banheiras com o solvente químico, cortou as embalagens a vácuo que selavam os medicamentos legítimos e imergiu os pequenos frascos de vidro na solução por dois minutos e meio — o tempo ideal, ele descobriu, para descolar as etiquetas. Então, estendeu as etiquetas diante de um aquecedor durante dois minutos para que secassem — mesmo tempo que levou para jogar os frascos sem utilidade no compactador, esmagá-los e lavar a droga líquida que continham pelo dreno de resíduos.

A parte mais vagarosa do processo foi revestir o verso das etiquetas com a pistola de cola e, em seguida, grudá-las nos frascos de vidro. No início, achou tudo tão lento que pensou que jamais conseguiria terminar no prazo, mas logo descobriu que não pensar muito durante a tarefa, pegar o ritmo, tratar a si mesmo como um robô com uma pistola de cola aumentava em muito a produção.

Para a sorte dele, o depósito tinha sua própria máquina de embalagem a vácuo para reparar qualquer embalagem que tivesse sido danificada durante o processo de fabricação e envio. Como consequência, o Sarraceno não teve dificuldade para voltar a selar os frascos mortais na embalagem correta.

Ao fim da primeira noite de trabalho, ele tinha mil minúsculos frascos de vidro que eram, para todos os efeitos práticos, idênticos aos utilizados pela Chyron. Estavam cheios de um líquido claro com aparência semelhante ao antigo e com os rótulos corretos de uma droga bastante utilizada, selados em embalagens plásticas genuínas e com códigos de barras,

números de série e boletos de expedição autênticos. A única diferença, impossível de ser detectada por outro meio que não uma análise química sofisticada, era que um agente com potencial de salvar vidas fora substituído pelo apocalipse caseiro do Sarraceno.

Como profissional da área da saúde, ele sabia exatamente o que aconteceria quando os frascos chegassem aos Estados Unidos. Um médico ou uma enfermeira qualificada inseriria uma agulha de dois centímetros e meio ou mais na parte superior do frasco. O comprimento da agulha era importante, porque o material que eles achavam que estavam injetando tinha de ser administrado por via intramuscular. Deveria ser injetado no músculo deltoide da parte superior do braço, e era necessária uma agulha de ao menos dois centímetros e meio para penetrar adequadamente o tecido muscular de adultos e crianças mais velhas. No caso de bebês e crianças pequenas, uma agulha de dois centímetros era suficiente, mas a injeção era aplicada na parte anterior da coxa.

Não importava a idade do paciente ou o local da injeção: uma vez que o vírus entrasse no corpo — e, com uma injeção intramuscular, não haveria como não entrar —, a pessoa não poderia mais ser salva. De fato, ela poderia ser descrita, com total precisão, como um zumbi, um morto-vivo.

O Sarraceno também sabia que, em qualquer comunidade, um pequeno grupo — bebês recém-nascidos — não receberia a droga supostamente legítima, mas ele não se importava com isso. Com dez mil vetores liberados e a varíola sendo um patógeno aéreo, transmitido como o resfriado comum, a única maneira de um bebê ou qualquer outra pessoa evitar a infecção seria parando de respirar.

Com os mil frascos de vidro preenchidos e a certeza de que poderia trabalhar ainda mais rápido, ele encerrou o expediente nessa primeira noite e voltou para casa cheio de esperança e entusiasmo. O dia raiava, mas, em vez de cair na cama em seu minúsculo apartamento alugado, ele começou um ritual que seguiria durante a semana seguinte.

Ele ligou a TV e assistiu ao Weather Channel, canal de previsão do tempo.

Nas primeiras horas da manhã, a emissora exibia uma atualização abrangente sobre a situação meteorológica no território continental dos Estados Unidos. Para a grande alegria do Sarraceno, ele viu que uma frente fria fora de época estava se formando aos poucos no norte do Canadá e que ela deveria se deslocar para os Estados Unidos. Todos os especialistas do canal previam que um outono excepcionalmente frio chegaria mais cedo.

Tal circunstância, aparentemente inócua, garantia que o ataque iminente seria ainda mais devastador — como se isso fosse possível. Todos os vírus transportados pelo ar — não apenas a varíola — são muito mais contagiosos no frio, e a maioria dos especialistas estima que essas condições aceleram a transmissão em ao menos trinta por cento. As razões são simples: as

peessoas tosse e espirram mais, pegam ônibus em vez de caminhar, comem no interior dos restaurantes e não nas calçadas. À medida que a temperatura cai, as pessoas acabam ficando mais juntas, proporcionando um ambiente muito melhor para a transferência de material viral.

Vários dias depois, quando terminou de preparar o último dos dez mil frascos, o Sarraceno viu que a frente fria estava se intensificando e se tornava mais generalizada.

Ele levou as embalagens plásticas seladas até o depósito, colocou-as nas baías de envio corretas para que chegassem aos destinos pretendidos e verificou pela última vez se os documentos de expedição estavam em ordem.

Em vinte e quatro horas, diversos caminhões, parte do interminável comboio que regularmente passava pela fábrica europeia da Chyron, recolheria os pacotes e percorreria cento e cinquenta quilômetros através da cidade de Mannheim, passando pela enorme base militar americana em Darmstadt, até chegar ao aeroporto de Frankfurt.

Os voos para os Estados Unidos demorariam cerca de dez horas, os pacotes seriam então transportados para centros de carga regionais da empresa e — cerca de doze horas mais tarde — carregados em caminhões e entregues a consultórios médicos em todo o país.

Sozinho no depósito cavernoso com apenas seus pensamentos e Deus como companhia, o Sarraceno estava certo de que em quarenta e oito horas, a tempestade — literal e figurativamente — teria atingido a nação.

CAPÍTULO QUATRO

O interior do jato particular do traficante de armas era tão feio que feria não só meus sentimentos, mas também meus globos oculares. As paredes eram revestidas de veludo roxo, as poltronas dos pilotos estofadas com um brocado vermelho-escuro complementado com iniciais, e todos os acessórios eram de ouro tão polido que pareciam feitos de metal.

Mas o avião era capaz de voar muito alto — onde a turbulência era menor e o ar mais rarefeito —, o que significava que, nas mãos dos dois pilotos da Força Aérea dos Estados Unidos, chegaríamos a Jidá em tempo recorde. A aeronave também tinha uma outra vantagem: na traseira da cabine havia uma porta que dava para um quarto com uma cama de casal e um banheiro decorado com uma combinação de cromado, espelhos e peles de leopardo.

Consegui ignorar a decoração e, após o banho, troquei de roupa e me deitei na cama. Não faço ideia de quanto tempo dormi, mas, em algum momento, acordei, ergui a cortina e fiquei surpreso ao ver que anoitecera e que estávamos voando sob uma abóboda infinita de estrelas.

Virei-me e, na solidão do voo, comecei a pensar sobre o enorme esforço que fizera para escapar da vida de espião, como foram aqueles poucos e maravilhosos meses em Paris, quando eu estava procurando a normalidade, e como desejei ter encontrado uma pessoa que me amasse tanto quanto eu queria amá-la. Também gostaria de ter tido filhos, mas, dadas as circunstâncias — tendo sido arrebatado de volta ao mundo da espionagem, perseguindo sombras por becos escuros —, aquilo talvez tenha sido o melhor. Quem sabe mais tarde, quando a missão enfim estivesse cumprida, pensei, sonhador...

Foi com esse pensamento em mente, em algum lugar entre o céu e o deserto, que devo ter adormecido e, mais uma vez, aparentemente do nada, tive a visão daquele velho iate, navegando através do mar sem fim, rumo à escuridão.

Em meio a isso, ouvi uma voz distante que a princípio não reconheci, mas então me dei conta: não era Deus e, sim, o piloto anunciando pelos alto-falantes que aterrissaríamos em quinze minutos.

Lancei minhas pernas para fora da cama e sentei-me em silêncio por um instante. A visão da morte me incomodara ainda mais do que da última vez. Era mais viva e insistente, como se estivesse se aproximando.

CAPÍTULO CINCO

Uma delegação de alto nível trajando túnicas imaculadamente brancas, chamadas *thobes*, e os característicos turbantes vermelhos quadriculados — dois dos quais trançados em ouro, indicando que os usuários eram membros da família real saudita — me recebeu na pista em Jidá.

Eles me esperavam ao pé da escada — uma dúzia deles, açoitados pelo vento forte do deserto — com ao menos outros quarenta sujeitos empunhando armas de assalto próximos a uma frota de Cadillac Escalades pretos.

O líder da delegação — um dos homens com turbante trançado a ouro — adiantou-se, apertou a minha mão e se apresentou como diretor do Mabahith, a polícia secreta da Arábia Saudita. Com seus trinta e tantos anos, aperto de mão fraco e olhos empapuçados, tinha tanto carisma quanto o Anjo da Morte. Ele apontou para o restante da delegação.

— Estes são membros veteranos da minha organização. Chegamos de Riade há duas horas — explicou ele, apontando para um jato jumbo na pista adjacente. Imaginei que precisavam de um avião daquele tamanho para transportar sua frota de SUVs blindados.

Sorri e ergui a mão em saudação à equipe. Pensei em perguntar por que não havia mulheres naquele grupo, mas achei que isso seria começar com o pé esquerdo. Então, simplesmente agradei ao diretor por sua ajuda.

— Falei com Dave McKinley quando estava deixando a Turquia. Imagino que tenha ligado para você imediatamente.

O homem olhou para mim como se eu fosse louco.

— Eu nunca falei com Sussurrante. O presidente Grosvenor ligou pessoalmente para Sua Majestade, o Rei.

Não era de admirar, então, que tivessem um 747 e um pequeno exército à disposição.

Eu só estivera na Arábia Saudita uma vez, e isso fora há muito tempo, mas ainda me lembrava que as boas maneiras tinham importância crucial, de modo que me virei para a delegação.

— É uma grande honra para um membro da polícia americana ter a chance de trabalhar com o famoso Mabahith — menti, gritando ao vento. — Todos em minha organização e em toda a

nossa Comunidade de Inteligência dos Estados Unidos têm a mais alta consideração por sua organização. — Aqueles eram os mesmos caras que Carter me descrevera como merda recoberta de pele. — Como provavelmente devem saber, acreditamos que estamos perto de identificar o homem que pretende comprar um gatilho nuclear. Com a habilidade, o conhecimento e a inteligência lendária do Mabath, estou certo de que poderemos levar esta missão a um bom termo em pouquíssimo tempo.

Eles adoraram. Todos sorriram e concordaram com as cabeças, dando um passo à frente para me beijar no rosto e se apresentarem. Com o fim das formalidades, embarcamos nos Escalades e saímos do aeroporto em direção a um brilho de luzes distantes.

Eu estivera em Jidá na minha viagem anterior, então conhecia bem o lugar. Eu só poderia recomendar a cidade para uma única atividade: se você quisesse cometer suicídio e não tivesse coragem para tal, dois dias em Jidá resolveriam o problema.

Sem cinemas, boates, bares, restaurantes que aceitam ambos os sexos ou festas, havia pouco a fazer à noite, e atravessamos uma estrada que estava quase deserta. Mas isso não impediu que os caras na frente usassem seus giroscópios e, a mais de cem quilômetros por hora e com as sirenes estridentes, atravessamos a paisagem plana e monótona.

Desaceleramos apenas quando chegamos à Corniche e dobramos à direita. Pela janela, vi a mesquita principal da cidade, com um enorme estacionamento na frente — uma área que eu sabia que já fora usada para outros propósitos muito mais sombrios. Passamos pelo Ministério das Relações Exteriores e descemos uma rua lateral. Paramos em um posto de controle de segurança ocupado por homens armados que pareciam guardas penitenciários de uma prisão de segurança máxima — e provavelmente eram. O Mabath era uma das únicas forças de segurança do mundo a ter o próprio sistema penitenciário, e você não precisa pesquisar muito para descobrir que os detentos eram frequentemente torturados.

Nós nos aproximamos de um edifício sombrio, paramos em um estacionamento subterrâneo e subimos de elevador até uma grande sala de reuniões equipada com mesas de trabalho, telas suspensas, equipamento de videoconferência e salas com paredes de vidro repletas de discos rígidos e servidores.

— Bem-vindo à sala de guerra — disse o diretor.

Havia outra centena de homens — aparentemente, agentes e analistas — em suas escrivaninhas, e todos se levantaram quando entramos. O chefe falou com eles em árabe, me apresentando, voltou-se para mim em seguida e disse:

— Diga-nos do que você precisa.

Falei que estávamos à procura de um homem, provavelmente na casa dos trinta anos, com o sobrenome al-Nassouri.

— Além dessas informações, não sabemos nada sobre ele — expliquei. — Exceto que tem uma irmã que nasceu aqui em Jidá.

Contei que o nome dela era Leyla, dei-lhes a data de nascimento e disse que acreditava que ela se mudara com a família para o Bahrein. O diretor assentiu, deu uma série de instruções em árabe para os seus agentes e soltou suas coleiras.

Ele me levou até uma poltrona ao lado da sua no console central e tive a oportunidade de presenciar um evento único. Eu já lera sobre aquilo, é claro, mas nunca vira a máquina de um Estado totalitário funcionando a todo vapor. Para quem valoriza privacidade e liberdade, é uma coisa horrível de testemunhar.

Os agentes providenciaram certidões de nascimento, certificados de hospitalização, pedidos e vistos de passaportes, listas de membros de associações de cada mesquita, matrículas escolares, currículos acadêmicos, prontuários médicos confidenciais, registros do Departamento de Veículos Motorizados e, pelo que pude perceber, até registros de todos os banheiros públicos do reino.

Aquilo não tinha fim: informações não apenas sobre o alvo, mas sobre quase todo súdito com o mesmo sobrenome, a fim de detectar qualquer membro da família. Tudo isso estava em árabe, de modo que eu não tinha qualquer esperança de acompanhar o progresso deles, mas assistia com admiração enquanto as paredes de discos rígidos giravam, pesquisando, homens desapareciam nas entranhas do edifício e voltavam com pastas de documentos antigos e uma equipe de digitadores sentados diante do console central permanentemente atualizava um resumo operacional para manter o diretor informado.

Os analistas e agentes comeram em suas mesas, parando apenas para tomar um café ou para gritar pedidos pelo espaço cavernoso, até que, após três horas e com a sala repleta de documentos impressos e boletins, um dos investigadores mais experientes voltou dos arquivos com uma fina pasta de documentos oficiais amarrada com uma fita vermelha. Ele se dirigiu a seu chefe de maneira educada em árabe e, seja lá o que tenha dito para ele, fez com que todos parassem e se voltassem para o diretor.

O diretor pegou a pasta, olhou-a com seus olhos empapuçados, exigiu a última versão do resumo operacional e voltou-se para mim.

— Temos tudo que precisamos, Sr. Wilson — disse ele. — Mas devo admitir que estou confuso. Acho que houve um grave erro.

— Que tipo de erro? — perguntei, controlando o medo, mantendo-me calmo.

— O nome do homem que você está procurando é Zakaria al-Nassouri — disse ele, entregando-me uma cópia de uma certidão de nascimento em árabe.

Peguei e olhei para aquilo por um instante. A única coisa que conseguia pensar era na longa

jornada que tivera de percorrer para chegar àquele pedaço de papel. Toda a minha vida, de certa forma.

— A mulher que você mencionou, Leyla al-Nassouri, tinha uma irmã e um irmão — prosseguiu. — Este irmão, Zakaria, nasceu cinco anos antes dela, também em Jidá.

“O pai deles era zoólogo no Departamento de Biologia Marinha do Mar Vermelho. Aparentemente, ele se especializou no estudo de... — Ele teve problemas com o latim, mas fez uma tentativa de qualquer forma: — *Amphiprion ocellaris*.

Dezenas de outros homens na sala riram — seja lá que droga fosse aquilo.

— Peixe-palhaço — falei calmamente, a compreensão despertando na minha mente. Enfiei a certidão de nascimento em um saco plástico e coloquei tudo aquilo junto ao meu celular. — Chama-se peixe-palhaço. Acho que o homem que estou procurando usou isso como codinome, provavelmente para entrar em um fórum de internet.

O diretor apenas assentiu e continuou.

— De acordo com os arquivos, meus antecessores no Mabathith conheciam bem o pai dele. Há vinte e cinco anos, ele foi executado.

Aquilo me chocou.

— Executado? — perguntei. — Por quê?

O diretor manuseou alguns documentos e encontrou o que queria.

— O de sempre: corrupção na Terra.

— Sinto muito, mas o que significa “corrupção na Terra”?

Ele riu.

— Praticamente tudo que quisermos. — Quase toda a equipe riu também. — Neste caso específico, significa que ele criticou a família real e defendeu sua deposição.

De repente, ele parou de rir, assim como os agentes. Afinal, era da família do diretor que estávamos falando.

— As execuções são realizadas em público, certo? — perguntei.

— Sim — respondeu. — Ele foi decapitado no fim desta rua, no estacionamento do lado de fora da mesquita.

Baixei a cabeça. Deus, que confusão. Uma decapitação pública seria suficiente para radicalizar qualquer pessoa. Não admira que o filho tenha se tornado um terrorista.

— Que idade tinha Zakaria al-Nassouri então?

Mais uma vez, ele consultou alguns arquivos.

— Quatorze.

Suspirei.

— Existe alguma prova de que ele testemunhou a execução? — Aquela situação era um

desastre tão grande que percebi que tudo era possível.

— Ninguém tem certeza, mas vários agentes na época acharam que sim. De fato, ele supostamente aparece em uma foto tirada da praça. Ela foi guardada no arquivo da família.

Ele pegou uma foto antiga de uma pasta e passou-a para mim.

Era em preto e branco, tirada de um ângulo mais elevado, com certeza por uma câmera de vigilância. Exibia um adolescente alto e esguio, fustigado pelo vento escaldante do deserto em meio à praça quase vazia.

Toda a linguagem corporal — a completa desolação refletida no modo como o menino estava em pé — falava tão claramente sobre dor e perda que eu tinha poucas dúvidas de que era ele. Um policial se aproximava, seu bastão de bambu em riste, tentando afastá-lo, o que significava que as costas do menino estavam parcialmente voltadas para a câmera, o rosto virado para o lado. Mesmo assim, segurando a foto, não consegui ver o rosto dele. Não percebi na ocasião, mas aquilo foi um mau presságio.

Coloquei a foto na capa de plástico e o diretor prosseguiu:

— Os registros do departamento de imigração mostram que, pouco depois do marido ser executado, a mãe levou os três filhos para o Bahrein. Duvido que tivesse outra escolha. Como resultado do crime de seu marido, ela teria sido um pária entre seus familiares e amigos. Bem, já foi tarde — disse ele, dando de ombros. — Contudo, dado seu histórico, continuamos de olho neles. Ao menos nos primeiros anos. Bahrein é um país amigo e vigiou-os para nós.

Ele estendeu a mão para outra pasta, fazendo com que a manga de sua túnica subisse e expusesse um Rolex de ouro e safira que provavelmente custara mais do que a maioria das pessoas ganha em uma vida inteira, e tirou uma série de folhas de papel. Eram relatórios de campo dos agentes que faziam a vigilância, imaginei.

— Ela conseguiu um emprego e parou de usar o véu — disse o diretor, manuseando os papéis e olhando para seus homens. — O que acham disso? Não é boa mãe nem boa muçulmana, certo?

Todos os homens murmuraram, concordando.

Nunca se sabe, mas talvez o fato de o marido ter sido decapitado tivesse algo a ver com ela ter arranjado um emprego, pensei. Carter estava certo a respeito daquela gente, mas que alternativa eu tinha? Naquele momento, precisávamos deles.

— O garoto se filiou a uma pequena mesquita muito conservadora e antiocidental na periferia de Manama, a capital do país. Por volta de seu aniversário de dezesseis anos, a mesquita financiou uma passagem aérea para o Paquistão...

Prendi a respiração. Ele era apenas um garoto de dezesseis anos, mas fiz um cálculo rápido para descobrir o ano de que estávamos falando.

— Ele foi para o Afeganistão? — perguntei. — Você está me dizendo que ele era um *muj*?

— Sim. Algumas pessoas dizem que foi um herói, que derrubou três helicópteros Hind sozinho.

De repente, entendi por que ele viajara para a cordilheira Hindu Kush a fim de testar seu vírus, onde ele encontrara os explosivos para minar a aldeia, como conseguira escapar dos australianos atravessando trilhas havia muito esquecidas. Então, pensei em outro saudita que fora para o Afeganistão a fim de combater os soviéticos. Ele também era fundamentalista, um homem que odiava fervorosamente a família real e que acabara atacando os Estados Unidos. Osama bin Laden.

— Então, ele foi para o Afeganistão. E depois? — perguntei.

— Só temos mais um documento — respondeu ele, pegando a pasta fina presa com a fita vermelha. Ele a abriu e tirou dali um documento de aspecto impressionante escrito em árabe e carimbado com selo oficial. — Encontramos isto nos arquivos de papel. O governo afegão nos enviou há uns quatorze anos. — Ele a entregou para mim. — É um atestado de óbito. Como disse, deve ter havido algum engano. Ele morreu duas semanas antes do fim da guerra.

Voltei-me para ele sem olhar o documento, sem ter o que dizer.

— Como vê, você está perseguindo o homem errado — disse o diretor. — Zakaria al-Nassouri está morto.

CAPÍTULO SEIS

Observei uma lua crescente sobre o Mar Vermelho, vi os minaretes da mesquita da cidade erguendo-se como guardiões silenciosos, senti o deserto ao redor e imaginei poder ouvir as bombas sugando dez milhões de barris de petróleo por dia debaixo da areia.

Com o atestado de óbito ainda em mãos, eu me ergui e caminhei em silêncio até uma janela. Precisava de um minuto para me recompor e pensar. Em um esforço hercúleo, me obriguei a compreender tudo aquilo. Zakaria al-Nassouri não estava morto. Eu tinha certeza de que Leyla Cumali falara com o irmão ao telefone. Eu ouvira a voz dele nas gravações e encontrara seu filho. O DNA não mente.

Então, qual o significado de uma certidão de óbito tão antiga? Demorou apenas um momento para eu obter a resposta, e foi pior do que qualquer coisa que pudesse ter imaginado. Senti meu estômago revirar, e devo admitir que, por alguns instantes terríveis, tive vontade de desistir.

No entanto, eu sabia que uma das características de toda missão bem-sucedida — talvez da própria vida — era a determinação de nunca recuar, nunca se render. Como era mesmo aquele verso de Sussurrante? “Vá para seu deus como um soldado.”

Havia uma centena de olhos fitando minhas costas, e eu me virei para encará-los.

— Ele não está morto — falei com total convicção. — É impossível, ele tem um filho de seis anos. Nós temos o DNA.

Vi o alarme se espalhar pelas suas fileiras. Eu estava dizendo que a inteligência saudita cometera um erro ou que fora incompetente? Que tolo eu fora. Em minha distração e desespero, eu me esquecera da importância da lisonja e das boas maneiras. Recuei rapidamente.

— Claro que é preciso uma organização com a habilidade e a experiência do Mabahith... isso para não mencionar sua exaltada liderança... para ver coisas que de outra forma nunca poderíamos ter visto.

Aquilo soou tão doce que poderia causar diabetes, mas funcionou: todos relaxaram, sorrindo e assentindo.

Apontei para o documento.

— Acredito que, nas últimas semanas do conflito, Zakaria al-Nassouri comprou o próprio atestado de óbito. Talvez nas ruas de Cabul ou subornando algum funcionário afegão para emití-lo.

— Por quê? — perguntou o diretor.

— Porque ele foi um *muj*. Ele sabia que pessoas como nós sempre o perseguiriam. Talvez ele estivesse planejando lutar uma guerra muito maior. Com a morte de sua antiga identidade, ele assumiu outra. Não foi difícil. Afeganistão, Paquistão, Irã... toda a região estava um caos, havia corrupção por toda parte.

Parei de falar, encarando o meu fracasso.

— Eu acho que, de algum modo, ele adquiriu um novo passaporte.

O diretor olhou para mim e disse:

— Então, você entende? Isso significa que não sabemos o seu nome, sua nacionalidade, sob qual bandeira ele está...

— Você está certo. Não temos nada — falei, tentando ocultar quão arrasado estava me sentindo. — Mas em algum lugar — prossegui —, alguém no mundo árabe já ouviu falar de um homem dessa idade, um ex-*muj* exilado, cujo pai foi executado na Arábia Saudita. Quantas pessoas com esse perfil poderiam existir? Precisamos encontrar essa pista.

O diretor pensou a respeito e imaginei os segundos passando em seu relógio de milhões de dólares.

— Se houver alguma informação, não vai estar nos arquivos informatizados — disse ele afinal, pensando em voz alta. — Nós já teríamos encontrado. Talvez possa haver algo nos arquivos de papel. Alguma coisa arquivada há muito tempo.

Ele falou de modo rude em árabe, emitindo ordens. Pela atividade urgente, imaginei que estavam sendo orientados a pedir reforços, mais analistas e pesquisadores, convocar homens aposentados há muito tempo que pudessem se lembrar de alguma coisa. Dezenas dos agentes mais veteranos se levantaram, pegaram seus laptops e seus maços de cigarros e se dirigiram aos elevadores.

O diretor apontou para eles.

— Essa é a equipe de pesquisa principal. Eles vão começar a verificar os arquivos de papel. Tenho outros duzentos homens a caminho, mas não posso prometer que será um processo rápido. Há um apartamento no andar de cima. Por que você não vai descansar um pouco?

Agradei, mas sabia que não podia. Olhei para o relógio: dali a seis horas, teria que fazer uma ligação para dois homens que esperavam no Salão Oval. Voltei-me para a janela e observei a noite repleta de estrelas. Em algum lugar lá fora, havia um deserto tão vasto que era chamado de Mar do Vazio, e voltei a pensar no Sarraceno.

T.E. Lawrence, o Lawrence da Arábia, sabia algo sobre aquela parte do mundo e sobre a natureza humana. Ele disse que as pessoas que sonham acordadas são perigosas, pois tentam viver seus sonhos para torná-los realidade. O sonho de Zakaria al-Nassouri era destruir a todos nós. O meu era pegá-lo. Perguntei-me qual dos dois acordaria pela manhã e descobriria que seu pesadelo começara.

CAPÍTULO SETE

Os corredores se estendiam por quilômetros. A cada lado, prateleiras de armazenamento motorizadas de seis metros de altura erguiam-se como monólitos. Bastava digitar um número de referência, um nome ou qualquer outro dado em um painel de controle e as prateleiras se moviam em silêncio para revelar as caixas de arquivo relevantes. Era como estar dentro de um disco rígido de computador.

Havia dezoito andares idênticos, todos repletos de arquivos de papel: os dados brutos de década e mais década de vigilância, traição e suspeita. Escondido muito abaixo da sede regional do Mabath, ligado por um átrio central, o complexo estava ocupado por homens revirando as prateleiras de armazenamento e carregando caixas de arquivo. O diretor honrara a sua palavra e convocara cada agente e analista que conseguira encontrar.

Fui até a sala de reuniões e sentei-me à uma mesa em um posto de comando suspenso sobre o átrio, ao lado de vários agentes veteranos. Observei enquanto equipes em cada andar desembrulhavam arquivos de papel amarelado e procuravam, através de montanhas de informações, qualquer referência — qualquer menção — a um homem cujo pai fora executado na Arábia Saudita havia tantos anos.

Três horas observando-os vasculhar arquivos em árabe, três horas dentro de um cofre sem janelas com sujeitos que não bebiam álcool, mas fumavam trinta cigarros por dia, três horas contando cada minuto, e eu já estava tão perto do desespero quanto jamais desejei estar. Naturalmente, quando um dos homens ao meu lado disse que o primeiro esquadrão sairia para interrogar pessoas que poderiam ser capazes de contribuir com algo para a narrativa perdida, peguei o meu casaco e juntei-me a eles.

Os três agentes eram sujeitos durões, o mais jovem deles com seus vinte anos, um homem cujo QI era tão baixo que achei que precisavam regá-lo duas vezes ao dia. A caminho, nos juntamos a mais oito de seus colegas e embarcamos em um comboio de quatro SUVs pretos com tanta *makhfee* nas janelas que era como viajar em uma meia-noite eterna. Tenho certeza, porém, que cumpria admiravelmente seu verdadeiro propósito: nenhum civil que os visse passando poderia deixar de sentir medo.

Quilômetro após quilômetro, atravessamos a imensa cidade — quatro milhões e meio de

almas ilhadas no meio do deserto, e aparentemente metade delas era empregada pela Aramco, a maior companhia de petróleo do mundo —, questionando pessoas a respeito de uma família que desaparecera havia muito tempo. Nós nos sentamos nas *majlis* — as salas de estar formais — de casas pobres nos subúrbios, interrogamos homens cujas mãos tremiam, vimos crianças de olhos escuros junto a sombrios vãos de porta e vislumbramos mulheres cobertas por burcas que se estendiam da cabeça aos pés fugirem de nossa abordagem. Visitamos um idoso chamado Sa'id bin Abdullah bin Mabrouk al-Bishi — o carrasco que decapitara o pai de al-Nassouri — na esperança de que, em seus últimos momentos, o condenado tivesse dito algo sobre a carreira e o futuro que desejava para o filho. Em seguida, fomos até uma casa modesta, tão perto da água que cheirava a maresia e, por algum motivo que eu não sabia explicar, tirei uma foto da fachada com o celular. Aquela era a casa da infância de al-Nassouri, e interrogamos o homem que se mudara para lá depois que a família fora embora, no caso de ele ter ouvido algo a respeito nos anos seguintes.

Ninguém sabia de nada.

Finalmente, fizemos uma pausa, estacionamos junto a um barracão de beira de estrada para tomar um café. Estávamos sentados do lado de fora, ouvindo o idiota de vinte anos falar sobre uma garota que ele conhecera no Marrocos, quando um celular tocou e me pediram para retornar naquele instante.

A equipe estava reunida em uma ampla área de pesquisa ao lado do átrio, que fedia a fumaça de cigarro. O diretor se encontrava sentado junto a uma mesa, uma caixa de arquivos bem à sua frente, muitas outras empilhadas pelo chão. Transbordando das caixas havia relatórios de campo, depoimentos de informantes e registros de boatos e fofocas.

O diretor disse que tinham encontrado uma caixa contendo o que achavam ser material sem valor, relativo a diversas mesquitas conservadoras no Bahrein.

— Mas havia uma fina pasta que se mostrou interessante — disse ele. — Tratava de uma pequena mesquita nos arredores de Manama, capital do país.

Ele olhou para mim para ter certeza de que eu percebera o significado do que ele dissera.

— A mesquita de Zakaria al-Nassouri? — perguntei, tentando manter a voz neutra, lutando contra uma onda de esperança.

Ele assentiu.

— A pasta continha a análise vazia habitual e alguns registros de adesão incompletos, mas, em meio a tudo isso... — Ele ergueu um documento de três páginas, escrito em árabe. — Há cerca de cinco anos, um agente de campo de baixa hierarquia interrogou um funcionário saudita de ajuda humanitária que entregava alimentos e remédios para refugiados na Faixa de Gaza. Enquanto ele descarregava caminhões em um hospital em ruínas, ouviu falar de um

homem que fora trazido até lá no início da noite após um ataque de mísseis israelenses.

“Quando terminou o trabalho, ele subiu para ver o ferido e descobrir se havia algo que pudesse fazer para ajudá-lo. O homem, com ferimentos causados por estilhaços próximos à coluna, entrava e saía de um estado delirante, e o funcionário da ajuda humanitária acabou ficando ao seu lado durante toda a noite.

O diretor fez uma pausa e olhou para o documento, verificando os fatos.

— Parece que o homem ferido era médico e, a certa altura, ainda em seus delírios, mencionou ter sido membro da mesquita de Manama. Era assim que o relatório terminava neste arquivo em particular. Todos acharam que ele era do Bahrein. Mas isso não poderia ser verdade porque, muito tempo depois, delirando mais uma vez, ele disse que seu pai fora decapitado publicamente...

Curvei-me para a frente tão rápido que tive sorte de não cair da cadeira.

— O Bahrein não faz decapitações públicas — falei.

— Exato. Apenas um país faz isso.

— A Arábia Saudita — acrescentei.

— Sim. Parece que o homem estava em um carro com a esposa e o filho palestino quando foi bombardeado. Se o veículo era o alvo ou se aquilo foi apenas dano colateral, ninguém sabe. A mulher morreu, mas não na mesma hora. Em sua divagação, o homem disse que a estava amparando nos braços e que ela o fizera prometer perante Deus que protegeria o filho. O menino sobreviveu com ferimentos leves.

— Louvado seja Alá! — exclamaram todos em árabe.

— Mas a mulher sabia que a tragédia do filho era em dobro. Ele não apenas perderia a mãe como também sofria de...

— Síndrome de Down — falei, com súbita certeza.

— Como você sabe?

— Com certeza é al-Nassouri — respondi, ficando de pé para descarregar o nervosismo. — O menino é filho dele. Eu o conheço. Para onde o hospital enviou a criança? Para um orfanato?

— Exato.

— Administrado pela Brigada dos Mártires de Al-Aqsa. Eu vi os recibos.

Enfim compreendi por que Leyla Cumali não enviara o dinheiro para a Unicef.

— O que mais? — perguntei, talvez de forma mais rude do que ditavam as boas maneiras, mas estávamos todos tão animados que ninguém percebeu.

— O nome da mulher era Amina Ebadi. Ao menos era o nome que ela usava: muitos ativistas palestinos usam pseudônimos ou nomes de guerra. Fizemos uma pesquisa com esta alcunha, mas não encontramos nada.

— Sim, mas e quanto a ele? E quanto ao médico? — perguntei, a voz crepitante, intensa. — Será que o funcionário da ajuda humanitária disse o nome que ele estava usando?

— Isso foi o mais estranho. O homem estava em péssimo estado, mas, quando o funcionário da ajuda humanitária voltou na noite seguinte, ele já havia se dado alta. Provavelmente com medo do que poderia ter dito enquanto estava delirando...

— O nome, diretor. Ele deu um nome?

— Não.

Olhei para ele.

— Não há *nada*?! Nada mais?

Ele assentiu.

— Já verificamos tudo. O relatório original não teve acompanhamento. Não parecia ter muita importância...

— Até agora — falei com amargura.

Inclinei a cabeça para trás e tentei respirar. A notícia parecia ter sugado o ar e a energia da sala. Os agentes e o diretor continuaram me encarando, mas eu tentei pensar.

Eu sabia mais sobre Zakaria al-Nassouri do que qualquer agente secreto tinha o direito de saber. Sabia que ele nascera e fora criado em Jidá, que estivera na praça onde seu pai fora decapitado e que sua mãe o levara para viver exilado no Bahrein. Sabia o nome da mesquita à qual ele se juntara em Manama e que seus fiéis companheiros haviam colaborado para que ele fosse ao Afeganistão lutar contra os soviéticos. Ao fim da guerra, ele comprara uma certidão de óbito, adquirira um novo passaporte e desaparecera no mundo árabe sem deixar pistas. Estudara medicina, se formara, conhecera uma mulher que às vezes usava o nome de Amina Ebadi e se casara com ela. Juntos, trabalharam na fronteira sem lei e sem documentos dos campos de refugiados de Gaza, um inferno na Terra. Agora também sabia que o casal viajava com o filho quando o carro deles foi atingido por um míssil israelense, que matou a mãe e feriu o médico. O menino foi levado a um orfanato, e o médico deve ter pedido que sua irmã, Leyla, fosse até lá para resgatá-lo. Cheio de ódio, sem responsabilidades familiares, usando seu conhecimento de medicina, habilitado pela grande hemorragia de informações na internet, ele começou a sintetizar a varíola. Ele retornara ao Afeganistão para testá-la, e nós o ouvimos ao telefone, preocupado com seu amado filho, a única ligação que lhe restava com a falecida esposa.

E depois disso? Depois disso, a música para e não há mais nada. Quem era ele agora? Que nome estaria usando? E, o mais importante, onde estava?

— Uma pista — murmurei. — De algum modo, você insiste em prosseguir e encontra uma pista.

Ninguém sabia se eu estava falando comigo mesmo ou oferecendo uma sugestão a todos. Provavelmente eu também não sabia.

— Isso é tudo o que temos sobre o sujeito — disse o diretor, apontando para os andares de arquivos motorizados. — Não há nenhum nome, nenhuma identidade e nenhum vestígio. Não aqui, pelo menos.

Ele estava certo, e o silêncio pairava no ar. Em meio à fumaça de cigarro, olhei para os homens. Não havia pista alguma, a esperança se esgotara, e eu sabia que...

Nós o havíamos perdido.

Obriguei-me a não mostrar meu desespero e assumi uma postura mais ereta. Bill sempre me disse que não havia justificativa para grosseria. Eu devia algo àqueles sauditas.

— Vocês fizeram mais do que qualquer um poderia ter pedido — falei. — Era uma tarefa ingrata, mas vocês a executaram com talento e boa vontade. Agradeço a todos, de coração.

Talvez aquela tenha sido a primeira vez que ouviram louvor verdadeiro em vez de bajulação vazia, e pude ver nos rostos deles o orgulho que aquilo provocou.

— *Jazak Allahu Khayran* — falei por fim, com uma péssima pronúncia, mas utilizando uma das únicas frases em árabe de que eu me lembrava de minha visita anterior. Era a maneira tradicional de agradecer: “Que Alá lhes pague com a Sua bênção.”

— *Waiyyaki* — disseram todos, sorrindo e respondendo gentilmente. “E a você também.”

Era a deixa que todos esperavam, de modo que se levantaram e começaram a arrumar tudo. Fiquei onde estava, em pé, sozinho, tentando desesperadamente encontrar outra trilha, outra rota, outro caminho a seguir. Um milagre.

Realizei uma jornada pelo catálogo da minha memória profissional, deixei minha mente vagar por cada beco pouco convencional, mas voltei de mãos vazias.

Eu identificara o Sarraceno, mas não o conhecia. Eu o localizara, mas não podia encontrá-lo. Ele era alguém e não era ninguém. Essa era a verdade, e nada no mundo mudaria aquilo.

Olhei para o meu relógio.

CAPÍTULO OITO

Foi o pior telefonema que já tive de fazer. Ninguém ficou com raiva, ninguém gritou ou fez acusações, mas a sensação de fracasso e medo era esmagadora.

Depois de me despedir do diretor do Mabahith, um dos SUVs pretos me levou em um curto trajeto através da cidade até o complexo de alta segurança que abrigava o consulado dos Estados Unidos. Carter, da Estação Beirute, havia ligado antes alertando-os sobre a minha presença, de modo que atravessasse as guaritas e as barreiras que impediam ataques suicidas sem muito atraso.

Uma vez dentro, o jovem oficial de serviço achou que eu precisava de uma cama para a noite e começou a me conduzir até um apartamento de hóspedes, mas eu o detive a meio caminho do elevador e disse que precisava de um telefone na Zona de Tempestade do edifício — uma área especialmente projetada para evitar qualquer espionagem eletrônica. Eu e o Mabahith nos demos bem, mas isso não queria dizer que eu confiava neles.

O oficial hesitou, talvez se perguntando quem exatamente eu era, mas logo começou a destrancar as fechaduras eletrônicas das portas à prova de explosão, guiando-me mais adentro no coração do edifício. Passamos por um posto de segurança interna, o que me informou que estávamos entrando na área do consulado ocupada pela CIA, antes de chegar a uma pequena sala com uma escrivaninha e um telefone. Era o lugar mais comum que você já viu na vida e que se diferenciava dos demais apenas por sua completa ausência de som.

Fechei a porta, ativei a tranca eletrônica, peguei o telefone e pedi à telefonista que ligasse para o Salão Oval.

O telefone foi atendido na mesma hora, e ouvi a voz do presidente. Era claro que ele estava exausto, mas também era óbvio que seu estado de espírito estava um pouco melhor pela expectativa de uma boa notícia. Eu lhes dissera que teria o nome completo do Sarraceno, sua data de nascimento e talvez uma foto. Eu encontrara tudo aquilo, só não previra que seria inútil.

Sussurrante anunciou que também estava na linha, e creio que, por causa da minha saudação desanimada, ele adivinhou que um desastre estava a caminho. Como qualquer bom oficial do caso, ele aprendera a julgar todas as nuances de comportamento de um agente.

— O que foi? — perguntou ele, a voz pesarosa.

Contei tudo para eles, duro, frio e direto, como um daqueles relatos de acidente que você lê no jornal. Disse que, apesar de todos os nossos esforços e a grande expectativa de algumas horas antes, não tínhamos nada com o que trabalhar. Nada mesmo.

Fez-se um silêncio terrível.

— Em um momento estamos com tudo; no outro, não temos mais nada — disse Sussurrante, enfim. — Falhamos.

— Completamente — acrescentou o presidente. Sua exaustão, despojada do verniz da esperança, soou alta e clara através do telefone.

— E quanto aos outros? — perguntei. — O pessoal que está procurando o gatilho nuclear. Conseguiram alguma coisa?

— Cem mil pessoas, e nada — respondeu Grosvenor.

— Creio que nunca tivemos uma chance. Acho que entramos em um verdadeiro caos... — disse Sussurrante.

— Um ficha limpa atuando por conta própria — falei.

— Um ficha limpa, sim. Mas não cem por cento por conta própria — respondeu ele.

— O que quer dizer?

— No Afeganistão. Ao menos por um curto período, ele deve ter tido ajuda. Um homem sozinho não pode capturar três reféns.

Ele estava certo, mas isso não parecia importante e, de qualquer modo, o presidente já seguia em frente.

— Vamos pegar a mulher. Qual é mesmo o nome dela? Cumali? Vamos pegá-la o mais rápido possível. É esse o plano?

— Sim. O Peregrino acredita que ela não sabe de nada. Estou certo?

— Está — respondi. — Como Sussurrante provavelmente já lhe disse, senhor presidente, ela tem um modo de entrar em contato com ele, mas acho que este modo esconde armadilhas. Ela trocará uma letra ou usará uma palavra diferente que o avisará que deve fugir.

— Você pode estar certo — disse o presidente. — Caramba, esse homem comprou um atestado de óbito! Ele é inteligente. Mas precisamos tentar.

— Enviarei uma equipe agora mesmo — disse Sussurrante. — Vamos tirá-la da Turquia, expatriá-la para a Luz Brilhante.

Luz Brilhante era o codinome de Khun Yuam, a prisão secreta da CIA que eu visitara na fronteira entre a Tailândia e Myanmar. Diziam que, uma vez que alguém era levado para a Luz Brilhante, nunca mais voltava. Apesar da magnitude dos eventos que estávamos confrontando, eu estranhamente não conseguia deixar de pensar no menino e o que aconteceria com ele.

Voltaria para algum orfanato em Gaza ou na Turquia, pensei. Para onde quer que fosse, não haveria muitas curvaturas de saudação e sorrisos.

— Por volta do amanhecer, emitirei uma ordem executiva e fecharei as fronteiras — prosseguiu Grosvenor. — Isolaremos o país da melhor forma que pudermos. Aeroportos, fronteiras terrestres, portos de entrada, tudo o que conseguirmos pensar.

Era óbvio que eles ainda seguiam a teoria do vetor humano e, mesmo que estivessem certos quanto ao método de dispersão, mais de meio milhão de estrangeiros ilegais entravam no país todo ano — uma boa indicação de que qualquer tentativa de proteger as fronteiras seria de pouca valia. Como dissera o velho virologista: mais cedo ou mais tarde, todos nós enfrentaremos as consequências.

Mesmo achando que o plano não funcionaria, não falei nada. Não tinha outra alternativa para apresentar, de modo que teria sido grosseiro contestá-los. Eles estavam fazendo o melhor que podiam para manter o país à tona. Isso era tudo.

— Não precisamos dizer que é varíola — sugeriu Sussurrante. — Poderíamos afirmar que é uma gripe aviária altamente virulenta. Por pior que seja, não é tão assustadora. Uma vez que você fale “varíola” e acrescente a palavra “aditivada”, espalharemos o pânico.

— Não — respondeu Grosvenor. Era óbvio que ele também havia pensado naquilo. — O que vai acontecer quando a verdade for revelada? Nossa única esperança é a cooperação do público. Os americanos sempre se unem em momentos assim. Se os traírmos, nós os perderemos. Um vetor, uma pista, é tudo de que precisamos para podermos rastreá-lo. Também estou planejando liberar a vacina. Não sei se vai funcionar, mas temos de tentar tudo e usar o que temos.

— Sim, senhor presidente — disse Sussurrante. — E você, Peregrino? Vai voltar para casa?

— Não. Vou para Gaza — respondi.

Foi Sussurrante quem se recuperou primeiro.

— Um americano sozinho em Gaza, sem uma lenda? Você vai encontrar uma fila de gente com cintos de bombas e bastões de beisebol para recebê-lo. Vai morrer no mesmo dia.

— Falei com os sauditas. Eles têm algumas pessoas no lugar que podem ajudar.

— Isso só significa que a fila será menor.

— Al-Nassouri esteve lá. É a única pista que temos.

— Você não precisa fazer isso — disse o presidente. — O fato de não tê-lo encontrado não o denigre. Pelo contrário. Quando nos conhecemos, pedi a Sussurrante para conversarmos a sós e falei que você era o cara mais legal que já tinha conhecido. Eu não sabia que também era o melhor. Fez um excelente trabalho.

— Obrigado — respondi.

— Eu não vou lhe enviar uma carta de recomendação presidencial — disse ele, tentando amenizar o tom. — Você já tem uma dessas.

— E as bolas de golfe — respondi.

Eles riram, e isso me deu uma chance.

— Poderia lhe pedir uma coisa, senhor presidente?

— Vá em frente.

— Há um hacker que tiramos de Leavenworth e que fez um grande trabalho. Seria possível não mandá-lo de volta para lá?

— Conceder-lhe um perdão, você quer dizer?

— Se for possível — respondi.

— O que me diz, Sussurrante? Você conhece o sujeito?

— Sim, um trabalho excelente. Eu apoio.

— Certo. Vou pegar o nome dele com Sussurrante e expedir a ordem.

— Obrigado, senhor presidente.

Aquilo era tudo que eu podia dizer. Estava pensando em Battleboi abraçando Rachel com força ao ouvir a notícia.

— Boa sorte, Peregrino — disse o presidente, encerrando a ligação. — Espero que nos vejamos outra vez em circunstâncias melhores. — Ele não soava muito confiante.

A linha ficou muda, e fiquei sentado em meio ao silêncio, pensando que aqueles provavelmente seriam os últimos momentos de paz que eu teria por um bom tempo. Talvez para sempre.

Gaza.

Sussurrante tinha razão — era um dos piores locais da Terra. A única coisa boa sobre isso é que não havia como navegar ali. Ao menos, não haveria nenhum velho barco com as velas remendadas esperando por mim.

Em outro lugar, talvez, mas não em Gaza.

CAPÍTULO NOVE

Aquilo era a Alemanha. Portanto, os caminhões chegaram na hora certa e, pouco depois das seis da manhã, atravessaram os portões de segurança da Chyron sob uma chuva amena.

Assim como fizeram mil vezes antes, os motoristas passaram diante do prédio da administração com fachada de vidro, depois pela fábrica, até enfim pararem na área de carga nos fundos do complexo. O sujeito do depósito, o muçulmano alto cujo nome nenhum dos motoristas conseguia lembrar, já estava ao volante de uma empilhadeira, esperando para ajudar a carregar as caixas de produtos farmacêuticos que seriam embarcadas para os Estados Unidos. Ele não disse nada, nunca falava muito, mas os motoristas gostavam dele: trabalhava rápido e parecia muito mais inteligente do que a maioria de seus colegas.

A remessa era grande — incluía de tudo, desde *pallets* de vacinas a caixas de antibióticos, milhões de doses de medicamentos diferentes —, mas, mesmo assim, o Sarraceno carregara à traseira dos caminhões em menos de cinco minutos. Ele também tinha toda a documentação pronta, e os motoristas sabiam que com ele não havia necessidade de checar nada — tudo sempre estava correto.

Pegaram a papelada, correram pela chuva, entraram em suas cabines e voltaram para a autoestrada A5 em tempo recorde.

Se tivessem olhado em seus retrovisores, o que nenhum deles fez, teriam visto que o Sarraceno não saiu da empilhadeira: em vez disso, ficou sentado em contemplação silenciosa, observando-os até sumirem de vista. Ele sabia que a chuva e as obras na A5 — sempre havia obras na A5 — os atrasaria (motivo pelo qual ele se apressara), mas não tanto a ponto de eles não conseguirem chegar aos seus voos.

Finalmente ele baixou a cabeça, descansou-a nos antebraços e pairou em algum lugar entre a oração e a exaustão. Ele havia terminado, aquilo estava fora de suas mãos, e o alívio foi tão grande que o Sarraceno sentiu as lágrimas arderem em seus olhos. A esmagadora responsabilidade dos últimos três anos, o grande fardo de realizar a obra de Alá, fora enfim liberado. A arma estava voando por conta própria agora, e o destino da missão, o bem-estar das nações, a sobrevivência de qualquer inocência que ainda existisse no mundo, dependia de um sistema de controle de fronteiras que ele acreditava ser tão frágil que era praticamente

inexistente. Mas o Sarraceno não tinha poder sobre isso; ele fizera o possível. Agora, tudo repousava nas mãos de Deus.

Com um crescente sentimento de liberdade, ele ergueu a cabeça e saiu do assento da empilhadeira. Voltou ao interior do depósito e foi até seu armário para limpá-lo. Pela primeira e única vez desde que começara a trabalhar na Chyron, ele não esperou o fim de seu turno. Em vez disso, levou a alça da mochila ao ombro, passou despercebido pelos portões de segurança e, com o coração em êxtase, caminhou pela estrada vazia em meio à chuva fina.

Ele voltou ao seu minúsculo apartamento — nada mais do que uma cama, uma mesa e uma pia em um canto —, jogou fora a comida dos armários, arrumou as peças de roupas na mochila, colocou as chaves em cima da mesa e bateu a porta ao sair. Não fez nenhuma tentativa de receber os salários que lhe eram devidos, obter um reembolso de seu depósito de aluguel ou se despedir dos homens na mesquita de Wilhelmstrasse que tinham sido tão generosos. Ele se foi de forma tão misteriosa quanto chegara.

O Sarraceno atravessou a cidade estremunhada até a estação ferroviária, comprou um bilhete e, poucos minutos depois, pegou o trem expresso para Frankfurt. Naquela cidade, recuperaria a sua bagagem e seu kit médico no guarda-volumes, iria até um reservado no banheiro e voltaria a vestir as roupas e a identidade de um médico libanês em visita para uma conferência no Messe.

Nas últimas semanas de sua missão, ele pensara diversas vezes no que faria em seguida. Não tinha desejo algum de permanecer na Alemanha e não havia razão para retornar ao Líbano. Ele sabia que em alguns dias uma praga moderna — a varíola negra, era como ele pensava nela — estouraria na consciência pública. Começaria devagar, como um fósforo na palha, mas em pouco tempo se tornaria o que os cientistas chamam de processo de autoamplificação — uma explosão —, e todo o celeiro estaria em chamas.

Os Estados Unidos — o grande infiel — seria o marco zero, com uma taxa de mortalidade astronômica. Privado de seu protetor, Israel ficaria desprotegido e enfim deixado à mercê de seus inimigos próximos. Com a atividade econômica em uma queda vertiginosa, o preço do petróleo entraria em colapso, e o poder da elite da Arábia Saudita — incapaz de comprar o próprio povo por mais tempo ou contar com o apoio americano — iniciaria uma terrível repressão e, ao fazê-lo, plantaria as sementes da própria destruição.

No curto prazo, o mundo se fecharia, e as viagens se tornariam impossíveis à medida que as nações procurassem segurança na quarentena e no isolamento. Alguns poderiam ser mais bem-sucedidos do que outros e, apesar de um bilhão de pessoas terem morrido de varíola nos cem anos anteriores à sua erradicação, nada no mundo moderno era comparável àquilo — nem mesmo a Aids —, e ninguém podia prever para onde os rios da infecção iriam ou não fluir.

Conforme o tempo de morrer — como ele o chamava — se aproximava, o Sarraceno sentia a certeza crescente de que, acontecesse o que acontecesse, ele queria estar ao lado do filho. Se morressem, então esta seria a vontade de Alá e tudo que ele pedia era poder estar com o filho, abraçá-lo e dizer para ele que ambos não tinham nada a temer neste mundo ou no próximo. Se o plano de Deus fosse que vivessem, então, assim que possível, ele o levaria para o Afeganistão. Juntos caminhariam ao longo das margens sombreadas dos rios e talvez ele lhe mostrasse as encostas da montanha onde derrubara os temíveis helicópteros Hind. Quando o verão se tornasse outono, eles caminhariam pelos vales distantes até a fortaleza de Abdul Mohammad Khan. Que melhor lugar para criar um filho do que entre os devotos e bravos? E, quando a hora certa chegasse, voltariam para a Arábia Saudita e ririam e envelheceriam na terra em que a alma de seu pai estava mais próxima.

A ideia de estar com o filho o sustentara durante todo o tempo em que estivera em Karlsruhe. Certa noite, ele fora a um cibercafé e encontrara na internet uma casa em Milas adequada para um muçulmano devoto.

Sim, ele ressurgiria em Frankfurt como médico, pegaria o trem para o aeroporto e embarcaria em um avião. E iria para Bodrum.

CAPÍTULO DEZ

Um jato particular em aceleração plena leva cerca de duas horas para voar de Jidá até a Faixa de Gaza, uma parcela de miséria abjeta encravada entre Israel e Egito, lar de um milhão e meio de árabes apátridas e ao menos vinte grupos identificados pelo Departamento de Estado como organizações terroristas.

A Estação Beirute havia trocado o cafona Gulfstream vermelho do traficante de armas por um Learjet da CIA decorado em três tons de bege. Ao menos aquilo não me provocava enxaqueca. Embora isso pudesse ter sido um ponto positivo, a desvantagem era que não havia cama a bordo, algo que acabou por se revelar importante. Fui forçado a ficar sentado e, com nada mais para ver do lado de fora do que intermináveis quilômetros de torres de petróleo, meus pensamentos se tornaram minha única companhia.

Devo dizer que era uma companhia horrível. Não creio ser um homem vaidoso, mas tenho uma dose razoável de orgulho profissional. Sentado em um avião a trinta mil pés de altitude, não havia lugar nenhum onde me esconder, especialmente da verdade. Eu enfrentara Zakaria al-Nassouri e ele me derrotara.

Talvez eu de fato nunca tenha tido uma chance — ele era muito bom, muito inteligente e esteve sempre muito à frente para ser capturado. Aquele sujeito carregara cal virgem até a cordilheira Hindu Kush. Cal virgem no lombo de cavalos de carga — atravessando mil quilômetros de umas das regiões mais inóspitas do planeta! Ele planejava cada passo, cada detalhe.

Com certeza um homem capaz disso teria antecipado o dia em que alguém em minha área tentaria encontrá-lo. Como um fugitivo correndo sobre a neve fresca, ele varrerá o chão à sua passagem. Comprara uma certidão de óbito e um passaporte falso havia mais de quatorze anos. Como disse, talvez ele estivesse muito adiante para ser capturado.

E, no entanto, não havia nada que pudéssemos ter feito de forma diferente. Das dez pessoas que sabiam do segredo, as oito autoridades do governo não apenas mantiveram o silêncio como agiram com velocidade admirável. Modéstia à parte, os outros dois membros do grupo — Sussurrante e eu — estavam entre os melhores do mundo, armados com os melhores recursos e as mais fantásticas tecnologias que o país mais poderoso do planeta poderia

oferecer. Éramos predadores do topo da cadeia alimentar e, como tal, estávamos determinados a caçar...

Parei para me corrigir. Na verdade, nem todo predador é caçador. Eu era capaz de pensar em ao menos um que não caçava. Um tubarão caça, mas um crocodilo fica em silêncio entre os juncos esperando que a presa venha até ele.

Naquele momento, percebi qual havia sido o nosso erro. Estávamos caçando quando deveríamos estar espreitando. Nunca teríamos uma chance, não em uma perseguição direta: a vantagem do Sarraceno era muito ampla. Em uma armadilha, no entanto, tal vantagem não teria a menor importância.

Será que ainda havia tempo? Talvez tivéssemos uma última carta a jogar, mais um dado a rolar, uma última bala no tambor da arma. De algum modo, teríamos de tirá-lo das sombras e fazê-lo vir até o lago.

Olhei pela janela por um longo tempo. Não vi as nuvens ou as plataformas de petróleo, mas comecei a crer que tínhamos uma chance. E eu me baseava em apenas uma coisa, uma lição que aprendera havia muito tempo no escritório de um banqueiro em Genebra: o amor não é fraco, *o amor é forte*.

Soltei o cinto de segurança e me levantei. Não tinha percebido que a turbulência estava chacoalhando o pequeno jato, fazendo-o balançar e guinar, mas não tinha tempo para me preocupar com isso. Fui até a frente da cabine, quase bati a cabeça no teto durante um mergulho súbito, me agarrei no encosto de uma poltrona e meio que me arrastei, meio que voei até onde havia um telefone seguro da CIA dentro de um pequeno armário.

Peguei o telefone e fiz uma chamada.

CAPÍTULO ONZE

Sussurrante respondeu quase na mesma hora, mas sua voz, ainda mais baixa do que o habitual, estava tão rouca que parecia ácido correndo pelo cascalho. Os últimos dias contaram com muito estresse, poucas horas de sono e decepções demais para um só homem.

Falei sobre o erro que cometêramos na tentativa de perseguir o Sarraceno e expliquei o que eu pretendia tentar, não em detalhes, apenas as linhas gerais. Felizmente, ele era tão experiente que não precisava de explicações.

Disse-lhe que deveríamos adiar a deportação de Cumali e convencer o presidente a adiar seu discurso à nação.

— Preciso de tempo para fazer isso funcionar, Dave — falei.

Ele tentou rir e respondeu:

— Você está me pedindo a única coisa que é impossível. — Senti mais uma vez o peso da idade em sua voz. — Não podemos adiar. Estava falando com ele há uns vinte minutos. Simplesmente não dá.

Expus minha ideia, implorei e, finalmente, quando isso não deu em nada, fiquei com raiva e disse que era melhor ele me escutar porque eu era o melhor agente da minha geração e, *puta merda*, estava lhe dizendo que tínhamos uma chance. Sussurrante ficou mudo por um instante e percebi que tamanha vaidade, tão fora do meu personagem, o havia chocado. Ele me pediu que esperasse.

Então, eu me agarrei, literal e metaforicamente, subindo e mergulhando na turbulência enquanto ele ligava para o presidente em outro telefone. Poucos minutos depois, ouvi seus passos retornando pelo assoalho de madeira de seu escritório.

— Acabei de falar com Grosvenor — disse Sussurrante. — Ele não acha que vai funcionar, não acredita em...

— Meu Deus! — interrompi. — Você explicou qual foi o nosso erro?

— Claro que sim — respondeu Sussurrante. — Disse que nos portamos como o xerife e seus delegados quando deveríamos ter agido como salteadores à espera de um trem. Que tal? Fui bastante claro?

— E mesmo assim ele não entendeu?

— Você não me deixou terminar. Ele disse que não acredita no plano. Mas que acredita em você. Você tem trinta e seis horas.

O alívio tomou conta de mim. Mais uma chance de salvação, de redenção.

— Obrigado — falei timidamente.

— Ligue para nós, qualquer que seja o resultado. Se isso começar a dar errado, ele quer saber sem demora. O discurso que vai fazer à nação já está pronto. Ele disse para não alimentarmos falsas esperanças, não deixarmos o desejo superar a lógica. Se for uma bosta, não tente flori-la.

— Certo — respondi.

— Você tem o meu número e aqui vai outro para o caso de haver algum problema. É o de Grosvenor.

Por melhor que fosse a minha memória, eu não queria confiar apenas nela, então peguei o celular e o inseri na lista de discagem rápida sob o número de emergência. Ainda estava digitando quando Sussurrante prosseguiu:

— Certo, agora temos trinta e seis horas e o esboço de um plano. Então vamos trabalhar nele. Qual é o primeiro passo?

— Um telefonema — respondi. — Não podemos fazer isso nós mesmos. Precisa soar como se fosse verdadeiro. Qual é o ativo de mais alto nível que temos dentro da inteligência turca?

Dada a importância estratégica do país, eu sabia que a CIA, assim como qualquer outra grande agência de inteligência, passara anos cultivando vira-casacas dentro do MIT.

Sussurrante não falou nada — eu estava lhe pedindo para discutir um dos segredos mais bem-guardados de nossa nação.

— Dave? — apressei-o.

— Há alguém que poderíamos usar — disse ele, relutante.

— Quem? — Eu sabia que estava forçando um pouco, mas precisava saber se aquilo funcionaria.

— Pelo amor de Deus... não me pergunte isso, porra.

— Quem?

— Há dois vice-diretores do MIT — disse ele, afinal. — Um deles cresceu no Walmart, mas prefere Gucci, certo?

— Merda... um vice-diretor? — perguntei, surpreso. Apesar dos meus anos na Divisão, ainda me chocava com a dimensão da traição no mundo da espionagem. — Ele não vai gostar de fazer isso.

— Ele não vai ter escolha. Ficaré com medo que eu o denuncie ao governo turco. Talvez eles ainda enforcem traidores por lá. Quais são os detalhes?

Ouvi o farfalhar de folhas de papel quando ele pegou uma caneta para anotar.

Quando terminei, ele releu para mim os pontos mais importantes, mas fizera mais do que redigi-los — ele os melhorara e aperfeiçoara e, novamente, agradei a Deus por ter um grande oficial de caso.

— E agora? — perguntou. — Devo ligar e pedir que ele faça isso?

— Sim, se quisermos ter uma chance, temos de nos mover em velocidade máxima.

Desliguei e, enquanto Sussurrante soltava uma bomba no colo de um vice-diretor do MIT, bati à porta da cabine. Ouvi a voz do ex-piloto da Força Aérea dos Estados Unidos no interfone.

— O que foi?

— Mudança de planos. Esqueça Gaza, iremos para Bodrum.

A porta se abriu.

— Onde fica Bodrum?

Gritei a resposta, mas já estava voltando ao telefone. Precisava fazer outra ligação urgente.

CAPÍTULO DOZE

Quando seu telefone tocou, Bradley estava em um bar no Lower East Side. Não era um barzinho estiloso com tapas e “menu degustação”, mas um lugar de verdade, com nicotina entranhada nas paredes e bebidas fortes o bastante para deixar os dedos dos seus pés instáveis. Um último vestígio da antiga Nova York — um bar de policiais, em outras palavras.

Ben participava da despedida de algum veterano e, graças à popularidade do aposentado e à arquitetura do boteco, a única chance que ele tinha de escapar da multidão e do barulho era indo até a rua.

Como resultado, lá estava ele segurando uma garrafa de cerveja sob a chuva fina quando, enfim, foi convocado para a linha de frente do mundo da espionagem.

— Onde você está? — perguntou.

— Em um jato da CIA sobre a Jordânia — respondi. Não havia por que esconder isso, eu precisava que Ben se alarmasse ao ouvir o toque do clarim. — Assim que você desligar, quero que ligue para o homem a quem você está passando mensagens. O nome dele é David McKinley e é o diretor de inteligência dos Estados Unidos.

Ouvi Bradley dar uma inspiração profunda.

— Merda, eu pensei que...

— Esqueça tudo o que você pensou. Isso é para valer. Diga para Dave que preciso de um parceiro agora. Ele providenciará um helicóptero para levá-lo até um aeroporto, onde você irá embarcar em um jato do governo.

— Para onde vou? — perguntou Ben.

— Bodrum. McKinley vai providenciar a documentação. Viajará como um detetive do Departamento de Polícia de Nova York investigando o assassinato de Ingrid Kohl.

— Quem é Ingrid Kohl?

— É o nome da mulher morta que encontramos no Eastside Inn.

— Como você...?

— Depois — falei, enquanto agradecia aos céus por Cameron e seja lá quem Ingrid de fato fosse: seus crimes haviam me levado à Turquia e, ao menos, nos deram uma chance.

— Vou buscá-lo no aeroporto — falei. — E, Ben... traga a sua arma.

A dez quilômetros de altura, desviando abruptamente para Bodrum, a turbulência enfim diminuindo, percebi que ele não precisaria da pistola caso tudo corresse como o planejado. Mas, afinal de contas, quando isso aconteceu?

CAPÍTULO TREZE

Apesar de suas veementes objeções, o vice-diretor do MIT turco fez o telefonema vinte minutos depois de eu ter falado com Sussurrante. Era para Leyla Cumali.

É claro que nunca ouvi a conversa, mas, algum tempo depois, li uma transcrição traduzida. Mesmo por meio desse documento, desprovido de qualquer inflexão ou emoção, era fácil perceber que o sujeito do MIT era um mestre em sua arte. Ele fizera um de seus assistentes telefonar e agendar um horário para que Cumali ligasse para ele. Ela recebera o número da central do MIT e, após passar por vários assistentes, não lhe restava dúvida de que estava falando com um homem muito poderoso.

Bastante educado, ele disse que precisava da ajuda dela em uma questão confidencial relativa a um visitante estrangeiro. Meu Deus, o alívio que ela deve ter sentido quando percebeu que não estava sendo investigada.

— Quão bem você conhece Brodie David Wilson? — perguntou.

A transcrição registra uma pausa — que teria sido o tempo que Cumali demorou para superar a surpresa —, mas o susto a encorajou.

— Apenas as impressões que teve, detetive. Isso não é um interrogatório — disse o homem, com uma risada. Cara, ele era bom.

Ele ouviu em silêncio o relato dela a meu respeito, interrompendo de vez em quando para fazê-la pensar que se importava com aquilo.

— Obrigado, muito bom — disse ele, quando Cumali fez uma pausa. — Você sentiu em algum momento que talvez ele não fosse um agente do FBI? — perguntou, começando a preparar a armadilha.

— Não... não — respondeu ela, mas depois hesitou enquanto pensava melhor naquilo. — Havia uma coisa: ele era inteligente. Quer dizer, era extraordinariamente inteligente naquilo que fazia. Lembro-me de ter me perguntado se todos os agentes do FBI eram tão bons quanto ele.

— Sim, isso faz sentido... ele ser muito bom — disse o vice-diretor, enigmático. — Digame, ele fez alguma ligação telefônica na sua presença que a levou a suspeitar ou ficar confusa em relação ao conteúdo?

— Não... mas ele tinha um hábito estranho. Eu nunca percebi, mas minha secretária notou. A não ser quando estava fazendo uma ligação, ele sempre tirava a bateria do celular.

Bem, apesar da maquiagem e dos saltos altos, Hayrunnisa era mais esperta do que eu pensara.

— Por que ele tiraria a bateria? — perguntou o agente.

— Não faço ideia.

— Então deixe-me ajudá-la. Um celular pode ser ligado de maneira remota sem que o dono perceba. Uma vez ligado, o microfone embutido pode ser ativado. Então, alguém que esteja grampeando o telefone pode ouvir tudo o que está sendo dito em uma sala. Mas, se a bateria for retirada, não há risco.

— Eu não fazia ideia — falou Cumali.

— Então, você não sabia que agentes de inteligência sempre fazem isso?

— Agentes de inteligência? Você pode me dizer do que isso se trata?

Essa era a pergunta que o vice-diretor queria que Cumali fizesse, de acordo com as instruções de Sussurrante. Ele executou aquilo como o perito que era.

— Você é uma oficial da lei. Muito respeitada, eu poderia acrescentar. Tudo isto é confidencial ao extremo.

— Claro.

— Temos câmeras na fronteira búlgara que registram todas as travessias. Também sabemos a placa do carro alugado por Brodie Wilson, de modo que, graças a um determinado software que usamos, descobrimos que ele atravessou a fronteira para a Bulgária. Você saberia dizer por quê?

O sistema de reconhecimento de placas era mentira — claro que existia, mas a Turquia ainda estava longe de usar algo assim. Cumali, no entanto, não tinha como saber disso.

— Não — respondeu ela.

— Dois de nossos homens que operam ao longo da fronteira o localizaram em uma cidade chamada Svilengrad, onde comprou um celular barato, um cartão SIM e fez apenas um telefonema. Alguma vez você já ouviu falar dessa cidade?

— Nunca.

— Por isso, ficamos muito interessados no agente Wilson. Por razões que não posso discutir agora, acreditamos que esta possa não ser a sua verdadeira identidade. Achemos que o nome dele é Michael John Spitz. Esse nome lhe diz alguma coisa, detetive?

— Não — respondeu Cumali.

— Spitz é um membro de um grupo de elite da CIA — continuou o vice-diretor. — Isso explicaria por que você achava que ele era um investigador notável. O trabalho dele é caçar

terroristas.

Eu conseguia imaginar o medo que deve ter atravessado o coração de Cumali, sentada em sua casa caiada no antigo porto, de repente levada a pensar nos telefonemas codificados entre ela e as montanhas Hindu Kush.

O trabalho dele é caçar terroristas.

Em nome de Alá, Cumali deve ter pensado, atrás de quem a CIA estaria? Dela? De seu irmão? Ela sabia que ele era um homem procurado, mas no que diabo seu irmão a envolvera?

— Acreditamos que a investigação de homicídio é um disfarce — disse o vice-diretor. — Algo o trouxe a Bodrum. Você tem alguma ideia do que ele poderia estar procurando?

— Não — mentiu Cumali.

A transcrição registrava que ela dissera aquilo “enfaticamente”.

— Obrigado, de qualquer modo. Você foi muito útil — disse o homem. — Não faremos nada por enquanto. Vamos ouvir os telefonemas de Spitz e esperar para ver. Mas eu lhe darei um número, uma linha direta. Se você souber de qualquer coisa, deve me ligar na mesma hora. Entendido? — disse ele antes de lhe passar o número e desligar.

Sussurrante e eu quebráramos todas as regras: revelamos ao alvo nossa verdadeira missão. Mas, ao fazê-lo, tínhamos preparado uma armadilha — Cumali era uma detetive, e eu apostava o que quer que fosse que a reação dela seria investigar. Cumali desejaria saber mais, o medo se encarregaria disso, e eu acreditava que havia apenas um lugar onde ela poderia procurar: no meu quarto de hotel.

Ela não o faria pessoalmente, mas, dado o seu trabalho, devia conhecer muitos criminosos capazes de fazer aquilo. Agora, cabia a mim me certificar de que tudo estaria pronto quando eles chegassem.

CAPÍTULO QUATORZE

Pela primeira vez na minha vida profissional, eu estava no frio — estava em uma missão sem uma lenda ou disfarce.

O pequeno jato atravessara a Jordânia e aterrissara em Milas no fim da manhã. Passei pela imigração turca sem demora, peguei o meu carro e, em vez de dirigir até Bodrum, permaneci em Milas. Nos fundos da prefeitura, encontrei uma loja de fotografia e observei uma jovem pegar o meu telefone e imprimir uma cópia da foto que eu tirara da casa de infância de Cumali, em Jidá. A loja também vendia acessórios de telefone e adquiri outra bateria para o celular vagabundo que havia comprado na Bulgária.

Encontrei uma loja de ferragens nas proximidades e comprei uma broca de mão, um pequeno ferro de solda, uma garrafa de cola para todos os fins e meia dúzia de outros itens. Joguei-os no carro e dirigi até Bodrum. Cheguei ao hotel na hora do almoço, o que significava que o gerente estava ausente, e subi para o meu quarto.

Tirei a surrada mala Samsonite de cima do guarda-roupa e, com muito cuidado, cortei o forro de tecido que ocultava o interior das duas trancas. Perfurei um minúsculo buraco em uma delas e, em seguida, voltei minha atenção para o telefone búlgaro. Com o ferro de solda, consegui conectar a nova bateria em série — dobrando o tempo que o telefone poderia operar — e então abri o menu do aparelho. Passei frustrantes vinte minutos manipulando o software de modo que a câmera tirasse uma foto a cada dois segundos.

Adaptei o telefone improvisado dentro da Samsonite de modo que a lente da câmera ficasse à altura da tranca perfurada, permitindo-lhe uma visão clara do quarto. Antes de sair, só precisei ligar o telefone, colar o tecido de volta e devolver a mala ao topo do armário. Percebi que a câmera estaria perfeitamente escondida, mas o local tinha outra grande vantagem — pessoas que procuram algo sempre olham dentro de uma caixa ou de uma mala, mas quase nunca examinam o objeto em si.

Eu tinha agora o meu próprio sistema de vigilância, um tanto mambembe, admito, mas funcional: eu precisava ter certeza de que os assaltantes encontrariam o que eu estava prestes a plantar. Todo o resto dependia disso.

Peguei a foto recém-impressa da antiga casa de Cumali e acrescentei um CD que incluía

uma cópia de sua carteira de motorista no Bahrein, detalhes do blog de mergulho e os currículos de seu curso universitário em Istambul. Coloquei tudo em uma pasta plástica que guardei no cofre do quarto — uma porcaria com um teclado eletrônico operado por bateria que qualquer ladrão que se preze saberia como desligar, zerar o código e abrir.

A fotografia e os documentos eram para convencer Leyla Cumali de que Michael Spitz estava atrás dela.

Além disso, por serem itens verdadeiros, o chamado efeito halo estenderia a legitimidade a qualquer outra coisa que ela encontrasse. Eu estava contando com que os assaltantes também levassem o meu laptop, no qual Cumali encontraria dois e-mails — falsos — que eu redigira enquanto sobrevoava a Jordânia. Eu os estava verificando, inserindo-os na minha caixa de entrada nas datas apropriadas, quando o telefone do hotel tocou.

Uma mulher se identificou como sendo secretária do Departamento de Homicídios de Nova York, mas achei que era mentira. Quase com certeza era uma das funcionárias do escritório de retaguarda de Sussurrante.

— O voo que você está esperando é o 349 da Turkish Airlines, vindo de Roma e chegando ao Aeroporto Internacional de Milas às 15h28 — disse ela.

Eu não estava esperando nenhum voo de Roma, mas imaginei o que acontecera: Sussurrante pensara que um jato do governo provocaria muitas perguntas e decidira mandar Bradley em um voo comercial.

Olhei para o relógio: eu tinha dez minutos para chegar ao aeroporto. Terminei de verificar os e-mails, mas não excluí nenhum arquivo de computador — o material de fato confidencial estava protegido por uma indecifrável criptografia de 128-bits, e sua presença daria credibilidade ao estratagema. O próprio computador era protegido por senha e possuía algum código de baixo nível, mas eu estava certo de que poderia ser decifrado em pouco tempo, porque Sussurrante me advertira a respeito disso quando o entregara para mim.

Coloquei o laptop no cofre ao lado do material, liguei o telefone búlgaro, voltei a colar o tecido e saí.

O carregador, o rapaz atrás do balcão da recepção e a mulher na mesa telefônica viram quando saí do elevador. Deixei a chave do quarto sobre o balcão e gritei para a telefonista, alto o bastante para que todos pudessem ouvir.

— Vou até o aeroporto. Se alguém ligar, diga que voltarei às cinco e meia.

Eu sabia que se Cumali pretendia revistar o meu quarto, a primeira coisa que faria seria tentar descobrir os meus movimentos. Felizmente, eu facilitara as coisas para ela e os capangas.

Enquanto corria até o carro, imaginei que, no momento em que voltasse, eles já teriam

entrado pela área de carga nos fundos do prédio, subido o elevador de serviço, aberto a minha porta e, tentando fazer aquilo parecer um simples roubo de hotel, meu quarto estaria um caos.

Eu não poderia estar mais enganado.

CAPÍTULO QUINZE

Cheguei ao aeroporto em cima da hora: dois minutos depois, Bradley saía da área de alfândega.

A caminho do estacionamento, passamos por homens com enormes samovares às costas vendendo chá de maçã, multidões intermináveis de prostitutas e mendigos e um atraente casal eslavo que quase com certeza eram batedores de carteira.

Na rua, o vento vinha diretamente da Ásia, trazendo uma infinidade de aromas exóticos, enquanto alto-falantes amplificavam a voz de um muezim, informando aos muçulmanos que era hora da oração. Vi Bradley olhando para o trânsito caótico, para as distantes colinas cobertas de pinheiros, para os minaretes de uma mesquita nas proximidades, e percebi que ele deveria estar atônito.

— Estamos perto das fronteiras do Iraque e da Síria — falei. — Um pouco diferente de Paris, não acha?

Ele assentiu.

— As pessoas na minha profissão se acostumam com lugares estranhos — prossegui. — Mas nunca nos acostumamos com a solidão. É bom vê-lo.

— É bom vê-lo também. Você vai me dizer por que estamos aqui?

— Não — respondi —, mas lhe direi o que for necessário.

Chegamos ao carro e, enquanto eu executava a habitual dança mortal com o tráfego turco, pedi que Bradley removesse as baterias de nossos celulares. Quando terminei de explicar por quê, já estávamos na estrada.

— Nós... e com isso quero dizer o governo dos Estados Unidos... estamos caçando um homem — expliquei. — Nós estamos atrás dele há semanas...

— Aquele sujeito de que todos estão falando? — perguntou. — O com o gatilho nuclear?

— Não há sujeito nenhum com um gatilho nuclear — respondi. — Isso foi uma cortina de fumaça.

Vi a surpresa no rosto de Bradley e sabia o que ele estava pensando — ele vira o presidente falar sobre o assunto inúmeras vezes na TV. Eu não tinha tempo para explicar, então apenas prossegui:

— Há alguns dias, pensávamos que o tínhamos pegado, mas estávamos errados. Não temos um nome, uma nacionalidade, nem mesmo um paradeiro. A única ligação que temos é a irmã dele...

— Leyla Cumali — disse ele, piscando em um momento de compreensão.

— Sim. Nas últimas doze horas, ela foi informada de que não estou aqui investigando um assassinato e que, na verdade, sou um agente da CIA.

— Você é?

— Não, estou muito além disso. Quando chegarmos a Bodrum, acredito que descobriremos que meu quarto de hotel foi assaltado. Os ladrões terão levado uma série de itens, incluindo o meu laptop. O aparelho tem diversos recursos de segurança, mas ela será capaz de acessar o conteúdo sem muita dificuldade. Dois e-mails terão significado especial para ela. O primeiro a informará que interceptamos telefonemas codificados entre ela e um homem nas montanhas Hindu Kush...

— Onde? — perguntou Bradley.

— Afeganistão. Ela vai descobrir que não sabemos o conteúdo dos telefonemas, porque estavam em código, mas que, devido ao fato de ela ter nascido na Arábia Saudita, por seu pai ter sido executado em público e seu amigo do outro lado da linha estar envolvido no sequestro de três estrangeiros desaparecidos, achamos que ela faça parte de uma organização terrorista.

— E ela faz?

— Acredito que não, mas o documento detalha sua iminente expatriação para a Luz Brilhante.

— O que é isso?

— Ela vai pesquisar na internet e encontrará uma série de matérias de jornal que afirmam que a instituição fica na Tailândia e que faz parte de um sistema de prisões secretas da CIA.

— Isso é verdade?

— É.

— O que acontece na Luz Brilhante?

— As pessoas são torturadas.

— Nosso país faz isso com mulheres?

— Nosso país faz isso com qualquer um.

Ben estava na Turquia havia trinta minutos e já aprendera muito. Deixei-o sentado e em silêncio por um instante sombrio enquanto eu ultrapassava um comboio militar turco que se dirigia para a fronteira com a Síria.

— Cumali é a única pessoa responsável por um menino de seis anos — prossegui à medida que os transportadores de tanques desapareciam no meu retrovisor. — Obviamente, a criança

não pode ser abandonada. Assim, o documento determina o que será feito para o bem-estar dela.

Peguei o telefone, inseri a bateria, abri o arquivo de fotos e entreguei-o para Ben. Na tela, havia uma das fotos do menino que eu tirara na cozinha de Cumali.

— Ele tem síndrome de Down — disse Bradley, olhando para mim.

— Sim — respondi. — O documento diz que o garoto será recolhido pelo nosso pessoal e transportado para um orfanato na Bulgária, uma das nações mais pobres da Europa. Devido à pobreza e ao fato de o menino ser um estrangeiro, nada será feito para atender suas necessidades especiais.

Bradley não tirava os olhos de mim. Imagino que estivesse enojado.

— O objetivo do documento é deixá-la em pânico — continuei.

— Acho que vai conseguir — respondeu ele. — Mas por quê?

— Sabemos que ela é capaz de entrar em contato com nosso alvo. O problema é que, se tentarmos forçá-la a isso, ela o fará de um jeito que vai alertá-lo. Então, ele se esconderá e nós o perderemos para sempre.

“Se, no entanto, ela achar que está lendo informação secreta e entrar em pânico, ela entrará em contato com o alvo de forma voluntária. Sem erros deliberados ou avisos codificados.

“Ele é a única pessoa que pode ajudá-la, a única pessoa que pode lhe dizer o que está acontecendo. Mesmo se ele quiser ignorá-la, não poderá fazê-lo. Ele é árabe, é irmão dela, e isso o torna o chefe da família.

Bradley pensou a respeito, então olhou de novo para a foto que ainda segurava. O menino estava rindo — uma criança, apenas um peão nesse grande jogo.

— Você planejou tudo isso sozinho? — perguntou.

Não foi admiração que ouvi em sua voz.

— A maior parte — falei.

— Seu trabalho é sempre assim?

— Não — respondi, pensando nas duas meninas em Moscou. — Às vezes é pior.

Bradley respirou fundo.

— Certo. Então Cumali entra em contato com o irmão. E depois?

— Ela fala com ele sobre o segundo e-mail.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Fui para a pista lenta e esquadrinhei o tráfego no retrovisor. Quando me convenci de que não estávamos sendo seguidos, aprofundei Ben no mundo da espionagem.

— Supostamente, o segundo e-mail é do vice-diretor da CIA. É datado de dois dias atrás e informa que fizemos um avanço na investigação do rapto dos três estrangeiros no Hindu Kush.

— Mas isso não é verdade, certo? — perguntou Ben.

— Não. O homem e os eventos causados por ele são um mistério. Ele é um lobo solitário, uma organização de um homem só. Não houve qualquer rumor, nenhuma chance de traição. Estamos à procura de um fantasma.

Desci uma rampa de saída a caminho de Bodrum.

— Mas sabemos algo a respeito dele — prossegui. — Sabemos que esteve no Afeganistão duas vezes. Primeiro como um *mujahid* adolescente para combater os soviéticos e, depois, alguns meses atrás, para sequestrar os três estrangeiros...

— Por que essas pessoas foram sequestradas?

— Não posso lhe dizer.

Ben ficou ofendido, mas eu não podia fazer nada — não havia necessidade de ele saber, e essa era a regra de ouro do mundo em que ele acabara de entrar.

— Um aspecto do evento, contudo, foi fundamental para o nosso plano. Dave McKinley se deu conta disso: você não pode sequestrar três pessoas sozinho. Não no Afeganistão, não pessoas de nacionalidades diferentes, não dentro de complexos fortificados. Nesse aspecto, nosso fantasma deve ter tido ajuda. Isso abriu uma brecha.

“McKinley esteve no Afeganistão duas vezes e ninguém no mundo ocidental sabe mais sobre aquele país do que ele. Tem certeza de que nosso homem foi ajudado por antigos camaradas *mujs*, provavelmente um dos caudilhos. Esses laços são profundos e nos explicariam por que, apesar de termos mil agentes em campo, não ouvimos nada a respeito.

“O segundo e-mail diz que, em dois dias, um desses colaboradores, em troca de uma grande recompensa financeira e uma nova identidade, revelará os nomes de nosso fantasma e de todos aqueles que o ajudaram.

Tínhamos chegado ao litoral, e o sol poente lavava o mar azul com tons de rosa. Eu

duvidava que Ben tivesse visto algo tão bonito, mas ele mal registrou aquilo.

— Se essa história da recompensa em dinheiro fosse verdade, o que aconteceria com os homens que ele traiu? — perguntou.

— Eles seriam interrogados e, em seguida, entregues ao governo afegão.

— E executados.

— Sim. O e-mail não revela o nome do traidor, mas deixa claro que eu sei.

— Então, se o seu alvo, esse fantasma, quiser salvar a si e a seus companheiros, terá de tirar de você o nome do traidor e passá-lo rapidamente para o caudilho.

— Exatamente — respondi. — Nosso alvo tem de sair da toca, vir até Bodrum e me obrigar a falar. E ele terá menos de um dia para fazer isso.

— E, então, você o captura.

— Não.

Bradley reagiu.

— Não?! O que quer dizer com “não”? Pensei...

— Capturá-lo não vai adiantar. O homem tem as informações de que precisamos. Digamos que ele enviou, ou que está prestes a enviar, uma encomenda para os Estados Unidos que não temos como encontrar. Precisamos levá-lo a revelar os detalhes sobre o transporte.

— Torturá-lo.

— Não. Esse seria o mesmo problema que teríamos com a irmã. Quando descobríssemos que ele nos dissera um monte de mentiras, já seria tarde demais. A encomenda já teria chegado ao destino. Não, ele precisa falar de modo voluntário.

Bradley riu.

— Como você vai obrigá-lo a revelar essa informação?

— Eu não vou fazer isso — respondi. — Você vai.

CAPÍTULO DEZESSETE

— Não! — gritou Ben, olhando para mim.

Eu nunca o vira tão irritado. Tinha acabado de explicar como forçaríamos o Sarraceno a revelar os detalhes da entrega e, agora que terminara, ele não se preocupava em esconder o desgosto por estar no mesmo carro que aquela ideia.

— Não vou fazer isso. Ninguém faria uma merda dessas. Que tipo de pessoa, que tipo de mente pensaria em algo assim?

— Então me dê uma ideia melhor — respondi, tentando manter a calma. — Eu odeio isso tanto quanto você.

— Ah, é? Está se esquecendo de que foi *você* quem escolheu essa vida?

— Não escolhi. Se você se lembrar bem, eu estava tentando deixá-la. Foi *essa vida* que me escolheu.

Eu estava puto. A última coisa de que precisava era uma lição de moral. Pisei no freio e entrei no estacionamento do restaurante com vista panorâmica de Bodrum e do mar.

— Eu não estou interessado na porra da vista — disse Bradley.

— Estacionei para que você pudesse ter alguma privacidade.

— Privacidade para quê?

— Para falar com Marcie.

Mais uma vez, parei longe da multidão no terraço. Comecei a sair do carro para que Ben pudesse ficar sozinho.

— O que vou falar com ela? — perguntou.

— Você me disse certa vez que os pais de Marcie tinham uma casa de praia. Na Carolina do Norte ou algo assim.

— E o que uma casa de praia tem a ver com isso?

— Eles têm ou não?! — insisti.

— No Outer Banks. Por quê?

— Diga para ela ir de carro até lá. Agora, hoje à noite.

— Bem, ela pode querer saber o motivo.

Ignorei-o.

— Diga para ela pegar o máximo de comida e garrafas d'água que puder. E mantimentos. Arroz, farinha, botijões de gás. Ela precisa se lembrar dos botijões. Tantos quanto puder encontrar.

Ele olhou para mim. A raiva passara.

— Você está me assustando, Scott.

— *Brodie!* Meu nome é Brodie.

— Desculpe.

— Não tenha medo, você está seguro aí onde está, no campo da superioridade moral. Ela sabe atirar?

— Claro. Eu ensinei para ela.

— Diga-lhe para pegar armas longas. Fuzis, espingardas. Em um minuto lhe direi as melhores marcas e os números de série de alguns modelos. Uma vez que ela esteja instalada na casa, eu a ensinarei a convertê-las para o modo automático. Ela vai precisar de muita munição, também.

Bradley tentou interromper.

— Cale a boca. Se alguém se aproximar a duzentos metros da casa, ela deve mandar que recue. Se a pessoa continuar andando, mande ela atirar para matar. Nada de tiros de advertência. Duzentos metros. A essa distância, não há chance de ela inalar partículas em suspensão e ser infectada.

Vi o medo brilhar em seus olhos.

— Infectada com o quê?!

— Um vírus. Altamente contagioso e resistente a qualquer vacina conhecida. Esta versão está sendo chamada de hemorrágica evasiva, e acreditamos ter uma taxa de mortalidade de cem por cento. É isso que está sendo enviado para o nosso país. Varíola.

Ben Bradley, um investigador de homicídios de Manhattan, um herói do 11 de Setembro, alguém que fazia apenas sua segunda viagem ao exterior na vida, uma pessoa que fora convocada para o mundo da espionagem havia menos de doze horas, um sujeito sentado em um mirante isolado no litoral turco, o homem mais corajoso que já conheci, era agora a décima primeira pessoa a saber.

CAPÍTULO DEZOITO

Descemos em silêncio para Bodrum. Ben não ligou para Marcie. Confrontado com a escolha entre os dois males, e incapaz de encontrar uma alternativa para o meu plano de extrair a verdade do Sarraceno, ele escolheu o menor deles.

— Conte-me o plano mais uma vez — disse ele após superar o choque e o medo ao saber da catástrofe iminente.

Quando acabei de explicar o plano novamente e responder a uma série de perguntas — incluindo o comprimento da corda e quão apertado fazer o laço —, coloquei o carro em movimento, deixei o mirante e peguei a estrada.

Fiquei concentrado na direção, desacelerando apenas quando chegamos a Bodrum e começamos a atravessar as ruas secundárias. Ao me aproximar da casa que eu estava procurando, estacionei junto ao meio-fio, a uns cinquenta metros de distância. Apontei a casa para o detetive, obriguei-o a destacar dez características significativas e depois repeti-las. Era uma maneira padrão de imprimir uma lembrança na mente de alguém, e a maioria dos estudos demonstra que, mesmo sob estresse extremo, uma pessoa conseguiria se lembrar de ao menos seis características. Certo de que, mesmo no tumulto de uma missão, Bradley encontraria a casa certa, pus o carro em movimento e levei-o até o hotel.

Enquanto Ben ia até a recepção, fui para o meu quarto, ansioso para ver o estrago que os capangas de Cumali tinham causado. Ao entrar no elevador, vi o gerente sorrir e pegar o passaporte de Ben.

— Ah, Sr. Benjamin Michael Bradley — disse ele. — Vou precisar de cartões de crédito três de você para me colocar no lado seguro.

— Como é? — respondeu Ben.

CAPÍTULO DEZENOVE

Não havia nada. Eu estava de pé no meu quarto de hotel e nada fora tocado.

Fechei a porta ao entrar, fui até o armário, digitei o código e abri o cofre. O laptop e a pasta plástica estavam exatamente onde eu os deixara.

Perscrutei o quarto com o olhar. Onde diabo eu errara? Como Cumali descobrira? Será que o sujeito no MIT turco dera-lhe a dica, fosse de propósito ou sem querer? Achava que não — havia muito em jogo apenas para dar um telefonema para uma humilde policial. Então, por que ela não mordera a isca? Com a mente saltando de teoria em teoria, caminhei ao redor do quarto. Passei pela cama desfeita — eu colocara a placa de NÃO PERTURBE na porta quando saí para que os capangas não fossem incomodados — e entrei no banheiro.

Tudo estava intocado. Inadvertidamente, me abaixei para pegar uma toalha sobre um banquinho e vi que o tubo de pasta de dente estava na prateleira onde eu o deixara. Contudo, desde criança eu cultivava um hábito estranho: sempre colocava minha escova de dentes equilibrada sobre o tubo. Agora, a escova estava ao lado. Alguém os movera para abrir o armário do banheiro.

Eu me virei, entrei no quarto e tirei a mala de cima do armário. Fiquei aliviado ao ver que, mesmo que ela tivesse sido aberta, o intruso não encontrara o telefone búlgaro, que ainda estava escondido dentro do forro. Livrei-o da fita adesiva, cliquei em um ícone e abri as fotos tiradas a intervalos de dois segundos.

Rapidamente percebi que os capangas de fato estiveram ali. Eles só eram muito melhores do que eu previra.

O código com o tempo mostrava que dois homens haviam entrado no quarto trinta e dois minutos após eu ter partido. Uma das fotos mostrava seus rostos em foco perfeito: dois sujeitos com seus trinta e poucos anos vestindo caras jaquetas de couro e portando mochilas. Seus movimentos eficientes, rápidos e a pouca conversa indicavam que eram profissionais. Eu também havia deixado o microfone do telefone ligado, o que me forneceu uma gravação quase inaudível de suas vozes abafadas. Embora não conseguisse entender o que diziam, reconheci o idioma: eram albaneses. Pensando agora, aquilo deveria ter disparado os meus alarmes.

A nacionalidade deles também explicava a facilidade com que entraram no quarto. De pé no

fundo da imagem, vi o mensageiro — seu compatriota e cúmplice de corrupção — recebendo um maço de dinheiro. Percebi que, após ter sido pago, ele voltou a se agachar em um recanto do vestíbulo, na qualidade de vigia para o caso de eu voltar mais cedo.

Havia milhares de fotos — graças a Deus as duas baterias duraram — e foi por meio delas que pude saber a forma exata com que os profissionais trabalharam, e consegui construir uma exata imagem mental do que tinham feito.

As fotos mostravam o líder, aquele que dava as ordens, tirando a jaqueta de couro e começando a trabalhar. Por baixo, vestia uma camiseta preta justa — escolhida, tenho certeza, porque destacava seus músculos. Um monte de anabolizantes, pensei.

O homem tirou uma câmera digital de uma das mochilas e, antes de vasculhar a desordem na pequena escrivaninha, ele a fotografou, para que pudesse deixar tudo na mesma posição. Imaginei que seguiram o mesmo procedimento à medida que trabalhavam por todo o quarto. Não é de admirar que, com exceção da escova de dentes um pouco fora de lugar, eu tivesse pensado que ninguém estivera ali.

Eles voltaram sua atenção para o cofre e, embora as fotos não fossem muito claras, dava para ver que não tiveram muito trabalho. Musculoso teria girado o barato teclado circular no sentido anti-horário e o removido, revelando a fonte de alimentação e os circuitos. Isso lhe permitiu remover as pilhas, zerar o código e conectar o próprio teclado. Uma série de dez fotos demonstrou que ele conseguiu abrir o cofre em menos de vinte segundos.

Os capangas tiraram a pasta plástica e fotografaram a foto da casa de infância de Cumali antes que Musculoso pegasse o próprio laptop, inserisse o CD e copiasse o seu conteúdo. Assim que terminou, eles voltaram a atenção para o meu computador. Eu não tinha necessidade de verificar todas as fotos de vigilância para saber o que fizeram...

Usaram uma pequena chave de fenda para remover meu disco rígido e, em seguida, inseri-lo no seu próprio computador, ignorando a maioria dos recursos de segurança de meu laptop. Com o auxílio de um software de geração de código, eles teriam superado o restante das defesas do disco e foram capazes de acessar todos os meus documentos e e-mails em poucos minutos.

Daí, foi só uma questão de copiar tudo para pen drives, devolver o disco rígido ao meu laptop e guardá-lo de volta no cofre. Percorri o restante das fotos secretas e vi que os homens tinham revistado outras partes do quarto, entrado no banheiro e saído porta afora levando tudo o que precisavam vinte e seis minutos após terem chegado.

Sentei na cama e olhei para uma foto deles saindo. Minha mão tremia de alívio. A primeira fase terminara e fora bem-sucedida. Cumali acreditara no telefonema de nosso homem no MIT e agira da maneira que esperávamos.

Não havia dúvida de que ela seria capaz de ler os dados roubados, o que significava que agora os próximos passos estavam nas mãos dela. Será que Cumali acreditaria no que veria nas mensagens eletrônicas? E se, devido à minha fadiga e ansiedade, eu tivesse cometido algum pequeno erro, ainda que fatal? Será que ela ficaria suficientemente em pânico — aterrorizada com a possibilidade de ser levada para Luz Brilhante e a criança, para um orfanato búlgaro — a ponto de codificar uma mensagem e entrar em contato com o irmão?

Se eu não estivesse tão preocupado com essas questões, talvez tivesse prestado mais atenção na foto que tinha em mãos. Eu sabia que havia sete grandes cartéis de drogas que operavam na área, e que um deles, dirigido por um plantador de lavanda de Tessalônica, na Grécia, tinha um interesse autêntico nas atividades de agentes de inteligência dos Estados Unidos. Se tivesse prestado mais atenção, teria especulado quem seria a pessoa mais provável que Cumali procuraria para fazer aquele trabalho sujo ou talvez tivesse reconhecido algo em um dos homens cuja imagem eu capturara. Mas não o fiz, e ouvi uma batida à porta.

Olhei pelo olho mágico e vi que era Bradley.

— Os capangas vieram? — perguntou.

— Sim — respondi.

Ele se refestelou em uma cadeira.

— E aquele gerente, hein?

— O professor? O que tem ele?

Ele se voltou e olhou para mim.

— Professor! Professor de quê?

— De inglês — respondi.

Para meu alívio, Bradley quase sorriu. Isso significava que estava superando a repulsa que sentira pelo papel que lhe fora designado. Caso os eventos se precipitassem, precisaria dele calmo e comprometido. Minha vida dependeria disso.

CAPÍTULO VINTE

— O que acontece agora? — perguntou Bradley.

Ele voltara para o seu quarto, desfizera as malas e tomara um banho. Parecendo menos abatido e mais relaxado, estava sentado comigo no restaurante do hotel. Eram nove horas da noite e escolhíamos *mezzes*, nenhum de nós com muito apetite, a ansiedade pesando. Estávamos sozinhos: a estação estava quase no fim e os poucos hóspedes do hotel já tinham saído para os bares e restaurantes à beira-mar.

— Agora é esperar que Cumali leia os e-mails falsos. Então, esperamos que ela entre em contato com o irmão — respondi.

— Como saberemos que ela os leu?

— Echelon — respondi.

— O que é isso?

— Uma coisa que não existe. Mas, se existisse, estaria ouvindo celulares, linhas de telefone fixas, e-mails e todos os tipos de comunicação desta parte da Turquia. Em particular, estaria monitorando uma cabine telefônica a seis quilômetros daqui.

— E quando você acha que Cumali entrará em contato com ele?

A mesma pergunta vinha ocupando os meus pensamentos.

— Ela deve estar recebendo as informações roubadas agora — respondi. — A forma como os albaneses as obtiveram significa que ela não vai perder tempo tentando decodificá-las. As senhas já foram removidas.

“Supondo que ela acredite em tudo que ler, ficará apavorada. Ela continuará lendo, tentando encontrar outras coisas no disco rígido, perdendo tempo. O pior do choque, talvez a náusea, passará, afinal.

“Ela vai se sentar ao computador em sua velha casa de pescador e postar uma mensagem em um fórum da internet ou em um site de namoro.

“Quase na mesma hora, o Sarraceno receberá uma mensagem de texto vinda do mesmo local, dizendo que alguém que compartilha de seus interesses acabou de postar alguma coisa.

“Ele saberá o que aquilo significa. Que precisa entrar em contato com ela o quanto antes, provavelmente em algum horário predeterminado.

“Nesse meio-tempo, Cumali terá de gravar trechos de notícias em programas de língua inglesa e codificar uma mensagem. A ansiedade a atrasará e, em seguida, ela vai ter de dirigir até a cabine telefônica e esperar que ele ligue.

“Creio que o Echelon ouvirá algo até, no mais tardar, a meia-noite. Esse é o nosso tempo de espera. Se isso não acontecer, acho que ela terá percebido a trama e estaremos acabados.

— Digamos que o Echelon ouça algo. McKinley ligará para dizer que talvez o sujeito esteja a caminho? — perguntou Bradley.

— Sim. A mensagem de McKinley será curta. Vai ser apenas algo do tipo: “Amigo, você está ao vivo”.

— Meia-noite — murmurou Ben. Então, olhou para o relógio sobre a lareira. — Faltam três horas. — Ele quase riu. — Será uma longa noite.

— Sim — respondi friamente. Ao longo dos anos, eu já passara por várias longas noites e aprendera algo sobre a paciência. — Temos duas alternativas: você quer jogar cartas ou ouvir uma história?

— Não sei — respondeu Ben. — É uma boa história?

— Julgue por si mesmo — falei. — É sobre uma mulher chamada Ingrid Kohl.

CAPÍTULO VINTE E UM

— Nem todas as sentenças de morte são emitidas por juízes ou governadores — expliquei. — Esta foi precipitada por um acordo pré-nupcial.

Ben e eu saímos da sala de jantar para o saguão — um lugar aconchegante com uma lareira, um gato preguiçoso e uma boa visão da porta da frente, apenas no caso de Cumali ou os albaneses terem outros planos e aparecerem de surpresa.

— O homem e a mulher em questão se conheciam havia seis semanas quando decidiram se casar — prossegui. — O nome dela era Cameron, o dele era Dodge, e havia um bilhão e duzentos milhões de dólares em jogo.

— Não é de se admirar que tivessem feito um acordo pré-nupcial — disse Ben, erguendo uma cerveja.

Se havia uma noite em que uma bebida cairia bem seria aquela, pensei. Mas, ainda assim, consegui afastar a ideia.

— Cameron trabalhava como assistente de vendas, então não tinha muito poder de barganha. Nem acesso a bons conselhos.

“Não preciso dizer que era um acordo bastante restrito. Se ela se divorciasse de Dodge, especialmente nos primeiros cinco anos, ficaria sem nada. Porém, se enviuvasse, ficaria com tudo. Então, se algum dia ela deixasse de amá-lo...

— E quisesse dinheiro de verdade... — acrescentou Ben.

— Dodge não teria assinado um acordo pré-nupcial e sim...

— Uma sentença de morte — completou o detetive de homicídios, erguendo as sobrancelhas, impressionado.

— Alguns meses mais tarde, Cameron decidiu que não queria mais ficar com Dodge — falei.

— Há outra parte envolvida?

— Como sempre. Neste caso, uma mulher.

— Uau, isso tem acontecido muito nos últimos tempos — disse Ben.

— Contudo, mantenha em mente que há algumas coisas que não sei. Tive de adivinhá-las, fazer algumas suposições, contar com a experiência, mas tenho certeza de que estou certo.

Ele assentiu.

— Claro. Você é o único investigador com quem eu não discutiria.

— Minha intuição diz que as duas mulheres cresceram juntas. Acho que eram amantes antes de Dodge entrar em cena — prossegui. — De qualquer modo, vamos chamar a amiga de Cameron de Marilyn. Não sei o nome verdadeiro.

Olhei para o relógio — apenas vinte minutos haviam transcorrido. Eu não sabia, mas parece que o tempo passa mais devagar quando você está esperando o fim do mundo.

— Elas deixaram Turkey Scratch, ou seja lá onde cresceram, e se mudaram para Manhattan, cheias de sonhos, imagino. Cameron conseguiu um emprego na Prada, e Marilyn queria ser atriz. Em outras palavras, conseguiu um emprego em um escritório.

— Então, Cameron conheceu o bilionário — acrescentou Ben.

— Sim, foi uma paixonite, mas Cameron deve ter percebido que era a sua única chance de fazer uma fortuna. Um raio não cai duas vezes no mesmo lugar.

“Talvez ela tenha se sentado e discutido com Marilyn, talvez tudo tenha sido muito civilizado, mas, pela experiência que tenho, as coisas são muito mais confusas do que isso. Meu palpite é que ela terminou o relacionamento com a amiga de toda a vida. Seja lá o que tenha acontecido, ela se casou com ele.

“De uma coisa tenho certeza: Dodge nunca conheceu Marilyn. Nem mesmo chegou a vê-la, o que era importante para o que aconteceria mais tarde.

— Certo — disse Ben. — Então, Dodge e Cameron se casaram, mas não deu certo.

— Não demorou muito para isso acontecer. Embora eu acredite que Marilyn tenha se sentido traída, Cameron restabeleceu contato. Ela queria se livrar de Dodge, mas tinha um problema...

— O acordo pré-nupcial.

— Exato. Mas as duas viram um modo de contornar esse problema. Elas poderiam ficar juntas e com o dinheiro. Matando-o.

— Qual era o plano? — perguntou Ben.

— Elas não tinham um plano. Então, certa manhã, um grupo terrorista as ajudou: 11 de Setembro.

“O escritório onde Marilyn trabalhava ficava em uma das Torres, mas ela chegou atrasada, viu os aviões atingirem os prédios e percebeu que, para o restante do mundo, estava morta. Para uma aspirante a assassina, não haveria alibi melhor.

Ergui a cabeça e vi três outros hóspedes entrando pela porta da frente e indo em direção ao elevador. Como de costume, minhas habilidades profissionais estavam ativas no fundo da minha mente de modo que soube que todos os hóspedes já haviam voltado. Nos próximos dez

minutos, o jovem gerente de plantão trancaria a porta da frente, verificaria se a área de carga e o elevador de serviço estavam trancados e apagaria algumas luzes. Olhei para um relógio sobre a lareira. Os ponteiros mal se moviam. Onde estava Cumali? Onde diabo estava o Echelon?

— Mas Marilyn tinha de permanecer morta — disse Ben, me arrastando de volta a Nova York e ao 11 de Setembro.

— Exatamente, então ela caminhou em meio à fumaça e por entre corpos humanos destroçados e encontrou o lugar perfeito para viver no anonimato. O Eastside Inn.

“Ela era uma atriz, e usou sua arte para garantir que ninguém pudesse reconhecê-la ou descrevê-la. Todos os dias, ela desempenhava um papel diferente.

Ben assentiu.

— É. Nunca consegui um retrato falado. Ela deve ter começado a planejar naquele dia mesmo. Isso a levou à biblioteca de Nova York e ao seu livro.

— Sim. Um apêndice no fim do livro refere-se à taxa de solução de homicídios em diferentes países. Poucos minutos de leitura a teriam informado que havia um monte de lugares melhores para se matar alguém do que os Estados Unidos.

“A Turquia parecia perfeita. A polícia do país fazia pouco uso de perícia criminal e os investigadores viviam sobrecarregados. Cameron não teria dificuldade de convencer Dodge a fazer um cruzeiro pelo mar Egeu, mas isso criou um grande problema para Marilyn.

— Mortos não podem tirar passaportes — disse Bradley.

Assenti. As luzes do hotel começaram a se apagar, o gato se espreguiçou, Bradley e eu olhamos para o relógio acima da lareira. Faltavam duas horas e cinco minutos.

Fiz uma pausa e me servi de café. Minhas mãos tremiam.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Em Washington, também estavam de olho no relógio. Era o meio da tarde na Costa Leste, e Sussurrante fizera a própria estimativa de quando o Echelon ouviria a mensagem codificada de Cumali. Era mais breve do que a minha.

Se aquilo acontecesse, calculou, ocorreria até as onze da noite, horário de Bodrum. Ele era mais pessimista — ou mais realista — do que eu.

Quando faltava uma hora de acordo com os seus cálculos, ele fechou a porta de seu escritório, cancelou todos os telefonemas e deu ordens estritas de que não deveria ser perturbado. Se o presidente precisasse dele, havia uma linha direta em sua escrivaninha e, caso tivessem uma boa notícia, a NSA passaria os detalhes para ele por meio de um canal da internet dedicado a isso.

No fundo, ele achava que uma boa notícia fosse improvável. A experiência lhe ensinara que desejar não adiantava nada, e ele vira muita loucura, muito fanatismo para esperar que algum plano terrorista terminasse bem. Em sua primeira viagem pelo Afeganistão, ainda como um jovem analista, fora gravemente ferido por uma mulher grávida usando um cinto-bomba e, como chefe de estação, anos depois, vira crianças correndo em direção a soldados americanos para pedir doces enquanto portavam granadas.

Não, ele estava certo: muito em breve o presidente decretaria o fechamento das fronteiras, o pânico começaria, as filas para a vacinação se estenderiam por quilômetros, as tropas estariam nas ruas e a terrível busca de infectados suicidas começaria. Assim que o presidente terminasse seu discurso à nação, Sussurrante lhe entregaria o documento que estava começando a escrever: sua carta de demissão.

Ele a redigiu com a brutal honestidade de sempre, mas também com uma tristeza tão intensa que poderia esmagá-lo. Uma tristeza que sentia pelo país, pelos cidadãos a quem decepcionara, pelos filhos que mal conhecia, por uma carreira que começara tão promissora havia trinta anos e que agora terminava em um fracasso histórico.

O tempo se esgotou — o canal na internet estava aberto, a tela iluminada —, mas nada aconteceu. Não havia nenhum dado do Echelon e, pela primeira vez na vida, o fato de estar certo só lhe trouxe tristeza.

Ele abriu a gaveta e colocou o aparelho ao redor do braço para verificar a pressão arterial quando a luz do telefone seguro brilhou. Ele atendeu.

— Nada? — perguntou o presidente, sem tentar disfarçar a ansiedade.

— Não — respondeu Sussurrante. — Cumali obviamente não engoliu. Acho que cometemos algum erro, pequeno, embora crítico. O Peregrino calcula um tempo de espera diferente, diz que devemos esperar mais cinquenta e sete minutos. Mas isso não vai mudar nada. O que quer fazer? Quer se dirigir ao povo agora?

Houve um longo momento de silêncio enquanto Grosvenor tentava organizar seus pensamentos tumultuados.

— Não — disse afinal. — Eu dei a ele trinta e seis horas. Vamos esperar. O Peregrino merece isso.

Grosvenor desligou, devastado pela nação e pelo seu povo, consciente de que o público e a história seriam implacáveis em seu julgamento.

Uma hora antes, assim como Sussurrante, ele também esvaziara sua agenda e cancelara todos os telefonemas, de modo que agora estava sentado sozinho no silêncio da tarde. Ele apoiou a cabeça entre as mãos e desejou que Anne ainda estivesse viva, que tivessem tido filhos, que houvesse uma família nos braços da qual ele pudesse encontrar conforto e significado.

Mas não havia nada — apenas um vento de medo soprando pelos corredores solitários de sua mente.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Bradley e eu estávamos em um corredor diferente: atravessávamos o silêncio sombrio do hotel em direção ao meu quarto.

Com menos de trinta minutos antes de se esgotar o prazo final, eu queria caminhar um pouco para dissipar a ansiedade esmagadora, e sugerira entregar a Bradley os arquivos da polícia turca sobre a morte de Dodge. Sabendo que aquilo seria crucial para um futuro indiciamento, ele concordou. Dessa forma, nos despedimos do gato preguiçoso e atravessamos o saguão deserto. Estávamos prestes a entrar no elevador quando parei. Tive uma forte sensação de que estávamos sendo observados.

Não havia ninguém por perto, nem mesmo o gerente do turno, mas havia uma câmera em uma parede, voltada para a recepção e para o cofre, e eu me perguntei quem poderia estar em algum escritório ali por perto nos vigiando àquela hora.

Em voz baixa, disse para Ben pegar o elevador enquanto eu subiria pela escada. Um grupo de assaltantes — albaneses, talvez — teria muita dificuldade para lidar com um alvo que se dividisse de repente. O policial olhou para mim, confuso.

— Preciso me exercitar — expliquei.

Ele sabia que eu estava mentindo, e me virei para a esquerda quando ele entrou no elevador. Subi a escada de dois em dois degraus e encontrei-o sem incidentes, assim que as portas de aço se abriram. Ele olhou para mim e ergueu as sobrancelhas. Eu estava empunhando a Beretta engatilhada.

— Halteres? — perguntou ele, sem expressão.

Baixei a arma e seguimos em direção ao meu quarto. Eu ainda tinha a sensação de que estávamos sendo observados, mas o corredor não era equipado com câmeras e, embora eu tenha me voltado rapidamente e olhado para trás na escuridão, não vi nada.

Abri a porta e um pensamento me ocorreu: o mensageiro do hotel poderia ainda estar no edifício, com ordens de ficar de olho em mim. Fechei a porta ao entrarmos, tranquei-a e pousei a pistola sobre a mesa de centro, um lugar de fácil acesso.

— Estávamos em Manhattan — lembrou Bradley. — Cameron e Marilyn tinham decidido matar Dodge na Turquia, mas havia um problema.

— Sim, Marilyn precisava de um passaporte — falei. — Então, começaram a procurar uma mulher na casa dos vinte anos, solitária, talvez nova na cidade, com certeza alguém de quem ninguém sentiria falta.

— E encontraram?

— Claro.

— Onde?

— Em um bar gay, na Craigslist, na Washington Square em um domingo à tarde... sei lá, isso não importa. Mas Marilyn saiu com ela. Mais tarde, à noite, convidou-a para ir ao Eastside Inn prometendo drogas e sexo. Em vez disso, ela a matou. — Olhamos um para o outro. — Ela a matou para roubar sua identidade, Ben.

Bradley não disse nada e, como qualquer bom policial, ficou pensativo, tentando encontrar brechas na teoria.

— Você se lembra de uma mulher que esteve em seu seminário? — prossegui. — Camisa azul-turquesa, muito inteligente, sentada bem na primeira fila?

— Claro. Mas não creio que fosse tão inteligente. Você disse que as mulheres o acham sexy, e ela concordou.

Sorri.

— Ela disse que o homicídio poderia ter algo a ver com roubo de identidade, mas eu não estava concentrado. Lembra-se daqueles caras que chegaram e se sentaram nos fundos? Eu deveria ter dado ouvidos a ela, no entanto. A mulher estava certa.

— E você diz que o nome da mulher morta era Ingrid Kohl? — perguntou Bradley. — Foi essa a mulher que encontramos no ácido?

— Sim — respondi. — Marilyn estava morta. Ela não tinha identidade, então precisou destruir o rosto, as impressões digitais e arrancar os dentes de Ingrid. Ela não podia permitir que o corpo fosse identificado. Ela pretendia roubar-lhe o nome e tornar-se ela.

“Quando a verdadeira Ingrid morreu, ela herdou sua carteira, sua bolsa e as chaves de seu apartamento. Ela limpou o Quarto 89, pulverizou-o com antisséptico industrial, deu uma olhada final, queimou tudo mais que encontrou e foi embora.

— Você acha que ela se mudou para o apartamento de Ingrid?

— Não sei. Ela escolheu uma mulher solitária, então é possível. Seja lá o que tenha acontecido, Marilyn apoderou-se de tudo que pertencia a Ingrid. Em poucas horas, ela tinha um número de seguro social e qualquer coisa que precisasse para obter uma certidão de nascimento.

— E, com uma certidão de nascimento, você pode tirar um passaporte — disse Bradley.

— Isso mesmo — respondi, e comecei a reunir os arquivos relativos ao assassinato de

Dodge.

Olhei para o relógio digital na mesa de cabeceira — faltavam quinze minutos — e tentei não pensar em fracasso. Ainda havia tempo. Apenas um telefonema e uma curta mensagem: era só o que precisávamos.

— Então ela agora é Ingrid Kohl e tem um passaporte legítimo com sua própria foto nele para prová-lo — disse Bradley.

— Ela voou até a Europa, criou a história de ser uma jovem mochileira e chegou à Turquia quatro meses antes de Cameron e Dodge.

— Qual era o plano? Como ela e Cameron o matariam?

— Não tenho certeza se tinham um plano, acho que pretendiam improvisar quando chegassem aqui. Uma queda acidental da popa do barco certa noite, uma overdose, esperar até que o homem ficasse inconsciente e afogá-lo na banheira...

“Mas Ingrid teve sorte: ela conheceu um garoto de programa que atendia pelo nome de Gianfranco, um cara que conhecia a casa onde Dodge estava hospedado mais do que qualquer outra pessoa. Acho que, quando não havia ninguém hospedado lá, ele levava mulheres através de uma passagem secreta e mantinha relações sexuais com elas na mansão fechada.

— Uma passagem secreta para a casa? — disse Ben. — Isso era tudo que Ingrid precisava.

— Sim — respondi, entregando-lhe a pilha de arquivos.

Faltavam dez minutos.

— Dodge e Cameron navegaram em seu barco pelo litoral de Bodrum e encontraram Ingrid nas boates. Apenas encontros casuais, nada de especial. Dodge nunca vira a amante de Cameron, então não tinha nenhuma razão para suspeitar que Ingrid fosse algo mais do que aparentava ser.

“As duas mulheres esperaram um momento em que tivessem certeza de que ele estaria sozinho na propriedade: a noite de uma grande queima de fogos de artifício. Ingrid foi até a garagem de barcos e atravessou o túnel que levava à mansão. Dodge estava na biblioteca completamente drogado quando uma mulher que ele conhecia apareceu na sala. É claro que ele supôs que a segurança a deixara entrar. Minha teoria é que, aparentando estar sem fôlego, ela lhe disse que o helicóptero a bordo do qual Cameron estava acabara de cair na baía.

— Merda — disse Ben, chocado com a engenhosidade crua daquilo.

— Obviamente, Dodge acreditou nela — falei. — Não que ele estivesse pensando de forma racional. Estava drogado, tomado pela aversão e pelo nojo de si mesmo.

— Como você sabe disso?

— Ele tinha vários cortes nas palmas das mãos. Os policiais pensaram que eles ocorreram quando o milionário se agarrou a um arbusto no penhasco ao cair, mas os ferimentos eram

regulares demais. Ele deve tê-los infligido a si mesmo na biblioteca. Isso não é incomum entre usuários de drogas. Ele estava se punindo.

Ben ficou em silêncio.

— Pobre homem — disse, afinal. — Todo o dinheiro no mundo, e lá está ele, sentado sozinho com uma faca... — A voz do detetive foi engolida pela tristeza.

— Ele pegou um binóculo, e Ingrid o levou até o jardim — prossegui. — Desesperado para ver o que acontecera, ele subiu em uma cerca. Ingrid provavelmente se ofereceu para segurá-lo pela cintura. Tudo correu de maneira perfeita. A mulher deu-lhe um pequeno empurrão, ele caiu e um bilhão de dólares bateram à sua porta.

Dei de ombros. Era isso: o fim. Ben me encarou.

— Já viu um homicídio tão bem-planejado assim? — perguntou. — Mesmo que os policiais turcos achassem que foi um assassinato, nada ligava Ingrid a Cameron.

— Nada — respondi. — Como ela poderia ser suspeita? Não havia relação no passado, nenhum envolvimento no presente, nenhum motivo.

Ben apenas assentiu.

— Brilhante.

— Com certeza — falei. — Ambos os assassinatos: este e o ocorrido em Manhattan.

Ben encontrara um arquivo que o interessou e abriu-o: mostrava a foto do passaporte de Ingrid, e ele olhou para seu belo rosto.

— Se você estiver certo quanto à rejeição, creio que Ingrid deve amar Cameron de verdade. Ser trocada por um homem, voltar e, em seguida, matar pela amante. Não uma, mas duas vezes.

Eu nunca havia pensado nisso dessa forma.

— Sim, suponho que seja verdade — falei. — Mas é um tipo de amor muito estranho.

Claro que eu deveria ter me lembrado do que Ingrid me dissera quando eu a interroguei, sobre eu não estar entendendo metade do que estava acontecendo. Acho que foi arrogância da minha parte. Eu estava certo de que desvendara todo o crime.

E Bradley também.

— Que azar o delas — disse ele. — Cometeram dois assassinatos quase perfeitos e teriam saído impunes não fosse o fato de a Comunidade de Inteligência de mais alto nível dos Estados Unidos e um de seus melhores investigadores terem se concentrado nesta cidade.

— Azar para elas, talvez. Não para nós — falei. — Sem Ingrid e Cameron, eu não teria tido o disfarce perfeito, nunca teríamos chegado tão perto quanto chegamos. Deus as ajude, mas elas foram uma parte importante do que poderia ter sido uma grande vitória.

— Acabou? — perguntou Ben, surpreso, olhando para o relógio. Faltavam quatro minutos.

— Você acha que ele não vai ligar?

Balancei a cabeça.

— Eu não comentei, mas McKinley tinha a própria estimativa de quanto tempo deveríamos esperar. Era uma hora mais cedo do que a minha.

— O que acontece agora? — murmurou.

— Pegue o telefone — falei. — Reserve o primeiro voo de volta para casa. Se partir de madrugada, provavelmente poderá voltar antes que fechem as fronteiras. Então faça o que sugeri: pegue Marcie e vá direto para a casa de praia. Juntos, vocês terão uma chance.

— Melhor sermos três — respondeu ele. — Venha conosco.

Sorri, mas balancei a cabeça em negativa.

— Não, eu vou para Paris.

— Paris? — disse ele, chocado. — Os grandes centros serão os piores lugares.

— Sim, mas eu fui feliz lá... tinha um monte de sonhos... Se as coisas ficarem muito ruins, gostaria de estar perto daquilo.

Ele olhou para mim por um longo tempo, triste, acho — era difícil dizer. Então começou a me perguntar quanto tempo levaria para que o vírus...

Ergui a mão, gesticulando para que ele se calasse. Pensei ter ouvido algo do lado de fora no corredor. Ficamos imóveis, atentos. Então ouvimos passos.

Peguei a Beretta da mesa de centro e fui em silêncio até o olho mágico. Ben sacou sua pistola e apontou-a para o lugar onde a porta se abriria.

Olhei pelo olho mágico e vi a sombra de um homem na parede. Ele estava se aproximando.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

O homem ficou à vista — era o mensageiro. Sem saber que estava sendo observado, ele enfiou um envelope por debaixo da porta.

Esperei até ele ir embora antes de baixar a pistola e pegar a mensagem. Observado por Ben — coração disparado, meus pensamentos vagando entre a esperança e o implacável comedimento —, abri o envelope e tirei dali uma única folha de papel.

Eu li, senti o muro de ansiedade ruir e balancei a cabeça, maravilhado.

— O que foi? — disse Ben.

— Eu sou um idiota — respondi. — O Echelon não poderia ter ouvido mensagem alguma. Cumali não precisou ir até a cabine telefônica. O sujeito já está aqui.

— Em Bodrum? Como você sabe?

Apontei para a carta.

— Ela está me convidando para um piquenique com seu suposto filho. Vem me buscar às onze.

— Não, você está errado — respondeu Ben. — O que pode acontecer se o menino estiver lá?

Sorri e disse:

— Ele não vai estar. Ela dará uma desculpa. Por que Cumali me convidaria para um piquenique de repente? Ela não me suporta. Não. O irmão dela está aqui, Ben. Amanhã vou encontrá-lo.

As dúvidas de Bradley cederam sob o peso da minha certeza, e vi a expressão no seu rosto. Dava para ver que ele temia o papel que agora teria de desempenhar. Para falar a verdade, eu também não estava ansioso para desempenhar o meu.

Destranquei a porta para ele.

— Ligue para Sussurrante agora mesmo. Basta falar: “Amigo, estamos ao vivo.”

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Eu tinha vindo para a Turquia como Rastreador e acabava como isca. Por isso, não fizera qualquer esforço para colocar meus assuntos em dia antes de deixar os Estados Unidos, e agora descobria que tinha de fazer isso logo.

Assim que Bradley saiu para ligar para Sussurrante, sentei diante da pequena escrivaninha, peguei uma folha de papel e, por mais tarde que fosse, comecei a escrever meu testamento. Em circunstâncias normais — com apenas uma pensão do governo, a anuidade de Grace e uma pequena coleção de pinturas —, não teria nem me dado ao trabalho de redigi-lo.

No entanto, as coisas se tornaram mais complicadas. Quando Ben e Marcie descobriram meu disfarce e me forçaram a sair de Paris, uma das poucas coisas que joguei na minha bolsa de viagem foram as duas cartas do advogado de Nova York sobre as mortes de Bill e Grace.

O nome do velho advogado era Finbar Hanrahan, filho de imigrantes irlandeses pobres, um homem de tamanha integridade que, sozinho, ameaçou reabilitar a reputação dos advogados. Ele era advogado de Bill desde antes de ele se casar com Grace, e eu o encontrara muitas vezes ao longo dos anos.

De volta a Nova York, com as duas cartas em mãos, eu marcara uma reunião com ele. Assim, em um fim de tarde, ele se levantou de trás da escrivaninha de seu escritório espetacular e me cumprimentou calorosamente. Ele me levou até um sofá a um canto da sala do qual era possível vislumbrar o Central Park e me apresentou aos outros dois homens ali presentes, um dos quais reconheci como sendo um ex-secretário de comércio. Finbar disse que eram advogados, mas que nenhum deles era associado à sua firma.

— Eles leram certos documentos e pedi que estivessem aqui como observadores imparciais. O trabalho deles é garantir que tudo o que eu fizer será de acordo com a lei e que não possa ser mal-interpretado ou questionado depois. Quero ser escrupuloso a esse respeito.

Parecia estranho, mas deixei passar. Imaginei que Finbar sabia o que estava fazendo.

— Você disse em sua carta que havia um pequeno problema quanto ao espólio de Bill que precisava ser finalizado — falei. — É sobre isso que estamos falando?

— Sim — disse ele. — Mas há uma questão importante que temos de resolver antes.

Ele olhou para os dois observadores, que assentiram. Pareciam dizer: vamos em frente.

— Você pode não saber, mas Bill se preocupava bastante com você — disse Finbar. — Mais do que isso, ele acreditava que você era especial de algum modo, achava que estava destinado a realizar coisas muito importantes.

Sorri.

— Sim, uma das amigas de Grace me disse isso. Ele devia estar louco, é claro.

Finbar sorriu.

— Louco não, embora tenha se tornado cada vez mais preocupado. Especialmente depois que você deixou Harvard e foi morar na Europa. Para ser franco, ele não acreditava que você estivesse envolvido no negócio da arte.

Aquilo não me surpreendeu. Bill não apenas era inteligente, como também era bastante intuitivo. Não respondi. Apenas olhei para o velho advogado, inexpressivo. Ele prosseguiu:

— Bill não fazia ideia de como você ganhava seu dinheiro e estava preocupado que tivesse se envolvido em algo ilegal ou, ao menos, imoral.

Ele esperou por uma resposta, mas apenas assenti e não fiz comentário algum.

— Ele disse que, em várias ocasiões, quando tentou falar sobre isso, você não foi o que ele chamou de “receptivo”.

Mais uma vez, apenas assenti.

— Então, Scott, a minha pergunta é: o que exatamente você faz?

— No momento, nada — respondi. — Estou de volta a Nova York para ver se encontro algo que possa atrair o meu interesse.

Não achei que fosse uma boa ideia dizer para ele que eu estava tentando me esconder, fugir do meu passado.

— Sim, mas antes disso?

— Trabalhei para o governo — falei, após uma pausa.

— Bem, parece que metade do país faz isso, embora eu esteja usando o verbo “trabalhar” de forma bastante liberal. — O velho Finbar tinha um senso de humor muito irônico. — O que exatamente você fez para o governo?

— Sinto muito — respondi. — Fui orientado a não falar sobre isso.

Vi os outros dois homens trocarem um olhar. Evidentemente não acreditaram.

— Orientado por quem? — perguntou Finbar, ignorando-os. Senti pena dele. Era óbvio que o advogado queria que aquilo desse certo.

— Por ordem executiva — respondi com calma.

O ex-secretário de comércio ergueu os olhos. Aquilo era demais para ele.

— Você trabalhou na Europa, mas a Casa Branca não permite que você fale sobre isso, não é mesmo?

— Exato, Sr. secretário.

— Deve haver alguém, um superior ou algo assim, com quem possamos conversar, mesmo que em termos gerais — disse Finbar.

— Não creio que seja possível — respondi. — Provavelmente já falei mais do que devia. Além disso, a Divisão — que nunca existira oficialmente — já havia sido extinta.

Finbar suspirou.

— Bill foi muito claro, Scott. Não podemos prosseguir a menos que eu esteja satisfeito quanto à sua integridade e honestidade. Você vai ter de nos ajudar a...

— Não posso. Dei a minha palavra de não falar nada a respeito. Assinei compromissos. Acho que eles ficaram surpresos com a dureza e a objetividade de meu tom de voz.

— Então, infelizmente... — O advogado olhou para os outros dois para obter confirmação. Eles assentiram. — Infelizmente, temos de encerrar esta reunião.

Eu me levantei, e os outros fizeram o mesmo. Fiquei desapontado por nunca vir a saber o que Bill tinha em mente, mas eu não tinha opção. O ex-secretário de comércio já estendia a mão para se despedir quando algo me ocorreu.

— Tenho uma carta de recomendação que poderia ajudar. Ela trata de um incidente em que me envolvi há alguns anos.

— Um incidente? Que tipo de incidente? Um evento de caridade ou algo do tipo? — perguntou o ex-secretário.

— Não exatamente — respondi. — Algumas partes da carta vão ter de ser apagadas, mas creio que vocês poderiam vê-la.

— De quem é a carta? — perguntou Finbar, ansioso.

— Do presidente. Foi escrita à mão em papel timbrado da Casa Branca.

Os três homens ficaram em silêncio. Finbar estava boquiaberto. O ex-secretário foi o primeiro a se recuperar, ainda incrédulo.

— Qual presidente? — perguntou.

— Seu ex-chefe — respondi friamente. Eu não tinha gostado muito daquele sujeito. — De qualquer modo, ligue para ele. Tenho certeza de que sabe o número. Peça-lhe permissão para ler a carta. Diga-lhe que diz respeito a um jovem e ao terrível incidente na Praça Vermelha. Tenho certeza de que ele vai se lembrar.

O ex-secretário ficou sem resposta, e Finbar preencheu o silêncio.

— Devemos parar por aqui — disse ele. — Creio que tropeçamos em uma área relativa à segurança nacional...

— Com certeza — respondi.

Finbar olhou para os outros dois advogados e dirigiu-se ao ex-secretário.

— Jim, se você não se importar, poderia fazer o telefonema mais tarde, apenas como uma formalidade?

Ele assentiu.

— Então, estamos de acordo? — continuou Finbar. — Estamos satisfeitos? Podemos prosseguir?

Os dois homens concordaram, mas pelo modo como o ex-secretário me encarava, dava para ver que ele estivera na reunião de gabinete quando a morte do Navegante fora discutida. Ele provavelmente nunca pensou que se veria frente a frente com o homem que o matou.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Finbar tirou um arquivo de um cofre de parede, os outros dois advogados tiraram os paletós, e eu olhei para o aguaceiro que caía sobre o Central Park vindo na nossa direção, ainda sem ideia do que estava acontecendo.

— Como você sabe, quando Bill morreu, seu considerável patrimônio ficou sob o controle de uma série de fundos que então passaram integralmente para Grace — explicou Finbar ao abrir o arquivo. — No entanto, havia uma parte pequena, embora especial, de sua vida que fora mantida em quarentena em uma estrutura corporativa à parte. Aquilo foi construído ao longo de anos e, para falar a verdade, Grace nunca demonstrou qualquer interesse.

“Antes de morrer, Bill me pediu ajuda para providenciar que o patrimônio passasse para as suas mãos. Acho que ele estava preocupado que Grace, caso vivesse mais do que ele, não deixasse nada para você. — O advogado sorriu. — Bill com certeza era um homem inteligente. Nós sabemos como isso tudo acabou, não é?

Sorri de volta.

— Ela me deu oitenta mil por ano.

— Apenas por insistência minha — rebateu ele. — Eu disse para Grace que, se ela não fizesse nada, você provavelmente questionaria o testamento e poderia acabar ficando com uma fortuna.

— Isso deve tê-la deixado muito nervosa.

— Pode ter certeza que sim. Bill queria que isso fosse mantido em segredo até depois da morte de Grace. Acho que estava preocupado que ela pudesse contestar o arranjo e afogar você em processos custosos. Com a morte dela e, satisfeito com a sua integridade, tudo está no lugar agora.

Ele meteu a mão na pasta e tirou dali um maço de documentos.

— A primeira parte do testamento de Bill refere-se a uma propriedade no SoHo. Você conhece o imóvel?

— Nunca nem ouvi falar — respondi.

— É um antigo armazém de chá com uma fachada de ferro forjado e um enorme espaço interior. Muita gente diz que daria uma casa magnífica. Por que dizem isso, não faço ideia.

Finbar, que era viúvo e não tinha filhos, vivia em um apartamento de quatorze cômodos no prédio do pré-guerra mais elegante da Park Avenue, de modo que não fiquei surpreso por ele achar que um armazém convertido em residência ficava apenas um degrau acima de uma lixeira.

— Bill o selou hermeticamente e instalou sofisticados sistemas de ar-condicionado e contra umidade e incêndio. Esse prédio e tudo o que ele contém foi o que Bill deixou para você.

Ele entregou o maço e uma pilha de outros documentos para os outros dois, que começaram a assiná-los como testemunhas.

— O que o prédio contém? — perguntei.

Finbar sorriu.

— Bill era muito metódico, um homem bastante racional. Porém, em um aspecto de sua vida, ele nunca foi comedido...

— A arte! — interrompi, preso entre o choque e o assombro.

— Isso mesmo — respondeu Finbar. — Como deve saber, não havia artista desconhecido que ele não apoiasse comprando o seu trabalho. Às vezes, adquiria coleções inteiras.

— Ele me disse isso certa vez — falei. — Disse que a ideia de caridade da maioria das pessoas era dar dinheiro para a United Way. Ele apoiava artistas famintos.

— E foi isso que ele fez. Ano após ano, cheque após cheque. Mas ele tinha um olhar notável, Scott, e guardou tudo que comprou.

— No armazém de chá?

— Foi por isso que ele o adaptou. Ele os empilhou ali dentro como lenha. Warhol, Roy Lichtenstein, Hockney, Jasper Johns, Rauschenberg... a lista é interminável. Aqui está o inventário.

Ele empurrou um bloco de folhas para mim, e eu folheei. Cada página estava repleta de nomes que se tornaram consagrados.

— E quanto a Grace? Depois que Bill morreu, ela nunca perguntou sobre isso?

— Como falei, ela não tinha nenhum interesse. Acho que em algum momento, ele deve ter lhe dito que vendera tudo o que ainda possuía e que o lucro fora investido em um dos fundos.

Ele deslizou outro grosso maço de documentos pela mesa.

— Naturalmente, eu precisava manter as telas asseguradas, o que significava avaliações regulares. Esta é a informação mais recente que tenho.

Peguei a lista e vi que, ao lado de cada tela, constava seu valor estimado. Na última página, havia o total. Olhei para a cifra e vi que eu era um homem muito rico — talvez não tão rico quanto Cameron, mas já era meio caminho andado.

Os três homens observaram quando fiquei de pé e fui até a janela. A chuva estava

começando a cair, e eu não sabia dizer se minha visão estava nublando por causa dela ou das lágrimas em meus olhos. Mesmo no fim da vida, quando estava duvidando de meu caráter, Bill tentou cuidar de mim. O que mais eu poderia querer? Ele era um homem maravilhoso e, mais uma vez, percebi que deveria tê-lo tratado melhor.

Dei meia-volta, olhei para Finbar, e ele me entregou todos os documentos. Assinados, selados e liberados.

— Parabéns — disse ele. — Você agora é o proprietário de uma das maiores coleções de arte contemporânea do mundo.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Sozinho, sentado em um hotel barato em uma rua qualquer de Bodrum, escrevendo meu testamento, eu precisava decidir o que fazer com aquele tesouro em telas pelas quais a maioria dos curadores de museus daria tudo.

A coleção estava intacta. Embora eu tivesse passado muito tempo no silêncio do armazém de chá, vagando entre as altas estantes de pintura, admirando obras magistrais que ninguém via há décadas, nunca vendi nenhuma delas. Aquelas telas eram parte de Bill, e meus sentimentos a respeito delas — assim como a riqueza que representavam — ainda estavam muito à flor da pele para eu poder lidar com aquilo.

Por mais estranho que pareça, porém, o que fazer com elas no caso de minha morte não me apresentava problema algum. Imaginei que a resposta devia estar borbulhando no fundo da minha mente durante horas, se não há mais tempo.

Escrevi que meu desejo era que o Museu de Arte Moderna recebesse cem telas de sua escolha, desde que ficassem em exibição permanente. Determinei também que recebessem o fólio de desenhos de Rauschenberg, motivo pelo qual Bill e eu visitáramos Estrasburgo havia tanto tempo. Então, fiz uma descrição da fotografia da camponesa e de seus filhos a caminho da câmara de gás que vira no campo de extermínio de Natzweiler — a foto que assombrara muitos de meus sonhos — e pedi que o museu adquirisse uma cópia.

Disse que o restante das telas, incluindo o depósito em que foram armazenadas, deveria ser vendido e os recursos doados ao Lar William J. Murdoch para Crianças Romani ou Ciganas.

Então, veio a parte mais difícil da tarefa. Concluindo, escrevi dizendo que queria que o Museu de Arte Moderna montasse um pequeno estande na entrada da galeria que abrigaria as cem obras. O estande deveria exibir os desenhos de Rauschenberg, a cópia da foto do campo de extermínio e a seguinte dedicatória: “Legado ao povo de Nova York em memória de Bill...”

Fiquei sentado por um longo tempo antes de baixar a caneta. Eu não sabia o que escrever em seguida, incapaz de encontrar as palavras que honrariam a memória de Bill de maneira adequada. Eu me lembrei de nós dois atravessando a floresta de pinheiros das montanhas dos Vosges, me lembrei da maldade esmagadora da câmara de gás, senti de novo a sua força quando segurei espontaneamente a sua mão, vi a felicidade instantânea em seus olhos quando

ele olhou para mim, e, então, descobri as palavras que significariam tudo para meu pai adotivo: “Legado ao povo de Nova York em memória de Bill — pelo seu filho que o amava, Scott.”

Terminei nomeando Finbar Hanrahan, conselheiro legal de Park Avenue, e James Balthazar Grosvenor, presidente dos Estados Unidos, como executores. Pensei que, se eu ia morrer pelo país, aquilo era o mínimo que ele podia fazer.

Liguei para a recepção, ouvi a voz sonolenta do jovem gerente noturno e pedi que viesse ao meu quarto. Sem deixá-lo ver o conteúdo do documento, eu o fiz testemunhar a minha assinatura e, então, selei-o dentro de um envelope endereçado a Finbar.

Inseri o envelope dentro de outro sobre o qual escrevi o nome de Ben e ao qual acrescentei um bilhete: “No caso da minha morte, por favor entregue a carta anexada em mãos quando voltar a Nova York.”

Introduzi o envelope por baixo da porta do quarto escuro de Ben e voltei para o meu. Tranquei a porta, tirei os sapatos e me deitei na cama ainda vestido. Na quietude da noite, me ocorreram dois versos de um antigo poema de cujo nome ou autor eu não me lembrava:

*Dormi e sonhei que a vida era prazer;
Acordei, e descobri que a vida era dever.*

A vida era dever. Como qualquer soldado que vai para a guerra, pensei no conflito que estava por vir. Para ser honesto, eu não esperava sucesso ou glória. Só esperava proceder com honra e coragem.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Eram onze horas, quase não havia nuvens no céu, um clima excepcionalmente quente para aquela época do ano, e Cumali chegou pontualmente.

Eu a esperava na calçada em frente ao hotel, usando tênis, calça de algodão e uma camisa larga de tecido leve, própria para o verão: aparência perfeita para um piquenique, pensei. A Beretta estava escondida às minhas costas, mas era puramente decorativa, como parte da história de um agente secreto involuntário: eu sabia que aquilo não poderia me salvar e que eu a perderia no momento em que fosse emboscado. A calça tinha bolsos profundos, motivo pelo qual eu a escolhera — a arma de verdade estava em um deles e, curvado para a frente, relaxado, mãos enterradas nos bolsos, eu poderia manter a mão sobre ela.

O carro preto parou, e vi que Cumali estava sozinha. Se eu precisasse de qualquer confirmação sobre o que estava de fato acontecendo, ela acabara de me fornecer. Sorrindo com gentileza, puxei a maçaneta da porta do passageiro. Estava trancada, e ela apontou para o banco de trás. Aparentemente, não havia problema uma mulher muçulmana levar um homem para a morte, desde que não compartilhasse o banco da frente com ele.

Abri a porta traseira e entrei.

— Onde está o garotão? — perguntei.

— Em uma excursão escolar — respondeu Cumali. — Nós vamos encontrá-lo para o piquenique. Ele quer mostrar seu amigo americano para os colegas.

Como atriz, ela era uma excelente policial. Cumali pensara muito no que diria e o discurso soou afetado.

— Que tipo de excursão? — perguntei, como se estivesse tudo bem.

— Arqueologia. “Ruínas idiotas”, como dizem as crianças. — Ela riu, o que pareceu aliviar a sua ansiedade. — Um lugar interessante. Acho que você vai gostar.

Por algum motivo, duvidei daquilo.

— É longe?

— É uma distância razoável para ir de carro — disse ela. — Mas eu compartilho uma lancha de meia cabine. Se você não se importar, é mais rápido, e a vista é linda. Depois, poderemos trazer meu filho de volta da mesma forma. Ele adora aquele barco.

Alguém sabia o que estava fazendo. Era fácil seguir um carro, mas um barco era quase impossível — o campo de visão era muito amplo e não havia como se esconder no meio do tráfego. Eles estavam se certificando de que eu não teria ajuda me seguindo.

— Parece legal — falei.

Eu não estava sendo sincero. Apesar de meus anos de formação, apesar dos planos que traçara, senti os tentáculos do medo se desdobrarem e apertarem a minha garganta: não é fácil caminhar em direção ao perigo quando você sabe que ele está lá.

Cumali girou o volante e dirigiu-se a uma enseada escondida onde havia um velho cais e algumas dezenas de pequenos barcos ancorados. Por estar sentado no banco de trás, eu não fui capaz de ver se ela trouxera uma peça crucial para o meu plano. Se não a tivesse trazido, eu teria de cancelar a ação.

— Você trouxe o seu telefone? — perguntei.

— Por quê? — respondeu ela, alerta, olhando para meu rosto no espelho retrovisor.

Dei de ombros.

— Não queremos ter de ficar acenando por ajuda no caso de um naufrágio, certo?

Ela sorriu e a ansiedade diminuiu.

— É claro — respondeu Cumali, depois levou a mão ao cós da calça jeans e ergueu o aparelho.

A missão estava de pé: agora, não havia como voltar atrás.

Ela parou o carro no estacionamento e soltei o cinto de segurança.

— Precisamos descarregar algo?

— Há uma cesta de piquenique no porta-malas. Eu não bebo álcool, mas trouxe alguma cerveja e muita comida. Sinta-se à vontade.

O condenado fez uma refeição saudável, pensei, e quase sorri. Percebi que o estresse e o medo estavam começando a me dominar e me obriguei a contê-los. Puxei a cesta de piquenique do porta-malas e me virei para seguir Cumali até o cais. Ela estava agachada para pegar a amarra de uma lancha de meia cabine, velha e com casco de madeira, embora bem conservada. Eu me perguntei quanto lhes custara alugá-la por um dia.

Cumali se ergueu e, sem se dar conta de que estava sendo observada, fez uma pausa para olhar para a pequena enseada. Iluminado pelo sol da manhã, o lugar era belíssimo — a água azul-turquesa, a praia deserta, as casas caiadas de branco — e, em um momento de epifania, percebi que ela estava imprimindo a imagem em sua memória, dizendo adeus para tudo aquilo. Eu havia me perguntado antes se eu a tinha deixado em pânico suficiente e via agora que a ameaça da Luz Brilhante e de um orfanato búlgaro a aterrorizara. Eu me dei conta de que, muito em breve, ela e o menino estariam indo embora com seu irmão, talvez dirigindo até a

fronteira com o Iraque ou a Síria. Pensando bem, entendi que, se eu desaparecesse, ela seria a principal suspeita, o que a deixava com poucas alternativas. Para todos nós, o tempo em Bodrum estava chegando ao fim.

Ela se livrou de seus pensamentos e entrou na cabine da lancha. Quando embarquei e baixe o cesto, ela acionou o motor, ligou um pequeno radioamador ao lado da roda do leme e começou a falar em turco pelo microfone. Ela devolveu o microfone ao gancho e se voltou.

— Apenas informando ao capitão do porto sobre aonde vamos e qual será a nossa rota — disse ela.

Foi um gesto simpático, mas ela não estava falando com o capitão do porto e, sim, com o irmão e com quem estivesse com ele, informando-os que estávamos a caminho. Eu já sabia qual seria o nosso destino, é claro.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

As ruínas da cidade submersa agarravam-se ao penhasco, os velhos degraus seguiam seu eterno caminho rumo ao mar e a Porta para Lugar Nenhum era uma silhueta sob o forte sol do meio-dia.

Cumali reduziu a velocidade da lancha quando nos aproximamos, permitindo-me ver as ruínas em toda a sua glória, e reagi com admiração apropriada, como se nunca as tivesse visto antes.

A face do penhasco e o estacionamento no topo estavam desertos, e o único som quando passamos pela plataforma de dança subaquática era o grito de algumas gaivotas voando em círculos. Seu triste grasnar soava como um acompanhamento adequado quando Cumali guiou a pequena lancha até o cais apodrecido.

Agarrei o cabo, me estiquei para fora do convés e amarrei o barco. Na praia, encontramos manchas de óleo, os corpos de duas gaivotas mortas e hordas de caranguejos correndo para se protegerem, como baratas na cozinha de um cortiço. Odiava aquele lugar.

Cumali veio para o meu lado carregando a cesta de piquenique. Eu peguei a cesta e apontei para os arredores.

— Não me parece um lugar apropriado para um piquenique.

Ela riu, mais relaxada agora que me levara até o local combinado e sua parte no plano estava quase no fim.

— Não vamos fazer o piquenique aqui. Há um túnel que leva até um anfiteatro romano. Os especialistas dizem que é o melhor exemplar do mundo depois do Coliseu.

Fiz o possível para parecer satisfeito.

— Parece ótimo. Onde estão as crianças?

Ela ou o irmão obviamente tinham pensado naquilo.

— Já chegaram — disse ela. — Vieram de ônibus. Há um caminho que desce da estrada até aqui.

Eu sabia que era mentira. A área fora esquadrinhada quando planejávamos o atentado a Finlay Finlay, e Controle nos avisara que, se as coisas dessem errado, não deveríamos abrir o portão do túnel e tentar encontrar refúgio nas ruínas. Aquilo era um beco sem saída, não havia

nenhuma maneira de escapar dali.

— Estou ansioso para ver o garotão — falei enquanto caminhávamos sobre as rochas cobertas de algas.

— Ele está muito animado — disse ela. — Mal consegui fazê-lo tomar o café da manhã.

Encontramos um caminho precário que levava a uma entrada escura voltada para a praia na encosta do penhasco.

— É o início do túnel — disse ela. — Dignitários e generais chegavam de barco e, acompanhados por fanfarras, o atravessavam até alcançar o anfiteatro.

— Era de se esperar que o lugar fosse mais conhecido, que houvesse mais turistas — sugeri.

— Anos atrás isso aqui vivia lotado, mas os turistas causaram tanto estrago que agora o lugar só é visitado por arqueólogos e grupos escolares.

As mentiras estavam lhe ocorrendo de maneira mais fácil agora.

— Como se chama o anfiteatro? — perguntei.

Ela disse algo em turco, que, é claro, não entendi.

— Em inglês?

— Não creio que exista uma tradução direta para isso, não tenho certeza do que significa.

Imaginei que ela não achou que fosse uma boa ideia me dizer que eu estava prestes a entrar em um lugar chamado Teatro da Morte.

Paramos na boca do túnel e vi, meio escondido na penumbra, um portão de barras de ferro pesadas e enferrujadas. Se alguma vez aquilo fora acorrentado e trancado com cadeado, não era o caso agora.

— Eles não mantêm o portão trancado? — perguntei.

— O único acesso é por barco, e quase ninguém conhece o lugar. O portão não é trancado há anos — disse ela.

Esse foi o primeiro erro deles. Dava para distinguir marcas na ferrugem, onde uma corrente fora removida, talvez arrebatada, algumas horas antes. Aquilo não me ajudava em nada, mas achei o fato reconfortante — significava que eles estavam apressados, negligenciando detalhes. A experiência me dizia que aquilo era uma vantagem para mim.

Cumali abriu o portão e estava prestes a entrar quando eu a detive.

— Deixe eu ir primeiro — falei, agindo como um perfeito cavalheiro.

Acho que boas maneiras são muito importantes quando você está sendo levado para a morte. Além disso, caso tudo fosse por água abaixo, eu teria um campo de tiro aberto à minha frente.

Fui até o portão, entrei em meio à escuridão e senti o suor começar a se acumular ao redor da Beretta às minhas costas. Eu sabia que o Sarraceno estava me esperando no fim daquele

túnel.

CAPÍTULO TRINTA

Bradley não teve dificuldade para encontrar a casa certa. Como planejado, ele deixara o hotel cinco minutos após eu ser pego por Cumali e, usando um mapa detalhado que eu desenhara, foi direto até a melhor loja de suprimentos navais de Bodrum.

Três minutos depois, saiu da loja carregando uma sacola plástica contendo um item que ele comprara e, mais uma vez seguindo o meu mapa, dirigiu em direção ao sudoeste. Após onze minutos, entrou na rua que procurava e viu, a meio caminho, o armazém de distribuição da Coca-Cola. Ele se aproximou, atravessou a rua e parou em frente a uma pequena residência.

Após verificar a sua aparência e se recordar dos seis detalhes, ele se convenceu de que localizara a residência certa. Abriu o portão, passou pelos gnomos de jardim e bateu à porta. Eram onze e vinte cinco. Ele foi pontual. Poucos segundos depois, ouviu a voz de uma mulher no interior falando em turco e, embora não entendesse, tinha certeza de que ela estava perguntando: “Quem é?”

Ele não respondeu, deixando o silêncio pairar e, como a maioria das pessoas faz em situações assim, a mulher, a babá do menino, abriu a porta. O plano de Bradley era empurrar com força uma vez que a porta fosse destrancada, entrar, fechá-la e enfrentar a mulher no interior da casa.

Não funcionou. Ao discutir o assunto com Bradley, eu não levava em conta o fato de a mulher ser obesa. Quando Bradley empurrou, a porta atingiu seu corpo volumoso e estancou. Isso deu à jovem tempo suficiente para empurrar a porta de volta e começar a gritar. Por um instante, pareceu que Bradley ficaria trancado do lado de fora e todo o plano iria por água abaixo. Em uma reação rápida — graças a Deus —, o policial sacou a pistola, enfiou-a através da abertura em direção aos dentes da babá aterrorizada e gritou para que ela se afastasse.

Ela não entendeu todas as palavras, mas captou a mensagem. A babá recuou um passo, Bradley entrou e, ainda apontando a arma para ela, fechou a porta ao entrar. A mulher estava aterrorizada demais para gritar, o que deu a Bradley a chance de afastar uma cortina e olhar através de uma janela estreita. Para seu alívio, nada se movia lá fora, e ele percebeu que três caminhões da Coca-Cola, manobrando para entrar no armazém, motores rugindo, tinham abafado os seus gritos.

Ele se voltou e viu que o medo tomara conta da babá e que ela tremia muito. Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, um rosto apareceu em uma porta nos fundos da casa e olhou para eles através do corredor. Era o garotão.

A arma de Bradley estava escondida pelo corpo da mulher, e Ben baixou-a para tirá-la de vista. Sorriu para a criança e isso foi o bastante. O menino se aproximou, sorrindo de volta e falando em turco.

A babá o tomou, protetora, e isso — combinado com o sorriso de Bradley — pareceu acalmá-la, de forma que ela passou a tremer menos.

— O que ele está falando? — perguntou Bradley, apontando para o menino, fazendo sua voz soar o mais amigável possível.

A babá engoliu em seco, tentando umedecer a garganta, e se esforçou para evocar o pouco inglês que adquirira trabalhando para diferentes famílias ao longo dos anos.

— Ele perguntou: você americano? — Ela conseguiu enfim dizer.

Bradley sorriu para o menino.

— Sim. Nova York.

A babá traduziu, ainda segurando o menino com força.

— Ele pergunta: você amigo do homem que se curva? — disse ela.

Bradley pareceu confuso: homem que se curva? Que diabo era aquilo?

Mas a babá explicou:

— Quer dizer, homem do FBI.

— Ah — respondeu Bradley. — Brodie Wilson. Sim, ele é meu amigo.

O menino falou algo, e a babá traduziu:

— Onde está o homem que se curva?

— Está com a sua mãe — respondeu Bradley.

— Onde eles estão?

Bradley não quis alarmar a criança e deu-lhe o que pensava ser uma boa resposta:

— Foram a um piquenique.

Assim que isso foi traduzido, o menino se debulhou em lágrimas, aparentemente inconsolável. Bradley não tinha como saber que aquele era o sonho do menino — ir a um piquenique com seu amigo americano — e que, agora, eles o haviam deixado para trás.

Bradley olhou para ele, confuso. Em meio às lágrimas e ao sofrimento da criança, a babá conseguiu entender qual era o problema e explicou para Bradley.

O policial se abaixou, manteve a arma escondida e disse para o garoto que estava tudo bem, que sua mãe viria buscá-lo em breve, mas que antes eles teriam de participar de um jogo.

Assim que a babá traduziu aquilo, o menino sorriu para Bradley, tranquilizado, e ofereceu

ao policial uma de suas melhores curvaturas.

Ben e Marcie nunca tiveram filhos, então ele considerava as crianças praticamente uma raça alienígena, mas não conseguiu deixar de ficar comovido pelo desejo desesperado do menino por algo tão simples quanto um piquenique. Ben sentiu a repulsa se avolumar dentro dele, enojado com a perspectiva do que precisava fazer, mas também sabia que não tinha escolha. O sofrimento do menino não era nada comparado à carnificina da varíola, e ele fez um gesto para a babá caminhar pelo corredor.

Na cozinha, ele fechou as persianas e trancou a porta dos fundos. Somente então voltou a atenção para a arquitetura do lugar. Era uma casa tradicional de Bodrum, e a cozinha, como era comum, tinha um pé-direito muito alto e bastante inclinado para ajudar a dissipar o calor. No meio do teto, lá no alto, havia uma lâmpada pendurada em uma viga. Era fixada por um pesado parafuso de bronze, e Bradley percebeu que aquilo seria perfeito.

Ele se voltou para a babá, exigiu o celular dela e conectou-o ao carregador sobre o balcão da cozinha. Foi algo bem-pensado. Se o telefone ficasse sem bateria no momento crítico, tudo poderia fracassar.

Falando devagar e com clareza, ele disse para a mulher que sua intenção era a de que tanto ela quanto o menino saíssem vivos daquilo.

— No entanto, isso não vai ocorrer se você tentar fugir, atender a porta ou usar o telefone. Vai fazer tudo o que eu disser, entendeu?

Ela assentiu e, com isso, Bradley sentou-se com a arma ao seu alcance imediato, abriu a sacola de plástico e tirou um grande rolo de corda grossa.

Intrigado, o menino sentou-se ao seu lado. Juntos, eles começaram a fazer o laço.

CAPÍTULO TRINTA E UM

Segui à frente de Cumali no túnel, as paredes decoradas com fragmentos de mosaicos antigos, rachaduras enormes partindo o teto abobadado, resultado de séculos de terremotos, o silêncio opressivo pairando sobre nós.

Em ambos os lados, havia ruínas chamadas hipogeus — abóbadas e celas subterrâneas que abrigavam escravos e animais utilizados em caçadas de bestas selvagens. Senti a profunda melancolia do lugar que me rodeava. Era como se a miséria tivesse criado raízes na pedra.

Cumali apontou para as celas fechadas com barras de ferro, falando um pouco rápido demais, um tanto nervosa.

— As celas só comportavam algumas centenas de pessoas — explicou. — Os grandes espetáculos e as batalhas navais, que frequentemente matavam milhares de prisioneiros ou escravos, eram quase exclusividade do Coliseu.

“Aqui, nas províncias, sem a riqueza de um César, havia sobretudo gladiadores e encenações de mitos famosos. Claro, essas histórias eram bastante populares, também. Muita violência, muitos assassinatos, mas pouco enredo.

— Parece um filme de Hollywood — falei com os lábios ressecados, tentando agir de maneira normal. Ela pareceu não ouvir.

Dobramos uma esquina, saímos do túnel e vi o anfiteatro pela primeira vez. Cumali havia dito a verdade sobre o local: seu tamanho, sua simetria, suas plataformas escalonadas com colunatas de mármore quase intactas eram notáveis. Assim como o silêncio. Ao sol forte do meio-dia, o Teatro da Morte parecia estar quieto e esperando, pronto para o início de um novo espetáculo.

— Onde estão todos? — perguntei.

— Lá em cima — disse ela. — Há uma plataforma com uma vista linda da arena. Se seguirmos a colunata, encontraremos uma escada que nos levará até lá.

Ela se voltou para liderar o caminho e vi o primeiro deles. Estava de pé, no fundo de uma passagem em ruínas, sem saber que, para o olho treinado, muitas vezes a escuridão é algo relativo — ele estava de preto, um tom mais escuro em meio às sombras. Imaginei que seu trabalho seria se mover por trás de mim e evitar qualquer possibilidade de fuga pelo túnel.

Corri os olhos pela arena, agindo como qualquer turista interessado: o Sarraceno e seus capangas contratados teriam me triangulado e, a partir do ponto onde estava o sujeito na passagem sombria, tive uma boa ideia de onde os outros estariam.

Andando um pouco mais rápido, Cumali apontou para o meio da arena.

— Há dois mil anos, a areia no chão da arena era tingida com uma tonalidade vermelho-escuro — disse ela.

— Para disfarçar o sangue? — perguntei.

— Sim.

Localizei outro membro da equipe, um sujeito corpulento e atarracado, de pé em meio aos arcos desmoronados acima de nós. Fiquei surpreso. Era um homem na casa dos sessenta, velho demais para esse tipo de coisa, pensei — e havia algo a respeito dele que retiniu na minha memória, mas não tive tempo de pensar naquilo. Cumali me levou até uma passagem alta e esboçada, um beco sem saída, com certeza, falando o tempo todo para se acalmar.

— É claro que os corpos tinham de ser removidos antes de o evento seguinte começar. Dois homens vestidos como figuras mitológicas entravam na arena para retirá-los. Supostamente, o primeiro deles era Plutão, o deus dos mortos. Ele atingia os cadáveres com um martelo, mostrando que o homem, a mulher ou a criança agora pertenciam a ele.

“O segundo era Mercúrio, que, de acordo com os mitos, carregava uma vara e escoltava as almas para o submundo. Neste caso, a vara era um ferro incandescente com o qual tocava os corpos para ver se estavam mortos de verdade.

— Assim, mesmo fingindo, não havia escapatória.

— Nenhuma — disse ela.

Caminhamos ainda mais para a escuridão. Adiante, havia luz solar entrando através do teto desmoronado, e imaginei que era o lugar onde encontraria Zakaria al-Nassouri frente a frente. Minha jornada estava quase no fim.

Agora, precisava cronometrar tudo com perfeição. Não poderia cometer um erro. Minha vida e tudo mais dependiam disso.

Enfiei as mãos nos bolsos, tranquilo e descontraído, e estava certo de que os homens que me observavam na escuridão já haviam registrado o pequeno volume no cós da minha calça. Estariam sorrindo, pensei, sabendo que eu não teria tempo de tirar a mão direita do bolso, levá-la às costas, sacar a pistola e começar a atirar.

Americano idiota.

Eu sabia como os amadores trabalhavam — eles estariam concentrados na pistola, pensando que ali residia o perigo, não se preocupando com minha mão esquerda, que segurava a única arma que me importava: meu celular. O aparelho estava ligado, pronto para funcionar, todos os

botões do teclado programados para discarem o mesmo número — o telefone no bolso de Ben Bradley, na casa da babá.

Segundos antes de os homens me emboscarem, tudo o que eu precisava fazer era apertar um botão no teclado. Qualquer um.

Bradley não atenderia: ele reconheceria o número e começaria uma contagem regressiva. Exatamente quatro minutos depois, ele pegaria o celular da babá, o tiraria do carregador e ligaria para Cumali. Ela daria uma olhada no identificador de chamadas, veria que era a babá e, preocupada com o menino, atenderia. Então, saberia de algo que mudaria tudo.

A diferença de quatro minutos era crucial. Era o tempo que eu estimara que passaria entre ser agarrado pelo capanga e o Sarraceno emergir das sombras. Se o celular da irmã tocasse muito cedo, o Sarraceno poderia perceber que havia algo de errado e desaparecer nas ruínas. Como eu poderia coagir um fugitivo?

Se o telefone de Cumali tocasse tarde demais, eu teria muitos problemas. O Sarraceno estava desesperado para obter informações sobre o suposto traidor e não tinha muito tempo. Ele não o desperdiçaria em uma conversa educada, e percebi que deveria haver algo como uma bateria de doze volts e garras jacaré ali por perto. Como todo torturador sabe, esse instrumento é altamente portátil, fácil de adquirir e, se você não se importar com quanto dano causará à vítima, extremamente rápido. Eu não tinha certeza se seria capaz de aguentar aquilo por muito tempo.

Quatro minutos — não estrague tudo, Ben.

Passamos por um monte de entulho e lixo — cacos de vidro, garrafas de cerveja vazias, a tampa de aço polido de um freezer. Obviamente, grupos de adolescentes invadiram o lugar ao longo dos anos para fazer festas.

Ao lado do monte de lixo havia uma grande calha de mármore. Outrora utilizada pelos dignitários para lavar os pés, era alimentada pela água que vertia do rosto de pedra de uma górgona. Uma extremidade da calha estava quebrada, e eu deveria ter prestado mais atenção naquilo — a calha fora bloqueada com pedras e estava cheia d'água. Mas minha mente estava em outro lugar: eu esperava ser atacado, esperava o momento de apertar o botão mágico antes que amarrassem meus braços às minhas costas.

Sáímos para a luz do sol que entrava pelo teto quebrado e vi que o caminho à frente estava bloqueado de entulho.

Eu chegara a um beco sem saída. Estava preso em um desfiladeiro e o dedo indicador de minha mão esquerda era a única coisa entre mim e o desastre.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

— Caminho errado? — perguntei, indicando a parede de entulho e voltando-me para Cumali. Ela não estava mais sozinha.

O primeiro capanga saiu de uma passagem lateral, bloqueando qualquer possibilidade de fuga, sem tentar se esconder, olhando diretamente para mim. Era Musculoso, o homem que invadira meu quarto de hotel, usando a mesma jaqueta de couro e uma camiseta tão justa quanto a outra. Talvez porque meus sentidos estivessem bastante alertas, talvez por vê-lo em carne e osso, percebi que tinha visto uma foto dele havia muito tempo — rindo no convés do quebra-gelo convertido de Christos Nikolaides ancorado em Santorini.

De repente, percebi para qual dos cartéis de drogas Cumali pedira ajuda, e por quê. Quando um velho em Tessalônica ouviu a respeito de um agente da inteligência dos Estados Unidos, ficou mais do que satisfeito em ajudar.

— Passeando também? — falei para o sujeito. — Imagino que está com o grupo da escola, certo?

Eu não podia deixá-los perceber que suspeitava de alguma coisa. Eles precisavam acreditar que seu elemento surpresa estava intacto, caso contrário o Sarraceno poderia se dar conta de que aquilo era uma armadilha.

Ouvi passos no cascalho. Musculoso era uma distração; o ataque viria por trás. Não havia tempo para pensar, apenas para tomar uma decisão. Sim ou não? Ligar ou não?

Apertei um botão no telefone, rápido e com firmeza.

Foi a decisão certa. Meu dedo mal largara o botão quando fui atingido — dois homens, muito rápidos, muito fortes, quase profissionais. Eu estava caindo de joelhos, mas antes acertei a garganta de um com o cotovelo, e ele cambaleou, ofegante, tomado pela dor. O outro me agarrou pelo pescoço, socou meu rosto, e senti minha bochecha se abrir. Eu poderia ter revidado, mas estava atuando. Não havia razão alguma em gastar energia naquele momento, já que precisaria de toda a minha força para o que estava por vir.

Levei a mão ao rosto e caí no chão de terra. Eu já estava contando. Quatro minutos: duzentos e quarenta segundos.

Duzentos e trinta e dois. Duzentos e...

O homem com a garganta ferida e inchada cambaleou para trás e se juntou ao outro agressor; vislumbrei o seu rosto. Era um touro em forma humana — atarracado, cabelo cortado rente e uma crueldade no olhar que raramente se vê do lado de fora de um presídio. Eu também o tinha visto antes, com a mesma expressão, em uma fotografia fornecida pela polícia grega, e me lembrei de que ele realmente era um “um casaco pesado”. Tratava-se de Patros Nikolaides, o pai de Christos: o velho chefe deixara seu complexo murado.

Ele e Ajudante arrancaram a pistola de minha cintura, rasgaram a minha camisa, apalparam minha virilha e arrancaram os meus sapatos para ver se eu tinha alguma arma escondida. Eles revistaram meus bolsos e pegaram minha carteira, minhas chaves e o celular antes que Nikolaides se voltasse para Cumali.

— Você trouxe?

Ela lhe lançou um par de algemas policiais de aço, e ele e Ajudante algemaram meus pulsos atrás das costas com tanta força que eu sabia que, em vinte minutos, a pele começaria a necrosar por falta de oxigenação — e eu poderia perder minhas mãos para sempre. Após me imobilizarem da forma que acharam mais satisfatória, eles se levantaram, pegaram suas armas, quebraram meu celular, jogaram-no ao lado de minha Beretta descartada e se vangloriaram. Falavam uma mistura de grego e albanês, mas não foi difícil descobrir o que estavam dizendo — esses agentes americanos não são tão bons quanto pensam, especialmente se comparados ao pessoal barra-pesada de verdade dos Bálcãs.

O touro velho deu um passo adiante com uma bela Glock em punho, olhou para mim — mãos atadas, deitado com o rosto no chão — e me chutou forte nas costelas com a ponta de metal de seu coturno.

— Isso é pela minha garganta — murmurou.

Então, acenou para que Musculoso e Ajudante, ambos armados com submetralhadoras Skorpion, me erguessem.

Contive uma onda de náusea por conta da pancada nas costelas, cambaleei e olhei para Cumali.

— O que está acontecendo? — perguntei por entre os dentes.

Eu estava ofegante, tentando lidar com a dor no peito e no rosto. Pela primeira vez, não estava fingindo. Aquilo não era fácil.

Cento e setenta e oito segundos.

— Você não deveria ter atravessado a fronteira búlgara com um carro alugado — disse Cumali. — Foi idiotice. O posto é monitorado por câmeras equipadas com reconhecimento de placas.

Ela não tentou evitar o tom de triunfo na voz. Era evidente: ela superara o agente de elite

americano.

— Bulgária? — questionei. — Nunca fui à Bulgária, porra.

Ela balançou a cabeça, debochada.

— E você nunca esteve em Svilengrad e não sabe nada sobre a Luz Brilhante e um orfanato. Seu nome é Michael John Spitz e você é um agente da inteligência, membro de um grupo especial da CIA.

Fiz uma pausa, apenas o suficiente para parecer surpreso, mas como se ainda estivesse tentando esconder.

— Não sei do que você está falando — respondi. — Você sabe que sou um agente do FBI, estou aqui para investigar um...

Bum! O coturno com ponta de aço me atingiu logo abaixo da rótula e engoli uma golfada de ar para tentar conter a dor lancinante. Eu teria caído se Musculoso e Ajudante não estivessem me amparando.

— Não minta, porra — disse Patros Nikolaides com um sorriso. Era legal encontrar um sujeito que amava tanto seu trabalho.

Cento e trinta e dois segundos.

Então, eu o vi.

O homem mais procurado do mundo saiu da passagem lateral, deixando as sombras para trás e movendo-se até uma nesga de luz.

Ele era alto e musculoso, tal como eu esperava que fosse um ex-guerreiro *muj*, e nem mesmo o terno ocidental barato que trajava conseguia ocultar a tensão contida nele. “Perigoso” foi a palavra que em pouco tempo surgiu em minha mente atormentada pela dor. Olhei bem para seus olhos escuros, e era impossível não ver a afiada inteligência neles. Tenha cuidado, pensei, tenha muito cuidado.

Sua barba estava bem-aparada, maxilar resoluto, lábios apertados em uma expressão determinada — ele inspirava autoridade, senso de comando.

— Soube que você tem me procurado, Sr. Spitz — disse ele com calma.

— Meu nome não é Spitz e não tenho ideia de quem você é...

Vi a bota do touro recuar e me preparei para o golpe, mas o Sarraceno ergueu a mão, detendo-o.

— Por favor — disse ele para mim, como se as mentiras o estivessem magoando. — Minha irmã, louvado seja Deus, tem contatos na inteligência turca. Ela descobriu quem você de fato é...

— Sua irmã? — questionei.

Ele ignorou a pergunta.

— Ela não sabe nada sobre o meu trabalho e muito pouco a meu respeito, sobretudo nos últimos anos, mas sabe o que acontece com muçulmanos caçados por agentes como você. Todo o mundo árabe sabe.

— Eu sou um agente do FBI — repeti através de uma névoa rubra de dor. — Meu nome é Brodie Wilson, estou investigando um assassinato.

— Não tenho muito tempo. Vou lhe fazer algumas perguntas e você vai me dizer o que preciso saber, certo?

— Como posso lhe dizer qualquer coisa? Eu não sou Spitz! Não sei do que estamos falando.

Noventa e oito segundos. Isso era tudo. Bradley precisava ligar logo. Meu joelho estava inchando, as ondas de náusea aumentavam, meu peito era tomado pela dor e eu tinha cada vez mais dificuldade para falar por causa do ferimento no rosto.

— Não faça isso consigo mesmo — disse o Sarraceno. — Você é um americano, Sr. Spitz, um homem sem Deus. Quando estiver no abismo, quando estiver sendo massacrado, a quem poderá apelar?

“Você cometeu pequenos erros, deixou evidências suficientes para trás, e acabou aqui. Não, você de fato não é tão bom.

“Por que acha que esses erros foram cometidos? Que mão estava me protegendo? Quem você acha que o trouxe a este lugar? Não foi Leyla al-Nassouri. Foi Deus.

Não respondi, apenas me curvei um pouco, como se derrotado. Musculoso e Ajudante afrouxaram os punhos ao tentarem me segurar, e lancei-me para a frente, usando a cabeça como a única arma que me restava. Atingi o rosto de Nikolaides com o topo do crânio, rasgando seu lábio inferior, sentindo o jorro de sangue quente, fazendo-o voar para trás e cuspir dois dentes inferiores.

Mais alguns segundos ganhos. *Vamos lá, Ben — não temos muito tempo agora. Trapaceie um pouco.*

Gritando de dor, o touro se lançou na minha direção e só foi detido pelo ombro do Sarraceno, que se interpôs entre nós.

— Estamos perdendo tempo — disse ele, olhando para Musculoso e Ajudante. — Vamos começar.

Eu gostaria de continuar conversando, gostaria de ter conversado por mais sessenta e três segundos, mas eles não pareciam interessados. Os dois capangas albaneses me arrastaram de volta pela passagem, e fiquei confuso: imaginei que tivessem a bateria ou qualquer outro equipamento necessário à mão.

A confusão desapareceu quando vi a calha de mármore cheia de água e percebi o que

significava. Mentalmente, de maneira desesperada, tentei mudar de marcha — eu tinha me preparado para a dor, mas não para o terror. Achava que poderia suportar pinças ou alicates arrancando minhas unhas por algum tempo, mas agora arrastava os pés, tentando acelerar o relógio — cada segundo contava. Se eu começasse a falar, tudo estaria perdido.

Quarenta e dois segundos. O traficante em Khun Yuam, o sujeito durão com cicatrizes de facão no peito, durara vinte e nove.

O Sarraceno parou junto à calha de mármore e falou em árabe com a irmã. Não consegui entender as palavras, mas seu gesto foi bastante eloquente — ele estava dizendo para ela ir dar uma volta. Não era adequado uma mulher testemunhar o que estava prestes a acontecer.

Trinta e oito segundos. Não me decepcione, Ben.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Bradley também estava contando, mas usava um relógio, então sua contagem era diferente — e mais precisa do que a minha. Para ele, faltavam quarenta e seis segundos.

A babá obesa estava encharcada de suor e suas pernas pareciam a ponto de ceder a qualquer momento. Pior ainda, estava de pé sobre uma poça de urina — ela havia se mijado no momento em que percebeu o que Bradley tinha em mente. Sob a mira de uma arma, agindo de acordo com as minhas instruções, ele ordenara que ela e o menino fossem até o centro da sala, diretamente abaixo da resistente viga do teto. Agora, sete minutos depois, a mulher continuava a gemer e a implorar por ajuda em turco e, embora o menino tivesse superado seu primeiro ataque de medo e parado de gritar, ainda estava chorando e chamando pela mãe.

Aquilo destroçava Bradley e, quando ele não estava observando o relógio, olhava para o chão como se estivesse a ponto de vomitar. Apesar de sua angústia, a babá percebeu aquilo e não conseguiu deixar de pensar que talvez ele não fosse um homem tão ruim, afinal de contas. Isso a incentivou a apelar mais uma vez para seu inglês limitado e implorar que ele os libertasse.

— Quieta! — gritou Bradley, repetindo a palavra cada vez mais alto e erguendo a arma em sua direção quando ela insistiu.

A mulher voltou a chorar, os soluços do menino se tornaram cada vez mais sofridos, e tudo o que o detetive queria era acabar com aquilo. Ainda faltavam alguns segundos para a hora combinada, mas ele tirou o telefone da babá do carregador e, apesar da minha insistência de que ele seguisse o plano à risca, disse para si mesmo que levaria algum tempo para discar o número de Cumali e que haveria um atraso até ela atender.

O telefone tocou quatro vezes — *vamos lá, vamos lá!*

Ela atendeu — graças a Deus, pensou Ben —, e ele ouviu a voz de uma mulher falando em turco. Ouviu apenas algumas palavras antes de a interromper bruscamente, perguntando se era Leyla Cumali e ordenando que ela ouvisse com atenção...

A mulher continuou falando. Seu tom de voz não mudou. Era como se... Bradley percebeu: aquilo era uma gravação.

A babá, instável, seus cento e cinquenta quilos apoiados nos joelhos bambos, percebeu em

meio às lágrimas que algo estava muito errado: Bradley estava a ponto de entrar em pânico. Ele respirava com dificuldade, sem dizer uma palavra — a voz falava em uma língua que ele não entendia, ele não tinha como decifrá-la e não sabia o que fazer. Aquilo não estava certo — onde diabo estava a policial turca?!

Ele olhou para o relógio: trinta e dois segundos para o fim da contagem. Ben estava prestes a desligar e tentar de novo quando a voz, a título de cortesia para o cliente, repetiu a mensagem em inglês: “O número para o qual você discou está fora de área ou desligado.”

Bradley baixou o celular e olhou para o nada. Ah, meu Deus.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Cumali desceu um lance de degraus quebrados de mármore e entrou em uma área que, mais do que qualquer outra, atraía legiões de arqueólogos e historiadores até aquelas ruínas.

No subterrâneo profundo, em um espaço abobadado ainda decorado com fragmentos de mosaicos e afrescos, ela parou ao lado de um espelho d'água, a superfície plácida como a morte. Era a peça central do que outrora fora um templo, um lugar onde as mais altas autoridades faziam oferendas aos seus deuses agradecendo por uma viagem segura. Cumali vira o espelho d'água pela primeira vez muitos anos antes, e retornava à sua beleza misteriosa na crença de que, tão fundo no subterrâneo, seria impossível ouvir os gritos e apelos desesperados de Spitz. Ela não sabia, mas aquele espaço subterrâneo também servia para anular o sinal do celular.

A mulher olhou para o próprio rosto no espelho d'água, dizendo a si mesma que tudo o que seu irmão estava fazendo com o americano não diferia do que muçulmanos passavam em Abu Ghraib e Guantánamo. E na Luz Brilhante.

Confortada por esse pensamento, ela seguiu em frente, deixando o espelho d'água para trás e se aprofundou ainda mais nas catacumbas daquele templo.

Nenhum som ou sinal a alcançaria ali.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Musculoso e Ajudante pegaram uma tábua curta de madeira escondida no monte de entulho e lixo. Eu lutei e me debati, tentando ganhar tempo, mas meu joelho machucado e a dor no peito fizeram com que eles não tivessem dificuldade para me amarrar à prancha com grossas tiras de couro.

Eu estava voltado para cima, amarrado de forma tão firme que não conseguia me mover, quando o rosto do Sarraceno apareceu acima de mim — impassível, ele estendeu a mão e segurou o meu pulso. Era médico, e estava verificando minha pulsação. Deu um grunhido de satisfação: pela minha frequência cardíaca, descobriu que eu estava com medo.

O Sarraceno apontou para Nikolaides e disse:

— Quando eu terminar, aquele senhor com problemas odontológicos o questionará sobre um assassinato que suas agências de inteligência cometeram em Santorini. Ele quer saber quem ordenou o ataque e o nome das pessoas que fizeram a matança. Você entendeu?

— Santorini? Não sei nada sobre Santorini.

Ele não pareceu acreditar. Nikolaides jogou um balde para Musculoso e pegou um pedaço de pano sujo em meio aos escombros. Estavam prestes a começar.

O Sarraceno continuou olhando para mim.

— Você pode evitar isso — avisou ele.

Eu não disse nada, e o Sarraceno deu de ombros.

— Quando estive no Hindu Kush, algumas pessoas me ajudaram. Como você bem sabe, uma delas decidiu me trair. É claro que não posso permitir que isso aconteça. Quero que me diga o nome do traidor.

— Mesmo se eu soubesse, você me mataria assim que eu o revelasse.

Ele assentiu.

— Eu vou matá-lo de qualquer maneira.

— Já percebi. Caso contrário, vocês estariam tentando esconder o rosto.

Meu melhor palpite era que eu acabaria em uma manta à prova d'água, que já devia estar escondida em um armário na lancha de meia cabine, e provavelmente demoraria alguns anos até algum pescador arrastá-la para bordo. Se Ben não ligasse logo, só me restava esperar estar

morto antes de me colocarem ali dentro.

— Se sabe que vai morrer, então por que sofrer? O nome, Sr. Spitz.

— Sou um agente do FBI. Vim até Bodrum para...

— Eu vi um e-mail! — retrucou ele, seu rosto chegando perto do meu. — Do vice-diretor da CIA.

Encenei minha melhor expressão de surpresa. Ele percebeu e sorriu.

— Agora, diga o nome do traidor.

— Sou um agente do FBI...

Exasperado, ele sinalizou para Nikolaides. O grego enrolou o pano sujo no meu rosto, cobrindo meus olhos e meu nariz, escancarando a minha boca. Nikolaides pegou as extremidades do pano por trás da prancha e amarrou com força. Eu estava no escuro, já sentindo dificuldades para respirar, minha cabeça tão atada à prancha que não conseguia se mexer.

Senti me erguerem e, na escuridão e terror particulares, soube que havia sido erguido sobre a água.

Vinte e nove segundos, de acordo com a minha contagem — o tempo que o traficante aguentara. Apesar das minhas fraquezas, embora sempre tivesse duvidado da minha coragem, eu só precisava resistir o mesmo tempo que ele.

Eles começaram a me baixar, e dei uma inspiração profunda. O pano fedia a suor e a óleo de motor. A última coisa que ouvi foi a voz do Sarraceno:

— Você está tremendo, Sr. Spitz.

E, então, a água me atingiu.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Quando a prancha afundou na calha, a água molhou meu tronco, gelando meus órgãos genitais e agravando a ferida aberta no meu peito. Afundei mais, indefeso, e senti a água atingir minha nuca amarrada e cobrir meus ouvidos.

Então, eles inclinaram a prancha para trás.

A água cobriu todo o meu rosto. Tentando não entrar em pânico, incapaz de usar os braços ou virar o corpo, inalei outra enorme lufada de ar com gosto de óleo e a única coisa que consegui foi sugar a umidade mais rapidamente através do pano. A água escorria pela minha garganta e comecei a tossir.

Uma parede de água atingiu o meu rosto, e eu não estava mais tossindo — estava sufocando. Na escuridão, cabeça inclinada para trás, não tinha ideia se a água viera de um balde ou se haviam me mergulhado mais profundamente na calha. A sensação de afogamento — a terrível necessidade de respirar através da toalha encharcada — era esmagadora.

Em vez disso, o líquido inundava as minhas narinas, minha boca e escorria por minha garganta inclinada. A ânsia de vômito começou, tentando me salvar, e tornou-se um frenesi de espasmos e asfixia.

Mais e mais água me atingia, e eu estava ficando desorientado. Só tinha um pensamento, uma crença, uma verdade à qual me agarrar: em dezoito segundos, Bradley ligaria. Dezesete segundos e a salvação estaria à mão. Dezesseis...

Eles me amarram tão bem que, apesar do terror crescente, não conseguia me debater ou chutar. Mais água entrou pelo nariz e pela boca, aparentemente me afogando, e os engasgos e espasmos constantes feriam minha garganta. Eu teria gritado, mas o pano imundo e a água impediam até mesmo isso. Sem ter como se expressar, meu desespero voltou-se para dentro e reverberou pelas câmaras de meu coração.

Minhas pernas e minhas costas se contorciam pelo instinto de sobrevivência, tentando me libertar, gastando energia preciosa, e senti que estava sendo inclinado ainda mais para trás. A água me envolveu. Senti outra onda de náusea. Onde estava Bradley? Ele tinha de ligar.

Um fragmento de minha mente rodopiante me informou que eu perdera a noção de tempo. Quantos segundos? Não havia nada além da escuridão e do impulso desesperado para respirar.

Para suportar, para sobreviver, para não vacilar. Isso era tudo que me restava.

Rodei através da escuridão e do medo avassalador. Minha cabeça foi inclinada ainda mais para trás, e eu estava mergulhando. Talvez fosse apenas outro enorme balde de água, mas senti como se estivesse muito abaixo da superfície, engasgando, ofegante e vomitando em uma sepultura de água, desesperado por ar, desesperado pela vida.

Eu sabia que não podia aguentar mais, entretanto, de repente, senti que estava sendo içado, a água escorrendo do meu rosto, e consegui respirar através do pano. Foi uma quantidade pequena, insignificante, mas era ar, era vida, e eles estavam me colocando de pé. Bradley tinha ligado. Ele devia ter ligado!

Tentei puxar mais ar pela garganta — eu tinha que estar pronto para desempenhar o meu papel —, mas continuei ofegante e com ânsias de vômito. Em seguida, a toalha foi retirada e fiquei ofegante, arfante, com a traqueia estremecendo em espasmos.

Eu sabia que precisava me controlar, eu tinha de estar no comando. Meu Deus, aquela finalmente era a vez de o Sarraceno se sentar para um banquete de consequências.

Alguém deslizou a mão por dentro de minha camisa rasgada. Pisquei para tirar a água dos olhos e vi que era ele, verificando o ritmo e a força das batidas do meu coração. Avistei o touro velho de pé atrás dele, rindo por entre os dentes manchados, desfrutando de minha aflição e meu medo.

Uma onda de pânico tomou conta de mim: ninguém estava agindo como se a mesa tivesse sido virada. Percebi então que nenhum telefonema havia ocorrido. Onde diabo estava Ben?

Desmoronei. Eu estava sozinho no Teatro da Morte e, daquela vez, realmente estava morrendo para o mundo. Eu teria caído no chão, mas Musculoso e Ajudante seguravam a prancha e me mantinham na posição vertical.

— O nome do traidor? — perguntou o Sarraceno.

Tentei falar, mas minha garganta estava dolorida e minha mente, repleta de adrenalina e cortisol, estava se debatendo. Em vez disso, olhando para o chão, apenas balancei a cabeça. Não, eu não diria nada para ele.

— Você aguentou trinta e sete segundos — disse ele. — É mais do que a média. Deveria estar orgulhoso. Já fez mais do que o esperado. Mas, se quisermos, isso pode continuar por minutos. Todos cedem; ninguém vence esse jogo. Qual é o nome?

Minhas mãos tremiam, e eu não parecia capaz de detê-las. Olhei para cima e tentei falar mais uma vez. A primeira sílaba soou tão baixa que foi inaudível, e o Sarraceno inclinou-se para poder ouvir.

— Coloque o pano de volta — sussurrei.

Ele me socou com força no rosto, cortando o meu lábio. Mas ele não era mais capaz de me

assustar. Em um canto da minha mente, eu encontrara um pequeno reservatório de coragem — pensei em Ben Bradley e naqueles sessenta e sete andares.

Musculoso e Ajudante baixaram a prancha e me levaram à calha. O Sarraceno estava prestes a recolocar o pano quando Nikolaides disse para ele se afastar. Eu o vi pegar um martelo de pedreiro, uma coisa brutal, pesada, em meio aos equipamentos que tinham escondido junto aos escombros.

Eu estava deitado na prancha, meus pés descalços diretamente à sua frente, então ele ergueu os braços poderosos e golpeou tão forte quanto foi capaz.

O martelo atingiu com força total a sola de meu pé esquerdo, rasgando a carne e esmagando a matriz de minúsculos ossos e articulações. Um surto de dor lancinante, carregado de vômito — como uma gigantesca lança elétrica —, atravessou a minha canela, até minha perna e minha virilha. Era quase como se ele tivesse esmagado os meus testículos. Eu teria desmaiado, mas, de algum modo, meu grito me manteve consciente.

Nikolaides riu.

— Viu: a voz dele já está mais forte — disse para o Sarraceno. — Às vezes, os velhos métodos ainda são os melhores.

Ele me golpeou outra vez, agora mais perto dos dedos, eu ouvi mais ossos se quebrando e gritei ainda mais alto. Estava quase perdendo a consciência, mas Ajudante — de pé junto à minha cabeça, incentivando o velho touro — me bateu com força no rosto para me manter alerta.

Ele disse para o touro:

— De novo.

— Não — ordenou o Sarraceno. — Isto já levou tempo demais. Se ele desmaiar, vamos ficar aqui o dia inteiro.

Ele se voltou para mim.

— Diga-me o nome agora.

— Sou Brodie David Wilson. Sou um agente do FBI...

Eles colocaram o pano de volta e baixaram meu corpo em direção à água.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Cumali caminhou pelos fundos do templo, passou entre o que havia restado de espessas paredes de alvenaria e entrou em um espaço subterrâneo chamado *spoliarium* — área onde os gladiadores mortos eram despojados de suas armas e seus corpos eram descartados.

Ela se perguntou o que estaria acontecendo lá em cima — com certeza não demoraria muito até ouvir o irmão chamando para lhe dizer que estava tudo acabado e que podiam ir embora.

Que desperdício, pensou ela — Spitz era um investigador brilhante, certamente o melhor que ela conhecera. A ideia sobre os espelhos da Casa Francesa era prova disso. Ele também não teria tido sua identidade revelada caso não tivesse atravessado a fronteira em um carro alugado ligado a ele. Será que não há câmeras com reconhecimento de placas nos Estados Unidos? Provavelmente foram eles que inventaram aquilo. Estranho que um homem tão inteligente cometesse um erro desses.

Claro, ela jamais saberia quem ele era de verdade não fosse o telefonema do sujeito do MIT. E o que aconteceu com eles, afinal? Um telefonema e, então, nada mais — nenhuma pergunta de acompanhamento, nenhuma abordagem para verificar os movimentos ou outros detalhes a respeito de Spitz. Usando seus contatos no mundo das drogas, ela descobrira mais sobre o sujeito do que a inteligência turca conseguira com todos os seus recursos. Na verdade, eles não pareciam muito interessados em Spitz.

Um terrível pensamento lhe ocorreu — e se o americano não tivesse cometido um erro ao atravessar a fronteira? Digamos que o vice-diretor do MIT estivesse a serviço dele ou alguém tivesse redirecionado sua ligação e ela não tivesse falado com o vice-diretor realmente? E se todas as pistas que ela seguira tivessem sido plantadas? Imagine se aquilo fosse uma farsa. Isso significaria que ela fora levada a passar a informação para o irmão e fazê-lo emergir das sombras.

— Meu Deus — disse ela, e começou a correr.

Ela passou pelas câmaras onde as armas e armaduras dos gladiadores eram armazenadas e correu até uma longa rampa que levava à Porta Libitinensis — o Portão da Morte —, passagem pela qual os corpos eram removidos.

Ela estava quase chegando ao arco em ruínas, toda a arena espalhando-se à sua frente,

quando seu celular — não mais fora de área — começou a tocar. Ela o sacou e viu que havia ao menos doze chamadas não atendidas. Todas, assim como a atual, eram de sua babá.

Ela respondeu, desesperadamente assustada, falando em turco:

— O que foi?

Mas não foi a babá quem respondeu. Era um americano, falando em inglês.

— Leyla Cumali? — perguntou.

Aterrorizada, ela gritou:

— Quem é você?

Mas o homem não respondeu. Em vez disso, usou as palavras exatas que Ben e eu planejáramos no quarto de hotel:

— Eu lhe mandei um arquivo de vídeo. Assista.

Em sua confusão e medo, ela pareceu não ouvir e de novo exigiu saber quem era.

— Se quiser salvar seu sobrinho, assista ao vídeo — disse Ben. — Está sendo filmado ao vivo, está acontecendo agora mesmo.

Seu sobrinho?, pensou Cumali. Eles sabiam de tudo.

Com as mãos trêmulas, à beira das lágrimas, ela encontrou o arquivo de vídeo, assistiu-o e quase desmaiou, gritando ao telefone:

— Não... Por favor... Ah, não.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Eu estava me afogando de novo — daquela vez na dor e na água. Lutava por minha vida, com uma cascata fluindo sobre o meu rosto e meu pé quebrado, gerando onda após onda de agonia. Aquilo rapidamente estava se tornando a única consciência que me restava.

Minha cabeça estava inclinada para trás, minha boca aberta, a água fluindo garganta abaixo e provocando intermináveis espasmos. Meu peito arfava, meus pulmões gritavam e meu corpo entrava em colapso. O terror afugentara todo pensamento racional e me encurralara. Eu tinha tentado voltar a contar, mas perdera a conta em cinquenta e sete segundos. Aquilo pareceu ter durado uma vida inteira.

Por trás da venda, eu viajara para além da última estrela. Eu vira o vazio no fim do universo, uma escuridão informe e interminável. Sabia que eles tinham me ferido em um lugar muito além da dor: feriram minha alma.

Uma lembrança me ocorreu. Sussurrante me dissera algo. Ele falara que, se a coisa ficasse insuportável, eu deveria acabar com aquilo. Pegar minha arma e ir até meu deus como um soldado. Mas essa era a crueldade final de tudo aquilo. Como os torturadores controlavam a quantidade de água, eu não podia nem mesmo abrir a garganta, inundar os meus pulmões e me afogar. Até mesmo a última dignidade, a de tirar a própria vida, me era inalcançável. Era forçado a seguir adiante, sofrer, ficar de pé diante da Porta para Lugar Nenhum, mas me proibiam de atravessá-la.

O Sarraceno olhou para o relógio: o americano já aguentava há cento e vinte e cinco segundos — mais do que qualquer homem que ele conhecia, muito mais tempo do que ele esperava, e se aproximando da marca de Khalid Sheikh Mohammed, um grande guerreiro, um seguidor do único Deus verdadeiro e um corajoso estudante do Sagrado Alcorão. Com certeza deveria estar pronto para falar agora. Ele acenou para os dois albaneses.

Senti a água escorrer do meu cabelo e o pano sujo ser retirado de meu rosto quando me ergueram. Eu estava tremendo, meu corpo completamente fora de controle e minha mente não muito longe disso. O terror era físico, todo o medo da minha vida se manifestando. Eu não conseguia falar, mas quando retornei do abismo, a dor em meu pé voltou com tanta ferocidade que me fez mergulhar em uma bem-vinda inconsciência. O Sarraceno me atingiu com força no

rosto ferido, e a onda de adrenalina me impediu de desmaiar.

Ele abriu as minhas pálpebras à força e olhou para minhas pupilas, avaliando quanta vida ainda me restava, enquanto a outra mão sondava meu pescoço até encontrar uma artéria, verificando se meus batimentos cardíacos estavam irregulares e ameaçando falhar. Ele deu um passo atrás e olhou para mim, que estava ofegante, lutando para controlar meus tremores e ignorar a dor no pé.

— Quem é você? — perguntou ele em voz tão baixa que, provavelmente, fui o único a ouvi-lo.

Vi preocupação e confusão no rosto dele, e isso me fortaleceu. Em nossa batalha épica de força de vontade, eu estava morrendo, mas ainda assim ganhando.

— O nome? — disse ele.

Balancei a cabeça sem forças.

— Entregue-o para mim! — exclamou Nikolaides, explodindo em imensa impaciência.

— Não — respondeu o Sarraceno. — Você vai acabar matando-o, e não descobriremos nada. Se for necessário, ficaremos horas nisso.

— Até alguém passar de barco para admirar as ruínas e ficar curioso — disse Nikolaides.

— Então vá até lá e mude o barco de lugar — retrucou o Sarraceno. — Coloque-o atrás das pedras para que ninguém possa vê-lo.

Nikolaides hesitou, pouco habituado a receber ordens.

— Vá — disse o Sarraceno. — Estamos perdendo tempo.

O touro olhou feio para o Sarraceno, mas acabou cedendo. Ele se voltou para os dois albaneses e ordenou que o ajudassem. Os homens desapareceram pelo corredor principal, e o Sarraceno olhou para mim deitado junto à calha, ainda atado à tábua de madeira, meus pulsos inchados e retorcidos, as algemas de aço cortando a carne e meus dedos brancos como o mármore por falta de sangue. Ele cutucou o meu pé quebrado com a ponta do sapato e me observou estremecer. O Sarraceno fez isso outra vez — com mais força — e, contra a minha vontade, dei um grito.

— Isso só vai piorar — prometeu ele, com toda a calma.

Ele voltou a erguer o sapato para chutar a carne viva, mas não teve a chance de desferir o golpe. Da passagem lateral escura, ouvimos uma voz feminina.

Ela gritava em árabe, desesperadamente.

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

De onde eu estava deitado, vi Cumali correr até a luz, o medo estampado no rosto, agarrando com força o celular, e o irmão correndo para encontrá-la.

Por um instante eu me perguntei o que havia acontecido: em minha mente, o plano estava arruinado, e eu encontrava dificuldade para processar até mesmo as informações mais rudimentares. Não conseguia conceber que Bradley estivesse vivo e não me lembrava de que um telefonema ainda poderia salvar tanto a mim quanto à missão.

Observei, confuso, tentando não me render à dor no pé e nos pulsos, quando Cumali encontrou o irmão e entregou-lhe o celular. Ele falou em árabe, mas ficou claro que exigia saber o que estava acontecendo. Ofegante, a mulher apenas apontou para o aparelho. O Sarraceno encarou a tela...

E viu seu amado filho, inocente, sem compreender o que estava acontecendo. Lágrimas riscavam o seu rosto, mas, por estar sendo filmado, o menino fazia o possível para sorrir. Havia um laço de força ao redor do seu pescoço.

O Sarraceno olhou para a cena, todo o seu universo estremecendo, tudo o que ele pensava conhecer e compreender abalado em seus alicerces. Ele me encarou, com um olhar homicida e instável. Alguém estava ameaçando o seu filho! Ele iria...

Ele voou na minha direção, olhos incandescentes de ódio, e, na minha mente danificada, uma marcha enfim engatou. Era o telefonema que eu esperara com tanta ansiedade, aquele que tão desesperadamente queria ouvir. Era a única explicação para a aflição da mulher e a ira do Sarraceno...

Bradley tinha conseguido!

Tentei me aprumar um pouco, mas ainda estava preso à prancha. Apesar de uma onda de dor, consegui lembrar o que ensaiara no quarto de hotel quando corpo e mente estavam intactos e o terror era algo que apenas outros homens conheciam. Eu tinha imaginado que o momento de maior perigo seria quando o Sarraceno percebesse que era um golpe e que a vida de seu filho estava em jogo: ele poderia lançar-se em fúria e matar quem estivesse por perto. Eu me esforcei para me recordar do que precisava dizer.

— Seja sensato e poderá salvar o seu filho — falei, um tanto vacilante.

— Como você sabe que é meu filho?! — gritou.

— Você pode salvá-lo, se quiser — repeti, sem me preocupar em explicar.

Cumali havia se recuperado o suficiente para começar a gritar com o Sarraceno — metade em árabe, metade em inglês, angustiada em ambos os idiomas —, dizendo-lhe para não perder tempo e me perguntar o que tinham de fazer para salvar a criança. O Sarraceno me encarou, sem saber se deveria se render à lógica ou ao ódio.

— Olhe para a imagem! — gritou Cumali. — Olhe para o seu filho!

Ela agitou o telefone mais perto de seu rosto e ele olhou de novo para a imagem da criança. O homem se voltou para mim e perguntou:

— O que está acontecendo? Diga-me!

— Fale com o homem ao telefone — respondi.

O Sarraceno levou o telefone ao ouvido e falou em inglês, venenoso.

— Quem é você?! — perguntou, tentando recuperar o controle.

Eu sabia que Bradley ignoraria a pergunta — como tínhamos planejado, ele diria para o Sarraceno assistir a um vídeo que estava prestes a enviar. A primeira imagem seria de um relógio para provar que o vídeo não era falso, que não tínhamos encenado aquilo, que tudo estava acontecendo realmente ao vivo.

O Sarraceno deu play no vídeo. Ele viu o relógio e, em seguida, pareceu cambalear. Sua irmã, que também observava, se agarrou a ele, gritando em uma mistura de árabe e turco. A imagem mostrava uma extremidade da corda atada ao parafuso de bronze que outrora sustentava a lâmpada da cozinha. A outra extremidade era o laço ao redor do pescoço do menino. Ele estava de pé nos ombros da babá obesa e encharcada de suor. Quando seus fracos joelhos cedessem, ela cairia e o garoto seria enforcado.

Era uma cena horrível, e não era de admirar que Bradley tivesse objetado de forma tão veemente àquilo, mas eu precisava de algo tão chocante a ponto de o Sarraceno não ter tempo para agir ou planejar. Na verdade, eu não poderia reivindicar todo o crédito, se esta era a palavra, de ter concebido aquilo. Eu tinha lido a esse respeito anos antes: durante a Segunda Guerra Mundial, as tropas japonesas obrigaram pais europeus capturados a segurarem seus filhos exatamente da mesma forma. Então, forçaram as mães das crianças a assistirem até seus maridos fraquejarem e caírem. Claro que, para os japoneses, aquilo era só um esporte.

O Sarraceno baixou o telefone e me encarou com ódio. Ele ficou imóvel, preso ao chão, e Cumali voou na minha direção, prestes a dilacerar meu rosto ferido.

Seu irmão puxou-a de volta — ele estava tentando pensar, o olhar vagando pelas paredes das ruínas. Aquilo representava melhor a prisão na qual ele se metera do que as barras de qualquer cela. Minha mente estava começando a funcionar, e eu sabia que tinha de manter a

pressão, negar-lhe qualquer chance de interromper o roteiro que eu havia escrito.

— Eu e meu pessoal não vamos tolerar qualquer atraso — falei. — Volte a ouvir o telefone.

Em um movimento robótico, em estado de choque, o Sarraceno ergueu o aparelho e ouviu uma mulher na outra extremidade, soluçando, histérica, falando em turco. Aquilo o desorientou — ele não compreendia o idioma —, de modo que entregou o telefone para a irmã.

Ela começou a traduzir para o árabe, mas eu a detive.

— Em inglês — exigi.

Ela disse para o irmão que era a babá.

— Ela está implorando. Não consegue mais suportar! Ela diz que, se não pudermos salvá-la, que ao menos salvemos a criança.

Ela agarrou a camisa do Sarraceno, perdendo o controle.

— Em nome de Deus, o que você fez? No que você nos meteu?!

Ele afastou a mão da irmã, e Cumali tropeçou para trás, ofegante, olhando furiosa para ele.

— Calculamos que a babá talvez seja capaz de aguentar mais uns seis minutos — falei. — Claro, podemos estar errados. Pode ser menos.

Eu estava inventando aquilo, mas, naquelas circunstâncias desesperadas, ninguém contestou. O Sarraceno olhou para a imagem no celular e depois para mim. Eu sabia que ele estava atônito, sem saber o que fazer.

— Você é o pai — falei com calma. — Seu filho é sua responsabilidade. Salve o menino.

Há muito tempo, em Genebra, aprendi que o amor não era fraco. O amor era forte. Agora, eu jogava tudo em seu poder. O Sarraceno não disse nada, imobilizado, incapaz de pensar ou decidir, preso entre seu grande plano para o futuro e a vida do filho.

Eu tinha de forçá-lo, então vasculhei minha mente fragmentada e lembrei o que tinha de dizer.

— Qual o valor de uma promessa? — perguntei. — Especialmente quando é feita para uma esposa moribunda? Mas vá em frente se quiser. Quebre uma promessa feita diante de Alá.

Ele olhou para mim, respirando com dificuldade e medo.

— Como você sabe disso? Quem lhe falou sobre Gaza?!

Não respondi, e ele se afastou de nós dois. Estava perdido na escuridão, tentando encontrar uma maneira de sair daquela prisão, pensando — eu estava certo disso — em sua esposa morrendo nos seus braços, em seu filho, que era seu último elo tangível com a mulher, e na promessa sagrada de protegê-lo que tinha feito diante dela e de Deus.

Vi seus ombros relaxarem, e sua voz foi tomada de uma súbita angústia.

— O que você quer? — disse ele, voltando-se para mim. — Diga-me o que fazer.

Cumali soluçou, aliviada, e o abraçou.

— O homem ao telefone precisa saber que estou vivo e em segurança — falei. — Solte-me.

O Sarraceno hesitou — uma vez que me soltasse, ele sabia que não haveria como voltar atrás —, mas nem sequer teve tempo para pensar. Cumali avançou, desatou as tiras de couro que me prendiam à tábua, tirou uma chave do bolso e abriu as algemas.

Elas caíram no chão, e quase desmaiei de dor quando a circulação começou a voltar às minhas mãos inchadas. Consegui agarrar o lado da calha e me colocar ereto. Assim que meu pé ferido tocou o chão, a explosão de nervos esmagados quase me fez voltar a cair na lama, mas, de algum modo, me mantive de pé e estendi a mão para pegar o telefone.

O Sarraceno o entregou para mim, mas eu não o levei ao ouvido. Em vez disso, estendi a mão para os dois.

— Armas — exigi.

Cada um me entregou uma pistola. A da policial era uma Beretta 9mm padrão, mas o Sarraceno possuía uma SIG 1911 inoxidável, fabricada na Suíça, provavelmente fornecida por Nikolaides, a melhor arma que poderia ser comprada em uma loja.

Enfiei a Beretta no bolso e empunhei a SIG frouxamente com meus dedos inchados. Dado o estado das minhas mãos, eu nem mesmo tinha certeza de que seria capaz de dispará-la. Mudei o peso para meu pé ferido, lutei contra a ânsia de vômito e falei ao telefone.

— Ben? — disse, minha voz rouca e falhada, talvez quase irreconhecível.

— É você?

O som da voz do policial, algo que pensei que jamais voltaria a ouvir, quase me fez chorar. Meus ombros tombaram por um instante, e percebi como aqueles homens quase haviam me destruído.

— Mais ou menos — respondi após uma pausa. — Vou ligar o viva-voz, Ben — prossegui, tentando me lembrar dos detalhes que tão meticulosamente planejava. — Você vai ouvir tudo que estiver ocorrendo. Se alguma coisa acontecer a mim, atire na babá, certo?

Vi a informação ser registrada pelo Sarraceno e por Cumali, e baixei o telefone. Apesar das crateras escavadas em minha mente, eu sabia que tinha de agir com rapidez. Eu me volvei para a mulher.

— Desça o túnel, esconda-se e vigie a praia. Quando vir os outros, volte correndo para me avisar. Lembre-se: se tentar dar uma de esperta e mandá-los subir para me atacar, o homem em Bodrum vai ouvir. Você sabe o que ele vai fazer.

Cumali assentiu e correu, desesperada para fazer aquilo funcionar, desesperada para salvar o menino. Com a ansiedade e o medo que sentia, eu duvidava de que ela tivesse percebido que se tornara minha aliada mais próxima.

Eu me volvei e olhei para o Sarraceno. Apesar da imensa agonia que eu tivera de suportar,

eu sabia que a parte mais difícil ainda estava por vir: eu tinha de obrigá-lo a dizer a verdade e não deixá-lo me derrotar com mentiras e enganos.

— Meu nome é Scott Murdoch — falei em meio a dor de meus ferimentos. — Sou um agente da inteligência dos Estados Unidos e vou lhe fazer algumas perguntas.

CAPÍTULO QUARENTA

Na noite anterior, eu tinha ficado acordado no meu quarto durante horas pensando em como interrogar Zakaria al-Nassouri caso tivesse a chance.

Decidi que minha única esperança era desencadear uma série implacável de perguntas, nunca dando a ele a oportunidade de adivinhar quais eu sabia a resposta e quais não. Eu tinha de misturar o conhecimento e a ignorância de forma tão eficaz que ele relutaria em arriscar qualquer mentira, e tinha de fazê-lo tão rápido que ele não teria tempo para pensar e elaborar.

Eu já sabia que teria sido difícil algumas horas antes, mas, ferido no corpo e na mente, não tinha ideia se conseguiria fazê-lo agora. Um erro, um engano bem-sucedido, e tudo seria em vão.

— Se você mentir ou tentar me enganar, vou atirar em você e desligar o telefone — falei.
— Como sabe, o homem em Bodrum tem instruções referentes ao seu filho. Fui claro?
Não esperei por uma resposta.

— Quem recrutou Patros Nikolaides? — comecei, preocupado que minha garganta ferida me faltasse.

A pergunta o deixou perturbado de cara. Ninguém havia mencionado o nome do velho touro, e pude ver que o Sarraceno estava se perguntando como diabo eu sabia daquilo. Ele já estava na defensiva.

— Minha irmã — respondeu, tentando demonstrar que não ficara abalado.
— Quando Cumali tinha doze anos, ela ganhou um concurso de redação em...
— Inglês... habilidade de leitura em inglês.

Com quem diabo eles falaram, deve ter pensado, quem saberia de detalhes assim? Sua mãe...?

— Em que hospital foram tratados os estilhaços em sua coluna?
— Na enfermaria de Gaza.

Eu estava voando pelo mundo inteiro, saltando de uma década a outra...

— Sua irmã já mergulhou?
— Meu pai ensinou a ela quando era jovem.

Provavelmente era verdade. O pai deles tinha trabalhado no Departamento de Biologia

Marinha do Mar Vermelho.

— Quantos helicópteros Hind você derrubou?

Verifiquei o microfone do telefone, esperando desesperadamente que Bradley estivesse anotando as respostas — no meu estado, eu não tinha certeza de que conseguiria me lembrar delas.

O Sarraceno ficou chocado — havíamos passado para o Afeganistão.

— Três, alguns dizem que quatro — respondeu ele.

Eu podia ver na cara dele a pergunta estampada: “Quem é esse homem?”

— Após a guerra com os soviéticos, onde você comprou seu atestado de óbito?

— Em Quetta, no Paquistão.

— De quem?

— Como vou saber?! Foi no bazar.

— Quem lhe forneceu uma nova identidade?

Olhei nos olhos dele.

— Abdul Mohammad Khan.

Essa resposta foi um mícron mais baixa do que as outras, e percebi que aquilo fora uma traição. Bom.

— Mantenha a voz alta — falei. — O endereço da sua casa de infância em Jidá?

— Você sabe. Já viu uma foto do lugar.

— Estive lá, fui eu quem tirou aquela foto — respondi. — Onde serviu quando lutou no Afeganistão?

— Nas montanhas Hindu Kush, em uma aldeia chamada...

Eu falei por cima dele, deixando-o pensar que já sabia a resposta, mantendo o ritmo implacável.

— Qual é a nacionalidade de sua nova identidade?

— Libanesa.

Consegui a primeira resposta: eu tinha uma nacionalidade e, com isso, sabia que poderia começar a rastreá-lo se fosse o caso. A armadilha estava se fechando.

Na casa em Bodrum, Bradley segurava o celular com força junto ao ouvido — tentando captar tudo, folhas de papel espalhadas no banco à sua frente, rabiscando furiosamente por causa da velocidade que eu estava imprimindo ao interrogatório.

Um tempo depois, Ben me disse que, a julgar pela minha voz, ele tinha certeza de que eu estava morrendo em pé.

CAPÍTULO QUARENTA E UM

Eu sentia o mesmo. Peguei um punhado de água da calha e joguei-a no meu rosto — qualquer coisa para poder prosseguir, qualquer coisa para diminuir a dor e esfriar o que eu temia ser o início de uma febre.

— Quem é Sa'id bin Abdullah bin Mabrouk al-Bishi? — perguntei.

— Um carrasco do governo — respondeu o Sarraceno.

— País?

— Arábia Saudita.

— Como você o conheceu?

Ele fez uma pausa, e percebi que a ferida ainda estava aberta, mesmo após tantos anos.

— Ele matou o meu pai.

— Mais rápido — adverti. — Qual é a sua data de nascimento?

Ele mal começara a responder quando fiz a pergunta seguinte.

— Qual o seu tipo sanguíneo?

Ele estava na metade da resposta quando lhe lancei outra pergunta. Precisava mantê-lo confuso.

— Qual é o nome comum do *Amphiprion ocellaris*?

— Peixe-palhaço.

— Onde você se formou em medicina?

— Na Universidade de Beirute.

— Quem pagou?

— Bolsa de estudos. Departamento de Estado dos Estados Unidos.

Não reagi, mas sim — fazia sentido.

— Qual mesquita você frequentou durante a juventude no Bahrein?

Eu não conseguia me lembrar do nome, mas a resposta do Sarraceno me pareceu correta.

— A qual grupo radical ela era filiada?

— À Irmandade Muçulmana.

— Diga o nome do último hospital em que trabalhou.

— Distrito de El-Mina.

Essa foi a segunda resposta: hospitais tinham registros empregatícios que incluíam o nome que ele vinha usando desde que adquiriu o passaporte libanês.

— Quem era o diretor do hospital? Em que ano você começou? Em qual mês?

O Sarraceno não tinha escolha a não ser responder — a velocidade era vertiginosa, mas aquilo estava me custando muito. Minhas poucas reservas de energia estavam se esgotando, e eu agora tinha certeza de que a dor na nuca era um sintoma de febre. Imaginei que uma infecção originada nas feridas abertas estava começando a se espalhar pelo meu corpo. *Vá mais rápido*, disse a mim mesmo. *Mais rápido...*

— O nome da mãe do menino?

— Amina.

— Ebadi?

— Sim — respondeu ele, atônito com o meu conhecimento.

— Quantos outros nomes ela usava?

— Quatro.

— Diga-me a relação entre a Brigada dos Mártires de Al-Aqsa e o orfanato do seu filho.

— Eles o financiaram.

— Como sua esposa morreu?

— Um míssil sionista.

Meu Deus, a amargura na voz dele.

— Qual era o nome do filho de Nikolaides que morreu em Santorini?

— O quê? — respondeu ele, confuso e desesperado. — Voltamos aos gregos?!

Ele não tinha ideia de aonde iríamos em seguida, o que me deu forças. Percebi que cada detalhe da minha jornada épica foi importante — eu estava usando cada fio; pela primeira vez, estava costurando todos os pontos. Nada fora desperdiçado. *Nada*.

— O nome do filho? — perguntei.

Ele tentou se lembrar, talvez sem nem mesmo ter certeza de que sabia.

— Eu não... Não consigo me... — Ele estava em pânico. — Christopher — disse afinal, incerto. — Não, não...

— Christos — falei, deixando passar. — Onde você estava um dia antes de vir para Bodrum?

— Na Alemanha.

Imaginei que era verdade — tinha de ser algum lugar perto.

— Quanto tempo passou lá?

— Dois meses.

— O nome da rua da mesquita que você frequentava?

— Wilhelmstrasse.

— Cidade?

— Karlsruhe.

— Qual o nome dos três estrangeiros que você matou no Hindu Kush?

— Eu não... eu não me lembro...

— Primeiro nome de cada um! Como eles chamavam um ao outro?

— Jannika...

Não esperei. Eu também não lembrava.

— Você usou um site de mensagens na internet para se comunicar com a sua irmã?

— Sim.

— Quem era Peixe-Palhaço?

— Meu apelido.

— Que doença o seu filho teve quando você estava no Hindu Kush?

Ele olhou para mim — como diabo eu sabia que seu filho tinha ficado doente?

— Gripe...

Desesperado, ele estava tentando uma mentira, me testando, mas olhei-o nos olhos, e ele pensou melhor.

— Meningite meningocócica.

— Demorou demais. E não tente isso outra vez. Qual é o nome do maior hotel em Karlsruhe?

Eu nunca ouvira falar daquela cidade, e precisava de outro fato para me certificar de que nós não nos concentráramos no lugar errado. Senti a febre piorar.

— Deutsche König — disse ele.

— Você trabalhou lá?

— No hotel?

— Em Karlsruhe!

— Sim.

— Onde?

— Na Chyron.

Aquilo não significava nada para mim, e eu não tinha certeza se ouvira corretamente.

— Nome completo.

— É uma empresa americana...

— Nome completo!

O Sarraceno estava suando, talvez tentando se lembrar da placa na frente do prédio, mas teve um branco. Peguei o telefone para falar com Ben, como se fosse ameaçar o menino. Ele

entendeu.

— Chyron Pharma-Fabrik GmbH.

— Nome da mesquita que você frequentou quando criança.

Eu não me importava. Percebi o Sarraceno relaxar, apenas uma pequena distensão dos músculos ao redor da mandíbula, e soube que Karlsruhe e sua fábrica de produtos químicos era o ponto mais quente da história.

— Seu endereço quando estava trabalhando em El-Mina?

O Sarraceno mal conseguia me acompanhar, mas deu um nome de rua e um número. Ele não tinha terminado quando perguntei:

— Cite três pessoas com quem eu possa verificar isso.

Ele respondeu, mas eu também não me importava com El-Mina, embora imaginasse que fora ali que ele sintetizara o vírus.

— Qual era o seu trabalho na Chyron?

Voltei para onde eu queria: o ponto quente. Pela expressão de seu rosto deu para notar que ele não partilhava de meu entusiasmo.

— Encarregado de transporte.

— Nome do supervisor?

— Serdar...

— Qual turno?

— O da noite.

— Qual é o negócio principal da Chyron?

— Remédios, substâncias.

— Que tipo de substâncias?

— Vacinas.

Fiz minha aposta. Provavelmente aquela era a maior aposta da minha vida, mas um médico não arrumava um emprego no turno da noite no departamento de expedição de uma empresa de produtos farmacêuticos a troco de nada.

— Quando o vírus deixou Karlsruhe?

Ele fez uma pequena pausa e aproximei o celular do ouvido, pronto para puxar o pino. Ele olhou para mim por mais um momento.

— Ontem — respondeu calmamente.

Senti as torres de granito do mistério ruírem e uma onda de alívio tão intensa que, por um instante, esqueci a dor. Agora eu sabia: nas últimas vinte e quatro horas uma vacina contaminada com o vírus da varíola deixara uma empresa na Alemanha chamada Chyron Chemicals.

O carregamento ou já se encontrava nos Estados Unidos, ou estava perto, e meu pensamento era urgente: qual seria o tamanho daquilo? Qual era a escala do ataque?

— Quantas doses? — perguntei.

— Cem.

Foi a pequena inflexão, um esmorecer ao pronunciar a palavra, como se estivesse tentando minimizá-la, que me alertou. Eu ainda estava com o telefone junto à boca. A SIG estava na outra mão, e apontei o cano para o rosto dele.

— Só vou fazer isso uma vez. Vou perguntar de novo. Quantas?

Ele pareceu ceder.

— Dez mil — respondeu.

Tive de usar todo o meu autocontrole para não reagir. Dez mil?! O número tinha de ser verdadeiro, era extraordinário demais para ser falso, e naquele momento encaixei a última peça do quebra-cabeça. Dada a escala do ataque e a época do ano, o vírus só poderia estar escondido em um lugar. Eu tinha certeza de que sabia onde estava e o que ele planejava. Pela primeira vez no que pareceu ser a metade de uma vida, eu não tinha mais perguntas.

Eu me apoiei na calha — além de exaustão, eu sentia dor e, com a febre gradualmente tomando conta do meu corpo, o suor começou a escorrer pelo meu rosto.

Ergui a cabeça e vi al-Nassouri olhando para mim. Ele sabia por que o interrogatório terminara: eu descobrira tudo de que precisava, e todos os seus anos de trabalho, tudo o que dera peso e significado à sua vida, estava arruinado. Ele estava prestes a dizer algo, provavelmente me amaldiçoar em nome de seu deus, mas não teve oportunidade. Cumali veio correndo na nossa direção.

— Eles estão vindo — disse ela, parando sem fôlego.

— Juntos? — perguntei, rapidamente afastando a exaustão. — Alguém ficou para trás?

— Não. Estão juntos.

Aquilo me dava uma chance. Se estivessem separados, o homem na retaguarda seria advertido pelos tiros, e eu não queria testar as minhas chances contra um idiota com uma submetralhadora. A surpresa — e atingi-los em grupo — era minha melhor arma.

Ouvi Bradley gritando ao telefone, preocupado que algo tivesse acontecido, querendo saber por que diabo o interrogatório tinha sido interrompido. Ergui o celular rapidamente.

— Problemas — falei. — Agente firme, três minutos...

Enfiei o telefone no bolso e comecei a flexionar os dedos inchados para ver se conseguiria disparar a SIG. Uma coisa era certa: por causa de meu pé ferido, eu não seria capaz de me erguer, nem mesmo de me agachar. O que eu precisava era de ajuda.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

A Beretta voou pelo ar. Eu a tinha tirado do bolso e rapidamente joguei-a para Cumali. Ela a pegou e olhou para mim, surpresa.

— Se algo acontecer comigo, o homem em Bodrum não vai aceitar qualquer desculpa: ele vai atirar na babá. Então, é melhor você ter certeza de que vou sobreviver. Entendido?

Ela estava prestes a assentir quando o irmão a interrompeu.

— Isso não é trabalho para ela, ela é uma mulher. Me dê essa arma.

Olhei para ele, incrédulo, mas logo me recompus: em vistas de suas crenças e antecedentes, eu deveria ter antecipado aquilo.

— Não — respondi.

— Você sabe que fui um *muj* — prosseguiu ele, argumentando. — Já matei antes e atiro melhor do que ela. Me dê isso.

— Não — insisti enfaticamente. — Eu não confio em você... E, de qualquer modo, você é o chamariz.

Ele reagiu: o chamariz? Eu não tinha tempo para explicar, e me virei para Cumali.

— Já matou alguém?

— Nunca.

Ela não pareceu gostar muito da ideia.

— Basta lembrar que você não está atirando em um homem, e sim salvando o seu sobrinho.

Mandeí que ela se movesse rapidamente até uma área onde havia algumas pedras que lhe dariam proteção e uma visão clara dos três homens.

— Seu alvo é o velho — falei. — Ele será mais lento e só tem uma pistola. Atacarei os dois que estão armados com as submetralhadoras.

“Estarei sentado. O chamariz estará de pé, agindo como se estivesse me interrogando. No momento que você me vir rolar sobre o ombro, abra fogo.

“Mire no peito de Nikolaides. Quando ele cair, continue a atirar, certo? Barulho sempre ajuda.

Agarrei a tampa de aço polido do velho freezer e posicionei-a contra uma coluna tombada. Eu me abaixei no chão e me encostei na calha de água, meio de costas para o inimigo que se

aproximava.

Quando me vissem, caído e de costas para eles, não suspeitariam de que havia algo de errado. Nem veriam a SIG no meu colo. O aço polido da tampa do freezer não era um espelho muito bom, mas me daria uma visão clara do campo de batalha e a posição exata dos três inimigos quando se aproximassem.

Ouvi Cumali sussurrar:

— Eles estão vindo!

Destravei a SIG, esperando que, em sua ansiedade, a policial tivesse se lembrado de fazer o mesmo, e esperei com o Sarraceno de pé ao meu lado. Eu respirava com dificuldade, um homem vencido cujos olhos por acaso estavam voltados para a tampa de aço polido do freezer.

Vi o reflexo de Nikolaides junto com os outros dois quando entraram, e me forcei a aguardar o momento que os atiradores de elite chamam de “matança máxima”. Quatro segundos... três...

O sol se moveu um pouco sobre o seu eixo e um raio de luz penetrou pelo teto desmoronado, refletindo na tampa do freezer. O brilho chamou a atenção dos três homens.

Nikolaides não era um idiota — ele percebeu que a tampa de aço havia sido movida. Ele forçou a vista, viu que eu os observava, gritou um aviso para os albaneses, jogou-se para o lado e sacou a pistola.

Eu me virei sobre o ombro e comecei a rolar para uma posição de tiro. Cumali disparou com a Beretta, mas não conseguiu atingir nada, muito menos o touro em movimento.

Rolei diversas vezes pela terra e pela lama, gritando por causa da dor no meu pé e no meu peito ferido, mirando Musculoso. Ele estava girando com a submetralhadora, prestes a explodir a calha de água e tudo nas proximidades, inclusive eu.

Desarmado, o Sarraceno saltou, tentando se proteger atrás dos escombros.

De cabeça para baixo, deitado de costas, levei o dedo ao gatilho, mas estava tão inchado que eu mal o sentia. Em desespero, disparei uma rajada de três tiros contra Musculoso, esforçando-me para espalhá-los. Normalmente, minha primeira bala atingia o alvo, mas aquilo era tudo menos uma situação normal, e os dois primeiros disparos erraram completamente.

O terceiro pegou-o na virilha. O ferimento estava longe de ser mortal, mas o tiro fora tão de perto que arremessou-o para trás. Ele largou a Skorpion e agarrou o que restava de seus genitais.

Tentando com seus disparos atingir Nikolaides, que se movimentava com rapidez, Cumali não tinha a menor ideia do que estava acontecendo. Ela errou o velho touro, mas atingiu Ajudante na garganta. O sujeito tombou na mesma hora.

Ela continuou atirando, perseguindo Nikolaides, que se aproximava em enorme velocidade

da calha d'água. Balas revolviam a lama ao meu redor.

Meu Deus! Eu teria gritado uma advertência, mas ninguém teria ouvido por causa dos gritos de Musculoso, que tentava conter o sangue que escorria da virilha. Tentei rolar para um lugar seguro, mas fui atingido por trás. Senti uma onda de dor irromper na carne macia de meu ombro e soube que um dos tiros perdidos de Cumali me acertara.

Consegui me apoiar em um joelho, apontando a SIG para o vulto de Nikolaides, que continuava ileso. Amaldiçoei o maldito dedo que mal conseguia puxar o gatilho e vi que minha mão esquerda, que apoiava o cano, tremia muito.

Disparei quatro tiros em sequência, mas só consegui atingir o touro velho nas pernas, derrubando-o no chão e fazendo sua pistola voar para longe. Voltei-me, sabendo que tinha de terminar logo com aquilo, ou não teria mais forças. Vi Musculoso, agora capado, tentando alcançar a submetralhadora.

Disparei enquanto me virava — pela primeira vez sendo bem-sucedido —, acertando duas balas em seu peito, o que não foi nada bonito de se ver, mas bom o suficiente para matá-lo.

Sangrando e desarmado, Nikolaides viu Musculoso cair. Esparramado no chão, ele olhou para mim, ódio e confusão no olhar. Creio que pensou que seria simples, um trabalho matutino fácil, mas, de algum modo, eu sobrevivera à tortura da prancha, voltara meus captores contra ele e ainda atirara bem o bastante para abater dois de seus homens.

— Quem diabo é você? — rosnou.

Eu o vi olhar para a pistola, que estava quase ao seu alcance. Não pude deixar de lembrar o modo como ele sorriu quando quebrou meu joelho com a bota com ponta de aço, e a força dos golpes de martelo no meu pé.

— Costumavam me chamar de Navegante — respondi. — Sou a pessoa que ordenou o assassinato de Christos em Santorini.

O rosto de Nikolaides se contorceu — estive tão perto da vingança para falhar logo na última hora? Ele gritou, e uma imensa onda de energia percorreu seu corpo como um último estertor. Jogou-se em direção à pistola. Atirei duas vezes e, àquela distância, sua cabeça praticamente explodiu.

Desviei o olhar. Não sentia prazer algum em tirar uma vida, mesmo a de um homem como aquele. No dia em que sentisse, saberia que era a hora de deixar a batalha para sempre. Apontei a SIG para Cumali — ela estava encharcada de suor, tão tomada pela adrenalina que acho que não compreendeu de verdade o que havia acontecido — e disse-lhe para remover o pente de balas da Beretta.

— Agora, aponte a arma para o chão e dispare três vezes — falei, certificando-me de que não havia balas na câmara.

Mandei que soltasse a arma e, em seguida, fizesse o mesmo com as duas submetralhadoras e com a pistola de Nikolaides.

— Traga todos os pentes para mim.

Ela os pegou e guardou-os no meu bolso. Com todas as armas sem munição, apontei para as algemas caídas no chão, chave ainda na tranca.

— Algeme-o — falei, apontando para o Sarraceno.

Ele se arrastou para fora dos escombros e se apoiou na calha d'água, nas profundezas dos cânions do desespero, se perguntando por que seu deus o abandonara na última hora.

— Mãos atrás das costas — acrescentei.

Enquanto ela o algemava, vi que um mosqueiro já estava se aglomerando sobre os cadáveres, e eu sabia que aquilo não seria nada comparado ao frenesi com que os serviços de inteligência de meia dúzia de países cairiam sobre o Sarraceno.

Ele ergueu a cabeça e olhou para mim. Eu mantinha a SIG apontada para ele, e, com a outra mão, rasguei tiras de minha camisa para enfaixar o ombro e deter o sangramento.

Nosso olhar se cruzou, e ambos sabíamos que, não importando o que lhe restasse de vida, ele jamais teria outra chance de completar seu plano sinistro.

— Eu o amo — disse ele, referindo-se ao filho.

— Eu sei — respondi. — Era a única arma que eu tinha.

Cumali me entregou a chave das algemas e eu guardei o molho no bolso junto com a munição. Puxei a bandagem com os dentes, amarrei-a, e o fluxo de sangue se reduziu a um gotejar. Peguei o celular de Cumali no outro bolso: os três minutos estavam quase no fim.

— Ainda aí? — perguntei asperamente.

— Meu Deus — respondeu ele. — Quantos mortos?

Ele ouvira os tiros pelo telefone.

— Três. Acabou. Você pode soltá-los.

Pouco depois, ele me disse que os joelhos da babá estavam cedendo e que ele havia cortado a corda. Eu me virei, olhei para o Sarraceno e para a irmã e deixei-os ler na expressão de meu rosto que a mulher e a criança estavam a salvo.

O Sarraceno sentou no chão ao lado da calha com as mãos algemadas às costas e baixou a cabeça. Eu sabia que ele estava rezando. Cumali estremeceu, entregou-se a uma onda de alívio e começou a chorar.

Eu estava prestes a desligar. Sabia que tinha de fazer outro telefonema crítico, mas a febre estava aumentando e minha cabeça girava. Em meio à confusão rodopiante, havia algo que eu precisava saber.

— Você teria atirado na babá? — perguntei para Ben.

Ele não disse nada, mas aquilo já era resposta suficiente.

— E você? Teria atirado? — respondeu, após um instante.

— Essa é a diferença entre nós, Ben — murmurei. — É por isso que nasci para este negócio, e você, não. Claro que teria atirado.

Tremendo, e não apenas pela febre, desliguei e fiz sinal para Cumali. Eu não conseguia andar — meu Deus, estava tão esgotado e ferido que mal conseguia ficar de pé — e precisava dela para me apoiar. Ela me segurou debaixo do braço, livrando o peso de meu pé mutilado. Eu me virei para o Sarraceno e disse:

— Tente vir atrás de mim e atirarei em vocês dois.

Ele assentiu, e olhamos um para o outro pela última vez antes que nossas vidas mudassem para sempre. Lembrei-me de algo que um grupo de soldados ingleses me dissera após a guerra com a Argentina: apenas os seus inimigos realmente sabem como é na linha de frente.

Eu nada disse para ele — o que havia a ser dito? Fiz um gesto para que Cumali comesse a sair, deixando-o algemado e sentado no chão de terra. A única chave estava no meu bolso, as armas inutilizadas, e eu sabia com certeza que havia apenas uma maneira de sair daquelas ruínas — de barco —, e eu estava levando a única embarcação disponível. Certo de que ele estava preso, eu sabia que, menos de vinte minutos depois de eu fazer o próximo telefonema, dezenas de homens de dezenas de agências diferentes chegariam ali. Não que tivessem muito a fazer além de prendê-lo — não havia mais plano a desvendar, rede a desativar, coconspirador a rastrear. A morte silenciosa dos Estados Unidos estava quase anulada.

Apressado, comecei a realizar o segundo telefonema, meus dedos inchados e trêmulos, tentando lembrar o número que recebera, armazenado em meu celular quebrado.

Arrastando um pé, auxiliado por Cumali, desci a passagem em ruínas, me aprofundando na escuridão. Havia uma coisa, porém, que deixei escapar, algo que me faria refletir pelo resto da vida sobre o erro que cometi.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Cumali me levou até o portão gradeado e, quando saí entre as rochas, a luz do sol me ofuscou.

A curta distância entre a calha d'água e a praia foi a viagem mais dolorosa da minha vida. Cada passo doía como um novo golpe. A tortura da prancha, a perda de sangue e a escalada da febre estavam chegando a um ponto crítico e roubando a pouca energia que me restava. Senti o passado e o presente se fundirem em um só.

Recostei em uma pedra e ordenei que Cumali tirasse a lancha de seu esconderijo e a trouxesse até o velho cais. Enquanto ela se encaminhava até uma pequena enseada atrás de um amontoado de pedras, digitei o último número e ouvi o telefone emitir um bipe ao completar a conexão internacional. A chamada foi respondida na mesma hora.

Minha voz estava quase inaudível.

— Senhor presidente? — falei o melhor que pude.

— Quem é? — um homem respondeu, jovem demais para ser Grosvenor.

— Eu preciso... Preciso falar...

— Não consigo ouvir você. Identifique-se, por favor. — O homem soava como um fuzileiro naval.

Eu estava mais fraco do que jamais pensei ser possível, ferido além da medida, mas sabia o que acontecera. Eu estava usando o celular de Cumali, e o sistema de comunicações da Casa Branca identificara a ligação como sendo proveniente de uma fonte desconhecida. Claro, eu estava telefonando para a linha direta do presidente, mas eles não deixariam passar uma chamada até saberem quem estava ligando. Por isso fui desviado para um centro de comunicações de alta segurança enterrado nas montanhas do Colorado e estava falando com um dos mil e oitocentos técnicos e fuzileiros navais que trabalhavam ali.

— Identifique-se — repetiu o fuzileiro.

— Meu nome é Sco... — Mas eu sabia que era a coisa errada a ser dita. Um nome não significaria nada.

Em pé sob o sol inclemente, olhos doloridos, senti como se estivesse deixando o meu corpo. Como se estivesse no alto, olhando para mim mesmo lá embaixo.

— Não consigo ouvir você — disse o fuzileiro. — Repita, por favor.

Mal registrei o que ele dissera. Estava vendo o velho touro empunhando o martelo do pedreiro e ouvindo alguém gritando na minha cabeça. Percebi que era a minha própria voz — mas o único som na praia era o motor do barco se aproximando e as gaivotas circulando no céu.

— Peregrino — falei, enfim. Ao menos pensei ter dito isso, mas não tinha certeza; talvez fosse apenas na minha mente.

— Não entendi. Repita.

Silêncio. Eu estava vendo um menino com síndrome de Down correndo pela areia e pulando nos braços do pai.

— Você está aí? Repita, por favor.

A voz do fuzileiro me trouxe de volta.

— Eu... sou... o Peregrino — falei.

O fuzileiro ouviu. No mês que passara, ao início de cada turno, um pedido fora martelado na cabeça de todos os fuzileiros navais dos Estados Unidos. Se ouvissem uma palavra, um certo codinome, este teria prioridade sobre todas as outras comunicações. Agora o fuzileiro estava me ouvindo.

— Você está aí?! Por favor, espere, senhor. Por favor, espere, Peregrino!

Ele digitou uma série de comandos rápidos no teclado, chamando uma lista de autoridades que tinham de ser avisadas naquele instante: *O Peregrino está ao vivo; o Peregrino fez contato; o Peregrino está de volta.*

A primeira pessoa na lista era o oficial de serviço da Segurança Nacional, sentado em sua mesa em um pequeno escritório na Casa Branca. Era muito tarde — pouco mais das quatro da manhã na Costa Leste — quando ele atendeu o telefone e ouviu uma voz anônima:

— Para o presidente. Peregrino.

Mesmo que o oficial de serviço estivesse certo de que o comandante em chefe estava dormindo, suas instruções eram claras, e ele ligou para o telefone no quarto do presidente.

Mas Grosvenor se encontrava longe de estar dormindo. Mais de doze horas antes, Sussurrante ligara e lhe falara sobre a mensagem esperançosa de Bradley. Ele estava sentado em uma poltrona, olhando para as luzes de Washington sem enxergá-las, quando o telefone tocou. Ele o agarrou, chocando o oficial de plantão, que esperava alguma demora. Grosvenor ouviu enquanto o homem gaguejava tentando transmitir a mensagem.

— O que foi? — exclamou o presidente, ansioso.

— É o Peregrino — disse o oficial de serviço, afinal.

Ele ouviu Grosvenor murmurar algo que soou como “Graças a Deus”, mas não tinha certeza. Por que o presidente estaria rezando?

— Você está aí, Peregrino?

Ouvi a voz inconfundível de Grosvenor mesmo que a linha soasse oca e distante. Em algum lugar na minha mente fragmentada, entendi que estavam criptografando a chamada no Colorado.

— Dez mil doses — murmurei.

— Dez mil?! — repetiu o presidente, incrédulo.

— Já chegaram — prossegui. — Ele está usando os nossos próprios médicos... Provavelmente começará em algumas horas.

Em algum momento, depois de deixar a calha d'água, meu treinamento deve ter assumido o controle e, sem perceber, eu ensaiara o que precisava dizer. Minha garganta estava queimando, e eu precisava desesperadamente beber algo, mas logo afastei a ideia, com medo de que voltasse a ter ânsias de vômito. Tentei me concentrar.

— É uma remessa da Chyron — falei em um fio de voz.

— Repita — disse o presidente.

— É uma empresa farmacêutica... Karlsruhe... Na Alemanha.

Outra voz entrou na linha. Era Sussurrante, e percebi que deveriam tê-lo inserido na conversa.

— Você pode soletrar? — disse ele.

Tentei várias vezes, mas não conseguia passar das primeiras letras. Minha mente estava falhando.

— Karlsruhe? — perguntou Dave, tentando confirmar.

Eu nunca ouvira sua voz tão baixa, e me perguntei por quê. Esperava que ele estivesse bem.

— Há um hotel. O Deutsche König — consegui dizer, antes que minha voz voltasse a sumir.

— Ótimo, isso é ótimo — disse Sussurrante.

O presidente provavelmente se perguntou se eu estava morrendo, mas, apesar da urgência e do que estava em jogo, não tentou me forçar — acho que sabia que, de algum modo, eu chegaria lá.

— Continue — foi tudo o que ele disse. — Você é um maldito herói. Continue.

— Eu deveria ter perguntado o número do lote — divaguei, cada vez mais fraco. — Esqueci coisas... O Sarraceno me feriu... Havia uma criança...

— Sim, nós sabemos — disse Sussurrante.

— Não deveríamos ter feito isso... Foi... Eu só não tinha outra maneira de...

— Claro que não tinha — respondeu Sussurrante. — Mas acabou agora.

De algum modo, encontrei uma reserva de energia, e isso ajudou a trazer alguma clareza à

minha mente.

— É uma vacina — falei. — Está em doses de vacinas.

— Que vacina? — perguntou Sussurrante, ainda com aquela voz estranha, suave.

— Vacinas contra a gripe — falei. — Ele colocou o vírus em frascos de vacinas contra a gripe. A época chegou, a imunização começa amanhã.

Houve um silêncio do outro lado — acho que eles perceberam que eu conseguira. Dois telefonemas feitos no Hindu Kush de alguma forma nos levaram a consultórios médicos por todo o país. Então Sussurrante confirmou, dizendo para o presidente dos Estados Unidos que já tinham tudo: o dia, o fabricante e o método. Pensei que eles estavam prestes a desligar — deviam ter um milhão de coisas a tratar —, mas, em vez disso, Grosvenor perguntou:

— Onde você está?

Não respondi. Era o fim. Fiquei olhando para o sol com olhos semicerrados, pensando na longa jornada que teria pela frente.

— Ele está no litoral — disse Sussurrante. — A trinta quilômetros ao norte de Bodrum. Confere?

Continuei em silêncio. Estava reunindo as minhas forças, mobilizando todos os recursos que ainda me restavam. Teria de me arrastar pela areia até o antigo cais.

— Você pode esperar um pouco, Scott? — perguntou Grosvenor, cada vez mais alarmado. — Estou enviando helicópteros da frota do Mediterrâneo. Você pode esperar?

— Teremos de avisar o governo turco — interrompeu Sussurrante.

— O governo turco que se foda — rebateu Grosvenor.

— Não, não! Não envie ninguém — falei. — Não vou estar aqui.

Grosvenor começou a me contradizer, querendo saber o que eu tinha em mente, mas Sussurrante o deteve.

— Está tudo bem, Scott. Eu entendo. Está tudo bem.

— Dane-se — disse Grosvenor. — Eu estou lhe dizendo, os helicópteros estão a caminho.

— Ele está ferido, Sr. presidente... Eles o feriram...

Era hora de ir, e de repente comecei a achar que eu tinha me esquecido de algo.

— Vocês ouviram? — falei para eles. — Dez mil doses... Chyron... Vacinas contra a gripe.

— Sim, ouvimos — respondeu o presidente. — Gostaria de dizer, em nome do...

Desliguei. Estava terminado. Tudo estava terminado. Suportar. Não foi isso que eu disse que precisava fazer? Suportar.

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

A maré estava subindo e, por acaso, aquilo me ajudou. Eu mancava e cambaleava pela areia banhada de sol, a caminho do cais de madeira, e não tinha escolha a não ser passar pela água que invadia a costa.

Quando meu tornozelo afundou, o frio súbito amenizou a dor no pé e na mente. Fiquei ali por um longo minuto, permitindo que a febre amainasse, deixando o sal limpar as feridas abertas.

Com a mente mais clara, cheguei ao cais, me apoiei em um corrimão e fui até onde Cumali me esperava. Ela havia encostado a pequena lancha com a popa voltada para o cais e manteve o motor em marcha lenta. Eu não tinha dito para ela — não conversamos sobre nada —, mas sua jornada estava no fim. Eu zarparia sozinho. Sabia o que teria pela frente, que não seria fácil, ainda mais na minha condição, e estava ansioso para começar logo.

Foi quando ouvimos o tiro.

Nós nos voltamos, olhamos para o Teatro da Morte, e então me dei conta do que eu tinha esquecido, o erro sobre o qual refletiria pelo resto da vida. Será que fiz aquilo de propósito?

É fato que, quando deixei as ruínas, estava exausto, mal conseguia andar e precisava fazer um telefonema urgente para Washington. É claro que eu tomara todas as precauções, descarregando as armas e ficando com os pentes de bala. Mas tudo isso ocorreu na minha mente consciente. Em um lugar muito mais profundo, será que sabia que havia outra arma? Uma arma carregada — minha própria Beretta, a pistola que os albaneses haviam tirado de mim nas ruínas e descartado ao lado do meu celular quebrado? Será que eu a deixara ali para o Sarraceno usar contra si mesmo — e, em caso afirmativo, por quê?

É claro que ele se lembrara da arma, e, no momento em que ouvi o tiro, soube o que fez: com as mãos algemadas atrás das costas, ele se arrastara pela passagem e se sentara ao lado da arma. Ele forçara as mãos por sob as nádegas, pegara a pistola, ajeitara-a entre as coxas, baixara o rosto para que o cano estivesse quase à altura de sua boca e puxara o gatilho. Era possível que ele também conhecesse a antiga canção:

Quando você está ferido e solitário nas planícies afegãs,

*E as mulheres surgem para cortar o que não lhe foi tirado,
Apenas pegue sua arma, dê fim à mente sã
E vá até seu deus como um soldado.*

Cumali também percebeu o que aquele tiro significava e começou a correr em direção às ruínas. Agarrei-a, mas estava tão fraco que ela se livrou de mim. Apenas a urgência da minha voz a deteve.

— Ouça! — gritei. — Quando eles chegarem, diga que não sabia de nada. Diga que acabou salvando a minha vida, conte a eles sobre o homem em quem você atirou. Diga que você me libertou, que traiu seu irmão. Diga qualquer coisa para eles! Sou o único que sabe... e não vou estar aqui.

Ela olhou para mim, confusa.

— Por que você está fazendo isso? — perguntou. — Por que faria isso por uma muçulmana?

— Não estou fazendo isso por você! — respondi. — Estou fazendo isso pelo menino. Ele merece uma mãe.

Eu me apoiei no teto da cabine da lancha e comecei a me forçar a bordo. Cumali correu para o túnel, mas eu sabia que aquela era uma missão inútil. Seu irmão era um *muj*, ele havia derrubado três helicópteros soviéticos Hind — o Sarraceno não erraria o tiro.

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Agarrado à poltrona do capitão, lutando contra a febre e a dor, afastei a pequena embarcação do cais e direcionei-a para o mar aberto. Voltei a lancha para o sul, navegando ao longo do litoral com o máximo de velocidade que o veículo conseguia atingir.

O vento tinha mudado de direção, soprando forte contra a maré, e a proa fendia as ondas íngremes, erguendo paredes de espuma e fazendo o motor velho uivar. A viagem poderia ter acabado comigo, mas eu me obriguei a ignorar a dor e a usar o ombro bom para manter a roda do leme no curso correto. Finalmente, dei a volta em um promontório, ganhei um longo trecho de água abrigado do vento e me senti confiante o bastante para largar a roda do leme e deixar o barco cuidar de si mesmo.

Desci e comecei a procurar. Em um armário, encontrei uma mochila velha e usei-a para guardar a SIG e a munição que ainda estava nos meus bolsos. Ao lado, em uma bolsa de bordo, encontrei uma pesada lona impermeável já equipada com pesos de chumbo. Não havia lógica para o que eu ia fazer, mas já estava muito angustiado e não desejava navegar com a minha própria mortalha. Abri a janela, atirei a lona e a vi oscilar e afundar na espuma.

Sob um banco traseiro, encontrei o que estava procurando: o kit de primeiros socorros da embarcação. Tinha, talvez, uns vinte anos, mas nunca fora aberto e era surpreendentemente bem-equipado.

Levei-o de volta à casa do leme e usei compressas para limpar meu pé esmagado e um par de tesouras para remover a carne queimada no lugar onde a bala perfurara meu ombro. Abri uma garrafa de antisséptico com o prazo de validade vencido havia dezoito anos e derramei o líquido nas feridas. Ainda funcionava — merda, funcionava mesmo —, e uivei de dor, me mantendo consciente apenas o bastante para me sentir grato por ninguém mais estar ouvindo.

E foi assim, com minhas feridas cobertas por ataduras amareladas, fedendo a antisséptico e equipado com um remo adaptado como muleta, que finalmente vi o trecho de litoral que estava procurando. À última luz do dia, muito ao sul, e com uma tempestade se aproximando, virei a roda do leme e passei entre as rochas que abrigavam uma isolada vila de pescadores. As primeiras rajadas de chuva significavam que o cais estava deserto, e me aproximei sem ser observado.

Atriquei a pequena embarcação de popa, mantive o motor ligado e ateí-a a um poste com uma amarra. Enfieí o outro remo entre os raios da roda do leme para travá-la na posição correta e joguei a mochila e a muleta improvisada no cais. O motor esforçava-se para arrebatá o barco de volta ao mar, fazendo a amarra ficar bem esticada, de modo que eu a usei para me apoiar enquanto me arrastava para perto da muleta. Armado com uma faca que encontrara na embarcação, cortei a amarra e vi a lancha se lançar em direção à escuridão das rochas. Mesmo que conseguisse atravessar o canal, a costa em torno era tão pedregosa que, eu sabia, acabaria jogada contra o litoral e despedaçada antes do amanhecer.

Pendurei a mochila no ombro e peguei a muleta. Parecendo um soldado retornando de alguma guerra distante, passei por dois restaurantes fechados e pelas ruelas de uma minúscula cidade da qual eu mal me lembrava.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

As cortinas estavam fechadas nas casas, e os postes de luz da rua eram poucos e espaçados. Na escuridão que se avolumava, atravessei uma rua estreita e, no momento exato em que achei que pegara o caminho errado, vi uma fonte de água comunitária.

O velho balde ainda estava amarrado à corda e as flores que o rodeavam estavam tão mortas quanto sempre estiveram. Com o corpo quase esgotado, manquei até o antigo chalé, o nome na placa de bronze já quase ilegível. Bati à porta com força e, depois do que pareceu uma eternidade, ela se abriu e vi o Dr. Sydney. Tinha a barba por fazer, o calção largo fora trocado por uma calça de algodão puída e trajava uma velha camiseta da Oktoberfest de 1992 — mas, afora isso, pouco mudara nos anos que se passaram.

Embora a bebida provavelmente tenha continuado a fazer estragos em todos os outros órgãos, sua mente — e sua memória — estavam em forma. Havia algo no meu rosto que ele reconheceu, e o vi vasculhar o passado em busca de um nome.

— Jacob, certo?

— Quase — respondi.

Ele olhou para meu ombro e meu pé enfaixados, minhas roupas esfarrapadas e minha expressão abatida.

— Você está ótimo, Jacob — disse ele, impassível.

Assenti.

— Você também, doutor. Bem-vestido como sempre.

Ele caiu na gargalhada.

— Entre. Podemos continuar mentindo um para o outro enquanto vejo se consigo salvar esse seu pé.

Ele me levou para dentro e me dei conta de quão estranha é a memória: os cômodos pareciam muito menores, os espaços mais estreitos do que na noite em que tínhamos levado Mack até lá. Na cozinha, o australiano posicionou três lâmpadas, me deitou na bancada, removeu as bandagens, deu uma olhada no meu pé e me aplicou uma dose absurda de antibióticos por via intravenosa e uma quantidade ainda maior de analgésicos. Ainda bem que, no que dizia respeito à medicina, a sutileza não era o forte dele.

O Dr. Sydney decidiu que, apesar das contusões arroxeadas e do inchaço, minhas costelas e minha rótula não estavam quebradas. Fraturadas, talvez, mas não havia como saber sem uma radiografia.

— Está disposto a dar um passeio até o hospital em Milas? — perguntou.

O médico viu a expressão no meu rosto e sorriu.

— Não achei mesmo que fosse uma opção.

Ele disse que as imobilizaria e as enfaixaria da melhor maneira possível. Então, injetou um anestésico local, limpou e suturou o ferimento de bala e me disse que eu era um homem de sorte.

— Não me sinto assim — respondi.

— Mais dois centímetros e você não iria precisar de um hospital, nem mesmo de um hospital improvisado. Precisaria de um necrotério.

Após cuidar das outras feridas, ele voltou a atenção para o estrago causado pelos golpes de martelo. O Dr. Sydney fora um cirurgião pediátrico com muita experiência no tratamento de vítimas de acidentes de carro, então acreditei quando ele me disse que os hematomas e os inchaços acabariam se curando por conta própria.

— Não há muito que eu possa fazer a respeito dos ossinhos quebrados sem radiografias e uma sala de operações — disse ele, sorrindo. — Uma mão firme também ajudaria.

Ele decidiu posicionar cada osso na melhor posição possível e, em seguida, enfaixá-los, na esperança de que tudo se mantivesse no lugar.

— Você vai ter de fazer muito exercício para manter o tornozelo móvel e evitar que os músculos da perna atrofiem. Talvez funcione.

Balancei a cabeça, e ele ajustou as lâmpadas.

— Isso vai doer — falou antes de começar.

Ele estava certo. Por volta da meia-noite o trabalho estava terminado, e ele fez uma pausa. Minha consciência ia e vinha, e acho que ele duvidou que eu conseguiria aguentar por muito mais tempo. Segurando-me sob os braços, ele me tirou da bancada, atravessou a cozinha, entrou na sala e dirigiu-se para uma escada que levava a um quarto vago.

No meio do caminho, ouvi vozes vindas de um canto da sala e voltei a ver a antiga TV sintonizada na CNN. Era o noticiário da noite, e o correspondente da rede em Washington falava sobre os frenéticos esforços empreendidos desde o início daquela manhã para localizar e apreender dez mil doses de vacina contra gripe que tinham sido contaminadas por acidente com vestígios letais de óleo de motor.

Eu não queria que o médico soubesse que eu tinha algum interesse naquilo, então disse que precisava descansar um pouco. Segurando o encosto de uma cadeira, olhei para a tela.

— O alarme foi dado pelo presidente em uma coletiva de imprensa às seis horas da manhã — relatou o correspondente. — Ao mesmo tempo, o FBI e as agências policiais de todo o país começaram a localizar e a apreender todas as vacinas contra a gripe oriundas de uma fábrica em Karlsruhe, Alemanha, operada pela Chyron Chemicals. O presidente fez elogios à equipe da FDA que descobriu o problema e alertou a Casa Branca com um telefonema às quatro horas da manhã.

— Pronto? — perguntou o médico, e eu assenti, permitindo que ele me ajudasse a subir a escada.

Eu não estava surpreso com a história divulgada por Washington. O que foi mesmo que alguém dissera certa vez? Na guerra, a primeira vítima é a verdade.

Alcansei a cama e me deitei. Minha cabeça bateu no travesseiro, o médico apagou a luz e mergulhei em um estranho estado de inconsciência.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

A febre disparou durante a confusão de dias e noites que se seguiram, e o médico mal teve a chance de sair do pequeno quarto. Mais tarde, ele me disse que ficara sentado ao meu lado, bebericando um interminável copo de uísque e ouvindo-me vagar através de uma notável paisagem de sonhos.

Ele me ouviu falar de um homem amarrado a uma prancha, se afogando em um oceano infinito, um pai decapitado sob o sol escaldante, uma cidade repleta de pessoas morrendo de um vírus incurável, uma criança com síndrome de Down sendo enforcada. Ele disse, sorrindo, que a mente era uma coisa estranha e que, atacada por uma febre e grandes doses de medicamentos, era capaz de inventar terríveis fantasias.

Se ao menos ele soubesse.

Preocupado com o fato de os horrores estarem piorando, e convencido de que aquilo era uma reação às drogas, ele decidiu suspendê-las. Talvez tenha sido a adaptação ao medicamento, ou talvez apenas a natureza seguindo o seu curso, mas a febre atingiu o pico, e os pesadelos de lembranças diminuíram. Quando finalmente consegui ingerir algo sólido, ele decidiu se aventurar na aldeia para buscar alguns mantimentos e outros suprimentos. Imaginei que seu uísque tinha acabado.

Ele voltou preocupado. Disse que um homem e uma mulher haviam chegado de carro e, alegando serem turistas, perguntaram de modo casual nos dois restaurantes da aldeia se algum americano passara por ali nos últimos dias.

Eu sempre soube que Sussurrante e suas legiões me encontrariam — as pessoas falam, o Echelon escuta, alguém leria os arquivos e encontraria o relato da morte de Mack, tantos anos atrás. Eu não temia os estranhos recém-chegados, sabia que tinham sido enviados para me ajudar caso eu precisasse — e ainda assim não tinha intenção de falar com eles. Eu me tornara a ruína de um homem, mas cumprira o meu dever. Ninguém podia pedir mais do que isso, e a forma como eu emergiria dos escombros do que me restara era um assunto só meu.

Nada falei para o médico a respeito dos intrusos, mas, com o passar dos dias, notei que ele estava ficando cada vez mais preocupado com o que surgiria à sua porta. Naquela noite, caminhei devagar até a cozinha pela primeira vez e descobri que ele era um bom cozinheiro.

Enquanto preparava o que revelou ser a sua especialidade — cordeiro temperado com tomilho e alho —, ele me perguntou se eu ainda cantava o “Midnight Special”.

— Se ainda penso em Mack, você quer dizer? — questionei. — Mais vezes do que imaginei que aconteceria.

— Eu também — disse ele. — Que noite terrível. Pouco depois que vocês se foram, ouvi a chegada de um helicóptero. Eles vieram resgatar o corpo, não?

— Sim.

— Onde ele foi enterrado?

O médico tentou soar casual, mas aquela era uma pergunta estranha, e eu sabia aonde ele estava querendo chegar.

— Arlington — respondi.

— Ele era militar?

— Claro. Mas era um soldado lutando uma guerra não declarada.

Ele largou as ervas e se virou. Chegara ao ponto que queria.

— Você também, Jacob? É isso o que você faz?

— Está preocupado, doutor?

— Claro que sim, merda! Estou preocupado desde a noite em que você chegou. Assim que foi dormir, abri a sua mochila. Havia uma SIG repleta de resíduos de pólvora e munição suficiente para armar um pequeno país africano. Agora duas pessoas apareceram na aldeia, e estou querendo saber quando vai começar o tiroteio.

Ele era um bom homem, tinha feito a coisa certa por mim, e merecia uma resposta honesta.

— Sim, também sou um soldado.

— Alistado ou mercenário?

Sorri.

— No momento, alistado.

— CIA ou pior?

— Gosto de pensar que melhor, mas fica a critério do cliente.

— E as pessoas na aldeia?

— São agentes nossos. Estão aqui para verificar se estou bem.

— Você tem certeza?

— Não são assassinos, doutor. Se fossem, já estaríamos mortos. Não há nada com o que se preocupar. Eu lhe dou a minha palavra.

Vi que o homem se tranquilizou, e fiquei feliz por ter feito aquilo. Poucos dias depois, logo após o anoitecer, ouvimos uma batida à porta. Havia algo naquilo que me preocupou: a hora do dia, a força da batida e o fato de o portão da frente não ter rangido em suas dobradiças.

Acenei para que o médico atendesse a porta e fui até o antigo quarto tão rápido quanto podia, onde uma estreita janela oferecia uma boa visão da porta da frente. Vi um sujeito de seus trinta anos vestido como um turista, mas tão ligado, tão tenso, que as roupas teriam enganado apenas o mais distraído observador.

O médico abriu a porta, e o turista disse que queria falar com o homem que chegara àquela casa algumas semanas antes. O médico disse que o único outro ocupante da casa naquele meio-tempo fora seu irmão, em uma visita familiar, e que ele retornara para a Austrália havia alguns dias.

O agente apenas assentiu. Imaginei que tinha instruções de pegar leve.

— Bem, se o seu irmão voltar e por acaso você descobrir que ele é um americano com um ferimento de bala no ombro, poderia lhe dar isso?

Ele entregou um pacote selado e se foi. De pé na cozinha alguns minutos mais tarde, o médico me viu romper o selo do pacote e despejar um punhado de cartas na mesa. Seus olhos se arregalaram quando viu que o primeiro envelope tinha o selo do presidente dos Estados Unidos.

Ele ficou ainda mais surpreso quando ignorei aquela carta e continuei avaliando as outras. Reconheci a caligrafia de uma delas. Era de Sussurrante, e eu a coloquei ao lado da mensagem do presidente. Havia mais duas cartas. Uma delas estava em um envelope do Departamento de Polícia de Nova York, com o nome e o endereço de Bradley no verso, e a outra — com uma caligrafia estranha — era endereçada ao Salão Oval com um bilhete: “Favor entregar para o homem que, às vezes, usa o nome de Jude Garrett.” Eu sabia de quem era.

Peguei essas duas, manquei pela cozinha e fui até o meu quarto.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

Li a carta de Bradley primeiro. Ele dizia que, assim que saiu da casa da babá, a mulher ligara para a polícia local contando o que acontecera.

Por trabalhar para Cumali, ela não teve dificuldade para convencê-los de que a história era verdadeira, apesar de sua natureza extraordinária. Um negro americano não era exatamente difícil de localizar e, alertado por um boletim geral, uma patrulha o pegou antes que ele chegasse ao hotel. Eles o forçaram a deitar sobre o capô, desarmaram-no e o levaram até a delegacia. Ele estava temendo o pior, algum tipo de interrogatório turco intensivo, mas, àquela altura, o inferno já fora desencadeado no Teatro da Morte.

Helicópteros americanos da Frota do Mediterrâneo já tinham sido despachados por ordem do presidente — não para me buscar, mas para prender o Sarraceno e recolher provas. Grosvenor telefonou para o presidente da Turquia, alertou-o de sua aproximação e disse que tinham localizado o homem que estava tentando comprar o gatilho nuclear. Como resultado, todos os agentes do MIT e do Exército turco convergiram para as ruínas. Com dois destróieres da Marinha turca no mar, meia dúzia de nossos helicópteros na praia e duas centenas de militares e agentes de inteligência nas ruínas, a ordem foi colocar Bradley de lado até a situação se esclarecer.

Depois de cinco dias em uma cela, e após um pedido direto de Grosvenor para seu homólogo turco, Bradley foi libertado e recebeu o passaporte de volta. Ele voltou para o hotel e teve uma chorosa conversa telefônica com Marcie, que, assim que se recuperou, perguntou-lhe quando ele estaria em casa.

— Em poucos dias — disse ele.

— O quê?! — gritou ela.

Policial até o fim, ele não partiria sem organizar a extradição de Cameron e Ingrid pelo assassinato de Dodge e da mulher no Eastside Inn. Na manhã seguinte, menos de doze horas após ser libertado, ele voltou à delegacia e foi ao escritório de Cumali. Hayrunnisa disse em voz baixa que sua chefe ainda estava sendo “entrevistada” — ao que parece, atendo-se à história que eu recomendara que ela contasse —, de modo que Ben pediu para falar com quem quer que estivesse no comando da investigação do assassinato. Depois de uma enxurrada de

telefonemas, o garoto de botas brilhantes o escoltou até o luxuoso escritório do chefe de polícia de Bodrum.

Eu me lembrava daquele sujeito — eu o vi quando metade de sua força policial me perseguia na instalação de conserto de barcos, na noite em que eu esmagara Bob Esponja. O chefe estava na casa dos cinquenta, era grande, a face avermelhada, com pele macia e bigode bem-aparado, os botões de ouro de seu impressionante uniforme ameaçando explodir a qualquer momento. Apesar da água-de-colônia que usava, o homem fedia, e não posso dizer que fiquei surpreso com o que Ben relatou.

Disse que o chefe afirmou ter recebido diversas petições legais da parte de advogados que atuavam em nome de Cameron e de Ingrid. Como eu previra, assim que as duas terminaram de serem interrogadas por mim, foram procurar advogados. O chefe disse que as petições o levaram a avaliar pessoalmente todas as provas.

— É claro que tive de descontar tudo o que em teoria foi descoberto pelo homem que se diz chamar Brodie David Wilson. Ele nem mesmo era membro do FBI e entrou no país sob falsos pretextos. Como sabemos, ele tinha interesse em complicar e prolongar o caso.

“Minha própria revisão demonstrou que o trabalho dos detetives turcos foi excelente, como de costume. Ficou claro que sua conclusão inicial estava correta: a morte do Sr. Dodge foi acidental. Sua queda foi um trágico acidente.

Ben olhou para ele, incrédulo, mas o turco enorme pareceu não notar. Ele sorriu, acendeu outro cigarro e estendeu as mãos.

— Claro que não quis decidir isso por conta própria, então apresentei as provas e os argumentos legais para um de nossos mais conceituados juízes locais. Ele também não viu motivo algum para manter as duas mulheres e as outras testemunhas materiais em Bodrum por mais tempo.

“Ele sugeriu, e concordei, que devolvêssemos os seus passaportes e as soltássemos sob fiança, aguardando quaisquer perguntas adicionais.

— Soltá-las?! — exclamou Ben, sem acreditar naquilo, mais uma vez atuando como o herói dos mortos. — De quanto foi a fiança?

O policial turco tentou enganá-lo.

— Havia dez deles... Não tenho certeza... Está em um arquivo, eu tenho que...

— Quanto? — insistiu Ben, sem se preocupar em esconder a raiva.

O chefe abriu mão de toda pretensão de civilidade.

— Duzentos mil dólares cada um — rosnou.

Dez pessoas — dois milhões de dólares! Aquilo era uma fortuna — mas não para Cameron. Ben não precisou perguntar o que ela fizera. É claro que pagara o suborno e comprara a sua

liberdade.

— Quando elas partiram? — perguntou Ben, desesperado.

— Há três dias. Embarcaram em uma lancha enorme uma hora depois e se foram.

— E se as tais “perguntas adicionais” fossem necessárias? — perguntou Ben com amargura.
— O que vocês fariam?

— Escreveríamos e pediríamos que voltassem. Mas, como disse, tenho certeza de que isso não será necessário.

Ben escreveu que o sujeito estava quase sorrindo.

Como mencionei, não fiquei surpreso. Com o FBI fora do caso, armado com todo o trabalho que eu fizera, o chefe de polícia de Bodrum e um juiz corrupto perceberam que tinham encurralado Cameron e fizeram o que gerações de seus antecessores otomanos já tinham feito no passado. Estenderam as mãos.

Ben escreveu dizendo que havia pouco que ele pudesse fazer — as duas criminosas tinham deixado Bodrum e o pagamento de Cameron garantiu que todas as testemunhas materiais também debandassem. Ele pensou que talvez pudesse retomar o caso em Nova York, mas era realista o bastante para saber que, com recursos limitados e uma assassina listada nos registros oficiais entre os mortos no World Trade Center, a menos que as duas mulheres voltassem para os Estados Unidos, suas chances eram poucas. Com tanto dinheiro, elas com certeza não precisariam fazer isso — poderiam viajar pelo mundo pelo resto de suas vidas.

Sentei e fiquei em silêncio por alguns minutos, pensando nas duas mulheres e em seus crimes, mas, mesmo assim, não me lembrei do comentário que Ingrid fizera, sobre eu não ter entendido a metade do que estava acontecendo. Aquilo nem tinha passado pela minha cabeça.

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

A segunda carta, aquela dirigida a Jude Garrett pelo gabinete do Salão Oval, era de Battleboi.

Estava melhor escrita do que eu poderia esperar e, conhecendo o grandalhão, tive certeza de que ele devia ter suado durante horas para escrever aquilo.

“Eu estava em algemas e grilhões”, disse ele, “um dos dez prisioneiros dentro de um ônibus com janelas gradeadas. Estávamos atravessando a pista do La Guardia para pegar um voo da Con Air para a Casa Grande lá no Kansas, quando dois SUVs pretos com as sirenes ligadas nos obrigaram a parar.”

“Percebi que os caras dentro dos SUVs deviam ter habilitações de segurança excepcionais para poderem dirigir um carro na pista de um aeroporto, mas, com exceção disso, não me interessei”, escreveu ele

“Naquela manhã, eu tinha escrito para Rachel dizendo que ela não esperasse por mim e que estava tentando descobrir como lidaria com quinze anos em Leavenworth.”

Ele disse que dois oficiais de justiça dos Estados Unidos a bordo do ônibus — que não haviam parado de zombar dele por causa de seu tamanho e sua excentricidade — saíram e se encontraram com os homens de terno que deixavam apressados os SUVs.

O mais velho deles, que acabou por se revelar um executivo de alto escalão do Departamento de Justiça, mostrou seu documento de identidade e começou a bradar ordens. Enquanto os condenados assistiam pelas janelas gradeadas, os dois oficiais de justiça voltaram para o ônibus e caminharam por entre os prisioneiros.

“Eles pararam perto de mim, abriram a corrente que me prendia ao banco e me levaram até a porta. Perguntei o que diabo estava acontecendo, mas eles não responderam. Provavelmente também não sabiam”, descreveu.

“Na pista, o executivo me entregou uma carta. Rasguei o envelope e vi que era do Salão Oval, mas eu não sabia o que aquilo significava — pela primeira vez na vida, não consegui somar dois mais dois.”

“Quando terminei de ler aquilo, estava perto de chorar. Era um perdão presidencial. ‘Pelos serviços prestados em defesa de seu país’, dizia.

“Só Deus sabe quem você é, mas você disse que faria o possível para me ajudar, e fez

mesmo.”

Battleboi escreveu dizendo que, concluídas as formalidades, ele voltou para o Japão Antigo, atravessou o apartamento sem nem tirar os sapatos e encontrou Rachel em um canto do quarto, perturbada. Ela ergueu os olhos, viu-o e pensou por um instante que aquilo era um sonho. Então, o sonho sorriu, estendeu os braços para ela e, sendo filho de pais católicos devotos, disse-lhe maravilhado: “É o Evangelho de São Marcos, garota: capítulo dezesseis, versículo seis.”

Rachel não tinha ideia do que Battleboi estava falando e não se importou: deixou-se envolver por seu enorme abraço, beijou-o e, depois de terem ficado por um longo tempo em silenciosa gratidão, ele se sentou e escreveu aquela carta para mim.

“Você me deu uma segunda chance: uma chance para a vida, uma chance para o amor, uma chance para ter filhos. Como agradecer a alguém por tudo isso?”, dizia.

“Suspeito de que nunca voltaremos a nos ver, mas lembre-se de que nesta data, todos os anos, poremos um lugar à mesa de jantar para você e esperamos que bata à nossa porta.”

“Viaje em segurança, e que Deus, seja lá qual o nome pelo qual você O conheça, o proteja”, escreveu Battleboi.

CAPÍTULO CINQUENTA

No dia seguinte, após minha rotina normal de exercícios e fisioterapia, fiz um balanço da minha saúde. Embora meu pé estivesse melhorando, fui obrigado a admitir que, se quisesse recuperar seu uso completo, precisaria aumentar — e muito — a quantidade de exercícios que vinha fazendo.

Discuti aquilo com o médico e, naquela noite — após o jantar, com a aldeia às escuras — eu me aventurei para fora de casa pela primeira vez. Aos poucos, trocando a muleta improvisada por uma bengala, caminhei pelas ruas estreitas e, ao longo da orla, arrastei meu pé em um estranho manquejar que me cansava, mas forçava-o a trabalhar.

Foi uma caminhada lenta e excruciante e, após duas horas, enfim consegui passar pelo portão da frente e me larguei na sala de estar. O médico já estava dormindo, e, após me recuperar, aproveitei para pesquisar os livros de suas estantes bambas. No fundo, coberto de pó, encontrei um exemplar da Bíblia, um presente de seu pai quando ele se formou em medicina.

Procurei o Evangelho de São Marcos, capítulo dezesseis, versículo seis. Era a versão do rei Tiago e, mesmo não sendo religioso, ainda assim achei as palavras muito bonitas. Fiquei sentado por um longo tempo, pensando em Battleboi e Rachel, e, embora eu não possa dizer que rezei, fiquei feliz por ao menos algo de bom ter resultado daquela terrível missão.

Na noite seguinte, apesar da dor e da fadiga, voltei a caminhar pelas ruas implacáveis. E na noite seguinte, e na seguinte. Nunca vi ninguém, nunca falei com ninguém — eu era uma sombra na escuridão, mas uma sombra cada vez mais forte.

Um mês depois, tendo me aventurado cada vez mais longe, me senti confiante o bastante para submeter meu pé a um teste extremo — uma caminhada de vinte quilômetros ao longo de uma trilha litorânea até uma vila de pescadores pouco visitada, que o médico me disse ser uma das mais belas da costa.

— Não se esqueça de visitar o estaleiro — disse ele. — Eles ainda constroem à moda antiga. É o último que ainda trabalha com madeira.

Partindo cedo em uma manhã fria e impiedosa, caminhei pelas colinas vazias do sul da Turquia, o cheiro de pinho e o mar agitado como meus únicos companheiros, e para minha

surpresa cumpri o trajeto com relativa facilidade. Eu ainda mancava e tinha de descansar de vez em quando, mas não sentia mais aquela dor viciosa e debilitante, sabia que meus tempos na casa do médico estavam chegando ao fim.

A trilha litorânea enfim me levou até uma aldeia — intocada pelo turismo, um autêntico amontoado de chalés e abrigos de barcos, lar de homens e mulheres cujas vidas mudaram pouco nas últimas centenas de anos.

Depois de um almoço de frutos do mar frescos em um restaurante sonolento, fui até o estaleiro em uma extremidade da pequena enseada e descobri que o médico estava certo — era adorável ver os antigos fornos brilhando, a fumaça pairando no ar e os artesãos dobrando e moldando pedaços de madeira enquanto reparavam os barcos de pesca para a próxima temporada. Ninguém prestou atenção em mim, e caminhei ao largo de pilhas de madeira postas para secar, pensando nas grandes habilidades que o mundo perdera, nas muitas coisas de valor que desapareceram sem que nenhum de nós tivesse percebido. Os velhos com seus cinzéis e serras manuais eram outrora os membros mais bem-pagos da comunidade, e o que colocamos em seu lugar? Engenheiros financeiros e jovens traders.

Dobrei uma esquina — e parei. Nos fundos do estaleiro, sob um telhado de lona, suportado por calços, havia um veleiro com casco de madeira. Tinha cerca de setenta pés, provavelmente meio século de idade e, mesmo sem pintura e sem mastros, era evidente que já fora uma bela embarcação.

Quem quer que o possuísse usara as habilidades quase perdidas do estaleiro para iniciar a sua restauração, mas, a julgar pela poeira no painel de popa, aparentemente perdera o dinheiro ou o interesse em restaurá-lo. Cheguei mais perto e arrastei para o lado o teto de lona, de modo que a luz caísse melhor sobre a embarcação. Sempre pensei que não havia nada mais triste do que um barco abandonado, mas o trabalho feito no veleiro tinha sido excelente e lhe conferia uma dignidade que desmentia suas precárias circunstâncias.

Graças às aulas de Bill em Long Island Sound, eu aprendera muito sobre barcos, e bastava olhar para aquele veleiro para saber que era uma embarcação que poderia resistir a quase tudo.

— Está à venda — disse a voz de um homem atrás de mim, em um inglês excelente para uma parte tão sonolenta do mundo.

Eu me virei e adivinhei que era o proprietário do estaleiro. Tinha cerca de trinta anos, sorriso fácil, um homem que quase com certeza tentava fazer algum negócio para manter a aldeia viva.

— Um russo rico o encontrou e o trouxe para cá — disse ele. — Em sua época, este barco ganhou a Fastnet, a Transpac, a Sydney-Hobart e a maioria das outras regatas oceânicas clássicas.

“O barco ficou apodrecendo em um cais nas ilhas gregas durante anos, então começamos da quilha para cima.

— E o que aconteceu? — perguntei.

— O russo parou de ligar. Mais importante ainda, as contas não eram pagas. Acho que ele foi à falência ou outro oligarca mandou matá-lo.

Talvez a última hipótese, pensei: essa era a maneira como a maioria das disputas comerciais eram resolvidas na Rússia. O proprietário do estaleiro apontou para uma escada velha apoiada na lateral do veleiro.

— Por favor — disse ele.

Subi ao amplo convés de madeira e vi que a cabine se localizava bem atrás, longa e baixa, enquanto a roda do leme era alta para proporcionar uma boa visão do mar. Era fácil ver por que o russo resgatara aquele barco.

Fui até a casa do leme, desci e caminhei com calma pela cozinha e pelos camarotes. Na época em que eu praticava vela, ouvia os homens dizerem que, uma vez na vida, um barco falava com um marinheiro, e eu soube que — para melhor ou para pior — aquele veleiro estava destinado a ser meu.

O proprietário me seguira a bordo, e, quando emergi de uma escotilha à proa, encontrei-o perto de um jogo de guinchos.

— Quanto tempo para pintá-lo? — perguntei.

— Uma semana — respondeu ele.

— Conseguir as velas será um problema...

— Ainda temos as originais. Foram remendadas, mas estão boas. Venha ao escritório e lhe mostrarei os registros.

Vinte minutos mais tarde, eu já negociara um preço e acrescentara um extra de vinte mil para atualizar o equipamento de navegação e abastecer o barco com comida, combustível e água. Peguei emprestado o celular do proprietário, saí ao ar livre e liguei para Finbar Hanrahan em Nova York, pedindo que o dinheiro fosse transferido para a conta do homem.

O velho advogado não perguntou para que seria o dinheiro — ao saber que eu estava na Turquia, deve ter pensado que eu estava trabalhando para o governo e não me pressionou. Antes de desligar, pedi que também enviasse trinta mil dólares para o Dr. Sydney em pagamento por tudo o que ele fizera. Eu já decidira que não voltaria. Dormiria no barco para supervisionar o trabalho que precisava ser feito. Eu tinha a minha mochila e, lá dentro, estavam a SIG e as cartas. Não precisava de mais nada. De qualquer modo, nunca gostei de despedidas.

Voltei ao escritório e me lembrei de uma coisa que eu não perguntara:

— Qual é o nome do barco?

— *Nômade* — respondeu o proprietário.

Assenti. Se ainda tinha alguma dúvida de que aquele veleiro estava destinado a ser meu, o nome a afastou. Creio já ter mencionado que, antigamente, a palavra “sarraceno” significava andarilho, nômade.

CAPÍTULO CINQUENTA E UM

Zarpei cedo em uma manhã de segunda-feira e, embora o barco fosse de fato muito grande para uma pessoa só, as habilidades que eu tinha desenvolvido com Bill vieram à tona, e descobri que, desde que não fosse muito ambicioso, poderia dar conta do recado.

Contudo, com o casco recém-pintado, velas desbotadas e uma bujarrona remendada, o veleiro devia ser uma visão estranha, mas não valia a pena me preocupar com isso: passara tanto do ano e o inverno estava chegando com tanta força que os únicos barcos que avistei estavam sempre distantes no horizonte.

À medida que minha confiança e minha aptidão de marujo retornavam, achei que o *Nômade* ainda podia desenvolver uma velocidade impressionante, e após três semanas, eu já navegava rapidamente em direção à bota da Itália com a ideia de subir o mar Adriático em direção a Split, na Croácia.

Atraquei em um pequeno posto avançado na costa ocidental da Grécia — não mais do que uma loja e um cais decrépito — para me abastecer de combustível e suprimentos. O proprietário idoso forneceu o diesel, colocou as frutas e o leite que eu comprara em embalagens de papelão e jogou uma pilha de exemplares do *International Herald Tribunes* que tinham sobrado de meses anteriores.

— Pode ficar com eles. Eu ia queimar mesmo.

Dois dias depois, tomando café ao sol de fim de tarde, avançando ao largo de uma costa deserta, lia os últimos exemplares que restavam quando encontrei uma matéria no verso de um deles, quase esquecida junto às páginas de economia. Não era nada de mais, o tipo de coisa que você lê todo o tempo, simplesmente a notícia de que a polícia grega não descobrira nenhuma circunstância suspeita na morte de uma jovem americana que caíra de sua luxuosa lancha de cruzeiro ao largo da costa da ilha de Mykonos.

“A mulher, viúva do herdeiro do império automobilístico Dodge...”

Inclinei-me para a frente e pulei os parágrafos até encontrar o nome: Cameron estava morta. Segundo a polícia, ela estava drogada e caíra da proa de sua lancha — a matéria disse que o médico legista local encontrara um coquetel de drogas recreativas e álcool em sua corrente sanguínea.

No meio do texto, havia uma foto de Cameron e Ingrid de braços dados, posando com aquele cachorro vira-lata diante de um impressionante edifício barroco. Com um crescente sentimento de pavor, voei pela matéria para descobrir o que aquilo significava.

Alguns parágrafos mais abaixo, obtive a resposta. A matéria dizia que Cameron acabara de se casar com Ingrid Kohl, uma mulher que conhecera recentemente na cidade de Bodrum, na Turquia.

“As duas estavam entre as primeiras a tirarem proveito da nova legislação alemã que permite casamentos homoafetivos”, dizia o jornal. “Elas voaram para Berlim e se casaram na prefeitura da cidade quatro horas após a lei entrar em vigor, em uma cerimônia testemunhada por dois estranhos que recrutaram na rua, e seu cão, Gianfranco.

“Então, o casal começou sua lua de mel, retornando ao seu barco ancorado perto de...”

Eu me levantei e fui até a amurada de estibordo, tentando respirar. O sol derretia no mar, mas mal notei. Ingrid tinha razão: eu não tinha entendido metade da história. Mas tinha certeza de que agora entendia.

Toda a minha experiência — toda a minha intuição — me dizia que, no momento em que deixaram Berlim como um casal, a vida de Cameron efetivamente estava terminada. Embora eu não pudesse provar, sabia que o plano magistral que Ingrid concebera no turbilhão do 11 de Setembro tinha um adendo secreto que Cameron desconhecia — Ingrid se certificaria de que seria ela a pessoa a herdar a fortuna de Dodge. Mas Ingrid não amava Cameron?, perguntei a mim mesmo, o eterno investigador. Eu já sabia a resposta — ela tinha sido traída e abandonada por sua amante de longa data. Ingrid não amava Cameron, ela a *odiava*.

É claro que, corroborando a minha crença, ela não teria nenhuma dificuldade para esconder seus verdadeiros sentimentos: era uma atriz, e interpretaria até o fim. Uma vez casada, sabia que nem precisaria fazer com que Cameron deixasse um testamento: como cônjuge legal, ela herdaria tudo, mesmo que Cameron morresse sem lavrar o documento.

O resto deve ter sido fácil: uma longa noite de festa, uma caminhada até a popa, um último beijo sob o luar, a mão delgada empurrando Cameron pela amurada com a lancha em movimento.

À luz do entardecer, baixei a cabeça, com raiva de mim mesmo por não ter previsto aquilo, apesar de — Deus sabe — ter sido advertido. Deixei a amurada e voltei a olhar para a data do jornal.

Era de meses atrás. Muito tempo já se passara — o barco teria sido vendido e o resto do dinheiro transferido através de um labirinto de empresas estrangeiras não rastreáveis até enfim terminar em um banco como o Richeloud.

Alguém tão inteligente quanto Ingrid Kohl — ou sabe-se lá qual era seu nome — arranjaria

uma nova identidade e uma nova vida, e eu sabia que ela já teria desaparecido no anonimato do mundo, protegida por suas ilimitadas inteligência e criatividade.

Ela era a melhor que eu já encontrara e, no entanto... no entanto... eu tinha uma forte impressão de que em algum lugar... em alguma terra estranha... em uma rua de alguma cidade estrangeira... em Tallinn ou Riga... em Dubrovnik ou em Cracóvia... eu veria um rosto na multidão...

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

Fiquei sentado no convés muito tempo depois de a noite ter caído, pensando nas duas mulheres e nos eventos que aproximaram as nossas vidas.

Como um agente secreto, a escuridão sempre foi minha amiga, mas, desde a minha visita ao Teatro da Morte, fiquei com medo do escuro e suspeitava que isso duraria mais do que qualquer outra coisa na vida. Levantei para ligar as luzes de navegação e verificar o meu curso. Parei a meio convés.

Parecia que meu curso já estava traçado. Olhei para as estrelas, a posição da lua e para o mar escuro. Quando ouvi, escutei um silêncio tão alto que parecia gritar.

Eu já tinha estado ali antes.

Foi a visão do futuro que eu tivera na noite em que olhei pela janela do Salão Oval. Assim como vislumbrara naquela oportunidade, eu estava sozinho em um velho iate, as velas remendadas e desbotadas, o vento me impulsionando em meio à escuridão, o barco e eu cada vez menores em um mar ilimitado.

Agora, aquela era a noite, e aquele era o momento, e esperei sozinho, mal respirando, enquanto o mar rolava na minha direção. O *Nômade* adernou, e a água espumou em sua proa quando o vento amainou um pouco e logo voltou a ficar mais forte. Estávamos navegando mais rápido, e subi na amurada para trabalhar com o guincho. Os cabos começaram a ranger sob a tensão e, embora não tivesse uma alma no oceano escuro, eu não estava mais sozinho.

Bill Murdoch estava no outro guincho, seus ombros largos trabalhando, gritando para mim mais uma vez, em meio às risadas, para que eu mantivesse a droga da proa contra o vento.

À proa, uma mulher se esforçava para acender as luzes de navegação. Como minha mãe morreu quando eu era muito jovem, eu me lembrava de muito pouco dela e secretamente me entristecia ao perceber que, a cada ano que passava, eu me lembrava cada vez menos de seu rosto. Naquela noite, iluminada pelas luzes de navegação, eu a vi com clareza, cada detalhe.

Ouvi vozes falando em polonês às minhas costas. A mulher cuja foto eu vira, abraçando os filhos e guiando-os para a câmara de gás, estava a bordo comigo agora. Estava sentada na cabine, velha e feliz, com os filhos adultos e os netos ao seu redor.

Sim, as coisas estavam morrendo, e aquela com certeza tinha sido uma visão da morte, mas

não da minha morte — era outro tipo de morte. Eu estava dizendo adeus a todos os fantasmas do meu passado. Assim como o sacerdote budista me dissera na estrada para Khun Yuam havia tantos anos: se você quer ser livre, tudo o que tem de fazer é desapegar.

E sob aquele céu abobadado, navegando no mar bordô, percebi que eu tinha nascido para o mundo da espionagem, que estava destinado a ser um agente. Eu não escolhera aquilo, nunca desejara aquilo de verdade, mas era o que me estava reservado. Comecei a viagem pensando que era um fardo, e, naquela noite, percebi que era um dom.

E eu sabia que, não naquele ano, mas talvez no próximo, eu voltaria a Nova York. Em determinado dia, em determinada hora, iria a um prédio perto da Canal Street, tocaria a campainha e subiria as escadas até o Japão Antigo.

A porta do apartamento se abriria e, ali dentro, veria uma mesa posta para três, porque eu sabia que o homem que morava ali sempre manteria a sua palavra.

Sob o olhar atento de Rachel, Battleboi ria e abriria os seus braços enormes na minha direção. Nós nos olharíamos por um instante e ele me perguntaria por que eu tinha vindo.

Eu sorria e nada diria, mas em meu coração saberia a resposta, saberia exatamente o que havia deixado para trás: era o que estava escrito no Evangelho de São Marcos, capítulo dezesseis, versículo seis.

Era parte da épica história do regresso do mundo dos mortos, da restauração à vida. “Ele ressuscitou”, diz a passagem.

Ele ressuscitou.

AGRADECIMENTOS

Acho que foi John Irving, o vencedor tanto do National Book Awards por um romance quanto do Oscar por um roteiro, que disse que escrever um filme é como nadar em uma banheira e escrever um romance é como nadar no oceano.

Eu tinha lido esse comentário muito antes de embarcar em *Eu sou o Peregrino*, mas mesmo assim não estava preparado para quão grande era o oceano e quanto esforço seria necessário para atravessá-lo. Eu nunca teria conseguido sem uma série de pessoas nos barcos de apoio me encorajando e, ocasionalmente, gritando “Tubarão!”, se achassem que eu estava precisando. Seria muito rude da minha parte não reconhecê-los e oferecer a eles meus sinceros agradecimentos.

Primeiro a Doug Mitchell, um grande produtor de cinema e um amigo ainda melhor por mais anos do que eu gostaria de me lembrar. Ele não apenas me deu sábios conselhos, como me apoiou e acreditou em mim quando foi extremamente necessário. Para George Miller — diretor de cinema e vencedor do Oscar —, que certa vez, de passagem pela redação onde eu trabalhava, me perguntou se eu estaria interessado em dividir um roteiro com ele. Isso deu início a uma jornada, uma busca pela arte de contar histórias que nunca parou e provavelmente continuará até — como dissemos em *Mad Max 2: A Caçada Continua* — “minha vida se esvair e a visão escurecer”.

Devo agradecer a toda a equipe do Secoma Group na Europa, em especial Tony Field, Louise Knapp e Carolina Scavini — todos altamente realizados no mundo dos negócios —, pela amizade, generosa lealdade e grande ajuda prática. Eles cuidaram de tantas coisas e ajudaram de tantas formas anônimas que sei que jamais serei capaz de expressar minha gratidão de forma adequada. Estou ciente de que para um escritor não é bom admitir isso, mas é a verdade.

Para François Micheloud e Clément Bucher, amigos de longa data e parceiros de negócios, que me guiaram pelos meandros da vida na Suíça e fizeram as nossas vidas muito mais agradáveis e interessantes. Foi por sugestão deles que os acompanhei em uma visita ao campo de concentração de Natzweiler-Struthof — um lugar sombrio e terrível onde fiquei sozinho por um longo tempo olhando para a foto de uma mulher com seus filhos a caminho da câmara de

gás —, o que deu início ao germe de uma ideia.

Bill Scott-Kerr é o editor da Transworld, selo da Bantam Press. Seu entusiasmo desenfreado, notas inteligentes, incisiva edição, marketing brilhante, apoio inabalável e profundo conhecimento do arcano funcionamento do mundo editorial — um tema digno de um romance de Dan Brown, na minha opinião — superaram qualquer coisa que eu pudesse esperar. Ou provavelmente merecer. Só espero ter a oportunidade de continuar viajando por essa estrada com ele e com o resto de sua excelente equipe, tanto na Transworld quanto na Random House.

O mesmo sentimento se aplica a Steven Maat, meu editor na Holanda, que foi a primeira pessoa a comprar o manuscrito — àquela altura, com somente um terço terminado, escrito por um romancista estreante. Sempre pensei que os holandeses eram um povo corajoso e inteligente — e agora tenho certeza disso! Obrigado, Steven.

Jay Mandel em Nova York e Cathryn Summerhayes em Londres representam o livro — e recebem incontáveis e-mails enlouquecidos da minha parte — sempre de forma graciosa, muito inteligente e implacável. Ambas são agentes literárias na WME e fizeram um trabalho de fato notável. Que tenham vida longa e próspera.

Também devo agradecer a Danny Greenberg em Los Angeles, que tem sido um amigo, assim como meu agente cinematográfico, há mais anos do que qualquer um de nós provavelmente gostaria de se lembrar. O destino dos direitos do filme deste romance está por sua conta e sei que não poderiam estar em mãos melhores ou mais competentes.

Don Steele corre o grave risco de dar uma boa reputação aos advogados. Advogado de entretenimento da Hansen, Jacobson em Los Angeles, ele é um dos verdadeiros mocinhos — e um excelente advogado — em uma cidade que tem muito pouco de qualquer uma das duas coisas. Não é de surpreender que ele trabalhe onde trabalha — Tom Hansen tem muito bom gosto e inteligência, e reúne ao seu redor pessoas que pensam como ele. Obrigado aos dois.

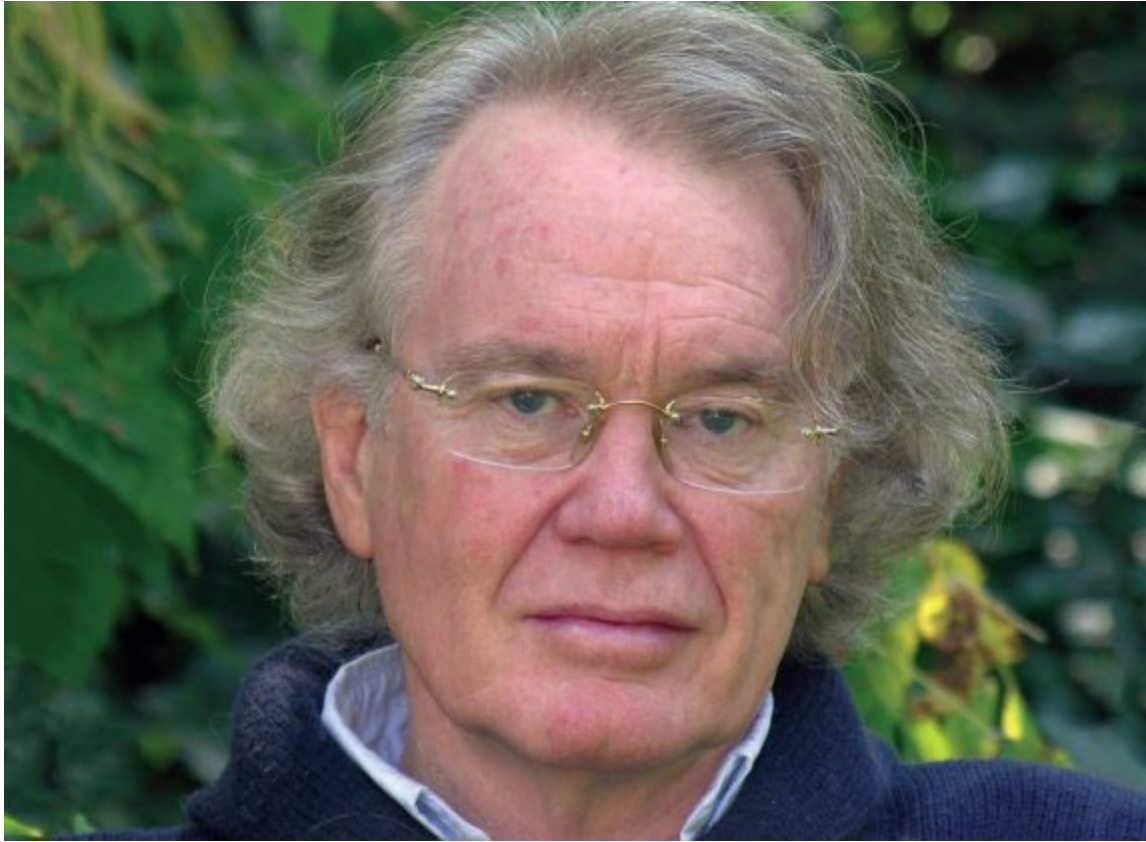
Devo oferecer uma menção especial a Brian e a Sandra Maki por todo o apoio e fé que dedicaram — tanto a mim quanto ao projeto — ao longo dos anos. Brian, um leitor voraz, devorou cada esboço do romance e sempre surgiu com uma série de sugestões úteis e diversas correções gramaticais. Podíamos não concordar sempre quanto ao uso correto da língua, mas isso não diminui em nada sua enorme contribuição! Muito obrigado a ambos.

Jennifer Winchester ajudou de forma que só eu e minha família podemos apreciar plenamente. Paciente e imperturbável, ela esteve sempre ali e nunca perdeu a paciência ou se irritou — mesmo quando eu estava fazendo as duas coisas. Obrigado a ela e também, em especial, a Marinka Bjelosovic, que trabalhou tão duro para nós nos últimos oito anos. Estou certo de que, para ela, deve ter parecido muito mais tempo.

Para os meus filhos — Alexandra, Stephanie-Marie, Connor e Dylan —, obrigado, muito obrigado pelo apoio ilimitado e por sua crença inquestionável. Vocês fazem tudo valer a pena. Preciso fazer uma menção especial a Dylan. Todas as manhãs, ele vinha ao meu escritório, olhava as páginas que eu tinha escrito durante a noite e assentia, dizendo todas as vezes: “Você está indo bem, papai.” Ele tinha quatro anos, ainda não sabia ler — e não tenho dúvida de que esta continuará a ser a resenha mais comovente que receberei na vida.

Finalmente, para Kristen, minha esposa — minha melhor amiga, minha melhor ouvinte, minha companheira em cada etapa desta viagem —, obrigado. Ela ouviu inúmeras ideias ruins, soube como enterrá-las com gentileza, e sempre reconheceu as boas quando tive a sorte de tê-las. Os erros no livro são todos meus, mas tudo o que é bom é, em grande parte, por causa dela. Eu nunca teria feito isso sem a incansável ajuda, o conselho e o incentivo de Kris. *Eu sou o Peregrino* é dedicado, com amor, a ela.

SOBRE O AUTOR



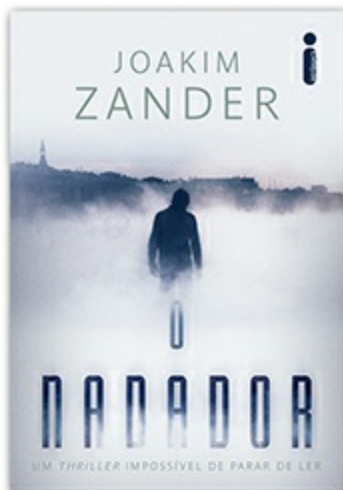
© Kristin Hayes

TERRY HAYES nasceu no Reino Unido e mudou-se para a Austrália ainda criança. Jornalista, trabalhou como correspondente nos Estados Unidos e regressou a Sydney para atuar como repórter investigativo, correspondente político e colunista.

Roteirista premiado, construiu uma brilhante carreira no cinema e na televisão, com mais de vinte premiações e indicações ao Emmy. Assinou com George Miller o roteiro de *Mad Max 2: A Caçada Continua*. Foi roteirista e coprodutor de *Terror a Bordo* e *Mad Max 3: Além da cúpula do trovão*, e roteirista de *O Troco*, *Do Inferno* e *Limite Vertical*.

Eu sou o Peregrino é o primeiro romance de Hayes. Best-seller com os direitos de publicação adquiridos em vinte e cinco países, o livro recebeu o National Book Awards do Reino Unido como melhor *thriller* policial de 2014.

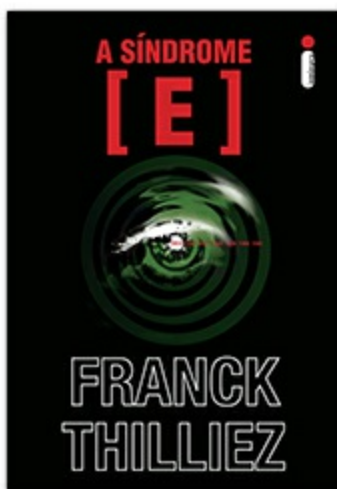
LEIA TAMBÉM



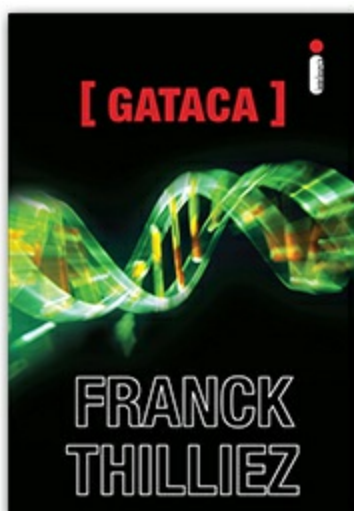
O nadador
Joakim Zander



Linda, como no caso do assassinato de Linda
Leif GW Persson



A síndrome E
Frank Thilliez



Gataca
Frank Thilliez